

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE**

ANDERSON PEREIRA ANTUNES

**UM NATURALISTA E SEUS COLABORADORES NA AMAZÔNIA:
A EXPEDIÇÃO DE HENRY WALTER BATES AO BRASIL (1848-1859)**

**Rio de Janeiro
2019**

ANDERSON PEREIRA ANTUNES

**UM NATURALISTA E SEUS COLABORADORES NA AMAZÔNIA:
A EXPEDIÇÃO DE HENRY WALTER BATES AO BRASIL (1848-1859)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luisa Medeiros Massarani
Co-orientador: Prof. Dr. Ildeu de Castro Moreira

Rio de Janeiro
2019

ANDERSON PEREIRA ANTUNES

UM NATURALISTA E SEUS COLABORADORES NA AMAZÔNIA: A EXPEDIÇÃO DE HENRY WALTER BATES AO BRASIL (1848-1859)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Luisa Medeiros Massarani (Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz) – Orientadora

Prof. Dr. Ideu de Castro Moreira (Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro) – Co-orientador

Prof^ª. Dr^ª. Lorelai Brilhante Kury (Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz)

Prof^ª. Dr^ª. Magali Romero Sá (Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz)

Prof^ª Dr^ª Alda Lúcia Heizer (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro)

Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Suplentes:

Prof^ª Dr^ª Kaori Kodama (Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz)

Prof^ª. Dr^ª. Valéria Cristina Lopes Wilke (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Ficha Catalográfica

A627n Antunes, Anderson Pereira.

Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia : a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859) / Anderson Pereira Antunes.
– Rio de Janeiro : s.n., 2019.
397 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.
Bibliografia: 370-384f.

1. Expedições. 2. Ecossistema Amazônico. 3. Redes Sociais. 4. História do Século XX.

CDD 508

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Casa de Oswaldo Cruz e à Fundação Oswaldo Cruz por manterem um programa de pós-graduação do qual me orgulho em fazer parte. Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde por contribuírem para a minha formação, pelo debate e pelas sugestões sempre honestas, e por serem uma fonte de conhecimento, aconselhamento e inspiração ao longo dos anos de mestrado e doutorado. Agradeço, ainda, à Maria Claudia Cruz, Paulo Chagas e Sandro Hilário, pela paciência e apoio contínuo aos alunos.

Agradeço aos meus orientadores, Dra. Luisa Medeiros Massarani e Dr. Ildeu de Castro Moreira que, desde a especialização, apoiaram e guiaram minha caminhada acadêmica, sempre pacientemente indicando caminhos, contribuindo com ideias e colaborando com o meu desenvolvimento, e sem os quais esta tese não teria sido possível.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro essencial para garantir a dedicação exclusiva a este trabalho de pesquisa e pela bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), que possibilitou o acesso a fontes e documentos capitais para o desenvolvimento desta pesquisa e a experiências culturais enriquecedoras para minha formação como pesquisador e cidadão.

Agradeço, também, ao King's College London, pelo acolhimento generoso durante o período de pesquisa no exterior e, especialmente ao Dr. Chris Manias, que me orientou e me indicou os caminhos para a pesquisa e acesso aos acervos em instituições britânicas. Agradeço, ainda, à Dra. Lorelai Brilhante Kury, pela mediação e indicação, sem a qual o contato com o Dr. Chris Manias não teria sido possível.

Agradeço a todos os professores que aceitaram fazer parte da minha banca de defesa: Dr^a. Luisa Medeiros Massarani, Dr. Ildeu de Castro Moreira, Dr^a. Lorelai Brilhante Kury, Dr^a Magali Romero Sá, Dr^a Kaori Kodama, Dr^a Alda Lúcia Heizer, Dr. Nelson Sanjad, Dr^a Valéria Cristina Lopes Wilke. Minha gratidão e admiração por todos.

Agradeço também à minha família. Minha mãe, Raimunda Pereira Antunes, meu pai, Kleber Antunes Francisco, meu irmão, Jeferson Pereira Antunes, minha avó, Isaura Antunes Francisco e meu avô, Anthero Francisco, pela compreensão e pelo apoio constante ao longo de todos estes anos de vida acadêmica.

Agradeço também à Ana Paula Oliveira Sene, pelo carinho, companheirismo e apoio incondicional durante esta jornada, e à sua família, Dirceu, Solange e Marília, pela solidariedade nos momentos difíceis e pela promoção dos momentos de descontração necessários para o equilíbrio do duro trabalho acadêmico.

“The extent of any naturalist’s knowledge reached only as far as his known acquaintances.”

Margaret Meredith. 2009. p. 189.



BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I. 1863. Frontispício.

RESUMO

Esta tese analisa a viagem do naturalista britânico Henry Walter Bates ao Brasil, entre 1848 e 1859, enfocando suas relações com os habitantes locais e observando de que forma estes colaboraram para o êxito da expedição. Durante os seus 11 anos de estadia no país, Bates coletou espécimes de aproximadamente 14 mil espécies brasileiras, sendo cerca de oito mil até então desconhecidas na Europa e, a partir de suas observações, propôs a teoria hoje conhecida como mimetismo batesiano. Ademais, relatou sua vivência na Amazônia em um dos livros de viagem mais aclamados e bem-sucedidos de seu tempo, sendo reeditado até os dias de hoje. A viagem ao Brasil foi essencial para a inserção de Bates nos círculos científicos ingleses e para sua ascensão social e profissional. Por este motivo, é fundamental olhar para a sua passagem pelo Brasil para compreender o papel transformador de sua viagem e as estratégias empregadas por Bates para garantir o sucesso de sua empreitada. Sem apoio governamental, institucional ou financeiro, reunir uma ampla e diversificada rede de colaboradores locais foi essencial ao naturalista. Ao longo de seu relato de viagem, Bates faz referência a um total de 221 indivíduos, frequentemente nomeando e descrevendo aqueles que o auxiliaram. Desta forma, o livro de viagem, assim como os cadernos de campo mantidos pelo naturalista e algumas de suas correspondências pessoais, são fontes importantes para a compreensão da infraestrutura humana que tornou possível a sua expedição científica. Ao longo desta tese, a análise destas fontes é utilizada como base para a identificação de alguns dos principais indivíduos que compunham a rede de colaboradores de Bates no Brasil e para a observação das formas e dos momentos em que o naturalista buscava suporte na população local. Após a análise textual, uma visualização da rede de colaboradores de Bates foi criada com o software Gephi para complementar a leitura das interações dentro da rede. Observar como se davam estas interações é uma forma de compreender melhor a sociabilidade inerente ao trabalho naturalista de campo e de chamar atenção para uma complexa rede de indivíduos geralmente tornados invisíveis nas narrativas sobre as grandes viagens científicas do século XIX, mas frequentemente mencionados pelos próprios naturalistas em seus relatos de viagem por suas constantes colaborações.

Palavras-chave: Henry Walter Bates; Amazônia; século XIX; naturalistas viajantes; redes sociais

ABSTRACT

This thesis analyses the expedition of British naturalist Henry Walter Bates to Brazil, between 1848 and 1859, focusing on his relationship with local inhabitants and observing how they were able to collaborate to the success of the expedition. During his eleven-year stay in the country, Bates collected specimens of approximately 14 thousand Brazilian species, with around 8 thousand being then unknown in Europe and, from his observations proposed the theory known today as Batesian mimicry. Furthermore, he reported about his life in the Amazon in one of the most acclaimed and successful travel books of his time, and which is edited still today. The expedition to Brazil was fundamental to Bates' introduction to English scientific circles and his social and professional ascent. For this reason, it is fundamental to look into his time in Brazil to understand the transformative role of travelling and the strategies employed by Bates to assure the success of his undertaking. Without governmental, institutional or financial backing, relying on an ample and diverse network of collaborators was essential to the naturalist. Throughout his travel book, Bates references a total of 221 individuals, frequently naming and describing those who helped him during his stay. Hence, his travel book, as well as his field notebooks and some of his personal correspondence, are important sources for the understating of the human infrastructure that made his scientific expedition possible. On this thesis, the analysis of these sources are used as a basis for the identification of some of the key individuals that were part of Bates' network of Brazilian collaborators and for the observation of the ways and moments in which the naturalist sought the local population for support. After an analysis of the text, a visualisation of Bates' network of collaborators was created using the software Gephi to complement the analysis of the interactions in the network. Examining how these interactions worked allows the opportunity to better comprehend the sociability inherent to the fieldwork of travelling naturalists. It also permits to shed light on a complex network of individuals who are usually made invisible in the narratives about the great scientific expeditions of the 19th century, despite being frequently mentioned by the naturalists themselves on their travel books for their constant support.

Keywords: Henry Walter Bates; Amazon; 19th century; travelling naturalists; social networks.

SUMÁRIO

Introdução	p. 12
Justificativa	p. 16
Metodologia	p. 19
Estrutura de capítulos	p. 33
Capítulo 1. A sociabilidade do trabalho naturalista de campo	p. 37
Capítulo 2. Entre besouros e borboletas: o naturalista Henry Walter Bates	p. 66
2.1 O começo em Leicester	p. 66
2.2 O encontro com Alfred Russel Wallace	p. 73
2.3 O que lia um naturalista inglês em meados do século XIX	p. 76
2.4 O problema da origem das espécies	p. 91
2.5 O retorno à Inglaterra após a viagem ao Brasil	p. 93
2.6 Obstáculos sociais e profissionais em Londres	p. 100
2.7 A série “ <i>Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley</i> ”	p. 106
2.8. A publicação de “ <i>The naturalist on the River Amazons</i> ”	p. 119
2.9 O trabalho na <i>Royal Geographical Society</i>	p. 129
2.10 A conclusão de uma vida dedicada à ciência	p. 143
Capítulo 3. O naturalista no Rio Amazonas: a viagem de Bates ao Brasil (1848-1859)	
	p. 150
3.1 Os preparativos para a viagem ao Brasil	p. 150
3.2 O agente Samuel Stevens (1817-1899)	p. 154
3.3. Preparativos finais e partida para o Brasil	p. 161
3.4. Chegada ao país	p. 162
3.5. Residência em Nazaré	p. 170
3.6. As primeiras excursões pelos arredores do Pará	p. 174
3.7. A separação entre Bates e Wallace	p. 180
3.8. Viajando com os comerciantes locais	p. 191
3.9. Organizando suas próprias excursões pelo interior	p. 211
Capítulo 4. Um naturalista e seus colaboradores no Amazonas	p. 236
4.1 A formação de uma rede de colaboradores	p. 236
4.2 A comunidade de estrangeiros no Pará	p. 239
4.3 Interações com membros da elite local	p. 257
4.4 O estranhamento e adaptação aos costumes locais	p. 271
4.5 Bates e sua relação com escravos e libertos	p. 275
4.6 Bates e os indígenas do Amazonas	p. 282
4.7 Colaborações recebidas por Bates na Amazônia	p. 296
Capítulo 5. Análise gráfica da rede de colaboradores de Bates no Brasil	p. 300
5.1 Análises de redes sociais e gráficos	p. 300
5.2 <i>Gephi</i> – plataforma livre de visualização gráfica	p. 313
5.3 Utilizando o <i>Gephi</i> para visualizar uma rede	p. 314
5.4 Interpretação do gráfico da rede de Bates gerado no <i>Gephi</i>	p. 329
5.5 Considerações acerca das vantagens da análise de redes com o <i>Gephi</i>	p. 347
Considerações finais	p. 349
Referências	p. 356
Anexo I	p. 385

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Algumas das aquarelas de Bates em seu caderno de anotações	p. 25
Figura 2. Negros caçadores voltando à cidade. O retorno dos negros de um naturalista, por Jean-Baptiste Debret	p. 50
Figura 3. High Cross Street, Leicester, 1825, pelo artista local John Flower (1793-1861)	p. 67
Figura 4. Honest Henry Bates	p. 68
Figura 5. William Henry Edwards (s.d.)	p. 84
Figura 6. Mapa representando os trajetos aproximados de Bates (setas vermelhas), Wallace (setas verdes) e Edwards (setas azuis), com base em seus relatos de viagem. Os trajetos foram desenhados por cima do mapa publicado por J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe em 1845	p. 88
Figura 7. Notícias da saída de Bates do Brasil, publicadas em periódicos da época	p. 93
Figura 8. Sarah Bates, c. 1865-1870	p. 94
Figura 9. Genealogia da família Bates de 1665 até 1918	p. 99
Figura 10. Retrato de Bates, s.d.	p. 142
Figura 11. Túmulo de Bates no East Finchley Cemetery, em Londres	p. 149
Figura 12. Loja de Stevens na Bloomsbury Street, século XIX	p. 155
Figura 13. Stevens em fotografia publicada na revista Science-gossip, posando em frente a uma moldura vazia	p. 156
Figura 14. Chapel at Nazareth near Pará	p. 172
Figura 15. Diferentes espécies de palmeiras ilustradas no livro de Bates	p. 178
Figura 16. Humming-bird and Humming bird Hawk-moth	p. 187
Figura 17. Melipona bees gathering clay	p. 191
Figura 18. Acarí fish	p. 194
Figura 19. Heliconius Melpomene	p. 197
Figura 20. Heliconius Thelxiope	p. 197
Figura 21. Transition forms between Heliconius Melpomene and H. Thelxiope	p. 199
Figura 22. Nesta figura ilustrativa de um festival indígena participado por Bates, é interessante notar a representação do naturalista ao fundo	p. 202
Figura 23. Ilustração referida por Bates, na obra de von Martius sobre as palmeiras	p. 206
Figura 24. Estudo de Bates sobre as diferentes espécies de formigas que encontrou	p. 213
Figura 25. O teiú, também chamado de jacuarú, segundo Bates	p. 213
Figura 26. Uma das ilustrações do livro de Knight, mostrado por Bates aos indígenas	p. 218
Figura 27. Peixe-boi ilustrado por Edwards	p. 219
Figura 28. Scarlet-faced and Parauacú monkeys	p. 225
Figura 29. Blow-pipe, quiver, and arrow	p. 244
Figura 30. Ant-eater grappling with dog	p. 255
Figura 31. Turtle-fishing and adventure with alligator	p. 292
Figura 32. Night adventure with alligator	p. 294
Figura 33. Sociogramas de Moreno	p. 302
Figura 34. Janela principal do Gephi	p. 315
Figura 35. As diferentes colunas representam categorias de informação que o pesquisador pode inserir para diferenciar os indivíduos na rede que está montando	p. 316
Figura 36. O Gephi permite ao pesquisador ajustar diversos aspectos de sua visualização ..	p. 317
Figura 37. Cada círculo representa um indivíduo na rede de Bates	p. 318
Figura 38. Janela onde é possível inserir as relações entre os indivíduos na rede	p. 319
Figura 39. A rede de colaboradores de Bates, agora com todos os indivíduos e suas relações. Rótulos ocultos	p. 320
Figura 40. O algoritmo ForceAtlas 2 oferece diversas opções de visualização	p. 321
Figura 41. Ao definir parâmetros no programa, o pesquisador cria a visualização que melhor se adequa a leitura que deseja propor	p. 323
Figura 42. Configurações adicionais permitidas pelo Gephi	p. 324
Figura 43. Visualização da rede antes da aplicação do ajuste de rótulos, nomes ainda ilegíveis ..	p. 325

Figura 44. Visualização da rede após a aplicação do ajuste de rótulos, nomes distanciados e legíveis	p. 326
Figura 45. Visualização da rede de colaboradores de Bates no Brasil após todos os parâmetros ajustados. Visualização com fundo branco e nomes aparentes	p. 327
Figura 46. Visualização da rede de colaboradores de Bates no Brasil após todos os parâmetros ajustados. Visualização com fundo preto e nomes ocultos	p. 328
Figura 47. Identificação de algumas das comunidades aparentes no gráfico da rede. A imagem é um recorte de uma área do gráfico completo da rede, na figura 46	p. 330
Figura 48. Rede apenas com os autores das obras citadas por Bates em The naturalist on the River Amazons	p. 331
Figura 49. Rede de citações de Bates em The naturalist on the River Amazons e Agassiz em A Journey in Brazil	p. 334
Figura 50. Visualização da rede de Bates sem sua rede de citações	p. 336
Figura 51. Visualização da rede de Bates sem sua rede de citações, com comunidades destacadas	p. 337
Figura 52. Aproximação da comunidade analisada	p. 339
Figura 53. Aproximação das comunidades analisadas	p. 343
Figura 54. Aproximação das próximas comunidades analisadas	p. 345
Figura 55. Aproximação das últimas comunidades analisadas	p. 346

INTRODUÇÃO

No dia 26 de abril de 1848, dois jovens naturalistas britânicos embarcaram em um pequeno navio mercante no porto de Liverpool com destino à capital paraense na região Norte do Brasil. Seus nomes eram Alfred Russel Wallace (1823-1913) e Henry Walter Bates (1825-1892) e, motivados pelo interesse que compartilhavam pela História Natural, planejaram juntos uma expedição científica para se dedicarem ao trabalho científico de coleta de espécimes. O destino escolhido pela dupla era, e continua sendo, um dos mais ricos berços de biodiversidade em todo o planeta: a região Amazônica. Por serem ambos provenientes de famílias com poucos recursos financeiros, terem vivido até então em regiões afastadas da grande capital e não possuírem instrução universitária, não contavam com maiores apoios financeiros ou institucionais que pudessem facilitar a expedição.

Naquele momento, com seus vinte e poucos anos, eram apenas dois jovens naturalistas sem formação acadêmica, desconhecidos nos meios acadêmico e científico britânicos. Contavam, para a realização da empreitada, apenas com um modesto auxílio financeiro familiar e uma pequena poupança reunida trabalhando nas fábricas têxteis de sua família, no caso de Bates, e na empresa de agrimensura do irmão, no caso de Wallace. O planejamento da viagem foi uma etapa essencial para garantir aos viajantes conhecimento prévio sobre a região, seus habitantes e suas riquezas naturais. Igualmente importante era identificar quais eram as principais espécies desejadas por museus, jardins botânicos e colecionadores particulares. Após serem capturadas, preparadas, armazenadas e enviadas para Londres para serem vendidas, consistiriam na principal fonte de renda para se manterem no país.

Dentre as etapas de preparação da expedição estavam incluídas a leitura de publicações sobre a região Amazônica, incluindo o livro *A Voyage up the River Amazon*, de autoria do entomólogo estadunidense William Henry Edwards (1822-1909); o contato com dirigentes de instituições científicas, como William Jackson Hooker (1785-1865), então diretor do *Royal Botanic Gardens, Kew* e Edward Doubleday (1810-1849), entomólogo do *British Museum*; a visita à algumas das principais coleções tropicais na Inglaterra, como aquelas mantidas nas estufas do *Royal Botanic Gardens, Kew* e na coleção de palmeiras de *Chatsworth House*, propriedade do Duque de Devonshire (1790-1858); a compra de material para a caça, coleta, armazenamento e posterior envio das coleções reunidas; e a formação de uma rede de contatos que pudesse auxiliá-los no cumprimento de seus objetivos.

O contato com Edwards, Hooker e Doubleday foi crucial para facilitar a reunião de informações sobre a região, mas também para criar pontes entre os viajantes e outros indivíduos

que poderiam auxiliá-los posteriormente por meio de cartas de apresentação. Edwards, principalmente, por sua experiência de viagem pela região, entregou para Bates e Wallace um conjunto de cartas em que associava seu nome ao dos naturalistas e solicitava aos seus conhecidos paraenses que auxiliassem os dois jovens britânicos durante o tempo que permanecessem no Brasil. Além destes, outro contato firmado de antemão que se mostrou primordial para o êxito da expedição foi com Samuel Stevens (1817-1899), dono de uma loja de objetos de História Natural no centro de Londres e responsável por receber, divulgar e vender os espécimes enviados pelos viajantes para a Inglaterra.

A sociabilidade, como veremos ao longo desta tese, era uma das características fundamentais do trabalho científico de naturalistas viajantes que se deslocavam para países distantes a fim de colecionarem espécimes e investigarem a natureza local. Repara-se já que, mesmo antes de aportarem em território brasileiro, a reunião com outros viajantes e especialistas sobre a região a ser visitada era um elemento essencial de planejamento. A partir de seus contatos, os Bates e Wallace coletaram informações importantes que os auxiliariam ao longo dos anos de trabalho de campo, bem como garantiram cartas de apresentação que foram essenciais para permitir o acesso às redes de sociabilidade locais.

O contato entre viajantes e membros das populações locais, fossem eles governantes, militares, ribeirinhos, indígenas, escravos, enfim, era uma constante durante as expedições realizadas ao longo do Oitocentos. Este fato saltou-me aos olhos pela primeira vez enquanto folheava alguns livros de viagem publicados por viajantes do século XIX, encontrados digitalmente. Nas páginas dos relatos, é possível encontrar gravuras diversas e composições originais, ora de autoria dos próprios viajantes, ora encomendadas a artistas profissionais. Entre ilustrações botânicas, desenhos minuciosos das partes anatômicas de animais e plantas, mapas de cidades e cursos de água, retratos, paisagens e cenas de gênero, é possível encontrar, também, muitas imagens que representam momentos de interação entre os viajantes e os habitantes locais.

A partir da descoberta deste rico acervo imagético sobre o Brasil, sua população e suas interações com viajantes naturalistas estrangeiros durante o século XIX, foi desenvolvida uma pesquisa monográfica realizada ao longo do curso de Pós-Graduação (*Lato Sensu*) em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, realizada na Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, no ano de 2013¹. A pesquisa partiu do trabalho de seleção e análise

¹ ANTUNES, Anderson Pereira. *A iconografia dos viajantes Oitocentistas: um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX*. 2013. 132 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Divulgação

de um grupo de 16 imagens que incluíam desde o artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) até alguns dos mais renomados naturalistas que já estiveram no Brasil, como os próprios Bates e Wallace, assim como os bávaros Johan Baptiste von Spix (1781-1826), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), e o Príncipe Alexander Philipp Maximilian zu Wied-Neuwied (1782-1867), além de algumas ilustrações produzidas pelo artista brasileiro José dos Reis Carvalho (ca.1800-ca.1892) para a Comissão Científica do Império (1859-1861), dentre outros.

A análise destas imagens revelou a riqueza de informações que é possível obter a partir da investigação do extenso *corpus* imagético produzido pelos viajantes, além de permitir identificar a confluência de técnicas, de temas, de elementos e, ainda, de vocabulário pictórico ou aquilo que Gombrich chamou de *schemata*². Assim, é preciso atentar para os vieses impressos neste conjunto de imagens por seus autores e pela influência do referencial cultural que compartilhavam, o que ocasionalmente fazia com que suas ilustrações não coincidisse com a realidade observada. Desta forma, realidade e imaginário muitas vezes se entrelaçavam para criar as imagens que ilustravam os relatos dos viajantes.

Ainda assim, em seus desenhos, aquarelas e gravuras, é possível identificar características tanto da natureza local, em termos de sua fauna, flora, relevos e hidrografia, como também da população que a habitava. As imagens produzidas pelos viajantes permitem observar a arquitetura, a indumentária, os meios de transporte, as festas, a religiosidade, a alimentação, e diversas outras características representativas dos grupos com os quais tiveram contato. É possível observar, ainda, elementos próprios da prática naturalista de campo, como os instrumentos utilizados para a coleta e armazenamento de espécimes, assim como para a tomada de medições científicas, de desenhos cartográficos, de observações astronômicas, além dos meios utilizados para locomoção e das casas e acampamentos utilizados durante a movimentação pelas regiões visitadas. Ademais, a principal observação naquele momento de pesquisa foi a da quase onipresença da população local nas cenas que retratavam as atividades que compunham as expedições, particularmente nas imagens que retratavam o deslocamento pelo interior e a coleta de espécimes, revelando a atuação fundamental de habitantes locais como auxiliares dos viajantes.

da Ciência, da Tecnologia e da Saúde) – Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2013. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/Monografiaandersonantunes.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

² GOMBRICH, Ernst H. *Arte e ilusão*. Um estudo da psicologia da representação pictórica. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 473p.

A percepção de que a presença de habitantes locais era uma constante ao longo destas viagens foi um primeiro passo para compreender em quais termos se davam as relações entre os viajantes e as populações locais, identificando de que formas estas eram capazes de contribuir para as expedições científicas. Foi esta percepção que fundamentou a pesquisa seguinte³, realizada ao longo do Mestrado em História das Ciências e da Saúde, na Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, em que foi escolhida a Expedição Thayer (1865-1866), liderada pelo naturalista de origem suíça Louis Agassiz (1807-1873), como objeto de estudo. Organizada por um dos mais renomados naturalistas Oitocentistas, a expedição de Agassiz contava com um amplo suporte financeiro, cedido pelo banqueiro e filantropo Nathaniel Thayer Jr. (1808-1883); institucional, pela posição de Agassiz como fundador do *Museum of Comparative Zoology* e como professor na *Harvard University*, onde estudavam muitos dos membros que compuseram sua comitiva; e governamental, pelas boas relações que o naturalista mantinha com representantes dos governos estadunidense e brasileiro, inclusive com o Imperador Dom Pedro II (1825-1891). O contingente de Agassiz era formado por seis funcionários do museu⁴, seis alunos de Harvard⁵, seu cunhado e sua esposa, Elizabeth Cabot Agassiz (1822-1907), responsável por dividir a autoria do relato de viagem com o naturalista.

Ao longo de pouco mais de doze meses de viagem, o grupo explorou diversas províncias brasileiras, principalmente nas regiões norte e nordeste. Embora não tenha conseguido alcançar seu objetivo principal de comprovar a existência de uma era glacial recente no continente sul-americano e questionar a teoria evolucionista proposta por Charles Darwin (1809-1882), Agassiz reuniu uma extensa coleção de espécies de peixes amazônicos, os quais foram adicionados à coleção do *Museum of Comparative Zoology*. A disponibilidade de um vasto acervo documental sobre a expedição, composto por relatos de diversos de seus membros⁶,

³ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2015. [Orientadores: Luisa Medeiros Massarani e Ildeu de Castro Moreira]. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

⁴ Charles Frederick Hartt (1840-1878), geólogo; Joel Asaph Allen (1838-1921), ornitólogo; Orestes Hawley St. John (1841-1921), geólogo; John Gould Anthony (1804-1877), conchiliologista; Jacques Burkhardt (1808-1867), artista; e George Seva, preparador de espécimes.

⁵ Stephen V. R. Thayer, filho de Nathaniel Thayer; Thomas Ward, que atuava como representante financeiro para a *Pacific Mail Steamship Company*, companhia que cedeu passagens gratuitas para todo o grupo a bordo do vapor Colorado; William James (1842-1910), que posteriormente adquiriu notoriedade como filósofo e psicólogo; Newton Dexter, que era exímio caçador e posteriormente se tornou ornitólogo e naturalista; Edward Copeland, que ficou encarregado junto com Charles Hartt de explorar a região de Minas Gerais; e Walter Hunnewell, autor das polêmicas fotografias representando a mestiça população de Manaus.

⁶ Além do livro de viagem publicado pelo casal Agassiz, também foi possível consultar o relato publicado por Charles Frederick Hartt; o relatório anual do *Museum of Comparative Zoology* para o ano de 1866 com os dados das coleções reunidas no Brasil; a coleção de correspondências entre Agassiz e o Imperador Pedro II, publicadas pelo Museu Imperial de Petrópolis; trechos de diário e correspondências de William James, publicados por Maria

facilitou a observação das relações entre os viajantes e a população brasileira. Desta forma, ao fim da pesquisa, foi possível comprovar a importância do relacionamento com a população local para o sucesso da expedição, particularmente na coleta de espécimes. Por meio das fontes documentais registradas pelos próprios viajantes, foi identificado um total de 168 auxiliares que contribuíram ativamente com a Expedição Thayer⁷, além de ter sido possível reconhecer em quais momentos os viajantes mais buscavam auxílios dos habitantes, como se dava a dinâmica destes relacionamentos, e distinguir a importância singular de alguns brasileiros que foram incorporados à comitiva, como o Major João Martins da Silva Coutinho (1830-1889).

Diferentemente de Agassiz e todo o seu aparato institucional e financeiro, Bates e Wallace vieram ao país com estruturas mais modestas, o que revela diferenças significativas na maneira que se relacionavam com a população. Será interessante, portanto, além de analisar a forma como Bates se relacionou com os habitantes locais, fomentando uma rede de auxiliares durante sua expedição pelo Brasil, também comparar as estratégias empregadas por Bates e Wallace com aquelas utilizadas por Agassiz para angariar o apoio dos moradores das cidades visitadas.

JUSTIFICATIVA

Ainda que atualmente a compreensão de que a ciência é um empreendimento coletivo já esteja consolidada, ainda são necessários estudos que atentem para a importância das contribuições dos colaboradores locais para as expedições naturalistas. Embora estes indivíduos ainda sejam mantidos, muitas vezes, invisíveis, pela historiografia, eles são amplamente creditados por seu apoio nos livros de viagem dos próprios viajantes. Analisar a forma como estes naturalistas viajantes interagem com a população local e eram por ela auxiliados auxilia na compreensão da prática científica Oitocentista, particularmente sobre o caráter coletivo da construção científica e da sociabilidade inerente ao trabalho de campo. Auxilia, também, a observar as formas pelas quais o conhecimento circulava entre nativos e viajantes e permite compreender em que medida os residentes locais foram fundamentais para a realização de importantes expedições científicas. Com esta pesquisa, o objetivo central é analisar as formas como se deu o relacionamento de Henry Walter Bates com a população amazônica durante sua passagem pelo país, analisando exemplos individuais e observando de que forma o naturalista

Helena Machado; correspondências de Agassiz, disponibilizadas online pela *Houghton Library* da *Harvard University*; anotações redigidas pelo brasileiro Major Coutinho, que acompanhou a expedição, disponíveis no Museu Paraense Emílio Goeldi; e notícias publicadas em periódicos brasileiros da época, disponíveis na página da Hemeroteca Digital Nacional da Biblioteca Nacional.

⁷ A lista completa está incluída em anexo em ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis*. op. cit.

foi apoiado, e refletindo sobre a importância do auxílio recebido para a expedição e seus resultados científicos.

A escolha de Bates para o foco da pesquisa atual se deu pela longa duração de sua estadia no país, perfazendo um total de 11 anos, e pelas diversas regiões que visitou ao longo do vale amazônico. Durante este período, o viajante reuniu uma extensa coleção de espécies brasileiras, as quais foram enviadas para a Inglaterra, e observou fatos que o levaram a propor sua teoria sobre o mimetismo.

Também é interessante notar que, embora muitos dos indivíduos envolvidos com estas expedições não possuíssem formação acadêmica ou científica, ainda assim estiveram envolvidos com expedições naturalistas em mais de uma ocasião. Em uma análise da expedição de Bates pelo Amazonas, Woodcock (1969) afirmou:

During the 1840's the foreign community on the Amazons was very small, consisting, apart from the wandering naturalists, of a few planters and traders whose names recur in book after book, and inevitably there were close links between all the travelers of the decade. Bates, for example, was inspired by Edwards's book and helped by his advice; he travelled with Wallace and encountered both Spruce and Herndon along the great river; he employed boatmen and collectors of specimens who had worked with Prince Adalbert and Count Castelnau.⁸

Além dos viajantes mencionados por Woodcock, sabemos que alguns dos auxiliares que estiveram envolvidos com a expedição de Bates também contribuíram com a expedição de Agassiz. Além disso, também foi possível identificar uma associação interessante entre o naturalista suíço e Bates. Segundo o relato publicado sob o título *A Journey in Brazil*⁹, sabemos que o livro de Bates foi uma presença constante durante a viagem de Agassiz, sendo Bates o naturalista mais vezes citado ao longo da publicação¹⁰. No livro de Bates, o viajante suíço encontrou informações tanto sobre a natureza local, quanto sobre alguns dos indivíduos que poderiam contribuir com a sua própria expedição. Sabemos, ainda, que o casal Agassiz encontrou habitantes locais que se lembravam da passagem de Bates pelo país, como no seguinte caso que mencionaram em seu relato de viagem:

In Teffé and its neighborhood we constantly tread in the footsteps of the English naturalist, Mr. Bates, "Senhor Henrique," as the people call him here, whose charming book, "The Naturalist on the Amazons," has been a very pleasant companion to us in our wanderings.¹¹

⁸ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons*. London: Faber and Faber, 1969. p. 12.

⁹ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot Cary. *A Journey in Brazil*. 4ª ed. Boston: Ticknor and Fields, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/details/journeyinbrazil00agassiz>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

¹⁰ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis*. op. cit. p. 114.

¹¹ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot Cary. *A Journey in Brazil*. op. cit. p. 243.

Ainda outra razão para focalizar a expedição de Bates se dá pelo seu relativo desconhecimento. Enquanto Wallace adquiriu maior fama posteriormente, principalmente por conta de sua associação com Darwin e da apresentação conjunta de suas teorias sobre a evolução das espécies perante a *Linnean Society*, Bates é, ainda hoje, um personagem menos celebrado na História das Ciências. Segundo dois de seus mais eminentes biógrafos, a influência de Bates foi essencial para o desenvolvimento da carreira de Wallace como naturalista, servindo de estímulo, fonte de ideias e experiências¹². Cawforth defende, ainda, que Bates teve um papel fundamental na história da teoria evolutiva de Darwin, embora raramente lhe sejam dados os devidos créditos¹³. O autor resume a relação entre os três naturalistas da seguinte forma:

Darwin needed Wallace for the impetus to come out of the closet and publish and might even have needed some of Wallace's ideas to achieve this. Wallace needed Bates in his formative years, which were critical for the development of his own ideas on the origins and zoogeography whilst in Malaysia. Moreover, they all used each other as a sounding board for their ideas, with Darwin relentlessly networking them and the system in general.¹⁴

Apesar do caráter elogioso, visto que se tratava de uma nota póstuma em homenagem ao naturalista, é interessante observar o que prenunciava o divulgador da ciência Grant Allen (1848-1899) já em 1892. Acertadamente, Allen previu que, apesar de seus méritos, Bates provavelmente seria mais reconhecido no futuro como um coadjuvante na grande narrativa da evolução Darwiniana, dizendo:

Henry Walter Bates had, in my humble judgement, one of the profoundest scientific intellects I have ever known: and it has been my good fortune on the road through life to know many or most of the deepest scientific thinkers of our epoch. [...] In some ways indeed his mind was greater (because broader) than even Darwin's. He had a more philosophic grasp of things; his interests outside his own special subject were wider; his tastes were higher; his literary culture more Catholic. Yet it may well be doubted whether anything of him except *The naturalist on the Amazon's* will ever live; and even that in future ages will be far more praised than looked at. He will be remembered hereafter only as one of the lesser stars of the evolutionary galaxy; he will be quoted chiefly as the discoverer and formulator of the principle and theory of organic mimicry.¹⁵

Ainda hoje, o naturalista de Leicester permanece reconhecido principalmente como um personagem secundário na narrativa da teoria da evolução, que tem em Darwin e Wallace os seus principais protagonistas. Apesar da falta de reconhecimento, Bates dedicou-se intensamente ao trabalho científico, coletou milhares de espécimes que fomentaram

¹² CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter*. Buckingham: University of Buckingham Press, 2009. 272p. p. vi.; MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. Explorer, scientist and Darwinian*. Leicester: Leicestershire Museums, Art Galleries and Records Office, 1976, 101p. p. 11.

¹³ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.* p. 1.

¹⁴ *Ibidem.* p. 20.

¹⁵ ALLEN, Grant. Bates of the Amazons. *The fortnightly review*. Dezembro, 1892. p. 798-809. p. 798.

singularmente as coleções do *British Museum* (hoje, *Natural History Museum*), fez importantes contribuições para a Entomologia e trabalhou durante anos como secretário assistente da *Royal Geographical Society*,

Um episódio anedótico ilustra o anonimato no qual se encontra atualmente. Ao visitar o *New Walk Museum*, na sua cidade natal de Leicester, durante o período de bolsa-sanduíche, deparei-me com uma situação inusitada. Na fachada do museu, ao lado direito da entrada principal, foi inaugurada na década de 1960 uma placa comemorativa em homenagem a Bates e Wallace, os dois maiores naturalistas que já viveram nesta cidade inglesa. Não havendo encontrado a placa quando entrei na instituição, encaminhei-me até a recepção e perguntei sobre sua localização. A resposta negativa, de que não havia uma placa homenageando alguém chamado Bates naquele museu, deixou-me desorientado. Havia sim uma placa, fui informado logo em seguida, mas o homenageado era “*that other evolution man, Wallace*”. Assim, mesmo em sua cidade natal, e estando seus nomes gravados juntos na frente do museu, Bates parece continuar como uma nota de rodapé em relação aos dois personagens principais na história da evolução.

É interessante notar que uma situação semelhante a esta ocorreu com o próprio Bates quando, em meados de 1860, caminhava pelo *Regent's Park*, na capital inglesa. De acordo com a narrativa de Crawforth¹⁶, Bates foi cumprimentado pelo naturalista Charles Lyell (1797-1875), que o confundiu com Wallace. Ainda segundo o biógrafo do naturalista, Lyell desculpou-se pelo engano, dizendo que “*always confused the two of them*”¹⁷.

Desta forma, analisar a rede de auxiliares envolvidos com a expedição de Bates, permitirá, também, trazer à lume a vida e obra deste importante naturalista inglês, tão frequentemente ignorado. Além disso, este estudo objetiva proporcionar uma melhor compreensão sobre as formas como naturalistas viajantes se relacionavam com as populações locais, fomentando uma rede de contatos que se tornava fundamental para a realização das expedições.

METODOLOGIA

Para poder identificar e analisar a participação das populações locais na expedição de Bates, foi necessário investigar as fontes primárias e, principalmente, os registros do próprio viajante sobre sua viagem. Assim, uma das fontes essenciais para a pesquisa foi o livro de

¹⁶ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. Henry Walter Bates, 1825 – 1892. Tese de Doutorado. School of Humanities, University of Buckingham, United Kingdom. 2008. 279 p.

¹⁷ *Ibidem*. p. 19.

viagem editado pelo próprio naturalista. *The naturalist on the river Amazon*¹⁸ foi publicado em 1863, composto por dois volumes, 774 páginas e 42 ilustrações. Como afirmado por autores como França¹⁹, os livros de viagem publicados por naturalistas viajantes são ricas fontes de informações sobre o passado brasileiro. No entanto, como destacado por Kury, Sá e Lima²⁰, é preciso atentar para a parcialidade inerentemente impressa nos relatos. Segundo as autoras:

Do conjunto de documentos imprescindíveis para o estudo da história da ciência e da sociedade no Brasil, destacam-se os relatos de viagens. Desde o primeiro século de colonização, neles encontramos representações iconográficas e observações sobre a natureza e as populações aqui presentes, contribuindo para a composição de um repertório de ideias sobre o que é esse país. Fontes valiosas para o conhecimento do meio ambiente e da sociedade, os textos dos viajantes foram também responsáveis pela difusão de alguns equívocos sobre o passado colonial.²¹

No ano seguinte, Bates reeditou seu livro²², publicando uma segunda edição reduzida a apenas um volume, 394 páginas e 40 ilustrações. No prefácio, explicou por que resolveu revisar o texto:

Having been urged to prepare a new edition of this work for a wider circle than that contemplated in the former one, I have thought it advisable to condense those portions which, treating of abstruse scientific questions, presuppose a larger amount of Natural History knowledge than an author has a right to expect of the general reader.²³

A leitura comparativa de ambas revela algumas diferenças interessantes, além de demonstrar que os cortes não foram somente referentes a questões científicas. A análise realizada mostrou que também foram eliminadas cerca de 20 referências sobre a contribuição de habitantes locais, além de observações raciais sobre a sociedade brasileira, descrições dos hábitos de indígenas, e críticas diversas, como sua percepção de que os missionários jesuítas lhe pareciam mais bárbaros do que aqueles “selvagens” que estavam tentando catequizar²⁴.

¹⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate>>. Acesso em: 15 ago. 2018

e BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. II. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive02bate>>. Acesso em: 15 ago. 2018

¹⁹ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. *op. cit.*

²⁰ KURY, Lorelai Brilhante; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. *A ciência dos viajantes*. *op. cit.*

²¹ *Ibidem*. p. 3.

²² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. 2º edition. London: John Murray, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonriv01bategoog>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

²³ *Ibidem*. p. v.

²⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I, 1863, *op. cit.* p. 81.

Atualmente, é possível encontrar as duas edições em domínio público, digitalizadas e disponibilizadas gratuitamente na página do *Internet Archive*.

Outra documentação que destacamos são as correspondências, documentos que apresentam muitas vezes relatos de caráter mais pessoal, contendo informações e observações que muitas vezes não constam nas publicações formais. Segundo Ferreira:

Um ponto que merece comentário no contexto das expedições científicas na Amazônia diz respeito aos diários de campo e às correspondências pessoais, documentos que possuem um papel no processo de transferência da informação, não só nos séculos mais remotos da história da ciência, como também nos períodos mais recentes da produção de conhecimento científico.²⁵

De acordo com Pinheiro e Lopes²⁶, a análise das correspondências permite inserir os naturalistas nos contextos sociais, culturais e científicos que participavam. Segundo Burke²⁷, este tipo de material permite, ainda, a observação de diversas convenções culturais de uma época, revelando também a posição social e as relações entre remetentes e destinatários. Desta forma, estes conjuntos de cartas constituem uma importante fonte para estudos na História das Ciências. Segundo Pinheiro e Lopes:

A análise do aspecto cultural nas atividades científicas justifica o uso de documentos particulares na História das Ciências Naturais, pois, assim como Vessuri, postulo que existe uma intimidade entre a vida e a obra de um naturalista, que no conjunto de suas ações o pessoal e o profissional aparecem de modo não dissociado, e nenhum documento escrito expressa melhor esta proximidade do que as correspondências pessoais. Longe de conterem apenas informações do plano pessoal, as correspondências compõem um rico material de análise na História das Ciências. Quase sempre os assuntos sobre as atividades profissionais aparecem conjuntamente com informações sobre a vida e o cotidiano de quem escreve. Além disso, a maneira como tais temas são abordados nas correspondências nos permite observar a reputação atribuída aos indivíduos por seus contemporâneos. A forma de tratamento contida nas correspondências torna possível o mapeamento de conexões que refletem as afiliações intelectuais e políticas dentro dos grupos de profissionais, sendo de grande valia para as pesquisas em História das Ciências, ajudando a decifrar certos aspectos que os documentos oficiais não revelam.²⁸

Por meio de suas correspondências, é possível encontrar informações sobre a viagem não publicadas em outras fontes, além de conhecer quem eram os principais interlocutores que formavam a rede de associações científicas de Bates, descobrir como era sua relação com as

²⁵ FERREIRA, Rubens da Silva. Henry Walter Bates: Um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação. *Integração*. Ano XII, nº 46. p. 231-240. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2018. p. 236.

²⁶ PINHEIRO, Rachel; LOPES, Maria Margaret. Aspectos das produções textuais nas viagens científicas. *Revista Triplöv*, 2003. Disponível em: <http://www.triplöv.com/hist_fil_ciencia/rachel.html>. Acesso em: 30 nov. 2018. p. 11.

²⁷ BURKE, Peter. *O que é história cultural? op. cit.*

²⁸ *Ibidem*. p. 13.

diversas sociedades científicas das quais fez parte, bem como acompanhar as discussões acerca dos diversos temas científicos tratados pelo naturalista em suas cartas.

As correspondências de Bates são um material pouco explorado e majoritariamente inédito. Segundo Crowth²⁹ e Woodcock³⁰, dois de seus principais biógrafos, a maior parte do material jamais foi publicada ou estudada. Em instituições britânicas, visitadas com financiamento da Capes durante um período de bolsa-sanduíche, foi possível encontrar um vasto acervo documental inédito sobre Bates e seus correspondentes, principalmente nos arquivos e bibliotecas da *Cambridge University Library*, da *Edinburgh University Library*, do *Royal Botanic Gardens, Kew*, do *Oxford University Museum of Natural History*, da *Newcastle University Library*, da *Zoological Society of London*, da *British Library*, da *Royal Geographical Society*, da *Royal Entomological Society*, da *Linnean Society of London*, do *Natural History Museum*, da *Royal Geographical Society*, da *Zoological Society of London*, e do *Leicester and Leicestershire Record Office*.

Ao todo, foram encontradas 103 correspondências em que Bates figurava como destinatário ou remetente, além outros materiais como anotações relacionadas ao trabalho na *Royal Geographical Society* e na *British Association for the Advancement of Science*, convites para eventos científicos, cartões pessoais, além de artigos científicos originais enviados para publicação no periódico da *Royal Geographical Society* com revisões e pareceres manuscritos por Bates. Além destas, também foi possível encontrar uma correspondência muito interessante enviada pelo pai de Bates ao naturalista enquanto residia no Pará. A carta, datada de 28 de julho de 1850, encontra-se na coleção de arquivos sobre Bates no arquivo público de sua cidade natal³¹. O material encontrado nestas instituições, valioso tanto por sua quantidade, quanto pela qualidade das informações contidas, não teria sido possível acessar sem a visita às instituições, uma vez que estes acervos se encontram disponíveis apenas *in loco* e não estão digitalizados e disponibilizados online.

Como é possível perceber, não existe um único arquivo, acervo, biblioteca ou museu que contenha todo o material de Bates reunido sob a guarda de uma só instituição. Após a sua morte, aparentemente não houve tentativas de reunir o material que se encontrava com sua família. As correspondências que poderia ter em seu arquivo pessoal aparentemente não sobreviveram ou se encontram perdidas. O único familiar que parece ter guardado algumas das

²⁹ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.*

³⁰ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons. op. cit.*

³¹ *Coleção Files Re Henry Walter Bates*, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

correspondências do viajante foi Frederick Bates (1829-1903), que copiou à mão algumas das correspondências trocadas entre seu irmão mais velho e Wallace. Sendo ele mesmo entomólogo, Frederick tinha interesse pelas discussões científicas de seu irmão, além de também ter ser correspondido por diversas vezes com Wallace. As três correspondências copiadas à mão por Frederick, além de material original de sua própria autoria sobre entomologia, podem ser encontradas no acervo do *Natural History Museum*³².

Além deste material, existem ainda algumas correspondências que podem ser encontradas publicadas ou disponibilizadas digitalmente. Existem três cartas trocadas entre Bates e Darwin publicadas no segundo volume da coletânea biográfica editada por Francis Darwin (1848-1925), intitulada *The life and letters of Charles Darwin*³³, nas quais ambos discutem, principalmente, as contribuições de Bates para a teoria da evolução das espécies pela seleção natural. Algumas das correspondências entre os dois naturalistas também foram publicadas por Stecher³⁴ em duas edições do volume 25 do periódico *Annals of Science*, bem como por Newman³⁵ no volume 10 do periódico *The Zoologist*. Muitas das correspondências de Darwin, não apenas com Bates, mas também trocadas com Wallace e outros colaboradores, podem ser acessadas na página do *Darwin Correspondence Project*³⁶, onde estão digitalizadas noventa correspondências trocadas entre Darwin e Bates.

Outra fonte muito importante de informações sobre a estadia de Bates no Brasil, particularmente sobre o desenvolvimento de suas observações e coletas de espécimes, são os seus cadernos de viagem. Neles, anotava diariamente o resultado de sua coleta de espécimes, enumerando e descrevendo minuciosamente as características morfológicas de cada espécie encontrada. Com o mesmo esmero, indicava os locais e as condições de coleta de cada espécime e, em algumas ocasiões, complementava com informações adicionais cada entrada. Dentre as informações complementares, é possível encontrar nomes de indivíduos que o auxiliaram na

³² *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855.* Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.

³³ DARWIN, Francis (ed.) *The Life and Letters of Charles Darwin, including an autobiographical chapter.* vol. II. London: John Murray, 1887. 412p. Disponível em: <<https://archive.org/stream/lifelettersofcha02darw/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

³⁴ STECHER, Robert M. The Darwin-Bates letters correspondence between two-nineteenth century travellers and naturalists. Part I. In: *Annals of Science*, vol. 25, issue 1, 1969, p. 95-125. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00033796900200011>>. Acesso em: 28 nov. 2018.; STECHER, Robert M. The Darwin-Bates letters correspondence between two-nineteenth century travellers and naturalists. Part II. In: *Annals of Science*, vol. 25, issue 2, 1969, p. 95-125. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00033796900200051>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

³⁵ NEWMAN, Edward (ed.) *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History.* Vol. 10. London: John van Voorst, 1852. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/123032>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

³⁶ A página oficial do projeto é <https://www.darwinproject.ac.uk/>

coleta, informações obtidas com os nativos sobre as espécies, e o desenvolvimento de questionamentos e teorizações originais do próprio naturalista. Desta forma, suas cadernetas constituem-se em uma fonte igualmente importante para a análise das principais questões científicas levantadas por Bates enquanto investigava a natureza brasileira, permitindo observar a maturação de suas observações sobre questões como a distribuição das espécies, suas transformações ao longo do tempo, e o mimetismo.

Seus cadernos estão, hoje, divididos entre duas instituições. Na biblioteca do *Natural History Museum*³⁷ é possível encontrar dois volumes *in octavo*, ricamente ilustrados a mão pelo próprio naturalista, a lápis e coloridos em aquarela. Seus cerca de 700 desenhos focam, principalmente, na anatomia de algumas das principais espécies coletadas, ora enfocando o inseto em tamanho natural, ora detalhando partes de sua anatomia. Desenhar as espécies recém encontradas era uma tarefa comum aos viajantes, pois em suas ilustrações davam conta não apenas dos aspectos morfológicos dos animais, mas também tinham oportunidade de representa-los em meio ao seu habitat natural. Além disso, os desenhos também garantiam uma representação fiel das espécies que, ocasionalmente, danificavam-se durante o transporte ou tinham suas cores esmaecidas pela ação do tempo e dos produtos químicos utilizados para sua preservação. As ilustrações eram tão importantes que Wallace, em uma carta endereçada a John Edward Gray (1800-1875), então presidente da *Royal Entomological Society*, escreveu:

Coloured figures should represent nature in every respect. They should as much as possible *take the place of actual specimens*, enabling us more readily to determine species than can be done by descriptions, and making us acquainted with the actual appearance of the rare and beautiful forms which are daily being discovered.³⁸

Ao lado das ilustrações, o naturalista incluiu informações sobre cada espécie, sua descrição morfológica, hábitos, habitats onde eram encontradas, local e data de coleta. Em alguns casos, quando não havia ele mesmo coletado os espécimes, inseria o nome do responsável por sua coleção. Sempre rigoroso em suas anotações, Bates comparava cada espécie encontrada com seus livros de referência e com espécies anteriormente coletadas, identificando e registrando em suas cadernetas quando se tratavam de espécies novas. A História Natural Oitocentista, é importante frisar, dependia largamente da formação de coleções para comparação, uma vez que a classificação de novas espécies necessita da observação daquelas já classificadas anteriormente. Bates atentava, particularmente, para as semelhanças

³⁷ *The Manuscript Collection of Henry Walter Bates (1825-1892)*. Referência: 140639. (South Kensington, Entomology Special Collections, Natural History Museum, London, United Kingdom). 5 dez. 2017.

³⁸ WALLACE, Alfred Russel [Carta] nov. 1858. Ilha Baca, Molucas, Indonésia [para] ROYAL ENTOMOLOGICAL SOCIETY. Reino Unido. 2f. Sobre a publicação de ilustrações de insetos. Natural History Museum, London, United Kingdom, Item ID WCP4748. 19 out. 2017. p. 1. Grifo nosso.

encontradas, tentando distinguir quando se tratavam de espécies aliadas. Por meio de suas anotações, é possível acompanhar a periodicidade e quantidade de espécimes que enviou para Londres. O naturalista incluiu, ainda, tabelas com as medidas de temperatura para a cidade de Belém entre 1845 e 1846 e um registro da quantidade de chuvas na mesma cidade durante o mês de abril de 1848. Este material, rico de informações entomológicas, foi adquirido diretamente da família Bates pelos livreiros Dulau & Co. Ltd., e vendido posteriormente ao *British Museum* em 1933, encontrando-se até hoje sob a guarda desta instituição.

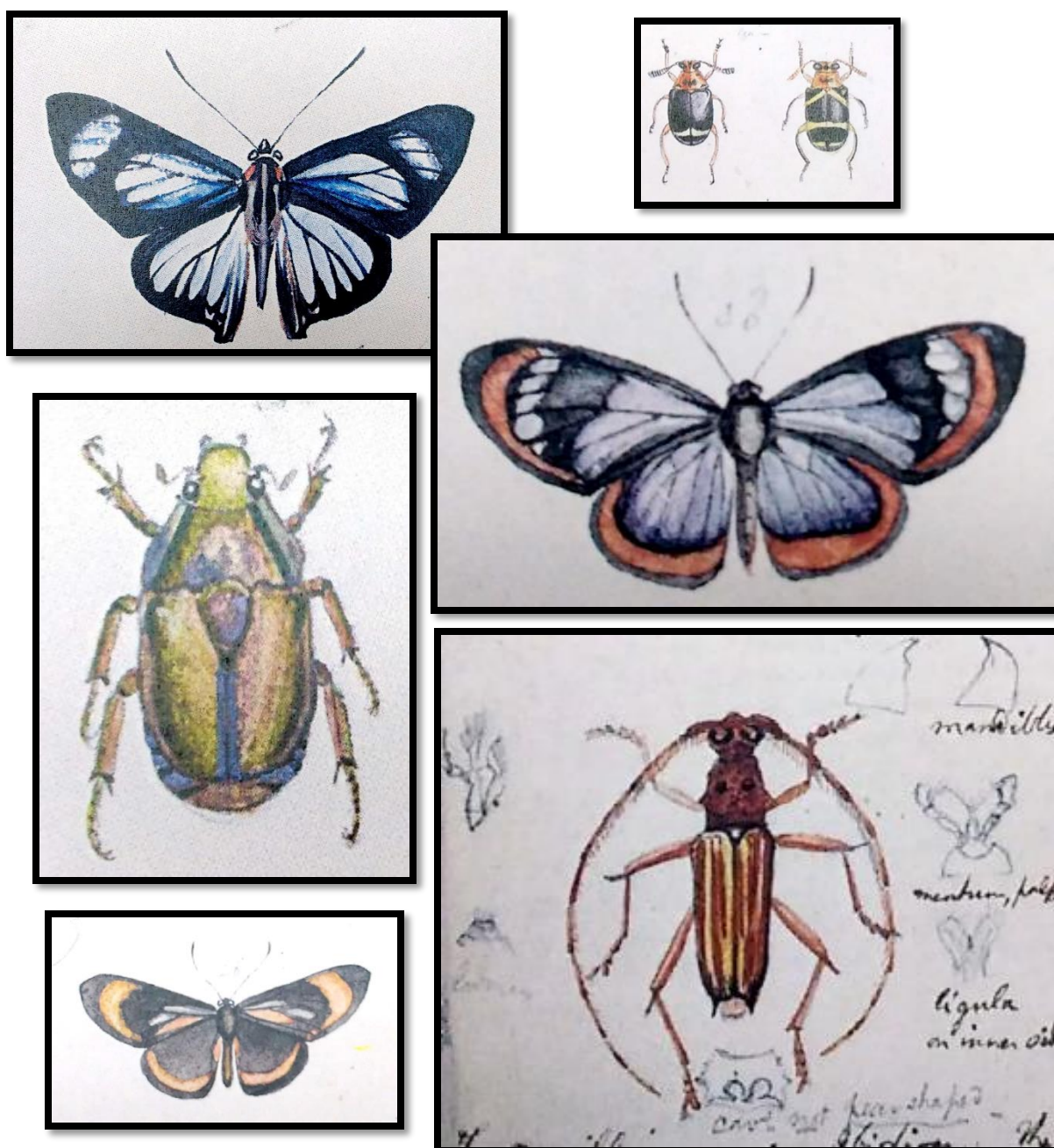


Figura 1: Algumas das aquarelas de Bates em seu caderno de anotações.³⁹

³⁹ The Manuscript Collection of Henry Walter Bates (1825-1892). Referência: 140639. (South Kensington, Entomology Special Collections, Natural History Museum, London, United Kingdom). 5 dez. 2017.

Durante o período de sua estadia no Brasil, Bates manteve pelo menos mais dois registros manuscritos, os quais encontram-se atualmente na coleção *Western Manuscripts* da *British Library*⁴⁰. O primeiro deles, um caderno de anotações com inscrições feitas a lápis, contém vocabulário em língua portuguesa e em alguns idiomas indígenas. A partir das palavras e frases anotadas, é possível perceber quais eram as principais mensagens que o naturalista desejava transmitir aos habitantes indígenas que encontrasse. Dentre elas, encontram-se traduzidas as seguintes orações: “*I give you a patac*”; “*Let us go catch insects*” e “*Go fill the water jug*”, além de traduções para os nomes de diversos animais em diferentes idiomas indígenas, como Mundurucú, Mauhés e Tupí. Se, segundo Schiebinger⁴¹, a barreira linguística era uma das principais barreiras nas relações entre viajantes e habitantes locais, principalmente no caso de daqueles naturalistas que não estavam dispostos a aprender novos idiomas, este certamente não foi o caso de Bates. Em seus 11 anos pelo Brasil, Bates passou a dominar o português, além de ter aprendido diversas frases e expressões em língua geral e em idiomas indígenas.

O segundo caderno consiste de um exemplar do *Literary and Scientific Register & Almanack*. A publicação, editada por John Wheeley Gough Gutch (1809-1862) desde 1842, era lançada anualmente sob a forma de livro de bolso *in quarto*. Sua mistura de almanaque científico com agenda pessoal propunha-se a ser um companheiro ideal para viajantes, pois permitia espaço para suas anotações pessoais, além de contar com um amplo compêndio de informações úteis aos naturalistas. Dentre os temas cobertos pelo almanaque estavam incluídas seções ordenadas alfabeticamente sobre acústica, anatomia, astronomia (contendo instruções para determinar posicionamentos a partir dos astros), economia doméstica (com uma listagem dos legumes e frutas típicos em cada estação), frenologia, geografia, história natural (com a classificação de Robert Edmund Grant (1793-1874) para o reino animal), jardinagem, química (incluindo pesos atômicos, gravidades específicas e lista de metais), além de uma seção intitulada “*Miscellanea*”, contendo informações tão variadas quanto a gradação alcóolica de diferentes variedades de vinho, as datas de nascimento de membros da família real britânica, uma lista de banqueiros situados em Londres, as taxas alfandegárias cobradas em algumas das principais cidades do mundo, dentre outras informações diversas.

⁴⁰ *POCKET-BOOK, with enclosures (ff. 169-175), of Henry Walter Bates, the naturalist, used during his travels in Brazil, of which he gave an account in The Naturalist on the River Amazons, 2 vols., 1863.* Referência: Add MS 42138 A-B. (Western Manuscripts, British Library, London, United Kingdom). 15 nov. 2017.

⁴¹ SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire. op. cit.*

Ao longo das páginas dedicadas para anotações pessoais, Bates manteve um acompanhamento minucioso e detalhado de seus rendimentos com as remessas de espécimes enviados para a Inglaterra, bem como de seus gastos no Brasil. A partir destas informações, é possível observar quanto o naturalista conseguiu lucrar com a venda de espécimes brasileiros no mercado europeu, assim como quanto gastava com moradia, alimentação e locomoção pelo país. Além de detalhar o conteúdo das caixas que enviava para Londres, Bates também relacionou nas páginas de seu diário tudo aquilo que recebeu de seu agente Stevens enquanto esteve no Brasil, incluindo roupas, instrumentos científicos, mapas da região, livros, catálogos de museus e periódicos diversos. Desta forma, a partir da análise das páginas de seu caderno, também é possível examinar as leituras que realizou durante o seu período no país e que podem ter influenciado o resultado de suas observações sobre a natureza brasileira. O conteúdo de suas anotações também revela que a rotina diária de uma expedição naturalista era composta, majoritariamente, pela execução repetitiva de tarefas como a coleta e o preparo de espécimes, que dependiam de rigor, minúcia e paciência para serem realizadas.

É interessante notar a distância que existe entre as anotações mantidas por Bates durante a viagem e a publicação de seu relato de viagem, que veio a público apenas quatro anos após o seu retorno para a Inglaterra. Além do intervalo temporal, existe também uma diferença clara no conteúdo publicado. Enquanto suas cadernetas contêm mais informações sobre os espécimes coletados, gastos de viagem, remessas enviadas para Londres e outras informações práticas ao viajante, seu livro de viagem toma a forma de um relato abrangente de sua rotina, deslocamentos e relacionamentos com a população brasileira. Assim, é preciso ter em mente que o naturalista precisou recorrer à memória para preencher seu livro com relatos tão detalhados sobre o seu período no Brasil, onde incluiu informações que não constavam em seus cadernos. Este recurso à recordação, no entanto, fazia parte da escrita naturalista de livros de viagem, uma vez que manter informações pormenorizadas ao longo da viagem poderia ser uma atividade difícil. Segundo Abdalla:

Mas o fato é que as próprias circunstâncias da viagem impediam que o viajante pudesse manter uma certa regularidade de escrita e muito menos de qualidade literária. Durante perigosas travessias de mares, cachoeiras e montanhas, as preocupações dos viajantes tinham que se voltar muito mais para a sobrevivência da expedição do que para os diários, deixando muitas vezes pouco tempo para as descrições. Nesse caso, portanto, o viajante resignaria-se a manter apenas algumas notas em um caderno de rascunhos para quando a expedição montasse acampamento ou chegasse a alguma estação mais segura, pudesse finalmente concentrar-se nos seus escritos, retomando as notas e relembrando os detalhes mais importantes.⁴²

⁴² ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído. op. cit.* p. 117.

Além dos relatos de Bates, o livro de Wallace sobre sua viagem à Amazônia⁴³, bem como os dois volumes de sua autobiografia⁴⁴, foram também importantes fontes de informação sobre as interações dos naturalistas com as populações amazônicas, sobre Bates e sobre o planejamento conjunto da viagem entre os dois britânicos. Correspondências e artigos publicados por Wallace, e que podem nos permitir outra perspectiva sobre o período em que ambos os naturalistas estiveram na Amazônia, podem ser encontradas digitalizadas e disponibilizadas nas páginas da *Wallace Fund*⁴⁵, da *The Alfred Russel Wallace Page*⁴⁶ e no *The Alfred Russel Wallace Correspondence Project*⁴⁷. Neste último podemos encontrar, ainda, um total de 21 correspondências trocadas entre Bates e Wallace. De forma semelhante, o livro de viagem⁴⁸ compilado por Wallace a partir das anotações originais do naturalista Richard Spruce (1817-1893) também contém algumas informações complementares. Spruce encontrou-se brevemente com Bates e Wallace no Pará e, assim, visitou algumas das mesmas localidades que a dupla que o precedera, e esteve em contato com algumas das mesmas pessoas que auxiliaram Bates durante sua expedição. Os três foram, segundo alguns autores⁴⁹, os maiores naturalistas de origem britânica a coletar na região amazônica brasileira.

Além dos documentos de autoria dos próprios viajantes, jornais brasileiros da época também são importantes fontes complementares, uma vez que era costumeiro que fossem publicadas informações sobre os trajetos percorridos por viajantes estrangeiros, bem como as datas de chegada e partida em navios. Na pesquisa realizada anteriormente sobre a Expedição Thayer, os periódicos brasileiros demonstraram ser uma rica fonte de informações sobre a expedição, além de uma fonte importante para a identificação de alguns dos auxiliares envolvidos com os viajantes, pois como afirmou Moraes⁵⁰, jornais são espelhos daquelas

⁴³ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.*

⁴⁴ WALLACE, Alfred Russel. *My life*. A record of events and opinions by Alfred Russel Wallace. Londres: Chapman & Hall, Ltd. 1905. Volume I. Disponível em: <<https://archive.org/stream/myliferecordofev01walluoft>>. Acesso em: 7 ago. 2018.; WALLACE, Alfred Russel. *My life*. A record of events and opinions by Alfred Russel Wallace. Londres: Chapman & Hall, Ltd. 1905. Volume II. Disponível em: <<https://archive.org/stream/myliferecordofev02walluoft>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

⁴⁵ A página oficial do projeto é <http://wallacefund.info/>

⁴⁶ A página pode ser acessada em <http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>

⁴⁷ A página oficial do projeto é <http://wallaceletters.info/content/homepage>

⁴⁸ O livro foi publicado em dois volumes. Cf. SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazon & Andes*. London: MacMillan and Co. Limited. vol. I. 1908. Disponível em: <<https://archive.org/details/notesabotanisto01spruogooq/>>. Acesso em: 12 out. 2018; e SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazon & Andes*. London: MacMillan and Co. Limited. vol. II. 1908. Disponível em: <<https://archive.org/details/notesofbotanisto00spruuoft/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

⁴⁹ LIMA, Carla Oliveira de. *A Amazônia nos caminhos da História Natural. 13º Seminário nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.13snhct.sbhca.org.br/resources/anais/10/1344992458_ARQUIVO_TEXTOSBHCA.R.W.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2017. p. 12.

⁵⁰ MORAES, Alice Ferry de. A oferta informacional das hemerotecas. *CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 2002, Fortaleza, Anais. Fortaleza:

sociedades nas quais estão inseridos, ainda que revelem apenas uma parcela da realidade. É preciso frisar que, ainda que o desenvolvimento da imprensa no Brasil tenha enfrentado obstáculos como a baixa escolaridade da população e o alto preço do maquinário necessário, foram publicados importantes e longevos periódicos durante o século XIX⁵¹.

Na Biblioteca Nacional, a coleção de periódicos é a mais antiga e completa no país⁵² e, atualmente, é possível ter acesso a um grande número de material digitalizado na página da Hemeroteca Digital⁵³. Segundo Giordano, a Hemeroteca Digital brasileira apresenta um nível de desenvolvimento tecnológico e qualidade semelhante ao das hemerotecas digitais de bibliotecas nacionais de países como o Reino Unido, França e Estados Unidos⁵⁴ e a variedade e qualidade do material disponibilizado representa uma rica fonte documental para pesquisadores.

Um dos principais desafios na investigação sobre a sociabilidade do trabalho científico de campo realizado por naturalistas viajantes é a raridade e dificuldade em se localizar fontes primárias de autoria de membros da população local. Em alguns casos, como no de populações indígenas com as quais Bates teve contato ou com escravos e indivíduos iletrados, a mera existência de registros textuais é uma improbabilidade. Como já afirmado outrora por Ginzburg:

Ainda hoje a cultura das classes subalternas é (e muito mais, se pensarmos nos séculos passados) predominantemente *oral*, e os historiadores não podem se pôr a conversar com os camponeses do século XVI (além disso, não se sabe se os compreenderiam). Precisam então servir-se sobretudo de fontes escritas (e eventualmente arqueológicas) que são duplamente indiretas: por serem *escritas* e, em geral, de autoria de indivíduos, uns mais outros menos, abertamente ligados à cultura dominante. Isso significa que os pensamentos, crenças, esperanças dos camponeses e artesãos do passado chegam até nós através de filtros e intermediários que os deformam.⁵⁵

Refletindo sobre esta questão, Ginzburg propôs que o historiador buscasse por sinais ou indícios⁵⁶ que o permitiriam alcançar aquilo que não está explicitamente dado na realidade. O

FEBAB, 2002. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/5961/1/12%20CBBDD%20-%20A%20oferta%20informativa%20das%20hemerotecas.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

⁵¹ Cf. MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 530p.; PINHEIRO, Rachel. *O que nossos cientistas escreviam: algumas das publicações em ciências no Brasil do século XIX*. 2009. 227p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287016>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

⁵² GIORDANO, Rafaela Boeira. *Do jornal à ciência: a Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica*. Tese. Doutorado em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016. 239p. p. 190.

⁵³ A página pode ser acessada em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁵⁴ GIORDANO, Rafaela Boeira. *Do jornal à ciência. op. cit.* p. 226.

⁵⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 2006. p. 13.

⁵⁶ Cf. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

mesmo obstáculo encontrado por Ginzburg em sua análise da vida do moleiro friulano Menocchio aparece, também, quando tentamos observar as relações de indígenas, escravos e populações ribeirinhas com viajantes naturalistas estrangeiros. Desta forma, cria-se o desafio de deslocar-se do viés impresso pela cultura europeia nos relatos dos viajantes. Como afirmou Da Cruz:

De partida, assumimos que todo viajante, de uma forma ou outra, fala de si. Por mais pretensão que o registro de viagem tenha a uma suposta objetividade, ele é permeado pela visão de mundo do viajante e, mais do que isso, assinala de que perspectiva ele se coloca ao descrever o universo que o rodeia. Para desvendar esses aspectos, entretanto, é preciso valorizar os detalhes, ir além do que intencionalmente foi colocado em primeiro plano e especular a pretexto da observação passageira, do comentário casual, dos silêncios, dos “testemunhos involuntários”, como afirma Marc Bloch.⁵⁷

De forma semelhante, Pratt inclui os livros de viagem publicados por viajantes europeus como um dos elementos do euroimperialismo, apontando que muitas vezes estes relatos ajudavam a naturalizar, para o público leitor, ideias de expansão territorial e exploração material metropolitanas. Ademais, a autora identifica nestes relatos a construção de uma concepção identitária europeia dualista, que se baseava fortemente na oposição entre o desenvolvimento e o estado civilizatório Europeu e o atraso e barbarismo de outros povos. No entanto, atentando para a circularidade do conhecimento compartilhado nas relações entre viajantes e habitantes locais, Pratt questionou:

Em que medida as construções europeias sobre outros subordinados teriam sido moldadas por estes últimos, através da construção de si próprios e de seu ambiente, tal como eles os apresentaram aos europeus? Poderia o mesmo ser dito de seus modos de representação? Se a metrópole imperial tende a ver a si mesma como determinando a periferia (seja, por exemplo, no brilho luminoso da missão civilizatória ou na fonte de recursos para o desenvolvimento econômico), ela é habitualmente cega para as formas como a periferia determina a metrópole – começando, talvez, por sua obsessiva necessidade de continuamente apresentar e re-apresentar para si mesma suas periferias e os “outros”.⁵⁸

Domingues, por sua vez, ao destacar a “teatralidade” da representação contida nos relatos dos viajantes, também elencou algumas de suas qualidades que os tornam ricas fontes de informação para historiadores. Segundo a autora:

É inegável que a noção que cada grupo tinha da sua identidade cultural moldou a sua percepção dos outros e isto, por sua vez, levou à auto-compreensão de cada grupo. Ora nesse sentido, a literatura de viagens e a informação a ela associada, seja ela de natureza textual ou visual (cartográfica, iconográfica ou tridimensional), é também um “teatro”, uma encenação dentro de outra

⁵⁷ DA CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 36, p. 61-98, 2002. p. 76.

⁵⁸ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. São Paulo: EDUSC, 1999. 394p. p. 31.

encenação, que reflecte sobre o mundo, os sistemas do poder, a edificação de impérios, a dominação do mundo e a hegemonia, e que verte essas estruturas e referências mentais na informação produzida.⁵⁹

No caso específico do Brasil, que recebeu um grande número de viajantes ao longo de sua história, é particularmente interessante atentar para o legado iconográfico e literário deixado pelos viajantes que aqui estiveram. Embora seus relatos apresentem, sempre, um Brasil visto e pensado por outros, como afirmou Belluzzo⁶⁰, a importância de suas observações para a história brasileira se mantém relevante.

Em consonância com esta ideia está a percepção de Revel⁶¹ que, em seu exame sobre as relações entre os intelectuais e a cultura “popular” na França, apontou para a sensação de estranheza que os primeiros sentiam ao observar a cultura das camadas populares. O autor percebeu, ainda, a existência de um amálgama entre a observação e o imaginário social inerente aos relatos produzidos nesta situação, e afirmou:

Qualquer que seja sua origem, as testemunhas e os comentadores eruditos das realidades populares têm em comum falar de um conjunto cultural que lhes é estranho; eles evocam um mundo diferente, em relação ao qual eles têm a tendência de sublinhar a coerência de sua própria cultura. Os textos que eles nos deixaram misturam obstinadamente, portanto, dois registros que, frequentemente, são muito difíceis de distinguir: a observação (em um sentido muito amplo) e o imaginário social no interior do qual eles mesmos se situam, pelo menos implicitamente. Por outro lado, quando fazem uso de um saber para descrever, explicar, classificar, julgar as práticas populares, aqueles que nos conservaram esses rastros parecem ter em comum o fato de se referir, mais ou menos explicitamente, a formas de autoridade que os investem de um tipo de magistratura social e cultural (notemos, além disso, que essas autoridades podem revelar-se, às vezes, concorrentes e até contraditórias).⁶²

As estratégias discursivas utilizadas pelos naturalistas para a consolidação de identidades, tanto para si, quanto para aqueles com quem se deparavam, também foram analisadas por Lisboa⁶³. A autora assinalou, particularmente, como a literatura de viagem auxiliou na criação de concepções de centro e periferias. Vale ressaltar, nesta mesma linha, a

⁵⁹ DOMINGUES, Angela. Oficiais, cavalheiros e concorrentes: o “Brasil” nas viagens de circum-navegação do século das Luzes. *Revista de Índias*, vol. LXXIII, nº 258, 2013, p. 365-398. Disponível em: <<http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/viewFile/928/1001>>. Acesso em: 22 set. 2018. p. 376.

⁶⁰ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito do Brasil dos viajantes. *Revista USP* (30), 6-19, São Paulo: USP, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i30p6-19>>. Acesso em: 29 nov. 2018.; Ver também BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

⁶¹ REVEL, Jacques. O inverso das Luzes: os intelectuais e a cultura “popular” na França (1650-1800). In: REVEL, Jacques (org.) *A invenção da sociedade*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 139-162.

⁶² *Ibidem*. p. 140.

⁶³ LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.; e também em LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. *Taxonomia e sentimento. Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, p. 179-194, jan/jun 2009.

obra clássica de Said⁶⁴, onde o autor analisou as estratégias de construção de uma ideia de “Oriente” e “oriental” pelo Ocidente. De forma semelhante, Gondim⁶⁵ analisou a criação de uma concepção sobre a Amazônia como parte da ideia de Novo Mundo, na qual identificou o predomínio do olhar de cronistas estrangeiros neste processo. Na mesma linha, Bueno⁶⁶ acompanhou a criação de um imaginário sobre a Amazônia não apenas por viajantes estrangeiros, mas também a partir do jornalismo, da ficção, de livros didáticos e de políticas estatais para a região.

Talvez o principal exemplo que demonstra a necessidade de não tomar os relatos dos viajantes como testemunhos imparciais da realidade e atentar para as estratégias utilizadas por seus autores, é a *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale*, publicado por Charles Marie de La Condamine (1701-1774) em 1745. Como apontou Safier⁶⁷, o viajante francês construiu a sua obra juntando às suas próprias observações trechos apropriados de relatos publicados por outros autores, alguns copiados quase literalmente. No entanto, este tipo de estratégia de reprodução de relatos parece não ter se limitado ao caso do viajante francês, pois como salientaram Kury, Sá e Lima:

Os viajantes foram os primeiros a sistematizar informações sobre a América portuguesa. As primeiras sínteses sobre a história local, sobre os habitantes do país e os recursos naturais existentes nessas terras provém da literatura de viagens. Até o século XIX – e mesmo no XX – os relatos de viajantes formaram um *corpus* documental constituído por temas recorrentes, onde um autor lia o outro, misturando em seu texto, muitas vezes sem indicação, experiências vividas e dados relatados por outros autores.⁶⁸

Tendo ciência, portanto, que inevitavelmente os relatos de viagem possuem as marcas de seus autores, cabe ao pesquisador atentar para as interpretações e análises possíveis. Neste sentido, ter acesso a outros documentos redigidos pelo mesmo autor, como correspondências e cadernos de anotações, e comparar diferentes edições de uma mesma publicação, são algumas das estratégias que podem auxiliar na pesquisa. Ter acesso a relatos publicados por outros viajantes e notícias publicadas em periódicos contemporâneos também são ferramentas úteis

⁶⁴ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁶⁵ GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

⁶⁶ BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. 187p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11052004-103058/publico/Dissertacao_Magali_Saber_USP.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

⁶⁷ SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 29, nº 57, jan.-jun. 2009, p. 91-116. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882009000100004>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

⁶⁸ KURY, Lorelai Brilhante; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. *A ciência dos viajantes*. op. cit. p. 7.

para permitir encontrar diferentes pontos de vista. Da mesma forma, inserir os personagens em seus contextos sociais e culturais é uma etapa fundamental para alcançar uma melhor compreensão sobre suas motivações e interpretações acerca daquilo que observaram e relataram.

ESTRUTURA DE CAPÍTULOS

Antes de investigar a viagem de Bates ao Brasil, é preciso, primeiramente, compreender a importância de uma expedição científica e do trabalho de coleta de espécimes em campo para a História Natural Oitocentista. A segunda metade do século XIX foi um período rico em expedições naturalistas lançadas ao redor do mundo, sendo o Brasil um destino de destaque entre aqueles mais cobiçados entre os viajantes. Foi, também, uma época de debate intenso sobre grandes controvérsias científicas. O Reino Unido, em franca expansão imperialista durante este século, foi uma das principais nações a lançar viajantes para explorar terras em outros continentes fora da Europa. Naturalistas como Bates e Wallace fazem parte de uma longa tradição científica britânica, e foram alguns dos mais importantes britânicos a visitar a Amazônia. Assim, no primeiro capítulo, serão identificadas algumas das principais características destas expedições, com especial destaque para a sociabilidade do trabalho de campo, discutida a partir das pesquisas de alguns dos principais autores que fundamentam os pressupostos desta tese.

Em seguida, no segundo capítulo, é preciso olhar para o homem, principalmente antes da viagem. Segundo afirmou Bourguet:

Em vez de se lançar no vazio, o explorador sabe o que deve procurar, o que pretende encontrar. Antes de seguirmos os seus passos, convém vermos primeiro o panorama político, econômico e mental que idealizou a sua partida.⁶⁹

Desta forma, o capítulo é dedicado a uma análise biográfica sobre o viajante de Leicester. Ao observar o contexto em que se deu sua formação antes da viagem ao Brasil, será possível compreender melhor os motivos de sua viagem, seus objetivos científicos no país, e as influências que moldaram o seu pensamento científico enquanto observava a natureza brasileira. Para isso, além dos documentos e correspondências encontrados nas instituições britânicas citadas anteriormente, também é possível recorrer a algumas de suas biografias e homenagens publicadas após sua morte, como o breve relato publicado pelo antropólogo e

⁶⁹ BOURGUET, Marie-Noëlle. O explorador. In: VOVELLE, Michel (dir.). *O Homem do Iluminismo*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 212.

amigo pessoal do viajante, Edward Clodd (1840-1930)⁷⁰. No mesmo ano, a *Royal Geographical Society* publicou um volume de seu periódico no qual foram incluídos testemunhos de diversos de seus membros sobre Bates, que havia atuado como secretário assistente na sociedade⁷¹. Já no século XX, merece destaque a biografia publicada por Moon, fruto de uma extensa pesquisa realizada por ocasião da inauguração de uma placa comemorativa à dupla Bates e Wallace na cidade de Leicester⁷². Também é interessante ressaltar a curta biografia publicada por Lee, uma descendente distante de Bates, pelas informações que contém sobre outros membros da sua família⁷³. As biografias mais importantes, no entanto, foram publicadas posteriormente por Crawforth, que transformou sua tese de doutorado⁷⁴ em um livro publicado em 2009⁷⁵, por Woodcock⁷⁶ e por Hemming⁷⁷.

O terceiro capítulo, por sua vez, focaliza o período compreendido entre os anos de 1848 e 1859, isto é, a duração de sua viagem pelo Brasil. A partir, principalmente, do seu relato de viagem e das informações em seus cadernos de anotações, é possível acompanhar o deslocamento do naturalista pelo país, identificando alguns momentos chave de sua jornada, os principais locais que visitou e as estratégias utilizadas para manter sua expedição. Ao acompanhar sua viagem, poderemos observar de que forma se desenvolvia uma expedição científica pela região norte e nordeste do Brasil, em meados do século XIX, e como era realizado o trabalho científico de coleta de espécimes. Será interessante, também, comparar a trajetória de sua passagem pelo Brasil com aquela realizada por outros viajantes próximos, como Wallace, que o acompanhou durante os meses iniciais de estadia no país, e Edwards, cujo livro de viagem serviu de inspiração para a dupla. Ao observar a viagem de Bates, também é interessante acompanhar em que medida o naturalista reuniu as informações que o levaram a desenvolver uma teoria sobre o mimetismo.

No quarto capítulo, após conhecer em maiores detalhes a expedição e os seus resultados, a atenção recai sobre os aspectos humanos da viagem e na sociabilidade do trabalho de campo,

⁷⁰ CLODD, Edwards. *Memoir*. In: BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. London: John Murray, 1892. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonri00bate>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

⁷¹ ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Obituary: Henry Walter Bates, F. R. S. Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*. New Monthly Series. Vol. 14, nº 4, abril 1892, pp. 245-257. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1801515>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

⁷² MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.*

⁷³ LEE, Monica. *300 Year Journey: Leicester naturalist Henry Walter Bates, F.R.S. and his family. 1665-1985*. Hampstead: Havant, 1985. 108p.

⁷⁴ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.*

⁷⁵ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.*

⁷⁶ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, Naturalist of the Amazons. op. cit.*

⁷⁷ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. Wallace, Bates and Spruce in the Amazon*. New York: Thames & Hudson Inc. 2015. 368 p.

atentando para os relacionamentos entre Bates e os habitantes locais. A partir das fontes primárias, particularmente do livro de viagem publicado pelo naturalista, foi possível identificar um total de 221 indivíduos mencionados por Bates nos dois volumes da primeira edição de seu relato. Assim, ao longo deste capítulo, estes indivíduos foram identificados a partir da narrativa do naturalista, com informações adicionadas sendo buscadas em periódicos da época. O grande número de indivíduos relacionados em seu livro, somados à grande quantidade de informações registradas por Bates sobre os mesmos, constitui um dos principais desafios de pesquisa. Ao longo de sua estadia no país, Bates teve contato com indivíduos de toda a sorte, origens e classes sociais, e recebeu auxílios que variaram desde locais de hospedagem até a contribuição direta com a coleta de espécimes e com informações sobre a natureza local. Ao focar nos seus relacionamentos com a população local, serão identificados quais foram os principais colaboradores de Bates, segundo o próprio naturalista, e de que forma contribuíram para a sua expedição.

O quinto capítulo é reservado para a análise da rede de colaboradores de Bates, com base em alguns aspectos desenvolvidos em pesquisas de análise de redes sociais (*social network analysis*). A análise de redes sociais possui já uma longa tradição na Sociologia e na Antropologia, mas também já foi utilizada por autores em pesquisas históricas. Desde os sociogramas de Jacob Levy Moreno (1889-1974), a análise de redes sociais tem utilizado de ferramentas e metodologias para a criação de gráficos que permitem aos pesquisadores novas formas de leitura, análise e apresentação da informação. Assim, o capítulo se inicia com uma breve análise sobre a história da análise de redes, destacando suas principais vantagens e apresentando algumas pesquisas em ciências humanas e sociais que aplicaram com sucesso tanto a análise de redes, quanto técnicas de visualização gráfica. Em seguida, é utilizado um programa de visualização de redes sociais para criar uma representação visual da rede de colaboradores de Bates no Brasil. Desenvolvido na Universidade de Tecnologia de Compiègne, na França, o *Gephi* é um dos principais *softwares* de análise de redes utilizados atualmente na análise de redes, sendo utilizado em diversas pesquisas nas áreas de ciências humanas, como no projeto *Mapping the Republic of Letters*, da Universidade de Stanford⁷⁸ e também em minha pesquisa anterior durante o mestrado⁷⁹. O programa é uma ferramenta de criação de gráficos, no qual o pesquisador insere as informações retiradas das fontes textuais sobre a rede que deseja analisar e cria, a partir destas informações, um gráfico ilustrativo da rede em questão. O *Gephi* oferece, assim, ao pesquisador, uma ferramenta visual para visualizar e apresentar os resultados

⁷⁸ O projeto pode ser conhecido em sua página oficial, em <http://republicofletters.stanford.edu/>

⁷⁹ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis. op. cit.*

de sua pesquisa, funcionando como uma ferramenta de visualização e não de interpretação dos dados. A partir das informações extraídas do livro de viagem de Bates e da identificação dos 221 indivíduos nele mencionados, será criado um gráfico representativo da rede social envolvida na expedição de Bates pelo Brasil. O gráfico gerado é, então, utilizado como uma leitura complementar à análise textual realizada no capítulo quatro.

Por fim, as considerações finais contêm um resumo da relevância do trabalho científico de Bates, atentando, especificamente, para a importância de sua viagem ao Brasil para a consolidação de sua carreira como naturalista. A partir das informações encontradas durante a pesquisa, foi possível descobrir que Bates foi não apenas um destacado naturalista viajante, mas também um exímio entomólogo e uma figura central na relação da *Royal Geographical Society* com outras sociedades científicas britânicas do século XIX. Chegando à conclusão de que a viagem foi um ponto central em sua carreira, refletimos sobre a importância das relações e contribuições de seus colaboradores no Brasil para o êxito da empreitada.

CAPÍTULO 1

A SOCIABILIDADE DO TRABALHO NATURALISTA DE CAMPO

Viagens científicas como as realizadas por Bates e Wallace eram, além de etapas fundamentais para o conhecimento científico da natureza, uma etapa inicial na formação de jovens naturalistas e na transformação da natureza em ciência⁸⁰. Com o trabalho de coleta de espécimes, funcionavam, também, como um dos estágios na transformação de riquezas naturais em *commodities* comercializadas, principalmente, no mercado Europeu.

Já desde o século XVI⁸¹, pelo menos, eram publicados manuais de instruções que previam as maneiras mais eficientes para viajar, observar, coletar, preservar e descrever espécimes e realizar observações geológicas, astronômicas, antropológicas, dentre outras. O conhecimento em História Natural, no século XIX, dependia de duas atividades distintas: do trabalho de pesquisa e coleta em campo, e das investigações, comparações e descrições realizadas em gabinetes nas principais instituições científicas. Em outras palavras, dependia de dois tipos de pesquisadores: o naturalista de gabinete e o naturalista viajante, “aquele que decidiu ver com os próprios olhos”⁸², embora existissem aqueles, como Wallace, Bates, Agassiz e Darwin, tenham desempenhado ambos os papéis. A atividade científica dependia, ainda, de uma rede extensa de colaboradores, como se pretende mostrar ao longo desta tese, ao analisar o caso específico de Bates.

A viagem era uma etapa fundamental da atividade científica, pois garantia a coleção de espécies variadas para serem posteriormente estudadas nos gabinetes das principais instituições científicas, onde era possível ter acesso a elas sem a necessidade de enfrentar as dificuldades oferecidas por longas viagens. A distância entre alguns armários ou gavetas era suficiente para permitir aos naturalistas o acesso a espécies nativas dos quatro cantos do mundo, facilitando assim o seu estudo e comparação. Como afirmou Latour:

A comparação de todas as aves do mundo sinoticamente visíveis e sincronicamente reunidas lhes dá uma enorme vantagem sobre quem só pode

⁸⁰ KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil Oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, p. 863-880. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500004>>. Acesso em: 28 nov. 2018. p. 865.

⁸¹ ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo*. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/FredericoAbdalla.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2016.; Ver também RAJ, Kapil. Surgeons, fakirs, merchants and craftsmen: making L’Empereur’s Jardin in early modern South Asia. In: RAJ, Kail. *Relocating modern Science*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 27-59.

⁸² KURY, Lorelai Brilhante; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. *A ciência dos viajantes: natureza, populações e saúde em 500 anos de interpretações do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2000. [Catálogo de Exposição] 48p. p. 8.

ter acesso a algumas aves vivas. A redução de cada ave se paga com uma formidável amplificação de todas as aves do mundo.⁸³

O primeiro passo, portanto, para a realização dos estudos em gabinete, era a viagem e a coleta de espécimes. Era preciso que um viajante se dispusesse a ir em campo fazer as observações e coletas necessárias para dar partida ao trabalho científico, e que estivessem dispostos a adentrar em locais ainda pouco explorados pela ciência europeia. Deveriam, ainda, se relacionar com os habitantes locais para conseguir o auxílio indispensável para a reunião de informações que seriam registradas em diários e publicadas em livros de viagem. Já suas coleções, eram enviadas geralmente enviadas para instituições científicas, para que seus espécimes fossem observados e comparados com outros semelhantes e com as descrições já publicadas. Assim, construía-se conhecimento científico sobre animais e plantas de todo o mundo.

Desta forma, é possível identificar dois momentos distintos na prática científica do século XIX: uma primeira etapa de coleção de espécimes durante as viagens, e uma etapa posterior de descrição, sistematização e comparação, realizada nas instituições que recebiam o material enviado pelos viajantes. Para compreender a complementaridade destas duas etapas na produção do conhecimento científico, vejamos um trecho de uma carta enviada do Brasil por Bates ao companheiro Wallace, quando este já se encontrava no arquipélago Malaio:

What you say about the similarity of the species between Malacca & several of the islands of the archipelago [...] suggests the hypothesis that Central S. America is a region of elevation – formerly consisting of islands long isolated & containing separate Faunas – whilst the Eastern archipelago is a region of depression with its opposite results – but I really do not know if the archipelago is known by geologists to be of this character – *without having the comparisons of the European collections from different countries I can form no satisfactory idea as these subjects – and this is a motive which will induce me to make a voyage to England before long.*⁸⁴

Embora complementares, as práticas científicas de campo e de gabinete possuíam diferenças e particularidades. Uma das principais características da ciência praticada em campo era sua flexibilidade, permitindo que o trabalho de coleta de espécimes não fosse prerrogativa apenas de naturalistas com formação acadêmica, mas também pudesse ser realizado por

⁸³ LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Tradução Marcela Mortara. Porto Alegre: Sulina, p. 39-63. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/64-JACOB-BIBAL-POR.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2018. p. 5.

⁸⁴ BATES, Henry Walter [Carta] 19 nov. 1856. Tunantins, Upper Amazons. [para] WALLACE, Alfred Russel. Singapore. 8f. Sobre as observações científicas dos dois naturalistas nos países onde se encontravam. In: *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855*. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017. p. 66. Grifo nosso.

amadores, diplomatas, militares, mercadores, e habitantes locais. Assim, para compreender as viagens científicas empreendidas por naturalistas viajantes ao longo do século XIX, é preciso atentar tanto para os contextos culturais, políticos e econômicos mais amplos nas quais estavam inseridas, quanto para as relações sociais que as tornavam possíveis.

De acordo com Camerini⁸⁵, manter boas relações pessoais com os habitantes locais era uma estratégia eficiente para garantir apoio na coleta de espécimes em campo. Para o naturalista viajante, a interação com a população local constituía-se em um elemento crucial para o sucesso de sua expedição científica. A experiência ao longo de anos de vivência na região, conhecendo e sobrevivendo de suas riquezas naturais, além da participação nas redes sociais locais, fazia com que a cooperação destes habitantes se tornasse inestimável para os viajantes. Relacionar-se com a população se tornava, assim, uma tarefa essencial para maximizar as oportunidades de sucesso da expedição. O trabalho científico realizado em campo durante as viagens envolvia habilidades e atividades distintas da pesquisa de gabinete. Segundo Lopes⁸⁶, o campo requer um conjunto de práticas diferentes daquelas exercidas em ambientes controlados como gabinetes e laboratórios, exigindo do viajante estar atento para as regras de sociabilidade dos contextos específicos em que estão inseridos. Ao observar a diferença entre as práticas de campo e as de gabinete, Abdalla afirmou que:

Ao contrário dos cientistas de gabinete, o viajante-naturalista operava basicamente em campo e isso acabava por exigir uma série de habilidades especiais para o cumprimento de sua tarefa. Além da capacidade intelectual de reconhecer na natureza os objetos de maior importância científica, ser arguto observador, hábil escritor e eficiente técnico no preparo e remessa dos espécimes, o viajante também deveria possuir um conjunto de atributos do corpo e da mente indispensáveis para a própria sobrevivência na hostilidade da natureza.⁸⁷

Entre as habilidades indispensáveis aos viajantes certamente uma das mais importantes era a capacidade de fomentar uma rede de contatos que incluísse a população local e indivíduos capazes de auxiliá-los com conhecimentos sobre as regiões. Por este motivo, o aconselhamento sobre como interagir com as populações locais figurava em destaque nos principais manuais e instruções dedicadas aos viajantes. Segundo Abdalla:

Durante o processo de investigação natural de um território, o viajante também acabaria tendo que estabelecer relações com a população local. Novamente, as instruções procuravam antecipar os termos desse contato e orientavam o viajante acerca desse procedimento. As formas de comunicação, o aprendizado da língua estrangeira (ou a sua recusa), a adaptação aos costumes

⁸⁵ CAMERINI, Jane. *Wallace in the field*. *op. cit.* p. 45.

⁸⁶ LOPES, Maria Margaret. Viajante pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2001, p. 881-897. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500005>>. Acesso em: 28 nov. 2018. p. 883.

⁸⁷ ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído*. *op. cit.* p. 135.

e os meios de obter informações formavam direções para a sobrevivência e o bom êxito da expedição que antecederiam os manuais antropológicos do século XIX. A população nativa dos territórios investigados era solicitada a colaborar de maneira efetiva no desenrolar prático da viagem e no (re)conhecimento da geografia local e dos espécimes da natureza. As instruções muitas vezes orientavam os viajantes para que atentassem rigorosamente aos costumes e práticas locais, pois os habitantes também poderiam fornecer informações sobre os costumes das populações, as condições de acesso a determinados locais, os nomes de plantas, animais (e seus respectivos usos medicinais e alimentares), além de servirem de contingente humano para o avanço sobre fronteiras pouco ou nada conhecidas. A atuação de alguns indivíduos, anônimos ou não, acabou exercendo um papel nas viagens-científicas muito mais importante do que por muito tempo se imaginou e, como mostram as instruções, já estava prevista dentro de um campo prático e intelectual de atuação.⁸⁸

Contudo, é preciso enfatizar que os naturalistas não compunham um grupo homogêneo e que existiam muitas diferenças entre suas expedições. Enquanto alguns, como Agassiz, contavam com grande infraestrutura, financiamento e apoio governamental, e outros, como algumas situações no caso de Darwin, contavam com apoio militar, indivíduos como Bates e Wallace precisavam se adaptar aos seus recursos limitados. De forma semelhante, estas diferenças implicavam em maneiras distintas de se relacionar com a população local. De maneira geral, entretanto, as relações entre viajantes e habitantes locais eram profundamente assimétricas, como apontou Subrahmanyam⁸⁹. A mentalidade imperialista europeia na qual estavam inseridos muitos dos estrangeiros acentuava os tons da exploração material e intelectual que por vezes caracterizavam as expedições. É difícil encontrar, por exemplo, viajantes que tenham deixado coleções de História Natural com instituições ou naturalistas dos países visitados, mesmo quando suas coletas haviam sido abundantes em duplicatas. O vasto acervo natural reunido era, normalmente, levado de volta com os próprios viajantes para enriquecerem museus, gabinetes de curiosidades, jardins e coleções privadas, particularmente na Europa.

A posse destas coleções se traduzia, simbolicamente, não apenas como posse de conhecimento sobre a natureza, mas como signos do domínio imperial sobre nações consideradas atrasadas, bárbaras ou selvagens. Funcionavam, ainda, como testemunhos das potencialidades naturais e econômicas das regiões de onde foram retiradas, justificando a necessidade de sua exploração a partir da conquista do território e da implantação de postos coloniais. Coleções de objetos exóticos apropriadas de países distantes transformavam-se em

⁸⁸ *Ibidem.* p. 14.

⁸⁹ SUBRAHMANYAM, Sanjay. Between a rock and a hard place: some afterthoughts. In: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820.* Massachusetts: Science History Publications, 2009, p. 429-440.

uma forma de atestar, publicamente, o poderio imperial de uma nação por meio de sua capacidade científica, provando ao mesmo tempo o seu pertencimento ao conjunto das nações consideradas civilizadas⁹⁰. Segundo Browne⁹¹, o simbolismo imperialista estava presente não apenas de forma latente, mas explícita, inclusive, no vocabulário e nas metáforas utilizadas por naturalistas para descrever a distribuição geográfica de animais e plantas. A utilização do termo “colônia” significando a reunião de grupos de animais e plantas figura, segundo a autora, como uma das palavras mais utilizadas por naturalistas britânicos do início do século XIX em suas publicações⁹². É possível perceber, portanto, que a História Natural foi fortemente influenciada pelo contexto do expansionismo dos grandes impérios Oitocentistas, além de também possuir marcas impressas por valores oriundos da Ilustração, do Romantismo, da Teologia, e de outras correntes culturais dominantes na Europa do século XIX.

Embora marcados pela assimetria, os relacionamentos entre viajantes e habitantes locais muitas vezes se mostravam essenciais não apenas para o trabalho científico, mas também para a própria sobrevivência dos estrangeiros. Ao se observar os relatos de viagem, não são incomuns as narrativas sobre as mazelas causadas por doenças tropicais, até então desconhecidas pelos europeus. Nestas situações, o apoio dos habitantes, de suas práticas populares de cura e de seus conhecimentos sobre as propriedades medicinais da flora local tornavam-se imprescindíveis⁹³.

Em uma análise sobre as redes de informação entre a metrópole portuguesa e seus domínios coloniais, Domingues ressaltou a importância do conhecimento medicinal indígena, concluindo que:

De igual modo, os produtos medicinais indígenas que eram recolhidos, a mando do conde de Arcos na Bahia ou do bispo no Pará, iam acompanhados de pareceres elaborados pelos físicos-mores das capitânicas e destinavam-se a ser experimentados nos enfermos do Hospital Real Militar de Lisboa, sob a forma de xaropes, banhos, decocções, cozeduras ou emplastos. As madeiras da floresta amazônica ou dos sertões de Pernambuco, preparadas pelos índios e negros dos estaleiros do estado do Grão-Pará ou recolhidas pelo oficial Julião Álvares, eram enviadas a Lisboa para serem experimentadas no Arsenal Real do Exército e na construção naval e civil. De igual modo, no Laboratório Químico do Jardim Botânico da Ajuda purificavam-se as amostras de anil que chegavam da colônia americana, de forma a torná-lo mais perfeito e capaz de servir nas tinturarias.⁹⁴

⁹⁰ KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris : L'Harmattan, 2001.

⁹¹ BROWNE, Janet. *Natural History collecting and the Biogeographical tradition*. *op. cit.*

⁹² *Ibidem*. p. 315.

⁹³ SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire*. Harvard University Press, 2004.

⁹⁴ DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, pp. 823-838. Disponível em:

Percebemos, portanto, que os objetivos de uma viagem científica ultrapassavam a mera construção do saber sobre a natureza e também incluíam a apropriação de conhecimentos e tecnologias que poderiam ser utilizadas para a cura de doenças e para o desenvolvimento econômico, industrial e comercial dos países às quais estavam associadas. Quando chegavam em um local desconhecido, muitas vezes os viajantes procuravam, portanto, não apenas reunir as riquezas materiais disponíveis, mas também consultar e compilar a sabedoria local. Segundo Raj⁹⁵, este processo transformava o próprio conhecimento em uma espécie de mercadoria altamente valorizada que, para ser adquirida, dependia da interação social e da formação de redes de informantes.

No entanto, para que estas relações fossem possíveis o viajante precisava saber como se inserir em meio a uma dinâmica cultural e social distinta daquela de sua terra natal, na qual barreiras culturais e linguísticas eram alguns dos principais obstáculos. De acordo com Schiebinger⁹⁶, o principal motivo pelo qual viajantes europeus ganhavam acesso a apenas uma pequena parcela do conhecimento local era a falta de domínio sobre as línguas nativas. Um exemplo foi o caso do francês Nicolas L'Empereur (c. 1660-1742) analisado por Raj⁹⁷. Após tentar em vão fazer contato com os faquires que se banhavam diariamente no Rio Ganges por intermédio de tradutores, o viajante descobriu que apenas o tratamento direto na língua local levava os faquires a compartilhar seus segredos. Mesmo assim, segundo o relato encontrado por Raj⁹⁸ em uma das correspondências de L'Empereur, haviam sido necessários mais de dez anos até que pudesse adquirir a confiança de dois faquires que o informavam sobre as propriedades medicinais dos exemplares botânicos que havia coletado.

É possível observar, portanto, que coletar não apenas os espécimes, mas também informações sobre como a flora e a fauna eram utilizadas pelos habitantes locais constituía-se em uma etapa primordial para o usufruto econômico da natureza. Em uma situação semelhante, ao analisar a transferência de espécies botânicas entre a China e o Reino Unido, Fan observou:

Introducing a new plant involved much more than making a new find. Weather-beaten exotics and worm-eaten seeds did not automatically grow and thrive in English gardens. A successful transplantation required a package of data and practical knowledge about the plant. Soil, humidity, water, temperature, timing, light, preservation, and transportation, and a welter of other factors came into play; vital information was needed to ensure the survival and health of the plants. The information and descriptions of flowers

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500002>. Acesso em: 26 jul. 2016. p. 828.

⁹⁵ RAJ, Kapil. *Relocating modern science*. op. cit.

⁹⁶ SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire*. op. cit.

⁹⁷ RAJ, Kapil. *Relocating modern science*. op. cit.

⁹⁸ *Ibidem*. p. 41.

recorded in China helped botanists in Britain keep the plants alive, determine by comparison if they were growing properly, and cultivate different varieties. [...] The network of knowledge transmission – from the Chinese gardeners to the trader-naturalists and finally to the botanists in Britain – enabled the European scientists to reinterpret (for lack of a better term) “indigenous knowledge”, dissociating it from its original cultural context in China and then incorporating it into natural history.⁹⁹

O contato com os habitantes locais, no entanto, não era uma tarefa sem obstáculos. A partir dos relatos de diversos viajantes, podemos perceber, como o fez Camerini¹⁰⁰, que as reações dos habitantes aos estrangeiros geralmente misturavam sensações como medo, desconfiança, surpresa e curiosidade. Além das constantes indagações dos naturalistas acerca da natureza local, as atividades realizadas durante uma expedição científica, como a coleta e preservação de espécimes, o mapeamento geográfico, as medições meteorológicas e topográficas, as observações astronômicas, entre outras, muitas vezes causavam espanto pela novidade que representavam para a maioria da população. No livro sobre sua viagem ao Brasil, Wallace descreveu um exemplo das reações que causava enquanto trabalhava na casa que lhe havia sido cedida pelo Senhor Seixas, morador de Baião, nas margens do Rio Tocantins:

While preparing insects or skinning birds in the house, the window which opened into the street was generally crowded with boys and men, who would wait for hours, watching my operations with the most untiring curiosity. The constantly-repeated remark, on seeing a bird skinned, was, “Oh, the patience of the whites!” Then one would whisper to another, “Does he take all the meat out?” “Well, I never!” “Look, he makes eyes of cotton!” And then would come a little conversation as to what they could possibly be wanted for. “Para mostrar” (to show) was the general solution; but they seemed to think it rather unsatisfactory, and that the English could hardly be such fools as to want to see a few parrot and pigeon skins. The butterflies they settled much to their own satisfaction, deciding that they were for the purpose of obtaining new patterns for printed calicoes and other goods, while the ugly insects were supposed to be valuable for “remedies”, or medicine. We found it best quietly to assent to this, as it saved us a deal of questioning, and no other explanation that we could give would be at all intelligible to them.¹⁰¹

A curiosidade gerada pelas atividades de um naturalista em campo, associada com a dificuldade de comunicação causada pelas diferenças linguísticas, favoreciam a sensação de estranhamento. Por este motivo, em muitos casos as interações entre viajantes e habitantes locais se davam de forma simplificada e superficial. Serviços prestados e espécimes coletados eram, em muitos casos, pagos com bens materiais como tecidos, objetos de metal ou bebidas

⁹⁹ FA-TI, Fan. *Science in a Chinese entrepôt*. *op. cit.* p. 73.

¹⁰⁰ CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field*. *op. cit.*

¹⁰¹ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley*. Londres: Reeve and Co., 1853. 597 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/narrativeoftrave00wall>>. Acesso em: 27 jul. 2016. p. 42.

alcólicas. Segundo Camerini¹⁰², os aspectos comerciais destas relações poderiam contribuir para aumentar a desconfiança já exibida pelos habitantes locais, ressaltando, portanto, a importância em se conquistar a confiança dos indivíduos com quem o viajante se relacionava.

Saber cultivar relações sociais se tornava, então, uma das habilidades mais necessárias aos naturalistas viajantes. Diversos autores¹⁰³ apontam, ainda, para casos em que os habitantes locais mantinham segredos sobre aquilo que conheciam. Em muitas situações, as informações requisitadas pelos viajantes eram importantes para a economia local e, por isso, não eram facilmente compartilhadas. No Arquipélago Malaio, por exemplo, a venda de aves-do-paraíso mantinha economicamente toda uma rede de caçadores, que dependia do conhecimento dos hábitos e habitats naturais das aves para poder capturá-las e posteriormente vendê-las aos viajantes. Logo, colaborar para o conhecimento científico destas aves poderia significar potencialmente prejudicar sua forma de sustento. Em sua pesquisa, Camerini¹⁰⁴ observou que a única maneira pela qual Wallace pôde ter acesso ao conhecimento sobre as aves-do-paraíso foi devido a mediação de Ali, jovem malaio que atuava como seu ajudante pessoal e que intermediou seu contato com os caçadores. A relação entre Wallace e Ali, segundo a autora, foi fundamental para o sucesso da expedição. Devido as experiências compartilhadas durante a jornada, a aproximação entre os dois fomentou a confiança, o respeito e o afeto recíprocos, que culminaram com a adoção do sobrenome Wallace pelo jovem malaio.

Não foram raros os casos de indivíduos que, como Ali, atuaram como mediadores entre os viajantes e outros habitantes locais, não apenas facilitando, mas permitindo uma interação que, sem a sua presença, poderia ser impossível. Os termos *go-between* e *broker* aparecem como os principais denominadores para este tipo de indivíduo envolvido com as expedições científicas na literatura acadêmica de língua inglesa. De acordo com Subrahmanyam¹⁰⁵, o *go-between* é um intermediário capaz de se movimentar por diferentes mundos – sejam eles culturais, sociais ou linguísticos – articulando, assim, relações entre duas partes encontradas em conflito. Segundo o autor:

The go-between is born of this transactional friction. The go-between is thus the third party in a transaction where the two other parties – the principals of

¹⁰² CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field. op. cit.*

¹⁰³ Cf. CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field. op. cit.*; SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire. op. cit.*; NIETO-GALAN, Augustí. Under the banner of Catalan industry. In: SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (ed.) *Travels of learning. A geography of science in Europe*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003, p. 189-212.; BELMAR, Antonio García; SÁNCHEZ, José Ramón Bertomeu. Constructing the centre from the periphery. In: SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (ed.) *Travels of learning. A geography of science in Europe*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003, p. 143-188.

¹⁰⁴ CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field. op. cit.*

¹⁰⁵ SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Between a rock and a hard place. op. cit.*

the transaction, if one will, and who may be individuals or larger entities – are themselves incapable of completing it in the absence of mediation.¹⁰⁶

O termo *go-between*, segundo Schaffer *et al*¹⁰⁷, tem sua origem em manuais de conduta do século XVIII, onde faziam referência àqueles indivíduos responsáveis por intermediar o encontro entre casais. Assemelha-se, assim, ao significado do termo *matchmaker*. Seu sentido teria começado a ser ampliado quando, em 1791, Edmund Burke (1729-1797), que tinha ampla experiência como membro do parlamento britânico, transportou o termo para o contexto político, afirmando que o mundo era governado pelos *go-between*. O termo passava a designar, assim, personagens como espiões, mensageiros e tradutores. Ao longo dos anos, a questão da tradução se apresentou como um dos pontos centrais na identificação dos *go-between*, embora não seja o único. Raj¹⁰⁸ inclui, ainda, na categoria de *go-between* não apenas os responsáveis pela tradução linguística, mas todos os indivíduos envolvidos em algum tipo de mediação onde há a troca de informações, como intérpretes, tradutores, mercadores, banqueiros e informantes.

É possível perceber, portanto, que a historiografia sobre as viagens científicas tem, ultimamente, chamado atenção para o papel dos auxiliares dos naturalistas como intermediários ou mediadores¹⁰⁹, embora seja possível encontrar a utilização de diferentes terminologias para se referir a atuação destes indivíduos. Em língua portuguesa, embora a literatura disponível ainda seja menos numerosa, podemos identificar na prolífica produção que tem sido publicada em anos recentes, a utilização de termos como auxiliares, colaboradores e informantes¹¹⁰. Esta diferença em terminologia por vezes se dá para diferenciar entre diferentes níveis de envolvimento com as expedições ou os diferentes tipos de contribuições aos viajantes. O desafio terminológico se dá, principalmente, pela heterogeneidade do grupo de indivíduos que se

¹⁰⁶ *Ibidem*. p. 430.

¹⁰⁷ SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. op. cit.* p. ix.

¹⁰⁸ RAJ, Kapil. Mapping knowledge go-betweens in Calcutta, 1770-1820. pp. 105-150. IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

¹⁰⁹ Cf. RAJ, Kapil. *Mapping knowledge go-betweens in Calcutta, 1770-1820. op. cit.*; SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Between a rock and a hard place: some afterthoughts. op. cit.*; SAFIER, Neil. Spies, dyes and leaves: agro-intermediaries, Luso-Brazilian couriers, and the worlds they sowed. pp. 239-270. IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

¹¹⁰ Cf. ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis. op. cit.*; AUGRAS, Monique. Imaginária França Antártica. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, nº 7, 1991, p. 19-34. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2312/1451> > Acesso em: 28 jul. 2016.; SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. *Agassiz e Gobineau – as ciências contra o Brasil mestiço*. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3993/2/000035.pdf> > Acesso em: 28 jul. 2016.

envolveram com as expedições naturalistas. Analisando o caso da Expedição Thayer, por exemplo, Antunes¹¹¹ identificou que:

A diversidade do auxílio recebido, bem como os diferentes níveis de integração dos auxiliares à expedição, tendo alguns chegado a trabalhar em conjunto com os membros da expedição, enquanto outros tiveram contato mais efêmero com os estrangeiros, faz com que seja impossível falar sobre todos os auxiliares da mesma maneira. No caso específico da Expedição Thayer, encontramos apoios diversos e distintos, como o apoio financeiro e logístico dado por D. Pedro II, o apoio científico dado pelo major Coutinho, além do auxílio com coleta de espécimes, com hospedagem durante a viagem, com transporte, com cuidados e com informações, especialmente sobre as formações geológicas e a distribuição da vida nas florestas e rios brasileiros.¹¹²

Em meio a uma multiplicidade de auxiliares e considerando a natureza diversa das contribuições cedidas aos viajantes, fica evidente a dificuldade apresentada ao pesquisador em tratar de um grupo tão amplo levando em consideração todas as suas particularidades. A utilização de diferentes categorias de análise pode, portanto, ajudar no exame das contribuições das populações locais, sendo possível perceber a existência de distinções já na leitura dos relatos presentes nas fontes primárias. No entanto, é preciso cuidado com o uso da terminologia. Como ressalta Delbourgo¹¹³, é preciso ser cauteloso ao se utilizar determinadas categorias:

Even fluid categories that denote interloping, mediation and identity-shifts such as “go-between” and “passeur” require careful handling. Go-between, for example, has often been used to identify diplomatic brokers, often between radically distinct cultural groups, who gain credit by openly displaying their virtuosic ability to translate between such groups, even to embody a blend of cultural elements from different groups. Passeurs, on the other hand, might be seen as figures who suppress their foreign or hybrid identities to gain credibility and trustworthiness in the performance of a single, seemingly local role. Still others play the stranger: they maintain their foreignness as a visible asset to seek credit as unique informants about remote geographies. Such categories and behaviours often intersect and overlap as well.¹¹⁴

Outro ponto interessante destacado por Delbourgo¹¹⁵ é o da transformação identitária dos viajantes durante as expedições. Ao abandonarem suas pátrias, chegam aos locais de viagem como estrangeiros inseridos em uma cultura diferente da sua. No entanto, frequentemente eram convidados para participarem de festejos, refeições, rituais e cerimônias locais. O sucesso de sua expedição estava diretamente associado a sua capacidade de adaptação

¹¹¹ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis. op. cit.*

¹¹² *Ibidem*, p. 18.

¹¹³ DELBOURGO, James. Fugitive colours: shaman’s knowledge, chemical empire and Atlantic revolutions. pp. 271-320. IN: IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

¹¹⁴ *Ibidem*. p. 274.

¹¹⁵ *Ibidem*. p. 274.

aos costumes locais, e sua disposição para integrar-se culturalmente poderia significar o sucesso ou não de sua movimentação social. Segundo Bourguet:

O explorador será tanto mais afortunado no seu avanço quanto melhor se adaptar ao país e aos homens que encontra, compartilhar o seu modo de vida e mesmo os seus costumes. Desde a sua chegada a Constantinopla, Niebuhr compreende a necessidade de adotar um traje ocidental para seguir viagem até ao Egito e ao Iémen: “Na Arábia, as inúmeras peças de que se compõe o nosso vestuário provocariam o escárnio da população, e o fato europeu seria extraordinariamente incômodo.”¹¹⁶

Em outro exemplo semelhante, o viajante inglês Henry Walter Bates, personagem principal de nossa pesquisa e que esteve no Brasil entre os anos de 1848 e 1859, escreveu em seu livro de viagem algo de que se deu conta após os primeiros meses de estadia no país:

I had learnt by this time that the only way to attain the objects for which I had come to this country was to accustom myself to the ways of life of the humbler classes of the inhabitants. A traveller on the Amazons gains little by being furnished with letters of recommendation to persons of note, for in the great interior wildernesses of forest and river the canoe-men have pretty much their own way; the authorities cannot force them to grant passages or to hire themselves to travellers, and therefore a stranger is obliged to ingratiate himself with them in order to get conveyed from place to place.¹¹⁷

As relações entre os viajantes e os habitantes locais, contudo, não transformavam apenas os estrangeiros. Estas dinâmicas funcionavam como vias de mão dupla e, como observado no exemplo do relacionamento entre Wallace e seu companheiro malaio Ali, também surtiam efeito sobre os habitantes locais. Da mesma forma como as viagens funcionavam como uma forma de etapa profissionalizante para jovens naturalistas, as interações com estes viajantes também ofereciam oportunidades para os seus auxiliares.

O artista Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848), por exemplo, relatou em seu *Voyage pittoresque et historique au Brésil*¹¹⁸ sobre os casos que observou de escravos negros que, após trabalharem como auxiliares em expedições científicas, transformavam-se em exímios coletores e preparadores de espécimes. Nas ocasiões em que ganhavam a liberdade, após o término das expedições nas quais trabalharam, podiam contar com as habilidades adquiridas para garantir algum ganho financeiro, oferecendo seus serviços para outros naturalistas. Uma de suas obras mais expressivas é a gravura intitulada “*Negros caçadores voltando à cidade. O*

¹¹⁶ BOURGUET, Marie-Noëlle. O explorador. In: VOVELLE, Michel (dir.). *O Homem do Iluminismo*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 228.

¹¹⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. Vol. 1. London: John Murray. 1863. Disponível em : <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate>>. Acesso em : 30 jul. 2016. p. 147.

¹¹⁸ DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Tome deuxième. Paris: Firmin Didot Frères, 1835. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon326377/gallery/index.htm > Acesso em: 27 jul. 2016.

retorno dos negros de um naturalista”, em que retrata um grupo de escravos retornando à cidade após uma prolífica coleta de espécimes. Segundo o artista:

Le nègre capable d’être bon *esclave d’un naturaliste* peut se regarder comme le modèle du plus généreux compagnon de voyage, et dont l’intelligence égale le dévouement. Aussi qui, venus au Brésil pour le visiter, au retour de leurs excursions dans l’intérieur, ont donné la liberté à leur fidèle compagnon de voyage, en récompense de ses pénibles services. Ce nègre, non-seulement heureux de sa liberté, l’est encore de son industrie, ayant acquis, auprès de son libérateur, un commencement d’habileté dans les préparations d’objets d’histoire naturelle, qui le font rechercher comme guide par un autre étranger. Mais, cette fois, avant de partir, il impose la condition de lui assurer une somme convenue, payable au retour ; et en homme libre, cette fois, il commence un premier voyage de spéculation. [...] Il est facile de reconnaître le *nègre du naturaliste*, et à sa manière de rapporter un serpent vivant, et à son énorme chapeau de paille hérissé de papillons et d’insectes, embrochés à de longues épingles. Il marche toujours armé de son fusil, et portant en sautoir sa boîte à insectes. [...] A Rio-Janeiro on reconnaît aussi, au redoublement d’activité de ces nègres naturalistes, l’arrivée de chaque navire français, dont les officiers sont généralement très-amateurs de collections d’histoire naturelle.¹¹⁹

Corroborando com o testemunho de Debret, o missionário estadunidense Daniel Parish Kidder (1815 – 1891), que visitou o país em duas oportunidades (entre 1836 e 1837, e entre 1840 e 1842) escreveu no relato de sua estadia no Rio de Janeiro sobre uma das cenas que observou quando retornava de um passeio nos morros de Santa Teresa e Santo Antônio:

Por todos os lados veem-se negros munidos de redes de filó, apanhando borboletas multicores e outros insetos que se encontram esvoaçando pelo caminho, pousando na folhagem e nas flores das margens. [...] Vários escravos são, desde pequenos, industriados na caça e na conservação de espécimes entomológicos e botânicos.¹²⁰

De maneira semelhante, o artista inglês Charles Landseer (1799 – 1879), que veio ao Brasil em missão diplomática em 1825 também observou a presença de escravos naturalistas na capital do Império. Em uma de suas gravuras, representou um grupo de negros em uma excursão para captura de borboletas na Estrada do Silvestre, próxima ao Corcovado. Ao realizar uma análise desta imagem, Antunes¹²¹ observou que:

Pode-se observar que esta imagem, apesar de ser uma ilustração de um momento de uma expedição de coleta, cujos resultados poderiam posteriormente ter uso científico, é realizada pelos colaboradores do trabalho naturalista contratados para isto e/ou por escravos encarregados da tarefa. Assim, esta imagem ressalta a importância destes personagens que trabalhavam em diversas atividades, como a coleta de espécimes, para a empreitada naturalista, e isto mesmo quando os naturalistas não estavam

¹¹⁹ DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil. op. cit.* p. 67.

¹²⁰ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1980. p. 118.

¹²¹ ANTUNES, Anderson Pereira. *A iconografia dos viajantes Oitocentistas. op. cit.*

presentes porque muitas vezes estes não tinham experiência para coletar animais nas matas e nem para se guiar dentro delas.¹²²

A partir destes exemplos podemos perceber, também, que a iconografia era parte inerente aos relatos dos viajantes. O relato textual e o pictórico funcionavam em uma relação de complementaridade, sendo a imagem uma forma de reforçar aquilo que poderia ser julgado difícil de descrever ou cuja descrição não poderia ser realizada apenas com palavras, de forma a tentar comunicar aos leitores a experiência vivida em campo, incluindo as sensações e os sentimentos vivenciados pelos viajantes. Segundo Gombrich¹²³ há uma relação de complementaridade entre imagem e texto e somos geralmente levados a crer na veracidade das imagens quando há uma relação de conformidade entre o relato escrito e o pictórico.

De acordo com Kury¹²⁴, a iconografia resultando das expedições científicas realizadas durante o século XIX buscavam, juntamente com os textos, descreverem de forma exaustiva e aprofundada as cenas consideradas típicas da vida nos trópicos, o que explica, por exemplo, a predominância da natureza, dos indígenas e dos escravos nas cenas retratadas. É possível perceber, também, como esta iconografia teve um papel importante na criação de uma percepção europeia sobre as Américas, conforme argumenta Ades:

A história dos viajantes e as imagens que chegavam dessas terras e dos povos que lá viviam tomaram conta da imaginação do Velho Mundo, suprimindo-a com mitos que vieram substituir a velha lenda da Atlântida desaparecida. O Novo Mundo era um paraíso sobre a Terra, um lugar repleto de ouro e minas de prata, que tanto podia ser habitado por canibais, como por alguma raça que rivalizaria com os gregos antigos ou ainda pelas tribos perdidas de Israel.¹²⁵

Quando não contratavam ilustradores ou artistas para os acompanharem durante as viagens, muitos naturalistas realizaram seus próprios desenhos e esboços sobre as cenas observadas localmente. Nestes casos, era comum que, posteriormente, fossem contratados artistas e gravadores para aperfeiçoar os rascunhos feitos em campo. Este foi, inclusive, o caso de Bates, que contratou os artistas Edward William Robinson (1824 – 1883) e Joseph Wolf (1820 – 1899) para realizarem as ilustrações que acompanham seu livro de viagem.

¹²² *Ibidem.* p. 113.

¹²³ GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão*. *op. cit.*

¹²⁴ KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista*. *op. cit.*

¹²⁵ ADES, Dawn. *Arte na América Latina: a era moderna, 1820 – 1980*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997. p. 64.



Figura 2: *Negros caçadores voltando à cidade. O retorno dos negros de um naturalista*, por Jean-Baptiste Debret.¹²⁶

¹²⁶ DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil. op. cit.* prancha 19. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/624520063>>. Acesso em : 29 jul. 2016.

A propósito da participação de escravos em expedições científicas, é preciso ter em mente que esta era uma prática comum em países como o Brasil, onde a escravidão ainda fazia parte da realidade cotidiana da população. A aquisição temporária de escravos já nos portos de desembarque ou o empréstimo de alguns deles com membros das elites locais, transformavam-se, portanto, em atividades comuns a muitos viajantes. Em alguns casos, sendo o de Darwin talvez o mais notório, a barbaridade do tratamento dos escravos no país chocou profundamente o viajante que, mesmo encantado pelas belezas naturais do país, redigiu diversas notas de repúdio a escravidão¹²⁷. Mas houve, ao mesmo tempo, como já apontado por Beer¹²⁸, diversos casos de viajantes que, embora fossem contrários a escravidão em sua terra natal, rapidamente adaptavam-se a realidade brasileira, adquirindo escravos. De acordo com Beer, mesmo aqueles viajantes que, em suas terras natais, eram contrários a escravidão, eventualmente empregavam em suas viagens alguns escravos ou empregados domésticos para auxiliá-los¹²⁹. Segundo Schiebinger¹³⁰, além do auxílio com o trabalho manual, a presença de escravos, assim como de indígenas, também foi de fundamental importância para a saúde e bem-estar dos viajantes, pois já possuíam experiência e conhecimento relativo a algumas doenças tropicais que existiam no Brasil e como combatê-las. De acordo com a autora:

It is impossible to know with any precision how much African herbal knowledge was transferred into the New World by voyaging slave naturalists. Displaced Africans must have found familiar medicinal plants growing in the American tropics – through commerce with the Amerindians or their own trial and error – plants with virtues similar to those used back home.¹³¹

O conhecimento dos habitantes, principalmente o de curandeiros ou herboristas, sobre as doenças locais e os remédios que poderiam ser extraídos da natureza era uma fonte valiosa para os viajantes, principalmente aqueles que, ao longo da viagem, encontravam-se enfraquecidos ou acometidos por alguma moléstia. Schiebinger afirma que a percepção do valor destes conhecimentos indígenas chegou, inclusive, a modificar a maneira como alguns médicos europeus trabalhavam:

Before the onset of rampant racism in the nineteenth century, many Europeans valued the knowledges of indigenous Americans, Africans, and peoples of

¹²⁷ FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; MORAES, Vera Lucia Martins de. O retorno impossível: Charles Darwin e a escravidão no Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências* – Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol. 31, 2008, pp. 65-82. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_2008_1/2008_1_65_82.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2016.

¹²⁸ BEER, Gillian. Travelling the other way. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N; SECORD, J. A. (ed.). *Cultures of natural history*. Great Britain: Cambridge University Press. 1996. pp. 322-337. IN: IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world*. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

¹²⁹ *Ibidem*. p. 328.

¹³⁰ SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire*. *op. cit.*

¹³¹ *Ibidem*, p. 80.

India and the East Indies. [...] One might argue that in respect to natural history, an epistemological shift took place over the course of the sixteenth and seventeenth centuries away from Europeans relying on the “summa of ancient wisdom” (Dioscorides, Pliny, Galen) toward their valuing (or at least appreciating) the authority of native peoples encountered through global expansion. European physicians no longer defined their task as simply verifying the effectiveness of ancient medicines (or merely identifying local substitutes); instead, they took as their starting point for empirical investigations the drugs, dyes, and foodstuffs suggested to them by native “informants”.¹³²

É preciso, contudo, salientar que não podemos tratar igualmente todas as relações entre viajantes e habitantes locais. Primeiramente, porque nem todos os viajantes estavam igualmente dispostos a se relacionar com os nativos e sua própria maneira de interagir com eles dependia fortemente de sua formação, de suas experiências anteriores, e do contexto cultural de onde eram originários. Mas também porque os próprios habitantes locais não constituíam um grupo homogêneo. Analisando a rede de auxiliares envolvidos com a expedição de Louis Agassiz (1807 – 1873) ao Brasil (1865 – 1866), observamos¹³³ que, dentre os 168 auxiliares mencionados em seu livro de viagem, nem todos tiveram o mesmo envolvimento ou deram a mesma contribuição para a expedição, sendo possível encontrar desde contribuições para a logística do deslocamento até o compartilhamento de conhecimentos locais e a coleta de espécimes. A partir de relatos como o de Agassiz e outros naturalistas que visitaram o Brasil durante o século XIX, Moreira mapeou as principais contribuições cedidas pela população local:

Em muitos trechos de seus relatos, artigos ou cartas, diversos naturalistas descrevem como os habitantes locais contribuíram com conhecimentos e atividades para o seu trabalho. Havia, é claro, o previsível apoio logístico e de infraestrutura, fornecimento de alimentos, meios de transporte e outros recursos materiais; presença como guias, carregadores, intérpretes e companhia pessoal; e auxílio nos contatos com grupos indígenas e no aprendizado de línguas nativas. Muitas vezes, porém – e é esse ponto que nos interessa –, verificava-se, por parte de indivíduos e comunidades locais, a transmissão de conhecimentos obtidos com a longa experiência na floresta. [...] A partir de vários desses escritos, pode-se estabelecer os principais tipos de contribuições do pessoal local: identificação, localização, coleta e nomenclatura de animais e plantas; preparação e preservação de espécimes; descobertas de ‘novas’ espécies; análise de hábitos e usos de animais e plantas; conhecimentos geográficos, meteorológicos e de distribuição de animais e plantas; relatos antropológicos; indicação de locais mais favoráveis para pesquisa; domesticação de animais; e fabricação de instrumentos (inclusive para captura e preservação de animais).¹³⁴

¹³² *Ibidem*, p. 75.

¹³³ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis. op. cit.*

¹³⁴ MOREIRA, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista. op. cit.* p. 42.

Para melhor compreender a diversidade da rede de auxiliares envolvidos com uma expedição científica, é preciso também observar que não eram apenas os nativos os responsáveis por todas as contribuições. A presença de outros estrangeiros, já estabelecidos nas regiões visitadas, também favorecia aos viajantes. Geralmente, o contato com estes imigrantes constituía um dos primeiros passos após a chegada no país de destino, isto quando não haviam sido contatados anteriormente por meio de correspondências. É possível observar, nestas relações, um certo reconhecimento cultural. Reunidos por seu estatuto de estrangeiros em terras distantes, não raro criava-se uma certa distinção entre “nós”, os imigrantes, e “eles”, os nativos.

Em sua análise sobre a expedição de Wallace ao Arquipélago Malaio, Camerini¹³⁵ observou a importância da hospitalidade na cultura colonial e como outros estrangeiros atuavam como intermediários na expansão da rede de contatos do viajante, principalmente através da apresentação a outros moradores e da introdução nos círculos sociais. Destarte, estas relações muitas vezes funcionavam como um ponto de partida sobre o qual os viajantes poderiam fomentar novos relacionamentos. A autora observou, também, como as palavras *friend*, *kind* e *trustworthy* eram geralmente utilizadas nos livros de viagem em referência a outros estrangeiros, destacando o papel da confiança e do respeito nestas interações¹³⁶. A circulação em terras coloniais, ainda segundo Camerini¹³⁷, permitia uma maior fluidez entre as relações sociais. As hierarquias existentes em suas terras natais ganhavam, geralmente, maior elasticidade defronte a aliança gerada pela oposição aos nativos. Segundo a autora:

In a context in which the boundary between European and Other was enhanced, the boundaries between the middle and upper classes were more blurred and forgiving. Wallace was able, like many a colonial fortune seeker, to move far more readily through social boundaries in this dislocated European society than he would have been had he remained in Britain. The quality of these interactions – the domestic openness, the extending of favors, guidance, and privilege, the intellectual exchanges – suggests that the status of ‘gentleman’ was conferred according to local, colonial conventions. Many such gentleman colonials, especially doctors, welcomed the company of a man of science.¹³⁸

Corroborando com a hipótese da fluidez das relações formadas durante as pesquisas de campo, em oposição às rígidas hierarquias existentes nas instituições científicas Oitocentistas, Hodacs afirmou que:

While the laboratory is usually contained in a well-defined and controlled physical space where strict hierarchies divide different members of staff, the field tends to be much more open and loosely defined.. [...] Further, fields are rarely closed spaces: scientists cohabit them with local people (on whom they

¹³⁵ CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field. op. cit.*

¹³⁶ *Ibidem.* p. 46.

¹³⁷ *Ibidem.* p. 46.

¹³⁸ *Ibidem.* p. 51.

often depend for information), tourists, amateur scientists and collectors of rare and valuable specimens.¹³⁹

Não podemos esquecer, também, a importância das relações que os viajantes mantinham com indivíduos que permaneciam em sua terra natal. Uma das etapas do trabalho de campo era o envio das coleções reunidas para os museus e gabinetes onde seriam estudadas. Para isso, era preciso contar com o apoio de alguém que estivesse preparado para receber as coleções, que pudesse busca-las em portos e postos alfandegários, que soubesse checar a integridade dos espécimes e tivesse capacidade para armazená-los ou vende-las, quando fosse o caso. Embora fisicamente distantes, estes auxiliares precisavam manter constante contato com os viajantes através de correspondências, de forma que pudessem informá-los sobre o recebimento das coleções, o estado de conservação em que as haviam recebido, para onde haviam sido enviadas e, no caso de venda, para que pudessem garantir aos viajantes a sua remessa dos lucros.

Na Inglaterra Oitocentista, este tipo de função era relativamente comum e existiam muitos agentes de História Natural dispostos a se encarregarem das coleções enviadas por naturalistas viajantes. Quando vieram ao Brasil, em 1848, Henry Bates e Alfred Wallace fizeram um acordo com Samuel Stevens. Por ser ele mesmo um naturalista, Stevens possuía todas as habilidades necessárias para receber, acondicionar, exibir e vender os espécimes pelos melhores preços possíveis. Foi graças a Stevens que Bates e Wallace podiam contar com uma remessa periódica contendo os lucros da venda dos espécimes que coletaram no Brasil. Foi também devido a sua diligência em fazer um seguro para as coleções de Wallace, que o naturalista pôde receber algum retorno financeiro por elas, embora tivesse perdido todos os espécimes coletados no naufrágio do navio que o levava de volta para a Inglaterra. Segundo Camerini, a importância de Stevens na vida de Wallace foi além de seu trabalho com as coleções:

Although it might seem that Stevens's motives were purely financial, there is evidence that he was as much a friend to Wallace as an agent, one who understood and supported his goals. With basic good business sense, Stevens had insured Wallace's collections from Brazil, and when these were lost at sea, the insurance money (approximately ?150) was Wallace's safety net when he returned to England. Yet Stevens did more than process the insurance claim; he met Wallace the day of his return from Brazil in 1852, took him to a ready-made clothes shop for a warm suit, to Stevens's tailor for proper fitting, and then to Stevens mother's house for a week of home cooking and rest after his trying voyage home.¹⁴⁰

¹³⁹ HODACS, Hanna. Linnaeans outdoors: the transformative role of studying nature “on the road” and outside. *British Journal of History of Science*, 2010. Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/ghcc/eac/people/hodacs/hanna_hodacs_linnaeans_outdoors.pdf> Acesso em: 26 jul. 2016. p. 184.

¹⁴⁰ CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field. op. cit.* p. 63.

As viagens de britânicos como Bates e Wallace também devem ser compreendidas dentro do contexto da expansão territorial do Império Britânico e de suas políticas internacionais ao longo do século XIX. Segundo Camerini¹⁴¹, o sucesso da viagem de Wallace pelo Arquipélago Malaio se deu, além do apoio de Stevens, devido as interações já existentes entre nativos e europeus nas áreas de domínio britânico. Embora nesta expedição Wallace pudesse contar com redes de sociabilidade já estabelecidas, a criação de vínculos com a população local era uma etapa necessária em toda a pesquisa científica em campo. De acordo com Camerini:

Varied personal relationships may have been especially essential for Wallace, because of his relatively low social standing and minimal institutional support, but social interactions with local peoples and Europeans settled abroad were necessary for anyone working in the Field. This was true for Humboldt, Darwin, Hooker, and Huxley as for Wallace, although one would expect some interesting differences in how each of their social networks extended to foreign lands.¹⁴²

É interessante observar, no entanto, que embora uma parcela considerável de naturalistas viajantes tenha escrito sobre a participação das populações locais em suas expedições, muitas vezes referindo-se aos seus auxiliares por nome e indicando os termos de sua relação e os auxílios recebidos, estas informações costumeiramente eram suprimidas nos artigos científicos publicados após a viagem. Nos livros, diários de campo e correspondências, é comum encontrarmos trechos em que os naturalistas indicam o débito que possuem com os nativos. Em seu livro sobre as palmeiras do Amazonas, por exemplo, Wallace escreveu:

I first endeavoured to familiarize myself with the aspect of each species and to learn to know it by its native name; but even this was not a very easy matter, for I was often unable to see any difference between trees which the Indians assured me were quite distinct, and had widely different properties and uses. More close examination, however, convinced me that external characters did exist by which every species could be separated from those most nearly allied to it, and I was soon pleased to find that I could distinguish one palm from another, though barely visible above the surrounding forest, almost as certainly as the natives themselves.¹⁴³

Já Bates, em um trecho em que descreve a habilidade dos caçadores nativos e o auxílio que lhe prestaram na coleta de espécimes, informou:

In the thinner woods near the borders of the forest many pretty little blue and green creepers of the *Dacnidae* group, were daily seen feeding on berries; and a few very handsome birds occurred in the forest. But the latter were so rare that we could obtain them only by employing a native hunter; who used to spend a whole day, and go a great distance, to obtain two or three specimens.

¹⁴¹ *Ibidem.* p. 63.

¹⁴² *Ibidem.* p. 45.

¹⁴³ WALLACE, Alfred R. *Palm trees of the Amazon and their uses*. Londres: John van Voorst. 1853. Disponível em: <<https://archive.org/stream/palmtreesofamazo00wall>>. Acesso em: 31 jul. 2016. p. iv.

In this way I obtained, amongst others, specimens of the *Trogon pavoninus* (the Suruquá grande of the natives), a most beautiful creature, having soft golden green plumage, red breast, and an orange-coloured beak; also the *Ampelis Pompadoura*, a rich glossy-purple chatterer with wings of a snowy-white hue.¹⁴⁴

O conhecimento dos habitantes locais, particularmente dos grupos indígenas, impressionou tanto alguns viajantes europeus, que Louis Agassiz recomendou ao Imperador Pedro II que mandasse reunir o conhecimento indígena sobre a natureza em um grande compêndio enciclopédico. Em seu livro de viagem, registrou esta ideia da seguinte forma:

A large number of the trees forming these forests are still unknown to science, and yet the Indians, those practical botanists and zoologists, are well acquainted, not only with their external appearance, but also with their various properties. So intimate is their practical knowledge of the natural objects about them, that I believe it would greatly contribute to the progress of science if a systematic record were made of all the information thus scattered through the land; an encyclopaedia of the woods, as it were, taken down from the tribes which inhabit them. I think it would be no bad way of collecting, to go from settlement to settlement, sending the Indians out to gather all the plants they know, to dry and label them with the names applied to them in the locality, and writing out, under the heads of these names, all that may thus be ascertained of their medicinal and otherwise useful properties, as well as their botanical character.¹⁴⁵

Antes mesmo de ter se tornado um gênero literário de sucesso na Europa, procurado por fileiras de leitores ávidos por consumir contos de aventuras, o registro da viagem em um diário ou caderneta de campo já era uma das atividades previstas por naturalistas viajantes como uma das etapas essenciais para fixar suas observações e, conseqüentemente, para a validade científica que as mesmas aspiravam ter. Segundo Abdalla:

O diário de viagem representaria todas as operações realizadas pelo viajante em campo, como o deslocamento no espaço geográfico, o tempo gasto em cada lugar, a maneira de atribuir importância a determinados objetos, etc. Além disso, a escrita do diário também denunciaria as opções por um determinado tipo de estilo literário e também acusaria ao longo de suas páginas o grau de dedicação concedida a cada tema da viagem. O viajante deveria informar detalhadamente todo o itinerário seguido ao longo da viagem, desde a sua partida até o destino em que se encontrava. O registro de todos os passos percorridos garantiria também que, posteriormente, outros viajantes pudessem retornar ao mesmo local e pudessem assim efetuar as suas próprias observações acerca dos mesmos objetos e fenômenos, comparando-as, corrigindo-as, confirmando-as, etc.¹⁴⁶

É interessante fazer uma primeira distinção: entre os diários ou cadernetas de campo e os livros de viagem. Para os viajantes, os diários representavam um primeiro registro, um primeiro critério de seleção entre aquilo que valia a pena ser registrado e aquilo que ficaria

¹⁴⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I, 1863. op. cit. p. 345.

¹⁴⁵ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *A Journey in Brazil*. op. cit. p. 239.

¹⁴⁶ ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído*. op. cit. p. 110.

legado ao esquecimento. Estas anotações, no entanto, eram geralmente pessoais e raramente se tornavam públicas. Por este motivo, é interessante atentar para o ineditismo que muitos destes relatos apresentam. Ainda hoje, muitos diários e cadernetas de viagem permanecem inexplorados em arquivos, bibliotecas e museus. Os diários careciam, assim, dos critérios de organização, da narrativa frequentemente linear, do rigor literário e das belas ilustrações que seriam inseridas apenas na forma mais refinada do registro: o livro de viagem. Segundo Corrêa:

Seus cadernos de campo eram verdadeiros companheiros de viagem, muitas vezes os únicos interlocutores possíveis. Neles tudo anotavam criteriosamente: as mais íntimas reflexões, seus estados de espírito, as experiências vividas cotidianamente, as dificuldades encontradas nos percursos, suas impressões pessoais sobre a natureza, a coleta e preparação de espécimes naturais, os lugares visitados, os hábitos, costumes e estilo de vida dos habitantes do país. Era a partir desses diários, porta-vozes de suas memórias, que organizavam posteriormente seus livros de viagens e aos quais, não raramente, os naturalistas mais criteriosos dedicavam-se durante anos, assim como à divulgação dos resultados científicos de suas expedições. Esses relatos representavam o testemunho pessoal dos viajantes e, posto que os que se lançavam nas aventuras exploratórias eram homens de formação acadêmica, salvo exceções, seus depoimentos sobre lugares, povos e culturas diferentes, assim como suas descobertas no campo científico eram recebidos com credibilidade por um público leitor ávido das “novidades” de um mundo novo recém-aberto aos olhares estrangeiros.¹⁴⁷

Aproveitando do interesse público pela ciência e tecnologia e do crescimento da circulação de periódicos científicos e de divulgação da ciência, muitos viajantes Oitocentistas passaram a editar seus diários sob a forma de livros. Um diário com informações completas e detalhadas era, portanto, fundamental para garantir a existência de material suficiente para a composição de posteriores obras literárias. Por se tratar de um relato escrito geralmente após a viagem, às vezes muitos anos após terem voltado para a sua terra natal, e por serem constituídos por um amálgama entre o material bruto presente nos diários e a memória do próprio viajante, é preciso levar em consideração que não podem ser tomados como registros completamente fidedignos da realidade. Segundo Beer¹⁴⁸, outro aspecto que os pesquisadores precisam levar em consideração é que o livro de viagem era sempre um registro de sobrevivência: o narrador havia sobrevivido a todas as dificuldades que haviam sido apresentadas e, retornando à sua terra natal com a experiência e o conhecimento adquiridos durante a jornada, podia compartilhar com o leitor sua experiência. Segundo Beer:

The travel narrative, published or recounted, is a record of survival: the narrator is *here* to tell it in retrospect even as the reader sets out on the journey. That double motion offers reassurance: the experiences undergone, the

¹⁴⁷ CORRÊA, Margarida Maria da Silva. *Da construção do olhar europeu sobre o Novo Mundo ao (re)descobrimento do reino tropical*. Goiás: Universidade Federal de Goiás, 1997, 300 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias – Universidade Federal de Goiás, 1997. p. 136.

¹⁴⁸ BEER, Gillian. *Travelling the other way*. op. cit. p. 322.

knowledge gained, the treasure or the specimens preserved, are all trophies for the returning traveller and are proffered also to the reader.¹⁴⁹

É interessante notar que os livros de viagem dos naturalistas constituíram-se em um estilo literário muito apreciado durante o século XIX, como podemos perceber pelas muitas edições e publicações em várias línguas que muitos deles atingiram. Podemos afirmar, portanto, que tiveram um papel bastante significativo do ponto de vista da divulgação científica¹⁵⁰, além de constituírem um rico acervo documental sobre os países visitados pelos viajantes. Além disso, tiveram um papel importante também na expansão de um mercado editorial atento às potencialidades econômicas representadas pela ascensão do gênero da literatura de viagens, o que favoreceu a expansão de grandes casas editoriais como a de John Murray, Flammarion, Hetzel, Hachette, Cassell, Knight e Chambers¹⁵¹.

Aliados às ilustrações, os relatos dos naturalistas tentavam dar conta de todos os aspectos da experiência de uma viagem científica, o que incluía a relação com os habitantes locais. No entanto, ao comparar estes relatos com os artigos científicos publicados posteriormente, é comum encontrar uma completa ausência de menções às contribuições recebidas. Um dos principais motivos que contribui para a invisibilidade das colaborações advindas dos habitantes locais se refere a falta de relatos deixados pelos próprios, como já apontado por Schiebinger¹⁵². Os motivos que explicam esta particularidade são tão variados quanto os próprios auxiliares. Em alguns casos, tratavam-se de pessoas analfabetas, em outros, de membros de culturas com tradições predominantemente orais, em outros ainda, por terem sido escravos e não terem a liberdade de escrever sobre suas experiências. Logo, o pesquisador que se dedica a análise do papel destes indivíduos, precisa levar em consideração que os relatos dos viajantes europeus sempre mostrarão o ponto de vista particular do estrangeiro.

Para Camerini¹⁵³, uma das razões fundamentais para tornar a presença dos habitantes locais invisíveis na historiografia das ciências tem a ver com as convenções particulares da redação científica, que tornaria os relatos técnicos voltados ao público especializado mais impessoais e objetivos. Assim, a autora afirmou:

¹⁴⁹ BEER, Gillian. Travelling the other way. In: SPARY, E.C.; JARDINE, N.; SECORD, J. (ed.). *Cultures of Natural History*. Grã Bretanha: Cambridge University Press, 1996, p. 322-337. p. 322. grifo original.

¹⁵⁰ MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. M. The naturalists and the popularisation of science. *7th International Conference on the Public Communication of Science and Technology*. Cidade do Cabo, Dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.pcst.co/archive/pdf/Moreira_Massarani_PCST2002.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹⁵¹ Cf. DROUIN, Jean-Marc; BENSUAUDE-VINCENT, Bernadette. Nature for the people. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; SECORD, J. (ed.). *Cultures of Natural History*. Grã Bretanha: Cambridge University Press, 1996, p. 408-425 p. 423; e FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*: antologia de textos (1591-1808). São Paulo: Unesp, 2012, 614p. p. 85.

¹⁵² SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire*. op. cit.

¹⁵³ CAMERINI, Jane R. *Wallace in the field*. op. cit.

The contributions of local people became invisible through the conventions in particular genres of scientific writing. It appears to have been an unremarkable part of the practice of fieldwork. We have seen, for example, how Ali brought Wallace the specimen later named *Semioptera wallacei*, and that his trust in Ali allowed him to accept as fact the bird's characteristically erectile feathers. However, Ali's role disappears in a more formal discussion of paradise birds at the end of the book, even in the same narrative of his travels in which this event is described. In the technical account, Wallace described the bird as having been discovered by himself. Both his journal and his notebook reflect these two descriptive modes; when he was a naturalist describing the birds "philosophically", he is the lone observer, but when he is writing a narrative of travel and collecting, his account includes others.¹⁵⁴

Esta hipótese foi corroborada por Lima¹⁵⁵ que, em sua análise da viagem de Wallace ao Brasil, afirmou:

Escritos de viagens do século XIX dão conta de uma série de eventos, peripécias, privações físicas e psicológicas que exaltam a figura heroica do viajante europeu em meio a um estranho e exótico mundo tropical. Possivelmente por conta dessas "convenções", o conjunto de representações oitocentistas em relação à Amazônia não apenas tendeu a exagerar a caracterização do ambiente com o objetivo de enfatizar a oposição entre os trópicos e o mundo temperado europeu, mas também a silenciar ou negligenciar a importância que o trabalho e conhecimento nativos – índios, negros, tapuios, mestiços – influenciaram no trabalho de campo de "homens da ciência".¹⁵⁶

Sobre este aspecto particular que permeava os diferentes tipos de relatos publicados por naturalistas, Moreira¹⁵⁷ também afirmou:

Há muitas outras passagens sobre a ajuda essencial dos habitantes locais para os naturalistas nos seus relatos de viagens ou em cartas. No entanto, dado o formato conciso das publicações científicas (livros, relatórios ou artigos), essas informações não têm difusão ampla. Isso contribuiu, entre outros fatores, para o surgimento da imagem social do cientista herói-desbravador que, sobrevivendo a imensos perigos, com esforço hercúleo e quase solitário, 'descobriu' grande quantidade de espécies novas de animais e plantas. Muitas vezes é dito que tais cientistas enfrentaram condições hostis entre grupos indígenas, o que ocorreu apenas em raras ocasiões, mas não se menciona que a própria existência, o apoio e o conhecimento desses nativos foram pontos importantes para o sucesso de seus empreendimentos.¹⁵⁸

Assim, a participação dos habitantes locais se faz presente nas cadernetas e mesmo nos livros de viagem, durante a descrição das atividades diárias de exploração, das incursões pelas florestas, da caça e captura dos espécimes. No entanto, um outro tipo de redação é encontrado quando observamos as descrições dos espécimes coletados. A perspectiva do viajante, que se apresenta como observador e autoridade sobre o relato frequentemente omitiam a participação

¹⁵⁴ *Ibidem*. p. 61.

¹⁵⁵ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit.

¹⁵⁶ *Ibidem*. p. 266.

¹⁵⁷ MOREIRA, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista*. op. cit.

¹⁵⁸ *Ibidem*. p. 47.

dos habitantes locais, mesmo quando aquilo que estava sendo descrito, como os hábitos e possíveis usos das espécies, havia sido obtido através de informações compartilhadas a partir de auxiliares locais. Segundo Browne¹⁵⁹:

Local people were involved in these collecting enterprises, but usually only as employees of one kind or another. Such people are frequently hidden from the historical record. It is becoming increasingly obvious to historians and South Americanists that European and North American collectors could not have achieved any of their results without the aid of residents as well as guides and trackers. Most of these assistants are now invisible: they have been written out of the story in much the same way as laboratory technicians are often regarded as inconsequential in scientific history. Steven Shapin dubs them the invisible technicians. [...] Collectors depended on such advice. Otherwise, they would never have known where to find the best tropical pool, the finest stand of trees, or the curious outcrop of rock in the rainforest. Europeans consequently travelled in large parties including guides and assistants. [...] But it should be noted that few of these helpers received any recognition for their services, a reflection of the structure of society at that time.¹⁶⁰

Encontramos, portanto, um cenário em que a participação dos habitantes locais em expedições naturalistas foi, por muitas vezes, omitida e a sua presença tornada invisível. Isto, por sua vez, certamente contribuiu para a proliferação de mitos como o do naturalista aventureiro que, sozinho, expunha sua vida aos riscos oferecidos pelas florestas e seus habitantes selvagens, nos quais, ocasionalmente, incluíam os indígenas.

Ademais, é interessante observar como este viés ultrapassou as barreiras da escrita científica e foi incorporado à historiografia sobre as ciências no Brasil. Como demonstra Figueirôa¹⁶¹, os historiadores da ciência brasileira por muito tempo perpetuaram a ideia da inexistência de atividades científicas em nosso país, salvo por exceções pontuais atribuídas à indivíduos excepcionais ou aos naturalistas viajantes que por aqui passaram. Esta corrente historiográfica propagou, assim, uma visão eurocêntrica que, da mesma forma como os naturalistas em seus artigos científicos, despreocupava-se com a contribuição dos habitantes locais para a atividade científica. Segundo Moreira:

As contribuições das culturas nativas de regiões distantes da Europa para o conhecimento científico adquirido ou construído pelos naturalistas quase sempre tem sido desconsideradas pelos historiadores da ciência. A atenção destes é dirigida para as observações e teorias dos cientistas, para suas formações, instrumentos e métodos de trabalho, para a difusão de suas ideias e para as influencias científicas, políticas, filosóficas e econômicas em e de suas obras.¹⁶²

¹⁵⁹ BROWNE, Janet. *Natural History collecting and the Biogeographical tradition*. *op. cit.*

¹⁶⁰ *Ibidem*. p. 962.

¹⁶¹ FIGUEIRÔA, Sílvia. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). *Asclepio*, n.2, p. 107-123, 1998.

¹⁶² MOREIRA, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista*. *op. cit.* p. 41.

O estudo da sociabilidade como característica marcante das práticas científicas começou a ganhar destaque na década de 1970. Novas perspectivas de trabalho passaram a ser colocadas em prática nos Estudos Sociais da Ciência que, como proposto por Mendelsohn¹⁶³, passou a considerar o conhecimento científico como conhecimento social produzido no tempo e no espaço por indivíduos que relacionam-se com a sociedade na qual estão inseridos. A partir desta concepção, Figueirôa destaca a nova amplitude dos estudos sobre a história das ciências, dizendo:

Esta postura renovada permite-nos assumir que a ciência é parte da cultura como qualquer outra manifestação, dentro dos respectivos limites definidos pelos atores para um determinado conjunto de significados, crenças e atividades. Não opera, assim, num vazio social e mantém, portanto, relações estreitas de interdependência com as esferas do político, do social, do econômico e do cultural.¹⁶⁴

Pouco a pouco, a história das grandes descobertas e dos grandes cientistas passou a ser substituída por uma *história do cotidiano científico*¹⁶⁵, na qual são analisados não apenas os resultados produzidos pelos cientistas, mas os meios e caminhos percorridos para alcançá-los, bem como os indivíduos envolvidos no processo. Analisando a abordagem até então tradicional na História das Ciências, Figueirôa afirmou:

O problema central que gera e conforma o quadro desenhado acima é, a meu ver, de caráter metodológico, pois as metodologias habitualmente empregadas pela historiografia das ciências elaboradas nos chamados “centros”, concentraram a atenção nas “grandes teorias” e “grandes personagens”, ou nos “sucessos institucionais”. Produziram assim categorias analíticas para uma “história dos vencedores”, deixando de lado a “história cotidiana” das ciências, que constitui, na verdade, a maior parte do processo.¹⁶⁶

Para Burke¹⁶⁷, a ascensão deste novo enfoque se relaciona com o surgimento da Nova História Cultural, afirmando:

A guinada para a história das práticas cotidianas é ainda mais óbvia na história da ciência. Antes vista como uma forma de história intelectual, agora está mais preocupada com o significado de atividades como a experimentação. A atenção vem sendo deslocada dos indivíduos heroicos e suas grandes ideias para as mudanças nos métodos do que Thomas Kuhn chamou de “ciência normal”, encontrando lugar para incluir as contribuições dos artesãos que

¹⁶³ MENDELHSON, Everett. The social construction of scientific knowledge. In: MENDELHSON, Everett; WEINGART, P.; WHITLEY, R. (eds.). *The social production of scientific knowledge*. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1977. p. 3-25.

¹⁶⁴ FIGUEIRÔA, Sílvia F. Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 235-246. p. 243.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 111.

¹⁶⁶ FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. *As ciências geológicas no Brasil*. op. cit. p. 17.

¹⁶⁷ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2ª edição revista e ampliada. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215p.

fizeram os instrumentos científicos e dos assistentes de laboratório que, na verdade, realizaram os experimentos.¹⁶⁸

A história da História Natural, segundo Lopes¹⁶⁹, está inserida no âmbito da História Cultural porque, como disciplina científica, desenvolveu-se a partir de hábitos, práticas, estratégias e convenções evidentemente sociais e culturais. Assim, a partir desta renovação teórica, abriu-se espaço na História das Ciências para a exploração do caráter social da atividade científica e a percepção da contribuição de personagens antes ignorados. Segundo Figueirôa¹⁷⁰:

Sem dúvida, quanto ao conteúdo, torna-se possível com base nessa mudança teórica – e mesmo necessário – à História das Ciências, incluir países e personagens antes marginalizados ou simplesmente ignorados, dando conta de uma produção real que, apesar de ter evidência empírica nos arquivos, bibliotecas, museus, etc., não encontrou seu lugar na historiografia tradicional, muitas vezes implicando autênticos *tours de force* para ser explicada e justificada.¹⁷¹

No contexto das pesquisas sobre naturalistas viajantes, Browne¹⁷² aponta Allen¹⁷³ como um dos primeiros pesquisadores a atentar para a necessidade de se compreender as práticas sociais relacionadas com a coleta de espécimes em campo. Para a historiografia das expedições científicas, isto significou, principalmente, atentar para os aspectos sociais da ciência realizada por naturalistas viajantes em campo, observando a importância das relações sociais para a coleta de espécimes e de informações sobre a Natureza, além da logística da viagem e da estadia em uma terra distante.

Se, há algumas décadas, em obras como a de Basalla¹⁷⁴, predominavam noções como a de uma relação unilateral entre um centro produtor e uma periferia meramente consumidora de conhecimento, atualmente observamos a superação dessa dicotomia por uma forma de apreender as relações que foca na dualidade dos efeitos causados pelo contato. Segundo Meredith¹⁷⁵, as últimas décadas foram um momento de reorientação do interesse histórico, que passou a abandonar velhos modelos de compreensão antagonista entre centro e periferia, e a

¹⁶⁸ *Ibidem*. p. 81.

¹⁶⁹ LOPES, Maria Margaret. *O local musealizado em nacional – aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX, no Brasil*. op. cit. p. 79.

¹⁷⁰ FIGUEIRÔA, S. F. de M. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹⁷¹ *Ibidem*. p. 22.

¹⁷² BROWNE, Janet. *Natural History collecting and the Biogeographical tradition*. op. cit. p. 963.

¹⁷³ ALLEN, David Elliston. *The Naturalist in Britain. A Social History*. London: A. Lane, 1976. 292p.

¹⁷⁴ BASALLA, George. The Spread of Western Science. *Science*. vol. 156, nº 3775, 1967, pp. 611-622. Disponível em: <<http://faculty.rmu.edu/~short/research/science-centers/references/Bassala-G-1967.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

¹⁷⁵ MEREDITH, Margaret. Friendship and knowledge: Correspondence and communication in Northern Trans-Atlantic Natural History, 1780-1815. pp. 151-192. In: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. USA: Science History Publications, 2009. p. 156.

priorizar o entendimento sobre os processos de comunicação e circulação de conhecimento. Esta nova perspectiva ajudou a lançar um novo olhar para as expedições naturalistas. Sob nova luz, o entendimento atual – e do qual parte esta pesquisa – é o de que as viagens de exploração científica empreendidas por naturalistas viajantes durante o século XIX eram atividades intrinsicamente sociais, que dependiam fundamentalmente das relações cultivadas entre os estrangeiros e os habitantes locais.

Assim, aos poucos, novas pesquisas passaram a focalizar as contribuições de membros das populações locais, indígenas, escravos, e outros indivíduos, ao longo destas expedições. O conhecimento gerado a partir destas expedições passou a ser compreendido como fruto das relações entre viajantes e habitantes locais, de informações e saberes que circulavam durante o contato entre estes grupos. De acordo com Spary e Jardine¹⁷⁶:

Rather than presenting natural historical knowledge as generated by isolated individuals working wholly within the domain of the mind, we wish to portray natural historical knowledge as a product of conglomerates of people, natural objects, institutions, collections, finances, all linked by a range of practices of different kinds.¹⁷⁷

Nas últimas décadas, diversos pesquisadores voltaram a atenção para processos de troca cultural, transculturação, comunicação e circulação de conhecimento, observando a produção de conhecimento a partir de uma perspectiva que enfatiza os aspectos sociais das práticas científicas e que insere cientistas e seus colaboradores nos contextos históricos, culturais e sociais aos quais pertenciam¹⁷⁸. Esta perspectiva que atenta para a sociabilidade é particularmente importante, segundo Lima¹⁷⁹, ao examinar as passagens de viajantes pela região norte do Brasil, uma vez que a colaboração de habitantes locais se fez especialmente importante para o deslocamento nesta região, onde os desafios da navegação fluvial e a falta do desenvolvimento de infraestruturas de transporte dificultavam a locomoção. Segundo Lima:

Busco frisar, também, que as amizades e redes de relações constituídas no interior da Amazônia foram imprescindíveis para todos os naturalistas que estiveram no extremo norte durante a coleta em campo. Enfatiza-se, deste modo, que viagens exploratórias só puderam ser planejadas e postas em prática em virtude da colaboração de meios e agentes diversos. Dentro do

¹⁷⁶ SPARY, Emma C.; JARDINE, Nicholas. The natures of cultural history. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; SCORD, J. A. (ed.). *Cultures of Natural History*. Grã Bretanha: Cambridge University Press, 1996, pp. 3-16.

¹⁷⁷ *Ibidem*. p. 8.

¹⁷⁸ Cf. SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-betweens and global intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.; LATOUR, Bruno. *Science in action. How to follow scientists and engineers through society*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.; SHAPIN, Steven. *A Social History of Truth: Civility and Science in Seventeenth-Century England*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

¹⁷⁹ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista: Viagem, ciência e interações*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2014. Dissertação (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). 349p. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/16082/2/204.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2018.

caleidoscópio social e econômico que era a Amazônia, rotas de viagem naturalistas só foram possíveis ao percorrer os mesmos caminhos dos negociantes locais que partiam em busca de mão de obra indígena e produtos extrativos.¹⁸⁰

Lima chama atenção, portanto, para o fato de que as viagens científicas realizadas por estes naturalistas não dependiam, apenas, de estruturas materiais (equipamentos científicos, meios de transporte e acomodação, por exemplo) para que pudessem ser realizadas. Uma expedição científica necessitava, igualmente, de estruturas e relações humanas para que fosse bem-sucedida e é sobre este aspecto que muitos pesquisadores vem enfocando nos últimos anos. Da mesma forma, ao longo desta pesquisa, a atenção volta-se para a sociabilidade e as relações humanas que fizeram parte da viagem de Bates pelo Brasil.

Há, hoje, um grande escopo de pesquisas nacionais e internacionais nas quais é possível sustentar a análise da sociabilidade do trabalho naturalista de campo. Em âmbito internacional, é possível mencionar, por exemplo, os trabalhos de Camerini¹⁸¹, sobre Wallace, ou as pesquisas sobre as relações entre viajantes europeus e as populações de cidades asiáticas publicadas por Fan¹⁸² e Raj¹⁸³. Em âmbito nacional, alguns exemplos incluem os trabalhos publicados por Moreira¹⁸⁴, Lima¹⁸⁵ e Antunes, Massarani e Moreira¹⁸⁶, dentre outros. Nestas pesquisas, além de partir do pressuposto de que a ciência é um empreendimento coletivo, seus autores atentaram para a importância das contribuições das populações locais para as expedições naturalistas. Embora estes indivíduos ainda sejam mantidos, muitas vezes, invisíveis, nosso objetivo com esta tese é trazer a atuação para esta rede de contatos, observando em que momentos e situações

¹⁸⁰ *Ibidem*. p. 25.

¹⁸¹ CAMERINI, Jane. Wallace in the field. *Osiris*, 2nd series, v. 11, Science in the field. p. 44-65, 1996. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018; CAMERINI, Jane. Remains of the day: early Victorians in the field. In: LIGHTMAN, B. (ed.). *Victorian science in context*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997, pp. 354-377.

¹⁸² FAN, Fa-ti. Science in a Chinese entrepôt: British naturalists and their Chinese associates in Old Canton. *Osiris*, 2nd series, v. 18, Science and the City, 2003, p. 60-78. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3655285>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

¹⁸³ RAJ, Kapil. *Relocating modern science*. Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1605-1900. Houndmills e New York: Palgrave Mcmillan, 2010.

¹⁸⁴ MOREIRA, Ildeu de Castro. O escravo do naturalista. *Ciência hoje*, v. 31, n. 184, julho 2002. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/escravo.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

¹⁸⁵ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit.

¹⁸⁶ ANTUNES, Anderson Pereira; MASSARANI, Luisa Medeiros; MOREIRA, Ildeu De Castro. Local collaborators in Henry Walter Bates's Amazonian Expedition (1848-1859). In: D'ANGELO, Fabio (org.). *The scientific dialogue linking America, Asia, and Europe between the 12th and the 20th Century*. Theories and techniques travelling in space and time. 1ed. Naples: Associazione culturale Viaggiatori, 2018, p. 382-400. Disponível em: <http://www.viaggiatorijournal.com/cms/cms_files/20180706110008_avae.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018; ANTUNES, Anderson; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Uma análise da rede de auxiliares da expedição de Louis Agassiz a Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, 2016, pp. 113-125. Disponível em: <https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2786>. Acesso em: 27 nov. 2018.

davam suporte aos viajantes estrangeiros e como contribuíram para o desenvolvimento das expedições científicas, analisando especificamente o caso da expedição de Henry Walter Bates.

CAPÍTULO 2

ENTRE BESOUROS E BORBOLETAS: O NATURALISTA HENRY WALTER BATES

2.1. O COMEÇO EM LEICESTER

Leicester, localizada a cerca de 143 quilômetros de distância de Londres, é considerada uma das cidades mais antigas da Inglaterra e sua ocupação remete, pelo menos, ao período de domínio romano sobre a *Britannia*. Assim como outras cidades que integram a área geográfica conhecida como *Midlands*, Leicester viveu um período de intenso desenvolvimento ao longo do século XIX, particularmente devido à Revolução Industrial, à ligação da cidade por via ferroviária a outros grandes centros ingleses, e ao crescimento da indústria têxtil local¹⁸⁷. O progresso, no entanto, não foi livre de mazelas e, em meados do século XIX, a cidade sofria com a precariedade de uma infraestrutura inadequada para suprir as demandas de água e esgoto de sua população de 40 mil habitantes¹⁸⁸. A educação pública também era deficiente e o ensino dependia, majoritariamente, de escolas financiadas e dirigidas por grupos religiosos, que valorizavam, principalmente, conhecimentos práticos associados ao progresso industrial e à vocação comercial da cidade¹⁸⁹. No entanto, o número de crianças que frequentava regularmente o ensino escolar era bastante limitado e não era incomum que as famílias investissem apenas na educação de seus primogênitos, assim como incentivassem o início da vida profissional ainda em tenra idade. Em suma, a realidade de Leicester era, em muitos aspectos, semelhante à de diversas outras cidades inglesas do mesmo período.

¹⁸⁷ THOMPSON, James. *The history of Leicester, from the time of the Romans to the end of the seventeenth century*. Londres: W. Pickering, 1849. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=GPs9AAAACAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 2 ago. 2018.

¹⁸⁸ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 13.

¹⁸⁹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.*



Figura 3: *Hight Cross Street, Leicester, 1825, pelo artista local John Flower (1793-1861).*¹⁹⁰

¹⁹⁰ ASTRONOMY IN LEICESTERSHIRE. William Ludlam (c1717-1788) – Leicester. Disponível em: <http://www.uclmail.net/users/kylenano/astro_leicestershire/astro_leicestershire_ludlam_leicester.html>. Acesso em: 1 fev. 2019.

Em meio a este contexto, é possível afirmar que os Bates eram uma típica família de classe média baixa, envolvida com o trabalho industrial da região. A fabricação de meias era uma das atividades desenvolvidas no mercado têxtil local, havendo sido amplamente difundida após a introdução do maquinário industrial, e a família Bates mantinha um negócio moderadamente próspero já há duas gerações¹⁹¹. Quando nasceu, em 8 de fevereiro de 1825, o jovem Henry Walter Bates já possuía, de certa forma, um futuro planejado. Seu pai, Henry Bates, conhecido pelo epíteto de *Honest Henry*, comandava os negócios da família após a morte do patriarca, Robert. Sendo o mais velho entre os seus irmãos John Oscar, nascido em 1827, Frederick, nascido em 1829, e Samuel, nascido em 1839, o prospecto mais comum para o jovem Bates seria o de seguir os passos do pai para, um dia, tomar o seu lugar. No entanto, como veremos nas páginas a seguir, seu futuro tomou um rumo diferente, que eventualmente o levou para longe da familiar Leicester, até os recônditos da Amazônia brasileira.

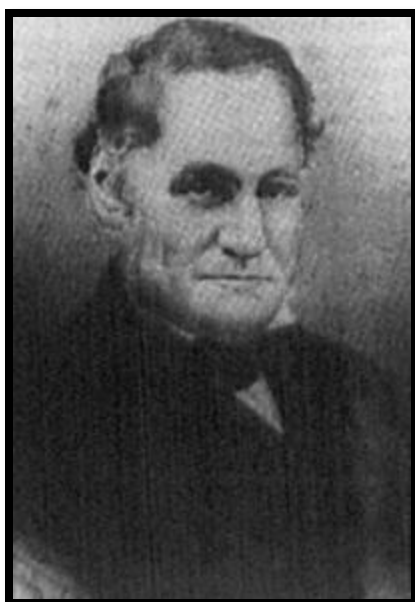


Figura 4: *Honest Henry Bates*.¹⁹²

Por ser o primogênito de sua família, Bates teve uma educação privilegiada em relação aos seus irmãos. A *Classical and Commercial Academy*, localizada na cidade de Billesdon, a 13 quilômetros de Leicester, oferecia educação em tempo integral e um currículo onde constavam aulas de Redação, Aritmética, Gramática, Astronomia, Geografia, História, Latim, Francês e Desenho, pelo preço de £20 por ano¹⁹³. Supervisionada pelo Reverendo W. H. Creaton, a academia fazia parte de um número crescente de escolas mantidas por grupos

¹⁹¹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.*

¹⁹² *Ibidem*. p. 23;

¹⁹³ LEICESTER JOURNAL AND MIDLAND COUNTIES GENERAL ADVERTISER. Leicester, Inglaterra, Reino Unido. 6 jul. 1855. p. 3. Disponível em: <<https://newspaperarchive.com/leicester-journal-and-midland-counties-general-advertiser-jul-06-1855-p-3/>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

religiosos não conformistas que haviam se afastado da Igreja Anglicana. De forma semelhante ao que fez Merton¹⁹⁴, ao apontar as relações entre o *ethos* puritano e o desenvolvimento do interesse pelas ciências naturais na Inglaterra do século XVII, autores como Crawforth¹⁹⁵ e Parker¹⁹⁶ observaram que academias como a do Reverendo Creaton ofereciam uma alternativa para jovens de famílias não conformistas ao ensino tradicionalmente supervisionado pelos anglicanos. Alternativa que, segundo os mesmos autores, também se relaciona com o crescimento industrial e comercial inglês dos séculos XVIII e XIX. Segundo Crawforth:

It has often been observed that the growth of industry was connected historically with the rise of groups which dissented from the established Church in England. Many explanations have been offered for this close association between industry and Dissent. It could have been that those who sought out new forms of worship would also naturally strike out new paths in secular fields. Equally, it could be that there is an intimate connection between the system of belief peculiar to Nonconformity and the rules of conduct, that lead to success in business. It could also be asserted that the exclusion of Dissenters from the universities, office in government and administration, forced many to seek an outlet for their abilities in industry and trade. There may be something in each of these contentions, but a simpler explanation lies in the fact that the Nonconformists generally constituted the better educated section of the middle classes.¹⁹⁷

Sendo de uma família que não congregava religiosamente com os preceitos da Igreja Anglicana, uma vez que *Honest Henry* identificava-se com um ramo do protestantismo de origem anabatista conhecido como unitarianismo, Bates teve sua formação básica na escola não conformista de Billesdon até a véspera do seu 14º aniversário. Sobre a influência específica do unitarianismo em sua formação, Crawforth sugeriu:

Bates' background as a Unitarian would have predisposed him to have a constructive attitude towards the people he met in the forests. He would have been positive, as Unitarians believe that people are worth caring about whoever they are.¹⁹⁸

Após ter concluído a sua educação básica, Bates voltou para Leicester. O próximo passo natural na vida de muitos jovens ingleses de classe média era a sua inserção no mercado de trabalho, a qual se dava, muitas vezes, a partir de um período de aprendizado. *Honest Henry* havia recomendado o filho a uma oficina local de fabricação de meias, para que pudesse começar a aprender como era o trabalho em uma indústria do ramo têxtil semelhante à mantida por sua própria família. A rotina de trabalho era árdua, assim como era para grande parte da

¹⁹⁴ MERTON, Robert King. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.

¹⁹⁵ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 29.

¹⁹⁶ PARKER, Irene. *Dissenting academies in England. Their rise and progress and their place among the educational systems of the country*. Cambridge: University Press, 1914.

¹⁹⁷ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 29.

¹⁹⁸ *Ibidem.* p. 68.

população trabalhadora da época. Começando às 7 horas da manhã, Bates abria e limpava a oficina, ficando até o horário do seu fechamento, às 8 horas da noite, com direito a apenas um dia de folga por semana.

Apesar da longa jornada de trabalho, os estudos nunca deixaram de ser uma de suas prioridades, como seu irmão Frederick relatou posteriormente¹⁹⁹. Além de estudar autodidaticamente todos os dias, também matriculou-se no *Mechanics' Institute* de Leicester. Os *Mechanics' Institute* ou *School of Arts*, como eram ocasionalmente chamados, foram instituições de ensino criadas a partir do século XIX ao longo de todo o Reino Unido, Austrália e Canadá, para promover a educação científica entre a classe trabalhadora que não tinha acesso às universidades²⁰⁰. Calcula-se que, em 1850, havia cerca de 700 *Mechanics' Institutes* apenas no Reino Unido²⁰¹. O Instituto de Leicester, criado em 1833, era reconhecido por ser um dos melhores de sua época e, além de promover aulas sobre variadas disciplinas, contava com uma rica biblioteca aberta ao público²⁰². Nele, Bates frequentava aulas de Grego, Latim, Francês, Desenho e Redação e foi, inclusive, premiado nas duas primeiras por ter sido o melhor aluno em ambas as turmas²⁰³.

Os *Mechanics' Institutes* também se tornaram um ponto de encontro para parte das elites intelectuais locais, propiciando aos seus frequentadores oportunidades singulares de convivência com pessoas que compartilhavam dos mesmos interesses. Além do interesse no aprendizado de novos idiomas, Bates também empenhou-se em estudar História Natural. Dentre todas as matérias da natureza, a disciplina que mais cativava sua atenção era a Entomologia, ramo da Zoologia voltado ao estudo dos insetos. Foi a esta disciplina que Bates dedicou a maior parte de seus estudos e contribuições, e sobre a qual posteriormente recebeu maior reconhecimento.

De acordo com o relato de Frederick²⁰⁴, os dois jovens irmãos passaram parte de suas infâncias fazendo pequenas excursões nos arredores de Leicester, notadamente à *Charnwood Forest* e ao *Bradgate Park*. Aos poucos, estas experiências contribuíram para que desenvolvessem suas observações sobre a natureza, e também garantiu oportunidades para que

¹⁹⁹ ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Obituary. op. cit.*

²⁰⁰ SHAPIN, Steven; BARNES, Barry. Science, nature and control: interpreting Mechanics' Institutes. *Social Studies of Science*, vol. 7, nº 1, 1977, pp. 31-74. Disponível em: <https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/3353819/shapin_science.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 ago. 2018.

²⁰¹ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.* p. 14.

²⁰² WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons. op. cit.* p. 18.

²⁰³ ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Obituary. op. cit.*

²⁰⁴ ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Obituary. op. cit.*

coletassem e descrevessem os seus primeiros espécimes de insetos. Em um obituário dedicado ao irmão, Frederick afirmou que:

Like most collectors he commenced with the Lepidoptera, but soon abandoned these for the Coleoptera. Of course I was soon enlisted as one of his collectors, and all the fine Saturdays of my schoolboy days found me scouring the lanes and woods of Charnwood Forest in the pursuit of butterflies.²⁰⁵

É interessante observar o momento histórico no qual o interesse de Bates por Entomologia se desenvolveu. A partir do início do século XIX, colecionar borboletas, mariposas, besouros e outros insetos coloridos e interessantes converteu-se em um passatempo comum na Inglaterra. Espécies consideradas raras, exóticas ou desejadas por sua beleza alcançavam altos valores no mercado de espécimes de História Natural. Segundo alguns autores²⁰⁶, a prática tornou-se uma verdadeira tendência e, devido aos custos para reunir as coleções, transformou-se, simbolicamente, em forma de distinção social. Por proporcionar este *status*, o número de colecionadores cresceu exponencialmente, criando uma economia associada à venda de espécimes, de catálogos ilustrados e de móveis especiais para o acondicionamento e exposição das coleções. Embora não fosse uma atividade comum aos membros de uma família de classe média baixa com origem na indústria têxtil²⁰⁷, era o passatempo favorito do jovem Bates.

O moderado sucesso dos negócios da família permitiu que se mudassem, em 1841, da antiga casa no número 16 da *Waterloo Street* para uma nova morada na *Queen Street*. No novo endereço, *Honest Henry* demonstrou encorajar o interesse dos filhos pela História Natural, montando uma pequena sala de estudos equipada com mesas e gaveteiros, onde foram guardadas as suas primeiras coleções entomológicas. De acordo com Crawforth:

The ability to provide enough space for non-essential clearly indicated a degree of affluence and comfort that Henry was able to provide for his family. It was a sign of both indulgence and foresight, unusual on the part of a man in trade at that time who would generally have scorn such pandering to children. Henry Bates, as with many of his generation, anticipated the benefit of education and saw qualities in Henry Walter that convinced him an investment in his education was warranted.²⁰⁸

Foi a partir destas experiências de infância que Bates começou a fundamentar a base de seu conhecimento em História Natural, a adquirir a prática necessária para capturar espécimes em campo, e a treinar seu olhar para reconhecer cada espécie em seu habitat natural. No *Mechanics' Institute*, teve a oportunidade de conhecer outros indivíduos que partilhavam de sua

²⁰⁵ *Ibidem.* p. 246.

²⁰⁶ Cf. CRAWFORTH, Anthony. *The Butterfly Hunter. op. cit.* p. 33. e HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.* p. 15.

²⁰⁷ MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 18.

²⁰⁸ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 25.

curiosidade pela natureza, como John Plant, primeiro curador do museu da cidade de Salford; o geólogo nascido em Leicester, James Plant; e o ornitólogo James Harley, também de Leicester²⁰⁹. Em meio a este ambiente, Bates encontrou a motivação necessária para seguir com suas investigações sobre a natureza.

Na biblioteca do Instituto, ele tinha acesso a alguns dos principais periódicos científicos em circulação pela Inglaterra. Dentre uma gama considerável de títulos, devemos destacar o *The Zoologist*, criado por Edward Newman (1801-1876), membro fundador do *Entomological Club* e da *Entomological Society of London*. Além de sua atuação como entomólogo, Newman também foi um profícuo divulgador da ciência, atuando particularmente como editor chefe de diversos periódicos de divulgação científica. O primeiro número foi lançado em 1843, ano em que Bates completou 18 anos. É nele que foram publicadas as suas primeiras observações como naturalista, sendo a primeira delas intitulada *Coleopterous insects frequenting damp places*. As três notas que escreveu relacionavam-se à sua experiência de coleta de insetos nos arredores de Leicester²¹⁰.

O objetivo de *The Zoologist*, segundo o próprio Newman, era criar um espaço democrático onde todos os naturalistas, independentemente de sua posição social ou associação a sociedades científicas, pudessem contribuir com artigos sobre suas observações da natureza, em linguagem clara e compreensível para o público não especializado. Segundo o prefácio da primeira edição:

The attempt to combine scientific truths with readable English, has been considered by my friends as one of surpassing rashness; and many have been the kind and pressing solicitations I have received to desist from a labour so hopeless, - many the supplications to introduce a few Latin descriptions, just to give the work a scientific character. [...] Every one who subscribes a single fact is welcome – nay, more than that – has a direct claim to be admitted as a contributor.²¹¹

²⁰⁹ ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Obituary. op. cit.*

²¹⁰ BATES, Henry Walter. *Coleopterous insects frequenting damp places*. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843. p. 114-115. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.; BATES, Henry Walter. *Seasons of appearance of Polyommatus Argiolus*. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843. p. 199. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.; BATES, Henry Walter. *Occurrence of Colias Edusa in Leicestershire*. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843. p. 330. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

²¹¹ NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843, prefácio. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

Ao garantir acesso democrático a todos que tivessem interesse em publicar em suas páginas, *The Zoologist* garantia uma oportunidade singular de reconhecimento para naturalistas amadores. Pela diversidade do seu conteúdo, assim como pela ênfase na utilização de uma linguagem não especializada, que garantisse a possibilidade de sua leitura por um público amplo, foi também uma contribuição importante para a divulgação científica na Inglaterra do século XIX. De acordo com Wale:

The Zoologist was by far the most successful of Newman's many publishing ventures, and one of the most long-lived of all the nineteenth-century popular natural history periodicals. It continued after Newman's death in 1876, surviving into the twentieth century and finally ceasing in 1916, presumably as many of its contributors were otherwise occupied at this time with more pressing matters than natural history.²¹²

Como observamos, até os seus 18 anos Bates manteve uma vida centrada nos estudos. Acompanhado pelo irmão e incentivado pelo pai, Leicester permitiu ao jovem aspirante a naturalista realizar as suas primeiras expedições, mesmo que estas estivessem limitadas aos arredores da cidade. Ainda assim, diligente em sua prática de campo e em suas observações, começou a sua primeira coleção de insetos, assim como publicou o seu primeiro artigo em um periódico científico. Seu interesse pela História Natural parecia afastá-lo cada vez mais do destino que poderia ser esperado de um jovem tradicional oriundo da classe média e trabalhadora inglesa de sua época. Em 1844, apenas um ano após a publicação no *The Zoologist*, Bates conheceu outro jovem naturalista, com quem descobriu compartilhar de muitas ideias. Esse jovem era Alfred Russel Wallace.

2.2. O ENCONTRO COM ALFRED RUSSEL WALLACE

Wallace nasceu no pequeno vilarejo de Usk no País de Gales em 8 de janeiro de 1823. Sua família, diferentemente dos Bates, não pertencia ao vasto grupo de trabalhadores industriais da Inglaterra Oitocentista. Seu pai, Thomas Vere Wallace (1771-1843), havia se formado em Direito em Londres. No entanto, parece nunca ter exercido a profissão, pois a renda da família provinha de uma série de investimentos realizados pelo patriarca, a partir dos lucros de cerca de £500 anuais que recebia do aluguel de uma propriedade. As informações sobre sua mãe, Mary Anne Grennell, são mais escassas, mas sabemos que o matrimônio aconteceu em algum momento de 1807²¹³.

²¹² WALE, Matthew. *The Zoologist* (1843-1916). *Constructing Scientific Communities*. 2 fev. 2018. Disponível em: <<https://conscicom.org/2018/02/02/the-zoologist-1843-1916/>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

²¹³ WALLACE, Alfred Russel. *My life. op. cit.* p. 7.

Alfred Russel Wallace foi o oitavo dos nove filhos do casal. Aos seis anos de idade, com uma situação financeira estável, Wallace se mudou com os pais para Hertford, na Inglaterra, a 32 quilômetros de Londres. Lá, teve sua educação básica na *Hertford Grammar School*. No entanto, um revés afetou a estabilidade da família quando, em 1837, seu pai perdeu a propriedade que garantia o sustento de todos. Como resultado, Wallace e seus irmãos tiveram de se inserir no mercado de trabalho. Segundo Lima:

Logo, a falência financeira levou à desagregação familiar, determinando-lhe um novo destino: Wallace foi enviado para Londres em 1837 – um ano depois do retorno do *Beagle* à Inglaterra – para morar com seu irmão John, um aprendiz de carpinteiro, enquanto esperava que seu irmão mais velho William – um engenheiro que possuía uma pequena firma de agrimensura – fosse busca-lo para trabalhar em seu negócio.²¹⁴

De acordo com o próprio Wallace, a estadia em Londres foi determinante na sua vida, pois lhe permitiu frequentar os círculos intelectuais locais, como o do *Hall of Science*, que descreveu como sendo:

It was really a kind of club or mechanics' institute for advanced thinkers among workmen, and especially for the followers of Robert Owen, the founder of the Socialist movement in England. Here we sometimes heard lectures on Owen's doctrines, or on the principles of secularism or agnosticism, as it is now called; at other times we read papers or books, or played draughts, dominoes, or bagatelle, and coffee was also supplied to any who wished for it.²¹⁵

Ao mesmo tempo, o aprendizado na empresa de agrimensura de seu irmão, onde começou a trabalhar, garantiu que adquirisse noções variadas de geografia, topografia, geometria e confecção de mapas. Além disso, adquiriu um profundo conhecimento da paisagem natural inglesa, o que certamente contribuiu para educar o seu olhar em relação às singularidades da natureza. Foi em meio a este contexto que começou a desenvolver o seu interesse pela História Natural.

Um novo revés em sua vida, no entanto, o levou a se mudar novamente. Em 1844, com o declínio da demanda por trabalhos, seu irmão foi obrigado a dispensá-lo. A busca por uma nova ocupação levou Wallace para Leicester, onde candidatou-se para uma vaga de professor em uma escola local. Este momento teve uma importância central, tanto na vida de Wallace, quanto na de Bates. Segundo Woodcock:

It is unlikely that Wallace would have stood beside Darwin in the history of science if he had not been so stimulated by his earlier association with Bates. But the stimulation was mutual, and if Wallace had not arrived to teach at the

²¹⁴ LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista*. op. cit. p. 178

²¹⁵ WALLACE, Alfred Russel. *My life*. op. cit. p. 87.

Leicester Collegiate School in 1844, Bates might never have reached the Amazons.²¹⁶

O pequeno círculo de intelectuais da cidade, que provavelmente frequentavam os mesmos locais, certamente facilitou o encontro dos dois que, de acordo com Wallace, deve ter ocorrido nos corredores da biblioteca local²¹⁷. Segundo Knapp:

Surveying jobs dried up in the early 1840s, and when Wallace's father died it was decided that he ought to make his own way with the small annuity left to him. He obtained the post of drawing master at the Collegiate School in Leicester, and there met a friend with whom he would set out on a venture that would completely change his life. Henry Walter Bates was the son of a hosiery manufacturer in the town and had a passion for beetles, with which he rapidly inspired his new friend Alfred. The young men became fast friends, collecting together, reading and discussing books – Wallace had at last found a person with whom he could talk about natural history and philosophy, a sounding board for the development of his own ideas and opinions.²¹⁸

Ainda segundo Knapp, a amizade com Bates foi fundamental para Wallace, pois garantia a oportunidade de ter com quem discutir suas ideias, leituras e observações científicas:

Most importantly, he had found a companion in Bates, someone with whom to discuss ideas about natural history and philosophy – a sounding board for the development of his own ideas and opinions. This companionship was crucial to both young men. Without each other at this stage in their lives they might have just continued in their life's trajectory as it was – becoming enthusiastic amateur natural historians in Britain rather than taking the leap into the unknown and becoming men who helped to change the way in which we view our world.²¹⁹

Embora um pouco mais jovem que Wallace, Bates possuía maior experiência em História Natural, assim como uma coleção já bastante razoável. Assim, sobre o encontro dos dois, Wallace recordou em sua autobiografia:

I found that his specialty was beetle collecting, though he also had a good set of British butterflies. Of the former I had scarcely heard, but as I already knew the fascinations of plant life I was quite prepared to take an interest in any other department of nature. He asked me to see his collection, and I was amazed to find the great number and variety of beetles, their many strange forms and often beautiful markings or colouring, and was even more surprised when I found that almost all I saw had been collected around Leicester, and that there were still many more to be discovered. [...] ... and he showed me a thick volume containing descriptions of more than three thousand species inhabiting the British Isles. I also learnt from him in what an infinite variety of places beetles may be found, while some may be collected all the year

²¹⁶ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, Naturalist of the Amazons. op. cit.* p. 25.

²¹⁷ WALLACE, Alfred Russel. *My life. op. cit.* p. 237.

²¹⁸ KNAPP, Sandra. Alfred Russel Wallace. The problem of the origin of species (1823-1913). In: HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists*. Londres: Thames & Hudson, 2007. p. 279.

²¹⁹ KNAPP, Sandra. *Alfred Russel Wallace in the Amazon*. Footsteps in the forest. Londres: Natural History Museum, 2013. With foreword by Professor Sir Ghillean Prance FRS, VMH Director, Royal Botanic Gardens, Kew, 1988-1999. p. 23.

round, so I at once determined to begin collecting, as I did not find a great many new plants near Leicester.²²⁰

Mais uma vez por motivos financeiros, Wallace se viu novamente obrigado a se mudar, desta vez para a cidade galesa de Neath. Manteve, porém, contato com Bates por meio de correspondências. A profícua amizade, que então se iniciou, garantiu uma fonte de incentivo mútuo para o desenvolvimento da vocação dos jovens naturalistas. Juntos, compartilhavam de suas experiências, de suas observações sobre a natureza local, e discutiam suas leituras dos principais livros científicos aos quais tiveram acesso. Sobre este ponto, é interessante tomar um momento para analisar, a partir das biografias de Bates e Wallace, algumas das leituras que realizaram. Como já apontado por Bourdieu, é preciso tomar cuidado com aquilo que o autor chamou de ilusão biográfica²²¹, isto é, a tendência teleológica do discurso biográfico em narrar uma trajetória progressiva em direção a conclusão de um “projeto original” na vida do biografado. Figueirôa também nos chama a atenção para a mesma questão, afirmando que é preciso atentar para a tendência a imputar, no histórico do sujeito biografado, uma coerência *ex post factum*²²².

No entanto, é importante observar o que leram estes naturalistas antes de virem ao Brasil, pois isto nos permite observar quais eram as principais ideias em circulação no período e quais eram os autores com quem estavam dialogando. A partir de um exame das suas leituras, é possível compreender um pouco melhor suas próprias formações científicas, e vislumbrar o arcabouço teórico a partir do qual observaram a natureza brasileira. Como já apontado por Kuhn²²³, a educação científica se dá a partir da leitura de manuais e, mesmo que tenha sido realizada em parte autodidaticamente por ambos, é interessante analisar alguns dos autores que contribuíram para moldar seus olhares sobre a natureza. Além disso, as obras lidas por Bates e Wallace foram também, provavelmente, lidas por muitos outros naturalistas europeus do Oitocentos, o que nos dá um panorama sobre a História Natural naquela época.

2.3. O QUE LIA UM NATURALISTA INGLÊS EM MEADOS DO SÉCULO XIX

Uma das leituras compartilhadas por ambos os jovens foi o livro *Elements of Geology*, cujo primeiro volume apareceu ao público em 1838. A esta época, Charles Lyell já era um

²²⁰ WALLACE, Alfred Russel. *My life. op. cit.* p. 237.

²²¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da História Oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 183-193.

²²² FIGUEIRÔA, Sílvia F. Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 235-246. p. 241.

²²³ KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

reconhecido geólogo e sua fama provinha, principalmente, dos três volumes de *Principles of Geology* (1830, 1832, 1833) publicados anos antes. Originalmente idealizado para ser um suplemento ao *Principles*, que tornasse a obra de mais fácil leitura aos estudantes, Lyell expandiu o *Elements* a partir de informações que teve acesso em dois manuscritos que só viriam a ser publicados posteriormente: o livro de Darwin sobre sua viagem com o *Beagle* (1831-1836) e a obra *Silurian System*, do geólogo Roderick Murchison (1792-1871)²²⁴. Em suas publicações, Lyell apresentava ao leitor considerações sobre os efeitos de fenômenos naturais, como erupções vulcânicas, terremotos e as ações de rios, sobre a paisagem natural. Discutia, também, as consequências que tinham sobre a distribuição geográfica de animais e plantas. Expandindo sobre o pressuposto do geólogo James Hutton (1726-1797), de que o presente possui as chaves para a compreensão do passado, Lyell tornou-se um reconhecido popularizador do princípio do uniformitarianismo. De forma simplificada, Lyell e Hutton propunham ser possível entender as transformações geológicas do passado da Terra a partir das mesmas causas que produzem efeitos no presente. De forma lenta, gradual e regida pelas mesmas leis, a geologia terrestre foi sendo moldada e, às transformações no espaço acompanharam transformações na ocupação deste espaço por animais e plantas.

O uniformitarianismo surgiu como contraponto ao catastrofismo, teoria que sugeria que o passado terrestre era pontuado por intensas catástrofes naturais, causadoras não apenas de mudanças na paisagem, mas também fenômenos de extinções em massa. Durante os séculos XVIII e XIX, o catastrofismo foi defendido por naturalistas de renome, como Georges Cuvier (1769-1832) e Louis Agassiz, vindo a ser uma das principais ideias em oposição ao evolucionismo.

Ideias sobre a evolução ainda estavam começando a surgir na mente do jovem Charles Darwin quando o mesmo retornou à Inglaterra, após sua participação na segunda viagem do *HMS Beagle*, comandado por Robert FitzRoy (1805-1865). A narrativa da viagem foi publicada pelo capitão em 1839, originalmente em três volumes, sob o título *Narrative of the Surveying Voyages of His Majesty's Ships Adventure and Beagle*. O terceiro e último volume, de autoria de Darwin, continha suas observações da natureza, feitas em campo ao longo da viagem. Seu relato alcançou grande popularidade e, em 1845, o editor John Murray III (1808-1892) comissionou uma segunda edição, a ser publicada individualmente. Segundo Crawforth²²⁵, a

²²⁴ LYELL, Charles. *Elements of Geology*. Londres: John Murray. 1838. p. vii. Disponível em: <<https://archive.org/details/elementsgeology06lyelgoog>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

²²⁵ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 14.

segunda edição, onde aparecem alguns dos primeiros embriões das ideias evolutivas de Darwin, foi a que Bates e Wallace provavelmente leram.

Desde o século XVIII, naturalistas ao redor do mundo debatiam sobre a origem das espécies. No século seguinte, o tema se tornou uma das principais controvérsias científicas em voga. A principal questão era determinar se as espécies eram capazes de se transformar ao longo do tempo, com novas gerações herdando ou não as modificações apresentadas por gerações anteriores, ou se permaneciam imutáveis, para sempre carregando as mesmas características.

Segundo Huxley:

Evolution was the hottest topic of the 19th century and of the greatest and most challenging leaps in the understanding of the natural world. The key was the acceptance that not only was the Earth much older than anyone had dared believe, but its age was sufficient to allow the planet itself and its living cover to have gradually changed through natural forces. It thus challenged people's faith in, and acceptance of, a Creation in the not too distant past.²²⁶

Enquanto alguns acreditavam que as espécies possuíam características rigidamente demarcadas, que haviam sido criadas perfeitas de acordo com a vontade de um Criador, que seriam incapazes de escapar de suas essências, outros acreditavam que a transformação era possível. Não havia, no entanto, acordo sobre as causas destas transformações. Para uns, mudanças só seriam possíveis a partir de fenômenos de extinção causados por desastres naturais, que necessariamente levariam à criação de novas espécies por Deus. Outros, no entanto, acreditavam que transformações aconteciam gradual e progressivamente, e dispensavam a presença do Criador. Alguns outros, por sua vez, acreditavam que estas mudanças caminhavam em direção a uma finalidade ideal existente em potência em cada espécie. Para uma parte dos que acreditavam na capacidade das espécies de se transformarem ao longo do tempo, fatores externos como o clima eram fundamentais para originar mudanças, enquanto outros negavam completamente a hereditariedade de características desenvolvidas ao longo da vida. Foram propostas muitas hipóteses diferentes para tentar responder a esta questão.

Segundo Press:

During the 18th century there were strongly conflicting views on the origin of species, their ability to change or not, and how any changes might be transmitted to future generations. Were all creatures created independently of one another and immutable – a view strongly supported by the Church – or could new species arise from existing ones? Did each individual contain within it the perfect, preformed embryos of its progeny (and those embryos in turn contain their own preformed progeny, like infinite Russian dolls), or did

²²⁶ HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists*. London: Thames & Hudson, 2007, p. 18.

an embryo evolve from a simple to a complex structure as it approached the moment of birth?²²⁷

A crença na possibilidade da transformação das espécies ao longo do tempo chocava-se com a tradição religiosa predominante. A própria ideia da Criação trazia dificuldades de conciliação com a possibilidade de transformação, uma vez que as espécies já seriam criadas em seu estado perfeito. Ainda que houvesse aqueles que admitissem a ideia de transformações progressivas de acordo com um plano divino, outra dificuldade se apresentava. Desde o século XVII, pelo menos, muitos foram os pensadores que se debruçaram sobre a cronologia da Terra, tentando calcular de diversas formas a idade do Planeta. O resultado do cálculo realizado pelo arcebispo irlandês James Ussher (1581-1656), a partir de uma análise do relato bíblico, angariava muitos adeptos. Ussher colocava a criação da Terra precisamente no dia 23 de outubro de 4004 a.C.²²⁸, tornando-se a crença predominante na Inglaterra Vitoriana²²⁹. Tão pouco tempo de criação parecia tornar inviável a ideia de que as espécies pudessem se transformar de até alcançarem seus estágios atuais. Ao mesmo tempo, esta compreensão da cronologia terrestre começava a ser desafiada pela descoberta de diferentes camadas estratigráficas e de vestígios fossilizados de espécies extintas, como exemplificado pelas reflexões de Robert Hooke (1635-1703) já no final do século XVI²³⁰. A busca por fósseis tornou-se uma atividade lucrativa, tanto pelo interesse que geravam como curiosidades do passado geológico da Terra, quanto pela dificuldade de sua interpretação e inclusão em meio aos paradigmas biológicos da época.

Em meio a este panorama, *Vestiges of the Natural History of Creation*, um livro publicado anonimamente em Londres parece ter tido um papel notório em despertar a discussão do tema entre Bates e Wallace. Embora publicado originalmente em 1844, seu autor só foi revelado vinte anos mais tarde, em um prefácio adicionado à décima segunda edição do livro. Quando sua autoria foi revelada ao público, Robert Chambers (1802-1871) já havia morrido há mais de dez anos. Tamanho mistério pode ter sido, possivelmente, um dos fatores que aumentou suas vendas. No entanto, o segredo sobre a identidade de seu autor foi provavelmente fruto do caráter controverso do livro, que desafiava os principais preceitos da Teologia Natural defendidos à época, e sugeria a capacidade de transformação das espécies ao longo do tempo.

²²⁷ PRESS, Robert. Erasmus Darwin. Evolutionary beginnings (1731-1802). In: HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists*. Londres: Thames & Hudson, 2007. pp. 159-169, p. 161.

²²⁸ HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists. op. cit.* p. 83.

²²⁹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 3.

²³⁰ WALLER, Richard (ed.). *The posthumous work of Robert Hooke*. London: Sam Smith and Benj. Walford, 1705. Disponível em: <https://archive.org/details/b30454621_0001/>. Acesso em: 23 jan. 2019.

O livro foi vastamente criticado por não apresentar fatos científicos observáveis que pudessem corroborar suas afirmações, pelo grande amálgama de temas diferentes discutidos apenas superficialmente, assim como por sua linguagem floreada²³¹. Ainda assim, vendeu cerca de 21 mil exemplares no decorrer de uma década, podendo ser considerado um *best-seller* para a época. Foi, supostamente, lido até mesmo pela Rainha Vitória²³². Para termos uma ideia de seu conteúdo, vejamos a descrição de Quammen sobre o livro:

No mesmo mês da carta de Darwin para Jenyns, outubro de 1844, um respeitável editor de Londres lançou *Vestiges of the natural history of creation*, um volume de divulgação científica e teorização barata que examinava, desordenadamente, a cosmologia, a geologia, as origens da vida, a paleontologia e a transmutação das espécies, abordando pelo caminho temas como a geração espontânea, os anéis de Saturno, a produção de insetos usando eletricidade, a ocorrência de sarampo nos corpos, as origens das raças e línguas humanas, frenologia, pessoas com seis dedos, a germinação de cevada em plantações de aveia, o nascimento de um ornitorrinco de pais gansos, o número de ossos do pescoço da girafa, além de muitos outros fatos interessantes e curiosidades espantosas, tudo misturado e assado numa torta de frutas literária, por um autor que escrevia uma prosa fluida e fácil e optou por permanecer anônimo. Graças ao conteúdo e ao mistério de sua autoria, *Vestiges* tornou-se um sucesso. Causou surpresa, estimulou o pensamento, provocou aborrecimento, motivou conversas e vendeu bem.²³³

Apesar do grande sucesso de vendas, *Vestiges* parece ter conseguido convencer poucos de seus leitores acerca de suas proposições científicas. Ainda assim, o livro é creditado por ter contribuído para fomentar o diálogo e preparar as mentes para a discussão sobre a origem das espécies²³⁴, pois nele Chambers tentava associar a gênese de novas espécies a um processo lento e gradual que poderia ser observado nas camadas terrestres através da Paleontologia²³⁵. Para conhecermos o impacto desta leitura sobre jovens naturalistas, podemos recorrer a uma carta enviada por Wallace para Bates, em 28 de dezembro de 1845. Nela, afirmava:

I have rather a more favourable opinion of the “Vestiges” than you appear to have – I do not consider it as a hasty generalisation, but rather as an ingenious hypothesis strongly supported by some striking facts and analogies but which remains to be proved by more facts & the additional light which future researches may throw upon the subject – It at all events furnishes a subject for every observer of nature to turn his attention to; every fact he observes must

²³¹ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons*. *op. cit.* p. 27.

²³² QUAMMEN, David. *As dúvidas do Sr. Darwin: o retrato do criador da teoria da evolução*. Tradução Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 70.

²³³ *Ibidem.* p. 69.

²³⁴ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.* p. 10.

²³⁵ DO CARMO, Viviane Arruda; BIZZO, Nélio; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. Alfred Russel Wallace e o princípio de seleção natural. *Filosofia e História da Biologia*, v. 4, pp. 209-233, 2009. Disponível em: <<http://www.abfhib.org/FHB/FHB-04/FHB-v04-07-Viviane-Carmo-et-al.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018. p. 215.

make either for or against it, and it thus furnishes both an incitement to the collection of facts & an object to which to apply them when collected.²³⁶

Como podemos perceber a partir deste trecho, o livro parece ter sido fundamental para instaurar em Wallace a vontade de investigar, objetivamente, as questões desenvolvidas por Chambers, notadamente relativas à origem e transformações das espécies. Embora a carta original de Bates tenha se perdido, é possível perceber que sua recepção da obra parece ter sido mais crítica. Ainda assim, fica evidente que a temática era central nas discussões entre ambos os naturalistas. Ao longo das páginas seguintes, Wallace apresentou algumas reflexões próprias sobre a possibilidade do desenvolvimento progressivo das espécies, inclusive a humana. Em sua carta, mencionou, ainda estar lendo a obra *Cosmos*, publicada em 1845 por Alexander von Humboldt (1769-1859).

Humboldt foi o autor de um popular relato de viagem, que muito contribuiu para aguçar a curiosidade europeia sobre o continente americano. Publicado originalmente em francês em um enorme compêndio de sete volumes, já estava disponível traduzido para o inglês desde, pelo menos, 1814, sob o título *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent*. O prussiano foi um dos mais renomados naturalistas viajantes de seu tempo e seus relatos tiveram um profundo impacto na literatura de viagens da época, servindo de inspiração para muitos outros viajantes. O próprio Wallace, em sua autobiografia, afirmou que o relato de Humboldt foi a primeira leitura que o fez desejar visitar os trópicos²³⁷. Segundo Kury:

Sabe-se da imensa importância que seus relatos [Humboldt] tiveram para a literatura de viagens do século XIX e também para o despertar de vocações de jovens naturalistas europeus. [...] As viagens de Humboldt são consideradas uma espécie de divisor de águas da literatura de viagens. Suas descrições da natureza são ao mesmo tempo artísticas e científicas, poéticas e exatas. Assim como alguns artistas e homens de ciência de sua época, ele demonstrou o valor cognitivo da arte. A arte muitas vezes era associada a outros tipos de descrição, com o intuito de dar conta do registro de determinados fenômenos naturais e culturais. Muitas das próprias representações artísticas que não eram diretamente relacionadas à história natural buscaram, ao longo do século XIX, apropriar-se dos conhecimentos físicos e químicos disponíveis na época, a fim de melhor imitar a natureza, principalmente no que diz respeito à pintura de paisagem.²³⁸

²³⁶ WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 28 dez. 1845. Neath, Glamorganshire, Wales, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 6f. Sobre gabinetes para acondicionamento de espécimes, o livro *Vestiges of the Natural History of Creation* e teorias sobre o desenvolvimento progressivo das espécies. WPI/3/17 (Natural History Museum General Library, London, United Kingdom). 28 set. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/346/346/S/details.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

²³⁷ WALLACE, Alfred Russel. *My life*. op. cit. p. 232.

²³⁸ KURY, Lorelai. As mil vozes da natureza. In: KURY, Lorelai (org.). Representações da fauna no Brasil. Séculos XVI – XX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014. p. 164.

Já em meados do século XIX, livros de viagem haviam ascendido ao *status* de gênero de grande consumo no mercado livreiro²³⁹, com muitas obras sendo publicadas anualmente, despertando o interesse de um grupo de leitores ávidos por notícias e descrições de locais ainda pouco conhecidos pelo público europeu. Estas narrativas tinham apelo tanto para naturalistas, que as liam pelas observações sobre a História Natural de locais que ainda não haviam visitado, quanto para leitores interessados nas curiosidades e no aspecto aventureiro dos relatos, e exerceram também um papel importante na divulgação científica²⁴⁰. Segundo Lisboa²⁴¹, as obras produzidas pelos viajantes podem ser caracterizadas por sua versatilidade ao tangenciarem gêneros tão diversos como a crônica, o romance, a aventura, o diário e o relato científico. Tornaram-se, inclusive, uma fonte alternativa de renda para os naturalistas, após o retorno da viagem²⁴². Os relatos cumpriam, ainda, a função de expor ao leitor as sensações e os sentimentos experimentados pelo viajante *in loco*. Segundo Domingues:

Os relatos eram uma forma eficaz de transformar uma experiência pessoal em conhecimento público, testemunhos do mundo, reflexos da experimentação e da observação directa de outras naturezas e sociedades, influenciados na sua organização, desenvolvimento e conteúdos pela formação dos autores, pelas leituras feitas, pela selecção de argumentos e notícias, destinados a responder ao gosto da época e à curiosidade dos leitores. Mas podiam também ser utilizados como prova irrefutável de primazia no descobrimento e, consequentemente, de argumento válido em pretensões de soberania.²⁴³

Especialmente após a influência de Humboldt, era importante que os autores destes relatos fizessem esforços para traduzir, em palavras e ilustrações, as fisionomias dos lugares visitados de forma que seus leitores sentissem aquilo que o viajante havia sentido no momento de sua observação. Uma excisata enviada para estudo em gabinete não produzia os mesmos efeitos de admiração e exaltação produzidos pela análise do mesmo espécime em meio ao seu habitat natural. De acordo com Kury:

A história natural praticada nos grandes centros europeus se apropria das coleções feitas por coletores e viajantes e procede a uma civilização dos objetos naturais: ela liberta os seres vivos das limitações geográficas de suas espécies, desvenda suas propriedades úteis, ou seja, produz conhecimentos que retiram cada coisa de seu lugar de origem e as transporta para o interior de estufas, galerias e herbários. Esses procedimentos não contam, entretanto,

²³⁹ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

²⁴⁰ MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. M. The naturalists and the popularisation of Science. *7th International Conference on the Public Communication of Science and Technology (PCST7)*, Cape Town, 2002.

²⁴¹ LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius*. *op. cit.* p. 34.

²⁴² DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n°55, jan./jun. 2008, p. 133-152. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882008000100007> Acesso em: 26 ago. 2018. p. 146.

²⁴³ DOMINGUES, Ângela. *Oficiais, cavalheiros e concorrentes*. *op. cit.* p. 387.

com a “vivacidade” do testemunho direto. Caberia ao viajante suprir este inconveniente.²⁴⁴

Ao permitir aos leitores uma experiência supostamente mais próxima daquilo que era vivenciado em campo, os relatos de viagem também se tornaram importantes motivadores para jovens naturalistas. Wallace, no prefácio do livro em que narrou sua passagem pelo Brasil, confirmou o impacto que a leitura de narrativas de viagem teve sobre o seu próprio desejo de viajar. É interessante observar, também, como os relatos lidos imprimiram no futuro viajante a ideia de que o Brasil era uma terra de eterno verão. Em sua autobiografia, afirmou:

An earnest desire to visit a tropical country, to behold the luxuriance of animal and vegetable life said to exist there, and to see with my own eyes all those wonders which I had so much delighted to read of in the narrative of travellers, were the motives that induced me to break through the trammels of business and the ties of home, and start for “Some far land where endless summer reigns”.²⁴⁵

Além da narrativa de Darwin e Humboldt, Bates e Wallace também leram a de Charles Waterton (1782-1865), publicada em 1825 com o título *Wanderings in South America*. Em seu livro, além de descrever em detalhes suas viagens aos Estados Unidos e ao Brasil, durante o período em que morou na Guiana Britânica, Waterton dedicou uma seção para dar instruções sobre como preservar aves para exibi-las em gabinetes de História Natural. Segundo Crawforth:

At the time of its publication in 1825, [Waterton’s] book *Wanderings in South America* was the most popular and widely read travel narrative on South America, sought after by all would-be adventurers. It was included in the libraries of the Mechanics’ Institutes and in public libraries as evidenced by the labels that appear on occasional copies auctioned in book sales today. There is reason to believe Bates and Wallace both read the book, and having done so would surely have been motivated by this quite extraordinary explorer.²⁴⁶

Uma narrativa em particular, entretanto, parece ter sido a principal influência na vida de Bates e Wallace naquele momento. Em 1846, William Henry Edwards deixou o porto de Nova Iorque com seu tio, que havia sido cônsul dos Estados Unidos na Argentina, com destino ao Pará. Ao longo de nove meses, visitaram diversas localidades do norte brasileiro, reuniram uma modesta coleção de animais, principalmente borboletas, e registraram diariamente suas observações sobre a natureza e a cultura local. No ano seguinte, Edwards publicou seu relato com o título *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará*.

²⁴⁴ KURY, Lorelai. As artes da imitação nas viagens científicas do século XIX. In: VERGARA, Moema de Rezende; ALMEIDA, Marta de (orgs.). *Ciência, História e Historiografia*. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2008, p. 321-333. p. 321.

²⁴⁵ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. iii.

²⁴⁶ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. op. cit. p. 12.



Figura 5: *William Henry Edwards (s.d.).*²⁴⁷

Embora seu relato não tenha recebido reconhecimento por seu caráter científico, alcançou moderado sucesso principalmente pela linguagem vívida com a qual representou a natureza Amazônica²⁴⁸. Suas descrições extensas e detalhistas desenharam, na mente do leitor, cenas de um país povoado por uma exótica e colorida fauna em meio ao intenso verde de opulentas florestas tropicais. Logo nas primeiras páginas de seu livro, afirmou:

Promising indeed to lovers of the marvelous is that land, where the highest of Earth's mountains seek her brightest skies, as though their tall peaks sought a nearer acquaintance with the most glorious of stars; where the mightiest of rivers roll majestically through primeval forests of boundless extent, concealing, yet bringing forth the most beautiful and varied forms of animal and vegetable existence; where Peruvian gold has tempted, and Amazonian women have repulsed, the unprincipled adventurer; and where Jesuit missionaries, and luckless traders, have fallen victims to cannibal Indians, and epicurean anacondas. [...] The country of the Amazon is the garden of the world, possessing every requisite for a vast population and an extended commerce. It is, also, one of the healthiest of regions; and thousands who annually die of diseases incident to the climates of the North, might here find health and long life.²⁴⁹

Seu relato combina a ideia de aventura com a promessa de uma natureza incomparável e de um clima agradável, onde a vida pode ser longa e saudável, desde que evitados os índios

²⁴⁷ SULLIVAN, Debra K. William Henry Edwards. *E-WV: The West Virginia Encyclopedia*. 18 out. 2012. Disponível em: <<https://www.wvencyclopedia.org/articles/2176>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

²⁴⁸ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 14.

²⁴⁹ EDWARDS, William Henry. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará*. New York: D. Appleton & Company, 1847. Disponível em: <<https://archive.org/details/voyageupriverama00edwauoft>>. Acesso em: 10 ago. 2018. p. 11.

canibais e as anacondas gigantes. As descrições ao longo do livro devem ter sido particularmente encantadoras para jovens naturalistas, pois asseguravam a existência de um país da mais rica fauna e flora, onde mesmo um curto passeio pelo jardim poderia revelar ao visitante inúmeras espécies diferentes. Edwards descreveu da seguinte forma sua breve visita ao jardim da casa do Senhor Norris, cônsul estadunidense no Pará, que o hospedou:

Our first excursion extended no further than the garden, at the rear of the house; but even that little distance opened to us a new world. [...] and here grew in perfection, the banana, the orange, the fig, the tamarind, the cotton tree, the sugar cane; and over the fence, on the soil of a neighbor, a lofty cocoa tree displayed its clusters of ripening nuts. Instead of the puny sensitive-plant, that, in the north, struggles almost hopelessly for frail existence, a giant shrub threw out its nervous arms, all flowering, and the attraction of passing butterflies.²⁵⁰

Em outro trecho mais adiante, é possível encontrar mais uma afirmação semelhante. É interessante notar que, em seu elogio sobre a fertilidade do solo brasileiro, Edwards escolheu destacar apenas espécies que detinham alguns dos maiores valores comerciais à época, associando, ainda, uma promessa de lucro para aqueles que desejassem cultivá-las em meio às amenidades da vida no país. Segundo seu relato:

The soil is of the greatest fertility, and sugar cane, rice, coffee, anatto, cotton, cacao, and a hundred other products, richly repay the labor bestowed upon their cultivation; while from the forests are obtained gums and drugs, all yielding a revenue. Almost every thing grows to hand that man requires; living is cheap, and the climate delightful.²⁵¹

O último capítulo do livro de Edwards era de particular interesse para viajantes ávidos por visitar a Amazônia brasileira, contendo diversas informações práticas, além de indicações e conselhos. Existem tópicos dedicados exclusivamente aos meios de transporte locais, aos efeitos do clima sobre os europeus, além de uma lista extensa de quais vestimentas, remédios e materiais deveriam fazer parte da bagagem de um viajante pela região. Sobre as taxas de importação e exportação cobradas nas alfândegas brasileiras, Edwards além de dar dados concretos sobre valores, também fez uma análise na qual considerou os impostos brasileiros excessivamente caros e prejudiciais ao desenvolvimento econômico da nação. A necessidade de pagar impostos mesmo dentro do ambiente nacional encarecia sobremaneira os produtos produzidos no país. Não fossem os altos impostos e tarifas alfandegárias, o Brasil seria capaz de dominar o mercado internacional na venda de diversos artigos, como algodão, arroz e tabaco, os quais possuam qualidade superior aos produzidos nos Estados Unidos, segundo o viajante²⁵².

²⁵⁰ *Ibidem.* p. 19.

²⁵¹ *Ibidem.* p. 247.

²⁵² *Ibidem.* p. 247.

A opinião de Bates a respeito do mesmo tema não foi diferente, e o viajante informou que a receita da província do Pará provinha quase exclusivamente das altas taxas alfandegárias cobradas, que chegavam a ser 80% para a importação de alguns produtos. A exportação, segundo notou, também era uma importante fonte de renda, sendo o comércio exterior feito principalmente com o Reino Unido²⁵³.

Segundo Edwards, a necessidade de incluir estes tópicos em seu livro provinha da grande dificuldade de encontrar informações sobre que materiais um viajante deveria levar para a Amazônia, uma vez que “*many of these things cannot be obtained at all, or only at extravagant prices and of poor quality, at Pará*”²⁵⁴. A partir de suas indicações, Edwards propunha tornar o Amazonas acessível para a maioria dos viajantes, ainda que estes não tivessem objetivos científicos. Apresentava a região como um local de clima agradável e saudável, cujos habitantes eram gentis e hospitaleiros com os viajantes estrangeiros, onde os custos de vida eram moderados e a natureza abundante. Mesmo a língua portuguesa, segundo seu relato, não era um impeditivo para o viajante que desejasse visitar a região:

As to ignorance of the language, that is a matter of no consequence. The Portuguese is intimately allied to the Spanish, and is one of the most easily acquired languages in the world. A stranger readily learns the necessary phrases, when he is compelled to do so, and a few weeks' attention renders him sufficiently an adept for all practical purposes. Not only are there many foreigners in Para who speak English, but it is very generally understood by the Brazilian and Portuguese merchants of the city.²⁵⁵

Não demorou para que o livro cruzasse o oceano e chegasse à Inglaterra, onde foi publicado por John Murray. Logo, chegou nas mãos de centenas de naturalistas e leitores curiosos. Os livros de viagem, publicados por viajantes como Edwards, transformavam-se em poderosas ferramentas discursivas, criando para o seu público leitor um conjunto imagético que nem sempre traduzia a realidade. É particularmente interessante enfatizar este aspecto das narrativas de viagem, pois influenciaram decididamente na criação de uma imagem europeia das Américas. Estas imagens, reproduzidas ao longo do tempo, condicionavam o olhar europeu, ditando aquilo que deveria ser reconhecido como americano ou tropical. Sendo assim, não só produziam e reproduziam opiniões, mas também geravam expectativas e incentivavam seus leitores a viajarem e verem com seus próprios olhos a natureza conhecida por meio dos relatos. Para Bates e Wallace, a leitura do relato de Edwards foi determinante para encorajá-los a viajar para o Brasil. Segundo o próprio Wallace:

²⁵³ BATES, Henry Water. *The naturalist on the Amazons*. vol. II, 1863, *op. cit.* p. 411.

²⁵⁴ EDWARDS, William Henry. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará*. p. 254.

²⁵⁵ *Ibidem.* p. 255.

What decided our going to Pará and the Amazon rather than to any other part of the tropics was the publication in 1847 of “A Voyage up the Amazon,” by Mr. W. H. Edwards. This little book was so clearly and brightly written, described so well the beauty and the grandeur of tropical vegetation, and gave such a pleasing account of the people, while showing that expenses of living and of travelling were both very moderate, that Bates and myself at once agreed that this was the very place for us to go to if there was any chance of paying our expenses by the sale of our duplicate collections.²⁵⁶

O relato de Edwards parece ter sido o estopim que determinou a escolha do Amazonas como destino para uma expedição de caráter naturalista. Em 1847, Leicester parecia já não satisfazer mais a curiosidade entomológica de Bates, que começava a ampliar os seus locais de coleta para as cidades vizinhas. Na pequena *Burton-on-Trent*, a 44 quilômetros de sua cidade natal, reuniu, identificou e descreveu as principais características de dezenas de besouros, enviando suas anotações para serem publicadas no *The Zoologist*²⁵⁷. Para dois jovens colecionadores de espécimes que nutriam um ávido interesse por História Natural, viajar poderia se transformar em uma forma de ascensão social e profissional, capaz de permitir ultrapassar os limites alcançáveis nos arredores de Leicester ou Neath.

²⁵⁶ WALLACE, Alfred Russel. *My life. op. cit.* p. 264.

²⁵⁷ BATES, Henry Walter. Remarks on local species of Coleoptera in the neighbourhood of Burton-on-Trent. *The Zoologist*, vol. 6, 1848. pp. 1997-1999. Disponível: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/123030#page/81/mode/lup>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

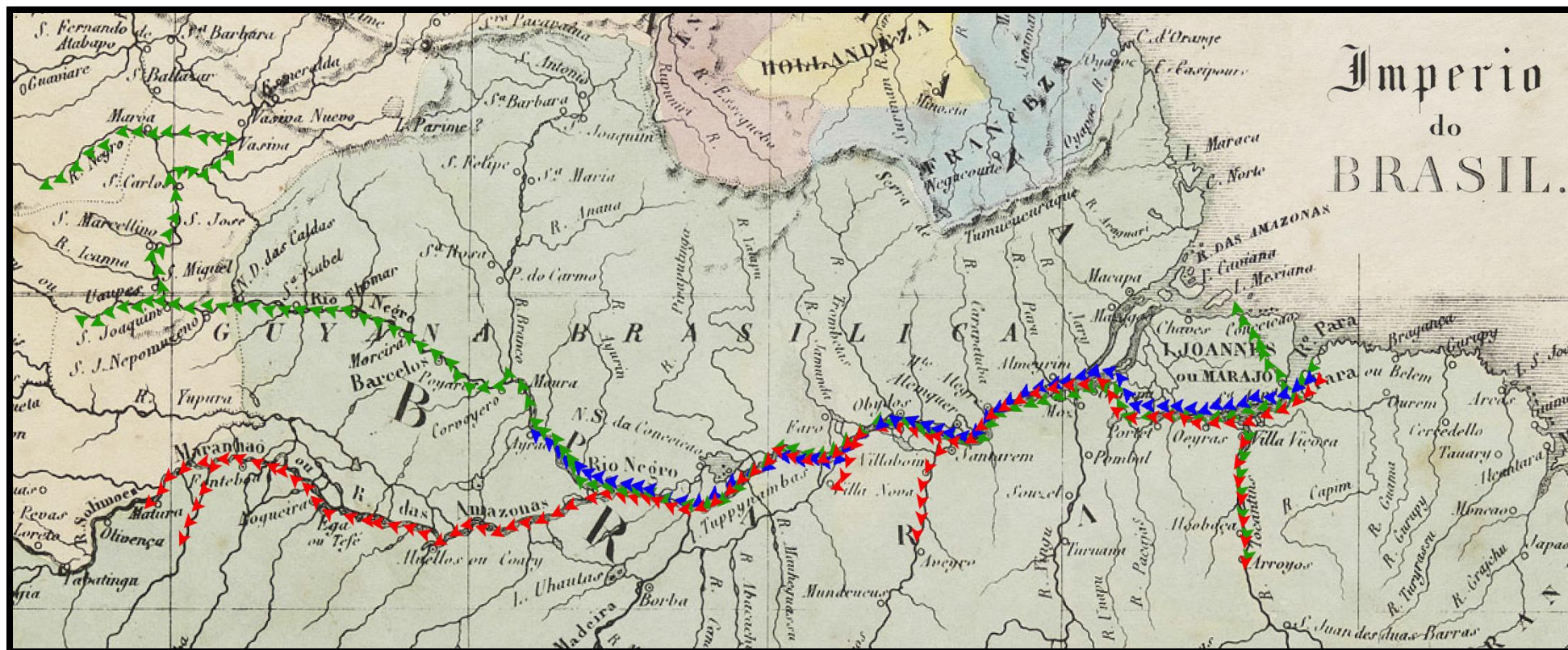


Figura 6: Mapa representando os trajetos aproximados de Bates (setas vermelhas), Wallace (setas verdes) e Edwards (setas azuis), com base em seus relatos de viagem. Os trajetos foram desenhados por cima do mapa publicado por J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe em 1845.

Além de serem fundamentais para o desenvolvimento da História Natural, pois garantiam a coleta de espécimes, de observações e de medições diversas das características da natureza, permitindo a comparação entre os mais distintos locais do planeta, as viagens também ofereciam oportunidades profissionais singulares aos viajantes. Elas poderiam constituir-se em uma fonte de renda, notadamente com a venda das coleções enviadas para museus e colecionadores e, posteriormente, com a redação de um livro de viagem. Para jovens sem origens aristocráticas, como Bates e Wallace, que não possuíam quem os patrocinasse, esta renda era fundamental para a manutenção da própria empreitada. Como já estabelecido por Hodacs²⁵⁸, as viagens traziam a oportunidade de praticar a ciência em campo, servindo como uma espécie de ritual de graduação e, assim, foram instrumentais para estabelecer as carreiras científicas de diversos viajantes, principalmente daqueles de origem social mais modesta. Para aqueles que não possuíam oportunidades financeiras e sociais para frequentar as principais academias e universidades da época, a viagem trazia consigo a oportunidade da educação na prática. Segundo Hodacs:

As well as gaining invaluable knowledge in natural history, the journey or ‘graduation’ could also lend the traveller a new status as a naturalist, by which he could begin to establish contacts with other naturalists, in ways which have been illuminated by a number of classic studies of the Republic of Letters and early modern scientific cultures [...] Travelling, I suggest, offered a way to reduce these differences: it offered a way for persons of modest social status to win research experience, reputations and networks of contacts with whose help they could hope to secure attractive positions in the future. In other words, scientifically motivated geographical detours can be thought of as potential educational and social ‘short cuts’.²⁵⁹

Diversos outros autores corroboram com a mesma tese²⁶⁰, apontando as dificuldades de ascensão social na Europa Oitocentista, onde as origens sociais comumente determinavam as oportunidades profissionais disponíveis. Para um filho de fabricante de meias, como Bates, ou um professor escolar como Wallace, uma expedição científica trazia consigo uma oportunidade crucial de mobilidade social. Segundo Hemming, a viagem ao Brasil foi um momento formativo decisivo nas vidas de Bates, Wallace e outros viajantes, como Richard Spruce²⁶¹.

²⁵⁸ HODACS, Hanna. *Linnaean outdoors*. *op. cit.*

²⁵⁹ *Ibidem*. p. 6.

²⁶⁰ Cf. KNIGHT, D. M. Travels and science in Brazil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), pp. 809-22, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500001>. Acesso em: 14 ago. 2018; BROWNE, Janet. Biogeography and empire. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; SECORD, J. A. (ed.). *Cultures of natural history*. Great Britain: Cambridge University Press, 1996, pp. 305-321.; RAJ, Kapil. *Mapping knowledge go-betweeners in Calcutta, 1770-1820*. *op. cit.*; KNAPP, Sandra. *Alfred Russel Wallace in the Amazon*. *op. cit.*

²⁶¹ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 12.

No entanto, como veremos mais adiante no caso do próprio Bates, e como já discutido por Moon²⁶², o retorno de uma viagem científica bem sucedida não garantia a entrada imediata nos principais círculos científicos. O domínio da prática científica em campo oferecia um ponto de partida, sendo necessário posteriormente demonstrar-se adequadamente preparado para compartilhar dos códigos de conduta social necessários para fazer parte de sociedades e academias científicas.

Assegurada a possibilidade de ascensão social através de uma viagem bem-sucedida, e com a promessa de Edwards sobre os custos moderados de uma viagem à Amazônia, uma expedição ao Brasil começava a parecer um empreendimento tentador. Também é preciso atentar para o fato de que a entrada de um viajante estrangeiro na Amazônia foi expressamente proibida durante muitos anos. Segundo Sá:

In 1808, the Portuguese court was transferred to Brazil, an event which introduced enlightened ideas into the colony and inaugurated a new era of commercial expansion through the opening of Brazilian coastal ports to foreign trade. Regardless of such a favourable scenario, however, all the large navigable rivers of Brazil, including the Amazon and its tributaries, cautiously remained closed to foreign navigation and commercial exploration. This condition persisted unchanged even when Brazil became independent from Portugal in 1822, with the newly formed Imperial Government insisting upon the same rigid control over the region. It should be emphasized that the fear of foreign intrusions in the Amazon region was fully justifiable since, at the time, the Brazilian borders with its neighbouring countries were still not well established. As a consequence, the Government wanted first to assure its sovereignty over the region - expressly through the definitive demarcation of its borders - before admitting any foreign venture.²⁶³

Ainda assim, apesar dos impedimentos e proibições que estiveram em voga durante a primeira parte do século, Lima contabilizou um total de 35 naturalistas estrangeiros que passaram pela Amazônia ao longo do século XIX²⁶⁴, identificando, ainda, as viagens de Bates, Wallace e Spruce como o marco inicial do interesse britânico pela região²⁶⁵. Ademais, outro importante incentivo para a escolha da região amazônica como destino de viagem era dado pelas próprias ambições científicas de Bates e Wallace, pois, mais do que coletar espécimes, os dois tinham o objetivo de reunir fatos “*towards solving the problem of the origin of species*”²⁶⁶, sendo a região considerada um local privilegiado para o exame do tema²⁶⁷.

²⁶² MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 57.

²⁶³ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail: a British naturalist in nineteenth-century Amazonia*. Tese de Doutorado (Philosophy). Department of Philosophy, Durham University, United Kingdom. 1996. Disponível em: <<http://etheses.dur.ac.uk/5398>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

²⁶⁴ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista. op. cit.* p. 125.

²⁶⁵ LIMA, Carla Oliveira de. *A Amazônia nos caminhos da História Natural. op. cit.* p. 7.

²⁶⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. vol. I. 1863. op. cit.*

²⁶⁷ Moreira, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista. op. cit.* p. 43.

2.4. O PROBLEMA DA ORIGEM DAS ESPÉCIES

Desvendar a origem das espécies e encerrar a controvérsia sobre a possibilidade ou não de transformações serem herdadas ao longo do tempo era uma das principais questões na História Natural Oitocentista. Bates e Wallace não apenas leram alguns dos principais autores que haviam se pronunciado neste debate, mas também discutiram através de correspondências suas próprias interpretações do que haviam lido. Mais do que isso, o “problema da origem das espécies” é citado no prefácio da primeira edição do livro de viagem publicado por Bates como sendo um dos objetivos centrais da dupla em sua viagem ao Brasil. Segundo sua afirmação:

In the autumn of 1847 Mr. A. R. Wallace, who has since acquired wide fame in connection with the Darwinian theory of Natural Selection, proposed to me a joint expedition to the river Amazons, for the purpose of exploring the Natural History of its banks; the plan being to make for ourselves a collection of objects, dispose of the duplicates in London to pay expenses, and gather facts, as Mr. Wallace expressed it in one of his letters, ‘towards solving the problem of the origin of species’, a subject on which we had conversed and corresponded much together.²⁶⁸

O prefácio acima aparece repetidamente citado em diversas biografias de ambos os naturalistas, assim como em obras que tratam da própria história do evolucionismo. Em um levantamento feito por Van Wyhe²⁶⁹ em trabalhos acadêmicos sobre Wallace, o autor foi capaz de contabilizar a citação acima reproduzida por 16 autores diferentes, sendo o trecho mais frequentemente citado do livro de Bates. Se adicionássemos ainda os trabalhos sobre Bates no qual a mesma citação é incluída, seria certamente possível dobrar o número de autores. É interessante observar que Van Wyhe faz uma crítica em relação ao fato de buscar uma solução para o problema origem das espécies ser mencionado como um dos objetivos da viagem. Em sua percepção, afirma:

As far as I am aware no one has ever questioned that Wallace and Bates set out to the Amazon to solve the problem of species. It is taken as not only true but even self-evident by historians and popular writers alike. After all, Wallace later formulated a theory of evolution by natural selection in 1858. It seems to make perfect sense that Wallace had long been hunting for the solution. [...] Other writers have described how Wallace’s aim to solve the species problem was set back by the loss of his collection and notes during the homeward voyage from the Amazon in 1852 (McKinney, 1972; Slotten, 2004, p. 95; Conniff, 2011). If Wallace had worked towards such a goal, this would be a reasonable assumption. But we have no evidence that Wallace worked towards solving a species problem or worked on any sort of species theory on

²⁶⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. iii.

²⁶⁹ VAN WYHE, John. A delicate adjustment: Wallace and Bates on the Amazon and “the problem of the origin of species”. *Journal of the History of Biology*, n° 47, 2014. pp. 627-659. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/people/2014,%20John%20van%20Wyhe,%20A%20delicate%20adjustment.%20Wallace%20and%20Bates%20Amazon.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

the Amazon. Wallace never said so. He never referred to any work on evolutionary theory during the Amazon years.²⁷⁰

É preciso chamar a atenção para alguns dos pontos controversos da argumentação proposta por Van Wyhe. De acordo com Costa e Beccaloni²⁷¹, a proposta de Van Wyhe é uma tentativa de revisionismo infundada, a qual os autores consideram um desserviço à História das Ciências devido às suas afirmações polêmicas sem base documental. Na resenha que publicaram, Costa e Beccaloni desconstrem, um por um, os argumentos apresentados por Van Wyhe sobre Wallace. Somando-se a esta crítica os fatos apresentados nas fontes documentais, como a carta enviada por Wallace para Bates em 1845, além de outros escritos publicados pelos dois naturalistas, é impossível concordar com a argumentação apresentada por Van Wyhe. Ao que tudo indica, a origem e a possibilidade de transformação das espécies ao longo do tempo era uma das preocupações dos jovens naturalistas mesmo antes de virem ao Brasil. Wallace, ao discutir o conteúdo de sua última correspondência com Bates antes de viajarem ao Brasil, cito u:

In the last letter to Bates before our South American voyage I wrote: - “I begin to feel rather dissatisfied with a mere local collection, little is to be learned by it. I should like to take some one family to study thoroughly, principally with a view to the theory of the origin of species. By that means I am strongly of opinion that some definite results might be arrived at.” And at the very end of the letter I say: - “There is a work published by the Ray Society I should much like to see, Oken’s ‘Elements of Physiophilosophy’. There is a review of it in the *Athenaeum*. It contains some remarkable views on my favourite subject – the variations, arrangements, distribution, etc., of species”. These extracts from my early letters to Bates suffice to show that the great problem of the origin of species was already distinctly formulated in my mind; that I was not satisfied with the more or less vague solutions at that time offered; that I believed the conception of evolution through natural law so clearly formulated in the “Vestiges” to be, so far as it went, a true one; and that I firmly believed that a full and careful study of the facts of nature would ultimately lead to a solution of the mystery.²⁷²

Ademais, como visto anteriormente, em uma das cartas de Wallace endereçadas à Bates, datada de 1845²⁷³, o naturalista expressou uma opinião favorável ao que havia sido publicado por Chambers sobre a possibilidade de uma transformação gradual das espécies. De acordo com sua carta, Wallace considerava a proposição de Chambers como uma hipótese engenhosa,

²⁷⁰ *Ibidem*. p. 632.

²⁷¹ COSTA, James T.; BECCALONI, George. Deepening the darkness? Alfred Russel Wallace in the Malay Archipelago. *Current Biology*, vol. 24, issue 22, 17 nov. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.cub.2014.09.061>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

²⁷² *Ibidem*. p. 144.

²⁷³ WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 28 dez. 1845. Neath, Glamorganshire, Wales, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 6f. Sobre gabinetes para acondicionamento de espécimes, o livro *Vestiges of the Natural History of Creation* e teorias sobre o desenvolvimento progressivo das espécies. WPI/3/17 (Natural History Museum General Library, London, United Kingdom). 28 set. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/346/346/S/details.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

baseada em fatos e analogias. Afirmava, ainda, acreditar que todo observador da natureza deveria atentar para as possibilidades levantadas pelo autor escocês, a fim de tomar um posicionamento contra ou a favor do que havia sido apresentado em *Vestiges*. Segundo Smith, seria possível, inclusive, considerar Wallace um evolucionista mesmo antes da viagem ao Brasil, devido a sua aceitação das ideias propostas por Chambers em *Vestiges*²⁷⁴.

Desta forma, é possível observar que, diferentemente do que argumentou Van Wyhe, a preocupação de Bates e Wallace com a origem das espécies não foi um fato *a posteriori* da viagem e que a questão da origem já estava imbuída na mentalidade de ambos os viajantes mesmo antes de virem ao Brasil. Sendo assim, parece natural que, assim como Bates afirmou, tenham mantido este problema como uma das preocupações centrais da viagem ao Brasil.

2.5. O RETORNO À INGLATERRA APÓS A VIAGEM AO BRASIL

Por se tratar do período central para esta pesquisa, deixemos a narrativa da viagem de Bates ao Brasil para o capítulo seguinte, onde será possível observá-la de forma mais aprofundada e foquemos, por hora, no contraste entre a vida de Bates antes e após a sua expedição. Embora Bates afirme ter deixado o Brasil no dia 2 de junho de 1859, notícias encontradas em periódicos paraenses da época noticiam sua saída no dia 26 de maio de 1859, havendo partido a bordo de um navio mercante dos Estados Unidos com destino à Inglaterra, via Nova Iorque.

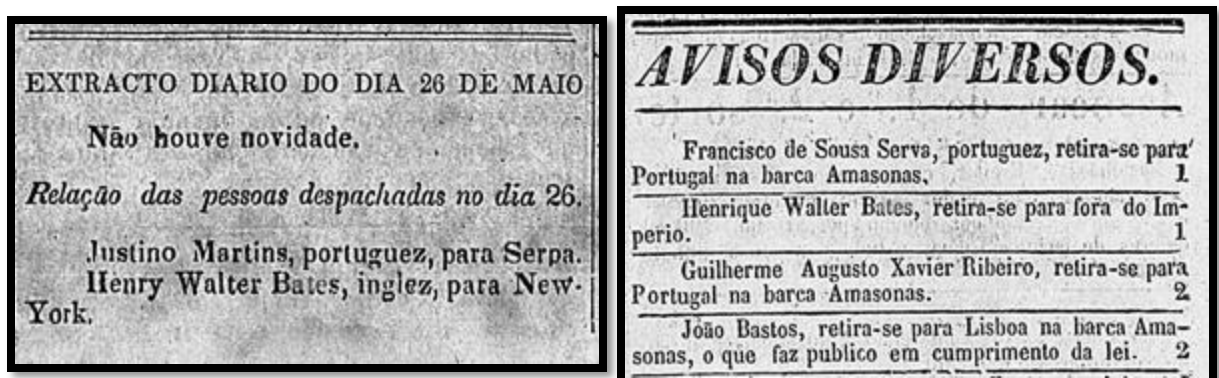


Figura 7: Notícias da saída de Bates do Brasil, publicadas em periódicos da época.²⁷⁵

²⁷⁴ SMITH, Charles H. Alfred Russel Wallace and the Road to Natural Selection, 1844-1858. *Journal of the History of Biology*, n° 48, 2015, pp. 279-300. Disponível em: <<http://www.blc.arizona.edu/courses/schaffer/449/Wallace/Smith%20-%20Wallace%20and%20the%20Road%20to%20Evolution.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

²⁷⁵ EXTRACTO DO DIA 26 DE MAIO. *A Epocha*: Folha Política, Commercial e Noticiosa, Ano II, n° 118, Pará, 28 maio 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/470>>. Acesso em: 1 fev. 2019.; AVISOS DIVERSOS. *Gazeta Official*, Ano II, n° 109, Pará, 18 maio 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720836/335>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

Ao retornar para a Inglaterra, Bates passou seus primeiros meses de volta à pátria entre Leicester e Londres. Em sua cidade natal, a perda de sua mãe para uma doença hepática apenas sete meses após seu retorno, certamente o aproximou da família. A pedido do pai, passou a gerenciar a fábrica de meias. Já na capital, passava seu tempo principalmente na loja de seu agente Samuel Stevens, separando, organizando e catalogando os espécimes que havia enviado do Brasil.

Foi em Leicester que Bates conheceu sua futura esposa, Sarah Ann Mason (1840-1897), filha de um açougueiro que vendia seus produtos na feira local. As informações sobre Sarah são escassas, mas a profissão do pai indica que suas origens eram ainda mais modestas do que as de Bates. Foi este, provavelmente, o motivo que fez com que a união dos dois não fosse completamente aprovada pela família do naturalista²⁷⁶. O próprio Bates, em carta para Darwin, datada 20 de abril de 1863, a descreveu com as seguintes palavras, enquanto compartilhava da notícia de sua recente mudança para Londres e seu casamento: “*The house I have taken is a very small one. Mrs. B. is a plain domesticated woman so there you have it all.*”²⁷⁷.



Figura 8: Sarah Bates, c. 1865-1870.²⁷⁸

²⁷⁶ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.* p. 173.

²⁷⁷ BATES, Henry Walter. [Carta] 20 abr. 1863. Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. London, United Kingdom. If. Sobre a mudança para Londres, prospectos de emprego e remuneração, e sua esposa. DAR 160: 75 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4116.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018. Grifos do original.

²⁷⁸ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionaty man. op. cit.* p. 152.

A mudança para a capital parece ter sido estratégica para facilitar o acesso de Bates aos espécimes que havia enviado para a loja de Stevens e aos círculos intelectuais ingleses, cujas principais sociedades e reuniões científicas aconteciam em Londres. No entanto, Woodcock²⁷⁹ sugere que a mudança também pode ter sido planejada para evitar os constrangimentos que poderiam existir em uma cidade pequena como Leicester devido ao nascimento de uma filha antes da formalização do seu casamento. Alice Bates nasceu em 2 de fevereiro de 1862, quase um ano antes do casamento de seus pais. Decerto o caso gerou alguma comoção, como é possível atestar a partir dos três eventos descritos a seguir.

A primeira suspeita de que o nascimento de Alice pode ter gerado algum mal-estar à época pode ser encontrada em seu registro de nascimento, que se encontra nos arquivos do *Leicestershire County Council*²⁸⁰. Na certidão, é interessante notar que no campo destinado aos dados sobre sua filiação, encontramos apenas um X onde deveria estar assinalado o nome do pai, sem nenhuma indicação, em qualquer lugar do documento, que nos aponte a relação com Bates.

O próximo evento ocorreu após a morte de Bates, em 1892, quando o editor John Murray publicou uma nova edição de seu livro de viagem. Nela, convidou Edward Clodd (1840-1930), antropólogo, amigo pessoal e executor testamentário do naturalista para escrever uma memória biográfica a seu respeito. Em seu relato, Clodd coloca a data do casamento como sendo janeiro de 1861 e afirma:

In January 1861 Bates married a young lady for whom he had kept a tender place in his heart during his long absence – Miss Sarah Ann Mason, of Leicester, by whom he had three sons and two daughters.²⁸¹

A informação, no entanto, só é sustentada devido a omissão da data de nascimento da esposa Sarah. Quando Bates partiu em direção ao Brasil, Sarah tinha apenas oito anos, enquanto Bates já possuía vinte e três, tornando o prospecto de um relacionamento muito pouco provável. Há, ainda, outra imprecisão. O casamento, que aconteceu sem cerimônia religiosa, em um cartório de registros em Pancras (hoje St. Pancras), Londres, foi celebrado no dia 15 de janeiro de 1863, segundo consta na data da certidão²⁸². Segundo Crawforth:

Clodd was obviously covering up for his friend because of extreme Victorian prudery and sensibility. The wedding ceremony took place at the Register Office in the district of Pancras in the county of Middlesex, where bride and

²⁷⁹ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons*. *op. cit.* p. 255.

²⁸⁰ *Birth certificate for Alice Bates*. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

²⁸¹ CLODD, Edwards. *Memoir*. *op. cit.* p. xxxvii.

²⁸² *Marriage certificate of Bates and Mason*, M532, 15 jan. 1863. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

groom gave their joint address as 10 Hollis Place, Pancras, indicating that they had not only moved to London but were having an address.²⁸³

O registro de Clodd não foi contestado à época, e a data do casamento parece não ter sido motivo de nenhuma controvérsia durante a vida de Bates. Mesmo a sugestão de Woodcock sobre a mudança para Londres ser uma maneira de fugir de um escândalo provinciano em Leicester não pode ser confirmada. Ainda no registro de seu casamento, é interessante notar que Bates descreveu sua profissão como *worsted hosier* (termo que designa alguém que trabalhava com meias ou outros produtos feitos de lã). A partir deste registro, é interessante refletir sobre os motivos que levariam Bates a não ser apresentado como um naturalista. Três hipóteses são as mais prováveis: em primeiro lugar, a própria ciência ainda estava se profissionalizando e, para muitos, o trabalho de um naturalista viajante ou de um coletor de espécimes não era considerado uma ocupação profissional. Em segundo lugar, Bates ainda não pertencia a nenhuma instituição ou sociedade científica, e talvez sua viagem ao Brasil e seu trabalho com a coleta de espécimes ainda não fossem suficientes para que tivesse confiança de se auto intitular um naturalista. Por fim, é possível, ainda, que talvez estivesse apenas escolhendo registrar em sua certidão de casamento uma profissão tradicional, que não gerasse curiosidade ou necessidade de explicações. Segundo Cawforth:

His actions may have reflected the social mores of the times. With the Victorians' belief that a man must rely on thrift, hard work, and respectability and make his own way through life, Bates may have found it more conventional to describe himself as a tradesman than a 'scientist', an occupation that was still evolving from a gentlemanly amateur pursuit to a profession.²⁸⁴

Por fim, outra indicação de que o nascimento de Alice fora do casamento pode ter gerado alguma controvérsia que levasse a família a se mudar para Londres ocorreu cerca de um século depois. Durante a década de 1960, foi sugerido aos dirigentes do *Leicester Museum* que fosse feita uma homenagem a um dos mais afamados naturalistas que a cidade já havia recebido: Alfred Russel Wallace. Perante esta sugestão, o museu percebeu a necessidade de celebrar não só Wallace, mas também Bates. Nos arquivos da cidade, é possível encontrar uma correspondência de Alan Butterworth, funcionário do museu, endereçada a um dos netos de Bates, em que explicava:

Our interest in H. W. Bates started when a former resident of Leicester who now lives in the USA suggested that a plaque should be erected to Wallace who accompanied H. W. Bates up the Amazon. We thought that if Wallace

²⁸³ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 152.

²⁸⁴ *Ibidem.* p. 153.

was to have a plaque, Bates, who was much more a Leicester man, also deserved one.²⁸⁵

Para isso, montou uma comissão com o objetivo de reunir informações a respeito do naturalista, para que fosse publicada uma biografia conjuntamente com a inauguração de uma placa comemorativa. A placa encontra-se, hoje, na entrada do *New Walk Museum*. No livro lançado em 1976, o biógrafo Harold Philip Moon relatou algumas das dificuldades em encontrar informações sobre Bates, em oposição à abundância de fontes sobre o celebrado Wallace:

So little was known about Bates, and so much information available for Wallace. The information about Bates was also very scattered. What is often almost entirely forgotten, and seriously undervalued, is his distinguished service to science in general and geography in particular during his twenty seven years as Assistant Secretary to the Royal Geographical Society.²⁸⁶

Nos arquivos do *Leicestershire County Council*, é possível encontrar os documentos originais levantados pela equipe de pesquisa, assim como correspondências entre os pesquisadores onde são discutidos os rumos do livro. Em uma das cartas, o pesquisador Robert M. Stecher escreveu, em 24 de fevereiro de 1965:

A significant complication has arisen... This has thrown me into a quandary and I hasten to ask your advice about it. Mr. T. A. Walden, Director of the City of Leicester Museums and Art Gallery, has just revealed evidence that Bates's eldest daughter, Alice, was illegitimate, that Bates married her mother two years after she was born... Two possible courses of action are open to me – let the manuscript stand as it is now written with some confusion but no explanation of the wedding and its date, or make a complete revelation of the whole affair... There are surviving relatives who may feel very sensitive about this... It makes NO great deal of difference depending upon what Mr. Walden intends to do with the information for the Bates Memorial being prepared for in Leicester.²⁸⁷

Embora a carta resposta não se encontre nos arquivos da cidade, é possível identificar a direção em que a discussão se encaminhou a partir de outra carta, em que observamos ter sido sugerido manter a informação confidencial até que fosse resolvido o que fazer com a informação. Por fim, descobrimos a decisão final do grupo de pesquisadores em outra carta assinada por Stecher, datada de 4 de junho de 1965, onde afirmava:

The discussion of Bates's wedding is in Part I, already at the printers, and I have decided to make no further mention of it except perhaps insert the date of the wedding license without comment.²⁸⁸

²⁸⁵ BUTTERWORTH, Alan. [Carta] 10 fev. 1965. [para] BATES, Herbert H. 1f. Sobre o interesse em reunir documentos sobre Henry Walter Bates, avô do destinatário. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

²⁸⁶ MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 3.

²⁸⁷ STECHER, Robert M. [Carta] 24 fev. 1965. [para] MCKIE, Douglas. 2f. Sobre a descoberta do nascimento da filha de Bates fora do casamento. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

²⁸⁸ STECHER, Robert M. [Carta] 4 jun. 1965. [para] WALDEN. 2f. Sobre a decisão de não fazer nova menção ao nascimento da filha de Bates antes do casamento, uma vez que o livro já estava sendo impresso. Coleção Files Re

Desta forma, é possível que a polêmica sobre o nascimento de Alice tenha sido maior um século após o casamento do que na própria época em que se casaram. De qualquer forma, as circunstâncias não parecem ter tido qualquer efeito sobre o relacionamento de Bates e Sarah, que continuaram juntos até a morte do naturalista. Alice, por sua vez, foi apenas a primeira dos cinco filhos do casal, que contava ainda com Sarah Bates (10/12/1863-1/3/1929), Charles Henry Bates (16/8/1865-6/8/1911), Darwin Bates (20/1/1867-17/2/1928) e Herbert Spencer Bates (25/10/1871-13/12/1958).

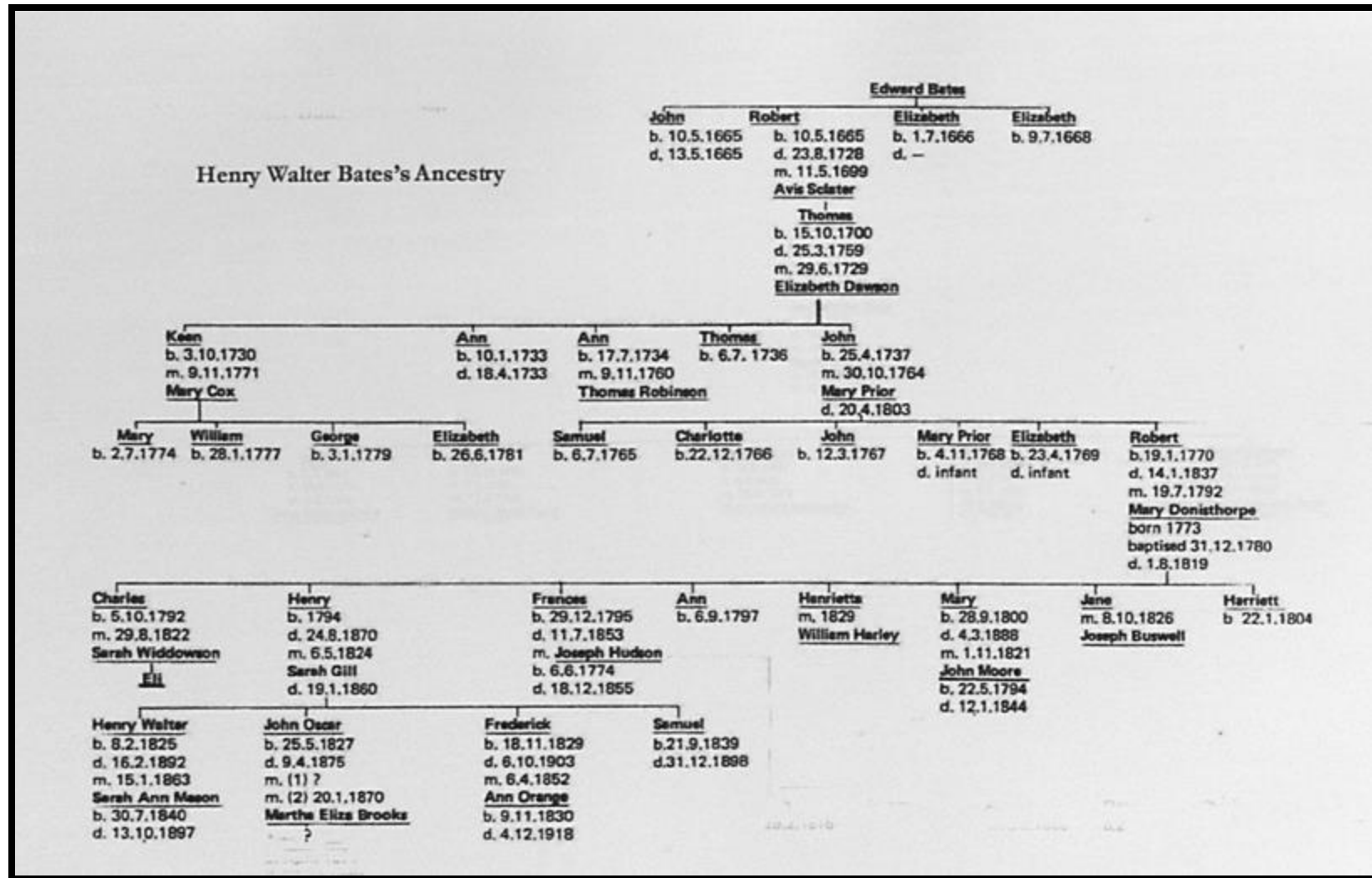


Figura 9: Genealogia da família Bates de 1665 até 1918.²⁸⁹

²⁸⁹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. iv.

2.6. OBSTÁCULOS SOCIAIS E PROFISSIONAIS EM LONDRES

Embora seja impossível afirmar que sua mudança para Londres, em 1862, foi motivada pelo nascimento de sua filha, certamente o deslocamento para a capital foi um passo fundamental para fomentar sua participação na vida científica do país. Era na capital que se localizavam as principais sociedades e instituições, e foi lá que se reuniu pela primeira vez com alguns dos principais naturalistas de sua época, como Charles Darwin e Joseph Dalton Hooker (1817-1911), então diretor do *Royal Botanic Gardens, Kew*. Sua estadia em Leicester, portanto, era um dos primeiros impeditivos para ser formalmente aceito nos círculos intelectuais ingleses. Como já exposto por Knight²⁹⁰, a localização geográfica era um elemento determinante na hierarquia de um naturalista na Inglaterra Oitocentista e estar em Londres era crucial para uma carreira bem sucedida. Oposições entre centro e periferia não se aplicavam, unicamente, em relação a metrópole e seus postos coloniais, mas também tinham uma dimensão interna importante. As origens na classe média trabalhadora das pequenas cidades de Leicester e Usk, portanto, conferiam a Bates e Wallace um status social inferior no meio intelectual da capital. Em um caso semelhante, ao analisar a passagem do naturalista James William Helenus Trail (1851-1919) pela Amazônia, Sá afirmou:

Trail was a typical provincial scientist with limited social status, whose successful career developed almost exclusively in the peripheral city of Aberdeen. Despite his contributions to palm taxonomy and studies on plant diseases, he was most probably seen by scientists of the centres as a peripheral naturalist and mere "provider" of specific scientific information.²⁹¹

A viagem para a Amazônia representava, nestes casos, uma oportunidade de ascensão social e profissional, mas não uma garantia. A transição não era automática, nem sem obstáculos. Ao retornarem de viagem não voltavam apenas geograficamente às suas terras natais, mas também abandonavam o estatuto de naturalista viajante e retornavam, simbolicamente, às suas origens modestas.

Dentre todas as instituições científicas em Londres, uma se destacava especialmente: o *British Museum*. Desde o seu retorno ao país, Bates demonstrou interesse em trabalhar organizando a coleção entomológica do museu, na qual constavam muitos dos espécimes que ele mesmo havia enviado do Brasil. O museu era, afinal, um dos principais compradores dos espécimes que chegavam na loja de Stevens. A partir dos exemplares comprados pelo museu, uma pequena exposição foi montada em 1861. Em uma carta para J. D. Hooker, Darwin exaltou

²⁹⁰ KNIGHT, David. Tyrannies of distance in British Science. In: HOME, R. W.; KOHLSTEDT, Sally Gregory (ed.). *International Science and National Scientific Identity: Australia between Britain and America*. Berlin: Springer Science & Business Media, 2012.

²⁹¹ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail. op. cit.* p. 16.

os espécimes coletados por Bates, e lamentava que o naturalista não pudesse se dedicar integralmente à História Natural:

I went to B. Mus. & saw a few of Bate's (sic) "mimetic" butterflies & they are truly *wonderful*: He ought to have a coloured plate; I told him I would give £10 towards it, but I fear a coloured plate would cost much more. What a pity that this man shd. Have to work for his daily bread & have only 1 or 2 hours for science, but I do not see what can be done.²⁹²

Apesar de ter conseguido a admiração de Darwin, a exposição não parece ter tido boa acolhida em meio aos funcionários do próprio museu. Em uma carta datada de 3 de dezembro do mesmo ano, Darwin pedia para que Bates não esmorecesse, indicando que os membros do museu não eram "*the sort of men to appreciate your work*"²⁹³. Na mesma carta, oferecia ajuda financeira ao naturalista, afirmando que, caso desejasse, poderia enviar £10 ou £20 para ajudá-lo em suas atividades relacionadas à História Natural.

Um evento que bem ilustra o estatuto de *outsider* de Bates aconteceu em 1862, quando se candidatou a uma vaga como assistente de Entomologia no Departamento de Zoologia do *British Museum*. Sabendo das dificuldades para alguém em sua posição conseguir uma vaga no renomado museu, escreveu para Darwin, em 30 de abril de 1862, que seria de pouca ou nenhuma utilidade candidatar-se ao posto²⁹⁴. Ainda assim, tentou a candidatura. A justificativa oficial para sua recusa apoiava-se, principalmente, em sua idade (então 37 anos) e falta de educação universitária²⁹⁵. No entanto, uma análise do candidato aprovado levanta outras hipóteses. O próprio Bates, em carta endereçada a J. D. Hooker, datada de 4 de julho de 1862, escreveu:

I heard a little news yesterday which being interesting to Naturalists generally I think I will tell you. A young man has been at length nominated to fill the post of assistant in the Zoological Department of the British Museum vacated by Mr. Adam White. The nomination shows how the interests of Natural History Science are treated by the trustees & their secretary. They have nominated a young man named O'Shaughnessy a distant relative of Sir Lytton Bulwer & now a transcriber in the Museum. The young man tells a friend of mine that he knows nothing whatever of Natural History but that his sole object in applying for the situation is "to get a higher salary". The appointment seems to have been made through the interests of Sir L. Bulwer with Panizzi

²⁹² DARWIN, Charles. [Carta] 25 nov. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. 1f. Sobre coleções entomológicas e as borboletas de Bates expostas no British Museum. DAR 115: 134. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3329.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

²⁹³ DARWIN, Francis (ed.). *The life and letters of Charles Darwin, including an autobiographical chapter*. op. cit. p. 379.

²⁹⁴ BATES, Henry Walter. [Carta] 30 abr. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. 11f. Sobre insetos sul-americanos e outros temas. DAR 47: 175, DAR 160.1: 67-8. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3523.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

²⁹⁵ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. op. cit. p. 322

& perhaps Owen. The collections which the young man will have charge of (part of the insects) are at present in the utmost confusion; scarcely a genus in proper order & duly named. No Entomologist who wishes to name his species can do anything with it & it is of very little aid to any one wishing to work out any scientific problem in which insects supply the facts. Yet this important & undigested mass of natural objects is entrusted to a young man having no taste or knowledge in this direction. The young man has yet to pass an examination. He told a friend of mine that “6 months ago he was up in the matter, but now he had forgotten & should be obliged to cram again”.²⁹⁶

É possível perceber a frustração na denúncia de Bates. Para o naturalista, o museu estava fazendo uma escolha elitista, que visava agradecer seus financiadores, em detrimento de priorizar o avanço da ciência entomológica. Relações sociais estavam sendo colocadas à frente da experiência e do conhecimento. Segundo Crawforth²⁹⁷, o departamento de História Natural do museu também sofreu grande depreciação durante o período em que o ítal-britânico Antonio Panizzi (1797-1879) trabalhou como bibliotecário chefe da instituição (1856-1866). Previamente à inauguração da *British Library*, a coleção nacional de livros e periódicos fazia parte da biblioteca do *British Museum*. Sob a direção de Panizzi, a biblioteca do museu adquiriu grande fama internacional, o que contribuiu para fomentar a posição do bibliotecário em meio aos dirigentes da instituição. Panizzi, por sua vez, desdenhava do departamento de História Natural e era contra a adição de mais cientistas entre o quadro de *trustees* do museu. Segundo Crawforth:

The fifty-one Trustees were for the most part politicians, aristocrats and churchmen with only six scientists among them. Panizzi told the Committee: “Scientific men are jealous of their authority; they are dogmatical and narrow-minded. They would spoil the men of rank, and drive them away from the board”. [...] Contempt for entomology in the eyes of the museum’s trustees is perhaps best illustrated by the annual budget in 1856 for entomological purchases, which was 10 pounds. Another fundamental problem was lack of staff. [...] Places went by patronage rather than by merit, and many a well-qualified scientist was rejected because he did not meet the Trustees’ notion of a well-educated gentleman.²⁹⁸

No ano seguinte, Bates sofreu nova rejeição proveniente dos funcionários do *British Museum*. Quando publicou o seu livro de viagem, incluiu no prefácio um pequeno cálculo sobre o número de espécies novas que havia enviado para Londres. Segundo sua conta, das mais de 14 mil espécies capturadas, das quais cerca de oito mil eram, até então, desconhecidas na Europa. Em suas próprias palavras, afirmou:

²⁹⁶ BATES, Henry Walter. [Carta] 4 jul. 1862. Harwood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 1f. Sobre a nomeação de O’Shaughnessy para uma vaga no British Museum. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 55 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

²⁹⁷ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.* p. 184.

²⁹⁸ *Ibidem.* p. 184.

The part of the Amazons region where I resided longest being unexplored country to the Naturalist, no less than 8000 of the species here enumerated were new to science, and these are now occupying the busy pens of a number of learned men in different parts of Europe to describe them. The few new mammals have been named by Dr. Gray; the birds by Dr. Sclater; the zoophytes by Dr. Bowerbank; and the more numerous novelties in reptiles and fishes are now in course of publication by Dr. Günther. A word will perhaps be here in place with reference to what has become of these large collections. It will be an occasion for regret to many Naturalists to learn that a complete set of the species has nowhere been preserved, seeing that this would have formed a fair illustration of the Fauna of a region not likely to be explored again for the same purpose in our time. The limited means of a private traveller do not admit of his keeping, for a purely scientific end, a large collection. A considerable number, from many of the consignments which arrived in London from time to time, were chosen for the British Museum, so that the largest set next to my own is contained in our National Collection; but this probably comprises less than half the total number of species obtained.²⁹⁹

Embora a maior parte dos seus espécimes tivessem sido adquiridos pelo *British Museum*, o próprio John Edward Gray (1800-1875), que havia sido encarregado de descrever os novos mamíferos, parecia não acreditar na estimativa proposta por Bates. Segundo Van Wyhe, na época de sua desconfiança, Gray e seus assistentes tinham identificado e catalogado cerca de 477 espécies dentre o material enviado por Bates, das quais 324 eram completamente novas³⁰⁰. A distância para os 8 mil propostos pelo naturalista lhe parecia grande demais. Em uma carta enviada para J. D. Hooker, datada 12 de maio de 1863, Bates escreveu:

On Monday morning I fell into a nest of hornets at British Museum, in the shape of a knot of the leading curators (Dr. Gray at the head) criticizing fiercely my statement of having found 8000 new species out of 14,700. I should be very vexed if it were to get abroad amongst Naturalists that I had exaggerated but I have not exaggerated; how could they suppose I should make the statement without a preliminary calculation. [...] These 324 out of 477 are new, a very much larger proportion than 8000 out of 14,700; I repeat that in all the above small groups of Diptera, Hymenoptera, moths &c. of which I sent home some thousands of species still unnamed for most part, the proportion of new species will be still greater. I mean absolutely new species to Europe; for if you examine Clark's British Museum catalogue of Haliidae, you will find that all my new species, did not exist in collections before they were sent home by me.³⁰¹

Na resposta de Hooker, o diretor do jardim botânico advertiu Bates sobre as dificuldades de adentrar nos círculos científicos da capital. Ademais, tomou o lado do naturalista, pedindo

²⁹⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. op. cit.* p. v.

³⁰⁰ VAN WYHE, John. *A delicate adjustment. op. cit.* p. 652.

³⁰¹ BATES, Henry Walter. [Carta] 12 maio 1863. Harwood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Sobre a quantidade de espécies novas que enviou do Brasil. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 52 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

para que não se deixasse levar pelas críticas e alertando-o sobre a necessidade de manter boas relações sociais. Na carta, escreveu:

Do not be disconcerted by Gray's doubts as to your statements: it is *a way he has got* of abusing everybody. [...] Above all things, my dear Bates, I am sure I need not advise you to take all these attacks of the museum men with *perfect good part*, and show neither feeling nor even dislike to have your statements contradicted as rudely as they like. According to my experience there is no other way of meeting and *confounding* your opponents. It is extremely difficult to *establish a footing* in London scientific society; it is all along of the law of the struggle for life! You are instinctively regarded as an interloper, and it must be so in the nature of things. Do, I entreat you, smile at their sneers, and tell them good-humouredly that "time will show". [...] To get employment especially, nothing is so essential as a character for never being offended, which, after all, is true dignity. But there is no use blinking this fact, that to establish your position will take several years of good, hard, unremunerative scientific writing. [...] Singleness of purpose, equanimity, and, above all, a character for good humour under (but not indifferent to) all attacks, will raise you socially and scientifically to what you should be, and I am sure will be, respected and loved by all, and especially by those who now care nothing for you personally, and envy your success.³⁰²

A rusga com Gray parece não ter durado por muito tempo, uma vez que na carta resposta para Hooker, Bates afirmava já ter resolvido a questão. Nela, o naturalista expôs suas expectativas em relação à vida profissional em Londres, demonstrando que sua frustração anterior já havia dado lugar à serenidade pela qual ficaria conhecido em meio aos seus contemporâneos. Em sua carta, afirmava:

I am glad to say that the storm appears to have blown over, for Dr. Gray in the kindest manner possible has confessed that the data on which he was about forming his judgement on my errors were not complete & I conclude he thinks I have not exaggerated. A little opposition & criticism is what I expect but I thank you for reminding me of the necessity of preserving equanimity, for unless one's resolution to do so is repeatedly strengthened by such reminders, it is apt to give way. With regard to the difficulty of climbing the scientific & social tree, all that you say does not depress me; for I have a settle conviction that reputation & friendships I have already acquired, are more than I had a right to expect. The hardships of foreign travel have the good effect of cooling the ardour of one's expectations & ambition; I do not know whether it is the same with other travellers as myself but these tough experiences seem to bring one under the truest of the beatitudes namely "Blessed are those who expect little or nothing, for they shall not be disappointed".³⁰³

³⁰² HOOKER, J. D. [Carta] 13 maio 1863. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 22 Harmond Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. 1f. Sobre como lidar com as críticas recebidas dos membros do British Museum. In: BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. London: John Murray, 1892. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonri00bate>>. Acesso em: 23 ago. 2018. p. lxvi.

³⁰³ BATES, Henry Walter. [Carta] 16 maio 1863. Harmond Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Sobre a resolução da controvérsia com J. E. Gray e pedindo informações botânicas. *Letters to J. D. Hooker*, volume 2, folio 53 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

A rejeição e as críticas não diminuíram a vontade de Bates de trabalhar na maior instituição científica britânica de sua época. No mesmo ano, o museu propôs lançar novos catálogos de sua coleção de borboletas. Sendo o responsável pela captura e envio de um número considerável delas, Bates sentiu-se motivado a oferecer os seus serviços. Além de sua grande experiência, já estava trabalhando em um catálogo sobre Lepidópteras diurnas. Desta vez, ao invés de candidatar-se diretamente, enviou uma carta para J. D. Hooker, afirmando que uma indicação sua poderia ser mais eficiente³⁰⁴. Ainda assim, foi novamente recusado.

Além de seu diferente *status* social, existe uma outra hipótese que explica a resistência dos funcionários do museu em acolherem Bates como um de seus pares. A partir do seu retorno para a Inglaterra, principalmente após a leitura do seu artigo sobre mimetismo perante a *Linnean Society* e da exposição de suas borboletas no *British Museum*, Bates aproximou-se e passou a corresponder-se frequentemente com Charles Darwin. Tendo publicado em 1859 o seu famoso livro onde expôs sua teoria sobre a evolução a partir da seleção natural, Darwin passou a se encontrar no centro de uma das principais controvérsias científicas da época. Para autores como Moon³⁰⁵ e O'Hara³⁰⁶, foi a associação com Darwin e a percepção de ser um darwinista convicto – fato que o próprio Bates confirmou privadamente em uma correspondência de 1862³⁰⁷ – que exacerbaram a reprovação que recebeu no *British Museum*. Na instituição, muitos de seus membros eram contrários à ideia de evolução. A relação entre Bates e Darwin teve início a partir de uma carta enviada por Bates, em 1860, e foi reforçada ao longo dos anos, principalmente por seu alinhamento com a teoria da seleção natural. Certamente por já ter lido o *On the Origin of Species*, e conhecendo as ideias evolutivas defendidas também por Wallace, Bates parece ter surpreendido positivamente Darwin, pois este escreveu em sua primeira carta:

I thank you sincerely for writing to me & for your very interesting letter. Your name has for very long been familiar to me, & I have heard of your zealous exertions in the cause of Natural History. But I did not know that you had worked with high philosophical questions before your mind. I have an old belief that a good observer really means a good theorist & I fully expect to find your observations most valuable. [...] I am delighted to hear that you, with all your large practical knowledge of Nat. History, anticipated me in many respects & concur with me. As you say I have been thoroughly well

³⁰⁴ BATES, Henry Walter. [Carta] s.d. Harmond Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 2f. Sobre a possibilidade de oferecer-se para publicar os novos catálogos do British Museum. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 51 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³⁰⁵ MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 62.

³⁰⁶ O'HARA, James E. Henry Walter Bates – his life and contributions to biology. *Archives of Natural History*, nº 22, vol. 2, 1995, pp. 195-219. p. 204.

³⁰⁷ BATES, Henry Walter. [Carta] 30 abr. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 11f. Sobre insetos sul-americanos e outros temas. DAR 47: 175, DAR 160.1: 67-8. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3523.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

attacked & reviled, (especially by entomologists, Westwood, Wollaston & A. Murray have all reviewed & sneered at me to their hearts' content) but I care nothing about their attacks; several really good judges go a long way with me, & I observe that all those who go some little way tend to go somewhat further. [...] I see by your letter that you have grappled with several of the most difficult problems, as it seems to me, in natural History—such as the distinctions between the different kinds of varieties, representative species &c.³⁰⁸

Este foi o início de uma próspera relação entre os dois naturalistas, fundada em amizade e colaboração científica. Nos anos seguintes, Bates continuou a impressionar Darwin, principalmente com seus artigos sobre a fauna entomológica do Amazonas.

2.7. A SÉRIE “CONTRIBUTIONS TO AN INSECT FAUNA OF THE AMAZON VALLEY”

A partir de suas observações, principalmente sobre as borboletas amazônicas, Bates publicou uma série de artigos ao longo dos primeiros anos da década de 1860. Até então, suas ponderações eram pouco conhecidas pelo público. Enquanto estava no Brasil, enviou algumas anotações para Stevens, que as publicou em diversos números do *The Zoologist*, e para naturalistas como Adam White (1817-1878), que leu uma de suas cartas perante a *Entomological Society of London*. Esta foi posteriormente publicada sob o título *Notes on South American butterflies*, no volume 5 do *Transactions of the Entomological Society of London*³⁰⁹.

No mesmo volume, Bates publicou o primeiro de uma série de artigos sobre suas observações entomológicas no Brasil. Toda a série recebeu exatamente o mesmo título: *Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley*. Apenas os subtítulos diferem os artigos, geralmente especificando a ordem ou gênero animal focado em cada publicação. De forma geral, seus artigos eram obras repletas de descrições morfológicas e taxonômicas minuciosas, pormenorizando os traços fisionômicos de uma miríade de insetos amazônicos. Seu diferencial em relação a outras obras descritivas era, no entanto, seu pensamento relacional. Bates sempre buscou compreender as relações entre as espécies, principalmente a partir de suas semelhanças e diferenças, e observar sua distribuição geográfica, comparando quando possível com faunas de locais vizinhos. Assim, com esta série de artigos, demonstrou ser não apenas um exímio taxonomista, mas também arguto biogeógrafo e pioneiro evolucionista. Segundo Bates, todas

³⁰⁸ DARWIN, Charles. [Carta] 22 nov. 1860. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 8f. Agradece pela carta recebida e elogia as observações de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/DCP-LET-2993.xml>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

³⁰⁹ ENTOMOLOGICAL SOCIETY OF LONDON. *Transactions of the Entomological Society of London*. New series, vol. 5, London: C. Roworth and sons, 1858-1861. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/51010#page/7/mode/1up>>. Acesso: 25 ago. 2018.

as evidências que fundamentavam suas descrições e análises das espécies provinham de uma leitura precisa da natureza:

I have endeavoured, therefore, to read nature as I have found her, and to arrange the forms according to the amount of difference between them respectively; having regard always to the important point, whether the difference be constant or not amongst the individuals concerned.³¹⁰

Para O'Hara, a originalidade de Bates estava tanto em suas observações, quanto na maneira como redigiu seus artigos. Em uma época onde o trabalho descritivo geralmente andava separado do trabalho interpretativo, o naturalista reuniu os dois, convicto de que apenas quem observava a natureza *in loco* era capaz de compreendê-la³¹¹. Sua opinião sobre o valor das viagens para a observação científica foi compartilhada com Darwin, enquanto comentava sobre o banqueiro e entomólogo Edwin Brown, um dos primeiros naturalistas que conheceu. Na carta, Bates afirmava:

I have known him 21 years: he was my earliest Naturalist friend. [...] He has never travelled: this is a great deficiency for the relations of species to closely allied species & varieties cannot, I think, be thoroughly understood without personal observation in different countries.³¹²

Viajar e, assim, observar as relações entre as espécies coabitando em seu habitat natural era, para Bates, essencial ao trabalho científico. Os 11 anos em que esteve no Brasil certamente foram cruciais para desenvolver sua experiência na observação científica, a partir da qual pôde reunir fatos para compor seus artigos. Sobre a importância de suas obras entomológicas para o avanço da compreensão taxonômica dos insetos, particularmente de borboletas, Crawforth afirmou:

The great advance made in the taxonomy of butterflies by Bates was due to the care he took to prepare descriptions of genera and families on a uniform basis from the actual examination of specimens. Bates's descriptions are models of accuracy, and their originality raised the whole work to a peak of excellence that has never been exceeded by any subsequent writings.³¹³

Com a sua série de *Contributions*, Bates revelou para o mundo a riqueza entomológica da Amazônia, descrevendo as características de muitas espécies até então desconhecidas da ciência europeia. A partir de sua observação perspicaz e graças à sua experiência de campo, foi capaz de fazer relações e descobertas que ainda não tinham sido percebidas por outros

³¹⁰ BATES, Henry Walter. Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley. In: ENTOMOLOGICAL SOCIETY OF LONDON. Transactions of the Entomological Society of London. New series, vol. 5, London: C. Roworth and sons, 1858-1861. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/51010#page/7/mode/lup>>. Acesso: 25 ago. 2018. p. 353.

³¹¹ O'HARA, James E. *Henry Walter Bates – his life and contributions to biology*. op. cit. p. 201.

³¹² BATES, Henry Walter. [Carta] 17 out. 1862. King St, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 5f. Sobre a redação de seu livro de viagem e Edwin Brown. DAR 160.1: 71 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³¹³ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. op. cit. p. 194.

naturalistas. Foi assim, por exemplo, que determinou as relações entre as faunas do Amazonas e da Guiana³¹⁴. Até hoje, seus artigos permanecem como uma fonte valiosa para biólogos e entomólogos interessados pela natureza do maior bioma do mundo e podem ser encontrados, mais recentemente, em uma coletânea publicada em 1978³¹⁵.

É interessante observar que, na época da publicação dos artigos de Bates, o periódico da *Entomological Society of London* possuía circulação bastante limitada, o que obrigou Bates a enviar cópias de suas *Contributions* para aqueles naturalistas que julgava poderem se interessar pelos temas que discutia. Um destes naturalistas foi J. D. Hooker, a quem escreveu em mais de uma ocasião expressando sua insatisfação com a rejeição que vinha recebendo no meio científico britânico:

I feel I am not taking a liberty in forwarding for your perusal a paper I have just published on the subject of the Amazonian Insect Fauna, (the first of a series) wherein some important generalizations are introduced. [...] I am afraid I have done wrong in commencing to publish in a periodical of limited circulation, this amongst other disadvantages, compels me to send copies for perusal to these who otherwise would not hear of the papers. – I have accumulated a vast amount of material during my eleven years travels on the Amazon, & during the whole time directed my attention to the modifications of species & kindred subjects; but I have had so little countenance from scientific men since my return, as not to feel inclined to publish at all.³¹⁶

Além de Hooker, Bates também enviou seu primeiro artigo para Charles Darwin, que o aprovou e escreveu uma carta para Bates elogiando o seu trabalho. Nela, afirmou:

I have read your papers with extreme interest & I have carefully read every word of them. They seem to me to be far richer in facts on variation, & especially on the distribution of varieties & subspecies, than anything which I have read. Hereafter I shall reread them, & hope in my future work to profit by them & make use of them. The amount of variation has much surprised me. The analogous variation of distinct species in the same region strikes me as particularly curious.³¹⁷

Na mesma carta, Darwin aproveitava a oportunidade para questionar Bates sobre suas observações realizadas em campo sobre a variação das borboletas, especialmente no tocante a

³¹⁴ *Ibidem.* p. 352.

³¹⁵ LINSLEY, E. Gorton. *The principal contributions of Henry Walter Bates to a knowledge of the butterflies and longicorn beetles of the Amazon valley.* (Biologists and their world). Reprint of articles originally published between 1859 and 1892. With an introduction by Keir B. Sterling. New York: Arno Press, 1978.

³¹⁶ BATES, Henry Walter. [Carta] 19 mar. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 4f. Sobre o artigo que havia publicado e a recepção que havia recebido no círculo científico de Londres. Letters to J. D. Hooker, volume 2, f. 33. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³¹⁷ DARWIN, Charles. [Carta] 26 mar. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 8f. Elogia os artigos publicados por Bates e faz diversas perguntas sobre a variação em insetos. Carta nº3100. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3100.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

existência de diferenças entre os sexos. A questão da variação, como apontou Mayr³¹⁸, tornou-se um problema-chave da biologia a partir da proposição de Darwin sobre a seleção natural. A partir de então, a troca de correspondências entre ambos os naturalistas passou a ser mais ativa, com Darwin frequentemente aproveitando do conhecimento prático de Bates para questioná-lo sobre entomologia, distribuição geográfica e variação entre as espécies. Na carta resposta que recebeu, Darwin teve todas as suas questões respondidas e anotou a lápis: “*Admirable on sexual selection*”³¹⁹. Na mesma carta, Bates também afirmava acreditar que os insetos poderiam promover alguns dos melhores exemplos para as questões propostas em *On the Origin of Species*:

It gives me very great pleasure to find that my paper is likely to be useful to you. I am quite convinced that Insects offer better or clearer illustrations of the problems you occupy yourself with than any other class of animals or plants. It is so easy with them to obtain great series of examples & have them before you in a small compass, which is one advantage they have.³²⁰

O conhecimento diversificado e aprofundado de Bates, aliado à sua vasta experiência de campo na Amazônia brasileira, causou uma profunda impressão em Darwin. A partir de suas observações na natureza, e da leitura que havia feito de obras como *Vestiges* e o próprio *On the origin of species*, Bates se apresentava de forma indubitável como evolucionista e adepto da teoria da seleção natural. Devemos lembrar que, quando originalmente publicado em 1859, o livro de Darwin foi amplamente criticado. Sua teoria, formulada também independentemente por Wallace no Arquipélago Malaio, sobre a evolução das espécies por meio da seleção natural foi severamente combatida. Assim, era fundamental que conseguisse angariar aliados que o apoiassem e pudessem propor argumentos para comprovar suas proposições. Em sua carta seguinte para Bates, Darwin escreveu:

I hope you will not think me presumptuous in saying how much I have been struck with your varied knowledge, & with the decisive manner in which you bring it to bear on each point, a rare & most high quality, as far as my experience goes. I earnestly hope you will find time to publish largely: before the Linn. Soc. you might bring boldly out your views on Species. [...] I know well it would be quite unreasonable to ask for any further information from you; but I will just mention that I am now & shall be for a long time writing on Domestic variation of all animals. [...] Hardly anything in your letter has pleased me more than about sexual selection. In my large M.S (& indeed in Origin with respect to tuft of hairs on breast of Cock-Turkey) I have guarded myself against going too far; but I did not at all know that male & female butterflies haunted rather different sites. If I had to cut up myself in a Review,

³¹⁸ MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Unib, 1998, p. 759.

³¹⁹ BATES, Henry Walter [Carta] 28 mar. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para]. DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 12f. Responde as questões enviadas por Darwin em carta anterior. DAR 160.1: 62. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3104.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³²⁰ *Ibidem*.

I would have worked & quizzed Sexual selection; therefore, though I am fully convinced that it is largely true, you may imagine how pleased I am at what you say on your belief. This part of your letter to me is a quintessence of richness. The fact about Butterflies attracted by coloured sepals is another good fact, worth its weight in Gold. [...] I am glad to hear that you have specially attended to “mimetic” analogies - a most curious subject. I hope you will publish on it.³²¹

Nesta carta, Darwin reconheceu a importância das observações de Bates, indicando o quanto elas poderiam ser úteis para o desenvolvimento de suas próprias ideias sobre a evolução, especialmente fortalecendo suas hipóteses sobre a seleção sexual e fornecendo exemplos de seleção natural na natureza. No entanto, para que pudesse aproveitar integralmente das observações e da experiência de Bates, também o encorajara a lançar suas ideias em público, em especial sobre as semelhanças que observou entre espécies de borboletas. E não foi só de Darwin que recebeu elogios. Hooker, além dos comentários positivos, também fez uma sugestão para Bates: a de publicar seus artigos no periódico da *Linnean Society*. Nos arquivos do *Royal Botanic Gardens, Kew* podemos encontrar uma carta de Bates para Hooker, onde afirmava:

I duly received your kind letter & I assure you it gives me great encouragement to find that what I am writing will attract the attention of philosophic Naturalists. Mr. Darwin has also favoured me with his opinion & it is similar to your own. I shall only be too glad to publish future papers through the Linnean society, I think the Journal of Proceedings would be best adapted, as that is already a vehicle for descriptive Entomology, & part of my paper will be descriptive.³²²

Desejando obter a maior quantidade possível de leitores, Bates também enviou uma cópia de seu artigo para Charles Lyell, cujo *Elements of Geology* havia lido antes de ir ao Brasil. Em uma carta enviada posteriormente ao geólogo, revelou que a única crítica que havia recebido de Darwin havia sido a de esconder observações tão importantes em meio a uma obra aparentemente apenas descritiva. Em sua carta, afirmou:

Having to pass by your door on Saturday last I took the liberty of leaving a copy of a memoir on Insects for your acceptance. I am rather vexed now I did not mark off those passages which would be likely to interest you for on a first glance you would be likely to think the treatise a mere descriptive one. M. Darwin in fact has badly scolded me for hiding an important argument in a descriptive treatise. This argument conveys ample proof of the origin of new species by segregation of varieties out of pre-existing species & their growth

³²¹ DARWIN, Charles. [Carta] 4 abr. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Sobre variação, seleção sexual e mimetismo. Encoraja Bates a publicar sobre sua viagem e observações. Carta nº3109. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3109.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³²² BATES, Henry Walter. [Carta] 28 mar. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 3f. Em resposta a uma carta recebida de Hooker, agradecendo os elogios e afirmando que gostaria de publicar um artigo no periódico da *Linnean Society*. Letters do J. D. Hooker, volume 2, f. 34. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

into races & new species. At the same time it exhibits the origin of a beautiful set of adaptations. [...] After reading your grand summary of arguments pro & con Natural Selection in your “Antiquity of Man” I feel convinced that these passages will be thought by you to throw a quite new light on the process of origination of new species & adaptation in Nature.³²³

No ano seguinte, Bates deu início a redação daquele que seria o seu artigo mais importante e, segundo Hemming³²⁴, talvez a mais importante obra de toda a sua carreira entomológica, além de uma das primeiras discussões sobre o mimetismo sob a ótica da seleção natural³²⁵. Em 1862, revelou ao público suas observações sobre a ordem Lepidóptera no periódico da *Linnean Society of London*, onde levou a público pela primeira vez os fatos necessários para propor a teoria que o tornaria reconhecido. Bates observou o mimetismo pela primeira vez no Brasil ao examinar algumas borboletas da tribo *Ithomiinae*, que pertencem à família *Nymphalidae*. Percebeu que alguns dos exemplares capturados, apesar do formato de suas asas e dos padrões de sua coloração, possuíam características morfológicas que não pertenciam ao grupo. Ao inspecioná-las melhor, descobriu que se tratavam, na realidade, de borboletas de uma família completamente diferente, chamada *Pieridae*. Ao observá-las mais atentamente, notou que borboletas dos dois grupos frequentavam os mesmos locais e começou a se perguntar por que algumas *Pieridae* se pareciam com as *Ithomiinae*, enquanto outras eram completamente diferentes. Acompanhando estas borboletas em seu habitat natural, começou a notar que as *Ithomiinae*, assim como as *Pieridae* que se pareciam com elas, eram evitadas pelos pássaros que se alimentavam de borboletas.

Em seguida, passou a se perguntar por que algumas espécies eram evitadas pelos predadores. A resposta lhe pareceu simples: seu gosto deveria ser desagradável. Atualmente, sua hipótese é confirmada por meio de análises químicas que comprovam que, ao se alimentarem de certas plantas, algumas borboletas adquirem uma substância tóxica aos predadores chamada alcaloide pirrolizidínico³²⁶. Além do gosto amargo, esta substância também torna as borboletas altamente nocivas, pois sua toxicidade pode causar problemas cardíacos que levam seus predadores à morte. Aprender a diferenciar as espécies, portanto, não

³²³ BATES, Henry Walter. [Carta] 16 mar. 1863. Hollis Place, Prince of Wales' Road, London, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 5f. Sobre seu artigo sobre o mimetismo publicado pela *Linnean Society*. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.

³²⁴ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 318.

³²⁵ MALLET, James. Poulton, Wallace and Jordan: how discoveries in Papilio butterflies led to a new species concept 100 years ago. *Systematics and Biodiversity*, vol. 1, n° 4, 2004, pp. 441-452, p. 446.

³²⁶ TRIGO, José Roberto *et al.* Pyrrolizidine alkaloids: different acquisition and use patterns in Apocynaceae and Solanaceae feeding ithomiine butterflies (Lepidoptera: Nymphalidae). *Biological Journal of the Linnean Society*, vol. 58, n° 1, maio 1996. pp. 99-123. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1095-8312.1996.tb01663.x>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

é apenas uma questão de encontrar uma refeição mais saborosa, mas uma questão de sobrevivência³²⁷. Logo, Bates passou a compreender que parecer-se com as *Ithomiinae* era um mecanismo de defesa das *Pieridae*, que aumentavam suas chances de escaparem dos predadores.

Para as espécies que são alvos dos predadores, quanto mais precisa a imitação das cores e padrões daquelas espécies não palatáveis, maiores as suas chances de sobrevivência. Assim, pouco a pouco, geração a geração, a seleção natural se encarrega de eliminar aqueles indivíduos menos parecidos com as espécies protegidas, e os sobreviventes passam adiante aos seus descendentes as características físicas que lhes dão melhores chances de sobrevivência. Na medida em que as gerações avançam, a semelhança entre as espécies vai se tornando cada vez mais perfeita, e Bates pode observar isto na natureza. Em seu artigo, propôs duas explicações para a semelhança entre espécies diferentes. A primeira, e mais importante, é a necessidade de proteção dos predadores. Segundo Bates:

It is not difficult to divine the meaning or final cause of these analogies. When we see a species of Moth which frequents flowers in the daytime wearing the appearance of a Wasp, we feel compelled to infer that the imitation is intended to protect the otherwise defenceless insect by deceiving insectivorous animals, which persecute the Moth, but avoid the Wasp.³²⁸

Já a segunda causa afirmava que a coloração dos insetos também poderia ser afetada pelos efeitos produzidos pelo clima, dentre outras características dos habitats onde viviam, e assim ao coabitarem em uma mesma região, estavam ambas as espécies sujeitas à condições que poderiam alterar suas aparências. No entanto, relacionando suas observações com a teoria da seleção natural, exposta por Darwin em *On the Origin of Species* três anos antes, afirmava que o processo de analogia mimética se relacionava principalmente com a necessidade de sobrevivência. O mimetismo seria, portanto, uma das formas de adaptação responsáveis pela transformação das espécies ao longo do tempo. Em suas palavras:

Every species in nature may be looked upon as maintaining its existence by virtue of some endowment enabling it to withstand the host of adverse circumstances by which it is surrounded. The means are of endless diversity. Some are provided with special organs of offence, others have passive means of holding their own in the battle of life. Great fecundity is generally of much avail, added to capabilities, active or passive, of wide dispersion; so that when the species is extirpated in one part of its are of distribution, the place is refilled by migration of individuals from another part. A great number have means of concealment from their enemies, of one sort or other. Many are

³²⁷ BEDDALL, Barbara G. *Wallace and Bates in the Tropics*. An introduction to the theory of Natural Selection, based on writings of Alfred Russel Wallace and Henry Walter Bates. Ontario: The Macmillan Company, 1969. p. 211.

³²⁸ BATES, Henry Walter. Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley. Lepidoptera: Heliconidae. *Transactions of the Linnean Society of London*, n° 23, 1862, pp. 495-556. p. 507.

enabled to escape extermination, or obtain subsistence, by disguises of various kinds: amongst these must be reckoned the adaptive resemblance of an otherwise defenceless species to one whose flourishing race shows that it enjoys peculiar advantages.³²⁹

Em seu texto, é possível perceber as palavras de um naturalista viajante acostumado com o trabalho de campo, em oposição àqueles que se retinham às observações feitas apenas em gabinete. Bates acreditava que apenas na natureza era possível apreciar verdadeiramente a eficácia do mimetismo, que tornava espécies de insetos palatáveis aos predadores fisicamente semelhantes àquelas que eram evitadas. Em gabinete, alfinetadas em almofadas e separadas de seu habitat natural, a semelhança entre as espécies poderia parecer atenuada, dificultando a percepção de suas relações. A observação *in loco* permitia, portanto, que cada espécie fosse analisada de acordo com sua relação geográfica com outras espécies semelhantes.

Ao longo do artigo, Bates também deixava claro o seu posicionamento em relação a questão da origem das espécies e suas transformações. Segundo O'Hara, Bates foi um dos primeiros naturalistas a incorporar a nova teoria proposta por Darwin e Wallace em seus artigos científicos, oferecendo fatos e observações para corroborá-la³³⁰. A analogia física entre espécies diferentes, a qual batizou de mimetismo, oferecia prova observável do funcionamento da seleção natural. Enquanto os exemplos de Darwin em favor de sua teoria baseavam-se, principalmente, em suas observações das transformações ocorridas em animais domésticos³³¹, Bates foi um dos primeiros a demonstrar a aplicação da teoria na natureza. Por meio de suas observações, e das espécies coletadas no Brasil, afirmava, que a transformação das espécies era um processo lento e gradual, independente de grandes catástrofes naturais, como defendiam os catastrofistas. Defendia, ainda, que o único mecanismo propulsor das transformações era a necessidade de sobrevivência, e a eliminação das formas menos perfeitamente miméticas pelos predadores. Recusava, em seu artigo, a existência de um objetivo final ou de uma tendência inata à modificação, concluindo que a seleção natural era a única justificativa racional que explicava “*these apparently miraculous, but always beautiful and wonderful, mimetic resemblances*”³³². A partir da publicação deste artigo, as relações entre Bates e Darwin se estreitaram. Em uma carta datada 20 de novembro de 1862, Darwin escreveu elogiando o trabalho de Bates e alertando-o para as críticas que receberia daqueles que afirmou serem “*naturalists without souls*”:

³²⁹ *Ibidem.* p. 510.

³³⁰ O'HARA, James E. *Henry Walter Bates – his life and contributions to biology.* op. cit. p. 201.

³³¹ DARWIN, Charles. *The variation of animals and plants under domestication.* New York: Orange Judd & Company, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/stream/variationofan02darw#page/n5>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³³² *Ibidem.* p. 513.

I have just finished, after several reads, your paper. In my opinion, it is one of the most remarkable & admirable papers I ever read in my life. The mimetic cases are truly marvellous & you connect excellently a host of analogous facts. [...] I rejoice that I passed over whole subject in the Origin, for I shd. have made a precious mess of it. You have most clearly stated & solved a wonderful problem. [...] Then again what a host of curious miscellaneous observations there are,—as on related sexual & individual variability you give; these will some day, if I live, be a treasure to me. [...] Your paper is too good to be largely appreciated by the mob of naturalists without souls; but rely on it, that it will have lasting value, & I cordially congratulate you on your first great work.³³³

Para Darwin, o artigo de Bates representava o apoio tão necessário para reforçar sua teoria. Sendo assim, sua única crítica, expressa em uma carta posterior, foi sobre ter escondido seu trabalho sobre um título tão simplório, e não ter aproveitado a oportunidade para “*blow loud trumpet about what you were going to show*”³³⁴. Na mesma carta, afirmou, ainda:

I consider your paper as a most admirable production in every way. Whenever I come to variation under natural conditions (my head for months has been exclusively occupied with domestic varieties) I shall have to study & restudy your paper & no doubt shall then have to plague you with questions.³³⁵

O apoio de Darwin não estava manifesto apenas em seus elogios, mas também no incentivo constante. Muitos autores já analisaram as relações entre Darwin e Wallace, especialmente após a apresentação simultânea de suas ideias sobre a evolução das espécies na *Linnean Society* em 1858. Wallace chegou a receber, inclusive, o epíteto de *Darwin's moon* em uma de suas biografias³³⁶. Já sobre o relacionamento entre Bates e Darwin, muito pouco é discutido, e o naturalista de Leicester é geralmente relegado a alguma breve menção ou nota de rodapé nas obras que discutem a biografia ou teorias científicas propostas pelo autor do *On the origin of species*.

No entanto, ao analisar a troca de correspondências entre ambos os autores, notamos uma relação constante e profícua não apenas de amizade, mas de mútuas contribuições científicas. Enquanto Darwin possuía o capital social para intermediar as relações entre Bates e seu editor, assim como para facilitar sua entrada em instituições científicas de prestígio, Bates possuía um vasto repertório de conhecimentos, particularmente sobre entomologia, que foram

³³³ DARWIN, Charles. [Carta] 20 nov. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 1f. Sobre o artigo de papes *Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley*. DAR 160.1: 72. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3825.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

³³⁴ DARWIN, Charles. [Carta] 25 nov. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 4f. Sobre os detalhes da publicação de um livro de viagem com o editor Murray e o artigo recém publicado por Bates. Carta n°3827. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3827.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³³⁵ *Ibidem*.

³³⁶ WILLIAMS-ELLIS, Amabel. *Darwin's moon: Alfred Russel Wallace*. London: Blackie & Son, 1966.

essenciais para apoiar a teoria da seleção natural. O conteúdo das mensagens trocadas em mais de duas décadas de correspondência revela a afinidade entre seus posicionamentos como naturalistas, especialmente na defesa do conhecimento prático dos viajantes em oposição ao trabalho restrito ao gabinete e no desenvolvimento das discussões sobre a evolução, a seleção natural e sexual, e a distribuição geográfica das espécies. Darwin recorreu ao conhecimento prático de Bates, adquirido ao longo de sua vivência na Amazônia, em diversas ocasiões, particularmente nos anos finais da década de 1870, enquanto reunia fatos sobre a seleção sexual para o seu livro *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex* (1871). Nos dois volumes da primeira edição do livro³³⁷, são feitas 27 menções ao nome de Bates. Toda a parte entomológica do livro é, em grande parte, derivada das observações de Bates, o que é em muitos casos reconhecido pelo próprio Darwin, através de notas de rodapé e citações. No entanto, segundo Woodcock, as breves referências não dão conta de revelar toda a extensão do débito de Darwin em relação ao conhecimento de Bates. Segundo o autor:

It was, from Bates's side, a relationship marked by a high respect for Darwin's intellectual powers and a willingness to put all his knowledge at Darwin's disposal. Darwin's attitude was more ambivalent. Like many great originators, he was ruthless in his search for material, and in many of the letters he wrote to Bates over more than twenty years he quite unashamedly pumped him for the information he needed to support the arguments on which he is working at the time. The footnotes to *The Descent of Man*, though they acknowledge a number of specific debts to Bates, do not really reveal the extent to which, during the decade between his first meeting with Bates and the publication of *The Descent* in 1871, Darwin relied on his friend for entomological facts which had a bearing on his evolutionary arguments.³³⁸

Ainda segundo o mesmo autor, nenhum outro naturalista possuía evidências observadas na Natureza que tão bem correspondessem aos pressupostos da seleção natural propostos por Darwin. Embora Woodcock enfatize as contribuições de Bates para a consolidação da teoria darwiniana, é preciso enfatizar que diversos outros naturalistas também contribuíram com evidências e artigos favoráveis que auxiliaram a estabelecer a teoria proposta por Darwin e Wallace. Um exemplo importante para mencionar é o do naturalista Fritz Müller (1821-1897), que vivia em Santa Catarina, onde atuou como professor em um liceu e posteriormente também contribuiu com o Museu Nacional no Rio de Janeiro. Müller fez importantes contribuições para

³³⁷ DARWIN, Charles. *The descent of man and selection in relation to sex*. New York: D. Appleton and Company, 1871. vol. I. Disponível em: <<https://archive.org/details/descentman00darwgoog/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.; DARWIN, Charles. *The descent of man and selection in relation to sex*. New York: D. Appleton and Company, 1871. vol. II. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.44749/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

³³⁸ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, Naturalist of the Amazons*. op. cit. p. 245.

a comprovação da teoria³³⁹, dentre as quais a é preciso ressaltar a publicação de seu livro *Für Darwin*, em 1864³⁴⁰. Faltavam a Darwin fatos mais concretos e precisos que pudessem comprovar sua teoria, tornando a transformação das espécies algo observável na natureza, e por isso lhe era tão importante contar com o apoio de naturalistas viajantes que pudessem contribuir com fatos observados *in loco*.

É preciso, portanto, analisar as contribuições entre Bates e Darwin dentro do contexto do desenvolvimento da teoria da evolução por meio da seleção natural, e do seu embate com outras teorias em voga na época. Até se tornar o paradigma biológico que conhecemos hoje, a seleção natural foi severamente criticada, negada e repetidas vezes tentou-se refutá-la. Para Darwin, era especialmente importante fomentá-la e fundamentá-la em fatos observáveis, uma vez que sua própria carreira científica estava associada ao sucesso ou não de suas proposições. É possível observar e afirmar, portanto, que seu incentivo para que Bates publicasse não era desinteressado. Segundo Cawforth:

From the beginning, there was a major gap in Darwin's theory. Granted that natural selection caused changes of some kind in living organisms, could it be shown that they actually led to the mutation of one species into another? If it could not, then the whole basis of evolutionary theory would remain flimsy and there would still be room for at least a kind of creationism. The issue would depend on the observation of hereditary variation occurring in wild populations as the raw material for natural selection to work on. However, Darwin lacked the appropriate evidence. This is where Bates enters the story with his paper on mimicry, published in 1863. Bates helped to turn what had still been essentially the hypothesis of evolution in the *On the Origin of Species*, 1859 into the theory expounded in Darwin's next two books, *The Variation in Animals and Plants under Domestication*, 1868, and *The Descent of Man and Selection in relation to Sex*, 1871. With his theory of mimicry, Bates suggested the development of new species in a convenient and easily understood timeframe. Darwin seized on the idea as proof of evolution. He had at last found the missing link, the essential proof that had hitherto eluded him.³⁴¹

A publicação apenas em periódicos especializados, no entanto, restringia o público que tinha acesso aos fatos observados por Bates. A publicação de um relato popular de viagem, por

³³⁹ Cf. PAPAVERO, Nelson. Fritz Müller e a comprovação da teoria de Darwin. In: DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p. 29-44. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/txcs6/pdf/domingues-9788575414965-04.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2019.; SOUZA, Flavia Pacheco Alves de; KAMENSKY, Andrea Paula dos Santos Oliveira. Fritz Müller, o naturalista darwinista do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 23, n° 36, fev. 2017, p. 470-492. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7976.2016v23n36p470>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

³⁴⁰ MÜLLER, Fritz. *Für Darwin*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/frdarwin00mlgoog/page/n11>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

³⁴¹ CRAWFORTH, Anthony. *The Butterfly Hunter*. op. cit. p. 195.

outro lado, poderia garantir o seu reconhecimento – e o de suas observações – por um público mais abrangente. A sugestão veio de Darwin que, em sua carta de 4 de abril de 1861, escreveu:

Have you ever thought of publishing your travels & working in them the less abstruse parts of your Nat. History? I believe it would sell, & be a very valuable contribution to Nat. History.³⁴²

O incentivo para que Bates publicasse não partiu apenas de seu interesse sobre suas observações, mas também era parte de uma estratégia para angariar aliados que pudessem apoiá-lo publicamente. Segundo Hemming:

Of course, Darwin's support was not wholly disinterested: he needed all the allies he could muster to confirm the theory of evolution by natural selection, and nobody could match the proof from Bates's years of fieldwork. Darwin urged the younger naturalist to use his own publisher, John Murray; and he offered to write praising the "force of intellect & knowledge & style" in Bates's letters. Bates gratefully accepted this offer.³⁴³

Visando facilitar a publicação do livro de Bates, Darwin apresentou o naturalista ao editor com quem trabalhava, John Murray III. Sem o auxílio motivacional e a mediação com uma casa de publicação renomada como a de Murray, talvez o livro de Bates jamais tivesse sido publicado. Em carta enviada para Murray, Darwin escreveu:

Mr. W. H. Bates of King St, Leicester has travelled in wild parts of region of Amazon &c during eleven years, as a collecting Naturalist. He has great knowledge of Nat. History, & what is far rarer is a capital reasoner & generalizer. *He has seen much of the natives*; & has attended to the habits of Monkeys & higher animals; but Entomology & Botany are his forte. I am sure that he is no common man. He wrote me several long letters, so well expressed & showing such powers of mind, that I urged several months ago to write a Book of Natural History Travels, such as would suit the general reader; but not to fear to go occasionally into pretty deep questions. He has sent me his two first chapters. His style & his powers of description seem to me first rate. I do not pretend to be a Critic; but my deliberate opinion is that of the class of the Books, such as my Journal, his will be the best ever published. [...] He applied to me to whom he had better ask to publish. I, of course, named you. He wishes to publish soon. He is a poor man & tells me he must look to money for his work. Now, if what I have said with entire truth, according to my judgment, should make you willing to enter into negotiation with him; will you write me a note, which I can forward to him. I should have said that I have taken the liberty to write all this, as he asked me to give him a common note of introduction to you. And I thought it better to give you my opinion of the man. Dr. Hooker knows him, & if you see Dr. H. you can ask his opinion of Mr. Bates' talents.³⁴⁴

³⁴² DARWIN, Charles. [Carta] 4 abr. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Sobre variação, seleção sexual e mimetismo. Encoraja Bates a publicar sobre sua viagem e observações. Carta nº3109. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3109.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³⁴³ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 321.

³⁴⁴ DARWIN, Charles. [Carta] 28 jan. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom [para] MURRAY, John. 4f. Sobre a intenção de Bates em publicar um livro de viagem, e suas recomendações sobre o naturalista. Ms. 42153 ff. 28-29. (National Library of Scotland, John Murray Archive). Disponível em:

A carta acima traz alguns pontos de reflexão interessantes. A escolha do adjetivo *poor man* exerce dupla função, uma vez que não faz referência apenas à ausência de meios financeiros de Bates, mas torna evidente as suas origens sociais inferiores à de seus interlocutores. Diferentemente de Darwin ou Hooker, Bates era filho de um fabricante de meias das *Midlands*, e dificilmente seria aceito no meio científico da capital não fosse pela sua experiência de viagem ao Brasil. Ainda assim, o sucesso científico de sua expedição parecia não ser suficiente para garantir seus méritos em meio ao círculo de intelectuais ingleses, e eis que uma outra estratégia se fez necessária. Em sua carta, Darwin não estava apenas elogiando Bates, mas associando o seu próprio nome, assim como o de J. D. Hooker, ao naturalista de Leicester. Assim, apesar de suas origens modestas, demonstrava todo o capital social adquirido por Bates nos meios intelectuais ingleses desde o seu retorno do Brasil. A troca de correspondências era uma parte fundamental da sociabilidade científica, pois além de permitir a comunicação entre naturalistas que se encontravam fisicamente distantes, facilitavam a manutenção de redes de contato e associações. Era especialmente importante para naturalistas como Bates que, devido às suas origens sociais, não costumavam frequentar os mesmos lugares e eventos que os *gentlemen* naturalistas de seu tempo. As correspondências tinham, assim, também o papel de encurtar as distâncias sociais. Segundo Meredith:

To possess a correspondence with others was a customary means of establishing status in a community of practitioners. One's correspondents were testimony of how one was judged by others. Naturalists actively cultivated relationships in the hopes of receiving communications in return. Winning another practitioner's approbation was viewed as a kind of investment. The outcome could never be guaranteed, but if successful, the rewards were highly valued. Possessing many correspondents was a mark of a competent member of the republic of letters. [...] Making someone's acquaintance opened doors by allowing access to valued knowledge, connections (such as further introductions and communication of valuable occurrences) and recognition. Knowledge, politeness and sociability were reckoned the most important qualities to possess.³⁴⁵

A troca de correspondências com naturalistas como Darwin e Hooker foi fundamental para o estabelecimento de Bates como naturalista na Inglaterra e foi também, em parte graças ao apoio de Darwin, que publicou seu livro de viagem. Seu livro foi considerado uma das melhores narrativas de viagem publicada por um naturalista tanto por seus contemporâneos³⁴⁶,

<<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3415.xml>>. Acesso em: 30 ago. 2018. Grifo nosso.

³⁴⁵ MEREDITH, Margaret. *Friendship and knowledge*. *op. cit.* p. 160.

³⁴⁶ ALLEN, Grant. *Bates of the Amazons*. *op. cit.* p. 802.

quanto por críticos quase um século após a sua publicação³⁴⁷. Segundo Darwin, em carta para J. D. Hooker, Bates era “*second only to Humboldt in describing a Tropical forest*”³⁴⁸. Para compreender o nível do elogio proferido por Darwin, é preciso colocar em contexto a importância da obra de Humboldt. Sobre os escritos do naturalista alemão, Kury afirmou:

As viagens de Humboldt são consideradas uma espécie de divisor de águas da literatura de viagens. Suas descrições da natureza são ao mesmo tempo artísticas e científicas, poéticas e exatas. Assim como alguns artistas e homens de ciência de sua época, ele demonstrou o valor cognitivo da arte.³⁴⁹

A importância da motivação de Darwin foi reconhecida pelo próprio Bates no prefácio da primeira edição de seu livro, onde asseverou:

When I first arrived in England, being much depressed in health and spirits after eleven years’ residence within four degrees of the equator, the last three of which were spent in the wild country 1400 miles from the sea-coast, I saw little prospect of ever giving my narrative to the world; and indeed, after two years had elapsed, had almost abandoned the intention of doing so. At that date I became acquainted with Mr. Darwin, who, having formed a flattering opinion of my ability for the task, strongly urged me to write a book, and reminded me of it months afterwards, when, after having made a commencement, my half-formed resolution began to give way. Under this encouragement the arduous task is at length accomplished.³⁵⁰

2.8. A PUBLICAÇÃO DE “*THE NATURALIST ON THE RIVER AMAZONS*”

Bates começou a trabalhar em seu livro de viagem em setembro de 1861 e não escondeu as dificuldades que enfrentou para produzir a obra. Um dos primeiros desafios foi tentar organizar a grande massa de informações contidas em seus cadernos de viagem, identificando e separando aquilo que poderia ser interessante para o público daquelas informações mais estritamente científicas³⁵¹. É possível compreender sua dificuldade ao analisar os cadernos onde manteve suas anotações durante sua estadia no Brasil. Divididos, atualmente, entre os acervos

³⁴⁷ LEICESTER, Mr. *Leicester Mercury*, Leicester, 9 fev. 1945. Coleção B.Biography Henry Walter BATES (d.1892) Naturalist and Explorer, Fellow of the Royal Society. 1959. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³⁴⁸ DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [Carta] 14 ago. 1863. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Sobre diversos temas científicos e sugerindo a leitura do livro de Bates. 4f. DCP-REPO-13 (American Philosophical Society, Philadelphia, Pennsylvania, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4267.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

³⁴⁹ KURY, Lorelai. *As mil vozes da natureza. op. cit.* p. 164.

³⁵⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. 1863. *op. cit.* p. iv.

³⁵¹ BATES, Henry Walter. [Carta] 30 set. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Compartilha informações entomológicas e discute a publicação de seu livro de viagem. DAR 205.10. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3271.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

do *Natural History Museum*³⁵² e da *British Library*³⁵³, os volumes contêm uma miríade de informações registradas durante a sua permanência no país, incluindo desde os locais visitados e nomes das pessoas que conheceu, até a descrição morfológica das espécies encontradas e dos listas dos espécimes enviados para Londres. Filtrar o conteúdo que poderia ser de interesse ao público certamente não deve ter sido uma tarefa fácil, e a redação do livro progrediu vagarosamente. Em uma carta endereçada a Darwin, datada de 14 de junho de 1862, Bates compartilhou:

My book “progresses” it is true, but slowly. How thoroughly ashamed I am to have bragged to you how quickly I could write it. I am at it every day as many hours as I can stand; but what takes me one day to write, takes 5 to alter.³⁵⁴

Podemos acompanhar o desenvolvimento do livro a partir de uma correspondência enviada por Bates para J. D. Hooker. Em dezembro do mesmo ano, quase quatro meses após dar início à obra, o naturalista afirmava ter terminado apenas entre 40 e 50 páginas, que haviam sido enviadas para Darwin. É interessante notar que Bates enfatizou seu desejo de escrever uma obra de caráter popular, tendo inclusive sublinhado estas palavras na carta enviada para Hooker. Nela, afirmava:

I have been very busy trying to write a popular book of travel. I have done it to the extent of 40 or 50 octavo pages since I saw you; and have sent the first chapter to Mr. Darwin (with his permission) to know whether there is any chance of the stuff going down.³⁵⁵

Acompanhando a troca de correspondências entre Bates e Darwin³⁵⁶, podemos observar que, a cada capítulo terminado, enviava seu manuscrito para *Down House*, onde era lido e revisado. Após uma de suas revisões, Darwin enviou uma carta contendo sua opinião sobre o material que havia recebido:

³⁵² O museu possui dois grandes volumes *in octavo*, contendo as anotações de Bates sobre suas coleções, descrevendo os espécimes coletados, identificando-os e registrando seus locais de coleta. Cf. *The Manuscript Collection of Henry Walter Bates (1825-1892)*. Referência: 140639. (South Kensington, Entomology Special Collections, Natural History Museum, London, United Kingdom). 5 dez. 2017.

³⁵³ A biblioteca nacional britânica possui uma pequena agenda de bolso, onde Bates manteve anotações diárias sobre o progresso de sua viagem, locais visitados, pessoas encontradas, envio de material para Londres, entre outras anotações. Cf. *POCKET-BOOK, with enclosures (ff. 169-175), of Henry Walter Bates, the naturalist, used during his travels in Brazil, of which he gave an account in The Naturalist on the River Amazons, 2 vols., 1863*. Referência: Add MS 42138 A-B. (Western Manuscripts, British Library, London, United Kingdom). 15 nov. 2017.

³⁵⁴ BATES, Henry Walter. [Carta] 14 jun. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 2f. Sobre o progresso do seu livro de viagem e informações entomológicas. DAR 160.1: 70. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3604.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³⁵⁵ BATES, Henry Walter. [Carta] 13 dez. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Sobre o progresso de seu livro de viagem e sua opinião sobre as obras de Hooker que havia lido. Letters do J. D. Hooker, volume 2, f. 35. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³⁵⁶ Cf. *Darwin Correspondence Project*, ver cartas número: DCP-LETT-3377, DCP-LETT-3412, DCP-LETT-3381.

I have read your chapt. with great interest. I will give my opinion, whatever that may be worth, without any exaggeration. I would not shorten or omit a sentence; & I hardly remember any Travels of which I would say that. The whole seems to me excellent. If other chapters are as good, *I believe your book will be the best of the class of Nat. History Travels*. I do not pretend to be a judge of style; for I have never attended systematically to the subject; but yours seems to me very good, just what is wanted. [...] I heartily congratulate you on the probability of your producing a popular Book, that it will be an excellent one I am sure.³⁵⁷

O envio dos manuscritos para Darwin continuou durante toda a redação do livro e, pelo que constam nas correspondências, sempre com elogios e incentivos em favor de Bates. Anos depois, seria a vez de Bates retribuir o favor, revisando e sugerindo alterações para a publicação *The Descent of Man*³⁵⁸. Outro desafio que decerto contribuiu para a dificuldade da redação foi a sua preocupação em produzir um relato que pudesse ser lido por todos, mesmo aqueles que não estivessem familiarizados com a História Natural. Sua intenção era a de tornar questões como o mimetismo, a distribuição geográfica das espécies e a própria evolução acessíveis a um público não iniciado. Por este motivo, é possível afirmar que Bates fez importantes contribuições para a divulgação científica, sendo um dos primeiros autores a tentar popularizar a teoria da evolução a partir da seleção natural, ainda que seu livro não a discuta explicitamente. Em uma carta enviada ao zoólogo Philip Sclater (1829-1913), então secretário da *Zoological Society of London*, Bates pediu informações sobre um gênero de aves sobre o qual desejava familiarizar o público em seu livro e confessou seu objetivo com a obra:

I have read somewhere that the genus was considered an approximation to the Toucans; but cannot now remember the authority, and as I am working out a little note on these birds for popular reading in the last chapter of my book of Travels I wish to be sure on the point. [...] I am glad to say that my tedious task on the book of Travels is nearly finished. I have tried hard to, after 12 months hard work, write something in it to familiarise the public with Geographical Distribution & Darwinian doctrines.³⁵⁹

Podemos acompanhar o progresso do livro em uma carta de 1862, endereçada a Darwin, em que mais uma vez Bates fazia menção ao desânimo que havia lhe causado a falta de acolhida

³⁵⁷ DARWIN, Charles. [Carta] 15 dez. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester. United Kingdom. 6f. Sobre sua revisão de um dos manuscritos de Bates. DCP-REPO-232 (Leeds University Library, Leeds, United Kingdom). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3345.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018. *grifo nosso*.

³⁵⁸ BATES, Henry Walter. [Carta] 17 jan. 1870. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Sobre sua revisão da obra *The Descent of Man*, incluindo sugestões de alteração. DAR 82: A44-5. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-7082.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

³⁵⁹ BATES, Henry Walter. [Carta] 10 nov. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] SCLATER, Philip. 4f. Pede informações sobre um gênero de aves e informa sobre estar escrevendo um relato popular sobre sua viagem. GB 0814 BADB (Bates). Letters from Henry Walter Bates, 1862-1871. (Zoological Society of London, London, United Kingdom). 9 nov. 2017.

nos círculos científicos, e confessou ter achado que a escrita do livro de viagem lhe viria mais fácil. As dificuldades encontradas, as diversas revisões necessárias, o envio de cada capítulo para a leitura de Darwin, tornaram a tarefa lenta e trabalhosa. Alegrava-se, no entanto, de já ter enviado dois terços da obra para o editor Murray, que pareceu satisfeito com a qualidade do trabalho. Na carta, Bates declarou:

Regarding my book. I am thoroughly ashamed of myself after so much bragging at the beginning not to have finished the work after 12 months employed on it. I think I told you that it would be only external stimulus that would impel me on with it I felt so disinclined to write. I hoped, however, having once commenced, a liking for the task would set in but it has not been so. I have been working & bodging against inclination ever since April last. You will be glad to hear that now, 620 pages are finished out of the 700 of which the work is to consist. Two thirds of the M.S. have been delivered to Murray: after the last receipt M. writes "it keeps up to the mark". With the autumnal weather a better activity has arisen & I am writing rapidly.³⁶⁰

A obra foi finalizada entre fevereiro e março de 1863. Apesar de ter mencionado as dificuldades e o progresso lento da redação, descobriu ter ultrapassado a quantidade de páginas que julgava ser necessária. É possível que seu acordo com Murray determinasse o tamanho do livro, a fim de estimar e manter sob controle os custos de impressão, embora não existam correspondências ou cópias de seu contrato com o editor. Sabemos, no entanto, que em uma carta endereçada a Darwin, datada 8 de abril de 1863, afirmou ter sido obrigado a suprimir parte de seu trabalho. Infelizmente, é impossível saber quais partes foram removidas da publicação final, uma vez que não existem cópias de seu manuscrito original. Na carta para Darwin, escreveu:

By this days post I send a copy of my book of travels for your acceptance. I finished all my work connected with it 6 weeks ago & am now quite tired of it, the delays having been so numerous & tedious. I found I had written for about 200 pages more than was necessary & so was obliged to leave out much matter including a long, unfinished account of origin of species by segregation of races in support of yr theory. Mr Murray seems very slow to push my book, friends here complaining that it has never been properly advertised. The expenses were very great (over 700£) & the price in consequence is fixed high. Very few copies will be sent to reviewers so that there will be slow progress.³⁶¹

O livro veio a público pouco tempo depois, ainda em 1863, em dois volumes, com o título *The naturalist on the river Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of Nature under the Equator, during eleven years of*

³⁶⁰ BATES, Henry Walter. [Carta] 17 out. 1862. King St, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 5f. Sobre a redação de seu livro de viagem e Edwin Brown. DAR 160.1: 71 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³⁶¹ BATES, Henry Walter. [Carta] 8 abr. 1863. Harwood Street, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 3f. Sobre a redação de seu livro de viagem e a mudança para Londres. DAR 160: 74 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4079.xml>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

travel. É interessante observar o título adotado por Bates, uma vez que este pode nos revelar algumas de suas escolhas e estratégias em relação à obra. Notamos, primeiramente, que, em oposição à profissão escolhida para assinalar em sua certidão de casamento, aqui Bates se autoproclama naturalista. E não apenas um naturalista qualquer, mas o naturalista (*the naturalist*). A diferença é marcante principalmente quando comparada com os títulos de outros relatos publicados na época, onde observamos a presença do artigo indefinido *um (a naturalist)*, como utilizado por diversos relatos com títulos do tipo *A naturalist in*.

O título escolhido por Bates contém, ainda, dois marcadores geográficos. O primeiro deles determina a sua posição em relação à Linha do Equador, identificando uma relação de oposição direta ao que seus leitores europeus estavam acostumados. Em seguida, observamos também a sua utilização de *Amazons*, no plural, o que é revelador do conceito em voga na época sobre a divisão do Rio Amazonas em duas partes distintas. A parte alta (*Upper Amazons*) englobando o Rio Solimões, e a parte baixa (*Lower Amazons*), de sua nascente até o encontro com o Rio Negro³⁶². Bates valorizava também a longa duração de sua viagem, uma vez que este foi um de seus diferenciais em relação a outros viajantes que estiveram na mesma região e, por fim, aumentava o interesse do leitor ao listar uma grande variedade de temas observados, contendo desde aventuras e observações sobre fauna até “esboços” (*sketches*) da vida local.

Quando publicado, foram impressas 1.250 cópias, um número considerado bastante razoável para a época, especialmente se tratando de um livro com um custo considerável de produção devido à quantidade de ilustrações em ambos os volumes e por se tratar de uma obra de um autor, até então, pouco conhecido. Segundo França, a tiragem média de um livro de viagem de sucesso, nas grandes capitais europeias do século XVIII, variava entre 2 e 4 mil exemplares³⁶³. Ainda assim, podemos considerar a tiragem inicial da obra de Bates bastante expressiva se compararmos, por exemplo, com o livro de viagem publicado por Wallace, que teve 750 cópias em sua primeira edição, das quais apenas 500 foram vendidas³⁶⁴. *The Naturalist on the River Amazons*, por outro lado, teve todas as suas cópias vendidas rapidamente, tornando-se se um grande sucesso para a época. Em uma carta datada 18 de abril de 1863, Darwin expressou à Bates sua opinião após a leitura do primeiro volume:

I have finished vol. I. *My criticisms may be condensed into a single sentence, namely that it is the best book of Natural History Travels ever published in England.* Your style seems to me admirable. Nothing can be better than the discussion on the struggle for existence & nothing better than the descriptions

³⁶² SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail*. op. cit. p. 80.

³⁶³ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. op. cit. p. 80.

³⁶⁴ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. op. cit. p. 297.

on the Forest scenery. It is a grand book, & whether or not it sells quickly it will last. You have spoken out boldly on Species; & boldness on this subject seems to get rarer & rarer. How beautifully illustrated it is. The cut on the back is most tasteful. I heartily congratulate you on its publication.³⁶⁵

Ao terminar a leitura do segundo volume, Darwin novamente comunicou sua opinião sobre a obra. Sua crítica segue o mesmo teor elogioso, e nela afirmava lamentar ter terminado sua leitura, uma vez que “*every evening it was a real treat to me to have my half hour in the grand Amazonian forest, & picture to myself your vivid descriptions*”³⁶⁶. Darwin não demorou a tornar sua opinião sobre o livro pública e escreveu uma crítica para a revista *Natural History Review*, a qual foi posteriormente republicada na edição de 1910 do livro de Bates³⁶⁷. Nela, apresentou o livro como uma obra de interesse não só aos naturalistas, mas a todo o público curioso por descobrir sobre as “aventuras” de Bates na região. E aproveitava, ainda, para estender seu capital científico ao viajante, validando seu trabalho como naturalista e dando crédito à informação sobre as cerca de 8 mil espécies desconhecidas da ciência enviadas para Londres. Segundo Darwin:

Mr. Bate’s (sic) account of the monkeys of the genera *Brachyurus*, *Nyctipithecus* and *Midas* met with in this region, and the whole of the very pregnant remarks which follow on the American forms of the *Quadruman*, will be read with interest by every one, particularly by those who pay attention to the important subject of geographical distribution. We need hardly say that *Mr. Bates*, after the attention he has bestowed upon this question, is a zealous advocate of the hypothesis of the origin of species by derivation from a common stock.³⁶⁸

Outras críticas favoráveis também foram publicadas na mesma época, mas merece destaque a publicada pelo prestigioso jornal inglês *The Times*, em 24 de setembro de 1863. Em uma carta enviada para Darwin, Bates mencionava que a notícia publicada pelo periódico havia sido lida por seu pai, que talvez ainda mantivesse alguma esperança de que o filho retornaria

³⁶⁵ DARWIN, Charles. [Carta] 18 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harmood Street, London, United Kingdom. 4f. Sobre o volume um do livro de viagem de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4107.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018. *grifo nosso*.

³⁶⁶ Cf. DARWIN, Charles. [Carta] 30 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harmood Street, London, United Kingdom. 6f. Sobre o volume dois do livro de viagem de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4132.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

³⁶⁷ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons*. London & Toronto: J. M. Dent & Sons, New York: E. P. Dutton & Co. 1910. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonr00bate>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

³⁶⁸ DARWIN, Charles. [Carta] 30 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harmood Street, London, United Kingdom. 6f. Sobre o volume dois do livro de viagem de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4132.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

para Leicester e comandaria os negócios da família. A nota elogiosa publicada no jornal, no entanto, parece ter sido marcante para a aceitação da carreira do filho como naturalista. Segundo Bates:

The review in the Times of my book has caused quite a commotion. I consider it the best that has yet been written. It is also of great general importance because it is a public concession on the part of the highest literary tribunal, of the claims of philosophical natural history to the attention of the public. My old Father happens to be on a visit to me & the review came very apropos, causing great elation in our little family circle. My Father is an old man of business who thinks everything right that is said by the Times; & who begins now to see that his son really has written a goodish book.³⁶⁹

Devido ao sucesso, o editor Murray pediu que fosse preparada uma nova edição do livro já no ano seguinte. Possivelmente desejando diminuir os custos de publicação (e também o preço para o público final), pediu que a segunda edição fosse reduzida, a contragosto de seu autor. Em 1864, Bates publicou a segunda edição de seu livro de viagem, desta vez em apenas um volume. De um total de 774 páginas, com 42 ilustrações, o livro foi reduzido para 394 páginas, com 40 ilustrações, representando uma perda de quase 50% do total de páginas, uma vez que o formato do livro e a formatação do texto se mantiveram praticamente inalterados. No prefácio da segunda edição, Bates justificou os motivos para a redução da obra da seguinte forma:

Having been urged to prepare a new edition of this work for a wider circle than that contemplated in the former one, I have thought it advisable to condense those portions which, treating of abstruse scientific questions, presuppose a larger amount of Natural History knowledge than an author has a right to expect of the general reader. [...] The probability of general curiosity in England being excited before long with regard to this hitherto neglected country, will be considered, of itself, a sufficient reason for placing an account of its natural features and present condition within reach of all readers.³⁷⁰

Uma comparação parágrafo por parágrafo entre as duas edições revela, no entanto, diferenças mais profundas e não somente referentes às questões científicas. Estão ausentes, por exemplo, muitas informações de interesse antropológico sobre os diversos grupos indígenas com os quais teve contato, incluindo relatos detalhados sobre seus diferentes hábitos, culturas, idiomas falados, regiões onde habitavam e formas como se relacionavam com a flora e a fauna local. Também foram removidos relatos sobre a relação dos indígenas com a domesticação de

³⁶⁹ BATES, Henry Walter. [Carta] 29 set. 1863. Harwood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Sobre críticas ao livro de Bates, seu trabalho entomológico e a saúde de Darwin. DAR 160: 77 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4313.xml>>. Acesso em: 11 set. 2018.

³⁷⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. 2^o edition. London: John Murray, 1864. p. v.

animais e anedotas como, por exemplo, sobre a feiticeira indígena Cecília que curava doentes nos arredores de Santarém. Ao todo, na primeira edição de seu livro, Bates dá informações sobre 23 grupos indígenas diferentes que encontrou na região amazônica, o que torna seu relato uma importante fonte sobre a história da ocupação indígena no norte do país. Um estudo de seu relato pode ser capaz de revelar muitas informações desconhecidas sobre as populações indígenas da região Amazônia, que podem ser de grande valor para estudos étnicos, antropológicos e históricos sobre a ocupação indígena. Suas informações sobre a localização dos variados grupos com que teve contato poderiam, inclusive, ser utilizadas para auxiliar projetos de demarcação dos territórios indígenas. Muitas dessas informações foram omitidas a partir da segunda edição e permanecem, até hoje, pouco conhecidas.

Também foram suprimidos importantes registros de grande valor para pesquisadores em História da Saúde, incluindo detalhes sobre uma epidemia de febre amarela que afirmou ter dizimado cerca de 4% da população do Pará em 1850, e sobre a presença de outro terrível flagelo, que havia levado a cidade de Santarém a receber a denominação de “Cidade dos Lázaros”³⁷¹. Desfalcam, ainda, a segunda edição, diversos comentários de Bates sobre os habitantes das principais cidades visitadas, bem como observações sobre a cultura local, principais produtos alimentícios, a celebração de festividades religiosas, os principais usos dados à algumas espécies de árvores e seus frutos, a presença de escolas e principais atividades comerciais dos povos locais. Foi omitido também um interessante comentário a respeito da agressividade dos missionários em relação aos indígenas, em que afirmava:

The Jesuists, as far as I could glean from tradition and history, were actuated by the same motives as our missionaries; and they seemed like them to have been, in great measure, successful in teaching the pure and elevated Christian morality to the simple natives. But the attempt was vain to protect the weaker race from the inevitable ruin which awaited it in the natural struggle with the stronger one; which, although calling itself Christian, seemed to have stood in need of missionary instruction quite as much as the natives themselves.³⁷²

Atentar para as individualidades de cada uma das duas edições publicadas por Bates, e principalmente para o caráter mais completo dos registros presentes na primeira edição, foram particularmente importantes para esta pesquisa, na qual foi utilizada principalmente a primeira edição do livro de viagem, em seu idioma original. Na edição de 1864, Bates omitiu detalhes sobre diversas das excursões que realizou nos arredores das principais cidades onde esteve estabelecido, excluindo referências aos nomes e às contribuições recebidas por guias, habitantes locais que o hospedaram, escravos e outros auxiliares envolvidos, especialmente, na coleta de

³⁷¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 15.

³⁷² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 81.

espécimes. Também não estão presentes diversas referências a outros naturalistas, alguns deles encontrados durante sua vivência no Brasil, e outros cujas pesquisas havia utilizado como referência para o embasamento de suas próprias afirmações sobre a natureza brasileira.

Nos anos seguintes, *The naturalist on the river Amazons* foi reeditado por diversas vezes. Nas três décadas após o seu lançamento original, foram pelo menos seis edições, em três línguas diferentes³⁷³. No entanto, a maioria das edições subsequentes foram cópias quase fidedignas da segunda edição. Até hoje, a primeira e mais completa edição parece ter sido republicada apenas duas vezes, uma delas recentemente e, a outra, em 1892. Nesta, a publicação ocorreu especialmente por ocasião da morte de Bates, e a escolha em relançar a primeira edição foi feita a pedido de seu amigo Edward Clodd, que incluiu no livro uma breve memória biográfica sobre seu autor.

No Brasil, a primeira edição do livro só foi publicada uma única vez. Ela foi lançada em 1944 pela Companhia Editora Nacional e foi traduzida, prefaciada e comentada pelo zoólogo do Museu Nacional Cândido de Mello-Leitão (1886-1948)³⁷⁴. Segundo Mello-Leitão, o livro de Bates era familiar a todos os intelectuais brasileiros e especialmente importante por ser superior ao de seu companheiro Wallace em quantidade de fatos e observações sobre a fauna brasileira³⁷⁵. A opinião de Mello-Leitão, desta forma, ecoava o que já havia sido afirmado por Darwin, em 1861, quando escreveu para Bates sobre estar decepcionado com a pouca quantidade de fatos presentes no livro de Wallace³⁷⁶, embora seja necessário chamar atenção para o fato de que o naturalista perdeu a maior parte do material recolhido no Brasil no naufrágio do navio que o levava de volta à Inglaterra e, por isso, certamente teve menos material para utilizar como base em seu livro de viagem. Compartilhando também da mesma opinião, Woodcock afirmou:

As a scientist Bates shines with a clear but small light beside his friends Darwin and Wallace; as a traveler and discoverer he was as important in his

³⁷³ DICKENSON, John. *The Naturalist on the River Amazons and a Wider World: Reflections on the Centenary of Henry Walter Bates*. *The Geographical Journal*, vol. 158, nº 2, 1992. pp. 207-214. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3059789>>. Acesso em: 8 maio 2018.

³⁷⁴ BATES, Henry Walter. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/o-naturalista-no-rio-amazonas-t1/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

³⁷⁵ MELLO-LEITÃO, Cândido de. *História das Expedições Científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/6/historia-das-exploracoes-cientificas-no-brasil>>. Acesso em: 31 ago. 2018. p. 271.

³⁷⁶ DARWIN, Charles. [Carta] 3 dez. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Sobre o artigo de Bates no periódico da *Linnean Society* e o livro de viagem de Wallace. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3338.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

own way as either of them; but as a writer recording experiences he was undoubtedly their superior.³⁷⁷

Existem duas particularidades interessantes na tradução brasileira de Mello-Leitão que devem ser mencionadas. A primeira é o fato de tratar-se de uma obra de História Natural traduzida por um especialista na área. Por este motivo, seu tradutor não se acanhou em introduzir uma quantidade bastante generosa de notas de rodapé, as quais foram utilizadas para complementar, retificar ou atualizar algumas das informações científicas dadas originalmente por Bates. A segunda particularidade refere-se ao projeto de tradução empregado por Mello-Leitão, que traduz para o português os estrangeirismos e até mesmo os nomes próprios presentes no original, além de introduzir regionalismos que não foram utilizados por Bates. Rodrigues, ao comparar a tradução de Mello-Leitão com a única outra disponível em língua portuguesa, traduzida em 1979 por Regina Regis Junqueira³⁷⁸, assinalou as perdas de sentido ocasionadas em ambas as traduções:

Bates faz uma interessante distinção na forma de tratamento dos estrangeiros e dos portugueses e brasileiros com quem se encontra. Enquanto os anglo-americanos recebem, de Bates, a forma “Mr.”, os demais são tratados por “Senhor” [...] As traduções não observam essas características que marcam, para o leitor inglês, quem seria seu par e quem seriam os nativos ou os habitantes da terra descrita. Portugueses, brasileiros e estrangeiros recebem, indistintamente, “Sr.” de Junqueira e, quando é o caso, “senhor” de Mello-Leitão. [...] No caso de tradução de um relato da viagem de um estrangeiro pelo Brasil feita por um brasileiro, essa construção torna-se mais interessante, pois há um outro, o estrangeiro, construindo, de acordo com o seu ponto de vista, o que é doméstico para o tradutor, que vai se apropriar daquela construção para constituir a alteridade do outro e a identidade do que lhe é próprio.³⁷⁹

Desde a sua publicação em 1863, o livro de Bates foi continuamente traduzido, editado e reeditado, com trechos da obra sendo utilizados até mesmo em livros didáticos para exercícios de interpretação de texto³⁸⁰. Sua obra ganhou o mundo e, através de suas palavras, o mundo conheceu um pouco sobre a natureza da Amazônia brasileira. Sua observação perspicaz, aliada à vivacidade e minúcia de suas descrições, tornam seu livro uma valiosa fonte de informações sobre aquelas regiões brasileiras que visitou, suas riquezas naturais e os grupos humanos que as habitavam. Por estes méritos, o livro de viagem de Bates permanece até os dias de hoje como uma das publicações mais relevantes de sua época. Segundo Ferreira:

³⁷⁷ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, Naturalist of the Amazons. op. cit.* p. 14.

³⁷⁸ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.

³⁷⁹ RODRIGUES, Cristina Carneiro. As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n°(50.2), jul./dez. 2011. pp. 281-300. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/04.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018. p. 291.

³⁸⁰ MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 4.

Contemporaneamente, ao considerar-se somente *The Naturalist on the River Amazons*, a diversidade das informações de Bates sobre essa região do Brasil satisfaz as necessidades informacionais de pesquisadores de diferentes formações acadêmicas, tais como botânicos, historiadores, zoólogos, sociólogos, entomólogos e antropólogos, indo, portanto, para além do domínio de um determinado campo científico. E, mesmo no atual estágio da ciência, as informações postas em circulação por Henry Bates no século XIX continuam a alimentar a produção de novos conhecimentos. Assim, quer fazendo parte de acervos científicos raros, quer disponibilizada em formatos digitais, a obra desse viajante/naturalista é, sem dúvida, umas das mais populares entre os estudiosos sobre a Amazônia em seus aspectos sociais, históricos, culturais e ambientais.³⁸¹

Embora não tenha recebido novas edições em português, o livro foi publicado continuamente em língua inglesa. Em 2017 apenas, recebeu duas edições diferentes, sendo uma delas uma reedição do original em dois volumes³⁸². Já no Brasil, já fazem quarenta anos desde a última edição de seu livro de viagem; ou setenta e cinco, se levarmos em consideração a única publicação da edição original. Passados mais de um século e meio desde o surgimento de sua obra seminal sobre a Amazônia e 160 anos desde que deixou o país após sua residência de 11 anos, talvez fosse ocasião para um novo lançamento da primeira edição completa de seu livro no Brasil, para que novos leitores tenham oportunidade de deleitar-se em sua prosa e, através dela, familiarizarem-se mais com a história da natureza e dos povos da Amazônia, para ser possível conhecer e valorizar melhor as riquezas naturais e a história dos povos que ocuparam nosso país.

2.9. O TRABALHO NA ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY

Se a publicação de seu livro de viagem em 1863 já foi um marco importante na vida de Bates, o ano seguinte trouxe finalmente uma oportunidade para estabelecer uma sólida carreira científica em Londres. Em 1864, a *Royal Geographical Society* procurava por um naturalista experiente para ser secretário assistente, um importante cargo de direção onde trabalharia lado a lado com o então secretário, Clements Marhkam (1830-1916). Dentre as atribuições envolvidas estavam a supervisão das reuniões, a revisão e edição dos artigos recebidos para publicação no periódico da sociedade, o contato por correspondência com naturalistas e geógrafos de todo o mundo, e demais tarefas relacionadas à gestão e administração da sociedade.

³⁸¹ FERREIRA, Rubens da Silva. *Henry Walter Bates. op. cit.* p. 74.

³⁸² Cf. BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. (Coleção Foundations in Biological Thought. Editado por Janice M. Hughes). Canadá: Briar Bird Press, 2017. 2 vols.; BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. Califórnia: CreateSpace, 2017.

Fundada em 1830 com o nome *Geographical Society of London*, a sua gênese é semelhante à de diversas outras sociedades científicas da época: surgiu a partir das reuniões do clube de cavalheiros do *Raleigh Club*, que se reuniam periodicamente para compartilhar informações sobre suas viagens ao redor do mundo e debater aquela que consideravam ser a mais importante área do conhecimento: a geografia³⁸³. Seu número de membros cresceu rapidamente, particularmente a partir da adesão de outras sociedades que compartilhavam dos mesmos interesses, como a *African Association* e a *Palestine Association*. O desenvolvimento do imperialismo britânico a partir da conquista e exploração de diversas regiões ao redor do mundo caminhava *pari passu* com os avanços na geografia como disciplina científica, principalmente em um período onde as atividades científicas de conhecimento e catalogação de recursos naturais eram quase indissociáveis dos interesses comerciais e imperialistas da colonização. A geografia era até então fundamentalmente baseada em viagens de exploração ao redor do mundo e combinava o interesse científico pelo estudo de diferentes regiões com os ideais expansionistas das metrópoles europeias. Os próprios espécimes e outros objetos coletados durante estas expedições traduziam, simbolicamente, a ideia de domínio. Segundo Browne³⁸⁴, a presença de um *ethos* colonialista transformava estes exploradores em agentes em favor da ciência e do império. A autora afirmou que:

With its emphasis on the regions or ‘nations’ of plants and animals, its concern with the discovery and utilization of species useful to the homeland, its written surveys of the living beings of different countries, and the administrative network of colonial botanic gardens, timber forests, tea-gardens, museums and menageries that served both centre and periphery, the study of animal and plant geography in nineteenth-century Britain was one of the most obviously imperial sciences in an age of increasing imperialism.³⁸⁵

Em 1859, após receberem o estatuto real da Rainha Vitória, a então *Royal Geographical Society* tornou-se uma das mais proeminentes sociedades científicas britânicas, alcançando o número de sete mil membros em 1870. Era, assim, a maior sociedade científica baseada em Londres. Sua atuação vinculava-se às viagens de exploração e ao projeto imperialista e expansionista britânico, com grande investimento voltado para as expedições exploradoras da África e dos polos terrestres durante a segunda metade do século XIX³⁸⁶.

Em meio a este contexto, o secretário assistente era, ao lado do presidente, o indivíduo com maiores responsabilidades de articulação da participação da sociedade em meio ao projeto

³⁸³ DAUNTON, Martin (ed.). *The organisation of knowledge in Victorian Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 315.

³⁸⁴ BROWNE, Janet. *Biogeography and empire*. *op. cit.*

³⁸⁵ *Ibidem*. p. 305.

³⁸⁶ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.* p. 176.

imperialista nacional. A vaga, que até então era ocupada pelo eugenista Francis Galton (1822-1911), foi desocupada em 1863. Em mais uma ocasião, Darwin e sua rede de contatos em meio ao círculo científico britânico foram essenciais para a inserção de Bates nos meios intelectuais locais. Diferentemente de instituições mais tradicionais, como o *British Museum*, as sociedades científicas possuíam uma maior permeabilidade para naturalistas de origens menos aristocráticas³⁸⁷. Ainda que seus membros formassem uma elite intelectual e científica, o papel central das viagens para o desenvolvimento da geografia tornava a *Royal Geographical Society* menos fechada para indivíduos como Bates, especialmente devido a sua grande experiência como viajante pelo Brasil. Sendo assim, Darwin intermediou a candidatura de Bates, a qual também foi apoiada pelo editor Murray, sugerindo-a ao então presidente da sociedade, Roderick Murchison (1792-1871).

Em 23 de maio de 1864, Bates foi nomeado para o cargo por um período de experiência de seis meses, recebendo um salário de £75, passando posteriormente a receber £300 por ano³⁸⁸ durante os 27 anos que se manteve na posição. Sua nomeação foi publicada no periódico da sociedade, com uma nota reveladora sobre como a publicação de seu livro de viagem contribuiu para a expansão de sua reputação como naturalista:

[...] and the post of Assistant-Secretary is already occupied by a true traveller and good geographer, Mr. H. W. Bates, the author of that popular and instructive work, "The Naturalist on the River Amazons". The man who, in pursuit of the beauties and truths of natural history, has spent eleven years of his life in regions known to few Europeans, and who has since published so striking an account of them, will, I anticipate, be found to possess all the qualities of a good Assistant-Secretary and Editor of our publications.³⁸⁹

A reação de Bates à sua nova profissão pode ser observada a partir de duas correspondências, na qual é possível perceber um sentimento ambivalente. Por um lado, expressou sua satisfação com a chance de estabilizar-se profissionalmente e poder, assim, assegurar um salário razoável para manter sua família em Londres. Por outro lado, não escondeu sua decepção em se ver diante de um cargo majoritariamente administrativo, ao invés de uma posição onde trabalhasse diretamente com o estudo de espécimes de História Natural. Em 26 de abril de 1864, escreveu para Hooker:

³⁸⁷ CRAWFORTH, Anthony. *The Butterfly Hunter. op. cit.* p. 225.

³⁸⁸ BATES, Henry Walter. [Carta] 26 abr. 1864. 22 Harwood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 2f. Sobre a nomeação de Bates para o cargo de Secretário Assistente da *Royal Geographical Society*. DAR 101: 92. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4474.xml>>. Acesso em: 2 set. 2018.

³⁸⁹ MURCHISON, Roderick. *Proceedings of the Royal Geographical Society*. Vol. VIII, 1863-1864. p. 183. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.104541>>. Acesso em: 2 set. 2018.

You will perhaps be rather surprised to learn that I have entered in a Geographical career, i.e. have been chosen assistant Secretary of the Royal Geograp. Soc. I found myself obliged to take the first opening that appeared. I hope to be able to advance the science of Natural History in the new situation.³⁹⁰

Na mesma carta pediu, ainda, que Hooker avisasse a Darwin sobre a sua nomeação. Foi só em 28 de janeiro de 1865 que Bates escreveu diretamente ao autor de *On the origin of species* sobre sua nova posição. Nesta carta, informou sobre sua decepção com a falta de oportunidades para trabalhar em História Natural, e justificou a necessidade de assegurar a posição pela necessidade de aumentar sua renda para sustentar a família que agora já contava com duas filhas:

You will be glad to hear that I like my present position very much. I should have preferred a Natural History appointment but I had no chance of one & the birth of one sweet little child with expectation of another forced upon me cogent arguments for accepting the first thing that offered. I hope besides to do a little in improving this great Society & assisting Naturalists in travelling.³⁹¹

Não era a sua intenção abandonar o trabalho descritivo e comparativo que estava realizando com espécimes entomológicos. No entanto, a quantidade de atribuições que a posição de secretário assistente lhe relegava pareciam tê-lo forçado a reorganizar suas prioridades. Em duas cartas enviadas para o entomólogo Roland Trimen (1840-1916), justificava a sua demora em responder suas dúvidas sobre insetos devido à grande quantidade de trabalho, principalmente no periódico da sociedade. Na carta, datada 8 de janeiro de 1865, revelou:

My neglect of entomological correspondence lately has been owing to my appointment as assist. secretary of the geographical society; for this has given me new and arduous duties which it was no easy task to master before indulging in the seductive hobby which formally occupied my whole time.³⁹²

Na *Royal Geographical Society*, Bates encontrou diferentes formas de contribuir para o avanço da ciência, sendo instrumental no auxílio a diversos viajantes, na consolidação da

³⁹⁰ BATES, Henry Walter. [Carta] 26 abr. 1864. 22 Harmood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 2f. Sobre a nomeação de Bates para o cargo de Secretário Assistente da *Royal Geographical Society*. DAR 101: 92. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4474.xml>>. Acesso em: 2 set. 2018. p. 1

³⁹¹ BATES, Henry Walter. [Carta] 28 jan. 1865. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Sobre a recepção de seu artigo em um periódico alemão e sua nova posição na *Royal Geographical Society*. DAR 160: 79. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4756.xml>>. Acesso em: 2 set. 2018.

³⁹² BATES, Henry Walter. [Carta] 8 jan. 1865. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] TRIMEN, Roland. 1f. Sobre como o trabalho na *Royal Geographical Society* não o permitia se dedicar à Entomologia. RES 19/5 179 (Royal Entomological Society, St. Albans, United Kingdom). 16 nov. 2017.

geografia como disciplina acadêmica e no desenvolvimento da própria sociedade e de seu periódico. Se o sucesso de seu livro de viagem não for suficiente para atestar suas capacidades literárias, seu trabalho de edição e revisão dos artigos publicados no periódico da sociedade são considerados responsáveis por elevar o nível da publicação³⁹³. Segundo Moon:

In a different way his contribution as assistant secretary was as important as his work on the Amazon, and at the same time he developed his work as a most distinguished entomologist. [...] As an example of the influence of Bates on geographical progress and his assistance to younger men, it is worth remembering that Winwood Reade in the preface to *The Martyrdom of Man* records how Bates was instrumental in making possible Reade's African expedition by obtaining an introduction to a Mr. Andrew Swanzy who had been interested in doing something for African exploration.³⁹⁴

A maior parte das correspondências de Bates disponíveis atualmente datam do período em que trabalhou como secretário assistente e foram remetidas aos seus correspondentes diretamente da sede da sociedade. Por meio deste material, que pode ser encontrado hoje nos acervos de diversas instituições britânicas, é possível acompanhar a trajetória das suas principais contribuições ao trabalho científico promovido pela *Royal Geographical Society*, principalmente no que se refere ao relacionamento desta com os diversos viajantes naturalistas que recebiam seu apoio. Na responsabilidade de responder as correspondências, Bates estabeleceu-se como um ponto central na rede de naturalistas britânicos, intermediando o contato entre viajantes e as principais instituições e sociedades do país. Toda a comunicação oficial passava por suas mãos, e cabia a Bates direcionar as demandas que a sociedade recebia dos diversos viajantes que a procuravam. Mais do que um mero interlocutor, Bates era um agente ativo na execução de um projeto científico chancelado pela *Royal Geographical Society*.

Nos primeiros anos de sua atuação, sua experiência de viagem ao Brasil, ainda recente na mente de seus contemporâneos devido a publicação de seu relato de viagem, foi de interesse a diversos naturalistas que consultaram Bates sobre temas amazônicos. O zoólogo Sclater, por exemplo, enviou uma carta pedindo informações sobre o peixe pulmonado, recebendo a seguinte resposta:

What I have to tell you about the Lepidosiren of the Amazons is very little. Judging from my experience – having made constant enquiries about it during the three years I was living in the proper localities without obtaining a specimen – it is not easy to get; but another traveller having means of obtaining a good boat's crew during the dry months (which I had not) might be more successful. I exhibited drawings to many native fishermen, and they recognised the Lepidosiren as a fish they occasionally find in the mud at the bottom of the great lakes, when they spend the dry seasons in harpooning &

³⁹³ ALSTON, A. H. G. Henry Walter Bates: a centenary. *The Geographical Journal*, vol. 112, n° 1/3, 1948. pp. 1-3. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1789150>>. Acesso em: 4 set. 2018.

³⁹⁴ MOON, H. P. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 67.

salting Pirarecú (*Sudis gigas*). They call it in the Tupí language Tambaki-mboya; i.e. Tambaki (a very common fish fam. Characini), mboya. As we should say Pseudo-Tambaki or Tambakioidas, it being scaled similarly to the Tambaki & yet not having the necessary characters of a fish, its fins being absent.³⁹⁵

Embora não possuísse maiores informações, uma vez que não havia encontrado a espécie durante sua passagem pela Amazônia, Bates compartilhou com Sclater as informações que havia recebido dos pescadores que havia consultado, incluindo o nome indígena da espécie em questão. É interessante notar, assim, os caminhos percorridos pelo conhecimento, adquirido originalmente por Bates a partir de sua consulta aos nativos da região, e transmitido posteriormente a um dos mais eminentes zoólogos da *Zoological Society of London*, que à época estudava esta peculiar espécie. Na mesma carta aproveitou, ainda, para intermediar o contato entre Sclater e o Coronel Lambert Playfair (1828-1899), diplomata e naturalista que aproveitou sua nomeação como cônsul em Zanzibar para coletar peixes locais, que desejava enviar para a sociedade de Zoologia.

Alguns anos depois, foi a vez do viajante William Chandless (1829-1896) consultar Bates sobre temas amazônicos. Em uma extensa carta, hoje mantida no acervo da própria *Royal Geographical Society*, Chandless enviou notícias sobre a sua própria viagem de exploração ao Amazonas. Na mesma carta, anexou um breve relato, o qual pediu que fosse publicado, caso Bates julgasse ter algum valor. Em sua avaliação do material recebido, Bates ressaltou que o artigo de Chandless era bastante original e deveria ser publicado sem cortes no periódico da sociedade³⁹⁶. Como responsável pela edição do periódico, incluiu o artigo de Chandless no volume 39 do *The Journal of the Royal Geographical Society of London*³⁹⁷. A experiência de 11 anos na Amazônia, o grande número de espécies novas coletadas e enviadas para Londres, a importância de sua teoria sobre o mimetismo e o sucesso de seu livro de viagem, fizeram de Bates um dos mais reconhecidos especialistas sobre a região. Graças a este reconhecimento, pôde reaplicar tudo o que conhecia nas sugestões que escreveu para os viajantes que o procuravam pedindo conselhos.

³⁹⁵ BATES, Henry Walter. [Carta] 17 nov. 1865. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] SCLATER, Philip Lutley. 4f. Sobre o peixe pulmonado do Amazonas. GB 0814 BADB (Bates). Letters from Henry Walter Bates, 1862-1871. (Zoological Society of London, London, United Kingdom). 9 nov. 2017.

³⁹⁶ CHANDLESS, William. Notes of a Journey up the River Juruá. JMS/6/94. Royal Geographical Society Journal Manuscripts Collection. (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 2 nov. 2017.

³⁹⁷ CHANDLESS, William. Notes of a Journey up the River Juruá. In: ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *The Journal of the Royal Geographical Society*. vol. 39, 1869. pp. 296-311. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/i303908?refreqid=excelsior%3A3a2478353fac6c4abe697adfb0724548>>. Acesso em: 2 set. 2018.

Foi também devido à sua experiência de campo em como manter relações com as populações locais para garantir a troca de informações e a passagem pelas regiões visitadas, que Bates era capaz de julgar os relatos de viajantes que chegavam às suas mãos do ponto de vista de alguém que já havia passado por situações semelhantes. Talvez por saber exatamente a importância de se relacionar com os povos indígenas, Bates foi capaz de olhar para além dos rumores que estavam sendo divulgados em 1870 sobre o possível casamento do explorador David Livingstone (1813-1873) com a filha de um chefe tribal africano. Sobre o assunto, Bates escreveu para J. D. Hooker dando sua opinião, dizendo:

If you have ever heard a rumour of his having married a chief's daughter, do not believe it: I took a copy of the letter in which the passages occur which gave rise to the rumour & it does not bear the meaning that has been put upon it, & besides he has travelled more than 1,000 miles since the affair took place (a mere African ceremony).³⁹⁸

As correspondências que enviou e recebeu durante o seu período como secretário assistente atestam para a sua proficiente participação no fomento das engrenagens que moviam a atividade científica britânica, particularmente na exploração da África. Em outra carta endereçada a J. D. Hooker, discorreu sobre a organização de um comitê dedicado à exploração africana e apresentou os exploradores Joseph Thomson (1858-1895) e Alexander Keith Johnston (1844-1879), que estavam de partida para a parte oriental da África, pedindo que Hooker os ajudasse com instruções sobre como coletar espécies botânicas de valor comercial. Na carta, afirmava:

The wish of our African Committee is to make this expedition as useful as possible to all branches of science connected with geography, & a young geologist (recommended by Prof. Geikie) named J. Thomson has been therefore engaged to assist Mr. Keith Johnston; with instructions amongst other things to observe & report on the vegetable & other products of the countries' traversed. [...] He could also search for & get specimens of plants of economic value &c. For instructions & suggestions on these points we naturally appeal to you and I have to ask whether you will kindly direct one of your officers to draw up a set of directions for Mr. Thomson.³⁹⁹

Do conjunto de correspondências sobreviventes do período em que Bates esteve na *Royal Geographical Society*, chama a atenção o volume de cartas enviadas para J. D. Hooker, do *Royal Botanic Gardens, Kew*. Analisando o conteúdo das cartas, é possível perceber a

³⁹⁸ BATES, Henry Walter. [Carta] 7 fev. 1872. Savile Row, Kensington Gardens, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 4f. Sobre a expedição de Livingstone à África. Director's Correspondence DC/79 folio 207 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

³⁹⁹ BATES, Henry Walter. [Carta] 4 out. 1878. Savile Row, Burlington Gardens, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 4f. Sobre os exploradores que se dirigiam à parte oriental da África. Director's Correspondence DC/79 folio 207-211 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

relação de proximidade e colaboração entre as duas instituições dentro do projeto imperialista de exploração do continente africano, onde estavam localizadas algumas das principais colônias britânicas e onde era crescente o interesse pelas riquezas mineralógicas do continente. As correspondências entre Bates e Hooker discutiam a escolha e a indicação dos viajantes selecionados para compor as expedições, a concessão de subvenções e auxílios financeiros e materiais, e a instrução sobre espécies de interesse econômico e científico que deveriam ser priorizadas. Ao longo de duas décadas, os dois naturalistas tiveram a oportunidade de coordenar e supervisionar o trabalho realizado por viajantes em localidades tão diversas como Afeganistão, Egito, Etiópia, Gâmbia e o Monte Kilimanjaro, na Tanzânia⁴⁰⁰. Como observado por Cunningham⁴⁰¹, jardins botânicos não eram apenas repositórios para coleção e distribuição de novas espécies botânicas. Atuavam, também, como pontos centrais em extensas redes onde naturalistas, viajantes, jardineiros e pessoas avançadas em postos coloniais compartilhavam de conhecimento por meio da troca de correspondências.

Pelas mesmas correspondências, também é possível perceber a atuação conjunta destas instituições científicas com o *Colonial Office*, órgão governamental que se dedicava à supervisão de assuntos relacionados às colônias britânicas. Durante a segunda metade do século XIX, a *Royal Geographical Society* pode ser considerada como uma extensão não oficial do *Colonial Office*⁴⁰² e a atuação de Bates como secretário assistente deve, também, ser compreendida em meio ao contexto de expansão do império britânico, pelo viés das contribuições da sociedade para essa expansão, principalmente a partir da organização e apoio à viagens exploratórias ao redor do mundo.

Seu contato com viajantes ao redor do mundo, assim como seu trabalho na revisão e edição dos relatos enviados à sociedade, garantiam a Bates um conhecimento enciclopédico dos fatos observados por naturalistas nas mais distantes regiões do globo. Além dos relatos que recebia, também teve a oportunidade de examinar os espécimes que chegavam à sociedade. A partir de sua perspectiva sempre preocupada com a questão da distribuição geográfica das espécies, foi capaz de produzir um grande número de obras que versavam sobre a História

⁴⁰⁰ Na biblioteca do *Royal Botanic Gardens, Kew*, existem diversas coleções de correspondências de seus antigos diretores onde é possível acompanhar as relações entre o jardim botânico e a *Royal Geographical Society*, cujas correspondências eram assinadas por Bates, na exploração do território africano. Ver as coleções: Directors' Correspondence DC/179 folio 380; Miscellaneous report, Gambia, 1862-1908; East African Kilimanjaro expedition, f. 8, f. 10, f. 16; Miscellanerous report, Afghanistan, botanical exploration f. 210.

⁴⁰¹ CUNNINGHAM, Andrew. The culture of gardens. In: SPARY, E.C.; JARDINE, N.; SECORD, J.A. (ed.). *Cultures of Natural History*. Grã Bretanha: Cambridge University Press, 1996, p. 38-56.

⁴⁰² DICKENSON, John. *The Naturalist on the River Amazons and a Wider World*. op. cit. p. 210.

Natural das mais diversas regiões do mundo, a partir do estudo do material que recebeu. Para O'Hara:

It is quite probable that after 1864, Bates's association with the Royal Geographical Society enhanced his ability to analyze faunal affinities by equipping him with a knowledge of the earth's geography, climate and biota unrivalled among the biologists of his day, with the possible exception of Wallace.⁴⁰³

A partir das coleções e dos relatos a que teve acesso, Bates escreveu obras descritivas e classificou insetos provenientes de lugares como Portugal, China, Japão, Austrália, Nova Zelândia e diversas localidades na África e nas Américas. Segundo um levantamento feito por Dickenson, Bates foi capaz de produzir mais de 200 artigos descrevendo a fauna entomológica ao redor do mundo, demonstrando que, apesar do volume de trabalho administrativo com que lidava diariamente, jamais negligenciou completamente o seu trabalho com a descrição e classificação de espécies. Algumas de suas principais publicações incluem: *New species of Coleoptera from Chontales, Nicaragua* (1869); a revisão completa da sexta edição da obra *Physical Geography*, de Mary Somerville (1780-1872) à pedido de John Murray (1870); *Notes on the longicorn coleoptera of Tropical America* (1873); *Descriptions of new genera and species of Geodephagous Coleoptera from China* (1873); *New species of Longicorn Coleoptera from New Zealand* (1876); *Three new species of Longicorn Coleoptera from Japan* (1877); *Central America, West Indies and South America* (1878); diversos volumes do compêndio *Biologia Centrali Americana*, publicados entre 1879 e 1890; *New Cetoniidae from East Central Africa* (1881-82); *Notes on the entomology of Portugal* (1881-82), publicado com David Sharp (1840-1922); *New species of Geodephagous Coleoptera from North West Mexico* (1882); *New Longicorn Coleoptera of the Monohamminae group from Tropical West Africa* (1884); *Note on three Australian Carabidae* (1891); além da introdução e classificação das coleópteras na obra *Travels amongst the Great Andes of the Equator* (1891), de Edward Whymper (1840-1911), só para citar algumas de suas principais obras⁴⁰⁴. É importante destacar que os estudos e publicações de Bates, focalizando as faunas específicas de algumas localidades do mundo, enquadram-se dentro de uma visão de mundo predominante durante o século XVIII sobre a existência de regiões geográficas delimitadas onde habitariam apenas algumas espécies de animais e plantas. Assim, parte do trabalho naturalista consistia em identificar quais espécies eram nativas de cada região, impulsionando, segundo notou Browne⁴⁰⁵, a publicação de inúmeros catálogos regionais de fauna e flora.

⁴⁰³ O'HARA, James E. *Henry Walter Bates – his life and contributions to biology. op. cit.* p. 207.

⁴⁰⁴ DICKENSON, John. *Henry Walter Bates 1825-1892. Geographers Biobibliographical Studies*, vol. 11, 1987.

⁴⁰⁵ BROWNE, Janet. *Biogeography and Empire. op. cit.* p. 314.

Além destas, Bates também deu continuidade à sua série *Contributions to an insect fauna of the Amazon valley*, publicando mais 11 artigos⁴⁰⁶. Além da qualidade de seus artigos, relevantes até hoje para os estudos das faunas entomológicas do mundo todo, a produção de Bates também se destaca por sua originalidade. Além de produzir grandes descrições sobre a fauna de locais ainda pouco conhecidos pelo público europeu, particularmente no caso da Amazônia e das diversas colônias britânicas, Bates também foi um dos principais naturalistas responsáveis por desenvolver a ciência entomológica. Seu trabalho foi publicado em uma época onde a Entomologia ainda permanecia pouco estudada e havia uma enorme lacuna no conhecimento produzido na área. Em uma carta endereçada a Frederick, irmão de Bates, datada de 1858 e, portanto, anterior à produção acima mencionada, Wallace confessou sua expectativa de que seu antigo companheiro de viagem pudesse um dia suprir a necessidade de trabalhos entomológicos que observava serem necessários para um completo estudo da natureza. Na carta, que se encontra no acervo do *Natural History Museum*, afirmava:

Nature must be studied in detail, & it is the wonderful variety of the species of a group, their complicated relations & their endless modification of form, size & colours, which constitute the preeminent charm of the Entomologists' study. [...] You appear to consider the state of Entomological literature flourishing & satisfactory: to me it seems quite the contrary. The no. of unfinished works & of others with false titles are disgraceful to science. [...] There exists not a Coleopterous fauna of any one tropical district, of any one extra-European country and, greatest disgrace of all, there exists not any work on the Coleop. of Europe! (complete). [...] I trust your brother may give us a grand & complete work on the Coleoptera of the Amazon valley, if not of all S. America.⁴⁰⁷

Ao longo de sua produção entomológica, Bates sempre aliou a descrição morfológica e taxonômica das espécies à sua distribuição geográfica e relações com outras espécies. Por este motivo, seu trabalho continua a ser uma importante e rica fonte de informações sobre as faunas das mais diversas regiões do globo. A importância do trabalho entomológico de Bates foi ressaltada posteriormente pelo entomólogo David Sharp, com quem havia publicado uma obra sobre os insetos de Portugal, em um artigo publicado no periódico *The Entomologist*. Nele, Sharp afirmava:

⁴⁰⁶ Toda a sua série de artigos sobre a fauna amazônica foi republicada em BATES, Henry Walter. *The principal contributions of Henry Walter Bates to a knowledge of the butterflies and longicorn beetles of the Amazon valley*. *op. cit.*

⁴⁰⁷ WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 2 mar. 1858. Ternate, Malay Archipelago. [para] BATES, Frederick. 12f. Sobre o estado da arte da Entomologia e suas expectativas de que Bates pudesse contribuir a preencher a lacuna de trabalhos entomológicos. Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. MSS. BATES E 1:1. (South Kensington Entomology Off-Site Store, Natural History Museum, London, United Kingdom). 3 out. 2017.

Some have expressed a regret that, since his paper on Mimicry, he has favoured us with no further wide generalisations or ingenious suggestions. The reason of this is not perhaps far to seek. In one of his Presidential addresses to the Entomological Society he commented on the absence of generalisations from the works of descriptive entomologists, and attributed it in part to their knowing how immense is the work to be accomplished, and what comparatively small progress they have made with it. [...] Thus there can be little doubt that Bates restricted his own work of late years to descriptive Entomology because he felt that it is at present the form of entomological work that has most permanent utility.⁴⁰⁸

Para além do contato direto com os viajantes chancelados pela sociedade na tarefa científica e colonialista de reconhecimento do mundo, Bates também contribuiu ativamente em outra frente de atuação muito cara à *Royal Geographical Society*, isto é, no estabelecimento e consolidação da Geografia como disciplina acadêmica no Reino Unido. O século XIX viu a transformação da Geografia de uma área de conhecimentos baseada em viagens exploratórias ao redor do mundo para uma disciplina acadêmica organizada dentro dos currículos das principais escolas e universidades. Em meio a esta metamorfose, a atuação de Bates é comumente subestimada⁴⁰⁹, embora tenha sido um dos responsáveis pela prosperidade da *Royal Geographical Society* e, por consequência, da própria Geografia. Segundo Crawforth:

He should be remembered for this as much as for his theory of mimicry. Without Bates in the assistant secretary's chair, the society would probably not have been the driving force it was in establishing geography as an academic subject based on scientific principles.⁴¹⁰

O papel da sociedade no desenvolvimento acadêmico da Geografia se deu, de forma preponderante, na década de 1880, quando James Scott Keltie (1840-1927) foi nomeado *Inspector of Geographical Instruction* para investigar como se dava o ensino da disciplina pela Europa e colecionar alguns dos principais livros didáticos existentes. A iniciativa partiu de um grupo de membros que acreditava na modernização da disciplina, e no qual estavam incluídos Bates, Roderick Murchison e Clements Markham. Como responsável pelas correspondências e pela edição do periódico da sociedade, Bates teve um papel central no convite feito a Halford John Mackinder (1861-1947) para publicar o seu artigo *On the scope and methods of Geography* em 1887⁴¹¹. A publicação de Mackinder é reconhecida como um marco na reformulação da Geografia como disciplina acadêmica e um dos motivos principais para a

⁴⁰⁸ SHARP, David. Henry Walter Bates, F.R.S. *The Entomologist*. Vol. XXV, n° 847. April 1892. p. 79.

⁴⁰⁹ DICKENSON, John. *Henry Walter Bates 1825-1892. op. cit.*

⁴¹⁰ CRAWFORTH, Anthony. *The Butterfly Hunter. op. cit.* p. 242.

⁴¹¹ MACKINDER, Halford John. On the scope and methods of Geography. In: ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*. New monthly series, vol. 9, n° 3, mar. 1887. pp. 141-174. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1801248>>. Acesso em: 4 set. 2018.

nomeação de seu autor como professor da disciplina na Universidade de Oxford⁴¹². Sobre o papel de Bates, Dickenson afirmou:

H. W. Bates has been compared in status to Darwin and Humboldt yet, whatever his reputation in natural history and Amazonian studies, he remains at best a footnote in geography. His contemporaries, in science and geography, agree that he was a shy and modest man, and he was evidently self-effacing, in profound contrast to many of those amongst whom he lived and worked. [...] The historiography of Victorian science and geography has devoted much attention to luminaries such as Darwin and Huxley, Burton and Livingstone, Keltie and Mackinder. Henry Walter Bates is a more elusive figure, but he made contributions to Darwinism, exploration and geography which were of contemporary significance and remain of continuing relevance.⁴¹³

Em uma homenagem escrita para a revista *Nature* no ano da morte de seu antigo companheiro de viagem, Wallace ressaltou as contribuições de Bates para a *Royal Geographical Society*, afirmando:

His somewhat rugged features, quiet, unassuming manners, and thoughtful utterance, must be familiar to all who have attended the evening meetings of the Royal Geographical Society during the last twenty-seven years. Rarely has any Society had a more efficient secretary, who not only carried on its work with accuracy and judgment, but also gained the respect and esteem of all who came in contact with him.⁴¹⁴

Suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade foram exaltadas por todos os seus contemporâneos, que lamentaram sua morte publicamente. Bates serviu fielmente à *Royal Geographical Society* por 27 anos, até a sua morte em 16 de fevereiro de 1892. O luto de seus companheiros pode ser observado na homenagem que lhe foi prestada no volume 14 do *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, edição quase inteiramente dedicada à lembrança da vida e contribuições de Bates para a sociedade e para a ciência em geral. No relatório publicado sobre uma das reuniões, o então presidente da sociedade, M. E. Grant Duff (1829-1906) expressou:

Since Mr. Bates's first connection with the affairs of the Society, more than a quarter of a century ago, he has had thrown upon him an increasing amount of varied work, and he has done that work always admirably well. Every President, every Honorary Secretary, every Member of Council, and every officer of the Society of every grade, has found in Mr. Bates an admirable co-operator and admirable friend. He was so good an official that when one talked to him one was apt to forget that before he began to be an official, before he

⁴¹² COONES, Paul. The centenary of the Mackinder readership at Oxford. *The Geographical Journal*, vol. 155, nº 1, mar. 1989. pp. 13-23. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/635377>>. Acesso em: 4 set. 2018.

⁴¹³ DICKENSON, John. *The Naturalist on the River Amazons and a Wider World*. op. cit. p. 212.

⁴¹⁴ WALLACE, Alfred Russel. H. W. Bates, the naturalist of the Amazons. In: *Nature*, 25 fev. 1892. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/045398c0>>. Acesso em: 4 set. 2018.

began to be a professional geographer, he was a most accomplished naturalist, and the author of one of the best books of its kind in the English language.⁴¹⁵

Além de suas qualidades como naturalista, escritor e secretário assistente, Bates também era reconhecido por seus contemporâneos por sua modéstia. No relatório de um dos encontros da *Royal Geographical Society*, Clements Markham afirmou:

I cannot tell you what help he was in those days when everything was in utter confusion – no Librarian – no one in the Library but a negligent boy, and tremendous work to get thins into order, Bates doing the lion's share. [...] I think this modesty was carried to a fault; for if he had had less we might have had much valuable work from him in the way of views and deductions on geographical points. We shall never see his like again, and those who have known him longest will certainly not feel his loss least.⁴¹⁶

⁴¹⁵ ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*. New monthly series, vol. XIV, 1892. p. 190. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.463859>>. Acesso em: 5 set. 2018.

⁴¹⁶ *Ibidem*. p. 193.

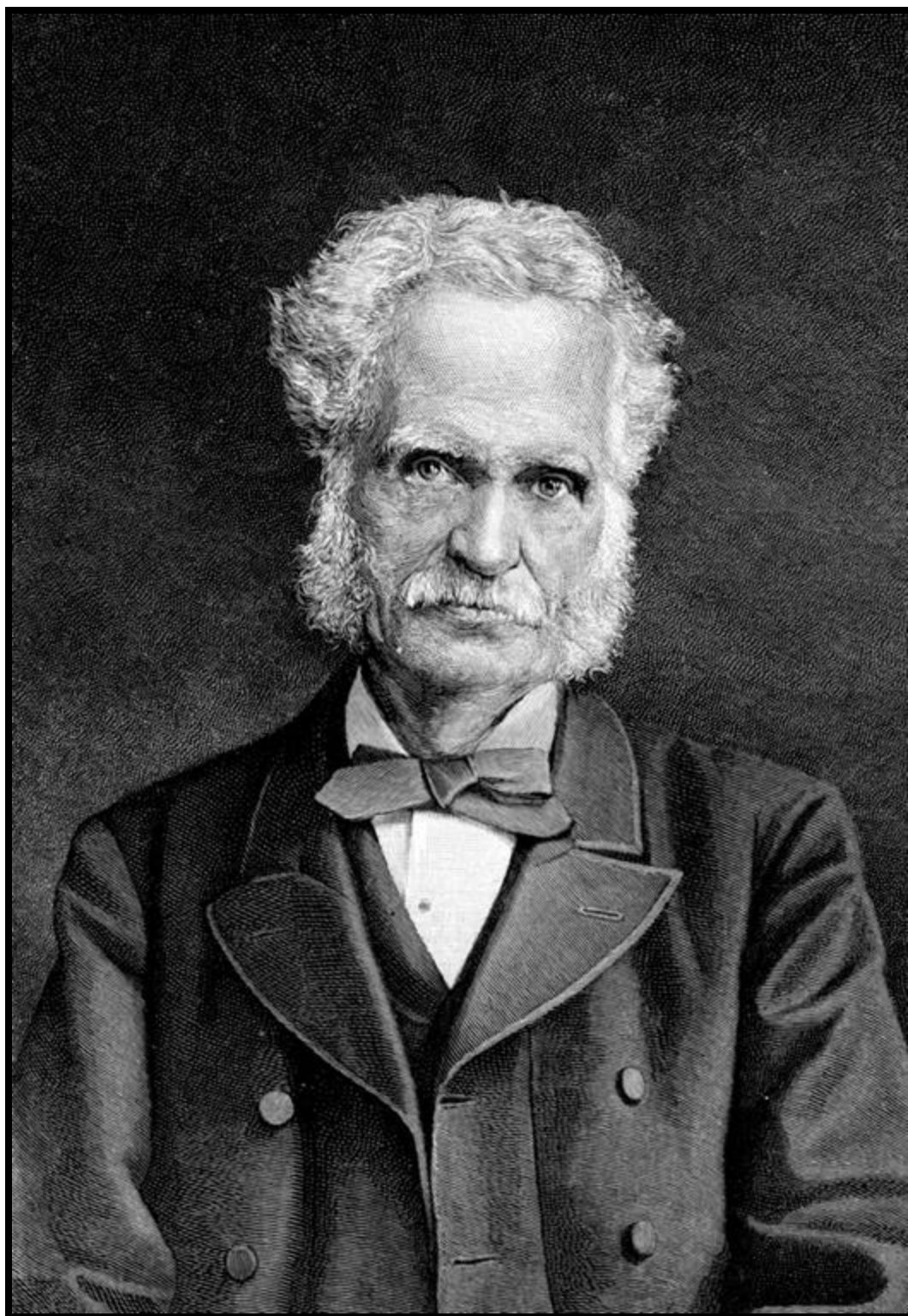


Figura 10: Retrato de Bates, s.d.⁴¹⁷

⁴¹⁷ H.W. BATES. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/H-W-Bates/media/55845/231672>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

2.10. A CONCLUSÃO DE UMA VIDA DEDICADA À CIÊNCIA

O motivo de não ser melhor reconhecido entre os principais naturalistas de sua época pode, parcialmente, estar ligado à sua modéstia. Bates nunca praticou o autoelogio e jamais fez grande alarde sobre suas importantes contribuições para a ciência de seu tempo. Da mesma forma, também nunca chamou atenção para as honrarias que recebeu em vida, que não foram poucas. Segundo O'Hara:

Bates was honored by Fellowships of several of London's learned societies during his lifetime: the Entomological Society in 1861, the Zoological Society in 1871 or 1872, the Linnean Society in 1878, and with the backing of Darwin, the Royal Society in 1881. Perhaps, if he had not been such a modest man, the last of those would have been bestowed upon him sooner; but he was not one to seek honors, or to speak of them. He was also named a Chevalier of the Order of the Rose by the Emperor of Brazil – a high distinction he tried to keep private by hiding the badge from view on the rare occasions he wore it.⁴¹⁸

Para ser eleito para estas sociedades científicas, era preciso passar por um processo de indicação, no qual cada candidatura era avaliada por aqueles que já fossem membros. No caso da *Royal Geographical Society*, é interessante notar como a candidatura de Bates é uma das que contém o maior número de apoiadores em toda a história da sociedade, contando com um total de dezoito assinaturas em seu favor. Segundo Crawforth, apenas a candidatura de David Livingstone recebeu um número igualmente expressivo de assinantes⁴¹⁹. Ao longo de sua vida, além da *Royal Geographical Society*, foi também eleito membro nas principais sociedades científicas britânicas, como a *Entomological Society of London* (1861), a *Zoological Society of London* (1863), a *Linnean Society of London* (1871) e a prestigiosa *Royal Society* (1881). Em 1868 e 1878 acumulou, também, o cargo de presidente da *Royal Entomological Society*. Além das honrarias britânicas, recebeu também a Ordem da Rosa, sobre a qual seu resguardo é ainda mais peculiar. A honraria lhe foi concebida durante a viagem do Imperador D. Pedro II à Europa entre 1871 e 1872 e consta na relação de “Graças e Mercês dadas por ocasião da viagem de S.S.M.M.I.I. na Europa”⁴²⁰. Segundo seus biógrafos, Bates mantinha a insígnia em segredo, e não costumava mostra-la sequer a amigos ou familiares⁴²¹.

Sua morte foi lamentada por todos. Dentre os brasileiros, o Barão de Santa Anna Néry (1848-1901), que era *Honorary Corresponding Member* da *Royal Geographical Society* e na

⁴¹⁸ O'HARA, James E. *Henry Walter Bates – his life and contributions to biology*. op. cit. p. 212.

⁴¹⁹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. op. cit. p. 182.

⁴²⁰ BOULANGER, Aleixo. *Descrição da viagem de suas majestades imperiais à Europa*, Códice C, 153, Arquivo Grão-Pará, Petrópolis, 1872.

⁴²¹ Cf. LEE, Monica. *300 year journey*. op. cit. p. 59; CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. op. cit. p. 253.

época morava em Paris, enviou uma carta para Londres assim que soube da notícia. Nela, afirmava:

I feel the greatest grief for his loss, and I wish that not only his family, but also our Society, should rest assured that in all Brazil, and especially in the Amazons, his death will be deeply felt. Native of that vast and far off province, as a child I learnt to admire the author of "Naturalist on the Amazons". Mr. H. W. Bates was one of the first to foretell the splendid future of the Amazonian Valley, and to describe its bewildering splendours. Although his voyage to the Amazons was undertaken in his early manhood, time has not been able to efface his memory, and many an inhabitant of our regions still retains a vivid remembrance of the English naturalist. In 1889 I was fortunate enough to make his acquaintance, and great was my pleasure to find that he also remembered with delight his bold and perilous excursions in our forests, and recalled readily to mind episodes of that period of his life. On that occasion Mr. Bates offered me his portrait. I am convinced that the two Provinces of Pará and the Amazons will make it a point of honour to place in their Congress halls a large sized reproduction of this photograph, as a homage due alike to a modest savant and to English science.⁴²²

Sua dedicação ao trabalho manteve-se incessante até os seus últimos dias. Reconhecido por sua saúde frágil desde a infância, sua situação tornou-se crítica quando, em fevereiro de 1892 foi tomado por uma forte gripe, que posteriormente contribuiu para o desenvolvimento do quadro de pneumonia que veio a lhe tirar a vida. Ainda assim, é possível observar sua preocupação com suas tarefas até o fim. Em 6 de fevereiro de 1892, apenas dez dias antes de sua morte, escreveu sua última carta, endereçada à James Scott Keltie. Nela, pedia para que desse continuidade ao trabalho de edição do artigo enviado pelo viajante Francis Edward Younghusband (1863-1942) e para que tomasse seu lugar no *Kosmos Club*, um clube para cavalheiros associado à *Royal Geographical Society*, onde seus membros se reuniam para jantares e discussões científicas. Em uma caligrafia quase irreconhecível, que permite antever o fim trágico que sua doença prenunciava, escreveu:

My malady has taken a turn and doctor says it is influenza. He orders me to confinement to my own room from work. I am afraid you will have some difficulty with Younghusband's paper, which will have to be shortened [ileg.] he has not said anything on the subject. I hope you will take my place at the Kosmos.⁴²³

Somando os proventos da venda dos espécimes reunidos no Brasil à renda proveniente do sucesso de seu livro de viagem e do trabalho na *Royal Geographical Society*, Bates foi capaz de promover uma vida confortável para sua família. Após sua morte, deixou para seus herdeiros a casa onde moravam em *Tufnell Park* e uma casa de férias na cidade costeira de *Folkestone*.

⁴²² ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Obituary. op. cit.* p. 249.

⁴²³ BATES, Henry Walter. [Carta] 6 fev. 1892. [para] KELTIE, James Scott. Sobre seu estado de saúde e a necessidade de alguém continuar seu trabalho. 1f. RGS CORR. BLOCK CB7 1881-1910 (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 17 out. 2017.

Dois de seus filhos já haviam se mudado para a Nova Zelândia, onde se tornaram fazendeiros, e suas filhas já estavam todas casadas⁴²⁴. Sem o marido, a vida na cosmopolita Londres parece ter sido de difícil adaptação para sua esposa Sarah Ann, principalmente devido à sua instrução limitada e origens humildes. Em uma carta escrita por volta de 1897 para James Scott Keltie, a viúva confessava os motivos sociais e financeiros por trás de sua decisão de se mudar permanentemente para *Folkestone*:

You perhaps have heard from my daughter that I am abhorred of leaving London. I have tried hard for the last 5 years to make things meet and try as I could not to sell my Folkstone house to make any money. Whatsoever of it so I have made up my mind to go and live there as I am quite alone in the world now and do not go anywhere or into any society whatever since my husband's death. [...] I have so longed to come to the society but feel I could not endure it without my husband. Will you please forward next magazine to Folkstone.⁴²⁵

Embora pudesse ser uma *plain domesticated woman*, como Bates havia descrito décadas antes, o que certamente contribuiu para a sua exclusão dos círculos sociais e científicos da capital sem a presença de seu marido, é interessante observar que Sarah Ann parecia ter algum apreço pela publicação periódica da *Royal Geographical Society*, que pedia para ser encaminhada ao seu novo endereço. A história de sua família, após a morte de Bates, parece ter seguido outros caminhos, afastados da ciência. Após esta última carta endereçada à Keltie, não existem outros registros do destino de Sarah Ann. Da mesma forma, pouco se sabe sobre o que aconteceu com seus descendentes, exceto por alguns de seus nomes, levantados pela jornalista Monica Lee, ela mesmo tataraneta de uma tia de Bates.

O que sabemos com certeza é que suas contribuições para a ciência de seu tempo não foram limitadas, pois incluem o vasto acervo de espécimes coletados no Brasil com cerca de oito mil novas espécies; a importância de sua teoria sobre o mimetismo para oferecer fatos que corroborassem a teoria da seleção natural; as trocas de informações com outros naturalistas por meio de correspondências; a publicação de um grande número de artigos entomológicos e de um *best-seller* sobre sua viagem ao Brasil; o apoio no estabelecimento da Geografia como uma disciplina acadêmica no Reino Unido; e o trabalho fundamental junto à *Royal Geographical Society* no apoio aos viajantes, edição de seu periódico e colaboração em um projeto político que associava imperialismo e desenvolvimento científico e econômico. Ainda assim, talvez parcialmente devido à sua própria modéstia, bem como parcialmente devido às convenções que

⁴²⁴ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 224.

⁴²⁵ BATES, Sarah Ann. [Carta] 13 jul. 1897. [para] KELTIE, James Scott. Sobre sua mudança para Folkestone 3f. RGS CORR. BLOCK CB7 1881-1910 (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 17 out. 2017.

regeram por muito tempo a historiografia das ciências, Bates se mantém como um naturalista pouco reconhecido em comparação com nomes como o de Darwin ou Wallace.

Ainda assim, sua teoria sobre o mimetismo, cujo nome hoje o homenageia, permanece como uma importante teoria biológica, assim como muito do seu trabalho entomológico ainda permanece relevante. No início da década de 1980, segundo matéria publicada na revista *New Scientist*⁴²⁶, o mimetismo foi um importante elemento de estudos no desenvolvimento de uma vacina contra a eritroblastose fetal, doença rara, onde há incompatibilidade de Rh entre o sangue da mãe e do feto.

A importância do trabalho de Bates para a ciência entomológica também continua a ser atestada nos livros de taxonomia. Além das espécies descritas pelo próprio naturalista, seu nome também foi associado à duas espécies de borboletas, descritas por Howard Saunders (1835-1907) e William Chapman Hewitson (1806-1878) em homenagem ao trabalho científico de Bates. Já o próprio Bates, em 1865, homenageou uma espécie de borboleta amazônica que descreveu em homenagem à sua primogênita, Alice, nomeando-a *Ageronia alicia* (atualmente *Hamadryas alicia*).

De acordo com Crawforth⁴²⁷, o trabalho científico de Bates ainda é validado por entomólogos contemporâneos. Para seu biógrafo, um dos motivos que permitiu que Bates chegasse à novas descobertas, como o mimetismo, está diretamente relacionado com a sua falta de treinamento acadêmico em História Natural. Assim, livre das amarras imbuídas por meio do paradigma vigente e seus manuais, Bates pôde observar a natureza como ela se mostrava ao naturalista. Para Crawforth:

I had many discussions with entomologists in Brazil that reinforced my opinion of Bates as a man of science. We concluded that, as Bates had no systematic training in biology this was probably crucial to his discoveries, as he had not been indoctrinated with the nineteenth century dogma that the differences found within species (intra-specific-variation) were unimportant and only the differences distinguishing species (inter-specific-variation) were of significance. With no professor to tell him what he should see in the specimens he found in the Amazons, he simply recorded what was actually there, and sometimes it was as novel as it was incontrovertible.⁴²⁸

Seus espécimes, coletados durante sua estadia no Brasil, permanecem ainda hoje em importantes coleções europeias. O seu apoio à teoria evolutiva proposta por Darwin e Wallace parece especialmente subvalorizado, uma vez que suas observações ao longo de 11 anos de

⁴²⁶ THE BUTTERFLIES THAT SAVED RHESUS BABIES. *New Scientist*, vol. 94, nº 1309, 10 jun. 1982. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=OFCXnqISFKwC&pg=PA692&lpg=PA692&dq=liverpool+jab>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

⁴²⁷ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.* p. 226.

⁴²⁸ *Ibidem.* p. 226.

prática de campo no Brasil foram constantes fontes de informações para ambos os naturalistas mais frequentemente associados com o sucesso da teoria. Segundo O'Hara:

Few but those interested in the history of biology realize that Bates's ideas about mimicry provided key evidence in support of Darwin's theory of evolution by natural selection, at a time in Victorian England when most established scientists were staunchly opposed to non-creationist interpretations of nature. Similarly, few but coleopterists and lepidopterists are aware of Bates's illustrious contributions to the taxonomy and evolutionary biology of exotic beetles and butterflies, or of how he used information gleaned from those studies to advance thought-provoking remarks about the historical zoogeography of such areas as Amazonia, Central America, Madagascar, Japan, Korea and New Zealand.⁴²⁹

Suas coleções ainda existentes permanecem como uma importante fonte de informações sobre a fauna amazônica, o que é especialmente relevante em tempos onde a biodiversidade no principal bioma do mundo se vê ameaçada por constantes desmatamentos. Segundo informações compartilhadas por meio de contato eletrônico, o doutor Gavin Broad, que ocupa a posição de *principal curator* da coleção entomológica do *Natural History Museum*, afirmou que o museu adquiriu um total de 10.500 insetos de Bates. Sobre a condição da coleção e sua relevância contemporânea, o especialista respondeu:

In answer to your questions: yes, Bates's specimens will mostly be in good condition still. And these are very relevant to our collections, having scientific value (some are type specimens, they are of often rarely collected species from a time when rainforests were much more extensive) and added historic value.⁴³⁰

No entanto, a grande quantidade de espécimes sob a guarda no *Natural History Museum* atualmente não encerram as coleções de Bates que chegaram ao solo Europeu, uma vez que o museu não era o único a adquirir espécimes na loja mantida por Stevens em Bloomsbury Street. Segundo Hemming⁴³¹, os naturalistas austríacos Rudolf Felder (1842-1871) e seu pai, Catejan Felder (1814-1894) também compraram uma parte considerável de suas coleções. Após o seu retorno para a Inglaterra, o próprio Bates vendeu alguns espécimes de sua coleção pessoal para os naturalistas Frederick DuCane Godman (1834-1919) e Osbert Salvin (1835-1898), sendo parte posteriormente destinada ao *Natural History Museum* pelos mesmos⁴³². Outra parte de sua coleção pessoal, contendo cerca de 30 mil espécimes, foi transferida para o *Muséum National d'Histoire Naturelle* em 1891, onde chegou como parte da coleção pessoal do entomólogo René Obenthür (1852-1944)⁴³³. Em sua cidade natal de Leicester, o museu de

⁴²⁹ O'HARA, James E. *Henry Walter Bates – his life and contributions to biology*. op. cit. p. 195.

⁴³⁰ BROAD, Gavin. *Publicação eletrônica [mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por <anderson.p.antunes@gmail.com> em 10 dez. 2018.

⁴³¹ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. op. cit. p. 314.

⁴³² MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892*. op. cit. p. 69.

⁴³³ *Ibidem*. p. 69.

História Natural local também é responsável por guardar cerca de 200 espécimes de borboletas coletados por Bates no Brasil⁴³⁴. Em 1848, Bates e Wallace também enviaram para o *Royal Botanic Gardens, Kew* uma caixa contendo sementes de palmeiras que, segundo o livro de entrada mantido pelo jardim botânico⁴³⁵, foram semeadas e podem, possivelmente, ainda existir dentro das estufas em Kew.

A grande quantidade de espécimes coletados e enviados para a Europa deve ser observada tanto como um aporte importante para o enriquecimento das coleções – e, conseqüentemente, do prestígio – de importantes instituições científicas, mas também pela importância que tiveram para que fossem elaboradas novas teorias biológicas. Como afirmou Sá:

A major consequence of these early 19th century travels in the Brazilian portion of Amazonia was the building up, in museums and botanic gardens of Europe and the U.S., of the first collections of botanical, zoological, and ethnographical materials from the region. The extraordinary biodiversity of Amazonia, uncovered through the study of those early natural history collections (as the one of H. Bates), provoked the emergence of innovative concepts which influenced the formulation of new theories – including Bates' work on insect mimicry (1859), and the theory of evolution by Darwin and Wallace (1858) –, and yielded decisive data for far more refined interpretations of the distribution of animal and plant life on earth.⁴³⁶

De acordo com Crawforth⁴³⁷, o lucro total obtido por Bates com a venda dos espécimes que coletou no Brasil foi de £800, que foram investidas pelo naturalista a um retorno de 5% ao ano. Somando, posteriormente, seu salário como secretário assistente na *Royal Geographical Society*, Bates foi capaz de levar uma vida confortável em Londres com sua família.

Apesar de suas conquistas, Bates permanece como uma figura pouco conhecida e valorizada. Na Inglaterra, encontramos poucas referências que o homenageiam. As famosas placas azuis, por exemplo, presentes por todo o Reino Unido demarcando patrimônios de interesse histórico e cultural não foram instaladas em nenhum de seus três endereços em Londres⁴³⁸, e nem mesmo em sua cidade natal. Com exceção da placa colocada na fachada do *New Walk Museum*, em Leicester, onde é celebrado junto com Wallace, apenas o seu túmulo no *East Finchley Cemetery* permanece como testemunho físico de sua existência.

⁴³⁴ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.* p. 32.

⁴³⁵ COLEÇÃO *Goods inwards, volume 1848-1858.* p. 29. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

⁴³⁶ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail. op. cit.* p. 44.

⁴³⁷ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 157.

⁴³⁸ Quando se mudou para Londres, Bates morou primeiro em 22 Harwood Street, Chalk Farm, NW1 8DJ. Posteriormente, mudou-se para 40 Bartholomew Road, Kentish Town, NW5 2AJ. Já próximo ao fim de sua vida, comprou uma casa em 11 Carleton Road, Tufnell Park, N7 0EL.



Figura 11: Túmulo de Bates no East Finchley Cemetery, em Londres.⁴³⁹

Já no Brasil, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, situado em Tefé, cidade onde Bates residiu durante parte de seu período no país, homenageia o naturalista ao associar seu nome à sua biblioteca. Sua passagem pela Amazônia é, ainda, celebrada por uma placa comemorativa inaugurada por Ricardo Ferreira em 2004, colocada nos jardins do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) por doação do *British Council* no Brasil, com apoio de instituições brasileiras como a Capes, Finep, Fiocruz (AM), a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Amazonas, o Museu de Astronomia e Ciências Afins e o Ministério da Ciência e Tecnologia. A placa foi instalada durante a realização do III Congresso sobre o Darwinismo na Europa e Américas e contém a seguinte frase:

Neste local, Barra do Rio Negro, em Janeiro de 1850, os naturalistas Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates se reencontraram, compararam suas coleções e concluíram que novas espécies se originam pela continuada divergência de espécies que lhes estão próximas no espaço e no tempo.⁴⁴⁰

⁴³⁹ Reprodução, acervo pessoal.

⁴⁴⁰ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O darwinismo no Brasil, nas ciências naturais e na sociedade. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 1 e 2, jan.-dez. 2014, p. 114-137. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/1730/1238>>. Acesso em: 30 nov. 2018. p. 120.

CAPÍTULO 3

O NATURALISTA NO RIO AMAZONAS: A VIAGEM DE BATES AO BRASIL (1848-1859)

3.1.OS PREPARATIVOS PARA A VIAGEM AO BRASIL

A questão mais imediata para uma dupla de jovens que pretendia partir em uma viagem de exploração sem o financiamento de instituições científicas, governamentais ou de um mecenas particular, era garantir a possibilidade de arcar com os custos da própria empreitada. Manter uma expedição científica não era tarefa barata, uma vez que era preciso gastar com: passagens de navio, transporte por terra, alojamento, comida, ajudantes, materiais para caça e coleta de espécimes, materiais para dissecação e acondicionamento dos espécimes coletados, instrumentos científicos, gastos com tarifas alfandegárias para importação e exportação de materiais, além de eventuais imprevistos. Segundo Woodcock, a falta de recursos foi um dos elementos que impediu que Bates levasse para o Brasil instrumentos como termômetros, barômetros, quadrantes e teodolitos, os quais gostaria de ter usado para tomar medições das características das regiões visitadas⁴⁴¹. A afirmação é retirada de uma carta escrita pelo próprio naturalista, e enviada para seu agente Stevens, na qual afirmava que todo o instrumental científico “*are all quite beyond the means of a poor man like myself*”⁴⁴².

Segundo Hemming, cada um dos jovens reuniu a quantia de £100 para cobrir suas despesas iniciais⁴⁴³. Em uma carta enviada por *Honest* Henry Bates ao seu filho, enquanto este já se encontrava no Brasil, em 28 de julho de 1850, podemos ver que o pai de Bates ajudou a financiar a viagem do filho, embora não mencione a quantia cedida. Em sua carta, que hoje faz parte do acervo de Bates mantido nos arquivos públicos de sua cidade natal, pedia para que o filho não se preocupasse em pagá-lo de volta⁴⁴⁴. Sobre o fato de seu pai tê-lo ajudado financeiramente com a ideia de partir em uma expedição científica, Moon salienta o quanto o apoio paterno foi excepcional para Bates, dada as origens modestas da família no contexto da Inglaterra Vitoriana:

⁴⁴¹ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons. op. cit.* p. 177.

⁴⁴² BATES, Henry Walter. [Carta para Samuel Stevens]. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a monthly journal of Natural History*, v. 11, 1853, London: John van Voorst. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/123035#page/9/mode/1up>>. Acesso em: 29 jan. 2019. p. 3728.

⁴⁴³ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.* p. 27.

⁴⁴⁴ BATES, Henry. [Carta] 28 jul. 1850. Leicester, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Pará, Brasil. 4f. Sobre a permanência de Bates no Brasil e dá notícias da família. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

This suggests that Bates's father gave some financial aid to the expedition which was generous, and shows that old Henry Bates was a man of outlook and perception, for in those days a manufacturer's eldest son to leave for the Amazon to collect insects was eccentricity or even lunacy and many people in Leicester would have very little idea of where or what the Amazon might be.⁴⁴⁵

Esta carta é particularmente interessante porque revela que, apesar do apoio financeiro, o pai provavelmente preferia que o filho voltasse para a Inglaterra e passasse a comandar os negócios da família. Ao longo do texto, *Honest Henry* informa ao filho que acreditava que seu futuro estaria melhor garantido trabalhando no ramo industrial como fabricante de meias, do que vendendo espécimes de História Natural. Assim dizia ao filho em sua mensagem: “*All that I request of you on the receipt of this is to immediately prepare for home*”⁴⁴⁶. Na mesma remessa, estava também incluída uma carta escrita pela mãe de Bates, que de maneira semelhante rogava: “*We all wish for your society and also require your assistance in business as it is increased so very much since you left us*”⁴⁴⁷.

Com financiamento garantido para dar início à jornada, o próximo passo foi assegurar os meios de mantê-la por tempo indeterminado. Para isso, Bates e Wallace planejavam investir seus esforços na formação de coleções de História Natural. Reunidos, os espécimes seriam encaixotados e enviados para Londres, onde seriam recebidos por um agente e vendidos pelo maior preço. A renda contínua que esta proposição poderia gerar forneceria os meios que a dupla precisava para se manter no Brasil. No entanto, para que isso fosse possível, era primeiro descobrir se havia demanda pelos espécimes que poderiam capturar, e quais espécies eram as mais raras e desejadas.

O primeiro passo, em direção a tornar este esquema realidade, foi examinar as coleções amazônicas disponíveis no Reino Unido. Poucos lugares na Europa ofereciam uma concentração tão grande de ricas instituições de História Natural quanto Londres, onde ambos se encontraram em março de 1848. Na capital, visitaram o *Natural History Museum*, onde Edward Doubleday (1810-1849) mostrou-lhes as coleções de borboletas sul-americanas do museu. De acordo com Hemming⁴⁴⁸, Doubleday teria encorajado a viagem ao Brasil, afirmando haver uma grande lacuna no conhecimento das *lepidópteras*⁴⁴⁹ brasileiras. Visitaram também o

⁴⁴⁵ MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 51.

⁴⁴⁶ BATES, Henry. [Carta] 28 jul. 1850. Leicester, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Pará, Brasil. 4f. Sobre a permanência de Bates no Brasil e dá notícias da família. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017. p. 2.

⁴⁴⁷ BATES, Sarah. [Carta] 28 jul. 1850. Leicester, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Pará, Brasil. 4f. Pedo pelo retorno do filho à Inglaterra. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017. p. 2.

⁴⁴⁸ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.* p. 26.

⁴⁴⁹ Ordem de insetos na qual estão incluídas as borboletas e as mariposas.

Royal Botanic Gardens, Kew, onde foram recepcionados pelo então diretor, William Jackson Hooker. Nas estufas do jardim botânico tiveram um primeiro contato com espécies de plantas tropicais, identificando aquelas que já eram conhecidas do público europeu. O contato com Hooker também foi essencial, uma vez que ele pôde fornecer indicações sobre quais espécies a instituição estava disposta a comprar, além de ceder um manual impresso com instruções sobre a coleta botânica e uma carta oficial de recomendação. Em uma carta assinada em conjunto e endereçada a Hooker, datada de 30 de março de 1848, os naturalistas escreveram:

We think than an official letter from you, referring to what you wish us to obtain for the Kew Museum, & accompanying the printed instructions you were so kind as to offer to send us, would be of great service to us. It would serve to show that we were the persons we should represent ourselves to be, & might much facilitate our progress into the interior. Trusting we do not presume too far on your kindness, in requesting a favour of this kind.⁴⁵⁰

O pedido não só foi atendido como foi de imediata utilidade, uma vez que facilitou a aquisição dos passaportes necessários para a viagem. Em uma carta escrita apenas quatro dias depois da primeira, os viajantes informavam:

Accept our best thanks for the letter of recommendation you have so kindly favoured us with and also for the valuable information contained in your letters. The former has already been of service to us in obtaining our passports, for which a recommendation is required. We beg to assure you we shall do all in our power to obtain interesting specimens for the Kew Museum, & shall have much pleasure in communicating to you any information we may think interesting.⁴⁵¹

Cartas como a escrita por Hooker eram importantes ferramentas para naturalistas viajantes. A partir delas, podiam demonstrar a extensão de suas redes sociais, aproveitando-se do prestígio e renome daqueles que as assinavam. Podiam, assim, valer-se de estruturas sociais preexistentes, garantindo o apoio de indivíduos que, até então, desconheciam. Para Bates e Wallace, que não possuíam o apoio de instituições científicas europeias, uma carta de recomendação assinada pelo diretor de um dos principais jardins botânicos na Europa era, sem dúvida, uma grande amostra de aprovação.

⁴⁵⁰ BATES, Henry Walter; WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 30 mar. 1848. Regent's Park, London, United Kingdom. [para] HOOKER, W. J. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 1f. Sobre carta de recomendação e instruções para a viagem ao Brasil. Director's Correspondence DC/26 folio 566 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/3802/3719/T/details.html>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

⁴⁵¹ BATES, Henry Walter; WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 3 abr. 1848. Regent's Park, London, United Kingdom. [para] HOOKER, W. J. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 1f. Agradecendo a carta de recomendação e informando que irão selecionar espécies para enviar ao jardim botânico. Director's Correspondence DC/26 folio 567 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/3803/3720/T/details.html>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Outro indivíduo similarmente importante para a dupla foi Edwards, autor do livro que os havia inspirado a investigar a Amazônia. Por coincidência, o entomólogo estadunidense estava em Londres no início de abril de 1848, e Bates e Wallace foram ao seu encontro. O encontro parece ter sido marcante não apenas para os jovens naturalistas, mas também para Edwards que, em uma carta posterior, datada de 23 de outubro de 1904, escreveu para Wallace lembrando a ocasião e dizendo:

Certainly I remember very well the call of yourself and Mr. Bates in London. It happened on April 4th 1848. On that visit to England I kept a daily record of all events occurring to me, and on 4th April, I entered: "This morning I was called on by two young men who were about leaving for the Amazon as a result of reading my book. They go as entomologists and general collectors, and propose to be absent three years. I gave them advice, and letters to Mr. Leavens and others at Pará. These young men were Alfred R. Wallace and Henry W. Bates."⁴⁵²

Como veremos no capítulo seguinte, Charles Leavens foi um dos primeiros e mais importantes contatos que Bates e Wallace fizeram ao chegarem ao país, havendo ele sido responsável por guia-los em suas primeiras excursões pelo Pará. Por ora, é interessante notar como Edwards havia, em 1848, classificado os jovens naturalistas como entomólogos. A Entomologia, como vimos, era a principal preocupação e área de atuação de Bates, que já havia, inclusive, publicado artigos na área. Foi a sua coleção de insetos, recolhidos nos arredores de Leicester, que primeiramente despertaram a atenção de Wallace para esta área de estudos, como o próprio Wallace admitiu em sua autobiografia⁴⁵³. A escolha do adjetivo utilizado por Edwards pode nos revelar, portanto, a extensão da influência de Bates sobre a dupla nestes anos iniciais de parceria.

Como podemos perceber pelas correspondências citadas acima, a fonte de renda planejada por Bates e Wallace para manterem a viagem dependia da coleta de espécimes de animais e plantas. Essas coleções seriam enviadas para Londres, vendidas e os lucros adquiridos garantiriam a possibilidade de continuar com a empreitada até se darem por satisfeitos. Neste cenário, uma peça fundamental para o bom funcionamento do esquema era a presença de um intermediário na Europa que pudesse receber as coleções enviadas do Brasil, vendê-las para instituições científicas e colecionadores particulares, e retornar os ganhos obtidos aos viajantes.

⁴⁵² EDWARDS, William Henry. [Carta] 23 out. 1904. Coalburgh, West Virginia, United States. [para] WALLACE, Alfred Russel. Broadstone, Wimborne, Dorset, United Kingdom. 2f. Lembrando do encontro em 1848 e respondendo questões sobre um crucifixo de marfim. WP/1/8/171 (Natural History Museum General Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1359/1138/S/details.html>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

⁴⁵³ WALLACE, Alfred Russel. *My life. op. cit.* p. 127.

Coleções de História Natural haviam se tornado incrivelmente populares durante os séculos XVIII e XIX na Inglaterra⁴⁵⁴. Com esta popularidade, movimentavam um intenso mercado de espécimes, reunidos por viajantes em todos os cantos do mundo e enviados, geralmente para a Europa ou os Estados Unidos, onde eram comprados por colecionadores de curiosidades e por instituições científicas. No centro da movimentação deste mercado encontravam-se casas de leilão e agências de História Natural, que atuavam como intermediários entre os viajantes e os colecionadores. Estes locais vendiam não apenas espécimes, mas também livros, catálogos e instrumentos científicos, todo o necessário para um naturalista viajante. Este tipo de comércio científico oferecia uma forma alternativa de financiamento de viagem, oportuna àqueles que careciam de apoio institucional ou de um mecenas particular. A estes viajantes era dada a oportunidade de firmar contratos, consignando as coleções que seriam formadas e estabelecendo previamente as porcentagens de partilha nos lucros obtidos. No Reino Unido, a maior concentração de agentes em História Natural encontrava-se em Londres, embora houvesse uma distribuição geográfica de agentes por todas as principais cidades. Segundo Coote *et al.*:

In Europe and North America, natural history dealers and retailers sprang up on streets across many major cities to serve collectors. By 1895 there were 52 in Berlin alone, and a further 33 in Vienna, 26 in London, and 17 in Paris. In the USA there were more than 100 natural history dealers at the end of the nineteenth century. The network of dealers was also geographically very dense in some countries – there appears to have been at least one small trader in most major towns in the United Kingdom.⁴⁵⁵

3.2. O AGENTE SAMUEL STEVENS (1817-1899)

Diversas das biografias e dos artigos que tratam da viagem de Bates e Wallace exaltam o papel fundamental de seu agente em História Natural. Samuel Stevens, natural de *Middlesex*, no Reino Unido, foi um importante aliado durante a viagem ao Brasil e, no caso de Wallace, posteriormente também em sua exploração do Arquipélago Malaio (1854-1862). Seu trabalho foi crucial para o sucesso de vendas das coleções enviadas para Londres, bem como para a divulgação de suas carreiras como naturalistas. Ao longo dos anos, Stevens demonstrou ser não apenas um competente administrador e vendedor de espécimes, mas desenvolveu uma verdadeira relação de amizade com os viajantes. Durante sua carreira, trabalhou ao lado de

⁴⁵⁴ CAMERINI, Jane. *Wallace in the field. op. cit.* p. 46.

⁴⁵⁵ COOTE, Anne *et al.* When commerce, Science and Leisure collaborated: the Nineteenth-century global trade boom in Natural History collections. *Journal of Global History*. University of Wollongong, Australia. n° 12, vol. 3, 2017, pp. 319-339. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=4235&context=lhapapers>>. Acesso em: 17 ago. 2018. p. 332.

diversos naturalistas viajantes, chegando a ser homenageado por Edward Chitty (1804-1863) que nomeou uma espécie de caracol jamaicano *Petitia stevensiana* em sua homenagem, justificando: “Named in compliment to the naturalist’s universal friend, S. Stevens, Esq., Bloomsbury Street, London”⁴⁵⁶.



Figura 12: Loja de Stevens na Bloomsbury Street, século XIX.⁴⁵⁷

Stevens iniciou sua carreira em História Natural ao lado de seu irmão mais velho, John Crace Stevens (1809-1859) que, desde 1831, comandava uma casa de leilões com seu nome em Londres. Anteriormente a este período, já nutria interesse pela História Natural, mais especificamente por Entomologia, e reunia insetos para suas coleções pessoais. Durante oito anos, trabalhou lado a lado com seu irmão, aprendendo o necessário para, em 1848, abrir sua própria agência de objetos de História Natural, no número 24 da *Bloomsbury Street*, idealmente localizada em frente ao *Natural History Museum*. Bates e Wallace estiveram entre os seus primeiros clientes.

⁴⁵⁶ CHITTY, Edward. *Petitia stevensiana*. In: *Proceedings of the Zoological Society of London*. Part XXV, London, 1857. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/100996>>. Acesso em: 24 jan. 2019. p. 184.

⁴⁵⁷ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 38.

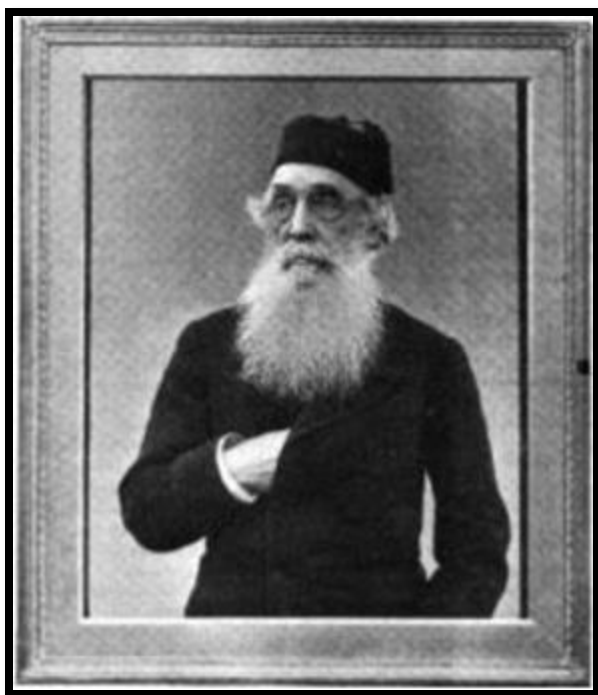


Figura 13: Stevens em fotografia publicada na revista *Science-gossip*, posando em frente a uma moldura vazia⁴⁵⁸

O acordo que possuíam funcionava da seguinte forma: Bates e Wallace reuniam espécimes de História Natural no Brasil que eram preparados, encaixotados e enviados por navio para Londres, onde eram recebidos por Stevens. Levados para a loja na *Bloomsbury Street*, eram então colocados à disposição de colecionadores e de instituições científicas, sendo vendidos pelo preço mais alto possível. Do valor obtido, Stevens retirava 20% como sua comissão, e reservava outros 5% para os custos de traslado e seguro dos espécimes, que ocasionalmente se danificavam durante a viagem. O restante do lucro obtido era então remetido de volta aos viajantes, onde estivessem, para cobrir os custos de manutenção da viagem. No caso particular de Wallace, em sua viagem ao Arquipélago Malaio, Stevens não só enviou os lucros obtidos para o viajante em campo, mas também investiu um pequeno excedente em ações de companhias ferroviárias na Índia, o que se tornou posteriormente uma modesta fonte de renda para o viajante⁴⁵⁹. De acordo com Crawforth:

Nothing was too much trouble for Stevens; he bought, he sold, and he spared no pains to dispose of duplicates to the best advantage. He insured consignments unasked, he could always find the means of getting money conveyed to obscure ports and even made advances against specimens he had not yet received. He was one of those exceptional beings who manage without fuss to do everything a little better than seemed possible. Bates and Wallace had good reason to be grateful to him throughout their journeys. He also kept both men informed about important scientific opinion and advances. Most

⁴⁵⁸ CARRINGTON, John T. *Science-gossip*. New series, vol. VI, n° 66. Nov. 1899. p. 161. Disponível em: <<https://archive.org/details/sciencegossip0666lond>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

⁴⁵⁹ CAMERINI, Jane. *Wallace in the field*. op. cit. p. 62.

important of all he launched their names into the scientific circles of London.⁴⁶⁰

Além de gerenciar o recebimento e a venda de espécimes, Stevens também atuava como intermediário entre os viajantes e os círculos científicos ingleses, enviando periódicos e catálogos para os naturalistas em campo e publicando, na Inglaterra, trechos das correspondências que recebia do Brasil. Não obstante sua relação de amizade com os viajantes, é preciso compreender as ações de Stevens a partir do seu efeito comercial. Quando recebiam alguns dos principais periódicos científicos ingleses no Brasil, Bates e Wallace podiam se manter a par das principais questões sendo discutidas na época, o que garantia que poderiam tê-las em mente, podendo até mesmo contribuir com elas a partir de suas observações em campo. De forma semelhante, ao receber os catálogos publicados pelos principais museus europeus, podiam identificar dentro de suas coleções quais espécies já eram conhecidas e quais estavam sendo enviadas para a Europa pela primeira vez. Já ao publicar constantemente trechos das correspondências que recebia dos viajantes em periódicos como o *The Zoologist*, o *Phytologist*, ou o *Annals and Magazine of Natural History*, Stevens assegurava o interesse do público especializado pelo trabalho que estava sendo realizado pelos viajantes e pelas coleções que logo estariam sendo vendidas em sua loja, valorizando assim a sua mercadoria. Nestes periódicos, além de trechos das correspondências recebidas dos naturalistas, Stevens publicava também informações sobre a quantidade de espécimes recebidos. Um exemplo de suas publicações pode ser encontrado já no primeiro exemplar do *Annals and Magazine of Natural History* para 1849, onde publicou:

Journey to Explore the Province of Pará (sic).

Messrs. Wallace and Bates, two enterprising and deserving young men, left this country last April on an expedition to South America to explore some of the vast and unexamined regions of the province of Pará (sic), said to be so rich and varied in its productions of natural history. They have already forwarded two beautiful parcels of insects of all orders, containing 7000 specimens in very fine condition, and a vast number of novelties, besides other very rare species, some of which were known only to the entomological world by the beautiful figures in Cramer and Stoll, and a few shells and bird-skins. The last parcel is the result of their journey up the river Tocantins.⁴⁶¹

O contato que mantinha com os editores destes periódicos garantia a Stevens e aos naturalistas com quem trabalhava, uma importante vitrine para a promoção de suas expedições e coleções. Um exemplo do funcionamento desta estratégia pode ser encontrado no volume 8

⁴⁶⁰ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 37.

⁴⁶¹ STEVENS, Samuel. Journey to Explore the Province of Pará. In: JARDINE, Bart W. et al. (ed.). *The Annals and Magazine of Natural History, including Zoology, Botany, and Geology*. Vol. III, second series. London: R. and J. E. Taylor. 1849. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/54554>>. Acesso em: 29 nov. 2018. p. 74.

do periódico *The Zoologist*, onde o editor Edward Newman pedia aos seus leitores que ajudassem o trabalho entomológico de Bates a partir da compra de espécimes com Stevens, afirmando:

Ega, Upper Amazons, whence several specimens have been sent home by Mr. Bates, now engaged in forming entomological collections in that rich country. To the untiring energy of this able naturalist we are indebted for vast and almost incalculable additions to our knowledge of the insect Fauna of the South American Continent. Mr. Bates is continually transmitting the proceeds of his labours to Mr. S. Stevens, of 24, Bloomsbury Street; and as the prosecution of his researches must very much depend on the success of Mr. Stevens in disposing of these collections, I venture to express a sincere pecuniary assistance to Mr. Bates, by becoming purchasers of his captures, and thus furnish him with the means of continuing and extending his invaluable researches.⁴⁶²

Além de chamar atenção para o trabalho dos naturalistas por meio da publicação de notícias da viagem e notas sobre os espécimes recebidos, Stevens ocasionalmente também expunha as coleções recebidas em reuniões de sociedades científicas, como o fez no encontro de 1º de janeiro da *Entomological Society of London* em 1849⁴⁶³. Stevens atuava, portanto, como um intermediário (*go-between* ou *broker*, para usar dos termos comumente utilizados em inglês) encurtando a distância entre naturalistas em campo e algumas das principais instituições científicas europeias. Em sua autobiografia, Wallace relatou:

We were fortunate in finding an excellent and trustworthy agent in Mr. Samuel Stevens, an enthusiastic collector of British Coleoptera and Lepidoptera, and brother of Mr. J. C. Stevens, the well-known natural history auctioneer, of King Street, Covent Garden. He continued to act as my agent during my whole residence abroad, sparing no pains to dispose of my duplicates to the best advantage, taking charge of my private collections, insuring each collection as its dispatch was advised, keeping me supplied with ash, and with such stores as I required, and, above all, writing me fully as to the progress of the sale of each collection, what striking novelties it contained, and giving me general information on the progress of other collectors and on matters of general scientific interest.⁴⁶⁴

Stevens também se destacava por ser, ele mesmo, um colecionador de espécimes entomológicos. Desde 1837, portanto 11 anos antes de abrir sua própria loja, já era membro da *Entomological Society of London*, e posteriormente foi também eleito membro da *Linnean Society of London*⁴⁶⁵. A participação nas reuniões dessas sociedades científicas garantia ainda

⁴⁶² NEWMAN, Edward (ed.). *The Zoologist*. vol. 8. London: John van Voorst, 1850. Disponível em: <<https://ia800308.us.archive.org/5/items/zoologist08zool/zoologist08zool.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018. p. 121.

⁴⁶³ CRAWFORTH, Anthony. *The Butterfly Hunter*. *op. cit.* p. 100.

⁴⁶⁴ WALLACE, Alfred Russel. *My life*. *op. cit.* p. 266.

⁴⁶⁵ STEVENSON, Brian. Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899). *Micscape Magazine*. n° 166, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

a oportunidade de apresentar os itens disponíveis em sua loja a um público especializado, aumentando suas chances de venda. Nestes locais, atraía a atenção de possíveis compradores não só com suas palavras ou trechos retirados das correspondências que recebia dos viajantes, mas também com listas impressas identificando o material que possuía para venda. Na lista abaixo, por exemplo, publicada na terceira edição de *A practical treatise on the use of the microscope*, de John Quekett (1815-1861), os objetos microscópicos vendidos por Stevens são enumerados de 1 até 144, facilitando a sua referência e permitindo, inclusive, que pedidos fossem feitos por meio de correspondências, indicando apenas o número de referência do item desejado.

Embora não possuísse muita experiência própria na coleta de espécimes em campo, o contato com diversos grupos de naturalistas e o trabalho com a venda de espécimes de História Natural garantiam a Stevens amplo conhecimento sobre algumas das principais técnicas de coleta e preservação de espécimes. Este conhecimento era certamente compartilhado informalmente com aqueles naturalistas com os quais trabalhava. Posteriormente, em 1850⁴⁶⁶, organizou algumas informações e as publicou no livro *Directions for collecting and preserving specimens of natural history in tropical climates*⁴⁶⁷. Em sua obra estão incluídas notas sobre como coletar e preservar diversas espécies de animais, com indicações sobre os melhores locais, horários e épocas do ano para encontrar certas espécies, além de instruções sobre como preservar espécimes e que materiais utilizar para enviá-los para a Inglaterra. Incluiu, também, conselhos sobre como organizar e manter anotações de campo, e informações sobre quais espécies eram consideradas mais valiosas. Saber identificar as principais espécies desejadas pelos colecionadores era um aspecto fundamental para qualquer viajante que pretendesse obter lucro com as coleções formadas em campo. Segundo Knapp:

It must be remembered that commerce was a major consideration driving the two young men's collecting and not solely the pursuit of scientific knowledge. From a commercial point of view the rarer and more difficult to acquire the specimen, the higher the price it fetched back in London. Butterflies were a particularly good bet for sale in London being very pretty and avidly collected by a large community of amateurs with money to spend on acquiring the fruits of Wallace's and Bates' labours.⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ A primeira edição do livro é extremamente rara. É mencionada como havendo sido publicada em 1850 em um catálogo da biblioteca da *Entomological Society of London*. A versão mais amplamente disponível é a segunda edição, publicada em 1855. Esta pode ser encontrada, por exemplo, na biblioteca da *Linnean Society of London*, número de catálogo C4490. Cf. CHAMPION, G. C. *Catalogue of the library of the Entomological Society of London*. London: Simmons and Botten, 1893. Disponível em: <<https://archive.org/details/b24862952>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

⁴⁶⁷ STEVENS, Samuel. *Directions for collecting and preserving specimens of natural history in tropical climates*. 2ª ed. London: McGowan & Co. 1855.

⁴⁶⁸ KNAPP, Sandra. *Alfred Russel Wallace in the Amazon*. op. cit. p. 36.

Bates e Wallace encontraram em Stevens um importante aliado para garantir o sucesso da expedição ao Brasil. No caso particular de Wallace, que sobreviveu ao naufrágio de seu navio quando retornava para a Inglaterra, Stevens teve um papel ainda mais crucial, pois ajudou-o a se recompor comprando novas roupas e convidando-o para hospedar-se com sua mãe até que recuperasse sua saúde⁴⁶⁹. Em seu agente de História Natural, ambos possuíam um intermediário que, ao mesmo tempo em que os representava junto a algumas das principais sociedades científicas de Londres, também os mantinha atualizados em relação aos principais debates e interesses científicos da capital. Segundo Camerini, a escolha acertada de um agente poderia significar a diferença entre o sucesso e o fracasso de uma expedição científica⁴⁷⁰. Stevens garantia não só o acúmulo de capital financeiro, fundamental para a manutenção da viagem, mas também de capital científico, por meio de seu trabalho de divulgação dos resultados das coletas e das observações realizadas em campo por Bates e Wallace. Apesar disso, seu papel como intermediário dos viajantes, seu trabalho com outros naturalistas e sua atuação nos círculos científicos britânicos ainda carecem de estudos, sendo raras as informações disponíveis sobre ele.

3.3. PREPARATIVOS FINAIS E PARTIDA PARA O BRASIL

Com o acordo firmado com Stevens e munidos de algumas cartas de apresentação, além de capital inicial para começar a viagem, faltava pouco para a partida em direção ao Brasil. Na semana anterior à viagem, ficaram hospedados com os pais de Bates enquanto se encarregavam dos últimos preparativos. A visita foi provavelmente ocasionada pela preocupação da mãe de Bates, que temia pela deterioração da já frágil saúde do filho. De acordo com Crawforth, foi necessária a intervenção do médico da família para assegurar que a mudança de estilo de vida e o clima tropical brasileiro poderiam ser benéficos para robustecer a composição do jovem Bates⁴⁷¹.

Segundo o relato de Wallace, os poucos dias em Leicester foram utilizados para treinar algumas das atividades básicas necessárias a um coletor de espécimes, como a dissecação de pássaros e o tiro com rifle⁴⁷². Em sua tese sobre a experiência de campo de Wallace, Lima⁴⁷³ argumenta que, diferentemente dos *gentlemen* naturalistas, como Charles Darwin, acostumados

⁴⁶⁹ *Ibidem*. p. 166.

⁴⁷⁰ CAMERINI, Jane. *Wallace in the field*. *op. cit.* p. 63.

⁴⁷¹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.* p. 36.

⁴⁷² WALLACE, Alfred Russel. *My life*. *op. cit.* p. 266.

⁴⁷³ LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista*. *op. cit.* p. 168.

com as temporadas de caça que reuniam dezenas de aristocratas nos bosques de propriedades privadas com o intuito de caçar animais, Bates e Wallace provavelmente careciam de experiência no uso de armas. Atirar, no entanto, era apenas uma dentre o conjunto de habilidades específicas que os viajantes deveriam cultivar para garantir o sucesso de suas expedições. Segundo Kury:

O viajante ideal deveria saber desenhar, embalar corretamente produtos de história natural, empalhar animais, confeccionar herbários, recolher sementes, dissecar animais e plantas. Estas habilidades seriam uma garantia para que seu trabalho pudesse ser aproveitado por outros, mesmo os sedentários habitantes da Europa, incluindo aí os naturalistas de gabinete. Uma das funções essenciais dos viajantes seria exatamente a de tornar objetos e informações peças adequadas para serem transportadas e colecionadas de forma eficiente.⁴⁷⁴

Coleta, preservação, acondicionamento e envio de espécimes constituíam, no entanto, apenas uma parcela do vasto conjunto de tarefas que deveriam ser executadas por um naturalista em campo. Segundo Spary e Jardine, é possível identificar cinco grandes campos de práticas naturalistas, sendo eles: o campo material, onde estão incluídas a coleção, preparação e transporte de espécimes; o campo social, isto é, a capacidade de se relacionar com as populações locais, de criar redes de contato com informantes, assistentes, e etc.; o campo literário, onde encontra-se principalmente o domínio das convenções de gênero da literatura de viagens; o campo corporal, onde estão incluídas as formas de se apresentar, se vestir e gesticular frente aos nativos dos países visitados, o que poderia garantir a integração ou a marginalização do viajante nestas sociedades; e, por fim, o campo reprodutivo, onde os autores incluem as formas pelas quais o conhecimento é compartilhado e reproduzido por novas gerações⁴⁷⁵. As viagens se constituíam, assim, a partir da costura de elementos materiais e humanos, indissociáveis entre si, bem como de saberes e práticas distintos. No caso de muitos viajantes, o aprendizado deste conjunto de habilidades se dava por meio da experiência prática durante a viagem, e os relatos que publicaram posteriormente testemunham o desenvolvimento de suas habilidades como naturalistas ao longo do tempo.

Em Leicester, após a despedida de amigos e familiares, a dupla seguiu viagem em direção ao porto de Liverpool, onde embarcariam para o Brasil. Pararam, no entanto, por alguns dias na pequena cidade de Bakewell, a 90 quilômetros de Leicester. O propósito da visita era aproveitar a oportunidade para visitar a *Chatsworth House*, propriedade pertencente até os dias de hoje ao duque de Devonshire. Até meados do século XIX, seu proprietário era William

⁴⁷⁴ KURY, Lorelai. *As artes da imitação nas viagens científicas do século XIX. op. cit.* p. 322.

⁴⁷⁵ SPARY, Emma; JARDINE, Nicholas. *The natures of cultural history. op. cit.* p. 8.

George Spencer Cavendish, sexto duque de Devonshire (1790-1858), aristocrata que dividia seu tempo entre a política e a horticultura. O duque, que foi presidente da *Royal Horticultural Society* por vinte anos, e que também esteve envolvido com o *Royal Botanic Gardens, Kew*, possuía na propriedade de *Chatsworth* uma grande estufa de palmeiras e uma coleção de orquídeas considerada a mais bela de toda a Inglaterra⁴⁷⁶.

No dia seguinte à visita, partiram para Liverpool. Na cidade, encontraram com um senhor de nome J. G. Smith⁴⁷⁷ que, já havendo estado no Pará e em Pernambuco para coletar borboletas, mostrou sua coleção aos jovens naturalistas, e compartilhou informações sobre “o país, o povo, e as belezas da natureza”⁴⁷⁸. Assim, uma vez finalizados todos os preparativos para a viagem, embarcaram, no dia 26 de abril de 1848, no pequeno navio mercante *Mischief*, onde eram os únicos passageiros.

3.4. CHEGADA AO PAÍS

Ao se aproximarem da costa brasileira, Bates e Wallace avistaram a cidade portuária de Salinas (atualmente Salinópolis) no dia 26 de maio de 1848. Este foi o primeiro contato que tiveram com aquela que descreveram como sendo uma “*vast wilderness of the most luxuriant tropical vegetation*”⁴⁷⁹. Dois dias depois, desembarcaram na cidade do Pará (atualmente Belém), onde foram recebidos pelo comerciante estadunidense Daniel Miller, consignatário a quem eram destinadas as mercadorias trazidas pela embarcação desde a Inglaterra. O contato com um companheiro anglófono certamente facilitou os primeiros momentos dos viajantes no país, uma vez que ainda não dominavam o idioma local. Além disso, o fato de serem estrangeiros também contribuiu para estreitar os laços de proximidade entre eles. Esses laços, baseados no reconhecimento mútuo de pertencimento a um grupo diferente dos nativos aproximava a pequena comunidade de estrangeiros que habitava a região amazônica naquela época.

O relato publicado por Wallace⁴⁸⁰ oferece informações complementares sobre o período em que acompanhou Bates pelo Brasil. Segundo o viajante, Miller apresentou os jovens recém-chegados a quase todos os estrangeiros de origem inglesa e estadunidense que residiam na

⁴⁷⁶ CRIBB, Phillip. The orchid collections and illustrations of Consul Friedrich C. Lehmann. *Lankesteriana*. vol. 10, n° 2-3. dez. 2010. Disponível em: <<http://lankesteriana.org/PUBlankester/vol10num2-3-e.html>>. Acesso em: 19 ago. 2018. p. 186.

⁴⁷⁷ Embora mencionado por Wallace em sua autobiografia, não foi possível localizar até o momento maiores informações sobre Smith e sua passagem pelo país.

⁴⁷⁸ WALLACE, Alfred Russel. *My life*. op. cit. p. 267.

⁴⁷⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. op. cit. p. 4.

⁴⁸⁰ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 3.

capital paraense. Ainda de acordo com Wallace, o grupo de estrangeiros na cidade era pequeno e coeso, unidos não apenas por suas origens, mas por serem quase todos comerciantes. Sem terem nenhum conhecimento dos arredores do país onde acabavam de desembarcar, Bates e Wallace foram convidados para ficarem hospedados na rocinha⁴⁸¹ de Miller até conseguirem se estabelecer.

As primeiras páginas do livro de viagem de Bates são bastante típicas de um viajante recém-chegado a um país desconhecido. Suas descrições são detalhistas, minuciosas, vívidas o suficiente para criar na mente do leitor a cena descrita e o fazer acreditar estar frente ao que está sendo narrado pelo autor. Ao mesmo tempo, deixam transparecer o seu local de fala e a sua posição como estrangeiro que observava e narrava aquilo que estava assistindo pela primeira vez. Todas as suas referências remetem à sua terra natal e, assim, descreveu a vida e os arredores do Pará em termos de suas semelhanças e diferenças com o ambiente europeu que lhe era familiar. Como estratégia literária, as comparações facilitavam a compreensão daquilo que estava sendo descrito para um público europeu que igualmente desconhecia o Brasil, mas que compartilhava do mesmo referencial. Sua descrição da temperatura e da sensação causada pela umidade do ar, por exemplo, o lembraram das estufas do *Royal Botanic Gardens, Kew*. As comparações com *Kew* estão muito presentes nas primeiras páginas de descrições da natureza tropical brasileira feitas tanto por Bates, quanto por Wallace, uma vez que os exemplares de plantas tropicais presentes no jardim botânico eram os únicos que haviam visto pessoalmente até então. Se, no caso do clima, era possível encontrar semelhanças com a experiência anterior nas estufas em *Kew*, a comparação também servia para destacar os contrastes. Ao descrever o constante cantar dos pássaros em meio à cacofonia oriunda da floresta, por exemplo, afirmou ser a experiência completamente oposta à “*the death-like stillness of summer days in the country*”⁴⁸².

Comparações e contrastes são algumas das características mais presentes nas páginas iniciais de seu livro. Até mesmo sua reação inicial em relação à natureza brasileira é marcada por um sentimento de ambivalência. Embora suas escolhas de adjetivo sempre valorizem a beleza, a exuberância e a abundância quando escreve sobre “*the beauties of a tropical country*”⁴⁸³, “*the most luxuriant tropical vegetation*”⁴⁸⁴, ou “*this uproar of life*”⁴⁸⁵, também

⁴⁸¹ O termo é usado em português pelos viajantes e, portanto, é indicativo de que as propriedades eram chamadas assim pelos próprios moradores, como o são até hoje em certa medida. Designava uma pequena área onde o espaço era dividido entre as habitações de seus proprietários e terreno dedicado à agricultura.

⁴⁸² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 10.

⁴⁸³ *Ibidem.* p. 1.

⁴⁸⁴ *Ibidem.* p. 4.

⁴⁸⁵ *Ibidem.* p. 9.

afirmou ter ficado decepcionado por não ter encontrado imediatamente uma grande variedade de pássaros e insetos. É interessante refletir sobre o motivo desta desilusão, uma vez que ela é indicativa das expectativas que nutria sobre o que encontraria no país. Estas expectativas se fundamentavam nas leituras de relatos sobre a Amazônia publicados por outros viajantes, como Edwards, e colaboravam para a reprodução de uma mitologia que por vezes associava a Amazônia a uma espécie de Éden terrestre. De forma semelhante, não era incomum que os viajantes criassem ocasionalmente composições para ilustrar seus livros de viagem que não refletiam cenas encontradas na natureza, mas que reuniam em um só cenário espécies encontradas em diferentes regiões.

O episódio ilustrado, claramente fictício, é apenas um exemplo de como as narrativas de viagem contribuíam para criar um imaginário sobre a natureza sul-americana que não necessariamente condizia com a realidade encontrada *in loco*. Em seu livro de viagem, Bates relatou sua decepção da seguinte forma:

The number and beauty of the birds and insects did not at first equal our expectations. The majority of the birds we saw were small and obscurely coloured; they were indeed similar, in general appearance, to such as are met with in country places in England. [...] None of these had a pleasing song, except a little brown wren (*Troglodytes furvus*), whose voice and melody resemble those of our English robin. [...] The [Monguba] tree is one of the few in the Amazons region which sheds all its foliage before any of the new leaf-buds expand. The naked branches, the saddened ground matted with dead leaves, the grey mist veiling the surrounding vegetation, and the cool atmosphere soon after sunrise, all combine to remind one of autumnal mornings in England.⁴⁸⁶

No livro de viagem de Wallace, o próprio viajante atribuiu sua expectativa sobre o Brasil ao que havia lido nos relatos publicados na Europa e a comparação com a realidade logo o fez apontar a existência de exageros presente na literatura. Ainda nas primeiras páginas de seu livro, afirmou:

I have already stated that the natural productions of the tropics did not at first realize my expectations. This is principally owing to the accounts of picture-drawing travellers, who, by only describing the beautiful, the picturesque, and the magnificent, would almost lead a person to believe that nothing of a different character could exist under a tropical sun.⁴⁸⁷

A decepção sentida durante as primeiras caminhadas pelas florestas brasileiras também é indicativa da diferença existente entre as florestas tropicais e as de clima temperado com as quais estavam acostumados. Em sua análise, Beddall identificou a antiguidade e a intervenção

⁴⁸⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 14.

⁴⁸⁷ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 9.

humana como alguns dos principais elementos responsáveis pelas diferenças fisionômicas entre as florestas tropicais e as temperadas, informando:

The tropical rainforest also differs from forests of temperate and northern regions in its great age. The Amazon forest had existed relatively undisturbed for over a hundred million years. It was not overrun by man until a few thousand years ago. In contrast, the forests of the northern United States and Canada date only from about eleven thousand years ago, when ice melted at the end of the last glacial period.⁴⁸⁸

O mesmo sentimento de desilusão está presente nos relatos de diversos viajantes europeus que, confrontados pela primeira vez com uma floresta tropical, precisavam ajustar o seu olhar para interpretar o novo cenário à sua frente. Segundo Hemming⁴⁸⁹, a necessidade de um período de adaptação e reeducação do olhar ainda se faz necessária mesmo aos viajantes modernos que visitam a região. Um período de aprendizado, portanto, se fazia necessário, como revelado por Wallace:

As one instance of what is meant, it may be mentioned that during the first week of our residence at Pará, though constantly in the forest in the neighbourhood of the city, I did not see a single humming-bird, parrot, or monkey. And yet, as I afterwards found, humming-birds, parrots, and monkeys are plentiful enough in the neighbourhood of Pará; but they require looking for, and a certain amount of acquaintance with them is necessary in order to discover their haunts, and some practice is required to see them in the thick forest, even when you hear them close by you.⁴⁹⁰

Além da natureza local, Bates e Wallace também relataram suas primeiras impressões sobre a capital paraense e seus arredores. Segundo Wallace, para alguém vindo da Inglaterra o primeiro contato com a cidade não gerava uma opinião muito favorável. A falta de ordem, de limpeza e uma aparência geral de negligência e decadência foram as primeiras características que descreveu. Bates, por sua vez, associou a situação descrita por seu companheiro com os impactos ainda sentidos em consequência da Guerra dos Cabanos. Embora oficialmente suprimido em 1840, o conflito foi responsável por um dos maiores massacres da história brasileira. Segundo Ricci⁴⁹¹, o resultado da repressão organizada pelo governo regencial ao movimento dos cabanos ocasionou um profundo trauma local, além da chacina de mais de 30 mil habitantes, no qual estavam incluídos desde escravos e grupos indígenas até membros da elite. De acordo com a narrativa de Bates, apesar de passados oito anos desde o fim da revolta, ainda era possível sentir os efeitos provocados pelo conflito, afirmando:

⁴⁸⁸ BEDDALL, Barbara G. *Wallace and Bates in the Tropics. op. cit.* p. 28.

⁴⁸⁹ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.* p. 10.

⁴⁹⁰ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. op. cit.* p. 4.

⁴⁹¹ RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo*, vol. 11, nº 22, 2007. pp. 5-30. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002>>. Acesso em: 19 set. 2018.

At the time of our arrival, Pará had not quite recovered from the effects of a series of revolutions, brought about by the hatred which existed between the native Brazilians and the Portuguese; the former, in the end, calling to their aid the Indian and mixed coloured population. The number of inhabitants of the city had decreased, in consequence of these disorders, from 24,500 in 1819, to 15,000 in 1848. Although the public peace had not been broken for twelve years before the date of our visit, confidence was not yet completely restored, and the Portuguese merchants and tradesmen would not trust themselves to live at their beautiful country-houses or rocinhas which lie embosomed in the luxuriant shady gardens around the city.⁴⁹²

Embora não tenha presenciado os anos de revolta, Bates foi testemunha ocular dos efeitos do conflito sobre a cidade e sua população. Pela leitura do livro de Edwards sobre o Brasil, conhecia alguns aspectos da história que haviam sido relatados ao viajante estadunidense pelos moradores. Edwards, em seu relato, definiu o evento como uma revolução, e narrou:

The President of the province was assassinated, as were very many private individuals of respectability, and the city was in possession of the insurgent troops, assisted by designing whites and Indians. [...] The whole province, with the exception of the town of Cameté, upon the Tocantins, fell into the hands of the rebels, and everywhere the towns were sacked, cities despoiled, cattle destroyed, and slaves carried away. [...] At last, after this state of anarchy had continued nearly eighteen months, President Andrea arrived from Rio Janeiro with a sufficient force, and succeeded, without much difficulty, in recovering possession of the city.⁴⁹³

O príncipe Adalberto da Prússia (1884-1948), que visitou a região no início da década de 1840, também assinalou a existência de um estado de anarquia, mas informou que a retomada da cidade por Soares de Andrea (1781-1858) só foi possível “*with great bloodshed*”⁴⁹⁴. O viajante apontou para a seguinte causa do conflito:

These disturbances were the fruits of the ceaseless oppression which the white population had, from the very first, exercised on the poor natives, and in no part of Brazil more than here.⁴⁹⁵

Bates reuniu suas próprias observações às informações que recebeu de diversos moradores. Durante os 11 anos de sua residência no país, não foram raras as ocasiões em que encontrou moradores com vívidas memórias sobre o conflito, que compartilharam com o estrangeiro relatos sobre o que vivenciaram. Em seu livro, reproduziu informações que recebeu de membros das elites locais, de estrangeiros que habitavam na região, como o escocês John Hislop, e até mesmo de indígenas, fazendo do seu relato uma rica fonte de informações sobre o conflito. As narrativas reproduzidas a partir do que ouviu dos indígenas são particularmente

⁴⁹² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 33.

⁴⁹³ EDWARDS, Willian Henry. *A Voyage up the River Amazon*. *op. cit.* p. 10.

⁴⁹⁴ HIS ROYAL HIGHNESS PRINCE ADALBERT OF PRUSSIA. *Travels in the South of Europe and in Brazil with a voyage up the Amazon and its tributary the Xingú, now first explored*. Vol. II. London: David Bogue, 1849. Disponível em: <<https://archive.org/details/travelsofhisroya02adal/>>. Acesso em: 27 out. 2018. p. 154.

⁴⁹⁵ *Ibidem*. p. 155.

interessantes, uma vez que são raros os registros existentes que revelem suas análises sobre o conflito. Em uma de suas excursões acompanhado do indígena Raimundo, por exemplo, Bates ouviu seu testemunho sobre ter sido acusado de ser um dos rebeldes cabanos e sobre a perseguição que sofreu por este motivo. Ainda na visão do indígena, não era justo que os brancos da cidade monopolizassem a propriedade das terras próprias para plantação sem terem a intenção de cultivá-las. Segundo Bates informou, o pensamento do indígena se resumia da seguinte forma:

Raimundo spoke of his race as the red-skins, “pele vermelho”; they meant well to the whites, and only begged to be let alone. “God,” he said, “had given room enough for us all.”⁴⁹⁶

Em outra ocasião, enquanto estava de passagem por São Paulo de Olivença, conheceu um antigo comandante do exército imperial que lutou na revolta, que afirmou ser conhecido por sua honestidade e amor à ordem. Segundo ouviu, José Patrício foi um dos responsáveis por impedir que a cidade fosse tomada durante o conflito, narrando:

The rebels of Pará and the Lower Amazons, in 1835-6, did not succeed in rousing the natives of the Solimões against the whites. A party of forty of them ascended the river for that purpose, but on arriving at Ega, instead of meeting with sympathisers as in other places, they were surrounded by a small body of armed residents, and shot down without mercy. The military commandant at the time, who was the prime mover in this orderly resistance to anarchy, was a courageous and loyal negro, named José Patrício, an officer known throughout the Upper Amazons for his unflinching honesty and love of order, whose acquaintance I had the pleasure of making at St. Paulo in 1858.⁴⁹⁷

Ao longo do seu livro, também é possível perceber que os relatos que ouviu sobre o conflito influenciaram a sua própria opinião sobre alguns grupos locais. O relato do fazendeiro João Trindade, da cidade de Serpa, por exemplo, parece ter sido capital para construir sua opinião sobre a agressividade dos indígenas do grupo Mura. Em seu livro, Bates recontou:

There was another visitor besides ourselves, a negro, whom João Trindade introduced to me as his oldest and dearest friend, who had saved his life during the revolt of 1835. [...] At the commencement of the disorders of 1835 he got into the secret of a plot for assassinating his friend, hatched by some villains whose only cause of enmity was their owing him money and envying his prosperity. It was such as these who aroused the stupid and brutal animosity of the Muras against the whites. The negro, on obtaining this news, set off alone in a montaria on a six hours' journey in the dead of night, to warn his “compadre” of the fate in store for him, and thus gave him time to fly.⁴⁹⁸

Embora tenha conseguido se salvar, sua casa e todas as suas plantações haviam sido destruídas por um grupo de índios Mura, e tudo o que possuía na época em que hospedou Bates

⁴⁹⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 197.

⁴⁹⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 189.

⁴⁹⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 320.

havia sido reconstruído após o fim da revolta. A propriedade, segundo o viajante, era um exemplo de diligência, de boa administração e do que era possível conseguir sem o uso de mão de obra escrava. Trindade, segundo Bates, possuía apenas uma escrava que cuidava da casa, e todas as suas plantações eram manejadas entre a própria família e um pequeno grupo de trabalhadores livres. A partir dos relatos que ouviu, Bates identificou os indígenas Mura como sendo os mais perversos do Amazonas, afirmando:

The Muras have a bad reputation all over this part of the Amazons, the semi-civilised Indians being quite as severe upon them as the white settlers. Every one spoke of them as lazy, thievish, untrustworthy, and cruel. They have a greater repugnance than any other class of Indians to settled habits, regular labour, and the service of the whites; their distaste, in fact, to any approximation towards civilised life is invincible. Yet most of these faults are only an exaggeration of the fundamental defects of character in the Brazilian red man.⁴⁹⁹

Para tentar compreender as diferenças entre os grupos indígenas observados e justificar o motivo de serem os Mura os mais selvagens, Bates afirmou que seu comportamento deveria ser resultado da influência do local que habitavam sobre a sua dieta. Nas regiões muito próximas aos rios, onde o período de chuvas trazia frequentes enchentes, a agricultura tornava-se difícil e a dieta dos indígenas consistia, predominantemente, de peixes. Ademais, observava que os Mura eram quase nômades, constantemente mudando de região em busca de alimentos, o que afirmava contribuir para as suas diferenças em relação àqueles que considerou “*the nobler agricultural tribes belonging to the Tupí nation*⁵⁰⁰”.

Ao longo de sua residência, Bates também encontrou com indígenas que participaram do conflito ao lado do governo imperial, como o Mundurucu Joaquim, que descreveu como sendo um “*tall, broad-shouldered, well-made man, apparently about thirty years of age*⁵⁰¹”. Por seu auxílio na repressão dos cabanos, Joaquim recebeu uma patente militar. O *tushaúa* (chefe de um grupo de indígenas), segundo o viajante, falava português fluentemente, pois já havia residido em Santarém e na capital paraense. Longe das cidades grandes, o chefe e seus guerreiros enfrentavam anualmente a grupo rival dos Pararauates, que afirmou serem um grupo de “*intractable savages with whom the Mundurucús have been always at war*⁵⁰²”. A disputa entre os dois grupos indígenas foi descrita em seu livro a partir do relato que recebeu do próprio Joaquim.

⁴⁹⁹ *Ibidem.* p. 326.

⁵⁰⁰ *Ibidem.* p. 326.

⁵⁰¹ *Ibidem.* p. 125.

⁵⁰² *Ibidem.* p. 126.

É interessante notar que muitas das informações reunidas por Bates sobre os grupos indígenas do Amazonas foram depois reproduzidas, com os devidos créditos, por seu companheiro da *Royal Geographical Society*, Clements Markham, em um artigo publicado no *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*⁵⁰³. Neste caso, é interessante notar a circularidade do conhecimento sobre os indígenas que, havendo sido primeiramente compartilhado pelos próprios com o visitante de Leicester, foi posteriormente reproduzido na literatura científica especializada. Assim, embora tenha atravessado um tortuoso caminho entre o registro de Bates e a síntese de Markham, muitas das informações históricas sobre as grupos indígenas amazônicas presentes no artigo foram baseadas em informações relatadas pelos próprios índios.

Ademais, é interessante notar, também, como Bates constantemente buscava informações com membros das populações locais. Sua curiosidade não se limitava aos eventos históricos do passado, mas, principalmente, à natureza local. Em certa ocasião, ao inquirir sobre a presença de formigas-lava-pés em Aveiro, foi informado pelos moradores que estas eram desconhecidas na região antes da Guerra dos Cabanos. Assim, informou o viajante que os habitantes acreditavam que estas aguerridas formigas de dolorida picada haviam “*sprang up from the blood of the slaughtered Cabanas* [sic]⁵⁰⁴”.

Os relatos sobre o conflito levaram Bates a destacar, em muitas das cidades que visitou, mas principalmente na capital paraense, a sensação de que o local parecia entregue à anarquia e ao abandono, com a vegetação selvagem tomando conta das ruas. “*The place had the aspect of one which had seen better days*⁵⁰⁵”, resumiu o viajante. Além das características da cidade, Bates e Wallace também relataram as impressões que lhe causaram seus habitantes. Ao lembrar o seu primeiro passeio pela capital, Bates descreveu a presença de “*people of all shades in colour of skin*”⁵⁰⁶. Para um jovem até então acostumado com os arredores da provinciana Leicester, a reunião em um pequeno centro urbano de uma variedade de povos, incluindo europeus, indígenas e escravos africanos parece ter causado alguma surpresa. A primeira descrição da população paraense no relato de Wallace também destaca a “*most varied and interesting mixture of races*”⁵⁰⁷. No entanto, para ambos os viajantes, parecia faltar ao povo

⁵⁰³ MARKHAM, Clements R. A list of the tribes in the Valley of the Amazon, including those on the banks of the main stream and of all its tributaries. *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*. vol. 24, 1895, pp. 236-284. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2842158>>. Acesso em: 28 set. 2018.

⁵⁰⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 96.

⁵⁰⁵ *Ibidem.* p. 33.

⁵⁰⁶ *Ibidem.* p. 7.

⁵⁰⁷ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 8.

energia e diligência que os motivasse a prosperar. Novamente recorrendo ao recurso da comparação com a própria pátria, Bates afirmou:

Provisions and house rents being cheap and the wants of the people few – for they were content with food and lodging of a quality which would be spurned by paupers in England – they spent the greater part of their time in sensual indulgences and in amusements which the government and wealthier citizens provided for them gratis.⁵⁰⁸

A convivência entre os diferentes grupos que coabitavam a cidade paraense foi observada pelos viajantes, que atentaram para as divisões sociais e de trabalho existentes, destacando algumas das tarefas que observavam serem atribuições de grupos específicos. Em seu relato, Bates apresentou aos seus leitores a divisão social do trabalho da seguinte forma:

The trade, wholesale and retail, was in the hands of the Portuguese, of whom there were about 2500 in the place. Many handicrafts were exercised by coloured people, mulattos, mamelucos, free negroes and Indians. The better sort of Brazilians dislike the petty details of shopkeeping, and if they cannot be wholesale merchants prefer the life of planters in the country however small may be the estate and the gains. The negroes constituted the class of field-labourers and porters; Indians were universally the watermen, and formed the crews of the numberless canoes of all sizes and shapes which traded between Pará and the interior.⁵⁰⁹

Novamente, podemos encontrar nos livros de viagem publicados pelos naturalistas que visitaram a região importantes informações que auxiliam na reconstrução de um período da história brasileira. Ao apresentarem em seus relatos suas impressões e descrições daquilo que observaram, encontramos informações sobre a constituição social da capital paraense que complementam aquelas que estão presentes em censos ou outras fontes oficiais. Ainda que indissociáveis do olhar e das sensibilidades do viajante, estas informações ajudam a compor um quadro mais completo sobre a vida e a sociedade brasileira naquele período. No livro de viagem de Bates, o primeiro capítulo é utilizado como introdução para familiarizar o leitor com o cenário, apresentando informações sobre a vida, as habitações, a sociedade e a cultura paraense na capital.

3.5. RESIDÊNCIA EM NAZARÉ

Após ficarem hospedados por duas semanas na rocinha de Miller, Bates e Wallace encontraram uma casa para alugar na vila vizinha de Nazaré, que hoje é um dos principais bairros da cidade de Belém. Pagavam a quantia de 20 mil réis mensais, valor que consideraram elevado para a média de preços local⁵¹⁰. O locatário era um comerciante português e membro

⁵⁰⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 41.

⁵⁰⁹ *Ibidem.* p. 42.

⁵¹⁰ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 20.

da Guarda Nacional, dono de diversas propriedades nos arredores do Pará, chamado Joaquim Francisco de Araújo Danin, cujo filho José de Araújo Roso Danin (1829-1895) se tornaria posteriormente vice-presidente da província do Pará. A casa em que ficaram foi descrita por Bates como uma construção quadrangular com quatro cômodos e uma larga varanda ao redor, contendo ainda um pequeno jardim onde haviam sido plantadas algumas árvores frutíferas, café e mandioca. O terreno era acessado por uma grade de ferro que dava acesso à rua principal. A casa era localizada diante daquela que considerou a mais importante construção do lugar: a capela de Nossa Senhora de Nazaré, “*a great favourite with all orthodox Paraenses*⁵¹¹”, enquanto que em todas as outras direções era ladeada por pequenas entradas para a floresta. Assim, a localização pareceu ideal para os viajantes e foi nesta floresta que coletaram seus primeiros espécimes da fauna e flora brasileiras. Segundo Bates:

During several months I used to visit this district two or three days every week, and never failed to obtain some species new to me, of bird, reptile, or insect. [...] This endless diversity, the coolness of the air, the varied and strange forms of vegetation, the entire freedom from mosquitos and other pests, and even the solemn gloom and silence, combined to make my rambles through it always pleasant as well as profitable. Such places are paradises to a naturalist, and if he be of a contemplative turn there is no situation more favourable for his indulging the tendency. There is something in a tropical forest akin to the ocean in its effects on the mind. Man feels so completely his insignificance there, and the vastness of nature. A naturalist cannot help reflecting on the vegetable forces manifested on so grand a scale around him.⁵¹²

⁵¹¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 59.

⁵¹² *Ibidem.* p. 52.



Figura 14: Chapel at Nazareth near Pará.⁵¹³

⁵¹³ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. op. cit.* plate III.

Na sua descrição sobre a vegetação encontrada nesta floresta, é possível notar um indício da posterioridade da narrativa em relação aos acontecimentos descritos, ao observar a associação feita por Bates entre suas observações e as ideias propostas por Darwin. Ao recontar uma de suas incursões na mata, o naturalista informou sobre a grande quantidade de uma espécie particular de figueira conhecida localmente como cipó-matador. Seu nome reflete sua relação com as árvores próximas nas quais este tipo de cipó se apoia para se enroscar, eventualmente sufocando as espécies que lhe servem de apoio. Para Bates, este tipo de relação evidenciava a competição entre as espécies sobre a qual Darwin havia discorrido em seu livro *On the Origin of Species* e que, segundo o viajante, era mais evidente e severa em países tropicais como o Brasil, onde o estímulo do calor e da umidade eram mais intensos sobre a vegetação do que no clima temperado europeu. Novamente, a ideia da abundância da natureza brasileira aparece em seu relato quando contabiliza existirem cerca de 700 espécies diferentes de borboletas apenas nos arredores de Nazaré, em comparação com as cerca de 390 que afirmou existirem em todo o continente europeu⁵¹⁴.

As observações científicas apresentadas por Bates desde o início de seu livro de viagem colocam em evidência o próprio tempo da obra, publicada quatro anos após o seu retorno para a Inglaterra e quinze anos após sua chegada ao Brasil. É possível observar, logo na sua primeira descrição sobre as borboletas, a fala de alguém familiarizado com as ideias de seleção natural propostas por Darwin e Wallace no final da década de 1850, assim como com as reflexões de Darwin sobre a seleção sexual. Em sua narrativa, são discutidas as diferenças na ornamentação entre borboletas de sexos diferentes para concluir, mencionando estar de acordo com Darwin, que a relação entre os diferentes sexos é provavelmente mais responsável pela coloração das borboletas observadas do que a influência do clima⁵¹⁵.

Ao longo dos próximos meses, Bates dividiu a casa em Nazaré com Wallace e com Isidoro, escravo liberto que havia sido contratado para auxiliar nas tarefas de casa. Com o passar dos dias, os viajantes aprenderam a identificar quais os horários mais propícios para evitar o intenso calor e para aproveitar os períodos de maior atividade dos animais que desejavam coletar. Assim, organizaram sua rotina diária em consonância com os hábitos dos animais da floresta. Acordavam com o nascer do sol e saíam de casa para caçar pássaros, aproveitando a maior atividade dos animais neste horário do dia. Voltavam para casa para tomar o café da manhã preparado por Isidoro e, logo em seguida, retornavam à floresta. Desta vez, se dedicavam à coleta de insetos, antes do período de calor mais intenso, ao meio dia. O calor, segundo Bates,

⁵¹⁴ *Ibidem.* p. 102.

⁵¹⁵ *Ibidem.* p. 22.

fazia desaparecer toda a abundância de animais encontrados pela manhã. Da mesma forma, os próprios viajantes buscavam esconderijo em sua casa, onde faziam anotações em seus diários e preparavam os espécimes recolhidos pela manhã. Só saíam novamente após o chá, que era servido às sete horas da noite, e aproveitavam para passear nos arredores da cidade, observando a vida social. Em um destes passeios, descobriram estar morando próximo da casa onde, décadas antes, estiveram hospedados os viajantes Spix e Martius, que estiveram no Brasil entre 1817 e 1820.

Em suas perambulações pela cidade, Bates manteve a mesma curiosidade que demonstrava durante suas caminhadas pela floresta. A única diferença é que o foco da sua observação não era mais a natureza, mas a população paraense, seus hábitos e costumes. Ao longo de seu livro, descreveu o gosto da população pelos festejos, especialmente os religiosos, mencionou os principais eventos que aconteciam na cidade, e comentou sobre as relações sociais e as diferenças percebidas entre negros, indígenas e brancos.

Após os dois primeiros meses de permanência no país, já possuíam uma quantidade suficiente de espécimes para remeter a Stevens, na Inglaterra. Esta remessa foi a única enviada conjuntamente por ambos os naturalistas, uma vez que pouco tempo depois decidiram tomar rumos separados. No livro de Wallace, o viajante contabilizou que reuniram “*the large number of 550 species of Lepidoptera, of which more than 400 were butterflies, 350 beetles, and 400 of other orders, making in all 1300 species of insects*⁵¹⁶”. Bates, em seu caderno de anotações, atualmente disponível no acervo da *British Library*, informou terem enviado um total de 3.635 espécimes. O material foi encaixotado e enviado no dia 24 de agosto de 1848, sendo vendido por Stevens pelo valor de £57 o que, após descontar a comissão do próprio agente e os gastos com o envio, deixou os viajantes com um lucro de £28.

3.6. AS PRIMEIRAS EXCURSÕES PELOS ARREDORES DO PARÁ

Dois dias após o envio da primeira remessa de espécimes para a Inglaterra, Bates e Wallace partiram em uma excursão com o objetivo de seguir o curso do Rio Tocantins até uma região próximo de Arroios. A empreitada foi planejada por Charles Leavens, estrangeiro que residia na região, onde trabalhava supervisionando os trabalhos em um engenho de produção de arroz em Maguari. Leavens acreditava que na região próxima a Arroios seria possível coletar cedro, madeira que lhe seria valiosa. Todos os detalhes da empreitada foram organizados pelo comerciante, que alugou duas vigilengas⁵¹⁷, carregou-as com suprimentos e reuniu uma

⁵¹⁶ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. op. cit.* p. 49.

⁵¹⁷ Tipo de embarcação muito usada na região, que consistia de uma canoa armada com uma vela.

tripulação de indígenas para comandar as embarcações. Bates e Wallace se juntaram ao grupo levando consigo o cozinheiro Isidoro e um jovem indígena chamado Antônio que, segundo Bates, “*had attached himself to us in the course of our residence at Nazareth*⁵¹⁸.” A experiência de Leavens foi essencial para permitir a viagem, não só devido ao seu conhecimento da região, mas da burocracia envolvida para garantir toda a documentação necessária aos estrangeiros para o deslocamento pelo interior do Brasil. Segundo Wallace:

Though in such a small boat, and going up a river in the same province, we were not allowed to leave Pará without passports and clearances from the custom-house, and as much difficulty and delay as if we had been taking a two hundred ton ship into a foreign country. But such is the rule here, the very internal trade of the province carried on by Brazilian subjects, not being exempt from it. The forms to be filled up, the signing and countersigning at different offices, the applications to be made and formalities to be observed, are so numerous and complicated, that it is quite impossible for a stranger to go through them; and had not Mr. Leavens managed all this part of the business, we should probably have been obliged, from this cause alone, to have given up our projected journey.⁵¹⁹

Bates também registrou em seu livro de viagem a burocracia com a qual teve de lidar em todas as suas excursões pelo interior do país, e sobre a obrigatoriedade de visitar todas as autoridades locais ao chegar em uma nova cidade, antes de poder começar seu trabalho científico. Segundo o viajante:

When a stranger arrives at an interior town in Brazil, with the intention of making some stay, he is obliged within three days to present himself at the Police office, to show his passport. He is then expected to call on the different magistrates, the military commander, and the principal private residents. This done, he has to remain at home a day or two to receive return visits, after which he is considered to be admitted into the best society. [...] In a pretentious place like Santarem, the people attach great importance to these matters, and I had to go a round of visiting before I finally settled down to work.⁵²⁰

Durante a viagem com Leavens, o grupo fez diversas paradas ao longo do caminho, o que permitiu excelentes oportunidades para que os naturalistas coletassem espécimes em diferentes localidades. Nesta viagem, capturaram pela primeira vez um boto-preto, chamado pelos nativos de *tucuxi*, que foi enviado para a Europa pela primeira vez por Bates, assim como conseguiram exemplares de aves raras, como o anambé-azul e o jacu-cigano. Sobre este último, Bates notou a disposição particular do dedo traseiro de suas patas, que lhe permitia agarrar mais facilmente nos galhos das árvores, e usou esta característica para fazer uma generalização sobre a adaptação de determinadas aves ao seu ambiente. Segundo afirmou, a grande altura e a

⁵¹⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 112.

⁵¹⁹ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 51.

⁵²⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. *op. cit.* p. 5.

disposição particular das árvores em uma floresta tropical, geravam em aves, mamíferos e mesmo em insetos características morfológicas adaptadas à vida arbórea que não eram encontradas em seus semelhantes nas florestas temperadas. Quando observou este tipo de adaptação em algumas espécies de besouros, sobre os quais possuía maior experiência e conhecimento, afirmou:

The large proportion of climbing forms of carnivorous beetles is an interesting fact, because it affords another instance of the arboreal character which animal forms tend to assume in equinoctial America, a circumstance which points to the slow adaptation of the Fauna to a forest-clad country throughout an immense lapse of geological time.⁵²¹

Foi a partir de excursões como esta, em que os viajantes tiveram oportunidade de conhecer uma grande variedade de localidades diferentes, que começaram a refletir sobre a distribuição geográfica das espécies no Brasil, assunto de grande importância para determinar a origem das espécies. Segundo Bates:

The attention of Naturalists has only lately been turned to the important subject of occasional means of wide dissemination of species of animals and plants. Unless such be shown to exist, it is impossible to solve some of the most difficult problems connected with the distribution of plants and animals. Some species, with most limited powers of locomotion, are found in opposite parts of the earth, without existing in the intermediate regions; unless it can be shown that these may have migrated or been accidentally transported from one point to the other, we shall have to come to the strange conclusion that the same species had been created in two separate districts.⁵²²

Uma das cidades visitadas pelo grupo foi Cametá, onde Bates notou que os insetos eram diferentes daqueles que havia coletado anteriormente em Belém. A partir desta observação, chegou à conclusão de que o Rio Tocantins deveria agir como barreira para a migração de certas espécies incapazes de cruzar o rio, e afirmou:

A great number of the insects which we found here were different from those of Pará. Species characteristic of the one locality were replaced by allied species in the other, a fact which would tend to the conclusion that the Tocantins serves, to some extent, as a barrier to migration.⁵²³

Tanto Bates, quanto Wallace, atentaram para a forma como alguns dos rios da região amazônica atuavam como barreiras na distribuição de determinadas espécies, que eram encontradas em uma das margens, mas não na outra. Estas observações foram importantes para possibilitar a compreensão sobre como o ambiente natural influenciava a distribuição geográfica das espécies e, em particular, como barreiras geográficas naturais como cursos de

⁵²¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. vol. I. op. cit.* p. 108.

⁵²² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. vol. II. op. cit.* p. 170.

⁵²³ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. vol. I. op. cit.* p. 120.

água atuavam na separação de espécies diferentes. Wallace⁵²⁴, particularmente, utilizou de suas observações para elaborar a hipótese, proposta em 1852, sobre como a disposição da malha fluvial do Amazonas era determinante na distribuição geográfica de certas espécies pelas margens dos rios, utilizando como exemplos diferenças nas espécies de macacos que encontrou na região.

Devido a publicação do livro de Bates 11 anos após a proposição da hipótese de Wallace, Bates não só teve a oportunidade para conhecer o artigo publicado por seu antigo companheiro, mas também possivelmente tiveram oportunidade de discutir a ideia antes de sua publicação, durante o período em que estiveram juntos na Amazônia. Assim, é possível que isto tenha influenciado a sua escrita, e a ênfase colocada sobre suas próprias observações sobre as barreiras fluviais. Ao longo do Rio Negro, por exemplo, Bates notou que era possível encontrar a borboleta *Papilio ergeteles* ao norte do rio, mas não ao sul, onde eram substituídas por uma forma aliada, a *Papilio echelus*. Ao encontrar, posteriormente, formas intermediárias entre estas duas espécies, concluiu que “*they cannot be considered otherwise than as modifications of one and the same species; one produced on the North, the other on the South side of the Amazons.*”⁵²⁵

Já na próxima parada, na cidade de Vista Alegre, a dupla observou pela primeira vez diversas espécies de palmeiras que não conheciam, e atentaram para os usos que a população local fazia do açaí. Além de consumirem suas frutas, também utilizavam da madeira para a fabricação de tábuas usadas na construção de moradias. As palmeiras foram um dos principais tópicos de estudo da dupla, principalmente de Alfred Wallace que, em 1853, compilou as informações que havia reunido no país, incluindo relatos dos nativos, e publicou uma obra intitulada *Palm trees of the Amazon and their uses*⁵²⁶.

⁵²⁴ WALLACE, Alfred Russel. On the monkeys of the Amazon (1852). In: WALLACE, Alfred Russel. *Alfred Russel Wallace Classic Writings*, paper 3, 2009. Disponível em: <https://digitalcommons.wku.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=dlps_fac_arw>. Acesso em: 24 jan. 2019.

⁵²⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. vol. I. op. cit.* p. 313.

⁵²⁶ WALLACE, Alfred Russel. *Palm trees of the Amazon and their uses*. London: John van Voorst, 1853. Disponível em: <<https://archive.org/details/palmtreesofamazo00wall>>. Acesso em: 24 set. 2018.

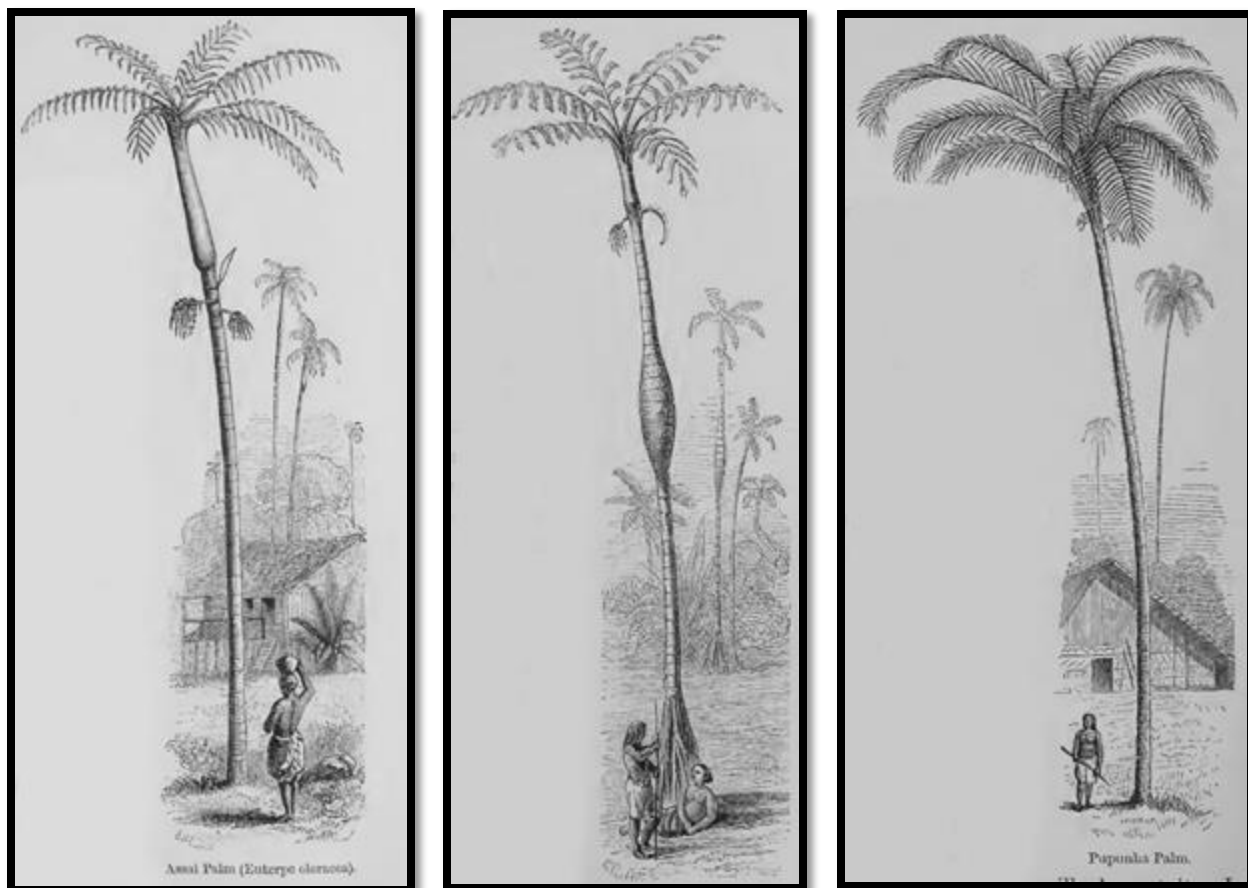


Figura 15: Diferentes espécies de palmeiras ilustradas no livro de Bates.⁵²⁷

A próxima parada foi na cidade de Baião, onde Bates relatou um caso que julgou ser curioso, ao encontrar um funcionário público local que o levou para conhecer a biblioteca que mantinha em sua casa. O escrivão, descrito pelo viajante apenas como um “*young Mameluco, named Soares*”⁵²⁸, possuía uma vasta coleção de clássicos em latim, cujas cópias Bates considerou mostrarem traços de já terem sido bastante manuseadas. O pouco português que dominava, no entanto, não permitiu que Bates tivesse um diálogo mais substancial com o dono daquela que descreveu como “*an unexpected sight, a classical library in a mud-plastered and palm-thatched hut on the banks of the Tocantins*”⁵²⁹. Na cidade de Vila Nova, Bates encontrou uma situação semelhante. O Senhor Meirelles, segundo o viajante, mantinha um profundo zelo pela leitura e recebia remessas periódicas de livros diretamente de Portugal. Na biblioteca de Meirelles, afirmou ter encontrado muitas revistas portuguesas e traduções de romances e contos europeus e estadunidenses. Dentre estes, chamou-lhe a atenção uma tradução do romance *Uncle*

⁵²⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I e II. *op. cit.*

⁵²⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 126.

⁵²⁹ *Ibidem*. p. 126.

Tom's Cabin, publicado originalmente nos Estados Unidos em 1852, e que narrava um conto de teor abolicionista. Os dois exemplos acima foram, segundo Bates, repetidos em outras cidades que visitou, o que o levou a concluir que a leitura era um hábito presente entre os habitantes com melhores condições financeiras. Associou, ainda, o clima do país ao hábito da leitura, da seguinte forma:

I found a love of reading not at all uncommon amongst the better sort of people in the towns and villages on the Amazons; it seems natural to the climate, and is promoted by the occupation being well suited to the hot and lazy hours of mid-day. It is a pity the Portuguese language, on account of the poverty of its modern literature, is so poor a medium for acquiring knowledge, and that books are so scarce in Northern Brazil, otherwise the Amazonian people would not be condemned to the wretchedly narrow range of information which is now generally their lot.⁵³⁰

Analisando a vida e os hábitos de alguns dos principais moradores locais com os quais teve contato, Bates observou e registrou qualidades sobre a região, construindo em sua narrativa a imagem de um país onde os visitantes e possíveis colonos europeus encontrariam todo o necessário para prosperar. A ênfase na hospitalidade da população em geral, na amenidade do clima, na prosperidade dos indivíduos empreendedores, na fertilidade da terra e na variedade de espécies encontrada no país se reúnem ao longo do relato de Bates para criar uma imagem positiva da região amazônica, que seria lida e relida posteriormente, influenciando a percepção europeia sobre o país. Sua opinião positiva sobre a natureza e o clima tropical remonta a uma tradição da qual o seu principal expoente foi Humboldt, e que se distanciava de visões anteriores que associavam o clima quente à uma miríade de características negativas, como degeneração, preguiça e ausência de curiosidade⁵³¹.

Em seguida, viajaram até a cidade de Patos, onde se depararam com mais espécies que desconheciam, dentre as quais Bates destacou caracóis, borboletas e, principalmente, a arara-azul, a qual Wallace lamentou não terem sido capazes de capturar⁵³². Neste ponto da viagem, fizeram queixa das dificuldades de lidar com os barqueiros e quase tiveram que abandonar a expedição. O motivo alegado foi a celebração de um festival local, que havia deixado os habitantes completamente embriagados de caxiri, bebida indígena feita a partir da fermentação da mandioca. A viagem só prosseguiu graças aos esforços de Leavens, que conseguiu organizar para que Bates e Wallace fossem levados por uma tripulação de indígenas para conhecerem as cataratas próximas de Arroios. O difícil trajeto, por meio de rios bloqueados com rochas e com

⁵³⁰ *Ibidem*. p. 286.

⁵³¹ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999, 208p.

⁵³² WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 53.

fortes correntezas, só foi conquistado devido ao “*accurate knowledge of the place and skilful management*”⁵³³ da tripulação.

Cumprida a sua promessa de mostrar aos viajantes as cataratas e desistindo da busca por cedro, Leavens organizou a viagem de volta até a capital paraense. A viagem durou do dia 26 de agosto de 1848 até 30 de setembro do mesmo ano, e incluiu o deslocamento por cerca de 200 quilômetros, entre a foz do Rio Tocantins até Arroios. No caminho de volta, pararam novamente em quase todas as mesmas localidades anteriores para descansarem e se abastecerem de suprimentos. Ao deixar o interior e voltar para a capital, Bates resumiu seu sentimento em relação à esta primeira excursão, ressaltando o curto espaço de tempo que teve para explorar uma natureza tão diferente daquela que tinha conhecido nos arredores de sua casa em Nazaré. Segundo relatou em seu livro:

I was sorry to be obliged to leave this beautiful, though almost uninhabited, country so soon, our journey through it having been a mere tourist's gallop. Its vegetable and animal productions, of which we had obtained merely a glimpse, so to speak, were evidently different from those of the alluvial plains of the Amazons. The time we had spent, however, was too short for making a sufficient collection of specimens and facts to illustrate the amount and nature of the difference between the two faunas: a subject of no small importance as being calculated to throw light on the migrations of species across the equator in South America.⁵³⁴

A observação sobre a variedade da fauna e flora brasileiras, assim como as diferenças na distribuição geográfica das espécies, forneceram motivação para que Bates planejasse posteriormente novas incursões pelo interior. No entanto, por ora retornava com Wallace para Nazaré, chegando em 30 de setembro. A dupla permaneceu na vila até dezembro do mesmo ano, em parte devido à uma inflamação nas mãos que incapacitou Wallace de realizar qualquer trabalho manual, e em parte devido à ausência de embarcações que pudessem os levar até o próximo local que desejavam conhecer: a baía e os arredores da Ilha de Marajó.

3.7. A SEPARAÇÃO ENTRE BATES E WALLACE

É neste ponto da viagem, pouco mais de seis meses após terem desembarcado juntos no país, que Bates e Wallace começaram a tomar rumos diferentes. O motivo que levou à separação não foi apresentado nas narrativas dos viajantes, levando a especulações posteriores por parte de seus biógrafos. Para Beddall, o motivo teria algo a ver com uma diferença de abordagem em relação ao trabalho de coleta e investigação, sendo Bates favorável a permanecerem por longos períodos em determinadas localidades de forma a examinarem em detalhes a sua fauna,

⁵³³ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 136.

⁵³⁴ *Ibidem.* p. 139.

enquanto Wallace teria preferência por encurtar a permanência em cada local, de forma a poder visitar uma quantidade maior de locais durante sua estada no país⁵³⁵. Embora não existam afirmações que comprovem esta hipótese, é possível identificar as diferenças destacadas por Beddall na duração de suas permanências no país. A preferência de Bates em permanecer por longas temporadas em cada localidade está explícita na duração total de 11 anos de sua residência no Brasil, enquanto Wallace encerrou sua expedição após quatro anos. Diferentemente de Beddall, Crawforth⁵³⁶ aponta para a possibilidade de a separação dos viajantes ter sido motivada por um desentendimento ou pela competição na coleta de espécimes. Segundo o autor:

The fact that prizes such as rare or beautiful specimens could not be shared between two great enthusiasts may have been part of the problem. When a fellow collector – even a close friend or a colleague – finds a better or more desirable object, complicated emotions can arise. There can be admiration, envy, a sense of anxiety, distress, and feelings of inferiority or, in extreme cases, rage – perhaps a combination of all.⁵³⁷

Hemming⁵³⁸, por sua vez, cogita que tanto motivos financeiros, quanto temperamentais podem ter contribuído para a separação, e discorda de Crawforth sobre a existência de algum desentendimento grave entre os viajantes, uma vez que não existem evidências que suportem esta hipótese. Segundo o autor, Bates, Wallace e Spruce abordavam de formas diferentes o trabalho de campo, sendo provavelmente esta a causa da separação:

As we have seen abundantly, all three Englishmen were outstanding and tireless collectors. But they operated in different ways. Henry Bates felt that it was best to work intensively in a few locations, along the main Solimões-Amazon river. Wallace and Spruce were more adventurous. In the lower Amazon Wallace had charged off to Mexiana island, up the Guamá to watch the tidal bore, and to Monte Alegre in pursuit of rock paintings; Spruce had got lost up the Erepecuru, and made tough excursions from Santarém, Óbidos and Manaus.⁵³⁹

A hipótese de um desentendimento entre os viajantes foi motivada, em parte, por um comentário de Richard Spruce endereçado a William Hooker em carta datada de agosto de 1849, em que o botânico escreveu sobre Wallace: “*He and Bates quarrelled and separated long ago.*”⁵⁴⁰. A narrativa da existência de uma contenda entre os viajantes é, ocasionalmente, contestada e não faltam argumentos para demonstrar que, mesmo que houvessem se distanciado

⁵³⁵ BEDDALL, Barbara G. *Wallace and Bates in the Tropics. op. cit.* p. 87.

⁵³⁶ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.*

⁵³⁷ *Ibidem.* p. 88.

⁵³⁸ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.*

⁵³⁹ *Ibidem.* p. 144.

⁵⁴⁰ SPRUCE, Richard. [Carta] 3 ago. 1849. [para] HOOKER, William. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 5f. Dá notícias sobre sua viagem ao Brasil. Letters from Spruce (1842-1890), nº 259. (Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom). 23 nov. 2017.

por um momento, mantiveram boas relações posteriores. Ainda no Brasil, se reuniram brevemente em Manaus em 1850 e, dois anos depois, Wallace lamentou ter chegado à cidade de Santarém uma semana após a partida de Bates⁵⁴¹. Nos anos seguintes, mesmo após a ida de Wallace para o Arquipélago Malaio, os dois naturalistas mantiveram uma amigável troca de correspondências. Da Ilha de Ternate, nas Molucas, Wallace escreveu para Bates:

I trust the day may come when both returned home, we may visit each other, compare our collections & discuss those questions we both find of much interest. There are many hitherto untouched branches of enquiry in Entomology which our collections & statistics will enable us to develop. I see occupation for a life of delightful study. May we both live to realise it!⁵⁴²

Ao longo das correspondências trocadas durante este período, Bates e Wallace discutiram sobre suas observações e espécies coletadas, comparando o resultado de seus esforços nos dois países. A pequena coleção de cartas trocadas entre os dois naturalistas durante o período em que se encontravam no Brasil e no Arquipélago Malaio, respectivamente, são particularmente interessantes para a história do pensamento biológico. Duas delas são especialmente significativas por tocarem na questão da evolução e origem das espécies. As discussões nelas contidas são pouco referenciadas em trabalhos sobre o tema, possivelmente porque as cartas originais foram perdidas e restam, atualmente, apenas as transcrições feitas pelo irmão de Bates. Assim, escondidas em um caderno de anotações de Frederick Bates⁵⁴³, no *Natural History Museum*, estão alguns exemplares das primeiras opiniões registradas por Bates e Wallace sobre a questão, durante suas expedições.

A primeira correspondência foi enviada por Wallace e tinha Bates como destinatário. Datada de 4 de janeiro de 1855, ela foi enviada da ilha de Amboina e seu conteúdo é revelador sobre a relação entre os dois naturalistas para a formulação de um dos principais artigos publicados por Wallace. Em sua carta, Wallace menciona um artigo que havia escrito e enviado para Bates, ao qual se refere como *On the succession of species*. Segundo o próprio van Wyhe⁵⁴⁴, este foi um dos primeiros títulos provisórios utilizados por Wallace para aquele que viria a se tornar o seu famoso *On the laws which have governed the introduction of new species*,

⁵⁴¹ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 266.

⁵⁴² WALLACE, Alfred Russel. [Cara] 25 jan. 1858. [para] BATES, Henry Walter. 3f. Sobre suas viagens e a expectativa de se reencontrarem na Inglaterra. Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). *Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855*. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.

⁵⁴³ *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855*. *op. cit.*

⁵⁴⁴ VAN WYHE, John. The impact of A. R. Wallace's Sarawak Law paper reassessed. *Elsevier: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, vol. 60, dez. 2016, p. 56-66. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2016.09.004>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

escrito na ilha de Sarawak e publicado em setembro de 1855. Assim, é possível notar que, antes mesmo de janeiro de 1855, Wallace já havia trabalhado em uma versão de seu artigo e o havia enviado para que seu antigo companheiro de viagem pudesse ler e dar sua opinião. A carta resposta de Bates, infelizmente, ainda não foi encontrada e, possivelmente, não deve mais existir. Nesta carta, Wallace demonstra já ter tido acesso à opinião de Bates sobre o seu artigo, dizendo:

To persons who have not thought much on the subject I fear my paper “On the succession of species” will not appear so clear as it does to you. That paper is of course merely the announcement of the theory, not its development.⁵⁴⁵

Na sequência de sua carta, Wallace afirmou que o trabalho de Bates na Amazônia seria fundamental para ilustrar e fornecer dados para comprovar a sua teoria, afirmando:

Your collections [ilegível] will furnish most valuable materials to illustrate & prove the universal applicability of the hypothesis. The connection between the succession of affinities & the geographical distribution of a group, worked out species by species, has never yet been shown as we shall be able to show it.⁵⁴⁶

A segunda carta na coleção transcrita por Frederick foi enviada por Bates, de Santarém, e é datada de 19 de novembro de 1856. Nela, o naturalista deu sua opinião sobre o artigo, já então publicado por Wallace, dizendo:

There is another topic on which I must touch – I received about 6 months ago a copy of your paper in the “Annals” on the “Laws which have governed the introduction of new species”. I was startled at first to see you already ripe for the enunciation of the theory – You can imagine with what interest I read & studied it, & must say that it is perfectly well done. The idea is like truth itself, so simple & obvious that those who read & understand it will be struck by its simplicity, & yet it is perfectly original, the reasoning is close & clear, & also so brief an essay it is quite complete, embraces the whole difficulty & anticipates & annihilates all objections. Few men will be in a condition to comprehend & appreciate the paper, but it will infallibly create for you’re a high & sound reputation. *The theory I quite assent to & you know was conceived by me also, but I confess that I could not have propounded it with so much force & completeness.*⁵⁴⁷

Nesta primeira parte da correspondência é interessante observar, primeiramente, a surpresa de Bates com a publicação de Wallace. Surpresa, esta, que só não deve ter superado aquela do próprio Darwin. Em meio aos longos e efusivos elogios feitos ao trabalho publicado por seu antigo companheiro de viagem, é possível notar indicações de que o tema já havia sido discutido anteriormente pelos dois naturalistas. Desta forma, é possível adicionar um novo

⁵⁴⁵ *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. op. cit. s. p.*

⁵⁴⁶ *Ibidem. s. p.*

⁵⁴⁷ *Ibidem. s. p. grifo nosso.*

argumento contra a tese defendida por van Wyhe⁵⁴⁸, que afirmou que a questão da origem não poderia ser algo sobre os quais os naturalistas estavam pensando ao virem para o Brasil. Ademais, o trecho mais significativo desta correspondência, grifado na citação acima, é a afirmação de Bates sobre ter igualmente concebido a teoria proposta por Wallace em seu artigo. Possivelmente por terem desenvolvido algumas das ideias postuladas por Wallace durante suas conversas antes e durante o tempo que permaneceram no Brasil, Bates parece achar-se no direito de atestar sua influência na gênese das ideias defendidas por Wallace, ainda que na época não tivessem uma proposta explicativa para o mecanismo por trás da evolução.

Na sequência, Bates foi ainda além, avaliando que ainda restava muito a ser feito para comprovar a teoria, e que novos desenvolvimentos na Zoologia e na Botânica seriam necessários para este fim. Ademais, mostrou-se confiante em poder colaborar com informações que ajudassem a comprovar a teoria, dizendo:

Many details I could supply, in fact a great deal remains to be done to illustrate & confirm the theory – a new method of investigating & propounding Zoology & Botany inductively is necessitated & new libraries will have to be written, in part of his haste I hope to be a labourer for many happy & profitable years.⁵⁴⁹

Apesar da colaboração científica à distância, parece que após o retorno para a Inglaterra houve pouca interação entre Bates e Wallace, ainda que frequentassem algumas das mesmas sociedades científicas. Ambos concorreram ao mesmo tempo ao cargo de secretário assistente da *Royal Geographical Society*, embora aparentemente nunca tenham discutido sobre isto. Se a falta de contato posterior ao retorno à Inglaterra é indicativa da existência de uma desavença anterior ou nova alteração, é impossível afirmar. Talvez o excesso de decoro em relação a possibilidade de um desacordo anterior se deva ao puritanismo Vitoriano que os fez, segundo Hemming⁵⁵⁰, excessivamente discretos para discutir em suas correspondências ou livros posteriores sobre a existência de qualquer ressentimento.

Comprovando que não mantiveram maiores relações após o retorno para a Inglaterra, é possível observar o que afirmou Wallace, ao ser pedido para redigir uma homenagem ao seu antigo companheiro de viagem após sua morte. Na edição de fevereiro de 1892 da revista *Nature*⁵⁵¹, Wallace foi um dos primeiros a publicar um breve panegírico biográfico sobre Bates, elogiando sua atuação como naturalista e como secretário-assistente da *Royal Geographical*

⁵⁴⁸ VAN WYHE, John. *A delicate adjustment. op. cit.*

⁵⁴⁹ *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. op. cit. s. p.*

⁵⁵⁰ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit. p. 55.*

⁵⁵¹ WALLACE, Alfred Russel. H. W. Bates, the Naturalist of the Amazons. *Nature*, nº 45, pp. 398-399. 25 fev. 1892. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/045398c0>>. Acesso em: 27 out. 2018.

Society. Contudo, no mês seguinte, em resposta a um pedido feito por John Scott Keltie para que redigisse algo a ser publicado pela própria sociedade de geografia, mostrou certa distância ao afirmar não ter muito mais o que dizer sobre o companheiro, afirmando:

I am afraid I cannot give you any thing special about Bates, as I really know less than scores of others as to his life work, though we went to the Amazon together. [...] Beyond his special great paper on “Mimicry” – his work was mostly technical descriptive Entomology in which I took little interest & of the special merits of which I am no judge. [...] Owing to my having lived in the country for the last 25 years I very rarely met him, & therefore know very little of his life & work in London. On the Amazon too we were only together for the first 6 months or thereabouts, & after that only met once or twice. [...] Even as to personal reminiscences I could give anything, as my memory of the details of that long-ago time are but dim, and I do not think I have a single letter of Bates'.⁵⁵²

No Brasil, após a separação com Bates, Wallace ficou duas semanas sob cuidados médicos até se recuperar completamente. Nenhum dos viajantes deu muitos detalhes sobre a volta ao Pará, mas sabemos que deixaram de compartilhar a casa em Nazaré. Após receber um convite do cônsul suíço Louis Brelaz, Wallace ficou hospedado em sua residência até o dia 3 de novembro de 1848, quando partiu em direção à Ilha de Mexiana. Bates, por sua vez, não afirmou onde morou durante este período. Separado de Wallace, seguiu em sua segunda expedição só no dia 7 de novembro. Tendo barganhado por uma passagem a bordo de um navio mercante, partiu em direção a Caripí. Localizada no litoral, Caripí fazia parte da Comarca de Cametá⁵⁵³, e era um local bastante conhecido pelos viajantes. O local foi descrito por Edwards em seu relato, que descreveu a beleza dos pássaros e dos insetos que encontrou nos arredores da propriedade do escocês Archibald Campbell. Sabendo disso, Bates – e, posteriormente, também Wallace – pediu permissão ao compatriota britânico para passar uma temporada em sua fazenda.

Bates permaneceu na propriedade de Campbell por um total de nove semanas, onde aparentemente não encontrou com seu antigo companheiro de viagem, ou com o dono da propriedade. Na região, afirmou ter vivido “*a solitary but not unpleasant life; there was a great charm in the loneliness of the place*”⁵⁵⁴. Foi lá que passou o seu primeiro dia de Natal longe da família e dos amigos. Sua companhia consistia, apenas, dos escravos que cuidavam da

⁵⁵² WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 8 mar. 1892 [para] KELTIE, John Scott. Royal Geographical Society, London, United Kingdom. 2f. Sobre não se sentir capacitado para escrever uma homenagem sobre a vida de Bates para a sociedade de geografia. CB7/93 (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 17 out. 2017.

⁵⁵³ NUNES, Francivaldo Alves. Aspectos fundiários em uma comarca no interior da Amazônia (Cametá-Pará, décadas de 1860 e 1870). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300880412_ARQUIVO_ANPUH_FRANCIVALDO_TEXTO.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

⁵⁵⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol I. 1863. *op. cit.* p. 171.

propriedade, que celebraram a festividade ornando a capela com uma imagem do menino Jesus e cantando hinos durante a noite. Mesmo décadas depois do acontecimento, Bates parece não ter esquecido da celebração e, em seu livro de viagem, escreveu:

Some of the hymns were very simple and beautiful, especially one beginning “Virgem soberana”, a trace of whose melody springs to my recollection whenever I think on the dreamy solitude of Caripí.⁵⁵⁵

No dia seguinte, foi surpreendido, ao voltar de uma caminhada pela mata, por uma dupla de meninos ruivos que o cumprimentaram em inglês. Bates descobriu que eram filhos de um imigrante alemão de sobrenome Petzell, cuja família morava, “*Indian fashion*”⁵⁵⁶, na região. A partir deste momento, Bates iniciou uma profícua amizade com Petzell e seus filhos, e aproveitou do conhecimento que possuíam sobre a região para tê-los como guias durante suas excursões para coleta de espécimes. Durante este período, aproveitou, também, para começar a aprender o alemão, exercitando mais uma vez a sua aptidão por idiomas.

Dentre as principais espécies coletadas na região, Bates destacou a diversidade de beija-flores e surpreendeu-se com uma espécie de mariposa que ainda não conhecia. Em uma manhã de janeiro, “*in the cooler hours of the morning*”⁵⁵⁷, enquanto procurava por um exemplar do raro *Lophornis gouldii*, também conhecido como topetinho-do-brasil-central, abateu um espécime que descobriu não ser o desejado beija-flor. Ao examiná-lo, descobriu que se tratava de uma espécie de mariposa-beija-flor, assim denominada porque imita a aparência e o comportamento das aves. O encontro com a espécie foi registrado em seu livro de viagem da seguinte forma:

This moth (*Macroglossa titan*) is somewhat smaller than hummingbirds generally are, but its manner of flight, and the way it poises itself before a flower whilst probing it with its proboscis are precisely like the same actions of humming-birds. It was only after many days' experience that I learnt to distinguish one from the other when on the wing. This resemblance has attracted the notice of the natives, all of whom, even educated whites, firmly believe that one is transmutable into the other. They have observed the metamorphosis of caterpillars into butterflies, and think it not at all more wonderful that a moth should change into a humming-bird. [...] The negroes and Indians tried to convince me that the two were of the same species. “Look at their feathers,” they said; “their eyes are the same, and so are their tails.” This belief is so deeply rooted that it was useless to reason with them on the subject.⁵⁵⁸

⁵⁵⁵ *Ibidem.* p. 172.

⁵⁵⁶ *Ibidem.* p. 173.

⁵⁵⁷ *Ibidem.* p. 179.

⁵⁵⁸ *Ibidem.* p. 182.

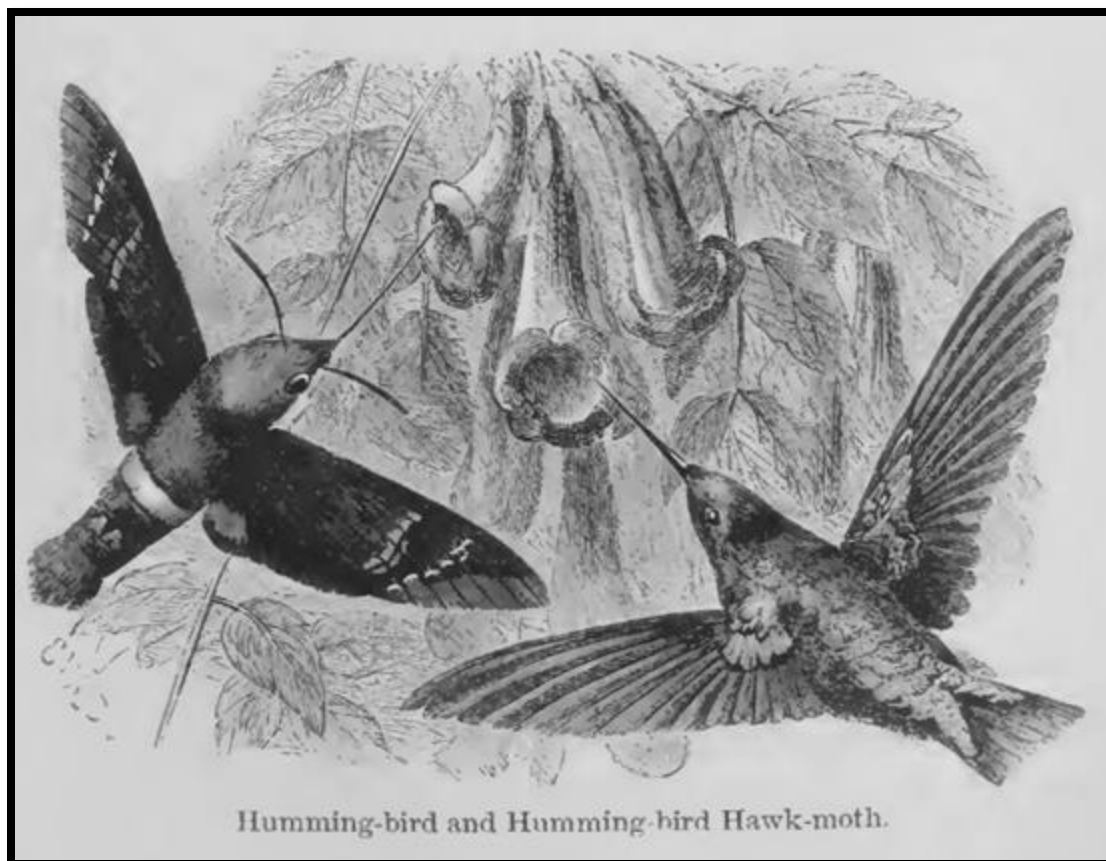


Figura 16: *Humming-bird and Humming bird Hawk-moth.*⁵⁵⁹

Novamente o livro de Bates oferece um interessante olhar sobre algumas das crenças das populações locais e a forma como racionalizavam e compreendiam a natureza ao seu redor, ao qual dificilmente teríamos acesso sem o relato do viajante. Bates conheceu muitos dos nativos que habitavam os arredores de Caripí, principalmente em Murucupí.

Analisando as condições em que viviam, teve dificuldades para compreender a pobreza que os assolava. Julgava o solo da região fértil e acreditava ser possível plantar diversos gêneros alimentícios, que poderiam ser facilmente vendidos na capital, onde era possível chegar navegando pelos rios. Tentando compreender porque não investiam mais na agricultura para viverem em condições que acreditava serem melhores, chegou à conclusão de que lhes faltava incentivo. Para um viajante recém-chegado do maior império comercial e industrial de sua época, a falta de ambição dos nativos era fruto daquilo que acusou ser “*a kind of communistic mode of regarding property*”⁵⁶⁰. Em sua percepção, uma vez que os bens materiais eram

⁵⁵⁹ *Ibidem.* p. 181.

⁵⁶⁰ *Ibidem.* p. 191.

compreendidos como pertencentes ao grupo, e poderiam ser emprestados sempre que precisassem, não haveria motivos para ambição. Segundo Bates:

There is no inducement, therefore, for one family to strive or attempt to raise itself above the others. There is always a number of lazy people who prefer to live at the cost of their too good-natured neighbours.⁵⁶¹

É preciso chamar atenção, no entanto, para a inexperiência dos viajantes europeus com as particularidades do solo e clima amazônicos. Segundo França⁵⁶², raros foram os viajantes que passaram pelo país sem exaltar a sua fertilidade. Se, por um lado, associavam a exuberância da vegetação local com uma riqueza inigualável de seu solo e, assim, com a ideia de que a região poderia ser desenvolvida pela agricultura, por outro, faltava-lhes conhecimento sobre as especificidades da região. Segundo Hemming⁵⁶³, este ideário do Paraíso Verde só se manteve devido à falta de conhecimento, na época, sobre as deficiências nutricionais causadas pela alta acidez dos solos em ambientes tropicais⁵⁶⁴.

Em diversos momentos do seu livro, Bates fez comentários sobre a variedade de gêneros alimentícios que acreditava poderiam ser plantados e colhidos no país. No entanto, sua percepção dos habitantes era a de que lhes faltava a iniciativa e a motivação necessária para investir em agricultura, ainda que esta atividade lhes pudesse render lucros consideráveis. Este defeito parecia ao viajante mais acentuado nos colonos portugueses, que afirmava se satisfazerem com os lucros que obtinham com pequenos comércios e com a venda de produtos de cidade em cidade. Preferiam, segundo observou, manter pequenas tavernas onde, “*the Portuguese owners, big lusty fellows, stand all day behind their dirty counters for the sake of selling a few coppers’ worth of liquors, or small wares*”⁵⁶⁵. Em outro trecho, afirmou que eram o desinteresse e a indolência que prejudicavam a prosperidade dos agricultores, afirmando:

The incorrigible nonchalance and laziness of the people alone prevent them from surrounding themselves with all the luxuries of a tropical country. They might plant orchards of the choicest fruit-trees around their houses, grow Indian corn, and rear cattle and hogs, as intelligent settlers from Europe would certainly do, instead of indolently relying solely on the produce of their small plantations, and living on a meagre diet of fish and farinha. In preparing the cacao they have not devised any means of separating the seeds well from the pulp, or drying it in a systematic way; the consequence is that, although naturally of good quality, it moulds before reaching the merchants’ stores, and

⁵⁶¹ *Ibidem*. p. 191.

⁵⁶² FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. *op. cit.* p. 210.

⁵⁶³ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 299.

⁵⁶⁴ Para os interessados nesta questão, ver as pesquisas de FRADE JÚNIOR, E. F.; Brito, E. S.; ORTEGA, G. P.; MATTAR, E. P. L. Neutralização química de acidez em solos sedimentares da Amazônia Ocidental, Acre. *Enciclopédia Biosfera*, v. 9, nº 16, p. 1566-1572, 2013. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2013a/agrarias/NEUTRALIZACAO.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

⁵⁶⁵ *Ibidem*. p. 340.

does not fetch more than half the price of the same article grown in other parts of tropical America.⁵⁶⁶

Segundo França⁵⁶⁷, muitos viajantes chegaram a conclusões semelhantes sobre o país, exaltando a fertilidade de seu solo ao mesmo tempo em que apontavam para a indolência dos colonos que não o cultivavam. Ao analisar os relatos de diversos viajantes ao longo dos séculos XVI ao XVIII, França concluiu que:

O raciocínio é simples: a terra, em que plantando, tudo dá, no entanto, a qualidade do colono é tal que ela não rende nem a pálida sombra do que renderia – e progrediria – se estivesse nas mãos de um povo ordeiro e trabalhador. As razões para um aproveitamento tão medíocre de tamanho tesouro, já o vimos, são várias. Aos olhos dos visitantes europeus, os colonos eram preguiçosos, ignorantes, carolas, ciumentos, desonestos e, sobretudo, excessivamente vaidosos e libidinosos.⁵⁶⁸

No caso de Bates, ao questionar os agricultores sobre o que motivava seu desinteresse pela agricultura, afirmou que a resposta que recebia em uníssono era a da falta de mão de obra. Com os indígenas abandonando a cidade e a diminuição da escravidão de negros africanos, afirmava que um dos principais problemas do país seria o de obter uma nova classe de trabalhadores. Em seu livro, mencionou:

The problem, how to obtain a labouring class for a new and tropical country, without slavery, has to be solved before this glorious region can become what its delightful climate and exuberant fertility fit it for – the abode of a numerous, civilised, and happy people.⁵⁶⁹

Bates também atribuía a pobreza do povo, particularmente dos indígenas, à necessidade de constantemente terem de sair para caçar ou pescar. De acordo com o viajante, os indígenas brasileiros não possuíam o hábito de domesticar animais para a alimentação, embora mantivessem algumas espécies como animais de estimação. É preciso atentar para o fato de que indígenas e europeus tinham noções distintas sobre o que constituía um animal de estimação e o tipo de relação que se dava com estes animais, como apontado por Velden⁵⁷⁰.

Sem animais criados com o propósito específico de servir para a alimentação familiar, muitos grupos indígenas dependiam das habilidades de caçadores, como o seu vizinho Raimundo, que era “*a hunter of reputation in these parts*”⁵⁷¹. Refletindo sobre o motivo de não criarem animais para comer, Bates atribuiu o fato à duas causas: “*the inflexibility of*

⁵⁶⁶ *Ibidem*. p. 269.

⁵⁶⁷ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII. op. cit.*

⁵⁶⁸ *Ibidem*. p. 283.

⁵⁶⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 340.

⁵⁷⁰ VELDEN, Felipe F. Vander. Multiplicam-se muito nestas terras. Os animais domésticos europeus na América Portuguesa, séculos XVI-XVIII. In: KURY, Lorelai (org.). *Representações da fauna no Brasil. Séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014, 279p. p. 14-39.

⁵⁷¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 189.

*organisation in the red man*⁵⁷² e à falta de animais apropriados para domesticação no país, que concluía ser “*a great deficiency in a land otherwise so richly endowed by nature*”⁵⁷³. A partir deste raciocínio, comparou e hierarquizou as populações nativas do continente americano da seguinte forma:

The presence or absence of domesticable animals in a country, no doubt, has a very great influence on the character and culture of races. The North American Indians, especially those of Florida, offered many points of similarity in character and social condition to the Indians of the Amazons region; and they were, like them, condemned, probably from the same cause, to depend for existence chiefly on the produce of the chase or fishing. On the other hand, the Indians of Peru, whose more favoured home contained the Llama, were enabled to reach a high degree of civilisation, a great help thereto being this priceless animal, which served as a beast of burthen, and yielded wool for clothing, and milk, cheese, and flesh for nourishment. In the plains of Tropical America there exists no animal comparable to the ox, the horse, the sheep, or the hog.⁵⁷⁴

Por esta lógica, Bates afirmava não ser “*wholly the fault of the natives*”⁵⁷⁵ o atraso de que os acusava. Os animais sul-americanos, segundo o naturalista, eram naturalmente inferiores aos europeus. Sobre a possibilidade de domesticação, afirmou que antas, pacas e cutias não eram adequadas à pecuária, uma vez que sua capacidade de reprodução em cativeiro era muito limitada. Portanto, para o naturalista, eram as próprias condições do meio que definiam o nível de civilização dos indígenas brasileiros. Segundo Bates:

The inferiority of the native animals compared with those of the old world in regard to capability of breeding in confinement, to which, according to this view, is originally owing the defect in the Indian character regarding the domestication of animals, has been brought about, probably, in some way not easily explicable, by the domination of the forest. It has been lately advanced by ethnologists, that where dense forests clothe the surface of a country, the native races of man cannot make any progress in civilization.⁵⁷⁶

Em outro trecho semelhante, em que analisou a estrutura das colmeias das abelhas que havia capturado no país, ranqueou suas habilidades arquitetônicas como sendo inferiores às das suas semelhantes europeias, concluindo que “*the Old World has produced in bees, as well as in other families of animals, far more advanced forms than the tropics of the New World*”⁵⁷⁷.

⁵⁷² *Ibidem.* p. 192.

⁵⁷³ *Ibidem.* p. 192.

⁵⁷⁴ *Ibidem.* p. 192.

⁵⁷⁵ *Ibidem.* p. 193.

⁵⁷⁶ *Ibidem.* p. 193.

⁵⁷⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol II. 1863. *op. cit.* p. 44.



Figura 17: *Melipona* bees gathering clay.⁵⁷⁸

Ainda nos arredores de Caripí, Bates demarcou com precisão a chegada abrupta do fim da temporada de secas e a primeira chuva do ano: 16 de janeiro de 1849. O início do período de cheias e suas frequentes torrentes produziu uma mudança drástica na natureza local, que saltou aos olhos do naturalista. Segundo o seu relato, as chuvas pareciam “*to give a new stimulus to animal life*”⁵⁷⁹. Pássaros, insetos e alguns anfíbios pareciam cantar mais alto e a maior atividade dos animais garantiu ao viajante um período farto de coletas. Com o início da estação de chuvas, teve também a oportunidade de estudar insetos que nos são muito familiares ainda hoje: os cupins, em suas formas aladas, “*which came by hundreds to the lamps at night*”⁵⁸⁰. A profusão de insetos durante o período de chuvas, aliado ao que já havia capturado ao longo dos meses anteriores, fizeram com que Bates deixasse Caripí com uma coleção que somava 1.200 espécies diferentes⁵⁸¹.

O aumento das chuvas, no entanto, trouxe consigo uma maior dificuldade para obter alimentos. Em uma região dominada pela presença de rios, as enchentes eram frequentes e não era raro que impedissem a movimentação para outras localidades e dificultassem a caça. Assim, desejando evitar privações e dificuldades, Bates abandonou Caripí em 12 de fevereiro, retornando à capital paraense.

3.8. VIAJANDO COM COMERCIANTES LOCAIS

A movimentação pelo interior do Pará e do Amazonas era um dos principais obstáculos enfrentados pelos viajantes. Não existiam linhas regulares de transporte que permitissem a movimentação livre pela região. Por este motivo, toda viagem tinha como ponto de partida um

⁵⁷⁸ *Ibidem.* p. 43.

⁵⁷⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol I. 1863. *op. cit.* p. 205.

⁵⁸⁰ *Ibidem.* p. 205.

⁵⁸¹ *Ibidem.* p. 206.

período de pesquisa, pela cidade, para inquirir se algum de seus moradores planejava organizar uma excursão às cidades vizinhas. Os custos e as dificuldades, particularmente na reunião de navegadores experientes, tornavam as saídas de embarcações, especialmente com destino às cidades do interior, eventos pouco frequentes. A compra e venda de produtos, principalmente agrícolas, era a principal razão que motivava os moradores a visitarem cidades vizinhas e, assim, a navegação fluvial por essa região do país era feita predominantemente por pequenas embarcações mercantes. De acordo com a narrativa do viajante, mesmo o governo, quando precisava enviar funcionários para locais no interior da província, dependia da difícil tarefa de arremeter indígenas para comandar as embarcações. Segundo Bates:

Now and then, Portuguese and Brazilian merchants at Para furnished young Portuguese with merchandise, and dispatched them to the interior to exchange the goods for produce amongst the scattered population. The means of communication, in fact, with the upper parts of the Amazons had been on the decrease for some time, on account of the augmented difficulty of obtaining hands to navigate vessels.⁵⁸²

Foi a partir do contato com comerciantes locais que Bates conseguiu uma passagem a bordo da expedição comandada por João da Cunha Correia, que posteriormente se tornou um reconhecido deputado na Província do Amazonas. Em seu livro de viagem, informou que compartilhar de embarcações com os comerciantes locais era a forma mais econômica de cruzar os rios amazônicos, uma vez que estes costumavam cobrar apenas o preço do transporte de sua bagagem, e não sua passagem individual. Assim, diminuía seus custos. Nesta expedição, além de estar desacompanhado, Bates também não carregava consigo nenhuma carta de apresentação para habitantes de vilas do interior. Além disto, como passageiro na embarcação de Correia, Bates não podia escolher seu destino de viagem e, assim, ficava à mercê das rotas comerciais entre a capital e o interior paraense.

A partir dos seus cadernos de anotação, é possível ter uma ideia dos gastos que o viajante tinha para se manter no país. Estão presentes os preços cobrados por alimentos e outros itens necessários à vida na região, além dos custos alfandegários para a remessa de suas coleções para a Inglaterra. Em uma passagem, por exemplo, é possível encontrar a informação de que havia pago ao próprio Correia a quantia total de 16.740 réis para adquirir manteiga, farinha, tapioca, tartarugas, café e sabão. Em outra, afirmou ter gasto 1.500 réis com talheres, e mais mil réis com tabaco, adquiridos de um “Doutor Júlio João”. Além de alimentos e itens para casa, Bates também listou os gastos com armamentos e munição necessários para abater os animais que capturou durante sua expedição. De um “Doutor M. Pedro”, comprou duas armas,

⁵⁸² *Ibidem.* p. 212.

munição e pólvora por um valor total de 155.540 réis. Em outra ocasião, quando comprou apenas munição, gastou 13.800 réis com chumbo de um “Sr. Antony”, provavelmente o italiano Henrique Antony, na cidade de Barra. Embora não tenha registrado em seus cadernos, era também comum que naturalistas viajantes adquirissem espécimes da fauna e flora locais com os nativos. Em seu livro de viagem, por exemplo, Wallace mencionou diversas oportunidades em que comprou espécimes por preços de até dois mil réis, informando também que alguns habitantes já estavam acostumados com a maneira com que os viajantes pagavam por espécimes⁵⁸³.

Sua lista de despesas é extensa, detalhada, e cada entrada no diário é acompanhada por cálculos somando o dinheiro que recebia de Stevens, subtraindo seus gastos, e finalizando com um balanço de seu saldo naquele momento. É possível, assim, acompanhar minuciosamente a vida financeira de Bates no país, o que nos dá um exemplo dos gastos e lucros obtidos por um naturalista viajante sem apoio institucional, em uma expedição ao norte do Brasil, em meados do século XIX. Embora cada expedição seja única, não é difícil imaginar que outros viajantes em posições semelhantes, como Wallace e Spruce, tenham arcado com alguns dos mesmos gastos que Bates, e obtido lucros semelhantes com a venda de seus espécimes. Os cadernos de Bates, com sua lista de despesas, podem ainda ser utilizados como fonte para auxiliar a identificar alguns dos principais comerciantes brasileiros do período, além de permitir conhecer os preços de alguns dos principais gêneros comercializados na região Amazônica, possibilitando uma noção geral sobre o custo de vida no norte do Brasil e sobre as despesas que faziam parte de uma expedição científica pelo país.

Embora tenha conseguido gratuitamente sua passagem a bordo do navio de Correia, é possível observar em um de seus cadernos, em anotação referente à compra de passagens em outra ocasião, que havia gasto 10 mil réis com o transporte. Nesta ocasião, Bates viajou acompanhado de um jovem mameluco, “*a short, fat, yellow-faced boy named Luco*”⁵⁸⁴, que havia contratado desde o seu retorno à Nazaré para auxiliá-lo na coleta de espécimes. O viajante dá poucas informações sobre como o conheceu e não constam notas ou referências em seus diários à pagamentos feitos ao seu ajudante.

Acompanhado de Luco, Bates embarcou no dia 5 de setembro de 1849 na embarcação comandada por Correia. Após seguirem pelo Rio Mojú, a primeira parada do grupo foi na cidade de Cametá. Como já visitara o local anteriormente e feito uma ampla coleção dos animais da região, Bates não tinha intenção de permanecer por muito tempo. No entanto, por depender

⁵⁸³ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 36.

⁵⁸⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol I. 1863. op. cit. p. 218.

do planejamento do comerciante paraense para prosseguir sua jornada, acabou passando um total de doze dias na cidade. Assim, fez o seguinte julgamento sobre Correia:

João da Cunha, like most of his fellow-countrymen, took matters very easily. [...] It seemed not to matter to him that he had a cargo of merchandise, vessel, and crew of twelve persons, which required an economical use of time; “pleasure first and business afterwards” appeared to be his maxim. We stayed at Cametá twelve days. The chief motive for prolonging the stay to this extent was a festival at the Aldeia, two miles below Cametá, which was to commence on the 21st, and which my friend wished to take part in.⁵⁸⁵

Possivelmente por influência de sua herança entre os grupos de comerciantes protestantes de Leicester, a sensibilidade comercial e industrial de Bates impediam que o viajante conseguisse compreender o ritmo próprio dos comerciantes da região. Ainda assim, aproveitou os períodos de descanso de seus companheiros para observar e descrever a extensa rede de rios navegáveis na região, a aparência dos pequenos vilarejos que avistava nas margens, a aparência e hábitos dos integrantes da tripulação, e as espécies de peixes e jacarés que eram pescados diariamente para servir de alimento.

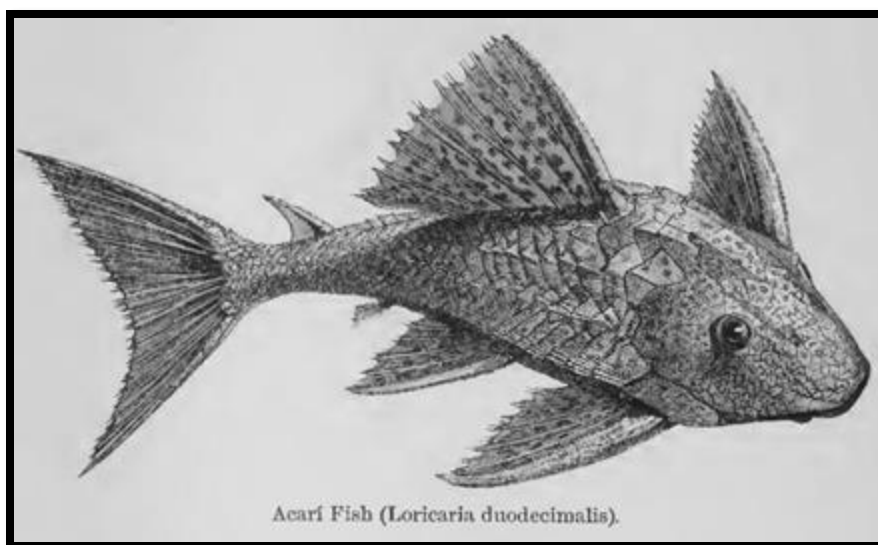


Figura 18: *Acari fish*.⁵⁸⁶

Após duas semanas navegando pelo Tocantins e seus canais, avistaram o vilarejo de Breves e posteriormente adentraram o Rio Xingú. De longe, observaram os montes da Serra de Almeirim, uma vista que Bates descreveu como “*most exhilarating after so long a sojourn in a flat country*”⁵⁸⁷. Cruzando o rio próximo a Monte Alegre, finalmente chegaram ao destino planejado por Correia: Santarém.

⁵⁸⁵ *Ibidem*. p. 218.

⁵⁸⁶ *Ibidem*. p. 228.

⁵⁸⁷ *Ibidem*. p. 231.

A pequena cidade, com pouco mais de 2.500 habitantes, pareceu agradável ao viajante, que descreveu a sua separação entre o centro urbano e a área habitada majoritariamente pela população indígena. Bates também considerou a localização da cidade estrategicamente privilegiada. Os rios que a margeavam eram facilmente navegáveis e a ligação direta com o oceano tornava possível a chegada de navios de maior porte. Pelo Rio Tapajós, o viajante afirmou ser possível navegar até regiões ricas em minério no interior do país. Devido à proximidade com os rios, também considerou o clima da cidade agradável e elogiou o aspecto geral de frescor que possuía. Afirmou, ainda, que seus habitantes pareciam estar “*thoroughly alive to the advantages of education for their children*”⁵⁸⁸, pois encontrou na cidade escolas primárias para meninos e para meninas, além de uma escola “*of a higher class, where Latin and French, amongst other accomplishments, are taught by professors, who, like the common schoolmasters, are paid by the provincial government*”⁵⁸⁹. O viajante se surpreendeu com a qualidade desta escola, que tinha o objetivo de preparar seus estudantes para seguirem posteriormente com seus estudos na capital e detalhou ao longo de algumas páginas a estrutura do ensino no local. Em uma demonstração de sua inserção na sociedade local, Bates afirmou ter contribuído com a escola durante sua residência na cidade, uma vez que “*the managers once did me the honour to make me one of the examiners for the year*”⁵⁹⁰. Assim, reunindo estas características, afirmou que a cidade era “*the most civilised and important settlement on the banks of the main river from Peru to the Atlantic*”⁵⁹¹.

Apesar de todos os elogios, sua estada foi curta, uma vez que prosseguiu com o grupo de Correia até a cidade vizinha de Óbidos, que ouvira ser “*the best place to stay at a few weeks, in order to investigate the natural productions of the north side of the Lower Amazons*”⁵⁹². Bates permaneceu na cidade entre outubro e novembro de 1849 e, em sua opinião, foi uma das mais agradáveis que visitou no país. O clima lhe era agradável, as casas bem construídas, e os habitantes consistiam, principalmente, “*of old-established white families, who exhibit however, in some cases, traces of cross with the Indian and negro*”⁵⁹³. Hospedado na casa do Major Martinho da Fonseca Seixas, “*a man of great importance in the district*”⁵⁹⁴, Bates passou o mês coletando insetos pela manhã e socializando com seus vizinhos durante a noite. Sobre a vida social na cidade, destacou:

⁵⁸⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 11.

⁵⁸⁹ *Ibidem.* p. 11.

⁵⁹⁰ *Ibidem.* p. 12.

⁵⁹¹ *Ibidem.* p. 1.

⁵⁹² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 235.

⁵⁹³ *Ibidem.* p. 238.

⁵⁹⁴ *Ibidem.* p. 240.

I generally spent the evenings in the society of the townspeople, who associated together (contrary to Brazilian custom) in European fashion; the different families meeting at one another's houses for social amusement, bachelor friends not being excluded, and the whole company, married and single, joining in simple games.⁵⁹⁵

Em Óbidos, fez importantes observações sobre a natureza local. Além de ter coletado espécies novas, principalmente de insetos, começou a notar as semelhanças entre a fauna da região e aquela encontrada no território vizinho da Guiana. Observou que era possível identificar uma graduação na modificação das espécies e que aquelas que habitavam mais próximo da fronteira eram mais parecidas com as espécies encontradas no território guianense, enquanto as que habitavam cidades brasileiras mais distantes apresentavam modificações tão marcantes que poderiam ser consideradas espécies completamente diferentes. A natureza nos arredores da cidade permitia, concluiu, “*a glimpse of the manufacture of new species in nature*”⁵⁹⁶.

Suas observações foram exemplificadas por meio do estudo de borboletas do gênero *Heliconius*, sobre o qual afirmou existirem várias espécies aliadas distintas e em processo de modificação. Enquanto na cidade de Óbidos, assim como na Guiana, encontrava exemplares de *Heliconius Melpomene*, esta espécie estava completamente ausente no resto do vale Amazônico. O motivo de sua ausência foi inicialmente um enigma para Bates, pois havia observado que as condições da natureza em locais onde a espécie existia não eram muito diferentes daquelas regiões onde não estava presente. No entanto, notou também que, onde não se encontravam exemplares de *H. Melpomene*, uma espécie bastante parecida e aliada estava presente, a *Heliconius Thelxiope*. Ambas possuíam tamanho e formato semelhante, alternando apenas na sua coloração e seus hábitos também eram os mesmos.

⁵⁹⁵ *Ibidem.* p. 239.

⁵⁹⁶ *Ibidem.* p. 255.



Figura 19: *Heliconius Melpomene*.⁵⁹⁷

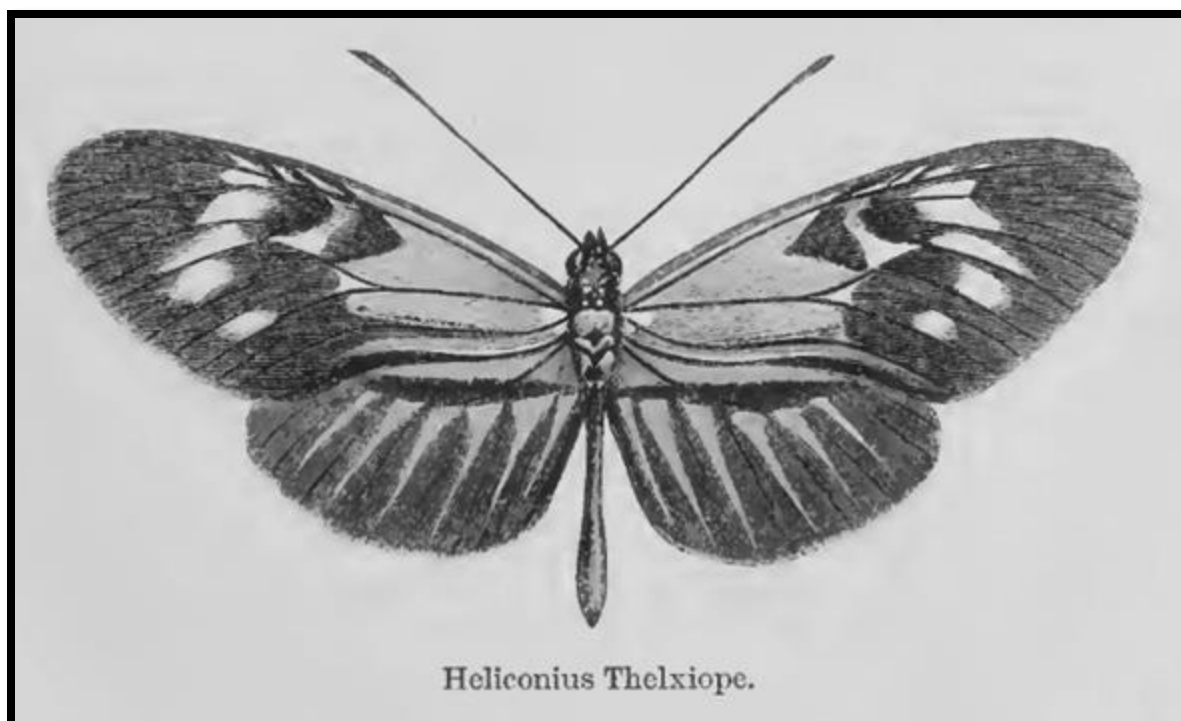


Figura 20: *Heliconius Thelxiope*.⁵⁹⁸

⁵⁹⁷ *Ibidem*. p. 256.

⁵⁹⁸ *Ibidem*. p. 257.

Embora fossem consideradas espécies diferentes, Bates concluiu que suas semelhanças eram um indício “*that the one is simply a modification of the other*”⁵⁹⁹. Sua hipótese foi reforçada ao examinar as borboletas de Serpa e Aveiro, regiões intermediárias entre Óbidos e a parte mais ao sul do território. Nestas duas cidades, encontrou indivíduos que lhe pareceram ser formas transicionais entre *H. Melpomene* e *H. Thelxiope*. Na própria Óbidos, durante o período em que residiu na cidade, conseguiu capturar espécies de *H. Melpomene* que possuíam variações que as aproximavam mais das *H. Thelxiope* do que das outras *H. Melpomene* que habitavam os locais mais próximos da Guiana. A partir destas observações, concluiu:

These hybrid-looking specimens are connected together by so complete a chain of gradations that it is difficult to separate them even into varieties, and they are incomparably more rare than the two extreme forms. They link together gradually the wide interval between the two species. One is driven to conclude, from these facts, that the two were originally one and the same: the mode in which they occur and their relative geographical positions being in favour of the supposition that *H. Thelxiope* has been derived from *H. Melpomene*. Both are nevertheless good and true species in all the essential characters of species; for, as already observed, they do not pair together when existing side by side, nor is their [sic] any appearance of reversion to an original common form under the same circumstances.⁶⁰⁰

Em seu livro de viagem, Bates aproveitou a oportunidade para discutir a teoria da evolução a partir da seleção natural. Parte da controvérsia entre os naturalistas, segundo o viajante, se devia ao fato de que muitos afirmavam não existirem provas da geração de novas espécies na natureza. Os exemplos discutidos por Darwin ao propor sua teoria se baseavam, principalmente, em seus estudos sobre as modificações ocasionadas a partir da interferência humana por meio da domesticação e cultivo de espécies selecionadas. Bates avaliava, então, que sua observação deveria ter “*some scientific importance*”⁶⁰¹. Elas mostravam, segundo o autor, que novas espécies poderiam ser geradas na natureza e afirmava, ainda, que o caso das *Heliconii* não era uma instância isolada. Ao longo de seu livro de viagem, relatou também casos semelhantes observados em outras cidades da região Amazônica, onde notou semelhantes relações entre as borboletas *Papilio lysander* e *Papilio parsodes*.

O exemplo promovido pelas *Heliconii*, no entanto, era singular por ser claramente observável na natureza e por ter coletado séries completas, mostrando as espécies diferentes e suas intermediárias. Afirmou também que em raros casos era possível observar tão evidentemente a gradação entre uma espécie e sua derivação, uma vez que este era um processo

⁵⁹⁹ *Ibidem*. p. 258.

⁶⁰⁰ *Ibidem*. p. 259.

⁶⁰¹ *Ibidem*. p. 260.

muito lento para ser observado. Além do mais, era ainda mais raro observar as duas espécies diferentes coexistindo em um espaço tão próximo. Segundo Bates:

Generally the supposed parent also seems to have been modified, and then the demonstration is not so clear, for some of the links in the chain of variation are wanting. The process of origination of a species in nature, as it takes place successively, must be ever perhaps beyond man's power to trace, on account of the great lapse of time it requires.⁶⁰²



Figura 21: Transition forms between *Heliconius Melpomene* and *H. Thelixiope*.⁶⁰³

⁶⁰² *Ibidem*. p. 260.

⁶⁰³ *Ibidem*. p. 259.

O exemplo das *Heliconii* observadas também permitiu que Bates discutisse a questão da influência de fatores físicos externos sobre a transformação das espécies. Segundo o naturalista, embora esta fosse a explicação mais comum para justificar a existência de variedades locais, ela não se sustentava em comparação ao que havia observado na natureza. Embora admitisse que fatores como o clima e alimentação pudessem causar algum tipo de modificação nas espécies, como a tendência a possuírem uma determinada cor, observou que era possível encontrar *Heliconius thelixiope* em uma área de mais de três mil quilômetros entre a foz do Amazonas e as costas dos Andes, sem que apresentassem modificações notórias, apesar de diferentes condições locais. Notou, ainda, ser possível encontrar espécies diferentes coexistindo em uma localidade com as mesmas condições climáticas. Assim, acreditava que a melhor hipótese para explicar a existência de diferenças entre as borboletas que havia observado havia sido proposta por Darwin, e afirmou:

There is evidently therefore some more subtle agency at work in the segregation of a race than the direct operation of external conditions. The principle of natural selection, as lately propounded by Darwin, seems to offer an intelligible explanation of the facts.⁶⁰⁴

Tendo feito todas estas observações e coletado um número considerável de espécimes de *Heliconii* que comprovassem suas proposições, Bates aproveitou novamente da oportunidade de acompanhar uma expedição comercial para cidades vizinhas. A bordo de uma canoa coberta comandada pelo comerciante Penna, partiu em 19 de novembro de 1849 com direção ao Rio Negro. Desta vez, afirmou não ter recebido sua passagem gratuitamente. Pagou-a contribuindo com um estoque de mantimentos para dois meses de viagem. A bordo da canoa, era acompanhado pela família de Penna, composta por sua esposa e duas crianças, e uma tripulação composta por três homens, “one a sturdy Indian, another a Cafuzo, godson of Penna, and the third, our best hand, a steady, good-natured mulato, named Joaquim⁶⁰⁵”. Continuava, também, acompanhado do menino Luco, que foi levado para auxiliar a remar a embarcação.

Se, em sua última viagem, passou duas semanas sem pisar em terra firme, desta vez não faltaram oportunidades para desembarcar, conhecer pequenos vilarejos ribeirinhos, e coletar espécimes em diferentes localidades. Ao longo da jornada, Bates observou e anotou em seu livro de viagem episódios sobre cada um dos lugares conhecidos. Além de seu constante interesse pela natureza local e as diferenças entre as espécies encontradas, também descreveu os habitantes dos vilarejos, suas habitações e seus costumes. Conheceu, ao longo do trajeto, diversos grupos indígenas, os quais descreveu e comparou. Com o passar dos meses, aprendeu

⁶⁰⁴ *Ibidem.* p. 263.

⁶⁰⁵ *Ibidem.* p. 267.

a dominar as línguas portuguesa e geral, e fez anotações sobre frases e palavras em alguns idiomas indígenas como tupi, maué e mundurucu. Segundo Bates, existia uma miríade de idiomas indígenas falados pelos diferentes grupos que habitavam o Amazonas e era possível encontrar “*seven or eight different languages being sometimes spoken on the same river, within a distance of 200 or 300 miles*”⁶⁰⁶. No entanto, afirmou que havia muitas semelhanças entre os diferentes idiomas indígenas, o que facilitava o aprendizado das diversas variantes. O motivo de haver poucas diferenças, segundo o viajante, tinha algo a ver com o limite de variedades na própria vida indígena. Em seu livro, afirmou:

The ideas to be expressed in their limited sphere of life and thought are few; consequently the stock of words is extremely small; besides, all Indians have the same way of thinking, and the same objects to talk about; the circumstances also contribute to the ease with which they learn each other's language.⁶⁰⁷

Durante os 11 anos de residência no país, Bates teve diversas oportunidades para se aproximar dos grupos indígenas com os quais teve contato. Em certa ocasião, participou de um dos festivais homenagem à Nossa Senhora da Conceição, celebrado em tupi por um grupo que estimou conter entre 50 e 60 indígenas e mamelucos em Cararaucú. Ao longo de sua permanência no país, participou de diversas festividades católicas e indígenas, e registrou em seu livro a forma como os habitantes locais celebravam seus festejos religiosos. Em sua narrativa, o viajante descreveu e registrou suas impressões sobre celebrações desde os mais tradicionais santos católicos até o festival indígena das frutas. Segundo Campos⁶⁰⁸, quando observava celebrações religiosas, Bates “esteve entre o susto imediato e suas bases culturais”⁶⁰⁹, pois tinha dificuldades em compreender que práticas que considerava profanas, como o ato de embriagar-se com bebidas alcólicas durante as festividades, faziam parte da religiosidade dos habitantes. Assim, embora marcadas por sua interpretação dos eventos, as descrições contidas em seu livro fornecem informações importantes para o estudo da cultura popular e religiosa do Amazonas, incluindo as celebrações e costumes indígenas.

⁶⁰⁶ *Ibidem*. p. 330.

⁶⁰⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 199.

⁶⁰⁸ CAMPOS, Ipojucan. Religião e religiosidade em “O naturalista no Rio Amazonas”: Henry Walter Bates, Grão-Pará (1848/1859). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº 16, jan.-jul. 2014, p. 57-84. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/download/1637/1935>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

⁶⁰⁹ *Ibidem*. p. 59.

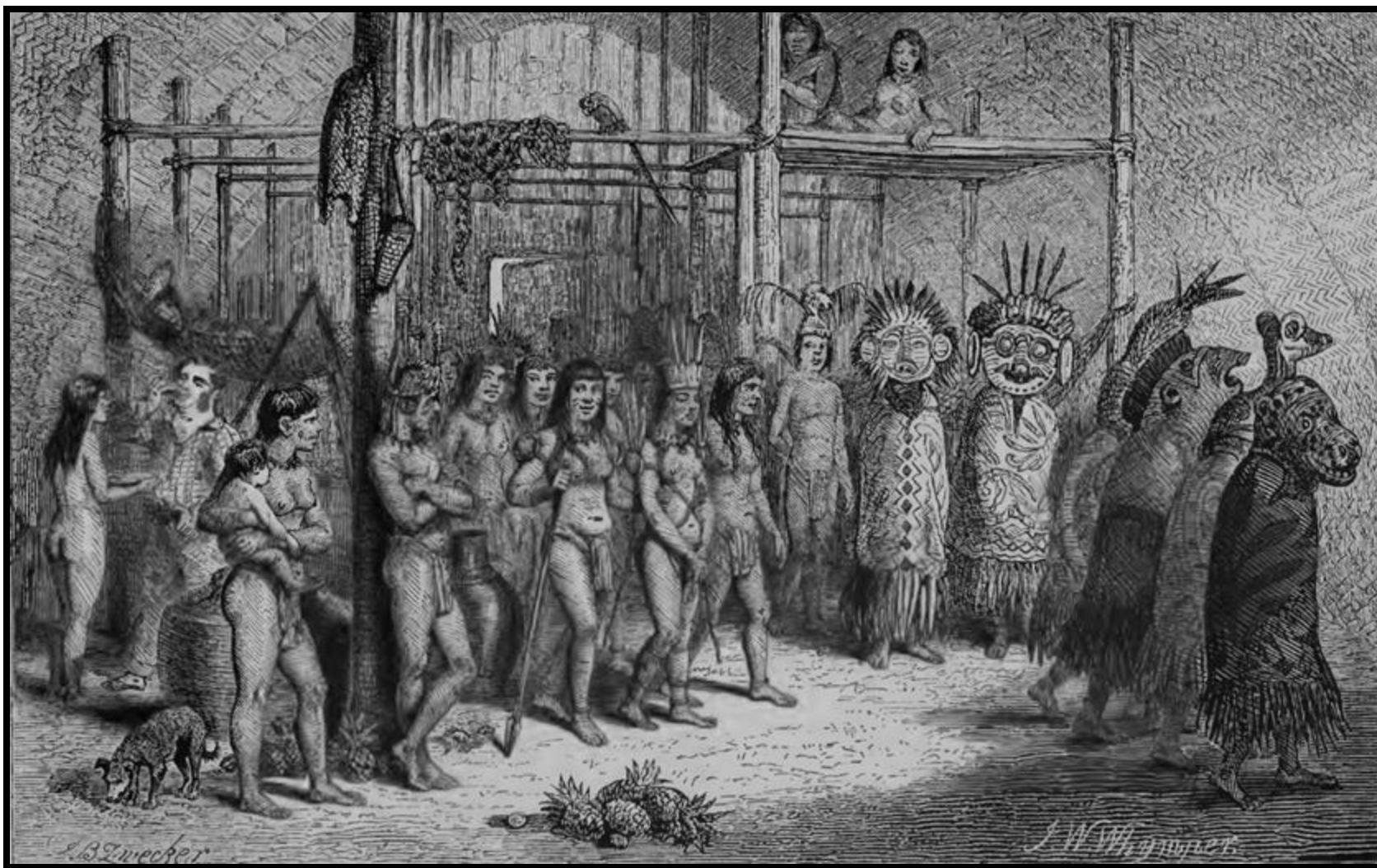


Figura 22: Nesta figura ilustrativa de um festival indígena participado por Bates, é interessante notar a representação do naturalista ao fundo.⁶¹⁰

⁶¹⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* frontispício.

Em outro momento de seu livro de viagem, registrou também a forma como a população indígena participava do festival católico em homenagem à São João. Durante a festa, os nativos se fantasiavam como animais locais ou figuras mitológicas, como o Caipora, e encenavam e cantavam para a alegria do povo. Segundo seu relato, um dos indígenas havia lhe pedido emprestado uma camisa antiga e um chapéu de palha para vestir na encenação. Bates descobriu apenas no dia da festa que o jovem indígena se apresentaria fantasiado como o viajante, “*to the infinite amusement of the townsfolk*”⁶¹¹. A incorporação de Bates ao rol de criaturas fantásticas e curiosas representadas no festival talvez seja indicativo da curiosidade causada pelo próprio viajante no indígena que, bem-humoradamente, resolveu homenageá-lo. Bates descreveu a situação em sua narrativa:

I felt rather taken in when I saw him, on the night of the performance, rigged out as an entomologist, with an insect net, hunting bag, and pincushion. To make the imitation complete, he had borrowed the frame of an old pair of spectacles, and went about with it straddled over his nose.⁶¹²

Muitos dos vilarejos visitados no interior possuíam uma população majoritariamente composta por indígenas. Em Serpa, onde Bates passou o seu segundo natal no Brasil, descreveu como o cerimonial da festividade ainda seguia os padrões que haviam sido ensinados aos indígenas pelos missionários jesuítas. Na época, mencionou que a cidade tinha uma aparência deplorável, que só melhoraria após 1853, com a inauguração de uma estação onde paravam as embarcações da Companhia de Navegação do Amazonas. A proximidade da celebração natalina, no entanto, havia levado à cidade um grande número de pessoas. O pequeno porto, segundo Bates, estava repleto de embarcações de todos os tipos. Na cidade, conheceu o Capitão Manoel Joaquim, “*who had quite a reputation throughout the interior of the country for generosity, and for being a firm friend of foreign residents and stray travellers*”⁶¹³.

Após as celebrações, Penna decidiu seguir viagem em direção ao sítio de um fazendeiro chamado João Trindade, descrito por Bates como sendo, além de fazendeiro, um comerciante, pescador e construtor de canoas. O caminho incluía uma passagem pelo trecho onde ocorre a junção dos rios Madeira e Amazonas. A vastidão dos cursos de água surpreendeu o naturalista, que afirmou não estar preparado para encontrar uma amplidão tão vasta de águas tão longe do oceano⁶¹⁴. Em seu livro, resumiu seu sentimento de admiração com a magnitude dos rios com as seguintes palavras:

⁶¹¹ *Ibidem.* p. 205.

⁶¹² *Ibidem.* p. 205.

⁶¹³ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 309.

⁶¹⁴ *Ibidem.* p. 313.

Whilst travelling week after week along the somewhat monotonous stream, often hemmed in between islands, and becoming thoroughly familiar with it, my sense of the magnitude of this vast water system had become gradually deadened; but this noble sight renewed the first feelings of wonder. One is inclined, in such places as these, to think the Paraenses do not exaggerate much when they call the Amazons the Mediterranean of South America.⁶¹⁵

A viagem em companhia do grupo de Penna chegou ao final em 22 de janeiro de 1850, quando chegaram à cidade de Barra (atualmente Manaus). Os primeiros comentários do viajante, antes mesmo de desembarcar, foram sobre sua admiração ao observar pela primeira vez o Rio Negro. A ausência de correnteza fez com que comparasse o Negro com um grande lago, enquanto a diferença entre a coloração de suas águas com as do Solimões chamou sua atenção pelo contraste extraordinário existente na região onde os dois cursos de água se encontram. Sobre a cidade, teceu comentários semelhantes aos que havia proferido anteriormente sobre Santarém. Considerou seu clima agradável e saudável, o solo fértil, e a posição estratégica devido à proximidade com o Rio Negro. Embora a cidade só fosse receber maior desenvolvimento após 1853, com a inauguração de uma das estações da Companhia de Navegação do Amazonas, Bates já previa um futuro próspero, preconizando em seu relato:

The imagination becomes excited when one reflects on the possible future of this place, situated near the centre of the equatorial part of South America, in the midst of a region almost as large as Europe, every inch of whose soil is of the most exuberant fertility, and having water communication on one side with the Atlantic, and on the other with the Spanish republics of Venezuela, New Granada, Ecuador, Peru, and Bolivia.⁶¹⁶

Antes de Bates, outros viajantes, como Edwards, também já haviam previsto o potencial da cidade e acenado para a sua potencialidade de se tornar um dos mais importantes portos comerciais internacionalmente. É interessante, ainda, assinalar que, para Edwards⁶¹⁷, um dos elementos necessários para o completo desenvolvimento da cidade era, justamente, a abertura de uma companhia de navegação a vapor que facilitasse o comércio amazônico, fato que se tornaria realidade sete anos após ter deixado o país, após pressões políticas diversas não apenas de setores comerciais locais, mas também do governo estadunidense. Tal influência é aparente, inclusive, durante a passagem de Louis Agassiz pelo Brasil⁶¹⁸.

No entanto, notou que, na época de sua chegada, a população de cerca de três mil habitantes estava em declínio. Percebeu, ainda, ao longo dos meses em que permaneceu na região, que à medida em que os indígenas descobriam serem cidadãos livres e protegidos por lei do trabalho forçado, preferiam deixar a cidade e se mudar para vilarejos menores no interior.

⁶¹⁵ *Ibidem.* p. 313.

⁶¹⁶ *Ibidem.* p. 338.

⁶¹⁷ EDWARDS, William H. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará.* op. cit. p. 251.

⁶¹⁸ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis.* op. cit.

Bates atribuía a vontade dos indígenas em se distanciarem dos centros urbanos ao modo como eram tratados pela população, afirmando:

There can be no doubt that if the docile Amazonian Indians were kindly treated by their white fellow-citizens, and educated, they would not be so quick as they have hitherto shown themselves to be to leave the towns and return into their half wild condition on the advancing civilisation of the places.⁶¹⁹

Foi também na cidade de Barra que se reuniu novamente com seu companheiro Wallace, que agora viajava acompanhado de seu irmão Herbert Edward Wallace (1829-1851), recém-chegado da Inglaterra. Separados há mais de um ano, a dupla de naturalistas aproveitou a oportunidade para comparar suas coleções e discutir suas observações sobre a natureza brasileira. A chegada do período de chuvas, com torrentes diárias, contribuiu para manter reunidos um grupo considerável de estrangeiros que estavam visitando a cidade. Segundo Bates:

Besides ourselves, there were half-a-dozen other foreigners here congregated, - Englishmen, Germans, and Americans; one of them a Natural History collector, the rest traders on the rivers. In the pleasant society of these, and of the family of Senhor Henrique, we passed a delightful time; the miseries of our long river voyages were soon forgotten, and in two or three weeks we began to talk of further explorations.⁶²⁰

Durante o período em que teve de permanecer na cidade, aproveitou para investigar seus arredores e coletar espécimes, afirmando ter sido a melhor região para capturar insetos coleópteros no país⁶²¹. Enquanto caminhava por uma das matas que circundavam a cidade, encontrou uma pequena cascata, onde informou que as famílias costumavam se reunir para fazer piqueniques, e descobriu ser um dos locais ilustrados por Spix e Martius em seu atlas sobre as palmeiras brasileiras. Segundo Bates:

This place is classic ground to the Naturalist, from having been a favourite spot with the celebrated travellers Spix and Martius, during their stay at Barra in 1820. Von Martius was so much impressed by its magical beauty that he commemorated the visit by making a sketch of the scenery serve as background in one of the plates of his great work on the palms.⁶²²

⁶¹⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 192.

⁶²⁰ *Ibidem.* p. 341.

⁶²¹ *Ibidem.* p. 344.

⁶²² *Ibidem.* p. 345.



Figura 23: Ilustração referida por Bates, na obra de von Martius sobre as palmeiras.⁶²³

Foram cerca de três meses de intensas chuvas, até que finalmente Bates, Wallace, e outros estrangeiros que estavam na cidade, pudessem retomar seus trajetos. Enquanto Wallace seguiu em direção ao Rio Negro, o naturalista de Leicester seguiu o curso do Rio Solimões. No dia 26 de março de 1850, embarcou em uma canoa pertencente ao comerciante Daniel Cardoso, e comandada pelo Cabo Estulano Alves Carneiro, “*who has since risen to be a distinguished citizen of the new province of the Upper Amazons*⁶²⁴”, e seu grupo composto por dez indígenas Cucama. A navegação pelo Solimões foi atribulada, marcada pelas violentas correntezas que caracterizam o rio e que quase fizeram com que a embarcação afundasse. Segundo Bates, foi necessária toda a experiência dos tripulantes indígenas para manter o barco seguindo seu destino com segurança. Em seu relato, afirmou:

It would be difficult to find a better-behaved set of men in a voyage than these poor Indians. During our thirty-five days' journey they lived and worked together in the most perfect good fellowship. I never heard an angry word pass amongst them. Senhor Estulano let them navigate the vessel in their own way, exerting his authority only now and then when they were inclined to be lazy.⁶²⁵

⁶²³ MARTIUS, Carol. Frid. Phil. de. *Historia naturalis palmarum*. vol. II, Lipsiae: T.O. Weigel, 1823-1850. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/506>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

⁶²⁴ *Ibidem*. p. 154.

⁶²⁵ *Ibidem*. p. 160.

Durante as semanas seguintes, dividiu a canoa com a tripulação indígena e inseriu em seu livro várias observações que fez sobre os nativos e sobre os locais por onde paravam para descansar. Todo o trajeto da viagem até Ega (atualmente Tefé) parece ter sido calmo e sem grandes acontecimentos, exceto por uma manhã quando afirmou ter sido acordado por um estrondoso e incomum barulho, “*resembling the roar of artillery*”⁶²⁶. Pensou ser um terremoto, mas ficou em dúvida quando ouviu novas explosões, desta vez parecendo terem ocorrido mais próximas de sua embarcação. Também acordado pelos sons, o índio Vicente logo identificou do que se tratava e explicou ao viajante que se tratavam das “terras caídas”, fenômeno muito temido por aqueles que navegavam por aqueles rios⁶²⁷. Em um primeiro momento, Bates não acreditou no relato do indígena, porém, ao seguirem viagem, observou o rastro de destruição causado pela erosão. Após 35 dias de viagem, Bates refletiu sobre sua expedição ao Brasil em meio ao silêncio da noite, escrevendo:

It was necessary for me, on many accounts, to find a rich locality for Natural History explorations, and settle myself in it for some months or years. Would the neighbourhood of Ega turn out to be suitable, and should I, a solitary stranger on a strange errand, find a welcome amongst its people?⁶²⁸

A recepção que obteve na cidade de Ega foi, segundo afirmou, uma das melhores que recebeu no país. Na cidade, foi recebido pelo delegado de polícia, Antônio Cardoso, que mandou que fosse abatido um boi em honra de seus visitantes. No dia seguinte, Cardoso levou Bates para conhecer todos os principais moradores da cidade, deixando o viajante “*astonished at the boundless good nature of this excellent fellow*”⁶²⁹. Dentre os moradores que conheceu, destacou o comerciante Romão de Oliveira que, embora nunca tivesse viajado para outros lugares, “*could converse well and sensibly, making observations on men and things as sagaciously as though he had drawn them from long experience of life in a European capital*”⁶³⁰. Romão era o único, segundo Bates, que sabia que a cidade de Ega havia sido base de uma importante comissão científica entre os anos de 1781 e 1791, que havia atuado na divisão dos impérios português e espanhol pelo Tratado de Santo Ildefonso.

Durante os próximos doze meses, Bates alugou uma casa e permaneceu na cidade, onde manteve “*a quiet, uneventful life in the settlement, following my pursuit in the same peaceful, regular way, as a Naturalist might do in a European village*”⁶³¹. A cidade parecia ser um ponto de parada comum aos viajantes que passavam pela região, o que possivelmente amplificou a

⁶²⁶ *Ibidem.* p. 172.

⁶²⁷ *Ibidem.* p. 172.

⁶²⁸ *Ibidem.* p. 178.

⁶²⁹ *Ibidem.* p. 179.

⁶³⁰ *Ibidem.* p. 181.

⁶³¹ *Ibidem.* p. 181.

sensação de estar em uma cidade europeia. Ao longo do tempo em que permaneceu, Bates indicou ter encontrado, embora não os tenha nomeado, com três viajantes franceses e dois italianos, todos recém-chegados dos Andes peruanos. Em seu livro, relatou ter aproveitado da companhia agradável destes viajantes e informou, ainda, que três deles se casaram com indígenas e permaneceram no país posteriormente.

Embora já estivesse acostumado a se relacionar com a população local, e possuísse alguns amigos brasileiros, é notável como o viajante associou a companhia de estrangeiros com o estímulo intelectual. Assim, é possível notar novamente como a presença de uma pequena comunidade de viajantes e expatriados se fazia importante aos viajantes naturalistas que aportavam no país. Sem estes, Bates destacou sentimentos de solidão e enfadimento que nem mesmo a contemplação da diversidade da natureza poderiam aplacar. Em seu relato, destacou:

The want of intellectual society, and of the varied excitement of European life, was also felt most acutely, and this, instead of becoming deadened by time, increased until it became almost insupportable. I was obliged, at last, to come to the conclusion that the contemplation of Nature alone is not sufficient to fill the human heart and mind.⁶³²

Ainda assim, registrou que manteve uma boa relação com todos os habitantes da cidade durante toda a sua residência⁶³³. No entanto, revelou vagamente que “*circumstances then compelled me to return to Pará*⁶³⁴”. As misteriosas circunstâncias mencionadas só são explicadas pelo viajante muitos capítulos depois. Tendo passado um ano sem receber os lucros das vendas de suas coleções em Londres, sua situação financeira era precária e necessitava comprar novas roupas. Seus sapatos estavam tão gastos que teve de jogá-los fora, e afirmou que caminhar descalço pelas florestas era um grande inconveniente. Para piorar sua situação, um dos indígenas que havia contratado para auxiliá-lo fugiu com quase todo o dinheiro que carregava consigo⁶³⁵.

Assim, viu-se obrigado a retornar ao Pará. Na capital, possuía contatos que poderiam ajuda-lo e poderia retirar o dinheiro enviado por Stevens. Assim, não hesitou em aproveitar a carona que lhe havia sido oferecida por um comerciante que se dirigia à capital. Ao chegar na cidade onde havia vivido durante seus primeiros meses no país, ficou surpreso com o cenário que encontrou. Durante sua ausência, a região havia sofrido com a presença de duas epidemias. Em 1850, três quartos da população caíram vítimas da febre amarela, que contribuiu para a morte de cerca de 5% dos habitantes. Em seguida, foi a vez da varíola, que dizimou mais uma

⁶³² *Ibidem.* p. 186.

⁶³³ *Ibidem.* p. 183.

⁶³⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons.* vol. I. 1863. *op. cit.*p. 347.

⁶³⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons.* vol. II. 1863. *op. cit.*p. 186.

porção da população local. Segundo o viajante, enquanto a febre amarela havia acometido principalmente a população branca e mestiça, a varíola havia tido o efeito contrário, assolando principalmente negros e indígenas.

Em sua narrativa, Bates descreveu as medidas tomadas pelo governo local para tentar controlar as epidemias, além de reproduzir os relatos de alguns moradores que haviam sobrevivido, como o cônsul estadunidense Henry Lee Norris. De acordo com as informações que reuniu, a chegada das epidemias foi prefaciada por uma atmosfera pesada e pela presença de um vapor turvo que se espalhou pela cidade, ganhando o apelido de “mãe da peste”, sendo a causa atribuída pelos moradores para a pestilência que acometia a cidade. Quando Bates chegou, em abril de 1851, a cidade ainda não estava completamente livre das epidemias, principalmente da febre amarela.

Foi durante este período que Bates reencontrou o irmão de Wallace. Segundo Wallace confessou em sua autobiografia, seu irmão não tinha a mesma aptidão para a História Natural e, por isso, achou melhor que se separassem. Determinado a voltar para a Inglaterra, Herbert estava na capital com passagens compradas de volta para Liverpool, apenas aguardando o dia de seu embarque. Contudo, antes que pudesse deixar o país, foi acometido pela febre amarela. De acordo com seu irmão:

After a year's experience it was now clear that my brother was not fitted to become a good natural-history collector, as he took little interest in birds or insects, and without enthusiasm in the pursuit he would not have been likely to succeed. [...] I left him what money I could spare, and as he was now well acquainted with the country, and could, if absolutely necessary, get an advance from our agents at Pará, I had little doubt that he would get home without difficulty. But I never saw him again.⁶³⁶

Segundo uma carta enviada por Bates para a mãe dos Wallace, datada de 13 de junho de 1851, Herbert estava morando em uma casa próxima à sua na cidade, e frequentemente se reuniam com Daniel Miller para tomarem chá. Certa noite, no entanto, os primeiros sintomas da doença se mostraram presentes e, desejando que obtivesse o melhor tratamento possível, Bates chamou por um médico da cidade, identificado na carta como Dr. Camilo. Apesar do tratamento indicado ter resultado em alguma melhora, um revés repentino rapidamente o abateu. Herbert foi enterrado no antigo cemitério anglicano em Belém, e Bates escreveu para sua família na Inglaterra noticiando o seu falecimento, e dizendo:

It will be some consolation to you to know that he met with the kindest attention from the English residents here especially from the vice consul Mr. Miller who frequently visited him. I myself slept by his side four nights when

⁶³⁶ WALLACE, Alfred Russel. *My life*. vol. I. 1905. *op. cit.* p. 281.

I was rather alarmed by being suddenly seized with similar symptoms myself...⁶³⁷

De fato, poucos dias após o contato com Herbert, foi a vez de Bates ser acometido pela febre amarela. Uma vez que todos os médicos da cidade já estavam ocupados com dezenas de outros pacientes e tendo observado o tratamento prescrito pelo Dr. Camilo para Herbert, considerou-se apto a auto medicar-se. Em seu livro, relatou ter tomado como remédio alguns chás medicinais, dentre os quais destacou um feito a partir de uma erva chamada pelos indígenas de pajemarioba (possivelmente a manjerioba, ou chá de fedegoso). A partir de seu relato também é possível identificar alguns dos principais períodos em que estas cidades foram acometidas por graves epidemias, pois o viajante cita, inclusive, um relatório publicado pelo presidente da província Jerônimo Francisco Coelho (1806-1860).

A presença das epidemias na cidade foi apresentada no livro de Bates a partir dos pontos de vista de diversos moradores locais, e inclui informações sobre as ervas medicinais utilizadas pelos indígenas para tentar aplacar as doenças, como a pajemarioba, o caju⁶³⁸ e o mururé⁶³⁹. Ao longo de suas descrições de diversos exemplares botânicos, também são comuns os comentários sobre os usos locais das espécies, incluindo suas possibilidades de uso para a indústria, para a alimentação e para a medicina. Por estes motivos, os livros publicados por viajantes como Bates compõem um importante *corpus* documental para investigações sobre a ocorrência de epidemias no Brasil colonial, bem como sobre os procedimentos e remédios utilizados pela população.

Hospedado na casa de um compatriota de sobrenome Philipps⁶⁴⁰, afirmou ter levado um total de oito dias até estar completamente recuperado. Só então foi capaz de organizar os espécimes capturados durante o tempo que permaneceu afastado do Pará, os quais prontamente enviou para Stevens, esperando receber os lucros das vendas para poder planejar nova excursão ao interior.

Foi necessário mais de um ano até que Bates recebesse os lucros dos espécimes vendidos por Bates em Londres e, assim, o naturalista só pode retomar suas viagens pelo interior do país

⁶³⁷ BATES, Henry Walter. [Carta] 13 jun. 1851. Pará, Brasil. [para] WALLACE, Mary Ann. Weston Super Mare, United Kingdom. 3f. Informando sobre a morte de Herbert Wallace por febre amarela no Pará. WCP1658 (Natural History Museum Library and Archives, London, United Kingdom). 21 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1658/1531/T/details.html>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

⁶³⁸ *Ibidem*. p. 22.

⁶³⁹ *Ibidem*. p. 79.

⁶⁴⁰ Por não mencionar seu primeiro nome ou maiores informações sobre o mesmo, até o momento não foi possível identificar de quem se trata.

em novembro de 1851, a partir de quando começou a planejar e organizar suas próprias expedições, sem a necessidade de depender da rede de comerciantes locais.

3.9. ORGANIZANDO SUAS PRÓPRIAS EXCURSÕES PELO INTERIOR

Uma vez recuperado, Bates montou um ambicioso plano para prosseguir sua viagem, planejando alcançar a cordilheira dos Andes, no Peru. No entanto, a deterioração de sua saúde foi um dos fatores que acabou por eventualmente fazê-lo desistir da ideia. Além da questão física, Bates também recebeu em 1858 uma carta de seu amigo Wallace, à época estabelecido na ilha de Ternate, nas Molucas, em que afirmava acreditar que Bates se decepcionaria com a quantidade de espécies de borboletas que encontraria nas terras altas andinas, em comparação com a grande abundância de espécies que habitavam locais mais próximos do nível do mar⁶⁴¹.

Deixando a capital paraense, Bates decidiu que seu primeiro destino seria retornar para a cidade de Santarém. Ao chegar na cidade, permaneceu por um total de três anos e meio, com o objetivo de tê-la como base para explorar a totalidade do curso do Rio Tapajós. Para isso, alugou uma casa de três quartos por 12 mil réis mensais, e contratou um jovem mulato chamado José para auxiliá-lo na manutenção da propriedade e nas tarefas diárias.

Diariamente, Bates saía para explorar as matas nos arredores da cidade, acompanhado de José. Durante a noite, passou a frequentar os encontros sociais promovidos pela alta sociedade santareense. Ao longo de sua permanência, entre 1851 e 1854, acompanhou as transformações ocasionadas após a inauguração da linha de vapores da Companhia de Navegação do Amazonas, em 1853. Segundo informou, o trajeto entre a capital paraense e a embocadura do Rio Negro levava 40 dias na época de secas e até três meses durante o período de enchentes. Com a inauguração da linha de vapores, observou que o trajeto passava a ser completado em apenas oito dias, independentemente da época do ano. Com a travessia fluvial facilitada, Bates afirmou que houve uma “*flood of new ideas and fashions into the country*”⁶⁴². Destacou, ainda, o aumento da demanda por produtos importados e mudanças culturais e comportamentais na população, como o avanço em relação ao tratamento igualitário entre homens e mulheres. Em seu livro, afirmou:

⁶⁴¹ WALLACE, Alfred Russel. [Cara] 25 jan. 1858. [para] BATES, Henry Walter. 3f. Sobre suas viagens e a expectativa de se reencontrarem na Inglaterra. Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.

⁶⁴² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 6.

The old, bigoted, Portuguese system of treating women, which stifled social intercourse and wrought endless evils in the private life of the Brazilians, is now being gradually, although slowly, abandoned.⁶⁴³

Além das transformações que presenciou, também conheceu muito da história de Santarém por meio dos relatos de moradores com quem socializava regularmente, como o imigrante John Hislop. Notou, ainda, que muitos dos habitantes pareciam desconhecer completamente os arredores da cidade, não costumando frequentar as florestas que tanto interessavam ao naturalista. Para Bates, faltava à população curiosidade e determinação para investigar os arredores da cidade. Segundo relatou:

The Brazilian settlers on the banks of the Amazons seem to have no taste for explorations by land, and I could find no person willing to accompany me on an excursion further towards the interior.⁶⁴⁴

Assim, durante sua permanência em Santarém, suas excursões para coletar espécimes foram geralmente solitárias ou acompanhadas apenas por seu ajudante José. Posteriormente, também passou a ser acompanhado por uma mulher indígena de nome Cecília, popularmente conhecida na região pela reputação de ser feitiçeira. Foram frequentes os encontros com Cecília em meio à mata e, embora não acreditasse em bruxaria, apreciava o conhecimento que a mulher possuía da natureza local, e afirmou ficar sempre “*much amused at the accounts she gave of the place*⁶⁴⁵”.

Durante seis meses, Bates manteve Santarém como sua base e, neste período, capturou uma grande quantidade de espécimes para enviar para a Inglaterra, incluindo muitas espécies que não havia encontrado anteriormente. Em seu livro, o viajante reservou dezenas de páginas para descrever as novas espécies que conheceu e seus hábitos. Destacou, principalmente, o estudo meticuloso que fez sobre colônias de formigas e cupins, comparando a organização destas sociedades de insetos com o mundo humano. Ficou particularmente admirado pela divisão de trabalho entre os cupins, identificando características morfológicas que diferenciavam cupins encarregados de diferentes tarefas em suas colônias. Ao notar estas adaptações físicas às funções sociais que possuíam, Bates escreveu:

What a strange spectacle is offered to us in the organisation of these insect communities! Nothing analogous occurs amongst the higher animals. Social instincts exist in many species of mammals and birds, where numerous individuals unite to build common habitations, as we see in the case of weaver-birds and beavers; but the principle of division of labour, the setting apart of classes of individuals for certain employments, occurs only in human societies in an advanced state of civilisation. [...] The wonderful part in the history of the Termites is, that not only is there a rigid division of labour, but nature has

⁶⁴³ *Ibidem.* p. 6.

⁶⁴⁴ *Ibidem.* p. 47.

⁶⁴⁵ *Ibidem.* p. 53.

given to each class a structure of body adapting it to the kind of labour it has to perform.⁶⁴⁶

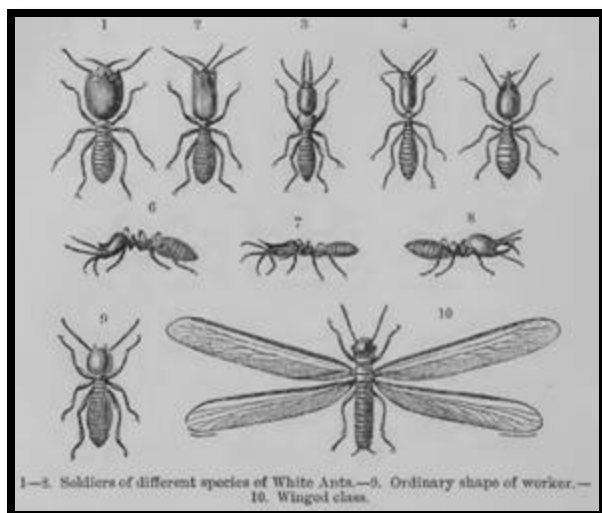


Figura 24: Estudo de Bates sobre as diferentes espécies de formigas que encontrou.⁶⁴⁷

Ainda sobre os insetos, afirmou ter capturado 140 espécies diferentes de abelhas na região. Também conseguiu coletar diversos répteis de grande porte, como o teiú, que ilustrou em seu livro de viagem, e alguns mamíferos. Dentre estes últimos, estudou e descreveu diferentes espécies de bicho-preguiça que, além de possuírem valor científico, também eram comumente consumidos pela população indígena com quem se relacionou.

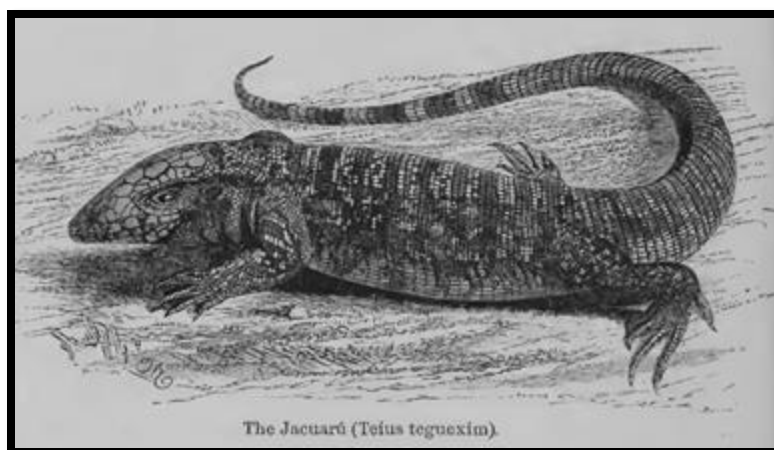


Figura 25: O teiú, também chamado de jacuarú, segundo Bates.⁶⁴⁸

A experiência que havia adquirido no deslocamento através do interior do país, as relações sociais que havia construído durante sua estada, e o aprendizado dos principais idiomas utilizados localmente (o português e a língua geral), permitiram que Bates adquirisse maior

⁶⁴⁶ *Ibidem.* p. 64.

⁶⁴⁷ *Ibidem.* p. 64.

⁶⁴⁸ *Ibidem.* p. 52.

independência para se movimentar pelo país. Em junho de 1852, planejou um novo deslocamento. A partir do dinheiro que havia sido enviado por Stevens, referente aos lucros dos espécimes que havia vendido na Inglaterra, conseguiu alugar pelo valor de 500 réis uma canoa coberta. Ao longo de uma semana, preparou a embarcação com a ajuda de José, carregando - a com todos os seus pertences, um estoque de alimentos, e mais uma série de itens que afirmou serem muito utilizados como moeda de troca no interior do país, como cachaça, pólvora, tecidos de algodão, ferramentas e outras pequenas mercadorias.

Um dos obstáculos que encontrou, ao planejar independentemente o seu trajeto, foi conseguir informações precisas sobre os rios, uma vez que mapas eram um artigo escasso por essas regiões onde o conhecimento empírico e a experiência eram os principais instrumentos de navegação. Desta forma, era preciso conseguir empregar alguns navegadores experientes para auxiliar no manejo da embarcação. A tarefa, no entanto, trouxe grande dificuldade.

Segundo Bates:

The hiring of men to navigate the vessel was our greatest trouble. José was to be my helmsman, and we thought three other hands would be the fewest with which we could venture. But all our endeavours to procure these were fruitless. Santarem is worse provided with Indian canoeemen than any other town on the river. I found, on applying to the tradesmen to whom I had brought letters of introduction and to the Brazilian authorities, that almost any favour would be sooner granted than the loan of hands. A stranger, however, is obliged to depend on them; for it is impossible to find an Indian or half-caste whom some one or other of the head-men do not claim as owing him money or labour. I was afraid at one time I should have been forced to abandon my project on this account.⁶⁴⁹

A dificuldade só foi superada com o auxílio de José, que conseguiu encontrar um mulato de sobrenome Pinto, que concordou em acompanhar o naturalista. Apesar de estarem fartamente munidos de provisões, e contassem ainda com uma segunda canoa alugada por Bates, a falta de experiência do grupo e as dificuldades em navegar pelo Rio Tapajós trouxeram alguns desafios. Quando chegaram na cidade de Alter do Chão, haviam perdido uma de suas canoas e parte de seus mantimentos para a correnteza do rio. Pelos próximos nove dias, tomaram a cidade por base e fizeram pequenas excursões pelas redondezas, sempre acompanhados pelo Capitão Thomas, “*the head man of the place*⁶⁵⁰”. Além de atuar como guia, Thomas também foi o responsável por encontrar um jovem indígena chamado Manoel para seguir viagem com Bates, José e Pinto.

Ao longo de um mês, o grupo explorou extensamente a região. A dinâmica entre Bates e seus ajudantes, no entanto, não era das melhores. Durante uma visita a cidade de Aveiro,

⁶⁴⁹ *Ibidem.* p. 73.

⁶⁵⁰ *Ibidem.* p. 77.

relatou estar frustrado com o mulato Pinto, que tinha o costume de embriagar-se, e dispensou-o. Na mesma cidade, Manoel também abandonou o grupo, sem justificar sua saída. Incapacitado de seguir viagem apenas com José, recorreu ao Capitão Antônio, que atuava como capitão dos trabalhadores naquela região, para conseguir novos ajudantes. A principal dificuldade, segundo Bates, era o número limitado de famílias indígenas que habitavam na região, o que é indicativo da importância dos indígenas para o deslocamento de naturalistas viajantes pelo interior do país. Além disso, afirmou ainda que, “*the able-bodied men had been nearly all drafted within the last few weeks by the Government, to accompany a military expedition against runaway negroes, settled in villages in the interior*”⁶⁵¹.

Nesta situação, Bates afirmou depender do capitão dos trabalhadores. O cargo, segundo o viajante, era nomeado pelo governo brasileiro e sua função consistia em reunir trabalhadores indígenas no interior para que pudessem, dentre outras coisas, acompanhar os viajantes que precisassem de barqueiros. Em seu livro, descreveu o funcionamento destas organizações, e o abuso da autoridade dos capitães, da seguinte forma:

A semi military organisation is given to the bodies; some of the steadiest amongst the Indians themselves being nominated as sergeants, and all the members mustered at the principal village of their district twice a-year. The captains, however, universally abuse their authority, monopolising the service of the men for their own purposes, so that it is only by favour that the loan of a canoe-hand can be wrung from them. I was treated by Captain Antonio with great consideration, and promised two good Indians when I should be ready to continue my voyage.⁶⁵²

Enquanto esperava pelo auxílio necessário para seguir viagem, Bates aproveitou para enriquecer suas coleções de insetos da região. Em seus cadernos de anotação, contabilizou que, em quarenta dias, conseguiu identificar 300 espécies diferentes de borboletas a apenas meia hora de caminhada do centro da cidade. Em poucos dias, o Capitão Antônio conseguiu encontrar dois jovens indígenas, chamados Ricardo e Alberto, para acompanharem o naturalista em sua expedição.

Assim, foi possível deixar a cidade de Aveiro em agosto e o grupo seguiu pelo Rio Cuparí, fazendo constantes paradas nos vilarejos ribeirinhos para a coleta de espécimes. Em todos os lugares que visitou, Bates aliou à descrição da natureza local um relato sobre seus habitantes, indicando especialmente aqueles com quem teve contato e que o auxiliaram durante a sua expedição. Embora sua passagem por estes pequenos vilarejos tenha sido sempre curta,

⁶⁵¹ *Ibidem.* p. 148.

⁶⁵² *Ibidem.* p. 93.

conseguiu reunir uma farta quantidade de espécimes e conheceu uma variedade de habitantes locais, incluindo diversos grupos indígenas.

A partir de suas observações, Bates narrou as principais características que distinguiam os diferentes grupos indígenas, tentando também identificar suas origens e analisar aquilo que os diferenciavam. Segundo observou, apesar das profundas diferenças culturais e linguísticas entre os diversos grupos indígenas do Amazonas, todos deveriam ser originários de um mesmo agrupamento humano que chegou à região e posteriormente se separou. A separação e o consequente isolamento entre os grupos teria sido o motivo do surgimento das diferenças observadas. Além de reunir informações sobre os indígenas que observou, Bates também adquiriu alguns cetros de bambu decorados com penas de um grupo Mundurucu, que seria considerado “*the most expert workers in feathers of all the South American tribes*”⁶⁵³.

Durante o período em que ficou hospedado com os Mundurucu, Bates narrou um episódio interessante em que apresentou aos indígenas gravuras de animais que não conheciam. Além das correspondências que recebia de Stevens, seu agente também mantinha o costume de enviar ao viajante algumas das principais publicações científicas que haviam sido lançadas na Europa. Dessa forma, viajantes como Bates e Wallace podiam manter-se razoavelmente atualizados em relação aos principais desenvolvimentos científicos e temas discutidos por naturalistas na metrópole. Em seus cadernos, Bates listou todos os livros e periódicos que recebeu de Stevens, dentre os quais estavam incluídos uma tradução para o inglês do livro de Spix e Martius sobre o Brasil, diversos volumes de catálogos dos museus de História Natural de Londres e Paris, obras dos naturalistas Hermann Burmeister (1807-1892), Johann Christoph Klug (1775-1856) e do Conde de Buffon (1707-1788), além de diversos números de periódicos como o *Athenaeum* e o *Magasin Picturesque*.

Na ocasião em que estava em meio ao grupo indígena, Bates carregava consigo um exemplar da obra *Pictorial Museum of Animated Nature, and Companion for the Zoological Gardens*, publicada em 1844 pelo inglês Charles Knight (1791-1873). Em dois volumes, a obra continha um total de cinco mil gravuras de animais diversos, separados por classe. O viajante achou que o *tushaúa* do grupo poderia se interessar pelas gravuras, mas não contava que, em pouco tempo, boa parte do grupo largasse os seus afazeres para se reunir, curiosos, ao redor do naturalista e seu livro. Em sua narrativa, registrou a curiosidade dos indígenas ao observarem os animais ilustrados e a forma como comparavam os animais que não conheciam, como os elefantes, com aqueles familiares ao seu meio ambiente. Segundo Bates:

⁶⁵³ *Ibidem*. p. 135.

It was no light task to go through the whole of the illustrations, but they would not allow me to miss a page, making me turn back when I tried to skip. The pictures of the elephant, camels, orang-otangs, and tigers, seemed most to astonish them; but they were interested in almost everything, down even to the shells and insects. They recognised the portraits of the most striking birds and mammals which are found in their own country; the jaguar, howling monkeys, parrots, trogons, and toucans. The elephant was settled to be a large kind of Tapir; but they made but few remarks, and those in the Mundurucu language, of which I understood only two or three words. [...] Before I finished, from fifty to sixty had assembled; there was no pushing or rudeness, the grown-up women letting the young girls and children stand before them, and all behaved in the most quiet and orderly manner possible.⁶⁵⁴

⁶⁵⁴ *Ibidem.* p. 128.

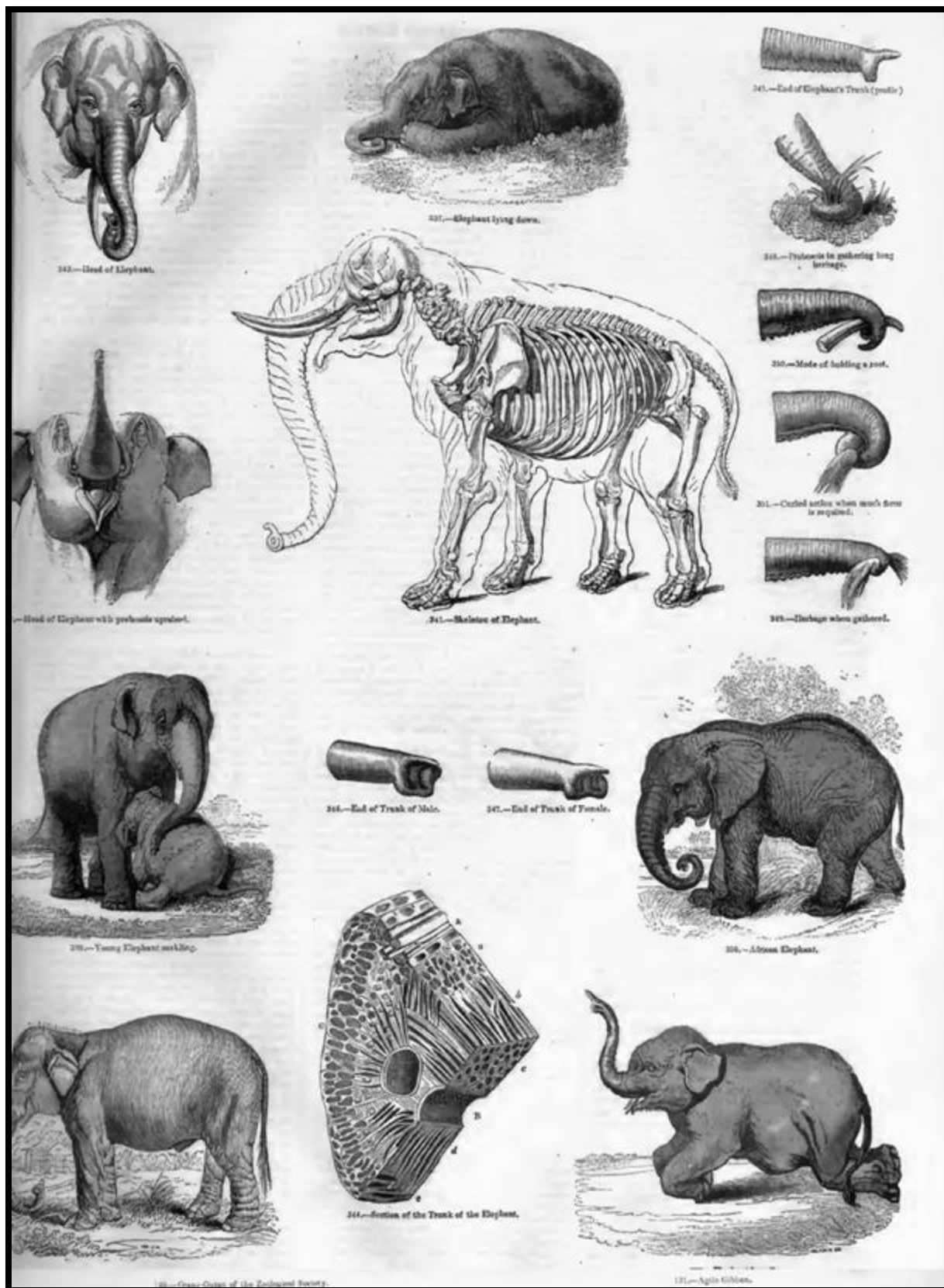


Figura 26: Uma das ilustrações do livro de Knight, mostrado por Bates aos indígenas.⁶⁵⁵

⁶⁵⁵ *Ibidem*. p. 79.

É interessante notar o contraste ao longo da narrativa de Bates em que, apesar de afirmar serem os indígenas desprovidos de curiosidade, dá constantes exemplos de situações que despertaram o interesse dos mesmos. Em relação aos animais, além da curiosidade despertada pelas gravuras que ilustravam o livro de Knight, também afirmou serem os indígenas perpetuamente interessados pelo peixe-boi que, apesar de ser comum na região, os fascinava quando amamentavam seus filhotes dentro da água. Registrou, também, o caso de um ferreiro indígena da cidade de Ega, que contou sempre visita-lo em sua casa “*striving to acquire solid information about things*⁶⁵⁶”, inclusive sobre a passagem de uma cometa que haviam avistado nos céus da cidade em outubro de 1858.

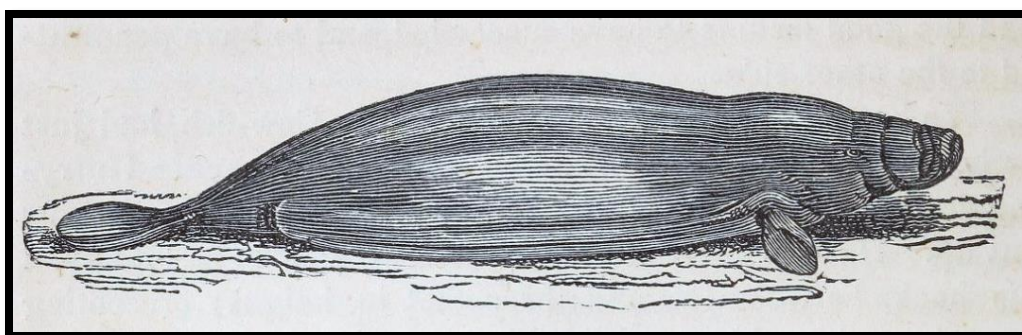


Figura 27: Peixe-boi ilustrado por Edwards.⁶⁵⁷

Durante os dias em que estive com os Mundurucu, Bates chegou à conclusão de que eram “*perhaps the most numerous and formidable tribe of Indians now surviving in the Amazons region*⁶⁵⁸”. Enquanto atribuía aos índios Mura o maior nível de selvageria dentre os grupos com os quais teve contato, colocava os Mundurucu no outro extremo da escala. Afirmei, ainda, que os Mundurucu mantinham uma relação formidável de amizade com a população de origem europeia da região justamente por serem ambos inimigos dos Mura. Ao contato com os europeus, atribuía algumas das mudanças que havia notado no comportamento dos indígenas desde sua chegada ao Brasil, como o gradual abandono do hábito de tatuar seus filhos. Concluía que a associação com os colonos de origem europeia havia sido vantajosa ao grupo, mas ainda assim não admitia ser possível maiores desenvolvimentos para os Mundurucu. Segundo Bates:

It would be a misnomer to call the Mundurucús of the Cuparí and many parts of the Tapajós, savages; their regular mode of life, agricultural habits, loyalty to their chiefs, fidelity to treaties, and gentleness of demeanour, give them a right to a better title. Yet they show no aptitude for the civilised life of towns,

⁶⁵⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 192.

⁶⁵⁷ EDWARDS, William Henry. *A voyage up the Amazons*. *op. cit.* p. 188.

⁶⁵⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 129.

and, like the rest of the Brazilian tribes, seem incapable of any further advance in culture.⁶⁵⁹

O principal defeito que atribuía aos índios brasileiros era o que considerava uma ausência completa de curiosidade sobre os fenômenos naturais. Embora fossem astutos observadores da natureza ao seu redor, e nutrissem um rico conhecimento empírico sobre os hábitos dos animais e a composição geográfica do ambiente, Bates acusava-os de não inquirirem sobre as causas dos fenômenos que observavam. Em seu livro de viagem, relatou o seguinte momento ilustrativo de sua opinião:

Their want of curiosity is extreme. One day we had an unusually sharp thunder-shower. The crew were lying about the deck, and after each explosion all set up a loud laugh; the wag of the party exclaiming "There's my old uncle hunting again!" an expression showing the utter emptiness of mind of the spokesman. I asked Vicente what he thought was the cause of lightning and thunder? He said, "Timaá ichoquá" – I don't know. He had never given the subject a moment's thought! It was the same with other things. I asked him who made the sun, the stars, the trees? He didn't know, and had never heard the subject mentioned amongst his tribe. [...] None of the Indian tribes on the Upper Amazons have an idea of a Supreme Being, and consequently have no word to express it in their own languages. Vicente thought the river on which we were travelling encircled the whole earth, and that the land was an island like those seen in the stream, but larger. Here a gleam of curiosity and imagination in the Indian mind is revealed: the necessity of a theory of the earth and water has been felt, and a theory has been suggested. In all other matters not concerning the common wants of life the mind of Vicente was a blank, and such I always found to be the case with the Indian in his natural state.⁶⁶⁰

Após quase três meses de viagem ascendendo o curso do Tapajós, Bates e seus companheiros decidiram voltar pelo mesmo caminho, de volta à Santarém, onde chegaram no dia 7 de outubro de 1852. Após mais uma temporada na cidade, Bates só voltou a sair em excursões no ano seguinte, mais precisamente em junho de 1853. A partir deste momento, organizou algumas excursões com destino a regiões que ainda desconhecia, como os arredores de Irurá, Mapirí, Panemá e Urumarí. Seja por estar insatisfeito com a quantidade de espécimes que havia reunido, por desejar coletar novos exemplares de espécies pelos quais havia conseguido razoáveis lucros em Londres, ou para ter a oportunidade de investigar a natureza durante outras épocas do ano, também organizou novas expedições com destino a locais visitados anteriormente, como Alter do Chão, Aveiro, Barra, Cuparí e outras localidades alcançáveis através da navegação pelo Rio Tapajós. Foi a partir das novas visitas que identificou, por exemplo, a diferença entre as faunas de Cuparí e Alter do Chão, onde a maioria dos insetos de uma região estavam completamente ausentes na outra. Ao mesmo tempo,

⁶⁵⁹ *Ibidem.* p. 131.

⁶⁶⁰ *Ibidem.* p. 162.

observou também a semelhança entre as espécies encontradas em Cuparí com aquelas que havia coletado em Ega. A coleta e observação das espécies que habitavam localidades tão diferentes foi essencial para a investigação sobre a distribuição geográfica das espécies, tema ao qual Bates, e também Wallace, se dedicaram intensamente.

Dentre estas excursões, mereceu destaque o seu retorno para a cidade de Aveiro, devido a uma grave epidemia que assolava o local. Segundo o viajante, os habitantes da cidade estavam sofrendo com um tipo de febre que rapidamente fez um grande número de vítimas, apesar dos esforços do padre local para curá-los com remédios homeopáticos⁶⁶¹. A moléstia atacou muitos dos conhecidos de Bates, sendo responsável pela morte de alguns dos moradores que lhe haviam prestado auxílio anteriormente, e muitos dos índios Mundurucu com quem havia se hospedado na região.

Durante sua segunda visita a Aveiro, seus principais companheiros foram dois macacos que manteve como animais de estimação. O primeiro deles, do gênero *Cebus*, conhecido localmente como cairara ou caiarara, era considerado pelo viajante como muito inteligente e afetuoso. Sobre ele, relatou:

I kept one myself for about a year, which accompanied me in my voyages and became very familiar, coming to me always on wet nights to share my blanket. [...] My little pet, when loose, used to run after me, supporting itself for some distance on its hind legs, without, however, having been taught to do it.⁶⁶²

No entanto, apesar de sua afeição pelo caiarara, parecia favorecer seu segundo animal de estimação, um espécime do mais raro macaco-da-noite. Apesar de sua relação com ambos os animais, contou ter sido obrigado a livrar-se do primeiro quando este, em um ataque de ciúmes e raiva, assassinou o segundo para tomar-lhe um pedaço de fruta. O viajante assinalou, ainda, a preferência dos nativos por manterem espécies de macacos como animais de estimação, apesar da maior facilidade de domesticação oferecida por outras espécies, como o mutum, ave de médio porte muito comum em algumas regiões do Amazonas. A única dificuldade para a domesticação desta espécie seria sua dificuldade de reprodução em cativeiro, à qual Bates atribuía aos seus hábitos arborícolas. Sobre isto, afirmou:

The obstacle offered by their not breeding in confinement, which is probably owing to their arboreal habits, might perhaps be overcome by repeated experiment; but for this the Indians probably had not sufficient patience or intelligence.⁶⁶³

Embora a entomologia fosse a sua principal ocupação, Bates dedicou-se avidamente ao estudo dos primatas brasileiros. Em seu livro, comparou as espécies encontradas no país com

⁶⁶¹ *Ibidem.* p. 143.

⁶⁶² *Ibidem.* p. 101.

⁶⁶³ *Ibidem.* p. 113.

aqueelas conhecidas no “Velho Mundo”, tentando identificar a origem das diferenças entre os principais gêneros e famílias aos quais teve acesso. Observou que as espécies amazônicas apresentavam adaptações que facilitavam a sua locomoção em meio às altas árvores tropicais, o que justificava o fato de serem mais adeptos da vida nas árvores do que algumas de suas contrapartes em outros lugares do mundo. O estudo dos primatas também lhe despertou o interesse por fornecer importantes informações sobre a distribuição geográfica das espécies. É possível que suas observações sobre os primatas tenham sido influenciadas e até mesmo discutidas com Wallace que, em 1852, apresentou um artigo intitulado *On the monkeys of the Amazon* em uma reunião da *Zoological Society of London*⁶⁶⁴. A malha de rios amazônicos, ao cortar a superfície terrestre, isolava algumas das localidades da região e criava obstáculos intransponíveis para espécies de primatas adaptados à vida no alto da copa das gigantescas árvores amazônicas. A partir desta observação, começou a compreender o papel dos rios e de outros elementos naturais na delimitação da presença das espécies pela região. A partir de suas observações, notou na distribuição geográfica dos primatas um argumento contra a ideia de Criação. Notando a existência de espécies completamente diferentes em locais com climas e relevos semelhantes, afirmou que a Criação, caso verdadeira, só poderia ser arbitrária e caprichosa. Após identificar os principais primatas que formavam a fauna dos diferentes continentes, questionou:

What does all this mean? Why are the different forms apportioned in this way to the various lands of the earth? Why is Australia with New Guinea destitute of monkeys, and why should Madagascar have stopped short at Lemurs, whilst America has gone on to prehensile-tailed Cebidae, and the Old World continent continued to Gibbons, Orangs, Chimpanzee, and Gorilla?⁶⁶⁵

Para Bates, era possível explicar a ausência de certas espécies em áreas de climas semelhantes a partir da hipótese de que estas áreas haviam sido separadas anteriormente ao surgimento das espécies em questão. Assim, os lêmures teriam surgido em Madagascar após a separação da ilha do resto do continente africano, e os primatas brasileiros teriam surgido em suas localidades após a separação das mesmas pelo aparecimento dos rios que as isolam. Ademais, argumentava que, se estas causas físicas observáveis na Natureza forneciam uma explicação para a distribuição geográfica das espécies, deveriam também ser utilizadas para compreender a questão da origem das espécies. Em seu livro, afirmou:

⁶⁶⁴ WALLACE, Alfred Russel. *On the monkeys of the Amazon* (1852). In: WALLACE, Alfred Russel. *Alfred Russel Wallace Classic Writings*, paper 3, 2009. Disponível em: <https://digitalcommons.wku.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=dpls_fac_arw>. Acesso em: 24 jan. 2019.

⁶⁶⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 328.

But, if these explanations, founded on natural causes, be entertained, we commit ourselves, by the fact of entertaining them, to the admission that natural causes are competent to explain the existence or non-existence of forms in a given area, and why may not the exercise of our reason, founded on carefully observed and collated facts, be carried a step farther, namely to the origin of the species of monkeys themselves?⁶⁶⁶

Assim, Bates acreditava que, ao admitir que uma espécie poderia se desenvolver independentemente a partir da separação física de seus habitats, também era possível compreender a questão da descendência a partir de um ascendente comum e a ocorrência de diversas transformações ao longo de gerações. Avançando sobre estas ideias, tentou compreender “*how the diversification of forms (if the expression. may be allowed), since the separation, has gone on in Tropical America*⁶⁶⁷”, criando aqueles que considerou “*the most perfectly arboreal monkey in the world*⁶⁶⁸”. Para atingir o estado atual de adaptação à vida nas árvores teriam sido necessárias muitas e muitas gerações, o que levou Bates a concluir que a América tropical deveria ter mantido sua configuração vegetal já há muitos períodos geológicos. Esta conclusão o levou a se opor, posteriormente, à proposição de Agassiz sobre a existência de uma era glacial recente nos trópicos americanos. Segundo afirmou em uma carta endereçada à Charles Lyell, em setembro de 1866, seus estudos sobre a fauna sul-americana indicavam “*a very very ancient glacial epoch*”⁶⁶⁹. A despeito de haver sido o naturalista mais vezes mencionado por Agassiz em seu livro de viagem⁶⁷⁰, sobretudo por terem visitado muitas das mesmas localidades, as conclusões de Bates acerca da presença de um período glacial na América do Sul contrariam aquelas do naturalista suíço. Na mesma correspondência, Bates afirmou ter recebido de um amigo não identificado, no Rio de Janeiro, relatos sobre as palestras que Agassiz havia proferido sobre glaciação. As palestras mencionadas provavelmente foram aquelas proferidas pelo naturalista já ao fim de sua residência no Brasil, realizadas sob a forma de aulas públicas no auditório do Colégio Pedro II, a pedido do diretor da instituição. Sobre estas preleções, Antunes afirmou:

Novamente, a pedido do Dr. Pacheco, Agassiz voltou ao auditório do Colégio Pedro II para mais uma série de palestras. Desta vez, foram seis preleções, sobre o tema “A formação do Vale Amazônico e suas produções”, onde compartilhou com a sociedade brasileira algumas de suas principais observações realizadas no norte do país. Proferidas em francês, foram posteriormente publicadas em jornais da época e em um volume, a partir de

⁶⁶⁶ *Ibidem.* p. 329.

⁶⁶⁷ *Ibidem.* p. 331.

⁶⁶⁸ *Ibidem.* p. 331.

⁶⁶⁹ BATES, Henry Walter. [Carta] 1 set. 1866. Havery Square, Folkestone, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 9f. Sobre as opiniões de Agassiz sobre a glaciação. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017. grifos do original.

⁶⁷⁰ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis. op. cit.*

anotações de Félix Vogeli e tradução de Antônio José Fernandes dos Reis, com o título *Conversações científicas sobre o Amazonas*.⁶⁷¹

Após ter recebido informações sobre as palestras, Bates afirmou tê-las discutido com Wallace, chegando conjuntamente na seguinte opinião: “*We are both of opinion that Agassiz is glacier mad. I never saw anything like a Boulder in the valley of the Amazons, nor anything that suggested the notion of ice action.*”⁶⁷². Em uma carta seguinte, Bates voltou a discutir as teorias glaciais de Agassiz, demonstrando como suas observações sobre a fauna brasileira o impediam de chegar às mesmas conclusões. Nela, escreveu para Lyell:

When I think of the great extent of peculiarity of the Fauna of the Amazons Valley the genera of monkeys peculiar to it, consisting of species extremely sensitive to cold & slight changes of climate – the birds – the hosts of species of butterflies which do not exist except in the warmest forest nooks, I cannot imagine that ice has been near these plains during the time of existing species or even genera.⁶⁷³

Em 24 de novembro de 1860, durante uma reunião entre os membros da *Royal Entomological Society*, Bates tornou pública a sua observação sobre como espécies de borboletas do gênero *Papilio* apontavam para a impossibilidade de uma era glacial tão recente nos trópicos brasileiros. Sua palestra perante a sociedade de entomologia foi publicada no ano seguinte, revelando o seu posicionamento sobre a questão:

Here a result may be mentioned highly interesting, as bearing upon the question of how far extinction is likely to have occurred in equatorial regions during the time of the Glacial epoch in Geology. It has been argued, that during this period the refrigeration of the earth extended to the equatorial regions, and enabled many species of temperate zones to pass from one to the other hemisphere. It is supposed, that at that time the climate of the equatorial plains resembled what now exists at six or seven thousand feet of elevation near the equator. [...] The present distribution of the species of *Papilio* does not support the hypothesis of such a degree of refrigeration in the equatorial zone of America, or at least does not countenance the supposition of any considerable amount of extinction.⁶⁷⁴

Sobre os macacos observados, Bates teve oportunidade de estudar 38 espécies de primatas amazônicos, pertencentes à doze gêneros e duas famílias diferentes. Sempre que possível, identificou as espécies observadas por seus nomes científicos e pelos nomes que eram conhecidas localmente. Em muitos casos, além dos nomes em português, também registrou em

⁶⁷¹ *Ibidem*. p. 78.

⁶⁷² BATES, Henry Walter. [Carta] 1 set. 1866. Havery Square, Folkestone, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. *op. cit.* grifos do original.

⁶⁷³ BATES, Henry Walter. [Carta] 11 set. 1866. Havery Square, Folkestone, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 9f. Sobre as opiniões de Agassiz sobre a glaciação. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.

⁶⁷⁴ BATES, Henry Walter. Contributions to an Insect fauna of the Amazon valley. In: *Transactions of the Entomological Society of London*. volume V, 1861. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1365-2311.1861.tb02259.x>>. Acesso em: 29 nov. 2018. p. 352.

seu livro os nomes indígenas e informações sobre os hábitos dos animais reunidas a partir dos relatos de moradores locais. Como apontado por Hodacs⁶⁷⁵, conhecer os nomes populares das espécies era importante, principalmente, para permitir a comunicação com os habitantes locais e, assim, obter informações sobre elas.



Figura 28: *Scarlet-faced and Parauacú monkeys.*⁶⁷⁶

Uma de suas excursões mais longas durante este período teve como destino a cidade de Vila Nova, onde passou oito meses entre 1854 e 1855. Nela, mencionou ter encontrado “*some very friendly and inteligente people*⁶⁷⁷”, dentre os quais destacou o Padre Torquato de Souza, que afirmou ser “*not quite unknown to the European public*⁶⁷⁸” devido à sua participação em expedições de outros naturalistas que passaram pela região, como o Príncipe Adalberto da

⁶⁷⁵ HODACS, Hanna. *Linnaeans outdoors*. *op. cit.*

⁶⁷⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 306.

⁶⁷⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 285.

⁶⁷⁸ *Ibidem.* p. 285.

Prússia (1811-1873). Na cidade, Bates também afirmou ter tido oportunidade de observar diversas espécies de insetos que não havia encontrado em nenhuma outra localidade do Amazonas e chamou atenção especial para duas espécies miméticas de borboletas: *Agrias phalcidon* e suas semelhantes, *Callithea leprieurii*. Sobre a semelhança entre estas borboletas, afirmou:

Resemblances of this nature are very numerous in the insect world. [...] One cannot help concluding these imitations to be intentional, and that nature has some motive in their production. [...] When, however, an insect mimicks another species of its own order where predaceous or parasitic habits are out of the question, it is not so easy to divine the precise motive of the adaptation. We may be sure, nevertheless, that one of the two is assimilated in external appearance to the other for some purpose useful, - perhaps of life and death importance - to the species. I believe these imitations are of the same nature as those in which an insect or lizard is coloured and marked so as to resemble the soil, leaf, or bark on which it lives; the resemblance serving to conceal the creatures from the prying eyes of their enemies; or, if they are predaceous species, serving them as a disguise to enable them to approach their prey. When an insect, instead of a dead or inorganic substance, mimicks another species of its own order, and does not prey, or is not parasitic, may it not be inferred that the mimicker is subject to a persecution by insectivorous animals from which its model is free?⁶⁷⁹

A observação destas duas espécies de borboletas em Vila Nova foi essencial para o desenvolvimento da teoria do mimetismo. Além de sugerir que o disfarce funcionava como forma de proteção, foi a partir do estudo destas espécies que chegou à sugestão sobre a impalatabilidade das espécies imitadas. Durante sua coleta de espécimes de *Callithea*, notou que as borboletas exalavam um forte odor quando eram manuseadas, que considerou semelhante à baunilha⁶⁸⁰, e que o levou a supor que poderia ser este o mecanismo de defesa que fazia com que seus predadores a evitassem. Assim, ao longo de diversas gerações, os espécimes de *Agrias* mais semelhantes às *Callithea* se beneficiariam da mesma proteção. Em seus cadernos de campo, Bates descreveu minuciosamente a aparência e características morfológicas de todas as espécies de borboletas que capturou, identificando quais eram as espécies miméticas encontradas. Ao longo de suas anotações, indicou que o estudo do mimetismo era difícil, pois a semelhança entre as espécies às vezes só era percebida pelo estudo minucioso dos espécimes coletados. Anotou, ainda, que a relação entre as diferentes espécies só poderia ser seguramente estudada a partir de um trabalho meticuloso que envolvesse a demarcação correta das localidades onde haviam sido capturadas. Em uma inscrição datada 20 de outubro de 1855, informou que o método de estudo deveria ser:

⁶⁷⁹ *Ibidem.* p. 298.

⁶⁸⁰ *Ibidem.* p. 299.

To note every variety carefully with the location & local circumstances in which it is found. This will require an immense collection of specimens but the scientific work would be most important & interesting.⁶⁸¹

Após registrar suas observações sobre o mimetismo das espécies de Vila Nova, questionou em seu diário: “*When shall we form a law of their [insects] modifications; that shall hold in the midst of such apparently capricious & endless diversity?*”⁶⁸²

Deixando Vila Nova, Bates seguiu viagem para Ega, onde permaneceu por alguns meses e adicionou novas espécies às suas coleções. Além dos insetos, observou e capturou diversos primatas, um número pequeno de outros mamíferos, e uma variedade de aves. A quantidade de espécies reunidas nos arredores da cidade o levaram a dedicar um capítulo inteiro, um total de 61 páginas, às observações sobre a morfologia, hábito e habitats das principais espécies encontradas. Segundo Bates, a região ainda não tinha sido minuciosamente explorada por naturalistas anteriormente à sua chegada, o que o levou a coletar diversas novas espécies desconhecidas até então do público europeu. Com seu livro de viagem e seus artigos sobre a fauna amazônica, ajudou a disseminar a ideia de que Ega era uma região rica para explorações em História Natural, afirmando:

As may have been gathered from the remarks already made, the neighbourhood of Ega was a fine field for a Natural History collector. With the exception of what could be learnt from the few specimens brought home, after transient visits, by Spix and Martius and the Count de Castelnau, whose acquisitions have been deposited in the public museums of Munich and Paris, very little was known in Europe of the animal tenants of this region; the collections that I had the opportunity of making and sending home attracted, therefore, considerable attention. Indeed, the name of my favourite village has become quite a household word amongst a numerous class of Naturalists, not only in England but abroad, in consequence of the very large number of new species (upwards of 3000) which they have had to describe, with the locality “Ega” attached to them.⁶⁸³

Satisfeito com a grande quantidade de espécies que coletou nos arredores da região, Bates decidiu deixar Ega em 7 de novembro de 1856. Aproveitando a linha de vapores que agora facilitava a locomoção pela região amazônica, embarcou no navio Tabatinga e seguiu em direção à vila de Tunantins. A embarcação, comandada pelo Capitão Nunes Mello Cardoso, era confortável e espaçosa. No deque, alguns bois e galinhas garantiam um estoque de alimentos para serem abatidos e consumidos frescos durante a viagem. Chegando na vila, após quatro dias de viagem, apresentou-se ao diretor dos índios na cidade, Paulo Bittencourt, “*who quickly*

⁶⁸¹ *POCKET-BOOK, with enclosures (ff. 169-175), of Henry Walter Bates, the naturalist, used during his travels in Brazil, of which he gave an account in The Naturalist on the River Amazons, 2 vols., 1863. Referência: Add MS 42138 A-B. (Western Manuscripts, British Library, London, United Kingdom). 15 nov. 2017. vol. I. p. 322.*

⁶⁸² *Ibidem.* p. 331.

⁶⁸³ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons.* vol. II. 1863. *op. cit.* p. 305.

*ordered a small house to be cleared for me*⁶⁸⁴”. A pequena cidade, segundo o viajante, era povoada principalmente por índios “semi-civilizados” das grupos Shumána e Passé, e proporcionou-lhe encontros com diversas espécies de animais que ainda não havia observado no Amazonas.

Seu tempo foi aproveitado em excursões pelos arredores da cidade, buscando sempre os melhores locais para a coleta de espécimes. Durante uma de suas incursões pela mata, desacompanhado de guias ou ajudantes, contou ter acidentalmente encontrado um grupo de índios Caishána. Em seu relato, registrou a desconfiança mútua entre os indígenas e o próprio viajante, que foi lentamente superada “*on my making the most friendly gestures I could think of*⁶⁸⁵”. Além de aproveitar a oportunidade para observar um dos menores grupos indígenas com a qual teve contato, registrando existirem apenas cerca de 400 Caishána em toda a região, Bates também se beneficiou do conhecimento que possuíam dos arredores. Embora houvesse uma barreira linguística, contou que ganhou confiança suficiente das crianças para que pudessem auxiliá-lo na coleta de insetos.

Ao final do mês de novembro, Bates encontrou na vila de Tunantins um conhecido seu, chamado Francisco Antônio Raiol. Aproveitando da embarcação chefiada por seu amigo, Bates seguiu viagem com Raiol ascendendo o curso do Rio Jutai. Durante o trajeto, informou que era possível encontrar um total de dez grupos indígenas diferentes ao longo das margens do rio. Ao longo do percurso, fizeram diversas paradas próximas a estes grupos e, aproveitando das relações que Raiol mantinha com as comunidades indígenas, Bates conseguiu o apoio dos indígenas para coletar espécimes nestas regiões. Após passarem um mês em Fonte Boa, Bates e Raiol retornaram para Ega, onde chegaram em 25 de janeiro de 1857. Na cidade, Bates residiu por sete meses.

Em setembro do mesmo ano, Bates tomou novamente um barco a vapor, desta vez com o objetivo de chegar até a cidade de São Paulo de Olivença. Sendo o período de secas, muitos dos canais que poderiam servir para encurtar a distância até seu destino estavam com o nível de água muito abaixo do permitido para a navegação. O menor nível nas águas também revelava mais facilmente alguns de seus principais habitantes, os jacarés. Segundo Bates, durante a viagem muitos passageiros se divertiam tentando acertar com suas armas os animais que descansavam nas margens. O próprio comandante da embarcação incentivava a prática, desejando trazer à bordo um dos espécimes abatidos para extrair-lhe do abdômen, caso fosse

⁶⁸⁴ *Ibidem.* p. 372.

⁶⁸⁵ *Ibidem.* p. 375.

um macho, uma parte que “*is held in great estimation amongst Brazilians as a ‘remedio’, charm or medicine*”⁶⁸⁶.

Foram cinco dias de viagem até alcançarem a remota vila de São Paulo de Olivença, onde o viajante calculou haver apenas 500 habitantes. Apesar de sua pequena população e casas rudimentares, a rotina social continuava a mesma que observava em outras cidades maiores. A primeira tarefa, ao desembarcar, era apresentar-se ao principal morador em posição de liderança na cidade, que neste caso era o diretor dos índios Antônio Ribeiro. Este, por sua vez, tomou para si a tarefa de apresentar o viajante aos outros moradores de destaque, nos quais estavam incluídos o pároco local, o subdelegado da cidade e o Juiz de Paz, este último um homem chamado Geraldo. Na cidade, Bates permaneceu por um total de cinco meses. Durante este tempo, afirmou ter encontrado companhia apenas em dois negros libertos que moravam na cidade. José Patrício, que era comandante militar da Guarda Nacional e Mestre Chico, alfaiate que havia conhecido anos antes, durante sua estada na capital paraense. Sobre este último, afirmou:

He neither drank, smoked, nor gambled, and was thoroughly disgusted at the depravity of all classes in this wretched little settlement, which he intended to quit as soon as possible. When he visited me at night, he used to knock at my shutters in a manner we had agreed on, it being necessary to guard against admitting drunken neighbours, and we then spent the long evenings most pleasantly, working and conversing.⁶⁸⁷

Se, por um lado, não havia muita oportunidade para socializar com os habitantes da cidade, por outro, a região compensava pela riqueza zoológica e botânica que possuía. Bates afirmou que cinco anos inteiros não teriam sido suficientes para explorar completamente a área e, que apesar de ter dez anos de experiência conhecendo a floresta amazônica brasileira, as florestas de São Paulo de Olivença o fizeram sentir como se tivesse acabado de desembarcar no país. Foi nestas mesmas florestas que encontrou também índios do grupo Tucuna, que considerou serem “*harmless, good-natured people*”⁶⁸⁸. Afirmou, ainda, que os Tucuna eram superiores aos outros grupos indígenas na fabricação de cerâmica e eram especialistas na taxidermia de pássaros, os quais empalhavam e vendiam em grandes números aos viajantes que encontravam.

Além dos Tucuna, também conheceu pela primeira vez uma indígena Majeróna que praticava o canibalismo. Quando dois jovens de São Paulo de Olivença foram com sua canoa para o território dominado pelos Majeróna e não retornaram, o comandante José Patrício viu-

⁶⁸⁶ *Ibidem.* p. 391.

⁶⁸⁷ *Ibidem.* p. 391.

⁶⁸⁸ *Ibidem.* p. 402.

se obrigado a enviar uma guarnição da Guarda Nacional para investigar a questão. Quando chegaram ao antigo local onde habitavam, descobriram que todos os indígenas, com exceção de uma jovem, tinham fugido. A mulher foi levada para a cidade, onde tornou-se criada do próprio José Patrício, que mandou batizá-la e ensinou-a a falar português. Com o pouco que passou a dominar do idioma, Bates afirmou ter ouvido dela histórias sobre os hábitos canibais dos Majeróna.

Já era janeiro de 1858 quando Bates, ainda na cidade de São Paulo de Olivença, foi acometido por uma febre intermitente que abalou gravemente sua saúde. Embora originalmente tivesse planos para seguir a viagem até as cidades peruanas de Pebas e Moyobamba, onde poderia posteriormente seguir até os Andes, viu-se obrigado a abandonar a ideia em favor de sua saúde. Em seu livro de viagem, concluiu que a febre era o resultado de seu estado de saúde fragilizado devido aos anos de viagem, onde afirmou ter se exposto demasiadamente ao sol e sofrido com má alimentação. Novamente agiu como seu próprio médico, receitando a si mesmo doses diárias do antimalárico quinina misturadas com chá de camomila. Ainda que tenha concluído que seu estado de saúde era resultado, em parte, do excesso de trabalho, achou que deixar-se vencer pela letargia poderia ser igualmente prejudicial à sua saúde. Assim, apesar dos surtos febris, manteve sua rotina de coleta de espécimes pelas florestas da região. Sua estratégia parece não ter surtido efeitos positivos, pois seu estado de saúde se deteriorou, ao ponto de ter que voltar para Ega e abandonar planos que possuía para cruzar a fronteira com o Peru.

Os efeitos deste surto de febre foram duradouros sobre sua saúde, que ficou severamente enfraquecida. Por este motivo, Bates decidiu encerrar sua viagem, pois acreditava que não seria mais capaz de realizar as excursões que planejara e manter seu ativo trabalho de coleta e preparação de espécimes. As dificuldades e privações da vida em campo, e o trabalho constante e itinerante mantido por longos anos, finalmente cobravam seu preço.

Chegando novamente em Ega, Bates notou o desenvolvimento da cidade, novamente associando este desenvolvimento à introdução da linha de vapores da Companhia de Navegação do Amazonas. Em seu livro de viagem, afirmou que as pessoas haviam se tornado mais “civilizadas”, registrando algumas das características que associava com a ideia de civilização:

The people became more “civilized,” that is, they began to dress according to the latest Parisian fashions, instead of going about in stockingless feet, wooden clogs and shirt sleeves; acquired a taste for money getting and office holding; became divided into parties, and lost part of their former simplicity of manners. [...] What a future is in store for the sleepy little tropical village!⁶⁸⁹

⁶⁸⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 188.

Seu prognóstico em relação ao futuro da cidade era dos mais favoráveis. No entanto, não notou apenas mudanças ocorridas no desenvolvimento da cidade. Dando ao seu relato um caráter mais pessoal, relatou também como a diferença de cinco anos desde sua primeira visita foi suficiente para acompanhar de perto os desenvolvimentos na vida de alguns dos moradores locais com quem teve contato anteriormente. Havia perdido alguns amigos, visto outros envelhecerem, e acompanhado tudo em primeira mão, em meio à sociedade local. Segundo Bates:

Some of the good friends who made me welcome on my first arrival, died, and I followed their remains to their last resting-place in the little rustic cemetery on the borders of the surrounding forest. I lived there long enough, from first to last, to see the young people grow up, attended their weddings and the christenings of their children, and, before I left, saw them old married folks with numerous families.⁶⁹⁰

Foi também durante sua estada na cidade que Bates registrou um fato curioso, muito reproduzido posteriormente por seus biógrafos e considerado, por estes, tema de certa polêmica por permitir a interpretação de uma paternidade não assumida⁶⁹¹. Em meio a uma noite chuvosa, durante a época de cheias, Bates afirmou ter ouvido uma batida na sua porta. Ao abri-la, encontrou uma mulher indígena de idade avançada que lhe entregou uma criança envolta em uma coberta, dizendo: “*ecui encommenda*” (“aqui, sua encomenda”). Devido a sua experiência de observação e contato com grupos indígenas, reconheceu, por dois cortes nas narinas, que se tratava de uma menina Miranha. Identificou, também, que estava doente, provavelmente sofrendo de uma inflamação no fígado. Bates fez tudo o que pode para ajudá-la: colocou-a sob os cuidados das melhores enfermeiras da cidade, deu-lhe remédios, uma boa alimentação e mandou construir uma cama na sua casa, onde ficou hospedada.

O viajante parece ter se afeiçoado à menina, que afirmou ter “*something uncommonly pleasing in her ways, and quite unlike anything I had yet seen in Indians*”⁶⁹². Para poder compreender o que dizia, mandou chamar uma índia proveniente do seu mesmo grupo, para que pudesse traduzir seus pedidos. Segundo informou, a menina gostava de brincar e, na medida em que sua doença progredia e incapacitava-lhe de levantar-se da cama, Bates era o único a quem ela permitia que a ajudasse a se levantar, chamando-o de “*caríwa*” ou “homem branco”. Durante as semanas seguintes, Bates lhe fez companhia, ouvindo-a cantar os versos que havia

⁶⁹⁰ *Ibidem.* p. 188.

⁶⁹¹ Cf. CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.*; CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.*; WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons. op. cit.*

⁶⁹² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons.* vol. II. 1863. *op. cit.* p. 197.

aprendido quando mais nova. Mandou, também, batizá-la de acordo com o rito católico, mantendo o seu nome indígena: Oria.

Ao longo dos anos, Bates observou que a mortalidade das crianças indígenas que eram capturadas e levadas para a cidade de Ega era um fato curioso. Notou, sem saber explicar o motivo, que muitos dos indígenas que habitavam a região do Alto Amazonas adoeciam quando eram levados para a região do Baixo Amazonas, e o mesmo acontecia quando o inverso era verdadeiro. No caso das crianças, a doença, que afirmou ser um tipo de febre, geralmente levava ao óbito. Em seu livro, registrou:

Scores of helpless children like our poor Oria die at Ega, or on the road; but generally not the slightest care is taken of them during their illness. They are the captives made during the merciless raids of one section of the Miranha tribe on the territories of another, and sold to the Ega traders. The villages of the attacked hordes are surprised, and the men and women killed or driven into the thickets without having time to save their children. There appears to be no doubt that the Miranhas are cannibals, and, therefore, the purchase of these captives probably saves them from a worse fate. The demand for them at Ega operates, however, as a direct cause of the supply, stimulating the unscrupulous chiefs, who receive all the profits to undertake these murderous expeditions.⁶⁹³

O destino de Oria não foi diferente. Apesar dos cuidados que recebeu, a menina não conseguiu recuperar a saúde. Bates informou ter enfrentado grande oposição daqueles que adjectivou serem “*the big people of Ega*⁶⁹⁴” quando desejou dar à Oria um sepultamento católico de acordo com os costumes do país. Para Crawforth⁶⁹⁵, um dos argumentos mais favoráveis a uma possível paternidade do viajante era a idade da menina, que coincidiria com o intervalo entre a primeira e a segunda passagens de Bates pela cidade. Ademais, o biógrafo apresentou a hipótese de que a condição de viajante permitiria aos naturalistas uma maior liberdade das restrições puritanas de suas sociedades de origem, além de uma oportunidade singular de acesso à cultura local e de uma forma natural de abrandar a solidão. Em sua biografia sobre Bates, escreveu:

Travellers often saw miscegenation with local women as convenient and pleasurable; there is no reason to suppose Bates would have felt differently. Sexuality is recognized as a prime mover among explorers’ unconscious drives. Because of the isolated areas where Bates was exploring on the Amazon, and bearing in mind Victorian prudery, it is not easy to establish the truth. However oral tradition and common sense endorse the conclusion that liaisons with native women could have happened. Indeed, one of the motives for living on the frontier was to escape from the trammels of civilization, its discontents and prudery, and the greatest liberty of all was sexual freedom and indulgence. In order to get inside a culture easily and learn about its

⁶⁹³ *Ibidem.* p. 198.

⁶⁹⁴ *Ibidem.* p. 198.

⁶⁹⁵ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 148.

idiosyncrasies, unspoken codes, and deep structures, or just for companionship and because of utter loneliness, such liaisons were commonplace amongst travellers.⁶⁹⁶

Embora não tenha mencionado o caso de Oria em sua obra, Hemming⁶⁹⁷ também apontou para as relações ocasionalmente íntimas que alguns viajantes mantiveram com a população local, informando que Wallace acreditou ter encontrado em um pequeno vilarejo nas margens do Rio Negro uma das filhas do casamento entre o austríaco Johann Natterer (1787-1843) e uma indígena brasileira. Woodcock⁶⁹⁸, por sua vez, embora tenha observado que Bates não privou-se de participar da cultura local, aproveitando das oportunidades que teve para associar-se com a população e confraternizar em seus festejos, afirmou não existirem em sua narrativa elementos que poderiam comprovar seu envolvimento com as mulheres da região. Devido à falta de elementos que comprovem a paternidade do viajante, Crawforth satisfez-se por concluir que, “*whatever the truth*”⁶⁹⁹, o certo é que Bates apegou-se emocionalmente à menina, apesar do pouco tempo que tiveram juntos. Talvez a hipótese mais simples, porém ainda não considerada pelos biógrafos do viajante, é a de que seus sentimentos por Oria tenham se originado simplesmente pela compaixão e pela crença em poder confortar a menina órfã naqueles que, segundo suspeitava, poderiam ser seus últimos dias.

Pouco depois do falecimento de Oria, Bates deixou a cidade de Ega e retornou para a capital, de onde planejou seguir viagem de volta para casa. O tempo que permaneceu afastado da cidade de Belém, viajando pelo interior do país, e seu estado enfraquecido de saúde, fizeram com que seus amigos paraenses “*scarcely knew me again*”⁷⁰⁰. Ainda assim, destacou a acolhida calorosa que recebeu, especialmente do comerciante G. R. Brocklehurst, sócio da firma onde retirava o dinheiro que lhe era enviado ao Brasil por Stevens. Ao observar o desenvolvimento da cidade durante os sete anos em que esteve ausente, notou o crescimento da população e as melhorias em infraestrutura e fez comparações com o interior do país, afirmando ser o interior ainda “*the ‘sertão’ (wilderness) – a terra incógnita to most residents of the seaport*”⁷⁰¹. Dentre as mudanças que percebeu na capital, destacou também o declínio das festas religiosas em favor de novos eventos, que adjetivou serem seculares: “*social parties, balls, music, billiards, and so forth*”⁷⁰². Com o desenvolvimento, notou também o aumento considerável do custo de vida para

⁶⁹⁶ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter. op. cit.* p. 171.

⁶⁹⁷ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise. op. cit.* p. 151.

⁶⁹⁸ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons. op. cit.* p. 157.

⁶⁹⁹ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man. op. cit.* p. 123.

⁷⁰⁰ *Ibidem.* p. 123.

⁷⁰¹ *Ibidem.* p. 123.

⁷⁰² *Ibidem.* p. 412.

adquirir bens e serviços, indicando que nem toda mudança foi favorável. Ao visitar seus antigos locais de coleta nos arredores da cidade, decepcionou-se com o que encontrou, dizendo:

The mantle of shrubs, bushes, and creeping plants which formerly, when the suburbs were undisturbed by axe or spade, had been left free to arrange itself in rich, full and smooth sheets and masses over the forest borders, had been nearly all cut away, and troops of labourers were still employed cutting ugly muddy roads for carts and cattle, through the once clean and lonely woods. [...] The noble forest-trees had been cut down, and their naked, half-burnt stems remained in the midst of ashes, muddy puddles, and heaps of broken branches. [...] Only a few acres of the glorious forest near Una now remained in their natural state. [...] A naturalist will have, henceforward, to go farther from the city to find the glorious forest scenery which lay so near in 1848, and work much more laboriously than was formerly needed, to make the large collections which Mr. Wallace and I succeeded in doing in the neighbourhood of Pará.⁷⁰³

É interessante notar que, de acordo com sua análise, o desmatamento das florestas nos arredores da cidade seria prejudicial, principalmente, por impedir o estudo da História Natural da região, obrigando os naturalistas interessados a excursionarem para locais mais afastados a fim de conseguirem encontrar espécies que, dez anos antes, eram encontradas com facilidade próximas ao meio urbano.

Seus últimos meses de residência no Brasil receberam pouco destaque em seu livro de viagem. Ainda se sentindo enfraquecido, já havendo realizado um minucioso trabalho de coleta de espécimes nos arredores da cidade, e notando a maior dificuldade para encontrar novas espécies devido ao avanço do desmatamento da vegetação próxima, o viajante parece não ter se aventurado muito durante seus últimos meses de residência no país. Sabendo do infortúnio de seu antigo companheiro Wallace, cujo navio afundou ao retornar para a Inglaterra, causando a perda dos espécimes que levava consigo, Bates tomou precauções para que não sofresse com o mesmo destino. Separou sua extensa coleção em três lotes separados, que viajariam de volta à Europa a bordo de três navios diferentes, diminuindo assim as chances de perder todos os frutos de seus esforços. Após concluir todos os preparativos para a longa viagem, finalmente embarcou a bordo do navio mercante *Frederick Demming* em 2 de junho de 1859. Ao observar a costa brasileira pela última vez, registrou sentir “*that the last link which connected me with the land of so many pleasing recollections was broken*”⁷⁰⁴. Rememorando seus 11 anos de permanência no país, concluiu, por fim, que era correto um antigo provérbio popular que conheceu naquela cidade que designou “o paraíso do naturalista”. Em seu livro, registrou:

The Paraenses, who are fully aware of the attractiveness of their country, have an alliterative proverb, “Quem vai para (o) Pará para”, “He who goes to Pará

⁷⁰³ *Ibidem.* p. 414.

⁷⁰⁴ *Ibidem.* p. 415.

stops there”, and I had often thought I should myself have been added to the list of examples. The desire, however, of seeing again my parents and enjoying once more the rich pleasures of intellectual society, had succeeded in overcoming the attractions of a region which may be fittingly called a Naturalist's Paradise.⁷⁰⁵

Nas últimas páginas de seu livro, relatou ter se entristecido com o prospecto de voltar ao clima e às “*slavish conventionalities*”⁷⁰⁶ da vida na Inglaterra. Contudo, escrevendo seu livro já alguns anos após ter retornado, concluiu:

I find how incomparably superior is civilised life, where feelings, tastes, and intellect find abundant nourishment, to the spiritual sterility of half-savage existence, even if it were passed in the garden of Eden.⁷⁰⁷

Desta forma, Bates encerrou seu livro de viagem demonstrando certo alívio por retornar ao ambiente intelectual europeu. Porém, destacou que sentia falta da qualidade da vida nos trópicos. Antes de deixar a Inglaterra com destino ao Brasil, em 1848, Bates jamais havia deixado sua terra natal. Até então, Leicester e seus arredores eram tudo o que conhecia, com exceção de algumas visitas à capital. Após 11 anos de trabalho de campo por diversas localidades do norte brasileiro, voltava à pátria como um naturalista experiente, acompanhado de uma das mais numerosas coleções de espécimes brasileiros reunidas em uma expedição científica, e com os registros de suas observações que o levariam a formular uma importante teoria biológica. Sua determinação, observação aguçada e trabalho metódico sobre a natureza foram determinantes para o sucesso de sua expedição, assim como também foram os diversos auxílios recebidos da população com quem teve contato. No capítulo seguinte, veremos como a relação entre o naturalista e membros da população local foi essencial para o sucesso de sua expedição, observando em que momentos e de quais formas os habitantes contribuíram para o sucesso da expedição.

⁷⁰⁵ *Ibidem.* p. 415.

⁷⁰⁶ *Ibidem.* p. 416.

⁷⁰⁷ *Ibidem.* p. 416.

CAPÍTULO 4

UM NATURALISTA E SEUS COLABORADORES NO AMAZONAS

4.1. A FORMAÇÃO DE UMA REDE DE COLABORADORES

Ao longo do capítulo anterior foi possível vislumbrar que a viagem de Bates pelo Brasil envolveu o contato com um grande número de indivíduos que residiam no Brasil, fossem eles nativos ou estrangeiros que moravam no país. O relacionamento com as populações locais foi essencial para que o naturalista pudesse garantir o apoio necessário para o deslocamento pelo interior, para a coleta de espécimes, para a obtenção de meios de transporte, para o aluguel de habitações e para a reunião de informações diversas sobre o país, sua população e sua natureza. Segundo Moreira⁷⁰⁸, a partir dos relatos escritos por naturalistas viajantes, é possível identificar quais eram as principais áreas em que recebiam contribuições das populações locais, destacando:

Havia, é claro, o previsível apoio logístico e de infraestrutura: fornecimento de alimentos, meios de transporte e outros recursos materiais; presença como guias, carregadores, intérpretes e companhia pessoal; e auxílio nos contatos com grupos indígenas e no aprendizado de línguas nativas. [...] A partir de vários desses escritos, pode-se estabelecer os principais tipos de contribuições do pessoal local: identificação, localização, coleta e nomenclatura de animais e plantas; preparação e preservação de espécimes; descobertas de ‘novas’ espécies; análise de hábitos e usos de animais e plantas; conhecimentos geográficos, meteorológicos e de distribuição de animais e plantas; relatos antropológicos; indicação de locais mais favoráveis para pesquisa; domesticação de animais; e fabricação de instrumentos (inclusive para captura e preservação de animais).⁷⁰⁹

A onipresença dos habitantes locais em praticamente todas as atividades essenciais ao longo da expedição de Bates reforça a tese da importância da sociabilidade para a prática científica de campo dos naturalistas. Convém, no entanto, observar mais atentamente como se davam estas relações para compreender a lógica social que permeava estas expedições, as especificidades das contribuições das populações locais, e a forma como o conhecimento sobre a natureza circulava entre os viajantes e seus colaboradores.

A análise da rede de colaboradores de Bates no Brasil traz alguns desafios, principalmente devido ao grande volume de informações registrado pelo naturalista, assim como pela heterogeneidade do grupo de indivíduos que se envolveu com a expedição. Ao longo dos 11 anos em que permaneceu no país, Bates recebeu auxílios que variaram desde o apoio logístico, com hospedagem e deslocamento, até a coleta de espécimes e de informações sobre

⁷⁰⁸ MOREIRA, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista. op. cit.*

⁷⁰⁹ *Ibidem.* p. 42.

a natureza brasileira. Ao observar as relações do naturalista com um grupo tão heterogêneo, é preciso considerar as individualidades e circunstâncias que permearam cada encontro. Como destacou Burke⁷¹⁰, a tendência a supor uma certa homogeneidade cultural, especialmente entre as camadas populares de uma dada sociedade, é uma armadilha para a qual os pesquisadores precisam atentar.

De forma semelhante, também é preciso cautela para não atribuir juízos de valor aos conhecimentos recebidos pelos naturalistas a partir dos habitantes locais. Se, de um lado, é preciso não atribuir ao conhecimento local um falso estatuto de inferioridade em relação à cultura científica europeia estabelecida, por outro, é preciso cuidado para não o exaltar por demasiado. Como já alertado por Moreira⁷¹¹, é preciso ter cuidado para não substituir um mito por outro, isto é, sobrepor a ideia do naturalista indômito, solitário e aventureiro pela do nativo que tudo conhece e que é a fonte de todo o conhecimento que o naturalista adquire durante a viagem.

Ainda outra dificuldade refere-se à quantidade de indivíduos mencionados por Bates em seu relato de viagem. Além daqueles com os quais de fato interagiu no país, o naturalista também mencionou indivíduos que o auxiliaram na preparação da jornada, outros com quem esteve em contato após seu retorno à Inglaterra, além de uma série de naturalistas cujas obras são citadas para embasar suas afirmações sobre a natureza brasileira. Mesmo com a maior parte dos indivíduos mencionados sendo identificados nominalmente, ainda há o desafio imposto por aqueles que permanecem anônimos, referidos apenas por denominações genéricas utilizadas pelo naturalista para adjetiva-los. Assim, embora tenha feito referência a um rapaz que contratou com o propósito específico de acompanhá-lo pela floresta como guia e coletor de espécimes, sua descrição limita-se ao adjetivo “*mameluco youth*”⁷¹², permanecendo o jovem e os detalhes de sua relação com Bates sem maiores descrições.

Ainda em outros casos, suas referências podem ser ainda mais abrangentes, como quando citou que recebeu informações sobre uma espécie de morcegos “*according to the negroes*”⁷¹³, ou sobre “*the residents*”⁷¹⁴ de Baião que lhe falaram sobre os períodos de seca e enchente dos rios. Ao longo de seus livros, termos semelhantemente indeterminados, como *natives*, *Indians* e *hunters* são utilizados por diversas vezes. Dentre aqueles mencionados

⁷¹⁰ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* op. cit. p. 40.

⁷¹¹ MOREIRA, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista*. op. cit. p. 48.

⁷¹² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol I. 1863. op. cit. p. 73.

⁷¹³ *Ibidem*. p. 175.

⁷¹⁴ *Ibidem*. p. 123.

nominalmente em seu livro, há um total de 177 indivíduos⁷¹⁵. Destes, 124 compõem o grupo de pessoas com quem Bates teve contato e que ativamente colaboraram com sua expedição. Os outros 53 fazem parte do conjunto de viajantes, naturalistas e exploradores cujas obras ou passagens pela região são referenciadas ao longo de seu relato. É possível identificar, ainda, um grupo de 35 indivíduos com quem Bates teve contato no Brasil e que, apesar de serem mencionados de forma não nominal, são passíveis de alguma identificação, como “*a daughter of Pedro’s*”⁷¹⁶ ou o tushaúa Mundurucu⁷¹⁷. Assim, em uma contagem geral, incluindo todos os indivíduos citados nominalmente, além daqueles passíveis de alguma identificação, é possível concluir que o livro de viagem de Bates faz referência a um total de 212 indivíduos, formando uma rede maior do que aquela mencionada por Agassiz em seu livro de viagem, na qual figuravam 168 indivíduos⁷¹⁸.

Como observado nos capítulos anteriores, a formação de uma rede de contatos era uma etapa imprescindível no planejamento de uma expedição científica e começava antes mesmo da partida do naturalista. A sociabilidade era uma característica essencial no trabalho científico de naturalistas viajantes. O contato com Samuel Stevens, com William Henry Edwards e com naturalistas em instituições britânicas como o *British Museum* e o *Royal Botanic Gardens, Kew* foi essencial para a viagem de Bates e Wallace ao Brasil. No entanto, a busca por apoio não cessava após a partida. Pelo contrário, ao chegar em seus locais de destino, os naturalistas precisavam se esforçar para incluir em suas redes de contato habitantes locais que pudessem auxiliar na realização dos objetivos das viagens.

No caso específico de Bates, o longo período em que residiu no Brasil e a diversidade de localidades visitadas fez com que tivesse contato com um grande número de pessoas que residiam no Brasil, no qual estavam incluídos estrangeiros, brasileiros e indígenas. No entanto, é possível perceber que, à medida em que se acostumava ao país, aprendia seus principais idiomas, e dominava as convenções sociais, sua rede de contato se expandiu e diversificou. Em seu relato, é possível perceber que, inicialmente, a barreira linguística foi um elemento restritivo no seu contato com a população. Assim, em um primeiro momento, suas relações ficaram limitadas aos residentes estrangeiros e brasileiros que falavam inglês. Na medida em que passou a aprender não só o português, mas a língua geral e algumas palavras em idiomas indígenas, seu alcance foi amplificado. A compreensão dos idiomas também foi um elemento essencial

⁷¹⁵ A lista completa com suas identificações e as páginas onde são mencionados no relato do viajante pode ser encontrada no Anexo I.

⁷¹⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol II. 1863. *op. cit.* p. 234.

⁷¹⁷ *Ibidem.* p. 124.

⁷¹⁸ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis*. *op. cit.* p. 88.

para auxiliá-lo a perceber os costumes, convenções sociais e regras de sociabilidade adotados no país, facilitando ainda mais a sua relação com os seus residentes. O aprendizado do idioma também foi uma etapa fundamental para garantir maior independência durante o seu deslocamento pelo país, e para possibilitar o seu trato direto com barqueiros, guias e ajudantes diversos. Logo, embora sua rede estivesse inicialmente limitada ao pequeno grupo de europeus e norte-americanos que viviam na capital paraense e aos membros da elite brasileira que já haviam viajado ao exterior para países de língua inglesa, o aprendizado dos idiomas locais foi um dos elementos facilitados na expansão de sua rede e na inclusão de escravos, barqueiros, ribeirinhos e indígenas.

É preciso salientar, também, que o alcance de uma rede de contatos depende dos indivíduos que dela fazem parte. Antes de partir para o Brasil, o contato com viajantes como Edwards, que já haviam visitado a região, promovia a vantagem singular de garantir aos naturalistas uma ponte de acesso e contato indireto com aqueles residentes com quem o próprio Edwards havia socializado. Da mesma forma, ao chegar no Brasil, cada indivíduo com quem se relacionava garantia ao viajante a promessa de expandir ainda mais sua rede de contatos pelo país. Desse modo, é particularmente interessante observar como indivíduos em posições sociais destacadas, como militares, comerciantes e fazendeiros, por exemplo, proporcionaram ao viajante oportunidades singulares de sociabilidade.

Nas próximas páginas, será observada a evolução da rede de contatos de Bates no Brasil, identificando quem foram os principais indivíduos envolvidos com sua expedição e analisando de que formas foram capazes de colaborar com o naturalista e suas incursões científicas pela Amazônia.

4.2. A COMUNIDADE DE ESTRANGEIROS NO PARÁ

Ao chegarem no Brasil, o primeiro contato que Bates e Wallace tiveram com um habitante da capital paraense foi com o consignatário do navio mercante no qual viajaram, e que os recebeu assim que desembarcaram. Daniel Miller era originário dos Estados Unidos e, no Brasil, era um dos sócios da empresa *Singlehurst, Miller & Co.*, que vendia bens importados da Inglaterra na capital paraense. Sobre Miller, uma notícia publicada no periódico *A Constituição: Órgão do Partido Conservador* em 11 de dezembro de 1877, anunciava:

Daniel Miller, homem de fino trato e um verdadeiro cavalheiro, tendo vindo a esta cidade com algumas fazendas, em viagem de especulação, reconheceu que o comércio florescente desta terra podia no futuro apresentar maior desenvolvimento e relativos interesses, e fundou então negócios permanentes, em pequena escala, que progressivamente foi alargando, à medida dos seus

lucros. Em 1846, negociou sob a firma de Daniel Miller & C^a. até que mais tarde começou a fazê-lo sob a de Singlehurst, Miller & C^a.⁷¹⁹

Como é possível perceber, Miller havia chegado ao Brasil com o propósito específico de comercializar fazendas, isto é, tecidos, que recebia do exterior e revendia no país. Embora tenha iniciado o seu empreendimento por conta própria, posteriormente se associou ao inglês Paul Robert Singlehurst, que mandava trazer produtos direto de sua própria loja em Liverpool para as lojas que mantinha no Pará, no Piauí⁷²⁰ e no Ceará⁷²¹. O comércio estrangeiro na região norte do país desenvolveu-se com particular intensidade no século XIX, especialmente após o início da comercialização da borracha amazônica com o exterior⁷²², o que favoreceu o estabelecimento de residentes estrangeiros na região. De acordo com Da Silva⁷²³, mudanças políticas como a criação da Província do Grão-Pará, também contribuíram para o estabelecimento de estrangeiros na capital paraense, onde atuavam geralmente como comerciantes.

Observando os jornais paraenses da época, especialmente o periódico Treze de Maio, que dava notícias contínuas sobre a chegada de navios do exterior, é possível perceber que a firma Singlehurst, Miller & Co. consignava diversos navios ingleses que saíam do porto de Liverpool e traziam carregamentos para serem vendidos no Brasil. A partir das mesmas notícias, é possível observar que um dos principais artigos trazidos para ser vendido no país eram tecidos. Sobre a rota comercial que ligava Liverpool ao Brasil, Lima afirmou:

Por sua vez, os navios que partiam de Liverpool em direção ao Brasil estavam quase sempre abarrotados de produtos manufaturados ingleses, como peças de algodão, cerâmica, manteiga e ferro, os quais eram desembarcados nos portos do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará. No caso do porto de Belém, o ponto de ancoragem de Wallace e Bates no Brasil, as relações de

⁷¹⁹ O SR. SEPTIMUS Brocklehurst e o commercio do Pará. *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*. Belém do Pará, 11 dez. 1877, Comunicado p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/2643301664745/I0002215-20Alt=002080Lar=001324LargOri=004638AltOri=007288.JPG>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

⁷²⁰ No Piauí, a sede de sua loja é, hoje, um espaço cultural chamado Casa Inglesa, localizado na Avenida Presidente Getúlio Vargas, 235, Centro, Parnaíba, Piauí. Sobre as atividades comerciais de Singlehurst e outros estrangeiros na região do Parnaíba, ver: DO REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010. 305p. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/I279.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

⁷²¹ Sobre o comércio estrangeiro no Ceará, ver: TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil*. Natal: EDUFRRN, 1995.

⁷²² Cf. FERNANDES, Felipe Tâmega. *Institutions, Geography and Market Power: The Political Economy of Rubber in the Brazilian Amazon, c.1870-1910*. Tese (Doutorado). Department of Economic History, London School of Economics and Political Science. London, July 2009. 369p. Disponível em: <<http://etheses.lse.ac.uk/2745/1/U615694.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

⁷²³ DA SILVA, Victor Rafael Limeira. *Alfred Russel Wallace e os mundos amazônicos: o natural e o humano no contexto das Ciências Naturais Oitocentistas (1848-1852)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. 2015. 163p. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/510>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

trocas mercantis encenadas entre o Grão-Pará e a Inglaterra foram atestadas pelos registros do oficial Antonio Ladislau Monteiro Baena, em 1838, no qual afirmou que, a partir da configuração da Lei Régia de 28 de janeiro de 1808: “Começão a vir os Inglezes a mercadejar, e a estabelecer-se no Pará”.⁷²⁴

A presença de comerciantes ingleses no Brasil foi favorecida pela vinda da Família Real Portuguesa para o país, a abertura dos portos às nações amigas, e a consolidação das relações comerciais entre os dois países. Como apontado por Ferreira⁷²⁵, muitos viajantes europeus que estiveram na região, como Bates e Wallace, foram favorecidos pelas relações comerciais existentes entre Portugal e Inglaterra. Segundo Corrêa:

Pari passu à nova conjuntura instalada com a vinda da Corte para o Brasil, a consolidação dos laços políticos e econômicos entre Inglaterra e Portugal, que já vinham se estreitando desde o século anterior, beneficiou em princípio os viajantes ingleses, que não se furtaram em aproveitar as circunstâncias para defender seus interesses. Tendo assegurado sua posição praticamente hegemônica no mercado brasileiro a influência britânica, que se estenderia por praticamente todo o século XIX através de amplos investimentos de capitais, de tecnologia e importação de mercadorias industrializadas, permitiu não somente a vinda de naturalistas, mas principalmente a de vários representantes da classe mercantil que viajaram pelo país, instalando firmas comerciais nas principais cidades portuárias brasileiras.⁷²⁶

Além do acolhimento dos compatriotas que aqui residiam, a presença de uma rota comercial já estabelecida entre os dois países facilitava o envio de espécimes de volta para a Inglaterra. Da mesma forma, a existência de estabelecimentos comerciais ingleses na cidade também facilitava a transferência de dinheiro, o câmbio e, quando necessário, a concessão de empréstimos aos viajantes. No caso específico de Bates e Wallace, as firmas inglesas no Pará foram fundamentais para que conseguissem receber os lucros dos espécimes vendidos em Londres por Stevens. Os comerciantes europeus na cidade atuavam, portanto, como importantes mediadores financeiros entre naturalistas e seus agentes na Europa. A confluência de elementos favoráveis nas esferas política e econômica contribuíram para que cidades portuárias brasileiras como o Rio de Janeiro, Salvador ou Belém se tornassem importantes pontos de intercâmbio intelectual, especialmente ao longo do século XIX. Neste sentido, estas cidades brasileiras podem ser consideradas como zonas de contato, no sentido atribuído por Pratt⁷²⁷. Isto significa compreendê-las como pontos centrais nas relações entre diferentes sujeitos. Neste caso, é

⁷²⁴ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit. p. 171.

⁷²⁵ FERREIRA, Rubens da Silva. *Henry Walter Bates*. op. cit. p. 70.

⁷²⁶ CORRÊA, Margaria Maria da Silva. *Da construção do olhar europeu sobre o Novo Mundo ao (re)descobrimento do reino tropical*. op. cit. p. 141.

⁷²⁷ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. op. cit.; PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *Travessia*, Universidade Federal de Santa Catarina, nº 38, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/14665/13434>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

particularmente interessante atentar para as relações entre os estrangeiros (residentes e viajantes) e os habitantes locais, nos quais é possível incluir colonos, nativos e escravos. Embora marcadas por dinâmicas assimétricas de poder, Pratt sugere que as zonas de contato permitem a interação entre sujeitos “anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas”⁷²⁸ e possibilitam intercâmbios culturais.

Após preparar suas coleções, identificando-as, organizando-as e embalando-as, Bates as enviava nos navios mercantes que comumente deixavam o porto paraense com destino a Liverpool. Na Inglaterra, seu agente era informado por correspondência sobre o envio dos espécimes, que chegavam em Londres preparados e acondicionados pelo naturalista no Brasil. Além do conhecimento que possuía sobre as melhores formas e os produtos que deveriam ser utilizados para a preservação dos espécimes, Bates também encontrou no país espécies que desconhecia, como a almecegueira (ou breu branco) que, segundo informou, possuía uma resina que ajudava a manter afastados formigas e cupins⁷²⁹.

Quando Stevens vendia o material recebido em Londres, avisava a Bates sobre os lucros obtidos por meio de correspondência, para que o viajante pudesse receber. Segundo informou em seu livro de viagem, a existência de uma empresa inglesa no Pará que comercializava diretamente com a Inglaterra (provavelmente a *Singlehurst, Miller & Co.*), fazia com que pudesse retirar o dinheiro diretamente em sua sede⁷³⁰. Nos últimos anos de sua residência no país, também mencionou estar em débito com George Brocklehurst, inglês que posteriormente entrou em sociedade com Singlehurst na empresa *Singlehurst, Brocklehurst & Company*, e reconhecido membro da *Liverpool School of Tropical Medicine*⁷³¹. Nas empresas inglesas, Bates conseguia retirar notas promissórias, que depois negociava com comerciantes portugueses ou brasileiros. Segundo o viajante, sua preferência era lidar com os brasileiros, que julgava serem mais liberais e dispostos a ceder adiantamentos de dinheiro ao viajante:

I found no difficulty in the interior of the country, for almost any of the larger Portuguese or Brazilian traders, of whom there are one or two in every village of 600 or 700 inhabitants, would honour my draft on the English house; they having each a correspondent at Pará who deals with the foreign merchants. Sometimes a Portuguese trader would hint at discount, or wish me to take part of the amount in goods, but the Brazilians were generally more liberal. At one period, when I was obliged to wait for remittances from England, I sometimes ran short of money; but I had only to say a word to one of these generous and

⁷²⁸ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império. op. cit.* p. 32.

⁷²⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 23.

⁷³⁰ *Ibidem.* p. 74.

⁷³¹ BENCHIMOL, Jaime Larry. Bacteriologia e medicina tropical britânicas: uma incursão a partir da Amazônia (1900-1901). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, v. 5, n° 2, p. 315-344, mai.-ago. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222010000200008>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

considerate men, and the assistance was given without interest to the extent I required.⁷³²

O caso de Bates e Wallace é ilustrativo sobre como as relações entre Portugal e Inglaterra, assim como a existência de uma rota comercial já estabelecida entre o Reino Unido e a colônia lusitana na América, foram elementos facilitadores das passagens de viajantes britânicos pelo país. Este pode, possivelmente, ser apontado como um dos elementos que colaborou para a criação de um longo histórico de exploração científica britânica no Brasil. Segundo Sá:

Among the natural scientists who visited Brazil, the British are acknowledged for having contributed a most notable legacy to the natural history of the country. Their activities in Brazil goes back to 1807, when John Mawe explored the hinterland provinces, and have continued ever since. Worth of note were the visits of William Swainson to the provinces of Pernambuco, Bahia and Rio de Janeiro in 1816-18; Charles Robert Darwin (as the naturalist on board H.M.S. Beagle) to the provinces of Bahia and Rio de Janeiro in 1832; and George Gardner to the provinces of Rio de Janeiro, Pernambuco, Alagoas, and Ceará in 1836-41.⁷³³

A autora afirma, ainda, que embora o governo britânico nunca tenha enviado uma comitiva oficial para a exploração do Brasil, seus naturalistas estiveram entre os primeiros a explorar a região amazônica⁷³⁴. Durante o período em que Bates esteve no Brasil, além de seu companheiro Wallace, é possível identificar pelo menos três outros viajantes britânicos com os quais se encontrou no país: Richard Spruce, que após o Brasil seguiu viagem até os Andes; Mr. Patchett⁷³⁵, possivelmente George Patchett, que naturalizou-se brasileiro para assumir uma posição na Caixa Filial do Banco do Brasil em Pernambuco⁷³⁶; e Mr. Hauxwell⁷³⁷, o ornitólogo inglês John Hauxwell, que colecionou principalmente batráquios e répteis⁷³⁸ no país. Sobre este último, é interessante observar como Júlio, indígena Jurí que o acompanhava, foi responsável por ensinar Bates e Wallace a atirar com a zarabatana⁷³⁹, algo que possivelmente os ajudou posteriormente com a coleta de espécimes. De acordo com Woodcock⁷⁴⁰, Bates adquiriu prática

⁷³² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 74.

⁷³³ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail*. *op. cit.* p. 23.

⁷³⁴ *Ibidem*. p. 28.

⁷³⁵ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 164.

⁷³⁶ CAIXA Filial. *Diário de Pernambuco*. Ano XXXIV, nº 17, 22 jan. 1858. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/9725>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁷³⁷ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 236.

⁷³⁸ COPE, E. D. Catalogue of the species of batrachians and reptiles contained in a collection made at Pebas, Upper Amazon, by John Hauxwell. *Proceedings of the American Philosophical Society held at Philadelphia for promoting useful knowledge*. Vol. 23, 1885, p. 94-103. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/page/6899002>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁷³⁹ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 236.

⁷⁴⁰ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, Naturalist of the Amazons*. *op. cit.* p. 127.

suficiente no uso da arma indígena ao ponto de conseguir acertar o alvo a uma distância de cerca de quarenta metros.

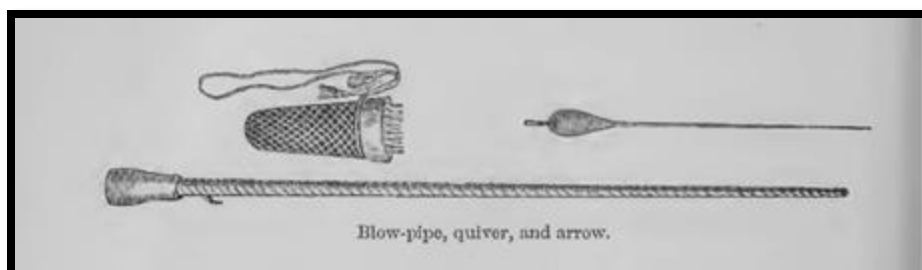


Figura 29: *Blow-pipe, quiver, and arrow.*⁷⁴¹

É possível afirmar que, em muitos casos, o interesse de viajantes ingleses na região esteve associado com as potencialidades econômicas de produtos naturais locais, dentre os quais podemos destacar a posterior exploração da borracha. A presença inglesa na região se fez sentir, além disso, pela proximidade da Guiana Inglesa, o que chegou a gerar disputas de território entre os dois governos, como é possível perceber pelo discurso proferido em 1843 pelo senador Bernardo Pereira de Vasconcelos (1795-1850), publicado sob o título “Usurpação do nosso território pelos ingleses”⁷⁴². O interesse britânico na região foi particularmente impulsionado pela exploração da borracha, na qual destaca-se a participação do *Royal Botanic Gardens, Kew* no incentivo aos viajantes para que enviassem amostras de sementes da *Hevea brasiliensis* para a Inglaterra⁷⁴³. O Reino Unido foi, ainda, uma das nações a incentivar a abertura da navegação pelo Rio Amazonas, questão pela qual também se interessavam outras nações, como os Estados Unidos, e que era vista com desconfiança pelo governo brasileiro. Sobre esta questão, jornais brasileiros da época caracterizaram o interesse estrangeiro como uma “Invasão do Amazonas”⁷⁴⁴.

Sobre este ponto, é importante também destacar a aquisição, por capital inglês, da Companhia de Navegação do Amazonas (posteriormente *Amazon Steam Navigation Company*). Segundo Sá, a aquisição da companhia nacional fundada por Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá (1813-1889), foi a conclusão de longas décadas de pressão diplomática pela abertura do Amazonas⁷⁴⁵, e afirmou:

On 3rd May 1872, in London, the President of the Brazilian “Companhia de Navegação do Amazonas”, Irineu Evangelista de Sousa, the Baron (later

⁷⁴¹ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 236.

⁷⁴² USURPAÇÃO do nosso território pelos Ingleses. *Diário de Pernambuco*, 17 jul. 1843. Interior, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/4292>. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁷⁴³ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail*. *op. cit.* p. 36.

⁷⁴⁴ INVASÃO do Amazonas. *Correio Mercantil*. Ano X, nº 277, Rio de Janeiro, 4 out. 1853, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/8056>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁷⁴⁵ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail*. *op. cit.* p. 53.

Viscount) of Mauá, transferred the rights and obligations of his navigation company to five British businessmen, who founded a company exclusively to incorporate the enterprise. The new company, called “Amazon Steam Navigation Company”, incorporated all the properties belonging to the original firm, which included some 990,340 acres of land in the Amazon region. It also secured the rights of continuing to receive the subsidies assigned to the old company by the Brazilian Government.⁷⁴⁶

A livre navegação do Amazonas representava, para países estrangeiros como os Estados Unidos e a Inglaterra, uma via mais rápida de acesso comercial aos países andinos, sem que fosse necessário dar a volta ao continente. Segundo Gregório:

É preciso lembrar que, antes que a inauguração do Canal do Panamá, ocorrida em 1914, tornasse as comunicações dos países andinos com a Europa mais fáceis, rápidas e baratas, a única forma possível de transporte da sua produção para os maiores mercados consumidores do mundo se dava através do Cabo Horn, ao sul do continente, em uma viagem longa e dispendiosa, que não raro acabava em acidentes e perda total da carga, dada as condições climáticas da região.⁷⁴⁷

Neste cenário, Estados Unidos e Inglaterra foram as duas principais nações a pressionar diplomaticamente pela abertura do Amazonas. É interessante observar que, no caso estadunidense, o naturalista Louis Agassiz esteve envolvido com a pressão exercida pelo governo americano e, durante sua passagem pelo país, frequentemente propôs a abertura aos políticos brasileiros com quem teve contato. O seu principal argumento em favor da livre navegação relacionava-se a uma promessa de desenvolvimento da região, como relatou em seu livro de viagem:

Two things are strongly impressed on the mind of the traveller in the Upper Amazons. The necessity, in the first place, of a larger population, and, secondly, of a better class of whites, before any fair beginning can be made in developing the resources of the country; and, as an inducement to this, the importance of taking off all restraint on the navigation of the Amazons and its tributaries, opening them to the ambition and competition of other nations. Not only is the white population too small for the task before it, but it is no less poor in quality than meagre in numbers.⁷⁴⁸

Trechos como este são comuns ao longo do relato publicado por Agassiz e sua esposa e refletem a extensão de sua atuação no sentido de argumentar em favor da livre navegação do Amazonas. É interessante notar também como o relacionamento de Agassiz com os governos estadunidense e brasileiro o colocou em posição para atuar como intermediário em políticas comerciais que envolviam os dois países, alçando-o, para além de naturalista, a uma espécie de emissário oficial. Diferentemente de Bates e Wallace, as relações de Agassiz com os governos

⁷⁴⁶ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail. op. cit.* p. 59.

⁷⁴⁷ GREGÓRIO, Vitor Marcos. O progresso a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônia do século XIX. *Nova Economia*, Belo Horizonte, 2009, vol. 19, nº 1, p. 185-212. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512009000100008>>. Acesso em: 15 dez. 2018. p. 197.

⁷⁴⁸ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot Cary. *A journey in Brazil. op. cit.* p. 246.

estadunidense e brasileiro proporcionam à sua expedição um aspecto político singular. Ainda que a dupla britânica não tenha acompanhado as discussões sobre a livre navegação do Amazonas, que só foi garantida em 1866, os anos em que estiveram na região foram alguns dos mais importantes para a sua configuração política, geográfica e social. De acordo com Nunes:

Assim, as décadas de 1830 e 1860, diante de um contexto de formação do Estado imperial, ganham uma dimensão bastante peculiar, pois se caracterizam como um período em que os elementos constituintes do espaço amazônico são afirmados, dando origem ao que hoje se entende como Amazônia brasileira.⁷⁴⁹

É importante observar como estas mudanças políticas, também associadas ao desenvolvimento econômico da região, facilitaram o estabelecimento e a passagem de estrangeiros pelo Norte e Nordeste brasileiros. Para naturalistas viajantes, como Bates, isto significava tanto a maior facilidade em chegar ao país, aproveitando as rotas comerciais dos navios que partiam regularmente de Liverpool, mas também a oportunidade de interação com uma consolidada rede de residentes estrangeiros. Assim, de acordo com seu relato de viagem, suas primeiras relações no país foram com membros da pequena população europeia e estadunidense que residia no Pará, como os comerciantes Miller, Singlehurst e Brocklehurst.

Por compartilharem de uma cultura de matriz comum e do mesmo idioma, a formação de laços entre viajantes europeus e os estrangeiros que residiam no país era facilitada. Por conta das barreiras linguísticas, afinal nem Bates ou Wallace falavam português quando chegaram no país, e do reconhecimento mútuo de pertencimento a uma cultura de matriz anglófona e europeia, os laços formados entre viajantes e residentes estrangeiros estavam entre os primeiros a serem constituídos após a chegada no país. A partir dos relatos de ambos os viajantes é possível perceber que o escopo de seus relacionamentos na capital paraense durante os primeiros meses de estada no Brasil, limitava-se principalmente aos estrangeiros que habitavam na cidade. Foram eles que os ciceronearam durante suas primeiras excursões para além da cidade e que os apresentaram à comunidade local. Observando a predominância das relações com os estrangeiros durante os meses iniciais após a chegada de Bates e Wallace ao Brasil, Lima afirmou:

Durante os três meses passados nos arredores de Belém, Wallace e Bates constituíram laços de amizade com a população de origem europeia. Como enfatizado acima, essa rede de relacionamentos pessoais com o pequeno grupo de estrangeiros residentes no Pará – sobretudo, de fala inglesa – foi fundamental para apoiar sua empresa de coleta na região, porque a grande maioria detinha algum conhecimento da geografia, vegetação e fauna da

⁷⁴⁹ NUNES, Fernando Alves. A Amazônia e a formação do Estado Imperial no Brasil: unidade do território e expansão de domínio. *Almanack*. Guarulhos, n° 3, 2012, p. 54-65. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320120305>>. Acesso em: 15 dez. 2018. p. 55.

região, além de possuir domínio econômico e influência social suficiente para assegurar aos naturalistas uma infraestrutura necessária para suas explorações.⁷⁵⁰

A partir do livro de viagem de Bates é possível observar que, dentre os estrangeiros que residiam no Pará, um grande número deles tinha origem britânica ou estadunidense e que, em grande parte dos casos, gerenciavam no país casas comerciais de venda de produtos importados. Para alguns viajantes, como Orton, o número de residentes estrangeiros saudáveis e prósperos na Amazônia era testemunho da salubridade da região, e um convite a possíveis novos residentes. Em seu livro, Orton afirmou:

Whatever exceptions be taken to the branches, the main river is certainly as healthy as the Mississippi: the rapid current of the water and the continual movement of the air maintaining its salubrity. The few English residents (Messrs. Hislop, Jeffreys, and Hauxwell), who have lived here thirty or forty years, are as fresh and florid as if they had never left their native country. The native women preserve their beauty until late in life. Great is the contrast between the gloomy winters and dusty summers, the chilly springs and frosty autumns of the temperate zone, and the perennial beauty of the equator! No traveller on the Amazon would exchange what Wallace calls “the magic half-hour after sunset” for the long gray twilight of the north. “The man accustomed to this climate (wrote Herndon) is ever unwilling to give it up for a more bracing one.”⁷⁵¹

Cabe, ainda, atentar para uma diferença utilizada constantemente por Bates. Sempre que o viajante faz referência aos estrangeiros com quem teve contato, utiliza sempre o pronome de tratamento “Mr.”, enquanto utiliza “Senhor” ou “Senhora”. Segundo Rodrigues⁷⁵², esta distinção é utilizada para identificar aqueles que reconhecia como sendo seus pares daqueles que seriam os habitantes nativos, reforçando a ideia de que a condição comum de estrangeiros era um elemento importante na sociabilidade entre os viajantes.

Logo em que chegou ao Brasil, o primeiro contato de Bates e Wallace foi com o comerciante Daniel Miller. Por ser o consignatário da embarcação que os trouxe ao país, não apenas recepcionou os viajantes no porto paraense, como sugeriu que ficassem hospedados em sua rocinha até encontrarem uma acomodação mais definitiva. Durante o período em que foram seus convidados, Bates e Wallace criaram uma relação de amizade com Miller, que se manteve durante toda a permanência dos viajantes no país⁷⁵³. Pela experiência que possuía devido aos anos morando na região, o comerciante também foi quem primeiro apresentou a dupla recém-

⁷⁵⁰ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit. p. 320.

⁷⁵¹ ORTON, James. *The Andes and the Amazon: or, Across the continent of South America*. New York: Haper & Brothers, 1870. 355p. p. 286. Disponível em: <<https://archive.org/details/andesamazonoracr00orto>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁷⁵² RODRIGUES, Cristina Carneiro. *As traduções de Bates*. op. cit. p. 291.

⁷⁵³ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 223.

chegada aos seus companheiros a anglófono e compartilhou algumas informações sobre a região. De acordo com Lima:

O encontro [com Miller] enfatiza, mais uma vez, que, por meio de estrangeiros estabelecidos na região, os dois coletores puderam se comunicar em língua inglesa, colher informações sobre espécies e sobre a geografia da região, definir roteiros de exploração por trilhas do interior da mata, contratar os serviços da gente local (mestiços, mulatos, indígenas e negros) e encontrar residência.⁷⁵⁴

Nota-se, portanto, que o contato com residentes estrangeiros nas principais capitais brasileiras constituía-se em uma primeira etapa importante para o fomento das redes dos naturalistas que aqui estiveram. Como apontado por Woodcock⁷⁵⁵, havia um pequeno e coeso grupo de europeus habitando no Pará em meados do século XIX e as relações próximas entre estes residentes fez com que muitos deles estivessem em contato com os naturalistas que visitaram a região. A informação dada por Woodcock é corroborada pelo próprio Wallace, que informou ser a comunidade de estrangeiros que habitava o Pará limitada a alguns poucos moradores, em sua maioria comerciantes de origem inglesa ou estadunidense⁷⁵⁶. Reunidos na pequena capital, associavam-se pela língua e cultura que compartilhavam e uniam-se sob o símbolo comum de estrangeiros naquela terra tropical. A imigração fazia com que as diferenças que talvez outrora os separassem, como religião ou classe social, fossem diluídas. As condições de estrangeiros os aproximava, ao mesmo tempo em que os diferenciava da população local. Somando-se a questão da identificação o fato de que Bates e Wallace, nesta época, ainda não dominavam a língua portuguesa, é fácil entender porque o seu círculo de relacionamentos no primeiro momento da viagem ficou circunscrito principalmente ao pequeno grupo de estrangeiros da cidade.

Dentre os residentes estrangeiros, destacavam-se os representantes consulares de nações europeias e países anglófonos. Ao longo de sua residência no Pará, Bates teve contato com o cônsul estadunidense na região, chamado pelo viajante apenas como Mr. Norris⁷⁵⁷, mas cujo nome completo era Henry Lee Norris⁷⁵⁸, e com seu substituto posterior, Eben P. Bailey⁷⁵⁹, ou

⁷⁵⁴ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit. p. 195.

⁷⁵⁵ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons*. op. cit. p. 12.

⁷⁵⁶ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 3.

⁷⁵⁷ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazon*. vol. I. 1863. op. cit. p. 349.

⁷⁵⁸ LAEMMERT, Eduardo. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o anno de 1851*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1851. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=D9wWAQAAMAAJ&hl=pt_BR>. Acesso em: 19 dez. 2018.

⁷⁵⁹ PARANHOS, José Maria da Silva. *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=o905AQAAMAAJ&hl=pt_BR>. Acesso em: 20 dez. 2018. p. 40.

simplesmente, Mr. Bailey⁷⁶⁰. Um outro representante estrangeiro com quem os viajantes tiveram contato foi o cônsul da Suíça no Pará, Luiz Brelaz, reconhecido por ter requisitado ao governo brasileiro direito de exclusividade para produzir óleos naturais a partir de árvores nativas como a seringueira⁷⁶¹. Interessantemente, o diplomata não é mencionado no livro de viagem de Bates, embora tenham, segundo Wallace, visitado juntos a sua propriedade por mais de uma vez. O contato com enviados diplomáticos era comum a diversos viajantes que percorriam a região, pois além de compartilharem do mesmo estatuto de estrangeiros, muitos estavam naquelas terras representando os países de onde os naturalistas haviam partido. É interessante notar, no entanto, que aparentemente o Reino Unido não possuía, até então, um representante consular naquela região.

Em um dos exemplos sobre a proximidade do grupo de estrangeiros que residia na região, o primeiro auxílio de Brelaz aos jovens naturalistas foi o de apresentá-los a um dos principais imigrantes estadunidenses na região. Benjamin Upton Jr. era dono de um engenho de produção de arroz em Maguari. Sua propriedade era gerenciada por outro estrangeiro, Charles Leavens. Há desacordo nos livros de Bates e Wallace sobre a origem de Leavens, que é informado ser estadunidense por Bates e canadense por Wallace. Mesmo uma busca na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional não encontra resultados para a menção de qualquer “Charles Leavens”, ou mesmo “Carlos Leavens”, nos periódicos já digitalizados, dificultando a sua identificação precisa. Ainda assim, Leavens foi responsável por acompanhar os dois viajantes em diversas excursões que fizeram nos arredores da cidade, e foi o primeiro a levá-los para explorar regiões mais distantes. Assim, resumindo a importância do contato de Bates e Wallace com membros da comunidade de estrangeiros no Pará, Da Silva afirmou:

Estes foram os primeiros, de muitos outros estrangeiros, que compuseram parte da grande rede de relações, estabelecida entre diplomatas, cientistas, comerciantes e proprietários na grande extensão territorial da Amazônia. Pensando nisso, a preocupação de Wallace e Bates em adquirir um bom número de cartas de recomendação, quando de sua última estadia em Londres, faz bastante sentido.⁷⁶²

A primeira visita que Bates e Wallace fizeram ao engenho de Upton em Maguari aconteceu em agosto de 1848. Ao chegarem, foram recepcionados por Leavens que, segundo Lima, era colecionador amador de pássaros⁷⁶³. Apesar das escassas informações sobre os dois

⁷⁶⁰ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazon*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 270.

⁷⁶¹ ASSEMBLÉA GERAL, EM 17 DE AGOSTO DE 1853. *O Auxiliador da Indústria Nacional*. Nova série, vol. II, nº 2, agosto, Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro, 1853. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/302295/8972>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

⁷⁶² DA SILVA, Victor Rafael Limeira. *Alfred Russel Wallace e os mundos amazônicos*. *op. cit.* p. 71.

⁷⁶³ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. *op. cit.* p. 230.

norte-americanos, ambos também foram mencionados por Edwards, que relatou ter sido recepcionado e levado para coletar espécimes nas redondezas da propriedade. Logo, por terem lido o livro de viagem do entomólogo estadunidense, Bates e Wallace já sabiam sobre o engenho de Upton e Leavens e sobre quais insetos conseguiriam encontrar nos arredores de Maguari, mesmo antes de conhecerem a dupla. Não é difícil supor, inclusive, que os viajantes poderiam ter até uma carta de apresentação redigida por Edwards recomendando-os. Embora nenhuma destas cartas tenha sobrevivido, e não existam menções a quem se endereçavam, sabemos por meio de uma correspondência enviada por Edwards para Wallace, arquivada na biblioteca do *Natural History Museum* de Londres, que o entomólogo entregou aos dois naturalistas ingleses cartas que os indicavam a alguns dos principais moradores do Pará⁷⁶⁴. Por meio do livro de Edwards, onde são identificados aqueles indivíduos com quem teve contato na região, também é possível supor que uma destas cartas estivesse endereçada ao Capitão Hislop. O escocês, que morava há muitos anos no Brasil, foi mencionado por Bates, Wallace, Edwards e Spruce, havendo ajudado os viajantes a encontrar alojamento na região, além de ter por muitas vezes hospedado os visitantes em sua própria casa.

Da mesma forma, Bates e Wallace ficaram hospedados com Upton, em duas ocasiões diferentes. Em ambas, no entanto, parecem ter interagido mais com Leavens, referido por Wallace como “*my friend Mr. Leavens*”⁷⁶⁵. Foi ele um dos primeiros responsáveis por instruir os jovens naturalistas sobre o deslocamento pelo interior do país. Viajar pelo interior do Brasil durante o século XIX era, segundo Bates, uma tarefa que demandava uma série de preparativos e incluía grande burocracia, pois viajantes estrangeiros precisavam mostrar seus passaportes nos postos policiais de cada cidade visitada.

Cabe ainda mencionar que, além dos percalços burocráticos e logísticos de preparação para uma viagem pelo interior do Brasil, havia um grande desconhecimento por parte dos viajantes sobre o que encontrariam. Segundo Lima⁷⁶⁶, ao longo de todo o século XIX, muitos mapas do Brasil publicados no exterior continham grandes lacunas sobre o interior do país, sendo apenas o seu litoral cuidadosamente mapeado. Ainda segundo a autora, o desconhecimento do interior pode ter sido um dos motivos que tanto aguçava a curiosidade e

⁷⁶⁴ EDWARDS, William Henry. Coalburgh, West Virginia, United States of America. [Carta]. 23 out. 1904. [para] WALLACE, Alfred Russel. Old Orchard, Broadstone, Wimborne, Dorset. *Sobre o encontro em Londres antes da viagem de Wallace ao Brasil e outros assuntos*. 2f. WP1/8/171 (Natural History Museum, Londres, Reino Unido). 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1359/1138/S/details.html>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

⁷⁶⁵ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 78.

⁷⁶⁶ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit. p. 68.

imaginação dos estrangeiros pela região. Para Sampaio⁷⁶⁷, a falta de conhecimento sobre o interior da Amazônia também contribuiu para que fosse caracterizada como “sertão”, significando não apenas um lugar desconhecido e afastado da civilização, mas contribuindo para o desenvolvimento da concepção de que era um espaço ainda a ser explorado, desbravado e colonizado.

A falta de informações sobre o interior do país, além de dificultar o deslocamento pela região, também colocava os viajantes em uma posição de maior dependência daqueles habitantes que possuíam conhecimento sobre os cursos dos rios e os caminhos das matas que os levassem, de forma segura, aos pequenos vilarejos amazônicos. Assim, o auxílio de indivíduos com experiência na navegação pelo interior das províncias do país era essencial a viajantes recém-chegados como Bates e Wallace. Portanto, o contato com Leavens não só lhes facilitou a primeira incursão ao interior, como certamente também serviu de aprendizado sobre as formas de se viajar pelo país.

Segundo Bates, a preparação para a viagem organizada por Leavens pelo interior da província incluiu “*a great deal of time and trouble*”⁷⁶⁸. Devido a duração da jornada e a vastidão dos rios pelos quais navegariam, foi necessária uma canoa de 27 pés, armada com dois mastros, e larga o suficiente para comportar toda a tripulação e suprimentos suficientes para três meses de excursão. Ainda em seu relato, informou que Leavens era “*familiar with the language and an adept in river-navigation*”⁷⁶⁹ e, portanto, “*having had much experience in the country, managed all these matters*”⁷⁷⁰.

O objetivo da viagem planejada era alcançar a região próxima da desembocadura do Rio Araguaia, para checar a existência de cedro. Pelo conhecimento que possuía sobre o país e sua natureza, Leavens aproveitou para mostrar aos naturalistas locais para a coleta de pássaros e insetos ao longo do caminho o que, segundo Bates, contribuiu para que reunissem um número considerável de espécimes⁷⁷¹. A promessa de encontrar cedro, no entanto, jamais foi concretizada e, associada com a dificuldade de conseguir os ajudantes que seriam necessários para auxiliar na complicada navegação pelos rios da região, fizeram com que Leavens decidisse

⁷⁶⁷ SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Espelhos partidos: etnia, legislação e desigualdades na colônia Sertões do Grão-Pará, 1755 – 1823*. (Tese de Doutorado) Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2001. Disponível em: <http://www.academia.edu/1004515/Espelhos_partidos_etnia_legisla%C3%A7%C3%A3o_e_desigualdade_na_col%C3%B4nia>. Acesso em: 26 jan. 2019. p. 30.

⁷⁶⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 112.

⁷⁶⁹ *Ibidem.* p. 84.

⁷⁷⁰ *Ibidem.* p. 112.

⁷⁷¹ *Ibidem.* p. 84.

abandonar a jornada. Apesar disso, manteve a promessa que havia feito aos viajantes, de os levar até as cataratas de Arroios.

Durante esta primeira viagem, Bates e Wallace estiveram acompanhados pela tripulação reunida por Leavens, composta por três barqueiros indígenas chamados Alexandro, Manoel e Joaquim. Foi graças aos esforços e experiência na navegação que o grupo conseguiu chegar até Arroios em segurança, promovendo, desta forma, a primeira oportunidade para que Bates e Wallace observassem algo que mencionariam diversas outras vezes ao longo de seus relatos: a habilidade indígena no manejo das embarcações e a perícia no conhecimento dos complicados caminhos fluviais pelo interior do país. Em pouco tempo, a dupla percebeu que uma tripulação bem preparada e experiente era essencial para realizar difíceis travessias pela região. Nesta primeira excursão, Bates elogiou, especialmente, a habilidade de navegação de Alexandre, a quem atribuiu o sucesso da empreitada, afirmando:

Our principal man was Alexandro, one of Mr. Leavens's Indians. He was an intelligent and well-disposed young Tapuyo, an expert sailor, and an indefatigable hunter. To his fidelity we were indebted for being enabled to carry out any of the objects of our voyage. Being a native of a district near the capital, Alexandro was a civilized Tapuyo, a citizen as free as his white neighbours. He spoke only Portuguese. He was a spare-built man, rather under the middle height, with fine regular features, and, what was unusual in Indians, the upper lip decorated with a moustache. Three years afterwards I saw him at Pará in the uniform of the National Guard, and he called on me often to talk about old times. I esteemed him as a quiet, sensible, manly young fellow.⁷⁷²

Além de suas habilidades para a navegação, Alexandro também acompanhou Bates durante caminhadas nas florestas para a coleta de espécimes. Segundo o naturalista, durante estes passeios o indígena apontava para os rastros e pegadas deixados pelos animais e, assim, encontravam facilmente ninhos e ovos de tartaruga. Foi também ao longo destas incursões pelas florestas que Bates observou, pela primeira vez, a habilidade indígena na pesca e na caçada com arco e flecha. Por sua associação com Leavens, assim como pelas suas qualidades como caçador narradas por Bates, é possível supor que este Alexandro seja o mesmo empregado por Edwards⁷⁷³ anos antes para coletar espécimes. Após este primeiro contato, Bates reencontrou Alexandro três anos depois, servindo como membro da Guarda Nacional no Pará, e relatou que costumava se reunir com o indígena para rememorar a excursão que fizeram junto com Leavens. De volta ao engenho de Upton e Leavens, os norte-americanos também mediaram relações entre os viajantes e os escravos que mantinham na propriedade. Um deles, de nome Hilário, mas a quem Bates chamava pelo nome anglicizado de Larry, impressionou o naturalista pelo seu

⁷⁷² *Ibidem.* p. 112.

⁷⁷³ EDWARDS, William Henry. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará.* op. cit. p. 55.

conhecimento sobre a natureza local. Assim, Bates aproveitou da experiência de Larry e o convidou, em algumas ocasiões, para acompanhá-los em passeios pela mata nos arredores de Maguari. De acordo com o naturalista, durante estas caminhadas:

Larry told me the Indian names, and enumerated the properties of a number of the forest trees. One of these was very interesting – viz, the Jutahí, which yields the gum copal, called by the natives Jutahí-sica. [...] During these rambles by land and water we increased our collections considerably.⁷⁷⁴

Leavens também foi responsável por intermediar a relação dos viajantes com alguns dos principais comerciantes com os quais negociava. Em uma visita que realizaram juntos à cidade de Vista Alegre, Bates e Wallace foram apresentados a alguém que referenciam apenas como “Senhor Laroque”. Buscando por seu sobrenome em periódicos da época, é possível supor que possivelmente se tratava de Henrique de La-Roque, que mantinha um armazém na Rua da Praia⁷⁷⁵ e atuava como diretor secretário do Banco Comercial do Pará⁷⁷⁶. Enquanto Leavens cuidava de questões comerciais e indagava acerca da possibilidade de existência de cedro na região, La-Roque tomou para si o encargo de ciceronear os naturalistas pelos arredores.

Desta forma, é possível observar que, embora em um primeiro momento a rede de residentes estrangeiros na capital paraense apenas conectasse os naturalistas a outros estrangeiros, ao longo do tempo, residentes como Upton e Leavens, com seus anos de experiência no país, atuavam também como intermediários entre os viajantes e outros grupos sociais, inclusive com indígenas e escravos. Assim, as relações com estrangeiros como Miller, Singlehurst, Upton e Leavens garantiam aos viajantes não só locais de hospedagem e auxílio com o deslocamento, mas também companhia na coleta de espécimes e a mediação do contato com outros residentes. A aproximação com o grupo de estrangeiros que residia no Brasil aparece, portanto, como um primeiro ponto central na sociabilidade de viajantes como Bates e Wallace pela região amazônica, a partir do qual puderam expandir suas redes para que englobassem outros habitantes locais.

Ainda assim, o primeiro ano de residência dos viajantes no Brasil concentrou a maior parte de suas relações com os grupos de estrangeiros na região. Um outro exemplo é o do britânico Archibald Campbell. Casado com uma brasileira, Campbell era dono da fazenda Tauauá, em Caripi. Mais uma vez, a visita foi possivelmente arranjada por uma carta de Edwards, que havia visitado a propriedade de Campbell anos antes, quando esteve no Brasil. Em seu livro

⁷⁷⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 83.

⁷⁷⁵ AVISOS Diversos. *Treze de Maio*. Nº 330. 13 de maio de 1854. p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/1492>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

⁷⁷⁶ BANCO Commercial. *Treze de Maio*. Nº 339. 3 jun. 1854. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/1524>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

de viagem, Edwards relatou ter ficado impressionado com a natureza no local, onde Campbell gerenciava uma das maiores olarias da província⁷⁷⁷. Segundo Bates, Edwards não foi o único a se hospedar na fazenda de seu compatriota, pois o local era conhecido dos viajantes que passavam pela região, e afirmou:

Most of the occasional English and American visitors to Pará had made some stay at Caripí, and it had obtained quite a reputation for the number and beauty of the birds and insects found there; I therefore applied for and obtained permission to spend two or three months at the place.⁷⁷⁸

A informação é corroborada por Woodcock⁷⁷⁹ e Crawforth⁷⁸⁰, que afirmam que tanto Archibald, quanto seu irmão James, mantinham um ávido interesse pela atividade dos naturalistas que passavam pela região. Se, por um lado, é possível que a visita à propriedade de Campbell tenha sido indicação de Edwards, por outro, sabemos que Campbell era, segundo o próprio Edwards, ele mesmo responsável por indicar os viajantes que o visitavam “*to persons of note in the different towns which we were to pass*”⁷⁸¹. Assim, o contato com indivíduos como Leavens e Campbell significava não apenas a oportunidade de relacionar-se com pessoas que compartilhavam do mesmo idioma e costumes, mas também representava a oportunidade de ampliar a rede de contatos do naturalista para abranger outros moradores locais. No caso de Campbell, é possível ter alguma ideia de seu bom relacionamento com a população local ao observar uma das notas publicadas em um periódico paraense após o seu falecimento, onde é possível ler:

Este – teria de ser por extremo demasiado extenso, se deliberado propósito de minha parte houvesse de comemorar a um ente digno de viver sempre, assaz grande para ser visto em todos os sentidos, e a todos os respeitos; porque sabem todos quem fora o proprietário – Archibald Campbell – tão distinto pai de família, quanto bom e verdadeiro amigo, útil ao Estado, e amante dos homens dignos de consideração, cuja amizade sabia o ilustre finado prezar, assim como sabia usar de seus talentos e virtudes em prol da prosperidade, assim pública, como particular, pois que a sua dedicação ao comércio, de que era uma das ilustrações, foi constante, e, como tal, merecera o honroso cargo de Diretor da Caixa-filial do Banco do Brasil.⁷⁸²

Da mesma forma como aconteceu anteriormente, com Leavens, o contato com Campbell também permitiu que Bates conhecesse os escravos que trabalhavam em sua propriedade, como Florinda. A escrava, que era feitora em Tauaú, foi quem ofereceu a Bates uma experiência gastronômica inédita em sua vida até aquele momento. Observando que a alimentação do

⁷⁷⁷ EDWARDS, William Henry. *A Voyage up the River Amazon*. *op. cit.* p. 54.

⁷⁷⁸ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. Vol. I. *op. cit.* p. 169.

⁷⁷⁹ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons*. *op. cit.* p. 71.

⁷⁸⁰ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.* p. 69.

⁷⁸¹ EDWARDS, William Henry. *A Voyage up the River Amazon*. *op. cit.* p. 83.

⁷⁸² VIEIRA, B. J. Tributo de Gratidão. *A Epocha: Folha Política, Commercial e Noticiosa*. Pará, ano 2, nº 248, 4 nov. 1859. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/984>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

naturalista consistia, principalmente, de arroz, banana e farinha, perguntou-lhe se não gostaria de um tamanduá. O viajante, que nunca tinha provado do animal, “*told her almost anything in the shape of flesh would be acceptable*”⁷⁸³. Com o auxílio do também escravo Antônio, Florinda passou a percorrer as matas nos arredores da propriedade quase diariamente, em busca de tamanduás para Bates. O relato que ouviu de uma destas excursões foi posteriormente transformado pelo naturalista em uma ilustração, que mostra o momento em que um dos tamanduás que lhe serviria de almoço matava o pequeno Atrevido, cachorro de Antônio.



Figura 30: *Ant-eater grappling with dog.*⁷⁸⁴

Foi durante sua permanência na fazenda de Campbell que Bates conheceu ainda outro europeu residente no Brasil. Certa manhã, ao acordar, o naturalista informou ter se surpreendido ao ser recepcionado por uma dupla de meninos ruivos que falavam inglês. Ao acompanhá-los, descobriram que eram filhos do alemão John Petzell, que havia vindo para o Brasil em 1835 para se juntar ao exército brasileiro na repressão dos cabanos. Uma vez encerrada a sua participação no conflito, emigrou para os Estados Unidos, onde casou e teve cinco filhos. No

⁷⁸³ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 177.

⁷⁸⁴ *Ibidem.* p. 177.

entanto, o período no Brasil parece ter despertado o seu gosto pelo país e voltou para a Amazônia, para viver “*Indian fashion*”⁷⁸⁵. Segundo Bates:

He could never forget, however, the free river life and perpetual summer of the banks of the Amazons, so he persuaded his wife to consent to break up their home in North America, and migrate to Pará. [...] He seemed to be quite happy, but his wife complained much of the want of wholesome food, meat and wheaten bread. I asked the children whether they liked the country; they shook their heads, and said they would rather be in Illinois.⁷⁸⁶

Ao longo das semanas seguintes, Bates passou a encontrar Petzell e sua família com frequência. Além de poderem se comunicar em inglês, logo descobriu que o alemão e seus filhos eram “*expert insect collectors, so I employed them at this work during my stay at Caripí*”⁷⁸⁷. É interessante notar que, embora Bates tenha recebido espécimes de diversos moradores locais que contribuíram com a sua expedição, como o próprio naturalista afirmou em seu livro de viagem, Petzell foi o único cujo nome registrou nos seus cadernos que hoje se encontram no acervo do *Natural History Museum*. Nas páginas 125 e 126, estão enumerados diversos espécimes de insetos, acompanhados de seus nomes científicos e do adendo “by John Petzell”⁷⁸⁸. A companhia de Petzell também estendeu ao naturalista acesso à rede de contatos indígenas que o alemão mantinha na região e que, segundo Bates, também foi importante para que aumentasse sua coleção. Assim, afirmou que, enquanto estava em Caripí:

Petzell and I sometimes undertook long excursions, occupying the whole day. Our neighbours used to bring me all the quadrupeds, birds, reptiles, and shells they met with, and so altogether I was enabled to acquire a good collection of the productions of the district.⁷⁸⁹

Diferentemente daqueles estrangeiros com quem havia tido contato anteriormente, que viviam no país como comerciantes de produtos importados ou representantes consulares, Petzell havia se mudado pela afinidade que possuía com a região e seus habitantes, e sua rede de contatos incluía diversos grupos indígenas que habitavam próximos de si. De forma semelhante, Bates encontrou também dois estadunidenses que há muito viviam no país entre os índios. Kemp, “*who had lived for many years amongst the Indians on the Madeira*”⁷⁹⁰, compartilhou com o viajante informações sobre os indígenas da região. Já Bean, que possivelmente residia no país pelo maior número de anos, acompanhou o viajante guiando-o pelas matas nos arredores de Cametá. Segundo o naturalista:

⁷⁸⁵ *Ibidem*. p. 173.

⁷⁸⁶ *Ibidem*. p. 173.

⁷⁸⁷ *Ibidem*. p. 173.

⁷⁸⁸ *The Manuscript Collection of Henry Walter Bates (1825-1892)*. Referência: 140639. (South Kensington, Entomology Special Collections, Natural History Museum, London, United Kingdom). 5 dez. 2017.

⁷⁸⁹ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 173.

⁷⁹⁰ *Ibidem*. p. 316.

I found at Cameté an American, named Bean, who had been so long in the country that he had almost forgotten his mother tongue. He knew the neighbourhood well, and willingly accompanied me as guide in many long excursions. I was astonished in my walks with him at the universal friendliness of the people. [...] The good people, most of whom knew Bean, always invited us to stop.⁷⁹¹

Outra importante figura local que Bates conheceu durante sua passagem pelo país foi o italiano Henrique Antony, que vivia na cidade de Barra (atualmente Manaus), onde mantinha um estabelecimento comercial. Já na década de 1840, era um dos principais comerciantes da região. Em periódicos da época, acessados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, uma busca pelo seu nome revela dezenas de anúncios publicados frequentemente, onde chama a atenção para os produtos vendidos na sua loja. O sucesso de seu comércio garantia certa notoriedade local e foi, inclusive, chamado para compor uma comissão especial para selecionar os produtos naturais e industriais que representariam o Pará e a Corte na Exposição Nacional de 1861⁷⁹². De acordo com o livro de viagem de Wallace, ele e Bates possuíam cartas de apresentação endereçadas a Antony, embora não mencione quem havia sido o intermediário desta relação. É possível que tenha sido Edwards, que esteve hospedado com o italiano durante sua passagem pelo Brasil e, sobre ele, afirmou:

His house was always open to passing strangers, and others beside ourselves were constantly there, enjoying his hospitality. Both the Senhor and his lady, showed us every attention, and seemed particularly anxious that we should see all that was curious in the vicinity, while they constantly kept some Indian in the woods for our benefit.⁷⁹³

De acordo com Crawforth⁷⁹⁴, Antony é celebrado nos livros de viagem de diversos naturalistas que estiveram na Amazônia durante a segunda metade do século XIX, incluindo, além de Edwards, Bates e Wallace, também Richard Spruce, Johann Natterer e Gaetano Oscullati. Ao analisar a sua participação na expedição de Wallace pelo Brasil, Lima levantou alguns dados biográficos, resumindo:

Natural de Livorno, o negociante havia emigrado para o Pará em 1821 – um ano após a partida de Belém de Spix e Martius –, quando tinha apenas 15 anos. Posteriormente, subiu o Rio Amazonas até Barra do Rio Negro, onde fixou residência. Nesse lugar, ele prosperou de tal maneira, que se transformou na figura mais respeitada da localidade de meados do século XIX, estendendo redes de negócios por vários pontos da geografia da região.⁷⁹⁵

⁷⁹¹ *Ibidem*. p. 157.

⁷⁹² GOVERNO DA PROVÍNCIA. *Estrela do Amazonas*. 31º trimestre, nº 594, 13 nov. 1861. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213420/590>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

⁷⁹³ EDWARDS, William H. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará*. *op. cit.* p. 173.

⁷⁹⁴ CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. *op. cit.* p. 95.

⁷⁹⁵ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. *op. cit.* p. 301.

Sua importância para a região é reconhecida até hoje e a rua que leva o seu nome, no centro de Manaus, é uma das que guardam vestígios da história da região⁷⁹⁶. Quando Bates e Wallace conheceram Antony, em 1849, foram convidados a ocupar “*two large rooms in a new house of his own not quite finished, and invited us to take our meals at his table.*”⁷⁹⁷. Bates, por sua vez, caracterizou o encontro com Antony da seguinte forma:

In the evening I went ashore, and was kindly received by Senhor Henriques Antony, a warm-hearted Italian, established here in a high position as Merchant, who was the never-failing friend of stray travellers. He placed a couple of rooms at my disposal, and in a few hours I was comfortably settled in my new quarters, sixty-four days after leaving Óbidos.⁷⁹⁸

É possível, ainda, que Bates e Wallace tenham aproveitado dos trabalhadores empregados por Antony para guiá-los pelas florestas e coletarem espécimes. Segundo Edwards⁷⁹⁹ afirmou em seu livro, o italiano mantinha cerca de 100 indígenas espanhóis empregados em sua propriedade, dos quais comprou arcos, lanças e outros artigos.

Meses depois, foi a vez de Richard Spruce aproveitar dos auxílios cedidos por Henrique Antony aos seus visitantes estrangeiros. Além de ficar hospedado com o italiano durante sua passagem pela região, Spruce também contou com seu apoio para recuperar uma parcela da sua coleção. Tendo confiado caixas com amostras de raízes de arbustos do gênero *Paullinia* a um homem que planejava fazer o trajeto entre Manaus e o Pará, teve todo o seu material confiscado quando a embarcação foi retida no meio do caminho por conta de dívidas mantidas por seu dono. Desejando recuperar suas caixas, Spruce enviou uma carta para Antony que, sabendo que elas estavam abandonadas há meses, recuperou-as para o naturalista e as enviou para o Pará, de onde partiram posteriormente para a Inglaterra⁸⁰⁰. Anos mais tarde, Spruce homenageou o italiano que tanto o auxiliou na Amazônia pedindo para que George Bentham (1800-1884) nomeasse uma das espécies novas que havia coletado com o seu nome, sendo esta a origem do nome da espécie *Henriquezia verticillata*⁸⁰¹.

Comparando o contato de Bates com Miller, Leavens, Petzell, Kemp, Bean ou Antony, é possível observar que o conjunto de estrangeiros que residia no país também não compunha um grupo homogêneo. Enquanto os primeiros habitavam nas principais cidades e trabalhavam em profissões associadas ao comércio, os demais parecem ter nutrido uma relação mais próxima

⁷⁹⁶ MEDEIROS, Gírlene. Ruas de Manaus persistem à troca de nomes e guardam história da capital. *GI*. 24 out. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/10/ruas-de-manaus-persistem-troca-de-nomes-e-guardam-historia-da-capital.html>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

⁷⁹⁷ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 112.

⁷⁹⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 336.

⁷⁹⁹ EDWARDS, William H. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará*. *op. cit.* p. 190.

⁸⁰⁰ SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazons & Andes*. *op. cit.* p. 422.

⁸⁰¹ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 115.

dos nativos da região. O contato com estes residentes, em ambos os casos, parece ter sido fundamental para que Bates ampliasse sua rede de contatos no país, passando a conhecer indivíduos que o guiaram pelas matas e auxiliaram na coleta de espécimes. Com o auxílio de compatriotas e outros estrangeiros com quem compartilhava do mesmo idioma, Bates, Wallace, e outros naturalistas, conseguiram alojamento, auxílio no transporte pelo interior, guias para os orientar pelas regiões visitadas, e mediadores para apresentá-los à sociedade local.

4.3. INTERAÇÕES COM MEMBROS DA ELITE LOCAL

De acordo com o viajante, as normas e regras de decoro social na região amazônica facilitavam o encontro entre viajantes recém-chegados e membros da elite local. Bates narrou que, a cada nova cidade visitada, além de ter que mostrar seu passaporte nos postos oficiais adequados, era também necessário se apresentar aos principais residentes da cidade, que geralmente incluíam magistrados, militares e religiosos. Além de facilitar o contato entre os viajantes e membros da elite local, as normas de sociabilidade que determinavam a necessidade de se apresentar aos principais residentes de cada cidade também aumentavam as chances de encontrar com indivíduos que tivessem visitado ou mesmo estudado no exterior e que, portanto, falassem um idioma estrangeiro. Este era o caso, por exemplo, de Joaquim Francisco de Araújo Danin. Além de dono de diversas propriedades nos arredores do Pará, também era membro da Guarda Nacional e era dono de uma olaria. De acordo com o viajante, Danin falava muito bem o inglês, pois já havia visitado a Inglaterra e os Estados Unidos, países para onde havia enviado seus filhos com o propósito de estudar. A informação é corroborada por uma notícia publicada no jornal *O Liberal do Pará* em 24 de abril de 1874, que dizia:

Chegada – Chegou no vapor *Ambrose* o nosso distinto amigo o sr. tenente-coronel Joaquim Francisco de Araujo Danin, que achava-se em passeio na Europa. O dito nosso amigo trouxe em sua companhia um de seus filhos, que se achava estudando e ultimamente empregado no comércio na Inglaterra. Cumprimentamos os ilustres recém-chegados, congratulando-nos com sua exma. família, por semelhante motivo.⁸⁰²

O conhecimento que Danin possuía sobre a língua inglesa certamente facilitou sua relação com os viajantes, a quem alugou uma casa nas vizinhanças de Belém. Durante o tempo que permaneceram no Pará, Bates e Wallace frequentemente encontravam com Danin, sendo, inclusive, convidados para conhecer a olaria que mantinha próxima a desembocadura do Rio Una.

⁸⁰² FACTOS DIVERSOS. *O Liberal do Pará*, 24 abr. 1874. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/704555/4917>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

Na cidade de Cametá, novamente a necessidade de se apresentar aos principais residentes fez com que Bates conhecesse um importante colaborador. Ângelo Custódio Correia, que Bates determinou ser o mais distinto cidadão de Cametá, era formado em ciências sociais e direito na França, e um dos mais eminentes políticos cametaenses. Quando conheceu o naturalista, havia recentemente terminado seu segundo mandato como deputado geral pela província do Pará, onde posteriormente seria reeleito mais uma vez⁸⁰³. Sobre Custódio, Bates afirmou:

This excellent man was a favourable specimen of the highest class of native Brazilians. He had been educated in Europe, was now a member of the Brazilian Parliament, and had been twice President of his native province. His manners were less formal, and his goodness more thoroughly genuine, perhaps, than is the rule generally with Brazilians. He was admired and loved, as I had ample opportunity of observing, throughout all Amazonia.⁸⁰⁴

A fama de Custódio Correia pode ser confirmada em uma homenagem póstuma publicada após o seu falecimento durante uma epidemia de cólera que assolou boa parte da população de Cametá. No jornal *Treze de Maio*, foi publicada a seguinte nota:

O Pará está de luto pela perda de um dos seus mais belos ornamentos! O Exm^o Sr. Dr. Angelo Custodio Correia tão conhecido por sua elevada posição, por seus talentos e virtudes, acaba de ser vítima da epidemia reinante! O amigo dos pobres, o administrador zeloso pelos interesses do povo já não existe! Aquele coração que arfava de dó e de sentimento ao aspecto da desgraça deixou de palpitar! Aquela mão beneficente que se comprazia em descer do fastígio da grandeza para enxugar as lágrimas do órfão e da viúva desvalidos está enregelada pelo frio da morte! Aqueles lábios d'onde saiam palavras animadoras e de consolação para os infelizes estão cerrados e mudos! Grande Deus, como são impenetráveis os mistérios da tua providência!⁸⁰⁵

Ângelo Custódio Correia foi um dos principais residentes que auxiliou Bates durante sua residência em Cametá. Por meio de seus contatos na cidade, conseguiu encontrar uma casa onde o naturalista pode residir gratuitamente, ainda colocando a sua disposição um empregado para tomar conta dos afazeres domésticos. Além disso, Ângelo também apresentou Bates ao seu irmão, João da Cunha Correia, que além de trabalhar como comerciante, também era político, sendo suplente na Câmara Municipal de Cametá a partir de 1848⁸⁰⁶ e na Câmara

⁸⁰³ BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliográfico brasileiro*. vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/221681/000011472_01.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2019. p. 86.

⁸⁰⁴ BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 155.

⁸⁰⁵ EXTRATAMOS do Diário do Grão Pará... *Treze de Maio*, nº 508, 30 jun. 1855. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/2208>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁸⁰⁶ FIZERAM-SE as eleições... *Treze de Maio*. nº 841 e 842, 4 out. 1848. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/947>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Municipal de Tefé a partir de 1867⁸⁰⁷, tornando-se posteriormente vice-presidente da província⁸⁰⁸. Alguns anos após o encontro com Bates, João da Cunha Correia também auxiliou o viajante William Chandless, que o descreveu, em um manuscrito enviado para Bates na *Royal Geographical Society*, como sendo ele mesmo um experiente explorador do Rio Juruá⁸⁰⁹. A partir da mediação de Ângelo, Bates afirmou ter conseguido uma passagem gratuita na escuna de João da Cunha, no que revelou ser uma oportunidade singular para que o viajante conhecesse diversas das principais vilas nas margens do Rio Amazonas. Sobre João da Cunha, Bates comentou:

João da Cunha, like most of his fellow-countrymen, took matters very easily. He was going to be absent in the interior several years, and therefore intended to diverge from his route to visit his native place, Cametá, and spend a few days with his friends. It seemed not to matter to him that he had a cargo of merchandise, vessel, and crew of twelve persons, which required an economical use of time; ‘pleasure first and business afterwards’ appeared to be his maxim.⁸¹⁰

Além da passagem, Bates recebeu de João da Cunha informações importantes sobre alguns dos principais rios locais, como o Juruá, sobre grupos indígenas que habitavam na região, e sobre o cenário político paraense, principalmente na época da Guerra de Cabanos, onde chegou à conclusão de que o governo imperial havia “*committed many tyrannical and illegal acts*”⁸¹¹.

Como muitos membros da elite local com os quais teve contato eram políticos regionais, Bates teve diversas oportunidades para observar e ouvir relatos sobre eventos marcantes que afetaram a configuração política da região amazônica. Ao longo dos 11 anos em que viveu no país, também testemunhou diretamente alguns dos principais eventos políticos que moldaram o norte brasileiro, como a elevação da Vila de Manaus à Cidade de Barra do Rio Negro (1848) e sua posterior mudança de nome para Cidade de Manaus (1856), a instalação da linha de vapores da Companhia de Navegação do Amazonas (1852), e a criação da Província do Amazonas, separada do Grão-Pará (1850)⁸¹².

⁸⁰⁷ TRANSMITIU-SE por cópia às câmaras... *Amazonas*. Anno II, nº 71, 12 out. 1867. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/164992/218>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁸⁰⁸ AMAZONAS. *Jornal do Recife*, Anno XXV, nº 159, 15 jul. 1882. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/19219>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁸⁰⁹ CHANDLESS, William. *Notes of a Journey up the River Juruá*. *op. cit.*

⁸¹⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 218.

⁸¹¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 191.

⁸¹² Sobre a história da região Amazônica ao longo do século XIX, ver: FERREIRA, Sylvio Mário Puga. *Federalismo, economia exportadora e representação política: o Amazonas na República Velha (1889-1914)*. Tese (Doutorado). Instituto de Economia, Universidade de Campinas. Campinas, 2005. 201p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285529/1/Ferreira_SylvioMarioPuga_D.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2018.; GREGÓRIO, Vitor Marcos. *Dividindo as províncias do Império: A emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro (1826-1854)*. Tese (Doutorado).

Pelo contato que teve com diversos membros da classe política local, Bates acompanhou de perto algumas destas mudanças, noticiando-as e analisando-as em seu livro de viagem. Em certa ocasião, enquanto estava hospedado na casa do Major Martinho da Fonseca Seixas, em Óbidos, observou de perto suas discussões políticas com seus convidados, registrando:

They had a demijohn of cashaça in their midst, and were helping themselves freely, drinking out of little tea-cups. One of the company was a dark-skinned Cametaense, named Senhor Calisto Pantoja, a very agreeable fellow, and as full of talk as the Major. Like most of his townsmen, he was a Santa Luzia, or Liberal, whilst the old gentleman was a rabid Tory. Pantoja rather nettled the old man by saying that the Cameté people had held their town against the rebels in 1835, whilst the whites of Obydos abandoned theirs to be pillaged by them. The Major then launched out into a denunciation of the Cametaenses and the Liberals in general. He said he was a pure white, a “Massagonista”, the blood of the Fidalguia of Portugal flowed in his veins, whilst the people of Cameté were a mixed breed of whites and Indians. I noticed that this boasting was ill received by the rest; it is generally, in fact, considered bad taste in Brazil to boast of purity of descent.⁸¹³

Em notas de rodapé, Bates elucidou que os “massagonistas” (mazagonistas ou mazaganenses), eram um grupo de colonos portugueses que vieram para o Brasil após abandonarem a colônia de Mazagão, no Marrocos, e que se consideravam descendentes diretos da nobreza metropolitana. Seu livro de viagem é, portanto, também uma fonte interessante de informações sobre a tessitura política da região naqueles anos, principalmente sobre os efeitos e consequências da Guerra de Cabanos, conflito sobre o qual Bates frequentemente ouviu relatos.

Os relatos dos viajantes deixam perceber que, dentre a elite local, diversos indivíduos estiveram constantemente associados com os naturalistas viajantes que passaram pela região. Um exemplo de habitante local reconhecido por seu auxílio aos viajantes que passavam pela região é o do capitão da Guarda Nacional, Manoel Joaquim da Costa Pinheiro⁸¹⁴, da cidade de Serpa (atualmente Itacoatiara), sobre quem Bates afirmou:

All, both men and women, seemed to me much more cordial, and at the same time more brusque I their manners than any Brazilians I had yet met with. One of them, Captain Manoel Joaquim, I knew for a long time afterwards; a lively, intelligent, and thoroughly good-hearted man, who had quite a reputation throughout the interior of the country for generosity, and for being a firm

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. 486p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-12062013-102746/publico/2012_VitorMarcosGregorio.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2018.; TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO AMAZONAS. *Justiça e política no Amazonas Imperial*. Amazonas, 2008. Disponível em: <https://www.tjam.jus.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2>. Acesso em: 23 dez. 2018.

⁸¹³ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 241.

⁸¹⁴ Uma breve biografia de Manoel Joaquim foi publicada após sua morte em: NECROLOGIA. *Estrella do Amazonas*. 20º trimestre, nº 335, 13 nov. 1858. p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213420/1730>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

friend of foreign residents and stray travellers. Some of these excellent people were men of substance, being owners of trading vessels, slaves, and extensive plantations of cacao and tobacco.⁸¹⁵

Mas talvez o principal exemplo, e um dos brasileiros mais frequentemente citado nos livros de viagem daqueles viajantes que visitaram a Amazônia Oitocentista, é o padre Torquato Antônio de Sousa. Além de conhecido colaborador de diversos viajantes que visitaram a região, foi também uma importante figura política e religiosa local, além de um reconhecido membro da maçonaria na região⁸¹⁶. Em 1848, quando Bates chegou ao Brasil, Torquato era reitor e professor no recém-criado Seminário Episcopal de São José⁸¹⁷. Na política, serviu como deputado provincial e presidente da Assembleia Provincial do Amazonas, na década de 1850, e foi o autor da lei que criou a primeira escola exclusiva para mulheres na cidade de Vila Nova⁸¹⁸. O primeiro naturalista que registrou ter recebido apoio de Torquato foi o Príncipe Adalberto, da Prússia, em 1842. Segundo Guerra:

Adalberto fora aconselhado a recorrer aos préstimos de Torquato, padre que vivia num vilarejo perdido no meio das selvas amazônicas. Ele fica aborrecido com a ideia, pois imagina que um padre seria um estorvo para suas explorações, mas fica admirado ao se deparar com o oposto daquilo que imaginara: Torquato era um jovem de porte atlético e de boa conversa. Ele era bem conhecido dos índios e a sua aparência acaboclada nada lembrava a figura de um sacerdote. Era Torquato quem liderava marcha e a comitiva tinha dificuldades em acompanhar suas vigorosas passadas.⁸¹⁹

O registro das capacidades físicas do padre, que parecem ter contradito as expectativas pré-concebidas pelos viajantes em relação ao vigor físico de um clérigo católico no Amazonas, estão presentes nos relatos de todos os que o encontraram. Para o príncipe:

His appearance at once dispelled the excusable apprehension I had sometimes felt, that he might rather prove a clog to our expedition: before us stood a tall, muscular figure, dressed in a Brazilian jacket and a straw-hat, while the sunburnt features of the young priest, about thirty years of age, bespoke hardihood and decision of character. [...] The [Padre] was evidently a man accustomed to toil, to whom a life on the rivers and in the forest was nothing new, and this naturally inspired us with confidence in his powers; the Padre in fact was just

⁸¹⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 309.

⁸¹⁶ SANTOS, Alan Christian de Souza. *O que revelar? O que esconder? Imprensa e maçonaria no findar do dezenove (Pará, 1872-1892)*. Dissertação (Mestre em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4555/1/Dissertacao_RevelarEsconderImprensa.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2019. p. 96.

⁸¹⁷ DUARTE, Durango. *Manaus entre o passado e o presente*. 1ª ed. Manaus:Ed. Mídia Ponto Comm, 2009. p. 164.

⁸¹⁸ BRAGA, Robério. *A Igreja Católica no Poder Legislativo Provincial (1852-1866)*. BIBLIOTECA VIRTUAL DO AMAZONAS. Série Memória. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2018.

⁸¹⁹ GUERRA, Rogério E. Padre Raulino Reitz e as ciências naturais no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis. vol. 44, n. 1, 2010, p. 15. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2018.

the man we needed, and the more so from his position, and the respect in which he was held by the Indians.⁸²⁰

O contato de Adalberto com Torquato foi facilitado por meio de cartas de apresentação entregues ao príncipe por Joaquim Lobo da Silveira, Conde de Oriola (1772-1846), importante figura política de Portugal que se estabeleceu na Prússia, onde virou cidadão naturalizado. De acordo com o príncipe viajante, o auxílio do político português foi essencial para o planejamento da expedição, que foi concluído em apenas oito dias⁸²¹. A recomendação para o contato com o padre se deu pela certeza de que poderia auxiliar os viajantes, sendo, principalmente, “*of the greatest assistance to us in our visits to the savages*”⁸²². Como missionário, Torquato era reconhecido e respeitado pelos indígenas Mundurucu e Juruna que habitavam a região. Sendo fluente em língua geral, também pôde atuar como guia e intermediário entre o príncipe e os grupos indígenas do Xingu. Segundo o relato de Adalberto, a passagem por Tavaquára, vilarejo ainda desconhecido por Torquato, foi aproveitada pelo padre para cumprir sua missão catequizante, rapidamente reunindo cerca de trezentos indígenas Juruna para o catecismo⁸²³. No entanto, o príncipe considerou que os esforços catequizantes dos missionários no Brasil careciam de um maior rigor na instrução dos indígenas sobre a religião. Observando que, em Souzel, onde atuava o Padre Torquato, a principal atividade religiosa era o batismo dos indígenas, afirmou:

Baptism is to them simply a political act – it confers on a man a name, and he thenceforth considers himself as belonging to Souzel, and as one of the children of their greater father the Emperor, while the Government can add another subject to the returns of population of whose existence it would otherwise not have known.⁸²⁴

O conhecimento que o padre possuía sobre o interior do Brasil e os seus residentes indígenas, bem como da própria natureza local, foram fundamentais para as excursões dos naturalistas com quem teve contato. Este fato foi reconhecido por Adalberto que, em seu livro de viagem, relatou que “*we considered the success of our expedition as dependendent upon him*”⁸²⁵, uma vez que, além de guia-los, também aconselhou-os sobre como manter boas relações com as populações locais. Em outro trecho, o príncipe compartilhou um dos conselhos que havia recebido de Torquato:

Padre Torquato counselled us always to let the Indians have their own way, and not to hurry them, as the best means of keeping them in good humour;

⁸²⁰ HIS ROYAL HIGHNESS PRINCE ADALBERT OF PRUSSIA. *Travels in the South of Europe and in Brazil with a voyage up the Amazon and its tributary the Xingú, now first explored*. vol. II. 1849. p. 215.

⁸²¹ *Ibidem*. p. 161.

⁸²² *Ibidem*. p. 161.

⁸²³ *Ibidem*. p. 248.

⁸²⁴ *Ibidem*. p. 305.

⁸²⁵ *Ibidem*. p. 276.

they will then work hard and cheerfully: but when they want to rest, to halt, or to encamp for the night, it is well to yield to them, and they never abuse such liberty. We followed the Padre's advice, and found the advantage of doing so.⁸²⁶

O débito dos viajantes para com o padre foi novamente reconhecido nos capítulos finais do relato da viagem, onde Adalberto descreveu a despedida entre sua comitiva e o amigo religioso nas seguintes palavras:

The parting with our faithful companion Padre Torquato, to whom we were under such deep obligations, was attended with sincere regret, for we had all grown attached to him. It was entirely owing to him that we had been able to extend our voyage so far, and without his presence, which at once gave the Indians confidence, we should have met with much greater difficulties; indeed unaided we should not have found it easy to satisfy the men who accompanied us from Souzel.⁸²⁷

As menções feitas aos colaboradores locais por viajantes como o príncipe Adalberto também eram importantes fontes de informação para visitantes posteriores. Por conhecerem o livro publicado pelo monarca prussiano, Bates e Wallace reconheceram Torquato da narrativa que haviam lido. Assim, Bates registrou:

I found some very friendly and intelligent people amongst the white and mameluco families residing at Villa Nova. The vicar, Father Torquato de Souza, is not quite unknown to the European public, having been the guide of Prince Adalbert of Prussia, when he visited the Jurúna Indians on the Xingú, and mentioned in the published narrative of the journey. He is now a distinguished citizen of the new Province of the Amazons, having been elected, several times in succession, President of the Provincial Chamber. Together with many other natives of the Amazons region, he affords a proof that an equatorial climate in the new world has not necessarily a deteriorating effect on the white race. He is a well-built man: above the middle height, with handsome features, and a fine, healthy, ruddy complexion. He is a most lively and energetic fellow. When we first landed at Villa Nova, in 1849, the church was being repaired, and as carpenters were scarce, he had buckled to the work himself, and I found him, with sleeves turned up, sawing and planning as though he was well used to the trade.⁸²⁸

Embora tenha acompanhado os viajantes ingleses por um período menor de tempo, Torquato os convidou para ficarem hospedados em sua casa, mostrou-lhes locais para a coleta de espécimes nas redondezas e também contribuiu dando à Wallace um espécime de cachorro-do-mato que havia capturado⁸²⁹. Bates interpretou que a constituição física do padre, assim como sua vivacidade, eram testemunhos de que o clima tropical do país não era pernicioso e não impedia a prosperidade do homem branco de raízes europeias no Brasil. Ao longo de seu livro de viagem, Bates, assim como outros viajantes europeus que estiveram no país durante o

⁸²⁶ *Ibidem.* p. 292.

⁸²⁷ *Ibidem.* p. 346.

⁸²⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 285.

⁸²⁹ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. *op. cit.* p. 266.

século XIX, enfatizou as possibilidades que se apresentavam aqueles europeus que desejassem se estabelecer no país, como o clima agradável e as riquezas naturais. A boa forma física de Torquato, conhecida dos leitores europeus já desde o relato publicado pelo príncipe Adalberto também foi registrada por Spruce, que esteve em Vila Nova hospedado com o famoso pároco e descreveu-o em suas anotações da seguinte forma:

We went on shore and visited the Vicar – “Padre Torquato”, the celebrated story-teller of Prince Adalbert’s *Voyage up the Xingú*. We found him a young man – certainly under forty – good-looking and rosy – exceedingly courteous in his manners, but delighting wonderfully to hear himself talk, and therefore not unlikely to be led into the relation of marvellous tales, *as true*, although himself sceptical respecting them. He seemed highly flattered to hear that the Prince had made mention of him in his travels.⁸³⁰

Dezesseis anos após o encontro com Bates, seu relato serviu de fonte de informações para Louis Agassiz, que também se encontrou com o padre Torquato. Em seu livro de viagem, Agassiz reconheceu o religioso como sendo um dos principais indivíduos a tê-lo auxiliado na coleta de peixes durante sua passagem pela cidade de Vila Bela, afirmando:

During our absence the commander of our steamer, Captain Anacleto, and one or two gentlemen of the town, among others Senhor Augustinho, and also Father Torquato, whose name occurs often in Bates’s work on the Amazons, have been making a collection of river fishes, in which Mr. Agassiz finds some fifty new species. Thus the harvest of the week has been a rich one.⁸³¹

O contato com membros da elite local, que ocupavam cargos eminentes nas esferas política, comercial ou religiosa, era especialmente interessante pela possibilidade que representavam de extensão de seu capital social para os viajantes. Assim, quanto maior o prestígio e o reconhecimento social de um indivíduo em sua rede de contatos, maiores as chances de que este relacionamento pudesse garantir ao viajante novos contatos.

Um exemplo de como esta rede de mediações funcionava pode ser observado no contato de Bates e Wallace com João Augusto Correia, que foi tenente coronel⁸³², comerciante e dono de um armazém no Pará⁸³³, além de estar envolvido em uma disputa política na qual o governo imperial mandou prender diversos cidadãos distintos em Cametá, a fim de que ganhassem as eleições o seu candidato⁸³⁴. O contato com Correia, apesar de breve, garantiu aos viajantes uma carta de recomendação que os apresentava a um de seus conhecidos na cidade de Baião. A carta,

⁸³⁰ SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazon & Andes. op. cit.* p. 172.

⁸³¹ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *A Journey in Brazil. op. cit.* p. 184.

⁸³² EXTRACTO DO EXPEDIENTE DE 20 DE SETEMBRO. *Gazeta oficial*, ano I, nº 111, 22 set. 1858. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720836/1098>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

⁸³³ LEILÕES. *A Epocha*: folha política, commercial e noticiosa, ano II, nº 91, 27 abr. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/363>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

⁸³⁴ O MESMO POR TODA A PARTE. *O Brasil: vestra res agitur*, vol. VI, nº 607, 12 nov. 1844. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709565/2379>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

que foi considerada por Wallace “*a very good specimen of Portuguese composition and politeness*”⁸³⁵, e é um excelente exemplo de como funcionava este tipo de mediação, foi reproduzida em seu livro de viagem:

Senhor Jozé Antonio Correio Seixus (sic) & Co., Baião.

FRIENDS AND GENTLEMEN,

Knowing that it is always agreeable for you to have an opportunity of showing your hospitable and generous feelings towards strangers in general, and more particularly to those who visit our country for the purpose of making discoveries and extending the sphere of their knowledge; I do not hesitate to take advantage of the opportunity which the journey of Mr. Charles Leavens and his two worthy companions presents, to recommend them to your friendship and protection in the scientific enterprise which they have undertaken, in order to obtain those natural productions which render our province a classic land in the history of animals and plants.

In this laborious enterprise, which the illustrious (elites) travellers have undertaken, I much wish that they may find in you all that the limited resources of the place allows, not only that whatever difficulties they encounter may be removed, but that you may render less irksome the labours and privations they must necessarily endure; and for men like them, devoted to science, and whose very aliment is Natural History, in a country like ours abounding in the most exquisite productions, it is easy to find means to gratify them.

I therefore hope, and above all pray you to fulfil my wishes in the attentions you pay to Senhor Leavens and his companions, and thus give me another proof of your esteem and friendship.

Your friend and obedient servant,

João Augusto Correio (sic).⁸³⁶

É possível observar, portanto, que o contato com membros da elite local era, em muitas ocasiões, uma ponte para firmar relações com outros destacados membros da sociedade. Neste caso, José Antônio Correia de Seixas foi subdelegado de polícia e tenente coronel, comandante da Guarda Nacional em Baião⁸³⁷. Embora tenha sido acusado em um dos jornais locais, no ano de 1872, por supostamente roubar as telhas da igreja de Nossa Senhora do Rosário para cobrir suas propriedades⁸³⁸, uma correspondência enviada aos jornais em 1859, quando foi acusado pelo subdelegado que havia tomado seu lugar, de estar levantando o povo para uma revolução, pode dar alguma ideia de sua estima entre os habitantes. Na carta, enviada por um leitor anônimo, o mesmo afirmava:

Ora, quem souber que o tenente coronel Seixas, nascido e criado em Baião, onde tem ocupado sempre os principais cargos públicos, é o primeiro cidadão

⁸³⁵ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 58.

⁸³⁶ *Ibidem*. p. 58.

⁸³⁷ EXPEDIENTE DO GOVERNO. *Treze de Maio*, nº 647, 24 jan. 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/2798>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

⁸³⁸ BAIÃO, 26 DE MAIO DE 1872. *O Liberal do Pará*, ano IV, nº 123, 4 jun. 1872. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/704555/2818>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

daquele lugar, já por sua posição e influência, já porque é o mais abastado e instruído daquele distrito: quem souber que o tenente coronel Seixas é um homem eminentemente conciliador, e o cidadão mais pacífico do lugar, é verdadeiro pai de todos os habitantes de Baião: e quem souber que o subdelegado descendente imediato de africanos, e analfabeto, não tem influência alguma, não tem fortuna, e sim credores, e que por consequência nada pode perder com uma revolução, e tudo ganhar; quem souber que ele como subdelegado tem convertido Baião em um inferno, onde só há intrigas, vexames e perseguições, decidirá qual dos dois desejará uma revolução, se ele ou o tenente coronel.⁸³⁹

Tanto Bates, quanto Wallace, estiveram em contato com o tenente coronel Seixas, quando visitaram a cidade de Baião. Em seu livro de viagem, Bates relatou ter recebido apoio logístico, na forma de um quarto para se hospedar, uma canoa que lhe foi emprestada, e uma quantidade de alimentos. Segundo informou, Seixas “*acted very kindly*”⁸⁴⁰. Embora talvez fosse possível que os viajantes tivessem contato com o tenente coronel mesmo sem a carta de recomendação que levavam, uma vez que era costume apresentar-se aos principais moradores locais, a predisposição de Seixas em auxiliá-los deve, pelo menos parcialmente, ter sido originária da recomendação de seu amigo paraense.

Ainda outra carta de recomendação cedida por João Augusto Correia estava endereçada a Antônio Ferreira Gomes, fazendeiro de Vista Alegre que hospedou os viajantes por dois dias. A permanência na propriedade de Ferreira Gomes permitiu aos viajantes novas oportunidades para observarem as relações sociais naquela que consideraram “*a fair sample of a Brazilian planter’s establishment in this part of the country*”⁸⁴¹. A sociabilidade nesta parte do interior foi caracterizada como marcada, principalmente, pela hospitalidade dos moradores. Segundo Bates, no interior do Brasil “*hospitality is freely given to the few passing travelers*”⁸⁴². Não foram raras as ocasiões em que, visitando alguma cidade durante uma excursão para coleta de espécimes, foram convidados para entrar, descansar e compartilhar de uma refeição. Assim, Bates afirmou:

There is no cordiality of manners, but the treatment of the guests shows a keen sense of the duties of hospitality on the part of the host. There is a good deal of formality in the intercourse of these half-wild mamelucos which, I believe, has been chiefly derived from their Indian forefathers, although a little of it may have been copied from the Portuguese.⁸⁴³

Ambos os viajantes contrastavam a cordialidade e hospitalidade que recebiam dos principais moradores homens com o tratamento reservado às mulheres em um grande número

⁸³⁹ CORRESPONDÊNCIA. *A Epocha*, ano II, nº 14, 19 jan. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/55>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

⁸⁴⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 128.

⁸⁴¹ *Ibidem.* p. 118.

⁸⁴² *Ibidem.* p. 141.

⁸⁴³ *Ibidem.* p. 140.

de casas brasileiras, mantidas à parte da vida social e impedidas de trocar a menor das cortesias com os estrangeiros. Segundo Bates, a dominância masculina na sociedade era uma característica predominante e as mulheres ainda estavam “*beginning to emerge from this inferior position*”⁸⁴⁴. Segundo notou, o ensino escolar ainda era proibido às mulheres em muitas das cidades do interior, existindo escolas para meninas apenas nos maiores centros urbanos, e afirmou:

It is very desirable that these [as escolas para meninas] should be well supported, for the future advancement of the Brazilian people towards a better social condition depends in a great measure on the improvement in the education of their women.⁸⁴⁵

Em seu livro de viagem, Bates e Wallace observaram as diversas vezes em que seus anfitriões não os apresentavam às mulheres de suas famílias. Bates, em um trecho, relatou:

As usual in Brazilian houses of the middle class, we were not introduced to the female members of the family, and, indeed, saw nothing of them except at a distance.⁸⁴⁶

Wallace descreveu a mesma situação, informando que a senhora, crianças e criados eram mantidos por Ferreira Gomes em uma casa à parte da habitação principal de sua fazenda:

Quite detached is the house where the mistress, children, and servants reside, the approach to it being through the verandah, and along a raised causeway forty or fifty feet in length. We took our meals in the verandah with Senhor Gomes, never once being honoured by the presence of the lady or her grown-up daughters.⁸⁴⁷

Apesar de destacar a constante proibição em socializar com as mulheres locais, a narrativa da hospitalidade do povo é uma constante no relato de diversos viajantes. Por este motivo, chama a atenção quando Bates narra, em São Paulo de Olivença, uma situação oposta. Nesta cidade, afirmou que os únicos que lhe bem receberam foram José Patrício, que à época atuava como subdelegado de polícia, e o alfaiate local, “*a tall, thin, grave young man, named Mestre Chico (Master Frank)*”⁸⁴⁸, sobre quem afirmou:

He was a free negro by birth, but had had the advantage of kind treatment in his younger days, having been brought up by a humane and sensible man, one Captain Basilio, of Pernambuco, his padrinho, or godfather. He neither drank, smoked, nor gambled, and was thoroughly disgusted at the depravity of all classes in this wretched little settlement, which he intended to quit as soon as possible. When he visited me at night, he used to knock at my shutters in a manner we had agreed on, it being necessary to guard against admitting drunken neighbours, and we then spent the long evenings most pleasantly,

⁸⁴⁴ *Ibidem.* p. 140.

⁸⁴⁵ *Ibidem.* p. 287.

⁸⁴⁶ *Ibidem.* p. 119.

⁸⁴⁷ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro.* op. cit. p. 56.

⁸⁴⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons.* vol. II. 1863. op. cit. p. 397.

working and conversing. His manners were courteous, and his talk well worth listening to, for the shrewdness and good sense of his remarks.⁸⁴⁹

Assim, embora tenha registrado a boa acolhida que recebeu na maior parte das cidades brasileiras que visitou, São Paulo de Olivença apresentou ao viajante uma realidade diferente. A necessidade de combinar uma batida secreta na porta com Mestre Chico é reveladora da animosidade que demonstrava o resto da população. De acordo com Bates, o motivo do repúdio que recebeu se devia à sua recusa constante em acompanhá-los em seus abusos alcóolicos. A reação antagônica que recebeu na cidade é ilustrada pela atitude de Geraldo que, apesar de ser o juiz de paz, demonstrava um comportamento bastante aguerrido em relação ao visitante estrangeiro. Segundo Bates:

Neighbour Geraldo, after these morning potations, used to station himself opposite my house and rave about foreigners, gesticulating in a threatening manner towards me, by the hour. After becoming sober in the evening, he usually came to offer me the humblest apologies, driven to it, I believe, by his wife, he himself being quite unconscious of this breach of good manners. The wives of the St. Paulo worthies, however, were generally as bad as their husbands; nearly all the women being hard drinkers, and corrupt to the last degree. Wife-beating naturally flourished under such a state of things. I found it always best to lock myself in-doors after sunset, and take no notice of the thumps and screams which used to rouse the village in different quarters throughout the night, especially at festival times.⁸⁵⁰

Dentre as relações de Bates com membros de destaque da sociedade local, chama a atenção uma situação inusitada vivenciada pelo viajante. Quando chegou na cidade de Fonte Boa, em 1858, o naturalista se apresentou ao senhor Justo. Por não haverem mais informações em seu livro de viagem sobre sua identidade, ainda não foi possível precisar de quem se tratava, mas sabe-se que Bates afirmou ser ele o cidadão mais importante da cidade, e também subdelegado de polícia⁸⁵¹. O senhor Justo, observando que Bates estava em posse de alguns exemplares do periódico *Illustrated London News*, que lhe haviam sido enviados por Stevens, perguntou se poderia pegá-los emprestado. Segundo Bates, foi impossível resistir à insistência do subdelegado e, assim, cedeu aos seus desejos⁸⁵². Algumas semanas depois, indo visitá-lo para pedir o retorno dos periódicos, estremeceu-se com o que encontrou, registrando em seu livro:

A fortnight afterwards, on going to request him to return them, I found the engravings had been cut out, and stuck all over the newly whitewashed walls of his chamber, many of them upside down. He thought a room thus decorated with foreign views would increase his importance amongst his neighbours,

⁸⁴⁹ *Ibidem.* p. 397.

⁸⁵⁰ *Ibidem.* p. 397.

⁸⁵¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 388.

⁸⁵² *Ibidem.* p. 389.

and when I yielded to his wish to keep them, was boundless in demonstrations of gratitude, ending by shipping a boat-load of turtles for my use at Ega.⁸⁵³

4.4. ESTRANHAMENTO E ADAPTAÇÃO AOS COSTUMES LOCAIS

O livro de viagem de Bates permite constatar algumas diferenças nas relações do naturalista com diferentes grupos sociais que habitavam na região amazônica. Enquanto podia aproveitar de um reconhecimento cultural em comum com os residentes estrangeiros, e as regras de sociabilidade, cartas de recomendação e a passagem de viajantes estrangeiros em períodos anteriores facilitavam o seu relacionamento com a elite social local, a aproximação das camadas mais populares se dava de forma diferente. Em grande parte dos casos, a interação com indígenas, escravos e ribeirinhos se dava por intermédio de indivíduos com os quais esses já tinham contato, e que geralmente faziam parte do grupo de destacados residentes aos quais o naturalista se apresentava ao chegar nas cidades. A distância social entre viajantes naturalistas de origem europeia e membros de grupos indígenas e habitantes do interior era mais acentuada, o que muitas vezes contribuía para o estranhamento com o qual os naturalistas poderiam ser recebidos.

O trabalho científico, particularmente as atividades de coleta e preparação de espécimes, por vezes causava grande estranhamento e espanto na população local. Esta sensação, segundo muitos viajantes, era enfatizada no interior do país, onde a influência da cultura europeia era menor. Em mais de uma ocasião, Bates observou grupos de moradores se reunindo para observar o seu trabalho. Em seu livro de viagem, relatou:

No sooner were we established in our rooms, than a number of lazy young fellows came to look on and make remarks, and we had to answer all sorts of questions. The houses have their doors and windows open to the street, and people walk in and out as they please; there is always, however, a more secluded apartment, where the female members of the families reside. In their familiarity there is nothing intentionally offensive, and it is practiced simply in the desire to be civil and sociable.⁸⁵⁴

Em um trecho semelhante, Wallace narrou com mais detalhes a reação de espanto e estranheza dos moradores narrando, inclusive, os comentários que seus visitantes fizeram:

While preparing insects or skinning birds in the house, the window which opened into the streets was generally crowded with boys and men, who would wait for hours, watching my operations with the most untiring curiosity. The constantly-repeated remark, on seeing a bird skinned, was, "Oh, the patience of the whites!" Then one would whisper to another, "Does he take all the meat out?" "Well, I never!" "Look, he makes eyes of cotton!" And then would come a little conversation as to what they could possibly be wanted for. "Para mostrar" (to show) was the general solution; but they seemed to think it rather

⁸⁵³ *Ibidem.* p. 389.

⁸⁵⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 126.

unsatisfactory, and that the English could hardly be such fools as to want to see a few parrot and pigeon skins. The butterflies they settled much to their own satisfaction, deciding that they were for the purpose of obtaining new patterns for printed calicoes and other goods, while the ugly insects were supposed to be valuable for “remedios”, or medicine. We found it best quietly to assent to this, as it saved us a deal of questioning, and no other explanation that we could give would be at all intelligible to them.⁸⁵⁵

Trechos como estes são interessantes por revelarem um outro aspecto das expedições naturalistas, geralmente pouco presente nos livros de viagem. Enquanto os relatos dos viajantes valorizam as suas observações sobre a natureza e a população locais, são raros os comentários que nos permitem conhecer as impressões dos habitantes sobre os viajantes e suas reações ao trabalho científico que realizavam. Assim, é interessante notar o espanto e a curiosidade que causavam, e observar a forma como os moradores locais racionalizavam e justificavam o trabalho realizado pelos naturalistas. Ainda descrevendo as relações com os moradores de Vista Alegre, Wallace narrou:

The neighbours would drop in once or twice a day to see how the brancos (white people) got on, and have a little conversation, mostly with Mr. Leavens, who spoke Portuguese fluently. One inquired if in America (meaning in the United States) there was any terra firma, appearing to have an idea that it was all a cluster of islands. Another asked if there were campos, and if the people had mandiocca and seringa. On being told they had neither, he asked why they did not plant them, and said he thought it would answer well to plant seringa-trees, and so have fresh milk every day to make india-rubber shoes. When told that the climate was too cold for mandiocca or seringa to grow if planted, he was quite astonished, and wondered how people could live in a country where such necessaries of life could not be grown; and he no doubt felt a kind of superiority over us, on account of our coming to his country to buy india-rubber and cocoa, just as the inhabitants of the Celestial Empire think that we must be very poor miserable barbarians, indeed, to be obliged to come so far to buy their tea.⁸⁵⁶

Embora outros viajantes já houvessem visitado a região amazônica anteriormente, o trabalho naturalista de campo ainda chamava a atenção da população local. A coleta e a preparação de espécimes, além da atenção dedicada à algumas espécies que recebiam pouca importância localmente, despertava a curiosidade dos nativos e ressaltava as diferenças entre habitantes locais e estrangeiros. Ainda que Bates reconhecesse, na atitude e comentários feitos por seus visitantes, apenas o desejo de ser sociável, chama a atenção a afirmativa condescendente de Wallace que julga a população incapaz de compreender qualquer explicação que poderiam dar sobre seu trabalho. Bates, por sua vez, tentou explicar a alguns moradores locais que era pago para capturar espécimes e vende-los para o Museu de Londres, e registrou a ocasião em seu livro de viagem da seguinte forma:

⁸⁵⁵ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. op. cit. p. 42.

⁸⁵⁶ *Ibidem*. p. 43.

I was never troubled with that impertinent curiosity on the part of the people in these interior places which some travellers complain of in other countries. The Indians and lower half-castes – at least such of them who gave any thought to the subject – seemed to think it natural that strangers should collect and send abroad the beautiful birds and insects of their country. The butterflies they universally concluded to be wanted as patterns for bright-coloured calico-prints. As to the better sort of people, I had no difficulty in making them understand that each European capital had a public museum, in which were sought to be stored specimens of all natural productions in the mineral, animal, and vegetable kingdoms. They could not comprehend how a man could study science for its own sake; but I told them I was collecting for the “Museu de Londres,” and was paid for it; *that* was very intelligible.⁸⁵⁷

A estranheza causada pelas diferenças de idioma, cultura e pelas próprias particularidades do trabalho científico em campo distanciava viajantes e habitantes locais e poderia, inclusive, se tornar uma barreira ao sucesso da viagem, uma vez que poderia dificultar as relações com os habitantes. Percebendo este fato, Bates notou que, serem considerados “estranhos” pela população local, era um dos fatores que dificultava a obtenção de mão de obra para auxiliar em atividades como a navegação pelos rios. Segundo relatou:

The people of these parts seemed to be above working for wages. They are naturally indolent, and besides, have all some little business or plantation of their own, which gives them a livelihood with independence. It is difficult to obtain hands under any circumstances, but it was particularly so in our case, from being foreigners, and suspected, as was natural amongst ignorant people, of being strange in our habits.⁸⁵⁸

Ciente do estranhamento e do distanciamento da população local, Bates tomou observou que a melhor forma de assegurar um bom relacionamento com a população era adaptar-se ao seu modo de vida. Percebeu, ainda, que havia um limite no alcance da influência de suas cartas de recomendação quando, ainda em Vista Alegre, observou que mesmo reconhecidos comerciantes e comandantes militares tinham dificuldade em conseguir o apoio de homens disponíveis para compor suas tripulações. Enquanto as cartas funcionavam como meios de apresentação entre os residentes estrangeiros e a elite social local, não surtiam efeito quando se tratava de mediar a interação com as camadas mais populares da região. Ao analisar esta questão, Lima afirmou:

Neste sentido, se em certos lugares pode onde [Wallace] excursionou fora beneficiado com a fluidez da sociedade local – já que sua condição de homem branco europeu favoreceu-lhe a colaboração e hospitalidade dos agentes coloniais – em outros, onde a colonização europeia não fora plenamente satisfeita, o viajante ficou totalmente à mercê dos expedientes dos nativos.⁸⁵⁹

⁸⁵⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 183. *grifo original*.

⁸⁵⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 122.

⁸⁵⁹ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. *op. cit.* p. 20.

Assim, Bates logo compreendeu que era imperativo aprender a manter uma boa relação com a população local, principalmente nas regiões do interior do país. Para alcançar este objetivo, chegou à conclusão de que, para garantir o sucesso de sua expedição, deveria se acostumar ao modo de vida dos habitantes mais humildes, pois só assim conseguiria garantir o seu auxílio. Em suas palavras, afirmou:

I had learnt by this time that the only way to attain the objects for which I had come to this country was to accustom myself to the ways of life of the humbler classes of the inhabitants. A traveler on the Amazons gains little by being furnished with letters of recommendation to persons of note, for in the great interior wildernesses of forest and river the canoe-men have pretty much their own way; the authorities cannot force them to grant passages or to hire themselves to travelers, and therefore a stranger is obliged to ingratiate himself with them in order to get conveyed from place to place.⁸⁶⁰

Como já apontado por Fabian⁸⁶¹ e Delbourgo⁸⁶², a disposição em se adequar aos modos de vida locais, incluindo a predisposição para participar de festas, danças, cerimônias religiosas, comer e beber com os locais, entre outros tipos de experiências sensoriais e corporais, era um elemento fundamental para a incorporação social dos viajantes. Para Bourguet, essa disposição, que a autora chama de “capacidade de adaptação, quase de diluição”⁸⁶³ era não só essencial para a integração à sociedade local, mas para a própria sobrevivência do viajante.

No caso de Bates, sua incorporação à sociedade local e familiaridade com os habitantes podem ser observadas em seu relato de viagem onde. Segundo Woodcock, na medida em que o texto avança, conjuntamente com seu tempo de permanência no país, é possível perceber a diminuição do distanciamento entre o viajante e a população local. Para o autor, a diferença é mais claramente observada ao comparar a descrição do naturalista sobre sua primeira excursão ao interior, acompanhado de Wallace e Leavens, e as excursões posteriores planejadas e organizadas por conta própria. De acordo com Woodcock:

What strikes one about this description is the gap between the travellers – Leavens, Wallace and bates – and their crew; Bates portrays “the men” as constant actors, and himself and his companions as constant spectators. The longer he lived on the Amazons, the more tenuous this division became, until in the end he took his part on an equal footing with the natives in the life of the river.⁸⁶⁴

Além da comparação entre as primeiras excursões e aquelas realizadas posteriormente, há um trecho no relato de viagem de Bates bastante ilustrativo de sua maior integração aos

⁸⁶⁰ *Ibidem.* p. 147.

⁸⁶¹ FABIAN, Johannes. *Out of our minds.* Reason and madness in the exploration of Central Africa. Berkeley: University of California Press, 2000.

⁸⁶² DELBOURGO, James. *Fugitive colours.* op. cit.

⁸⁶³ BOURGUET, Marie-Noëlle. *O explorador.* op. cit. p. 228.

⁸⁶⁴ WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons.* op. cit. p. 63.

grupos sociais locais. Em certa oportunidade, quando estava em Catuá acompanhado dos indígenas reunidos pelo delegado de polícia Antônio Cardoso para coletar ovos de tartaruga, o naturalista escreveu:

The young men made several hunting excursions during the fourteen days of our stay on Catuá, and I, being associated with them in all their pleasures, made generally one of the party. These were, besides, the sole occasions on which I could add to my collections, whilst on these barren sands.⁸⁶⁵

Com o passar do tempo no país, Bates foi capaz de estreitar seus laços com as populações locais, principalmente após aprender o português e a língua geral. Esta, segundo Freire⁸⁶⁶, havia se tornado a língua majoritária na região durante o século XIX. Nos cadernos de viagem de Bates mantidos na *British Library*, é possível encontrar algumas páginas de vocabulário contendo frases e palavras em português, língua geral e, ainda, em alguns idiomas indígenas que eram falados na região. O aprendizado de alguns termos básicos certamente facilitou a sua comunicação direta com os indígenas e, a partir de uma análise do vocabulário registrado em seus cadernos, é possível observar que sua principal intenção era conseguir comunicar aos indígenas o desejo de que o acompanhassem pelas florestas para coletar insetos, ocasionalmente oferecendo-lhes dinheiro por isto⁸⁶⁷.

A longa permanência de Bates no país permite observar, ao longo de seu relato de viagem, sua mudança de atitude em relação aos habitantes locais, principalmente os indígenas, na medida em que dominava o idioma, se acostumava à vida no país e estreitava sua relação com a população. Assim, na medida em que o seu livro de viagem avança, ao longo dos anos em que esteve no país, maior é o número de habitantes com os quais se relacionou e maior o número de instâncias em que dispensou a mediação externa para interagir diretamente com as camadas populares locais.

4.5. BATES E SUA RELAÇÃO COM ESCRAVOS E LIBERTOS

Na Inglaterra, o movimento abolicionista viveu seu auge durante o século XIX quando, além de abolir a escravidão em todo o território britânico e suas colônias, sociedades como a *British and Foreign Anti-Slavery Society* lutavam pela abolição de práticas escravagistas a nível

⁸⁶⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 281.

⁸⁶⁶ FREIRE, José Ribamar Bessa. *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Abessa-freire-2003/bessa_freire_2003.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2019. p. 16.

⁸⁶⁷ *POCKET-BOOK, with enclosures (ff. 169-175), of Henry Walter Bates, the naturalist, used during his travels in Brazil, of which he gave an account in The Naturalist on the River Amazons, 2 vols., 1863. op. cit.*

internacional⁸⁶⁸. Levando isso em consideração, é difícil supor que Bates poderia ser favorável ao trabalho escravo. Embora não fosse incomum que alguns naturalistas adquirissem escravos durante a passagem pelo país, esta não foi a atitude de Bates. No entanto, isso não o impediu de se relacionar com residentes brasileiros que mantinham escravos a seu serviço, e tenha contado com o auxílio destes escravos em mais de uma oportunidade. No Brasil pré-abolição, não era incomum que escravos fossem colocados ao serviço de naturalistas por seus senhores, que encontravam assim uma forma de prestar serviços aos seus visitantes estrangeiros. Um exemplo desta relação pode ser observado no trecho de seu livro em que falou sobre uma de suas excursões na tentativa de caça de um espécime de macaco-aranha, em que registrou:

One day I went on a Coaitá hunt, borrowing a negro slave of a friend to show me the way. On the road I was much amused by the conversation of my companion. He was a tall, handsome negro, about forty years of age, with a staid, courteous demeanour and a deliberate manner of speaking. Strangely enough in a negro, he was a total abstainer from liquors and tobacco. He told he was a native of Congo, and the son of a great chief or king. He narrated the events of a great battle between his father's and some other tribe, in which he was taken prisoner and sold to the Portuguese slave-dealers. When in the deepest part of the ravine we heard a rustling sound in the trees overhead, and Manoel soon pointed out a Coaitá to me.⁸⁶⁹

A surpresa de Bates com a moderação de Manoel chama a atenção. Em seu livro de viagem, não existem muitos relatos que associem os escravos a problemas com bebidas. No entanto, ainda assim, o viajante sentiu necessidade de enfatizar que Manoel, “*strangely enough in a negro*”, era um abstêmio. A única ocasião registrada, e que talvez tenha causado a má impressão que levou à surpresa de Bates com a continência de Manoel, foi durante uma excursão ao Tapajós em 1852.

Após seis meses de residência em Santarém, Bates decidiu planejar uma viagem própria com o objetivo de navegar ao longo do curso do Rio Tapajós, parando nos vilarejos nas margens do rio para coletar espécimes, visando descobrir se haviam diferenças entre as espécies que habitavam diferentes partes do curso de água. Para esta viagem, afirmou que não poderia depender das rotas dos navios mercantes que atravessavam a região, pois argumentou que a cidade raramente recebia navios de tamanho suficiente para acomodar um naturalista com todo o seu equipamento. Além disso, desejava também extrapolar as rotas comerciais da região, fazendo paradas em pontos de interesse científico que não eram frequentadas pelos mercadores. Para realizar sua expedição, era necessário uma embarcação e homens que pudessem manejá-

⁸⁶⁸ RÉ, Henrique Antonio. Uma história da British and Foreign Anti-Slavery Society: a instituição que internacionalizou o antiescravismo britânico. *Revista de História*, São Paulo, n° 176, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.131762>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

⁸⁶⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 245.

la. O único homem que o acompanhava, nesta época, era José, um escravo liberto que o fez companhia durante vários meses de viagem, sendo o seu principal companheiro após a separação com Wallace. Sobre ele, Bates afirmou:

In engaging servants, I had the good fortune to meet with a free mulatto, an industrious and trustworthy young fellow, named José, willing to arrange with me; the people of his family cooking for us, whilst he assisted me in collecting; he proved of the greatest service in the different excursions we subsequently made. Servants of any kind were almost impossible to be obtained at Santarem, free people being too proud to hire themselves, and slaves too few and valuable to their masters, to be let out to others.⁸⁷⁰

Embora o nome de José não apareça no diário de coleta mantido por Bates, sabemos por seu livro de viagem que ele esteve envolvido em diversas excursões pelo interior, e que acompanhava diariamente o naturalista em seus passeios para coleta. Nestas ocasiões, seu livro de viagem apresenta a narrativa sempre escrita no plural, afirmando sempre que “*we surprised a large flock*”⁸⁷¹, “*we obtained only one specimen*”⁸⁷², “*I and José took our guns and dived into the woods in search of the monkeys*”⁸⁷³. Além de auxiliar no manejo da embarcação e nas tarefas diárias, incluindo a coleta de espécimes, José também foi o responsável por conseguir reunir pelo menos mais um auxiliar para compor a tripulação da viagem planejada por Bates. Em seu relato, o naturalista informou sobre os obstáculos encontrados para conseguir homens que pudessem auxiliar no manejo da embarcação. Para contornar esta dificuldade, primeiramente recorreu “*to the tradesmen to whom I had brought letters of introduction and to the Brazilian authorities*”⁸⁷⁴. Esta ocasião exemplifica, de forma concreta, como a mera posse de cartas de apresentação não representava uma garantia de auxílios aos naturalistas nas regiões mais remotas do país. A dificuldade em conseguir apoio para manejar embarcações era, segundo Bates, sentida em todas as cidades do interior. Para a sua sorte, no entanto, o próprio José se incumbiu da tarefa de recrutar outros auxiliares, encontrando Pinto, escravo liberto “*who knew the river well*”⁸⁷⁵ e que foi contratado para acompanhar a viagem.

O apoio dos dois homens, contudo, era apenas a primeira etapa dos preparativos para dar início a viagem. A falta de uma embarcação levou Bates, novamente, a buscar auxílio com a elite local, sendo mais uma vez decepcionado por não obtê-lo. Nesta ocasião, Bates recorreu ao senhor Jerônimo Costa o qual, pelas escassas informações dadas pelo naturalista, ainda não foi possível identificar em maiores detalhes. No entanto, Jerônimo Costa foi um dos habitantes

⁸⁷⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 3.

⁸⁷¹ *Ibidem.* p. 106.

⁸⁷² *Ibidem.* p. 106.

⁸⁷³ *Ibidem.* p. 100.

⁸⁷⁴ *Ibidem.* p. 73.

⁸⁷⁵ *Ibidem.* p. 73.

locais com o qual Bates manteve contato mesmo após o seu retorno para a Inglaterra. Em uma carta datada de 21 de outubro 1868, já nove anos após ter deixado o Brasil, e enviada para Charles Lyell, Bates informava sobre ter recebido uma carta de Jerônimo, reproduzindo um trecho da mesma:

An old friend of mine at Manaos on the Rio Negro (Amazons) writing about other matters on the 8th September says

« Le 13 du mois passé vers le 6 heures du soir il y a eu ici un phenomene, une espèce de pororoca, soit dans la rivière Negro comme dans les igarapés des deux rives. Je ne saurais pas vous dire si l'on a observé ce phenomene dans l'Amazone et Solimoens »

The pororoca you are aware is the Indian name for the tidal wave on bore. I have no doubt my friend has witnessed a wave produced by the great Peruvian earthquake of the 13th August.⁸⁷⁶

A partir desta carta, é interessante notar duas coisas. Primeiramente, o fato de que Bates manteve contato com alguns de seus colaboradores brasileiros mesmo após ter retornado, o que pode ter sido uma fonte importante de informações sobre a natureza brasileira. Por não existir um arquivo com as correspondências pessoais mantidas por Bates, que possivelmente se perderam ao longo do tempo, não é possível saber com quantos colaboradores brasileiros costumou manter contato após sua expedição, nem qual era a frequência ou o conteúdo desta troca de cartas. É possível notar, contudo, pelo pequeno trecho transcrito por Bates em sua correspondência para Lyell, que o naturalista recebia notícias sobre fenômenos naturais no Brasil. Em segundo lugar, também é interessante observar que a língua preferida para o contato era o francês, e não o português. Logo, é possível pensar que talvez Bates não dominasse tão bem a língua portuguesa e, podendo comunicar-se em francês, Jerônimo tivesse preferido optar pela língua francófona. Seu conhecimento do francês também é indicativo da classe social de Jerônimo, que certamente fazia parte da elite local.

Embora tenham mantido contato posterior, Bates revela pouco sobre seu relacionamento com Jerônimo no Brasil. Em seu livro de viagem, apenas revelou ter se dirigido ao brasileiro para tentar comprar uma embarcação para dar continuidade à sua viagem. A descoberta sobre a impossibilidade do negócio parece ter frustrado Bates. A forma como descobriu a notícia pode ter sido o motivo de sua decepção não apenas com a falta da embarcação, mas com o gosto pela bebida demonstrado por um de seus companheiros. Em seu livro, registrou:

Senhor Jeronymo promised to sell me a montaria, so I waited for three hours after sunrise the next morning, expecting it to be forth-coming, but in vain. I

⁸⁷⁶ BATES, Henry Walter [Carta] 21 out. 1868. 15 Whitehall Place, London, United Kingdom. [para]. LYELL, Charles. 4f. Sobre uma carta que recebeu de um amigo de Manaus, informando sobre ter observado um fenômeno de erosão. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.

sent Pinto and afterwards José to enquire about it, but they, instead of performing the errand, joined the easy-natured master of the house in a morning carousal. I was obliged, when my patience was exhausted, to go after them, having to clamber down a projecting bough, in the absence of a boat, to get ashore; and then found my two men, their host, and two or three neighbours, lolling in hammocks, tinkling wire guitars, and drinking cachaça. I mention this as a sample of a very common class of incidents in Brazilian travelling. Master Jeronymo backed out of his promise regarding the montaria. José and Pinto, who seemed to think they had done nothing wrong, sulkily obeyed my order to go on board, and we again got under way.⁸⁷⁷

A partir deste trecho, é possível perceber que a relação entre o naturalista e seus colaboradores no Brasil nem sempre se dava da forma como esperava, sendo necessário que o viajante se adaptasse ao tempo e aos modos de seus companheiros. A relação com a bebida, como se nota, era uma das causas de descompassos nas relações e se mostrou como motivo de conflito especialmente no caso de Pinto. Segundo relatou em seu livro de viagem, embora Pinto fosse um bom navegador e conhecesse os rios da região, tinha o hábito de embriagar-se e, quando inebriado, tinha inclinação à violência. Enquanto associou o hábito de embriagar-se aos escravos, sua percepção sobre a relação dos indígenas com bebidas alcóolicas era diferente. Embora tenha admitido que também gostavam de beber, afirmou que posteriormente sentiam-se envergonhados de tê-lo feito e, assim, relatou:

I do not think that the introduction of liquors has been the cause of much harm to the Brazilian Indian. He has his drinking bout now and then, like the common working people of other countries. It was his habit in his original state, before Europeans visited his country; but he is always ashamed of it afterwards, and remains sober during the pretty long intervals.⁸⁷⁸

Se a experiência com Pinto não foi favorável, José, por outro lado, permaneceu acompanhando o naturalista por cerca de um ano. Dentre os seus relacionamentos com escravos e libertos no país, dois casos são excepcionalmente distintos pela longa duração que tiveram, sendo seus dois companheiros destacados e elogiados no livro de Bates por seu auxílio ao naturalista. Além de José, quem também recebeu destaque foi Isidoro (grafado por Wallace como Isidora), contratado para auxiliar Bates e Wallace na casa em que permaneceram por seus meses iniciais de residência no Pará. Segundo Bates, Isidoro era um homem de idade avançada, que demonstrava grande independência, respeito e decência, qualidades que afirmou “*would have been considered becoming in a serving-man in any country.*”⁸⁷⁹. Embora já tivesse trabalhado anteriormente para viajantes ingleses, Isidoro não conhecia uma palavra de inglês. Ainda assim, Bates afirmou que “*he thought he had a great talent for understanding and making*

⁸⁷⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 86.

⁸⁷⁸ *Ibidem.* p. 136.

⁸⁷⁹ *Ibidem.* *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 10.

*himself understood*⁸⁸⁰. Ainda segundo o viajante, foi a necessidade de se comunicar com Isidoro que impulsionou o seu aprendizado da língua portuguesa, tendo aprendido com ele muito do principal idioma falado no país.

Desde que foi contratado, Isidoro passou a fazer parte da rotina diária dos viajantes no Brasil. Logo cedo, preparava o café e ia até o centro da cidade para comprar os mantimentos para as próximas refeições, que consistiam de assados e cozidos feitos com carne, farinha, pão e frutas. Não demorou, no entanto, para ultrapassar os limites de suas atividades domésticas e envolver-se com as observações científicas da dupla. Em seu livro de viagem, Wallace relatou que Isidoro conhecia a floresta, pois já havia trabalhado na mata, embora não tenha revelado em que capacidade. Assim, ao perguntar se conhecia uma árvore chamada caripé, a qual desejava coletar amostras de sua casca que era utilizada na manufatura de cerâmica, recebeu a resposta positiva de que a conhecia muito bem. De acordo com o viajante:

So one fine morning after breakfast we told him to shoulder his axe and come with us in search of the Caripé [...] Our old conductor [...] was well acquainted with the various trees, could tell their names, and was learned in their uses and properties. [...] he was rather fond of displaying his knowledge on a subject of which we were in a state of the most benighted ignorance, and at the same time quite willing to learn. [...] “This,” he would say, “is Ocöóba, very good medicine, good for sore-throat,” which he explained by going through the action of gargling, and showed us that a watery sap issued freely on the bark being cut. [...] “This,” said he, glancing at a magnificent tall straight tree, “is good wood for houses, good for floors; call it Quaröóba.” “This,” pointing to one of the curious furrowed trees that look as if a bundle of enormously long sticks had grown into one mass, “is wood for making paddles;” and, as we did not understand this in Portuguese, he imitated rowing in a canoe; the name of this was Pootiéka.⁸⁸¹

Assim, Isidoro passou a fazer companhia para Bates e Wallace durante algumas de suas incursões pelas matas nos arredores da cidade. A partir de sua experiência, aprenderam a identificar espécies de árvores e plantas comuns nos arredores da cidade, seus nomes populares, e principais usos que delas faziam a população local. É interessante atentar para a estratégia utilizada por Bates ao mencionar algumas das espécies que conheceu no Brasil. Ao mesmo tempo em que o naturalista descreve a planta e tenta identificá-la cientificamente, também buscava fazer comparações e dar indicações que pudessem ser compreendidas por qualquer leitor inglês. Assim, a sapucaia que Isidoro lhe informou ser popularmente conhecida pelo nome cuia de macaco, é traduzida para o leitor europeu como “*the capsules which contain the nuts sold under the name just mentioned, in Covent Garden Market*”⁸⁸².

⁸⁸⁰ *Ibidem*. p. 10.

⁸⁸¹ WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. p. 22.

⁸⁸² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 67.

Embora Isidoro tenha sido contratado pelos viajantes para cuidar das tarefas domésticas diárias, a descoberta de que possuía um amplo conhecimento sobre a natureza local, adquirido certamente de forma empírica devido aos seus anos de residência no país, tornaram do escravo liberto um hábil e constante guia durante as primeiras incursões realizadas por Bates e Wallace pelos arredores do Pará. Ao longo dos meses iniciais de residência da dupla no Brasil, Isidoro acompanhou os viajantes onde quer que fossem, inclusive na primeira viagem de maior distância, planejada por Leavens.

Isidoro é apenas um exemplo dentre alguns escravos libertos que foram contratados por Bates durante sua residência no país. As circunstâncias em que era contratados ou quanto recebiam pelos seus serviços permanece uma incógnita, uma vez que o naturalista nada diz a esse respeito. Mesmo nos seus cadernos de anotações, embora constem listas minuciosas dos gastos com itens de alimentação, aluguel, roupas, mobiliário para casa, utensílios de cozinha, dentre outras diversidades, não há nenhuma indicação sobre o pagamento de um ordenado aos indivíduos que afirma ter contratado no país. Ainda assim, sugere ter pago pelo auxílio de diversos indivíduos que atuaram como guias, barqueiros, empregados domésticos e que, não raras as oportunidades, também estiveram envolvidos com a coleta de espécimes.

É interessante observar que as relações que manteve com os escravos libertos que contratou para auxiliá-lo são descritas por Bates como algumas das mais positivas que manteve. Como apontado por Camerini⁸⁸³, confiança era um elemento fundamental nos relacionamentos firmados por naturalistas viajantes durante suas expedições. Ao analisar o livro de viagem de Wallace, a autora notou que o adjetivo *trustworthy* e *friend* podem ser reveladores da relação de confiança e dependência que mantinham com alguns de seus contatos no país. Assim, é relevante observar que, em mais de um momento de sua narrativa, Bates afirmou que os escravos libertos do país estavam entre as pessoas mais confiáveis que conheceu. Em um trecho de seu livro, afirmou:

The spirit of self-respect is, I think, attributable partly to the lenient treatment which slaves have generally received from their white masters in this part of Brazil, and partly to the almost total absence of prejudice against coloured people amongst the inhabitants. This latter is a very hopeful state of things. It seems to be encouraged by the governing class in Brazil; and, by drawing together the races and classes of the heterogeneous population, will doubtless lead to the most happy results. I had afterwards, as I shall have to relate in the course of my narrative, to number free negroes amongst my most esteemed friends: men of temperate, quiet habits, desirous of mental and moral improvement, observant of the minor courtesies of life, and quite as

⁸⁸³ CAMERINI, Jane. *Wallace in the field. op. cit.*

trustworthy, in more important matters, as the whites and half-castes of the province.⁸⁸⁴

Logo, é interessante observar que o naturalista, além de reconhecer a importância das relações que manteve com alguns dos escravos libertos que habitavam o país, também frequentemente elencou-os entre os seus companheiros mais estimados. Dentre estes, como visto anteriormente, José foi um dos quais Bates adjetivou como sendo *trustworthy*. A mesma escolha de vocábulo aparece, ainda, nas descrições sobre Mestre Chico e Tia Rufina, escrava a quem confiava os seus pertences enquanto desbravava o interior do país em pequenas excursões. Sobre eles, Bates afirmou:

I first met Mestre Chico at the house of an old negress of Para, Tia Rufina (Aunt Rufina), who used to take charge of my goods when I was absent on a voyage, and this affords me an opportunity of giving a few further instances of the excellent qualities of free negroes in a country where they are not wholly condemned to a degrading position by the pride or hatred of the white race. [...] I found these and many other free negroes most trustworthy people, and admired the constancy of their friendships and the gentleness and cheerfulness of their manners towards each other. They showed great disinterestedness in their dealings with me, doing me many a piece of service without a hint at remuneration; but this may have been partly due to the name of Englishman, the knowledge of our national generosity towards the African race being spread far and wide amongst the Brazilian negroes.⁸⁸⁵

4.6. BATES E OS INDÍGENAS DO AMAZONAS

Ao longo de seus 11 anos de residência no Brasil, Bates provavelmente foi um dos naturalistas que mais observou os grupos indígenas locais. Ao todo, em seu relato de viagem, o naturalista apresenta informações e descreveu características de um total de 22 grupos indígenas diferentes, sendo eles: Aurá, Caishána, Canamaré, Cambéva, Catauishí, Catoquino, Collina, Conibo, Jurí, Natia, Majérona, Marauá, Marieté, Mauhé, Miránha, Mundurucú, Múra, Passé, Shumána, Tucúna, Uáinamá e Zaminaiia⁸⁸⁶. É preciso destacar que as observações e informações registradas por Bates em seu livro de viagem dificilmente podem ser chamadas de antropológicas, uma vez que a própria disciplina ainda estava nos seus primeiros estágios de desenvolvimento à época⁸⁸⁷. Ainda assim, partindo do rigor que lhe era característico, Bates reuniu suas observações sobre os indígenas e tentou, a partir delas, alcançar conclusões que explicassem a origem e as diferenças entre os diversos grupos observados.

⁸⁸⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 12.

⁸⁸⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 398.

⁸⁸⁶ Todos os nomes estão de acordo com a grafia utilizada pelo naturalista em seu livro de viagem. Certamente devem haver diferenças em relação à grafia utilizada oficialmente por antropólogos e indigenistas atualmente.

⁸⁸⁷ HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. *op. cit.* p. 177.

Observando seus hábitos, crenças e mesmo a aparência física de seus membros, o naturalista tentou compreender suas semelhanças e diferenças, traçando paralelos entre os grupos e buscando compreender como tantos grupos distintos haviam se originado. Sua conclusão remete ao seu pensamento sobre a origem biológica da vida, sugerindo que todos os diferentes grupos indígenas deveriam ter uma origem comum, suas diferenças sendo fruto de sua separação em diferentes grupos isolados. Segundo Bates:

The Mundurucús have a tradition that they and the Mauhés originally formed one tribe; the two peoples were formerly bitter enemies, but are now, and have been for many years, at peace with each other. Many centuries must have elapsed since the date of their first separation, to have produced the great differences now existing in language and customs between the two tribes. I fancy the so-called tradition is only a myth, but it doubtless conveys the truth. The points of resemblance between all the tribes inhabiting the region of the Amazons are so numerous and striking, that, notwithstanding the equally striking points of difference which some of them exhibit, we must conclude that not only the Mundurucús and Mauhés, but all the various peoples had a common origin – that is, they are derived by immigration from one water and one stock, the separate tribes subsequently acquiring their peculiarities by long isolation.⁸⁸⁸

Satisfeito com sua hipótese de uma origem comum, Bates tentou em seguida classificar e hierarquizar os diferentes grupos indígenas de acordo com seus ideais de desenvolvimento. Reunindo informações que recolheu de moradores locais e suas próprias observações, idealizou uma escala onde os Passés estariam no topo, afirmando:

Under what influences certain tribes, such as the Passés, have become so strongly modified in mental, social, and bodily features, it is hard to divine. The industrious habits, fidelity, and mildness of disposition of the Passés, their docility and, it may be added, their personal beauty, especially of the children and women, made them from the first very attractive to the Portuguese colonists.⁸⁸⁹

As referências de civilização para a construção de sua escala de desenvolvimento partiam de sua própria sociedade natal, revelando o seu olhar europeu sobre as sociedades indígenas com as quais teve contato. Partindo deste pressuposto, o outro extremo de sua escala era ocupado pelos Múra que, segundo o viajante, eram universalmente considerados pela população como os mais bárbaros e selvagens no Amazonas. De acordo com Bates:

The Múras have a bad reputation all over this part of the Amazons, the semi-civilised Indians being quite as severe upon them as the white settlers. Every one spoke of them as lazy, thievish, untrustworthy, and cruel. They have a greater repugnance than any other class of Indians to settled habits, regular labour, and the service of the whites; their distaste, in fact, to any approximation towards civilized life is invincible.⁸⁹⁰

⁸⁸⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 134.

⁸⁸⁹ *Ibidem.* p. 242.

⁸⁹⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 326.

Em sua defesa da origem comum entre os grupos indígenas, pensou de forma analógica às suas observações sobre as borboletas amazônicas e imaginou que poderia ser a separação geográfica a responsável pela distância entre os Passé e os Múras. Justificou sua hipótese afirmando que a sobrevivência em terras confinadas pelos igapós amazônicos, em terrenos baixos frequentemente inundados pelas cheias dos rios, possivelmente era a razão do atraso que atribuía aos Múras. Desta forma, o desenvolvimento da agricultura lhes teria sido impossível e sua alimentação teria se baseado, principalmente, em peixes. Estes dois fatores os teriam transformado em um grupo nômade de pescadores, completamente ignorantes à agricultura e à pecuária. Além disto, associou ao seu atraso cultural os frequentes ataques que sofriam dos portugueses e de grupos de Mundurucús, incentivados a enfrentar os Múras por influência dos colonos portugueses. Segundo Bates:

The Múras have become a nation of nomade fisherman, ignorant of agriculture and all other arts practiced by their neighbours. [...] About fifty years ago the Portuguese succeeded in turning the warlike propensities of the Mundurucús against them; and these, in the course of many years' persecution, greatly weakened the power of the tribe, and drove a great part of them from their seats on the banks of the Madeira. The Múras are now scattered in single hordes and families over a wide extent of country bordering the main river from Villa Nova to Catuá, near Ega, a distance of 800 miles. Since the disorders of 1835-6, when they committed great havoc amongst the peaceable settlements from Santarem to the Rio Negro, and were pursued and slaughtered in great numbers by the Mundurucús in alliance with the Brazilians, they have given no serious trouble.⁸⁹¹

Ainda em sua análise sobre os indígenas, Bates fez uma crítica geral, atribuindo-lhes o que considerava ser uma falta de curiosidade em relação aos seus arredores. Embora os julgasse exímios navegadores, caçadores e conhecedores da natureza local, afirmava que lhes faltava imaginação para inquirir sobre as causas dos fenômenos naturais. A diferença na forma com a qual os indígenas conviviam com o meio ambiente local fez com que Bates julgasse os indígenas amazônicos como desprovidos de interesse pelo funcionamento do mundo natural. Uma passagem de seu livro ilustra sua opinião a este respeito:

Their want of curiosity is extreme. One day we had an unusually sharp thunder-shower. The crew were lying about the deck, and after each explosion all set up a loud laugh; the wag of the party exclaiming "There's my old uncle hunting again!" an expression showing the utter emptiness of mind of the spokesman. I asked Vicente what he thought was the cause of lightning and thunder? He said, "Timaá ichoquá" – I don't know. He had never given the subject a moment's thought! It was the same with other things. I asked him who made the sun, the stars, the trees? He didn't know, and had never heard the subject mentioned amongst his tribe. [...] None of the Indian tribes on the

⁸⁹¹ *Ibidem.* p. 326.

Upper Amazons have an idea of a Supreme Being, and consequently have no word to express it in their own languages.⁸⁹²

Apesar desta crítica, Bates teve contato e foi auxiliado por diversos membros de grupos indígenas, frequentemente informando sobre sua importância para a sua viagem. Em uma correspondência enviada para seu agente Stevens, em Londres, informou, inclusive que suas relações com os indígenas eram melhores do que com muitos compatriotas no país. Na carta, Bates afirmou:

I get on very well with the Indians, being far more at home and friendly with them than with the Brazilian and European residents. The English people here, you will be sorry to hear, have not shown a disposition to assist us in the least all along, and I am now living with a Portuguese family, who treat me very kindly, and assist me in procuring all little things I need.⁸⁹³

Em muitos casos, estas relações foram mediadas por eminentes habitantes locais que atuavam como diretores dos índios. O cargo foi criado em 1758, junto com o Diretório dos Índios, instrumento legal utilizado pelos colonos para tentar conformar os indígenas aos hábitos europeus. Segundo Coelho, o Diretório tinha as seguintes funções:

Publicado em 1758, o Diretório dos Índios, como ficou conhecido, compreendeu um conjunto de medidas que projetavam regular a liberdade concedida aos índios três anos antes. Seus dispositivos consideravam a educação do índio, tanto no que dizia respeito ao domínio da Língua Portuguesa, quanto no que tangia a adoção de valores europeus (como o apego ao trabalho), como uma estratégia de melhoria das condições de vida. Concebiam a transformação do estatuto do índio, torna-lo vassalo português, passível de receber honrarias e exercer funções nas administrações locais. Aqueles dispositivos recomendavam, ainda, a integração de colonos e índios, por meio do incentivo ao casamento interétnico; e regulavam o controle e a distribuição do trabalho indígena, garantindo a manutenção da condição tradicional das populações indígenas no Vale: mão-de-obra.⁸⁹⁴

Aos diretores dos índios, cabia supervisionar estas estratégias de inclusão da população indígena à sociedade local, sobretudo no controle do trabalho indígena. No entanto, o diretório funcionava, também, como uma forma para que os indivíduos encarregados na posição de diretores forçassem os indígenas a trabalhar para seus fins particulares. De acordo com Monteiro⁸⁹⁵, a exploração da mão de obra indígena no Brasil remonta ao século XVI e foi

⁸⁹² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 162.

⁸⁹³ BATES, Henry Walter. [Carta para Samuel Stevens]. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a monthly journal of Natural History*, v. 8, 1850, London: John van Voorst. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/107486#page/7//mode/1up>>. Acesso em: 29 jan. 2019. p. 2664.

⁸⁹⁴ COELHO, Mauro Cezar. *Do sertão para o mar*. Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da colônia: o caso do Diretório dos Índios (1751-1798). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. 433p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08062006-085817/pt-br.php>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

⁸⁹⁵ MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. Entre a brandura e a força. In: *Acervo: revista do Arquivo Nacional*, v. 21, nº 1, jan./jun. 2008. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008, p. 133-148.

mantida, principalmente na Amazônia, por muitos séculos posteriores. A exploração dos indígenas pelo diretório era, segundo a autora⁸⁹⁶, um fato conhecido e comumente os indígenas eram explorados a trabalhar por salários irrisórios. Um exemplo pode ser encontrado quando conheceu José Crisóstomo, diretor dos índios do Japurá, sobre o qual afirmou:

Each of the neighbouring rivers with its numerous wild tribes is under the control of a Director, who is nominated by the Imperial Government. There are now no missions in the region of the Upper Amazons: the ‘gentios’ (heathens, or unbaptized Indians) being considered under the management and protection of these despots, who, like the captains of Trabalhadores, before mentioned, use the natives for their own private ends; Senhor Crisóstomo had, at this time, 200 of the Japurá Indians in his employ. He was half Indian himself, but was a far worse master to the red-skins than the whites usually are.⁸⁹⁷

A opinião expressa por Bates foi corroborada por um relatório publicado posteriormente pelo presidente da província do Amazonas entre 1865 e 1868, Antônio Epaminondas de Mello (1824-1885), indicando que a situação observada por Bates perdurou ao longo de décadas na região. Segundo de Melo:

Eis como assinalava há pouco um Presidente do Amazonas a fisionomia moral do diretor de índios, e a funesta influência dele sobre a obra da catequese: “Não conta, diz, o índio por via de regra (depois do regatão) inimigo mais desapiedado, nem mais cupido do que esses titulados tenentes-coronéis; e as cruezas, abusos e despotismos exercidos por eles são muito mais fatais à obra da catequese e civilização, porque partem da autoridade e se realizam em nome dela. [...] Um número crescido de grupos, que já haviam descido das cabeceiras de alguns rios e outros lugares igualmente remotos, estabelecendo-se aldeados nas vizinhanças de certos povoados, tem igualmente desaparecido, regressando as suas solidões, e aos hábitos da vida primitiva, que iam trocando pouco a pouco por costumes mais brandos e civilizados.⁸⁹⁸

No mesmo ano, um periódico paraense publicou uma notícia informando da ação conjunta entre regatões e diretores de índios, acusando-os de operarem um comércio lucrativo de produtos agrícolas às custas do trabalho indígena⁸⁹⁹. Ainda assim, com diretores de índios como José Crisóstomo, do Japurá, Paulo Bittencourt, do Issá, e Antônio Ribeiro, de São Paulo de Olivença, Bates conseguiu intermediários que lhes garantiram o auxílio dos indígenas que comandavam. Além dos diretores de índios, também intermediaram as relações entre o viajante e os indígenas alguns militares locais.

⁸⁹⁶ *Ibidem*. p. 135.

⁸⁹⁷ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 179.

⁸⁹⁸ DE MELLO, Antonio Epaminondas. *Relatório com que o Exm. Snr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello entregou a administração da Província do Amazonas ao Exm. Snr. Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, vice-presidente da mesma, em 24 de junho de 1866*. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1866. p. 356. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/169331/1721>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

⁸⁹⁹ CATECHESE e civilização dos índios. *A Estrella do Norte: Periódico Religioso*. Pará, Anno IV, nº 31, 5 ago. 1866. p. 244. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/223859/1126>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

Quando esteve em Tefé, Bates conheceu o então cabo Estulano Alves Carneiro, “*a spirited young white*”⁹⁰⁰, capitão da embarcação do mercador português Daniel Cardoso, e na qual conseguiu passagem para atravessar o Solimões. Ao longo dos 35 dias de viagem, Bates interagiu com a tripulação indígena comandada por Estulano, os quais “*lived and worked together in the most perfect good fellowship*”⁹⁰¹. Segundo o viajante, Estulano confiava o comando da embarcação completamente aos indígenas, exercendo sua autoridade apenas quando “*they were inclined to be lazy*”⁹⁰². Foi durante esta viagem que Bates aprendeu, com a tripulação indígena comandada por Estulano e com Manoel, genro de Daniel Cardoso, algumas palavras no idioma Tupi.

Anos depois, já promovido ao posto de major, Estulano, que então era dono de uma olaria⁹⁰³, conheceu o viajante Louis Agassiz, a quem alugou uma casa em Tefé. Segundo a esposa de Agassiz publicou no livro de viagem do casal, o Major Estulano (grafado como “Estolano”) organizou uma excursão de pesca na qual convidou o naturalista para participar, e a qual rendeu “*numerous specimens of a new species of that family [Acará]*”⁹⁰⁴. No mesmo relato, o próprio Louis Agassiz escreveu:

After setting my whole party well under way in Tefé, I made the very instructive excursion with Major Estolano, of which an account is given in the text, to the Lago do Boto, a small sheet of water, by the side of his sitio on the banks of the main course of the Amazons, where I had a fair opportunity of ascertaining how widely different the fishes may be that inhabit adjoining faunae in the same hydrographic basin.⁹⁰⁵

Em outra excursão, partindo de Alter do Chão, Bates conheceu o capitão Thomas, “*a sleepy-looking mameluco*”⁹⁰⁶ que, sendo um dos principais residentes da cidade, prometeu encontrar dois indígenas para fazerem parte da tripulação que o viajante reunia para navegar pelos rios da região. Além dos indígenas, Thomas colocou o seu filho à disposição do naturalista para mostrar-lhe os melhores caminhos na rica floresta ao redor da cidade em uma excursão que lhe rendeu oito novas espécies de borboletas que ainda não havia capturado. Ao recontar a expedição, afirmou:

We here saw a Couxio monkey (*Pithecia satanas*), a large black species which, as I have before mentioned, has a thick cap of hair on the head parted at the

⁹⁰⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 154.

⁹⁰¹ *Ibidem.* p. 160.

⁹⁰² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 160.

⁹⁰³ DO REGO, Jacintho Pereira. *Exposição com o que o Exmo. Snr. Jacintho Pereira do Rego passou a administração da Província do Amazonas no dia 24 de agosto de 1868*. Manaus: Typographia do Amazonas de Antonio da Cunha Mendes. 1869. p. 54. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/169331/1970>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

⁹⁰⁴ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot. *A journey in Brazil*. *op. cit.* p. 240.

⁹⁰⁵ *Ibidem.* p. 244.

⁹⁰⁶ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 77.

crown. [...] My companion fired at him, but missed, and he then slowly moved away. The borders of the path were enlivened with troops of small and delicate butterflies. I succeeded in capturing, in about half an hour, no less than eight species of one genus, *Mesosemia*; a group remarkable for having the wings ornamented with central eye-like spots encircled by fine black and gray concentric lines arranged in different patterns according to the species.⁹⁰⁷

Segundo Bates, dada a dificuldade em encontrar mão de obra, a promessa do capitão Thomas foi cumprida apenas pela metade, e o índio Manoel passou a acompanhar o naturalista. Em um trecho da viagem, no qual encontraram um pequeno menino indígena próximo à margem de um dos rios nos quais navegavam, Bates registrou a surpresa e o medo demonstrados pelo menino ao encontrar o naturalista, e a intervenção de Manoel que pareceu apaziguar o jovem:

We lost two hours working our way with poles through the inundated woods in search of the port. [...] On shouting for a montaria an Indian boy made his appearance, guiding one through the gloomy thickets; but he was so alarmed, I suppose at the apparition of a strange-looking white man in spectacles bawling from the prow of the vessel, that he shot back quickly into the bushes. He returned when Manoel spoke, and we went ashore: the montaria winding along a gloomy overshadowed water-path, made by cutting away the lower branches and underwood.⁹⁰⁸

Em Aveiro, Bates novamente conseguiu o apoio de indígenas graças à posição social de um dos moradores locais. O capitão Antônio, capitão dos trabalhadores da cidade, além de ter levado o viajante para coletar “*many rare and handsome insects*”⁹⁰⁹ nos arredores de sua fazenda, também conseguiu um indígena para acompanhar o viajante em suas excursões, tendo sido ele o responsável por capturar um espécime vivo de periquito Maracanã, o qual o viajante desejava domesticar. Sobre a experiência, Bates afirmou:

I wished to keep the bird alive and tame it, but all our efforts to reconcile it to captivity were vain; it refused food, bit every one who went near it, and damaged its plumage in its exertions to free itself. My friends in Aveyroes said that this kind of parrot never became domesticated. After trying nearly a week I was recommended to lend the intractable creature to an old Indian woman, living in the village, who was said to be a skillful bird-tamer. In two days she brought it back almost as tame as the familiar love-birds of our aviaries. I kept my little pet for upwards of two years; it learned to talk pretty well, and was considered quite a wonder as being a bird usually so difficult of domestication. I do not know what arts the old woman used: Captain Antonio said she fed it with her saliva. The chief reason why almost all animals become so wonderfully tame in the houses of the natives is, I believe, their being treated with uniform gentleness, and allowed to run at large about the rooms. Our Maracanã used to accompany us sometimes in our rambles, one of the lads carrying it on his head.⁹¹⁰

⁹⁰⁷ *Ibidem*. p. 80.

⁹⁰⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 87.

⁹⁰⁹ *Ibidem*. p. 106.

⁹¹⁰ *Ibidem*. p. 103.

Enquanto a mediação entre viajantes e indígenas era realizada, em muitos casos, por indivíduos que estavam em posição hierarquicamente superior aos nativos, isto é, atuando como diretores de índios e capitães de trabalhadores, com autoridade governamental para forçá-los a trabalhar, em outros casos as relações baseavam-se no respeito e amizade entre residentes e indígenas. Um dos principais intermediários entre Bates e os grupos indígenas locais foi o delegado de polícia de Ega, Antônio Cardoso, que Bates afirmou ser “*a stout, broad-featured man, ranking as a white, but having a tinge of negro blood*”⁹¹¹. Segundo Bates:

I had afterwards occasion to be astonished at the boundless good nature of this excellent fellow, whose greatest pleasure seemed to be to make sacrifices for his friends. He was a Paraense, and came to Ega originally as a trader; but not succeeding in this, he turned planter on a small scale and collector of the natural commodities of the country, employing half-a-dozen Indians in the business.⁹¹²

Além dos indígenas que mantinha empregados, Cardoso era amigo de um grupo de indígenas Passé que habitavam próximos de Tefé e era padrinho de um dos netos do chefe indígena Pedro-uassú. Desejando que o naturalista conhecesse os seus amigos na região, Cardoso organizou uma pequena excursão ao aldeamento indígena. Quando chegaram, foram recebidos por Pedro-uassú, descrito por Bates:

He [Cardoso] had sent word to the old man that he intended to visit him: we were therefore expected. As we landed, Pedro-uassú himself came down to the port to receive us; our arrival having been announced by the barking of dogs. He was a tall and thin old man, with a serious, but benignant expression of countenance, and a manner much freer from shyness and distrust than is usual with Indians. He was clad in a shirt of coarse cotton cloth, dyed with murishí, and trousers of the same material turned up to the knee. His features were sharply delineated - more so than in any Indian face I had yet seen; the lips thin and the nose rather high and compressed. A large, square, blue-black tattooed patch occupied the middle of his face, which, as well as the other exposed parts of his body, was of a light reddish-tan color, instead of the usual coppery-brown hue. He walked with an upright, slow gait, and on reaching us saluted Cardoso with the air of a man who wished it to be understood that he was dealing with an equal. My friend introduced me, and I was welcomed in the same grave, ceremonious manner.⁹¹³

Em nenhuma outra situação Bates conheceu tantos indígenas quanto nas excursões planejadas por Antonio Cardoso. Na época em que as tartarugas colocam seus ovos nas praias, Cardoso planejou uma grande empreitada, com uma tripulação indígena de ajudantes, para supervisionar a coleta de ovos e a caça às tartarugas. Em seu livro Bates registrou a importância dos indígenas para a empreitada, uma vez que estes eram especialistas sobre o comportamento das tartarugas, os locais onde colocavam seus ovos, e intrépidos nadadores quando precisavam

⁹¹¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 179.

⁹¹² *Ibidem.* p. 179.

⁹¹³ *Ibidem.* p. 232.

nos rios para captura-las. No grupo reunido estavam incluídos o indígena Daniel e o mameluco Carepira, ambos “*intrepid canoemen and huntsmen*”⁹¹⁴. Nesta oportunidade, Bates notou que, para conseguir encontrar os animais e seus ovos, era necessário depender do conhecimento que possuíam “*only a few practiced huntsmen*”⁹¹⁵.

Além de conhecerem os locais onde as tartarugas deixavam seus ovos, o naturalista afirmou que os indígenas também eram especialistas na caça dos animais com arco e flecha, e registrou a primeira vez em que observou a caça com estas armas tradicionais:

I was astonished at the skill which the Indians display in shooting turtles. They did not wait their coming to the surface to breathe, but watched for the slight movements in the water, which revealed their presence underneath. These little tracks on the water are called Sirirí; the instant one was perceived an arrow flew from the bow of the nearest man, and never failed to pierce the shell of the submerged animal. When the turtle was very distant, of course the aim had to be taken at a considerable elevation, but the marksmen preferred a longish range, because the arrow fell more perpendicularly on the shell, and entered it more deeply.⁹¹⁶

Ao longo do período em que acompanhou a caça de tartarugas na região amazônica, Bates observou as diferentes técnicas empregadas pelos caçadores indígenas. O arco e flecha, as redes e, quando os animais já haviam eclodido de seus ovos e nadavam livremente, as próprias mãos. O naturalista assinalou, ainda, as habilidades e a coragem dos indígenas para nadar e mergulhar mesmo em águas onde podiam ser observados jacarés. Em uma oportunidade, quando acompanhava um grupo de indígenas na pesca de tartarugas, registrou a calma com a qual lidaram com a situação, dizendo:

No one was alarmed, the only fear expressed being that the imprisoned beast would tear the net. First one shouted, “I have touched his head”; then another, “he has scratched my leg”; one of the men, a lanky Miránha, was thrown off his balance, and then there was no end to the laughter and shouting. At last a youth of about fourteen years of age, on my calling to him, from the bank, to do so, seized the reptile by the tail, and held him tightly until, a little resistance being overcome, he was able to bring it ashore.⁹¹⁷

⁹¹⁴ *Ibidem.* p. 250.

⁹¹⁵ *Ibidem.* p. 257.

⁹¹⁶ *Ibidem.* p. 260.

⁹¹⁷ *Ibidem.* p. 265.

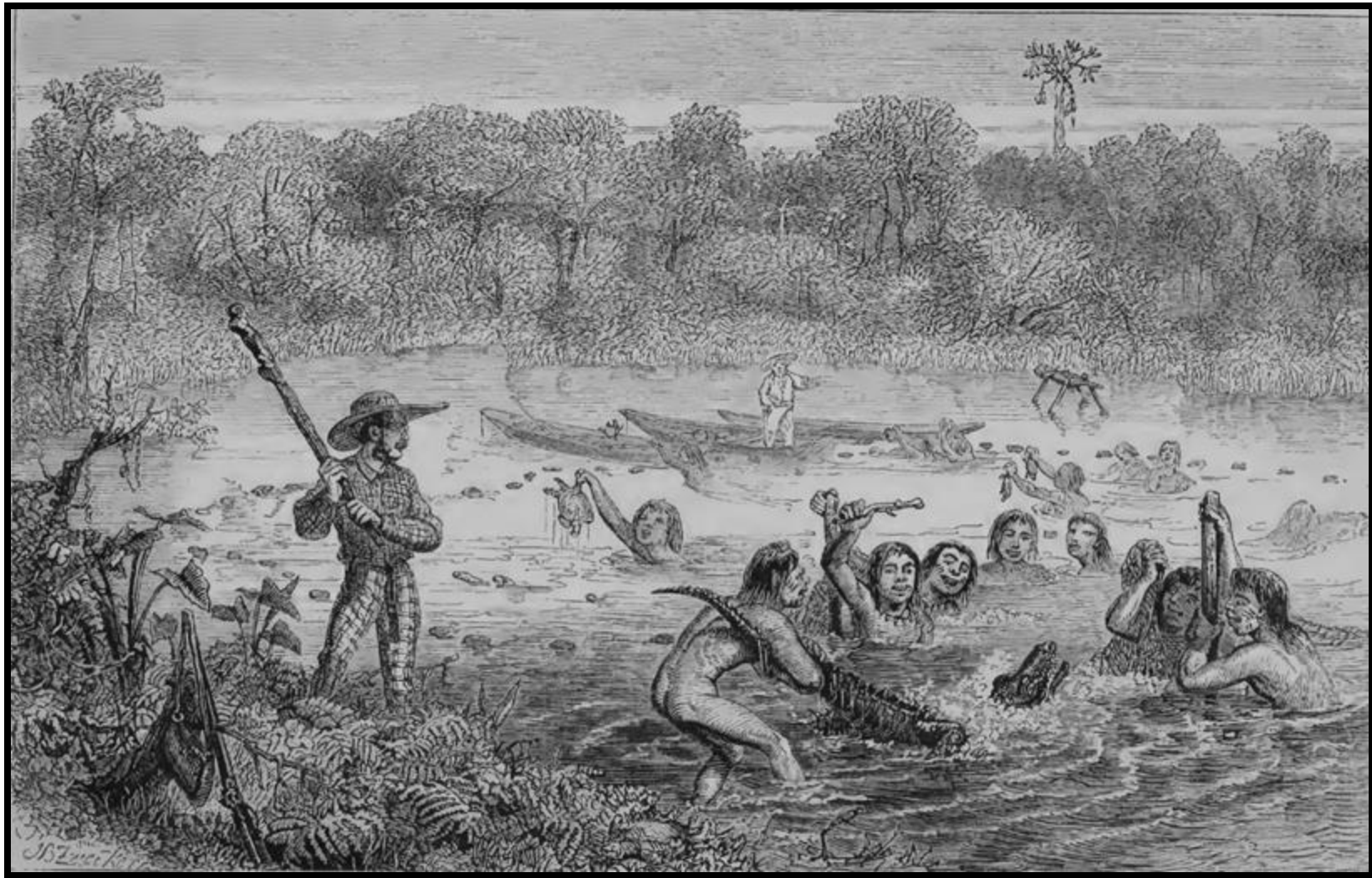


Figura 31: *Turtle-fishing and adventure with alligator.*⁹¹⁸

⁹¹⁸ *Ibidem.* p. 265.

Com o tempo, talvez por observar os indígenas, o próprio Bates passou a temer menos os jacarés que circundavam o rancho em que ficaram hospedados durante a excursão. Em uma ocasião, ao encontrar o crânio de um espécime morto enterrado nas areias da praia, coletou-se e, posteriormente, enviou ao *British Museum*, onde afirmou que, pelo menos até o lançamento de seu livro, o espécime poderia ser encontrado. Registrando um de seus encontros com um jacaré vivo, Bates narrou uma situação que acabou ilustrada em seu livro de viagem:

During the first week the people were all, more or less, troubled by alligators. Some half-dozen full grown ones were in attendance of the praia, floating about on the lazily flowing, muddy water. [...] There was much offal into the river, and this, of course, attracted them to the place. One day I amused myself by taking a basket full of fragments of meat beyond the line of ranchos, and drawing the alligators towards me by feeding them. They behaved pretty much as dogs do when fed; catching the bones I threw them in their huge jaws, and coming nearer and showing increased eagerness after every morsel. [...] Everyday these visitors became bolder; at length they reached a pitch of imprudence that was quite intolerable. Cardozo had a poodle dog named Carlito, which some grateful traveller whom he had befriended had sent him from Rio de Janeiro. He took great pride in this dog, keeping it well sheared, and preserving his coat as white as soap and water could make it. [...] Well, one night I was awake by a great uproar. It was caused by Cardozo hurling burning firewood with loud curses at the huge Cayman which had crawled up the bank and passed beneath my hammock (being nearest the water) towards the place where Carlito lay. The dog had raised the alarm in time; the reptile backed down and tumbled down the bank to the water, the sparks from the brands hurled at him flying from his bony hide.⁹¹⁹

⁹¹⁹ *Ibidem.* p. 278.



Figura 32: *Night adventure with alligator.*⁹²⁰

⁹²⁰ *Ibidem.* p. 279.

Em diversas ocasiões ao longo de seu relato, Bates informa sobre a importância dos indígenas para a caça, coleta de espécimes, navegação dos rios e deslocamento pelas florestas. A experiência e conhecimento que possuíam sobre a natureza local e os hábitos das espécies que nela viviam foram essenciais ao naturalista. Mesmo as crianças indígenas, embora menos experientes que os adultos, ainda assim eram valiosos aliados de um naturalista viajante. Em um caso ilustrativo, Bates recordou sobre uma vez em que se perdeu na floresta durante uma excursão. Embora estivesse acompanhado por um jovem indígena, não acreditou que o menino poderia saber o caminho de volta, pois reparou que ele havia passado todo o trajeto brincando com seu arco e flecha, sem atentar para o trajeto que haviam tomado. Sem esperanças ou alternativas, resolveu consultar com o jovem indígena e registrou o resultado dizendo:

When asked, however, he pointed out, in a moment, the right direction of our canoe. He could not explain how he knew; I believe he had noted the course we had taken almost unconsciously: the sense of locality in his case seemed instinctive.⁹²¹

O conhecimento dos indígenas sobre a natureza parece ter sido motivo de constante surpresa para o naturalista. Seu espanto se dava pelo fato de não conseguir compreender como os aparentemente desinteressados indígenas conheciam tanto sobre as florestas. É interessante observar que, embora tenha acusado os indígenas por diversas vezes de serem desprovidos de curiosidade e por não indagarem sobre as causas dos fenômenos da natureza, registrou em seu livro de viagem diversas informações sobre a fauna e flora locais obtidas com os indígenas. Duas ocasiões, especialmente, chamaram a sua atenção. A primeira delas ocorreu em Ega, quando observou que não era incomum observar numerosos bandos de pássaros em revoada. Para Bates, a justificativa para este comportamento era simples, e o comportamento de grupo dos pássaros era uma forma de caça por insetos para a sua alimentação. Os indígenas, no entanto, possuíam uma explicação diferente para o fenômeno, que foi registrada por Bates da seguinte forma:

The Indians have noticed these miscellaneous hunting parties of birds, but appear not to have observed that they are occupied in searching for insects. They have supplied their want of knowledge, in the usual way of half-civilized people, by a theory which has degenerated into a myth, to the effect that the onward moving bands are led by a little grey bird, called the Papá-uirá, which fascinated all the rest, and leads them a weary dance through the thickets.⁹²²

Embora possuísse uma teoria alternativa que julgasse ser mais plausível, isto é, a vantagem numérica na caça de insetos, Bates não dispensou imediatamente a justificativa dos indígenas. O naturalista observou que, em algumas ocasiões, era possível observar que pássaros

⁹²¹ *Ibidem.* p. 34.

⁹²² *Ibidem.* p. 335.

de outras espécies se juntavam a bandos aos quais não pertenciam, e que mesmo pássaros frutívoros podiam ser encontrados nestes meios, como se estivessem realmente encantados por um flautista que os liderasse. Assim, resolveu testar a hipótese dos nativos capturando um espécime do Papá-uirá para examiná-lo. Novamente, os indígenas foram os escolhidos para caçarem o animal, especialmente porque afirmou que seu método de caça, com a zarabatana, era o que menos danificava a integridade física dos espécimes. Foi só após a análise de três espécimes do pássaro que Bates chegou a uma conclusão, afirmando:

I once employed Indians to obtain specimens for me; but, after the same man (who was a noted woodsman) brought me, at different times, three distinct species of birds as the Papá-uirá, I gave up the story as a piece of humbug. The simplest explanation appears to be this; that the birds associate in flocks from the instinct of self-preservation, and in order to be a less easy prey to hawks, snakes, and other enemies than they would be if feeding alone.⁹²³

Em outra situação, quando estava acompanhado de Francisco Raiol, ilustre morador local e estimado amigo dos indígenas, registrou uma situação que considerou inusitada. Como sempre fazia, aproveitou da excursão para buscar insetos próximos de onde estava hospedado, examinando cuidadosamente a floresta nos arredores. Segundo recontou, seu trabalho despertou a curiosidade de um dos indígenas que, observando o naturalista reunindo insetos em sua bolsa, pegou-o pelo braço para leva-lo até uma das ocas que compunham a habitação de seu grupo. Embora indígena e naturalista não compartilhassem de nenhum idioma que permitisse a comunicação, Bates afirmou que não faltaram tentativas de, através de linguagem gestual, comunicar aquilo que desejava lhe mostrar. Em seu relato, o naturalista registrou:

I was not a little surprised when, having mounted the girao, or stage of split palm-steams, and taken down an object transfixed to a post, he exhibited, with an air of great mystery, a large chrysalis suspended from a leaf, which he placed carefully in my hands, saying, 'Pána-paná curí' (Tupí: butterfly by-and-by). Thus I found that the metamorphoses of insects were known to these savages; but being unable to talk with my new friend, I could not ascertain what ideas such a phenomenon had given rise to in his mind. The good fellow did not leave my side during the remainder of our stay; but, thinking apparently that I had come here for information, he put himself to considerable trouble to give me all he could.⁹²⁴

4.7. COLABORAÇÕES RECEBIDAS POR BATES NA AMAZÔNIA

Durante sua residência no Brasil, Bates teve contato com centenas de pessoas que colaboraram com sua expedição nas mais variadas capacidades, atestando para a dimensão da sociabilidade no trabalho de campo. Ao longo deste capítulo, foi possível identificar alguns dos

⁹²³ *Ibidem.* p. 336.

⁹²⁴ *Ibidem.* p. 383.

seus principais colaboradores no Brasil, observando de que forma foram capazes de auxiliar o naturalista em sua empreitada. Foi possível observar, também, que seu relacionamento com as pessoas com quem teve contato no país dependia não apenas dos grupos sociais aos quais pertenciam, mas também da capacidade do viajante em se comunicar com elas e em se adaptar aos costumes e modos de vida locais.

Assim, em um primeiro momento, é natural que seu círculo social no país tenha se limitado aos residentes estrangeiros que viviam na capital paraense. O auxílio desta pequena comunidade, majoritariamente composta por ingleses e estadunidenses, foi essencial para o recém-chegado viajante, especialmente por sua falta de conhecimento da língua portuguesa, o que constituía uma considerável barreira no seu contato com os moradores locais. Na medida em que os meses se passaram, tanto o seu aprendizado dos idiomas falados localmente, quanto suas observações sobre os costumes locais, permitiram que Bates passasse a se relacionar com uma gama ainda maior de residentes.

Também é possível perceber que o auxílio na mediação de novos relacionamentos foi uma contribuição tão importante para o sucesso de sua expedição quanto o auxílio direto na coleta de espécimes. Ao longo de seu relato de viagem, Bates deixou clara a importância que indivíduos que ocupavam destacados cargos na sociedade local, como delegados de polícia, diretores de índios e comerciantes tiveram em sua rede de contatos. A partir do relacionamento com estas pessoas, o viajante teve acesso a uma gama ainda maior de colaboradores. Além de terem contribuído de outras formas com a expedição, moradores como Charles Leavens, Ângelo Custódio Correia e Antônio Cardoso, por exemplo, foram peças fundamentais na inserção de Bates nas redes de sociabilidade locais. Isto, por sua vez, garantiu que conseguisse passagens gratuitas nas rotas comerciais fluviais amazônicas, locais para repousar e se hospedar, e indivíduos para auxiliá-lo na navegação e sobrevivência, especialmente quando planejou suas próprias excursões pelas florestas brasileiras. Além disso, os próprios residentes locais, muitas vezes desejando satisfazer o desejo de seu hóspede e amigo estrangeiro, organizaram expedições nas quais convidaram o naturalista para participar. O apoio no comando de embarcações e na navegação pela malha fluvial brasileira também merece destaque, pois em todas as ocasiões em que planejou excursões que dependessem de transporte fluvial, Bates necessitou do auxílio de barqueiros. Em muitos casos, notou que eram os indígenas quem mais conheciam e dominavam a navegação amazônica.

Por fim, também merece ser ressaltado o importante auxílio na coleta de espécimes. O sucesso de sua expedição na formação de uma vasta coleção de animais amazônicos, particularmente insetos, se deve em parte ao auxílio cedido por moradores locais, indígenas,

escravos e outros indivíduos contratados pelo naturalista especificamente para este propósito. Embora em muitos casos não tenha dado maiores créditos aos seus auxiliares, existem indícios em seu livro de viagem que apontam para a necessidade de se contratar caçadores e coletores de espécimes localmente. Em uma situação, foram crianças indígenas as responsáveis por terem coletado para o naturalista um espécime de aranha caranguejeira, uma vez que sua experiência anterior com a espécie o havia tornado vítima das urticárias causadas por seus pêlos. Sobre estas circunstâncias, relatou:

The natives call them Aranhas caranguejeiras, or crab-spiders. The ahris with which they are clothed come off when touched, and cause a peculiar and almost maddening irritation. The first specimen that I killed and prepared was handled incautiously, and I suffered terribly for three days afterwards. [...] One day I saw the children belonging to an Indian family who collected for me with one of these monsters secured by a cord round its waist, by which they were leading it about the house as they would a dog.⁹²⁵

Em alguns casos, o auxílio cedido por coletores locais foi tão importante que Bates os manteve empregados durante longos períodos de tempo. Este foi o caso, por exemplo, do jovem Luco, que acompanhou o naturalista em duas de suas principais excursões pelo interior do país. Embora não existam registros de quais espécimes foram capturados especificamente pelo rapaz, assim como quanto recebia pelos seus serviços, o viajante não deixou de registrar que o “*had already employed at Pará in collecting*”⁹²⁶. Em uma das correspondências enviadas para Stevens, posteriormente publicada em *The Zoologist*, Bates explicava ao seu agente que, para conseguir coletar espécimes de flores amazônicas, “*I should have to hire two good Indians*”⁹²⁷. Na mesma carta, afirmava que o custo para empregar dois indígenas para cuidar da navegação de sua canoa era de £0,90 por dia⁹²⁸. Além dos próprios espécimes que traziam, indígenas, caçadores e outros moradores que eram empregados na coleta de espécimes também compartilhavam com o naturalista diversas informações sobre a natureza local.

Os motivos para empregar um coletor de espécimes eram diversos e variavam desde o conhecimento e habilidade que possuíam, até a necessidade de substituir o viajante no trabalho científico quando este se encontrava indisposto. Em São Paulo de Olivença, Bates permaneceu acamado com febre intermitente durante algumas semanas e, sem poder se deslocar para coletar espécimes em locais afastados, empregou um coletor para que realizasse o trabalho. Em seu livro, afirmou:

⁹²⁵ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 161.

⁹²⁶ *Ibidem.* p. 217.

⁹²⁷ BATES, Henry Walter. [Carta para Samuel Stevens]. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a monthly journal of Natural History*. *op. cit.* p. 3727.

⁹²⁸ *Ibidem.* p. 3727.

I made a very large collection at St. Paulo, and employed a collector at Tabatinga and on the banks of the Jauarí for several months, so that I acquired a very fair knowledge altogether of the productions of the country bordering the Amazons to the end of the Brazilian territory, a distance of 1900 miles from the Atlantic at the mouth of the Pará; but beyond the Peruvian boundary I found now I should be unable to go.⁹²⁹

Durante este período de saúde abalada, a intervenção de um de seus conhecidos no Brasil foi considerada por Crawforth⁹³⁰ como essencial para salvar a vida do viajante. O capitão Nunes Mello Cardoso, que Bates havia conhecido no Pará dois anos antes de cair enfermo, foi quem o convenceu a abandonar o ambicioso plano de cruzar a fronteira e estender sua viagem até o Peru. Segundo Bates, Cardoso ficou chocado com seu estado de saúde e, vendo-o fragilizado, insistiu em leva-lo em sua embarcação até Ega, onde poderia se recuperar. De acordo com sua narrativa, sua esperança era a de recuperar rapidamente sua saúde para poder retomar seus planos de viagem, voltando à região e avançando posteriormente até os Andes peruanos. De acordo com seu livro:

I still hoped to be able to turn my face westward again, to gather the yet unseen treasures of the marvellous countries lying between Tabatinga and the slopes of the Andes; but although, after a short rest in Ega, the ague left me, my general health remained in a state too weak to justify the undertaking of further journeys.⁹³¹

Desta forma, é possível observar que graças a sua rede de contatos no Brasil, Bates conseguiu auxílio para se manter no país, para ter acesso aos rendimentos dos espécimes que enviava para Londres, para deslocar-se entre as cidades que desejava visitar, para navegar e manejar as embarcações que alugou, para reunir informações sobre a fauna e a flora local, para coletar espécimes e, até mesmo, para garantir sua saúde após o desgaste causados pela doença.

⁹²⁹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 408.

⁹³⁰ CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter*. *op. cit.* p. 165.

⁹³¹ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 410.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE GRÁFICA DA REDE DE COLABORADORES DE BATES NO BRASIL

5.1. ANÁLISES DE REDES SOCIAIS E GRÁFICOS

Para alguns autores⁹³², as primeiras ideias que levariam posteriormente à gênese da análise de redes sociais (ARS ou, em inglês, SNA para *Social Network Analysis*) podem ser encontradas nos trabalhos de alguns sociólogos e antropólogos, como Auguste Comte (1798-1857), Georg Simmel (1858-1918), Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), dentre outros. A preocupação com as estruturas sociais e as relações entre os indivíduos em sociedade foram, portanto, alguns dos principais motores que motivaram o posterior desenvolvimento de métodos e ferramentas específicos para a análise de redes sociais que enfocariam não apenas os indivíduos, mas as relações entre eles. Sendo assim, Da Cruz *et al.* resumem a metodologia da ARS da seguinte forma:

A ARS é um método oriundo da Sociologia, Antropologia e Psicologia Social e devido a sua dinâmica pode ser utilizada e adaptada em praticamente todas as áreas do conhecimento humano, como as Ciências Sociais, Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Biológicas. Seu caráter polissêmico nos permite uma diversidade de usos e uma difícil delimitação conceitual. Nas ciências humanas sua aplicação mais comum consiste nos estudos de redes sociais buscando entender as interações das relações humanas.⁹³³

De acordo com Portugal⁹³⁴, o conceito de redes assumiu um papel central na sociologia a partir da segunda metade do século XX, principalmente após a II Guerra Mundial, com o avanço concomitante de duas correntes, uma de matriz britânica e outra estadunidense, onde se destacaram os avanços propostos por Harrison White (1930) e seu aluno Mark Granovetter (1943), ambos associados à Universidade de Harvard. Antunes⁹³⁵, por sua vez, aponta também para o desenvolvimento da análise de redes na Alemanha, por psicólogos, geógrafos e filósofos associados ao movimento Gestalt. Assim, ao longo das décadas que se seguiram, diversos

⁹³² LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. Network analysis in Public Health: History, methods, and applications. *The Annual Review of Public Health*, nº 28, 2007 p. 69-93. Disponível em: <<http://10.1146/annurev.publhealth.28.021406.144132>>. Acesso em: 8 jan. 2019; DA CRUZ, Dalila Gimenes *et al.* Análise de redes sociais em periódico científico. *VII Seminário em Ciência da Informação*. Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/view/424/274>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁹³³ DA CRUZ, Dalila Gimenes *et al.* Análise de redes sociais em periódico científico. *op. cit.* p. 216.

⁹³⁴ PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, Universidade de Coimbra, nº 271, mar. 2007. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹³⁵ ANTUNES, Cátia. A história da análise de redes e a análise de redes em história. *História, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, IV Série, vol. 2, 2012, p. 11-22. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11313.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

avanços teóricos e metodológicos foram feitos na análise de redes sociais, mantendo-se entre as diferentes correntes de pensamento uma preocupação em comum:

O axioma fundamental da abordagem de análise de redes é o conceito de que a estrutura social em que os atores estão inseridos em um dado momento histórico é importante para determinar as oportunidades disponíveis e as restrições que afetam o comportamento individual (Borgatti et al., 2009). Assim intuitivamente sabemos que indivíduos especialmente bem relacionados, isto é que disponham de uma extensa rede de contatos sociais, situam-se em uma posição favorável em suas respectivas redes de relacionamentos sociais, econômicos e políticos.⁹³⁶

Independentemente da vertente adotada, portanto, a análise de redes sociais favorece a observação dos vínculos estabelecidos entre os indivíduos (ou instituições) em um determinado grupo. A partir deste tipo de pesquisa, Da Cruz *et al* afirmam que é possível analisar de que formas estes relacionamentos favorecem os indivíduos em uma rede, “reforçando suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização”⁹³⁷. Assim, a análise de redes sociais se apresenta como uma abordagem favorável ao estudo das relações entre os indivíduos e à observação sobre as formas como estas propiciam oportunidades de ação, de transferência de informação ou bens materiais dentro de um determinado grupo.

Concomitantemente ao desenvolvimento de referenciais teóricos para a análise de redes sociais, a utilização de visualizações gráficas para o estudo de redes também passou a integrar a metodologia utilizada por diversos autores que abordaram o estudo de redes em suas pesquisas. Uma das primeiras metodologias de visualização gráfica de redes foi elaborada nos Estados Unidos pelo psiquiatra Jacob Levy Moreno. Para desenvolver suas pesquisas sobre as interações e relações entre estruturas sociais e o bem-estar psicológico dos indivíduos, Moreno passou a utilizar de uma ferramenta analítica chamada sociometria e de testes sociométricos que visavam desvendar as afinidades entre os indivíduos dentro dos grupos aos quais pertenciam⁹³⁸. As informações recolhidas com a aplicação dos testes sociométricos de Moreno eram posteriormente utilizadas para a construção daquilo que chamou sociogramas, representações gráficas das redes analisadas, e que podem ser descritos como:

A sociogram was a drawing with points representing people connected by lines representing interpersonal relationships. Moreno's work established

⁹³⁶ PANDOLFI, Fernanda Cláudia; BUENO, Newton Paulo. Análise de redes sociais em História: noções básicas e sugestões de aplicação. *Anais do XIX Encontro Regional de História*. Juiz de Fora, 28 a 31 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/34/1401385226_ARQUIVO_anpuhpaper29-05corrigido.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019. p. 1.

⁹³⁷ DA CRUZ, Dalila Gimenes *et al*. *Análise de redes sociais em periódico científico*. op. cit. p. 216.

⁹³⁸ CUKIER, Rosa. *Palavras de Jacob Levy Moreno*. Vocabulário de citações, do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.

network analysis as a unique discipline, and his sociograms were the first specific network analytic tool.⁹³⁹

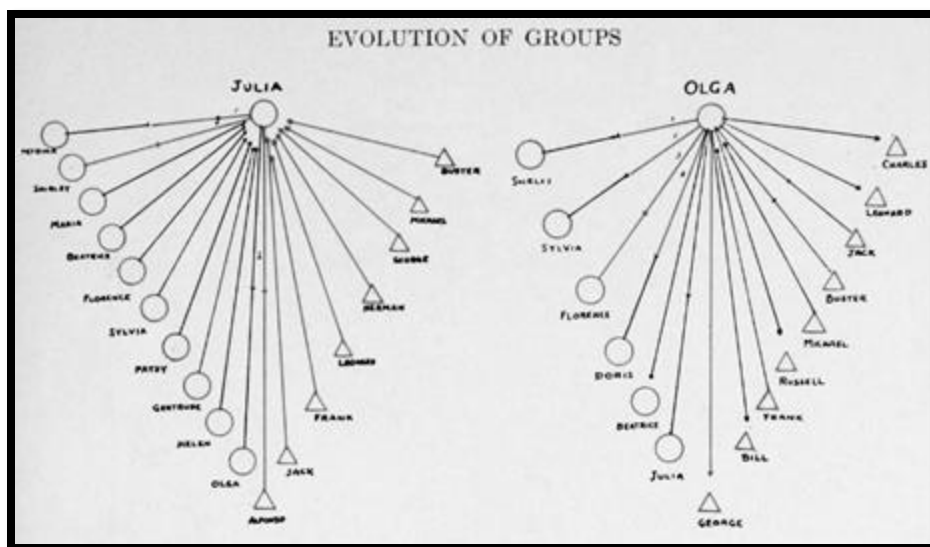


Figura 33: Sociogramas de Moreno.⁹⁴⁰

Para entender um sociograma, bem como quaisquer outras representações de redes sociais, é preciso ter em mente que cada um dos pontos (também chamados nós) representam um sujeito, isto é, um indivíduo, um grupo de indivíduos ou uma instituição. E cada linha (ou aresta) representa a existência de uma relação entre estes sujeitos, que pode ser uma relação mútua ou não. A visualização das redes em forma gráfica é, segundo Kutz, Falco e Giandini⁹⁴¹, uma representação flexível e rica de informações, capaz de complementar a informação obtida por outros meios. De acordo com Bradford⁹⁴², cerca de 65% da população tem maior facilidade para aprender visualmente, o que pode estar relacionado à quantidade de receptores sensoriais nos olhos humanos e à grande quantidade de áreas do cérebro engajadas na decodificação visual⁹⁴³. Novas pesquisas sobre aprendizado visual, assim como o desenvolvimento de tecnologias que facilitam a produção de gráficos, podem ser relacionados como alguns dos

⁹³⁹ LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. *Network analysis in Public Health*. op. cit. p. 71.

⁹⁴⁰ MORENO, J. L. *Who shall survive? A new approach to the problem of Human interrelations*. Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Co., 1934, p. 45. Disponível em: <<https://archive.org/details/whoshallsurviven00jmo/>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

⁹⁴¹ KUTZ, Antonieta; Falco, Mariana; GIANDINI, Roxada. Análisis de redes sociales: un caso práctico. *Computación e Sistemas*, vol. 20, n° 1, 2016, p. 89-106. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.13053/cys-20-1-2321>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁴² BRADFORD, William C. Reaching the visual learner: teaching property through art. *The law teacher*, vol. 11, 2004. Disponível em: <https://papers.ssm.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=587201>. Acesso em: 29 jan. 2019.

⁹⁴³ Cf. MARIEB, Elaine N.; HOEHN, Katja. *Human anatomy & physiology*. 7ª ed. San Francisco: Benjamin Cummings, 2006.; NEOMAN STUDIOS. *Thirteen reasons why your brain craves infographics*. Disponível em: <<https://neomam.com/interactive/13reasons/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

motivos que levaram a um aumento da apresentação de informações sobre forma gráfica. De acordo com Zacks *et al*⁹⁴⁴, no meio jornalístico, a apresentação de gráficos informativos, ou *infographics*, teve um aumento de 142% entre 1985 e 1994. A utilização de gráficos para a comunicação de informações também é uma poderosa ferramenta científica. Segundo Ma *et al*:

Visualization has become an important tool for scientists in their daily work. Scientists create visualizations for various purposes: to validate experiments, to explore datasets, or to communicate findings to others. If appropriately presented, such visualizations can be highly effective in conveying narratives.⁹⁴⁵

Com o auxílio da matemática, da teoria dos grafos, e de ferramentas computacionais de visualização e criação de gráficos, a análise de redes sociais tem sido impulsionada recentemente, na medida em que suas possibilidades vão se apresentando em diversas áreas de estudo onde fenômenos sociais são centrais. Assim, a análise de redes sociais pode ser compreendida como uma metodologia de aplicação multidisciplinar. Para Otte e Rousseau⁹⁴⁶:

Social network analysis, sometimes also referred to as “structural analysis”, is not a formal theory, but rather a broad strategy for investigating social structures. The traditional individualistic social theory and data analysis considers individual actors making choices without taking the behaviour of others into consideration. [...] Most broadly, social network analysis (1) conceptualizes social structure as a network with ties connecting members and channelling resources, (2) focuses on the characteristics of ties rather than on the characteristics of the individual members, and (3) views communities as “personal communities”, that is, as networks of individual relations that people foster, maintain, and use in the course of their daily lives.⁹⁴⁷

Ainda de acordo com os autores, os estudos que enfocam a análise de redes sociais começaram a ganhar maior legitimidade a partir de 1978, com a fundação de uma associação acadêmica dedicada, a *International Network for Social Network Analysis* (INSNA)⁹⁴⁸, criada pelo sociólogo Barry Wellman. Ao longo da década seguinte, tanto a sociedade, quanto os estudos sobre redes sociais, se desenvolveram com a publicação de artigos, a realização de conferências anuais e a criação de um boletim periódico. O desenvolvimento de programas de computador dedicados a realizar análises de rede, aumentando assim o leque de instrumentos

⁹⁴⁴ ZACKS, J.; LEVY, E.; TVERSKY, B.; SCHINAO, D. Graphs in Print. In: ANDERSON, M.; MEYER, B.; OLIVIER, P. (eds). *Diagrammatic representation and reasoning*. London: Springer, 2002, p. 187-206.

⁹⁴⁵ MA, Kwan-Liu; LIAO, Isaac; FRAZIER, Jennifer; HAUSER, Helwig; KOSTIS, Helen-Nicole. Scientific storytelling using visualization. *IEEE Transactions on Visualization and Computer Graphics*, vol. 32, nº 1, jan.-fev. 2012. p. 12-19. Disponível em: <<https://ieeexplore.ieee.org/document/6111347>>. Acesso em: 29 jan. 2019. p. 13.

⁹⁴⁶ OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of Information Science*, vol. 28, nº 6, 2002. p. 441-453. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555150202800601>>. Acesso em: 8 jan. 2019. p. 441.

⁹⁴⁷ *Ibidem*. p. 441.

⁹⁴⁸ A fundação, que existe ainda hoje, tem uma página própria que pode ser acessada em <https://www.insna.org/>

disponíveis aos pesquisadores, também auxiliou a impulsionar este tipo de análise, uma vez que a análise de redes é altamente gráfica⁹⁴⁹.

A convergência entre o interesse de uma parcela significativa da comunidade acadêmica com as novas ferramentas computacionais que facilitam a criação de gráficos ampliou significativamente o leque de autores que passaram a pensar seus temas de pesquisa a partir da ótica das relações em rede. Para Luke e Harris⁹⁵⁰, algumas das vantagens dessa abordagem, e da utilização de gráficos de rede, incluem:

First, network visualization allows researchers and audiences to view various graphical depictions of networks. Second, descriptive analyses of network properties can reveal important details concerning the (a) position of network actors, (b) properties of network subgroups (called a subgraph), or (c) characteristics of a complete network. [...] Graphic representation allows researchers to ask and answer questions about the network that might not be statistically obvious. Modern network software incorporates layout and presentation algorithms that facilitate efficient and accurate interpretation of network graphs.⁹⁵¹

O trabalho de análise de uma rede social desloca o foco da pesquisa do nível biográfico individual para atentar para as interações e relacionamentos daquele indivíduo em um contexto específico, inserindo-o como indivíduo dentro daqueles grupos aos quais pertencia. O foco no plural, ao invés do singular, permite considerar as idiosincrasias específicas dos momentos de interação que conectam os participantes de uma rede e analisar o momento não naquilo que significou para apenas um indivíduo, mas para toda uma comunidade. Segundo Marteleto:

Os estudos de redes sociais permitiram a construção de uma compreensão inovadora da sociedade, que ultrapassa os princípios tradicionais, nos quais o elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e das funções que lhes correspondem.⁹⁵²

Ainda que a análise de rede possa estar atrelada aos relacionamentos de um personagem específico (chamada também de rede ego⁹⁵³, em oposição às análises de rede globais⁹⁵⁴), o enfoque na percepção da existência de um grupo ao redor do indivíduo aprofunda a análise para além da consciência individual, inserindo o indivíduo no contexto social em que se localiza e observando as formas como o social define o particular. Associando a isto a visualização

⁹⁴⁹ LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. *Network analysis in Public Health. op. cit.* p. 70.

⁹⁵⁰ LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. *Network analysis in Public Health. op. cit.*

⁹⁵¹ *Ibidem.* p. 73.

⁹⁵² MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 5, nº 1, 2010, p. 27-46. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/26/56>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

⁹⁵³ ANTUNES, Cátia. *A história da análise de redes e a análise de redes em história. op. cit.* p. 14.

⁹⁵⁴ OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. *Social network analysis. op. cit.* p. 442.

gráfica, o pesquisador garante uma nova forma de observação e apresentação dos dados de sua pesquisa e, conseqüentemente, uma nova leitura da mesma.

Particularmente desde a década de 1980, como apontado por Otte e Rousseau⁹⁵⁵, estudos que enfocam redes sociais estão se tornando cada vez mais presentes em pesquisas realizadas em áreas tão diversas como a sociologia, a história, as ciências da computação, a ciência da informação, a economia e a geografia, só para citar algumas. É sintomático desta aproximação o surgimento de uma área de estudos chamada Humanidades Digitais (em inglês, *digital humanities*⁹⁵⁶). Nos departamentos de *digital humanities*, já existentes em universidades como Cambridge e King's College London, pesquisadores utilizam ferramentas digitais e computacionais para realizar pesquisas em ciências humanas e sociais. No Brasil, a Universidade de São Paulo já possui um grupo de pesquisas em Humanidades Digitais⁹⁵⁷, ativo desde 2009, e já com uma extensa produção acadêmica na área.

Dentre algumas das áreas onde a análise de redes sociais e a utilização de ferramentas gráficas tem se mostrado mais promissa, Luke e Harris⁹⁵⁸, destacam a história da saúde, uma vez que a análise de redes pode ser utilizada para investigar desde redes de transmissão até redes institucionais de colaboração para a pesquisa ou o combate às doenças. No caso das redes de transmissão, é possível utilizar uma abordagem de rede para investigar desde a transmissão das próprias doenças, até a transmissão de informações sobre profilaxia e tratamentos. Assim, é na avaliação de redes de transmissão que a análise de redes vem sendo mais utilizada, pois:

Analysis of transmission networks represents a common use of network analysis in public health. Transmission networks are social systems that structure the flow of some tangible element. Here the emphasis is on what flows between actors in a network. There are two major types of transmission networks studies in public health: disease transmission networks and information transmission networks.⁹⁵⁹

Neste sentido, técnicas de análise de redes também podem ser implementadas por órgãos de combate às doenças para a investigação de casos de transmissão em tempo real. Nos Estados Unidos, por exemplo, os *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) utilizam formulários chamados *contact tracing forms*⁹⁶⁰ para delinear as redes sociais de seus pacientes e, assim, tentar identificar outros indivíduos em situação de risco para doenças transmissíveis

⁹⁵⁵ OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of Information Science*, vol. 28, n° 6, 2002. p. 441-453. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555150202800601>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

⁹⁵⁶ GOLD, Matthew K. (ed.). *Debates in the digital humanities*. London: University of Minnesota Press, 2012.

⁹⁵⁷ O grupo possui uma página na internet, que pode ser acessada em <https://humanidadesdigitais.org/>

⁹⁵⁸ LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. *Network analysis in Public Health*. op. cit.

⁹⁵⁹ *Ibidem*. p. 76.

⁹⁶⁰ Um exemplo de um *contact tracing form* pode ser visto na página oficial do CDC, em: <https://dhhr.wv.gov/oeps/disease/Zoonosis/other/documents/ebola/cdc-ebola-contact-form.pdf>

pelo contato. Desta forma, segundo Luke e Harris, a análise de redes também traz benefícios para a saúde pública, uma vez que permite criar modelos sobre o avanço de doenças transmissíveis o que, por sua vez, permite aos órgãos responsáveis criar medidas de prevenção e tratamento mais eficientes, por exemplo, identificando indivíduos centrais em uma rede de transmissão para intensificar a difusão de informação sobre saúde⁹⁶¹. Além disso, os autores também apontam para as potencialidades dos gráficos utilizados pela análise de redes para facilitar a compreensão e a comunicação de informações de saúde pública⁹⁶².

Em um exemplo referente às pesquisas em saúde pública, Da Costa *et al*⁹⁶³ utilizaram uma abordagem de rede social para investigar de que forma uma metodologia de rede poderia auxiliar na compreensão sobre a integração e atuação de órgãos de assistência aos usuários de drogas em Juiz de Fora, Minas Gerais, especificamente no sistema de referência e contrarreferência. Justificando a opção pela análise de redes sociais, os autores afirmam:

A utilização do método de ARS ocorreu por ser uma forma de análise que focaliza os aspectos relacionais, identificando e mensurando as interações existentes em um todo e propiciando, portanto, a compreensão do papel das partes dentro de um sistema – no presente caso, da rede de atenção aos usuários de drogas. Assim, é possível ir além do levantamento dos componentes da rede, identificando também as formas como se relacionam, quais são os dispositivos centrais, além do fluxo estabelecido.⁹⁶⁴

Ainda no campo da saúde pública, outra pesquisa de sucesso que utiliza metodologias de análise de redes sociais associadas com *softwares* de visualização de redes é o projeto *Diseaseome*⁹⁶⁵, onde os autores criaram dois tipos de redes para investigarem a associação entre diferentes genes na criação de desordens genéticas que acometem os seres humanos. Com isso, esperam conseguir uma melhor compreensão sobre o papel de interações genéticas e fenotípicas atuantes nas mais diversas desordens genéticas. Segundo o estudo:

In the “human disease network” (HDN) nodes represent disorders, and two disorders are connected to each other if they share at least one gene in which mutations are associated with both disorders. In the “disease gene network” (DGN) nodes represent disease genes, and two genes are connected if they are associated with the same disorder. Next, we discuss the potential of these networks to help us understand and represent in a single framework all known disease genes and phenotype associations.⁹⁶⁶

⁹⁶¹ LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. *Network analysis in Public Health. op. cit.* p. 80.

⁹⁶² *Ibidem.* p. 86.

⁹⁶³ DA COSTA, Pedro Henrique Antunes *et al.* Sistema de referência e de contrarreferência na rede de atenção aos usuários de drogas: contribuições da análise de redes sociais. *Cadernos Saúde Coletiva*, 23 (3), 2015, p. 245-252. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201500030129>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁶⁴ *Ibidem.* p. 246.

⁹⁶⁵ GOH, Kwang-Il *et al.* The human disease network. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. vol. 104, n° 21, 2007, p. 8685-8690. Disponível em: <<https://doi.org/10.1073/pnas.0701361104>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁶⁶ *Ibidem.* p. 8685.

Observando a utilização da análise de rede na ciência da informação, Otte e Rousseau⁹⁶⁷ chamam a atenção para estudos que enfocam os chamados fenômenos do mundo pequeno, mais popularmente conhecidos pela teoria dos seis graus de separação. A ideia foi originalmente proposta pelo escritor húngaro Frigyes Karinthy (1887-1938) em seu conto intitulado *Chains*⁹⁶⁸ publicado em 1929, porém ganhou popularidade posteriormente na cultura pop e refere-se a proposta de que seria possível conectar qualquer pessoa no mundo à outra pessoa aleatória com, no máximo, seis intermediários. Segundo Otte e Rousseau⁹⁶⁹, nas ciências da informação este tipo de abordagem é geralmente utilizada para delinear redes formadas por publicações, citações, coautoria em publicações, colaboração em pesquisa, etc. Sobre esta vertente de pesquisas, Sampaio *et al* afirmam:

As redes de coautoria são um poderoso instrumento para a análise de colaborações e parcerias científicas e tecnológicas, proporcionando uma visão dos padrões de cooperação entre indivíduos e organizações (MELIN; PERSSON, 1996; NEWMAN, 2004; GLÄNZEL, 2002). A coautoria de um documento representa uma relação oficial do envolvimento de dois ou mais autores ou organizações (GLÄNZEL; SCHUBERT, 2004), e apesar do debate antigo a respeito do seu significado e interpretação (KATZ; MARTIN, 1997; LAUDEL, 2002), a análise de coautoria tem sido amplamente utilizada para entender e avaliar os padrões de colaboração científica.⁹⁷⁰

No artigo, os autores enfatizaram as possibilidades da análise de redes de coautoria para a investigação acerca da concentração do conhecimento, seja em países, instituições ou indivíduos específicos. Nesta mesma linha, Guimarães e Galvão⁹⁷¹ utilizaram uma metodologia de redes para investigar a cooperação internacional no desenvolvimento de pesquisas sobre biogás, identificando os principais países e instituições na área. Em um nível institucional, Bordin, Gonçalves e Todesco⁹⁷² utilizaram a análise de redes e o *software* Gephi para investigar a colaboração científica em grupos de pesquisa dentro da Universidade Federal de Santa Catarina, observando de que forma os diferentes grupos de pesquisa e professores no corpo docente da universidade se relacionam academicamente. De forma semelhante, Cecco, Bernardi

⁹⁶⁷ OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. *Social network analysis. op. cit.*

⁹⁶⁸ KARINTHY, Frigyes. *Chain-links*. Tradução para o inglês por Adam Makkai. 1929. Disponível em: <https://djjr-courses.wdfiles.com/local--files/soc180:karinthy-chain-links/Karinthy-Chain-Links_1929.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2019.

⁹⁶⁹ OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. *Social network analysis. op. cit.* p. 449.

⁹⁷⁰ SAMPAIO, Ricardo Barros *et al.* A colaboração científica na pesquisa sobre coautoria: um método baseado na análise de redes. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, n° 4, out./dez. 2015, p. 79-92. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2447/1683>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁷¹ GUIMARÃES, Cláudio Marcelo Matos; GALVÃO, Viviane. Análise da rede de colaboração científica sobre biogás. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, n° 2, abr./jun. 2015, p. 120-133. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2305>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁷² BORDIN, Andréa Sabedra; GONCALVES, Alexandre Leopoldo; TODESCO, José Leomar. Análise da colaboração científica departamental através de redes de coautoria. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 19, n° 2, 2014, p. 37-52. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/1796>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

e Delizoicov⁹⁷³ utilizaram a mesma abordagem e o mesmo *software* para analisar a rede formada pelos pesquisadores que escrevem sobre o ensino de matemática no periódico *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Ao longo do artigo, além de utilizarem da metodologia e ferramentas de análise de rede, os autores também suportam suas observações nas proposições de Ludwik Fleck (1896-1961), associando as comunidades de professores que costumam publicar juntos com o conceito de coletivo de pensamento, assim como para distinguir entre as redes esotérica e exotérica daqueles pesquisadores que formam a rede.

É possível destacar, ainda, uma grande quantidade de estudos que utilizam de abordagens de redes e visualizações gráficas para fazer análises políticas. Um exemplo recente é o de Greene e Cunningham⁹⁷⁴ que disponibilizam *online*⁹⁷⁵ um gráfico interativo formulado a partir de dados extraídos da rede social *Twitter* sobre as relações entre membros do parlamento britânico na rede social supracitada.

No campo de interseção entre a História e a Sociologia, um dos trabalhos pioneiros a aplicar a análise de redes à contextos históricos específicos foi realizado por Padgett e Ansell⁹⁷⁶, e publicado no *American Journal of Sociology*, em 1993. Em seu artigo, os autores identificaram a rede composta pelas relações entre as famílias mais influentes da Florença do início do século XV e, observando a centralidade da família Medici em relação às demais, concluíram que sua ascensão ao poder dependeu, em grande parte, da posição que ocupavam na rede social da elite florentina.

Ainda no campo da História, Vermelho, Velho e Bertoncello⁹⁷⁷, assim como para Castells⁹⁷⁸, identificaram que uma primeira manifestação da ideia de rede em pesquisas históricas estava associada à ideia de rede de transportes, em algumas das primeiras pesquisas em história econômica que tratavam da ascensão e propagação do capitalismo como sistema

⁹⁷³ CECCO, Bruna Larissa; BERNARDI, Luci T. M. dos Santos; DELIZOICOV, Nadir Castilho. Formação de professores que ensinam matemática: um olhar sobre as redes sociais e intelectuais do BOLEMA. *Bolema*, v. 31, nº 59, dez. 2017, p. 1101-1122. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v31n59a13>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁷⁴ GREENE, Derek; CUNNINGHAM, Pádraig. Producing a unified graph representation from multiple social network views. *Proceedings of the 5th annual ACM web science conference*. ACM, 2013. Disponível em: <<http://derekgreene.com/papers/greene13websci.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

⁹⁷⁵ O gráfico pode ser acessado em <http://mlg.ucd.ie/networks/politics-uk.html>

⁹⁷⁶ PADGETT, John F.; ANSELL, Christopher K. Robust action and the rise of the Medici, 1400-1434. *American Journal of Sociology*, vol. 98, nº 6, 1993, p. 1259-1319. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2781822>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁷⁷ VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes e seus pesquisadores. *Educação e Pesquisa*, vol. 41, nº 4, 2015, p. 863-881. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁷⁸ CASTELLS, Manoel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

econômico dominante, observando o papel preponderante das redes de transporte como elementos essenciais para o transporte de bens e produtos. Para Vermelho, Velho e Bertonce llo:

A rede está na essência do sistema econômico capitalista de mercado, que, num primeiro momento, colocou em contato a fonte dos recursos naturais e os centros de produção (indústria) por meio da rede de transporte ferroviário, um sistema de circulação de matéria-prima até os centros produtores. As redes de circulação também colocaram em contato os mercados e as mercadorias, multiplicando em muito o potencial mercadológico do modelo econômico.⁹⁷⁹

Desta forma, a História Econômica trouxe o conceito de rede para perto dos historiadores e, por este motivo, muitos dos trabalhos de análise de rede em História privilegia m o exame de redes onde mercadores ou comerciantes figuram como personagens centrais, uma vez que, segundo Antunes, “são, por definição profissional, sujeitos que necessitam das redes para a sua sobrevivência socioeconômica”⁹⁸⁰. Assim, a autora aponta, ainda, como um dos trabalhos pioneiros de análise de redes aplicada à História, a pesquisa de Sanjay Subrahmanya m (1961) em sua obra *Merchant Networks in the Early Modern World, 1450-1800* (1996). Em sua pesquisa, o historiador indiano analisou a forma como mercadores e comerciantes estavam em uma posição privilegiada para atuarem como intermediários entre diferentes povos e culturas. Com a ressalva de não ter de fato introduzido em sua pesquisa todo o arcabouço teórico e metodológico da análise de redes, embora tenha sido influenciado pelo axioma fundamental da análise relacional, Antunes avaliou a obra de Subrahmanya m dizendo:

A contribuição de Subrahmanya m para a historiografia é inquestionável e o seu trabalho chamou a atenção dos historiadores para este instrumento de trabalho que é a análise social de redes. Por essa razão, pese embora o resultado final do seu trabalho não ter sido, de facto, a realização de uma análise de redes aplicada à história, foi sem dúvida um incentivo a incluir esta temática na historiografia do século XXI e a promovê-la a categoria de análise histórica.⁹⁸¹

A partir de então, segundo a autora, novas publicações passaram a descrever e analisar redes específicas em variados contextos históricos e geográficos. Um dos principais casos de sucesso envolvendo a aplicação de análise de rede com visualização gráfica a contextos históricos específicos é o projeto desenvolvido pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, com parceria da Universidade de Oxford, no Reino Unido, chamado *Mapping the Republic of Letters*⁹⁸². Com base em trocas de correspondências, os pesquisadores mapearam as redes sociais e as redes de colaboração intelectual de diversos pensadores da Idade Moderna,

⁹⁷⁹ VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. *Sobre o conceito de redes e seus pesquisadores. op. cit.* p. 869.

⁹⁸⁰ ANTUNES, Cátia. *A história da análise de redes e a análise de redes em história. op. cit.* p. 16.

⁹⁸¹ *Ibidem.* p. 17.

⁹⁸² O projeto possui uma página oficial na internet, que reúne alguns dos resultados da pesquisa, assim como artigos já publicados a partir da mesma e pode ser acessada em <http://republicofletters.stanford.edu/>

como Voltaire (1694-1778), D'Alembert (1717-1783), John Locke (1632-1704), Benjamin Franklin (1706-1790) e Galileu (1564-1642), identificando quem eram os indivíduos com os quais se relacionavam e criando visualizações gráficas destas redes. A ideia inicial levou ao desenvolvimento de projetos independentes, como o *British architects on the Grand Tour in Eighteenth-century Italy*⁹⁸³, coordenado pela pesquisadora Giovanna Ceserani, ou o *An intellectual map of Science in the Spanish Empire, 1600-1810*⁹⁸⁴, coordenado por Marcelo Aranda, além da publicação de diversos artigos. Um outro exemplo de grande prestígio é o projeto *Dynamic Complexity of Cooperation-Based Self-Organizing Networks in the First Global Age*⁹⁸⁵, que analisa redes de cooperação comercial entre 1400 e 1800, e faz parte do *European Collaborative Research Scheme*, com aprovação da *European Science Foundation*, e fomento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal), o Ministério da Educação da Espanha, e a National Science Foundation (Estados Unidos).

Outros exemplos de análises de redes sociais aplicados à História podem ser encontrados na página *Visualizing historical networks*⁹⁸⁶, mantida por um grupo de pesquisas do *Center for History and Economics* da Universidade de Harvard, onde os autores elencam algumas das vantagens em se criar visualizações gráficas para os dados de pesquisa com os quais estão trabalhando:

Visualizing or graphing such networks serves two overlapping ends. First, it provides a visible prosopography – a searchable reference of connections far easier to read and to use than any of the classic examples in the field. Though the networks which we are concerned with are not massive, they are still too big to comfortably hold in one's mind all at once. Second, the graphical mapping of networks makes some patterns in the data much more obvious. Such patterns may be already well understood; in these cases, a network map may serve as an ideal teaching device. Yet these patterns may be new or newly discovered. In this way, Gephi, and social network mapping more generally, can prove to be a highly useful research tool.⁹⁸⁷

Em uma tentativa semelhante de identificar pesquisas históricas utilizando abordagens de redes sociais, Pandolfi e Bueno reuniram alguns exemplos, resumindo-os da seguinte forma:

Diversos tipos de fontes, finalmente, já vêm sendo utilizadas pelos historiadores que aplicam a SNA. Alguns trabalhos utilizam as redes de afiliação, nas quais as pessoas estão conectadas por eventos. Por exemplo, em seu estudo sobre as redes sociais no Egito bizantino, Ruffini assume que se

⁹⁸³ O projeto possui uma página oficial que pode ser acessada em <http://republicofletters.stanford.edu/publications/grandtour/>

⁹⁸⁴ O projeto possui uma página oficial que pode ser acessada em <http://republicofletters.stanford.edu/casestudies/spanishempire.html>

⁹⁸⁵ A página oficial do projeto, onde são disponibilizadas as análises e gráficos, pode ser acessada em <http://www.dyncoopnet-pt.org/>

⁹⁸⁶ A página pode ser acessada em <http://histecon.fas.harvard.edu/visualizing/index.html> e possui

⁹⁸⁷ VISUALIZING HISTORICAL NETWORKS. *Method.* 2017. Disponível em: <<http://histecon.fas.harvard.edu/visualizing/index.html#4>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

duas pessoas ou eventos aparecem junto no mesmo papiro, alguma conexão existe entre elas (Ruffini, 2008, p.29). Em outra vertente, Carvalho e Ribeiro (2008) utilizaram inventários post mortem e registros paroquiais de batismo dos séculos XVII e XVIII para estudar o significado das relações de compadrio na vila de Óbidos em Portugal. Com base nas métricas computadas para o network, identificaram haver nesta região uma estrutura de “*small world*”, em que as pessoas estavam mais interligadas do que inicialmente se supunha. No Brasil, usando esse mesmo tipo de fonte, Mendes (2012) aplicou a metodologia da SNA para reconstituir as redes de compadrio e as alianças matrimoniais na região do vale do Piranga com o objetivo de entender o significado das escolhas pessoais de um padrinho ou esposo.⁹⁸⁸

Ainda que não faltem diversos exemplos da aplicação da análise de redes sociais na História, autores como Leiva e Amadori⁹⁸⁹ são críticos da aplicação deste tipo de metodologia, por considera-la ainda “em construção”⁹⁹⁰. A dupla de autores considera que a análise de redes ainda carece de embasamento teórico e identificam, na sua aplicação à História, os seguintes problemas:

- a) Confusa identificación con otros enfoques históricos (vg. la microhistoria)
- b) Insuficiente diferenciación de conceptos (familia, grupo y red)
- c) Problemas de aplicación práctica
 - I. Selección de los actores considerados
 - II. Consideración de la red parcial o total
 - III. Caracterización de los vínculos
- d) El análisis de redes: ¿herramienta o paradigma?⁹⁹¹

Se, por um lado, é verdade que a metodologia de análise de redes e seus gráficos ainda são uma novidade em pesquisas históricas, por outro, a única forma de desenvolver uma metodologia “em construção” é aplicando-a e identificando, em sua aplicação, quais são as suas vantagens, desvantagens, pontos positivos e defeitos. Assim, apesar destas críticas, acreditamos que a análise de redes sociais configura-se como uma abordagem interessante para ser aplicada na História, em particular na História das Ciências, uma vez que o enfoque nas relações, ao invés dos indivíduos, pode trazer novos e interessantes resultados quando aplicado ao estudo de variados contextos históricos. Para Mathias, a análise de redes sociais pode ser utilizada conjuntamente com abordagens históricas já consagradas, como a micro-história. Segundo o autor:

⁹⁸⁸ PANDOLFI, Fernanda Cláudia; BUENO, Newton Paulo. *Análise de redes sociais em História. op. cit.* p. 10.

⁹⁸⁹ LEIVA, Pilar Ponce; AMADORI, Arrigo. Redes sociales y ejercicio del poder en la América Hispana: consideraciones teóricas y propuestas de análisis. *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 34, 2008, p. 15-42. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/download/RCHA0808110015A/28432>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁹⁰ *Ibidem.* p. 23.

⁹⁹¹ *Ibidem.* p. 23.

Valioso instrumental metodológico-analítico, a análise de rede social se presta ao estudo tanto das sociedades como dos indivíduos em qualquer época. Na medida em que, a corrente da micro-história italiana está tão em voga nos dias atuais, acreditamos que seu emprego em conjugação com a análise de rede social poderá oferecer um importante contributo para a (re)interpretação quer da lógica de funcionamento das sociedades, quer das estratégias de ação a nível individual. Tal acréscimo é passível de ser obtido na medida em que a análise de rede social oferta uma oportunidade de compreensão da natureza das ligações sociais a nível macro e micro, concorrendo para esclarecer as estratégias e os comportamentos de indivíduos, de empresas, etc.⁹⁹²

De forma semelhante, Antunes⁹⁹³ observa a existência de um longo e diversificado caminho de desenvolvimento na análise de redes sociais e suas aplicações na História, concluindo seu artigo de forma positiva sobre as possibilidades de aplicação de uma abordagem de redes em estudos históricos. Para a autora:

Concluiu-se, portanto, que o debate sobre o conceito e o estudo de redes estende-se por mais de oitenta anos, tem capturado a imaginação de investigadores das ciências sociais de vários quadrantes e de diferentes escolas historiográficas. Embora se tenha começado com uma análise simples da relação entre indivíduos, comunidades e o seu funcionamento geográfico, este debate desenvolveu-se rapidamente no sentido de privilegiar as relações interpessoais, primeiro, e inter-redes, depois. As últimas duas décadas testemunharam uma activa participação de historiadores de vários quadrantes nesta discussão, partindo de uma análise de grupos e comunidades baseado em preocupações puramente de identidade e relação económica, passando pela relação entre redes e crescimento económico e terminando com a ligação entre o papel assumido por redes auto-organizadas e o nascimento do processo de globalização.⁹⁹⁴

Nesta pesquisa, serão aproveitadas as informações registradas por Bates em seu livro de viagem, onde informa quem foram os seus colaboradores no Brasil, e as relações que manteve com eles e entre eles, a partir das excursões que realizou pelo interior. Estes dados serão então inseridos na plataforma de visualização gráfica *Gephi* para que seja gerado um gráfico representativo da rede de colaboradores de Bates no Brasil. Em seguida, será feita uma leitura do gráfico, observando de que forma ele destaca aqueles colaboradores mais relevantes dentro do relato do naturalista, complementando a análise já feita no capítulo anterior. A opção pelo *Gephi*, em detrimento de outras alternativas similares, como o *Cytoscape* e o *SocNetV*, se deu pela familiaridade com o *software*, utilizado anteriormente durante o mestrado, assim como pela sua utilização em algumas das pesquisas acima mencionadas, que foram utilizadas como parâmetros para comparação sobre a forma de utilização do programa.

⁹⁹² MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. Análise de rede social. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, vol. 11, n° 1, jan./jun. 2014, p. 131-146. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n1p131>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

⁹⁹³ ANTUNES, Cátia. *A história da análise de redes e a análise de redes em história. op. cit.*

⁹⁹⁴ *Ibidem.* p. 22.

Convém destacar, primeiramente, duas características importantes da utilização da análise gráfica nesta pesquisa. Em primeiro lugar, uma vez que a fonte de informação sobre a qual o gráfico será construído é o relato do próprio naturalista, esta metodologia de análise, da mesma forma que a análise textual, contém impressa as marcas do olhar específico do naturalista e de sua publicação. Outro aspecto importante a se ter em mente é que o *software* a ser utilizado, o *Gephi*, não é um *software* de análise ou interpretação de dados. O programa apenas permite que o pesquisador crie uma visualização a partir das informações inseridas, devendo o próprio pesquisador ficar encarregado da posterior interpretação do gráfico gerado.

5.2. GEPHI – PLATAFORMA LIVRE DE VISUALIZAÇÃO GRÁFICA

*Gephi*⁹⁹⁵ é um *software* gratuito para computadores construído em código aberto⁹⁹⁶ na linguagem Java⁹⁹⁷ para a geração de gráficos e visualização de redes⁹⁹⁸. O programa foi desenvolvido por estudantes da *Université de Technologie de Compiègne*, na França, que desejavam possuir uma ferramenta que facilitasse a análise dos gráficos que utilizavam em suas pesquisas. A concepção do programa foi encabeçada por Mathieu Jacomy⁹⁹⁹, atualmente pesquisador associado ao *Department of Learning and Philosophy* da universidade dinamarquesa de Aalborg e ao centro de pesquisas francês *Sciences Po*¹⁰⁰⁰, onde atua como desenvolvedor de ferramentas digitais para cientistas sociais e pesquisadores. Explicando os motivos que o levaram à criação do programa, Jacomy resumiu:

At this time I was analyzing a lot of graphs and I wasn't satisfied by the existing free tools. That's why I started to build my own tools. [...] I'm not a software developer. The most that I can be is a software designer. I started this tool not for itself, but to do my job quicker, deeper, better.¹⁰⁰¹

A primeira versão do programa foi lançada em 31 de julho de 2008 e, durante os seus primeiros cinco anos, foi desenvolvida em parte com financiamento recebido a partir do programa de bolsas anuais *Google Summer of Code*. Desde então, o programa passou a receber contribuições de usuários reunidos em um fórum¹⁰⁰² e em uma página na plataforma de

⁹⁹⁵ A página oficial do programa, onde é possível fazer o seu download gratuito é <https://gephi.org/>

⁹⁹⁶ Ou seja, seu código fonte é disponibilizado por seus criadores para que o *software* possa ser adaptado e modificado pelos usuários de forma livre e gratuita.

⁹⁹⁷ Java é uma linguagem de programação para computadores criada em 1995.

⁹⁹⁸ JACOMY, Mathieu; BASTIAN, Mathieu; HEYMANN, Sébastien. *Gephi. op. cit.*

⁹⁹⁹ Mais informações sobre Jacomy, suas pesquisas e artigos publicados podem ser encontrados na sua página no *Research Gate*: https://www.researchgate.net/profile/Mathieu_Jacomy

¹⁰⁰⁰ Cf. <https://medialab.sciencespo.fr/people/mathieu-jacomy/>

¹⁰⁰¹ HEYMANN, Sébastien. Gephi initiator interview: how “semiotics matter”. *Gephi blog*. 1 fev. 2010. Disponível em: <<https://gephi.wordpress.com/2010/02/01/gephi-initiator-interview-how-semiotics-matter/>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

¹⁰⁰² Cf. <http://forum-gephi.org/>

hospedagem de códigos-fonte de *software* GitHub¹⁰⁰³, onde também podem ser encontrados vários arquivos que criam visualizações de redes diversas e podem ser utilizadas como exemplos para usuários iniciantes¹⁰⁰⁴. A contribuição dos usuários auxiliou na formulação de novas funcionalidades, reformulação de seu código fonte, testes contínuos e reparação de *bugs*. O programa continua a ser atualizado periodicamente, já estando em sua versão 0.9.2, lançada em 24 de setembro de 2017. Por ser um programa pioneiro na formulação de gráficos de redes, serviu de inspiração para aplicações similares, como a funcionalidade InMaps mantida pela rede social *LinkedIn* entre 2011 e 2014¹⁰⁰⁵.

Por ser desenvolvido com a participação de sugestões dos próprios usuários e ter seu código-fonte livre para a programação por qualquer indivíduo que domine a linguagem Java, o Gephi apresenta uma interface de utilização mais palatável a novos usuários do que outros programas semelhantes, além de possuir uma grande quantidade de manuais de utilização disponibilizados na internet¹⁰⁰⁶. Ainda assim, o seu uso demanda o domínio de algumas de suas funcionalidades básicas, bem como de noções de análise de redes sociais, além de grande quantidade de horas para a inserção e criação das visualizações dos dados pelo programa. No entanto, essas características não foram percalços para que fosse aplicado em algumas das pesquisas mencionadas anteriormente e seja, assim, uma ferramenta promissora para historiadores que desejem criar novas formas de representação dos dados obtidos em suas pesquisas sobre redes de indivíduos ou instituições.

5.3. UTILIZANDO O GEPHI PARA VISUALIZAR UMA REDE

Após fazer o *download* e instalar o programa no computador, o usuário que abrir o Gephi pela primeira vez se deparará com três janelas principais dentro do programa. De forma resumida, a janela “Visão geral” engloba o conjunto de ferramentas para a criação do gráfico da rede, enquanto a janela “Laboratório de dados” contém os espaços para a inserção das informações sobre a rede (indivíduos e suas relações), e “Visualização” proporciona uma visualização prévia da forma final do gráfico.

¹⁰⁰³ Cf. <https://github.com/gephi/gephi>

¹⁰⁰⁴ Os arquivos podem ser encontrados em <https://github.com/gephi/gephi/wiki/Datasets>

¹⁰⁰⁵ IMAM, Ali. Visualize your LinkedIn network with InMaps. *LinkedIn Official Blog*. 24 jan. 2011. Disponível em: <<https://blog.linkedin.com/2011/01/24/linkedin-in-maps>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

¹⁰⁰⁶ Para aqueles que desejam experimentar o Gephi em suas pesquisas, alguns bons manuais para iniciantes podem ser encontrados na página oficial do programa em <https://gephi.org/users/quick-start/>; <https://gephi.org/users/tutorial-layouts/>; na página do programa no GitHub em <https://seinecle.github.io/gephi-tutorials/generated-html/simple-project-from-a-to-z-en.html>; ou no manual criado pelo Dr. Derek Greene da *Univeristy College Dublin* em http://derekgreene.com/slides/derekgreene_gephi_slides.pdf

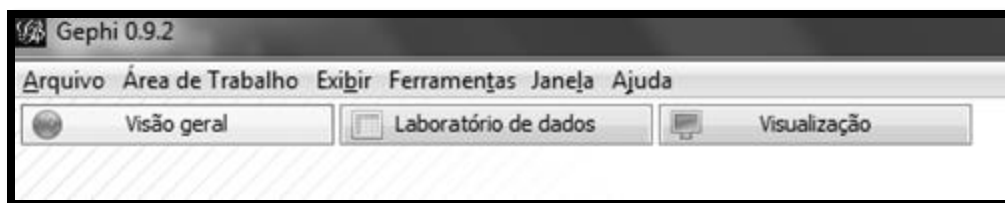


Figura 34: Janela principal do Gephi.

O primeiro passo para criar uma visualização de rede social com o programa é, portanto, abrir a janela “Laboratório de dados”, onde estão disponíveis as seções para adicionar nós (os indivíduos, grupos de indivíduos ou instituições que compõem a rede) e arestas (as relações entre os nós). Além de inserir os dados diretamente no programa, também é possível importá-los de outros *softwares*, como tabelas geradas no Microsoft Excel, ou de páginas como o Facebook ou Twitter, que disponibilizam as informações sobre relacionamentos de indivíduos específicos nestas redes sociais. Ao adicionar um indivíduo na rede, o pesquisador deve inserir um rótulo para identificá-lo, podendo ainda adicionar outras informações que considere relevantes e que podem ser de cunho qualitativo ou quantitativo. Estas informações podem ser utilizadas para adicionar características aos nós no gráfico que será gerado, como cores ou tamanhos diferentes, ou podem servir apenas para a organização das informações para o pesquisador, sem que influenciem no gráfico final.

No caso da rede do *Diseasome*, cujo arquivo original pode ser encontrado *online*¹⁰⁰⁷, os autores do estudo adicionaram duas colunas para dar características extras a cada nó. Assim, além de seu rótulo (nome da doença), cada nó na rede possui ainda a identificação de se tratar de uma doença (*disease*) ou gene (*gene*), além de uma coluna específica para, no caso das doenças, determinar sua tipologia (*câncer, ophtalmological, neurological, muscular, etc.*).

¹⁰⁰⁷ O arquivo está disponível em <http://gephi.org/datasets/diseasome.gexf.zip> e pode ser aberto com o Gephi sendo, assim, um exemplo de análise gráfica de redes que pode ser observado por todos.

+ Adicionar aresta		Filtro:
Label	type	disclass
Deafness	disease	Ear,Nose,Throat
Leukemia	disease	Cancer
Colon cancer	disease	Cancer
Retinitis pigmentosa	disease	Ophthalmological
Diabetes mellitus	disease	Endocrine
Cardiomyopathy	disease	Cardiovascular
Mental retardation	disease	Neurological
Blood group	disease	Hematological
Obesity	disease	Nutritional
Breast cancer	disease	Cancer

Figura 35: As diferentes colunas representam categorias de informação que o pesquisador pode inserir para diferenciar os indivíduos na rede que está montando.

No caso da rede de Bates, a estratégia utilizada foi rotular cada nó com o nome da pessoa que é mencionada por Bates em seu livro de viagem, e adicionar uma coluna extra para definir se o indivíduo em questão se enquadrava, segundo a descrição do próprio naturalista, em uma das seguintes categorias: brasileiro ou luso brasileiro, estrangeiro, indígena, escravo ou liberto. Além de enfatizar que estas categorias seguem as descrições de Bates em seu relato fazendo, portanto, parte de seu olhar sobre a população local, também é preciso dizer que elas foram utilizadas aqui apenas para facilitar o trabalho com a grande quantidade de informações apresentadas pelo naturalista em seu livro de viagem. Embora estas características não definam, necessariamente, o tipo de auxílio prestado ao viajante, como observado no capítulo anterior, fazem parte do conjunto de adjetivos utilizados por Bates para descrever os seus colaboradores. Assim, partindo das informações do próprio naturalista, será possível identificar, de acordo com a sua interpretação, a quais grupos sociais pertencia o conjunto dos seus colaboradores no Brasil. Ao inserir estas categorias no programa, é possível selecionar uma coloração diferente para cada grupo, o que possibilita uma rápida identificação visual sobre a proporção de escravos, de indígenas, de estrangeiros, etc., que fizeram parte de sua rede.

As informações específicas sobre cada nó, incluindo o tamanho do círculo que o representa e sua posição no gráfico, além da cor a ele atribuída, assim como o tamanho e cor da legenda que indicará seu rótulo, podem ser acessadas e modificadas no campo “Editar nó”, na janela “Laboratório de dados”.

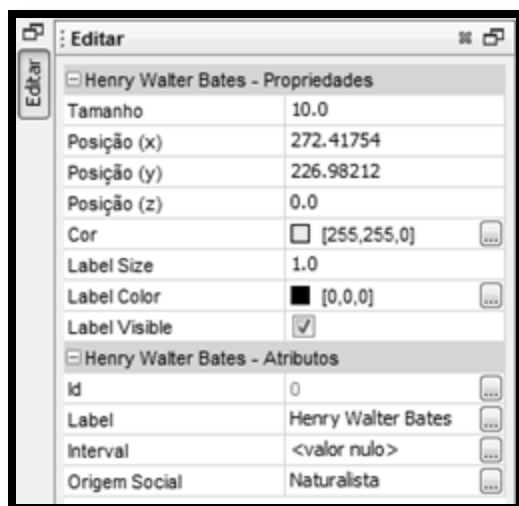


Figura 36: O Gephi permite ao pesquisador ajustar diversos aspectos de sua visualização.

No caso da rede de Bates, os nós na rede foram categorizados com nove cores diferentes, indicando:

- a) Em amarelo, os naturalistas, isto é, o próprio Henry Walter Bates, seu companheiro de viagem Alfred Russel Wallace e também o britânico John Hauxwell, que encontrou no Brasil;
- b) Em verde escuro, aqueles indivíduos que não estiveram presentes durante a viagem, mas que contribuíram com a mesma e os seus resultados após o retorno de Bates para a Inglaterra, como os ilustradores responsáveis pelas gravuras que decoram o relato e aqueles naturalistas mencionados por terem estudados os espécimes que enviou para Londres;
- c) Em verde claro, o único indivíduo mencionado no relato de Bates com quem o mesmo teve contato antes mesmo da viagem. Embora, como vimos no capítulo 2, o naturalista tenha buscado recomendações com diversos naturalistas antes de partir para o Brasil, nenhum deles é mencionado ao longo do livro de viagem publicado por Bates, com exceção de Samuel Stevens;
- d) Em roxo, aqueles indivíduos, geralmente naturalistas ou outros viajantes, com quem Bates não teve contato diretamente, mas cujas obras foram lidas e citadas pelo naturalista em seu relato;
- e) Em rosa, os indígenas brasileiros;
- f) Em vermelho, os estrangeiros que moravam no Brasil com quem Bates teve contato;
- g) Em azul claro, os escravos ou escravos libertos com quem Bates se relacionou;
- h) Em laranja, os brasileiros ou luso-brasileiros com quem Bates interagiu;
- i) Em preto, aqueles indivíduos que, somente com o que nos é informado por Bates em seu relato, não é possível inserir em nenhuma das categorias anteriores, como o

padre de São Paulo de Olivença ou o “*collector of birds and mammals*” que o ajudou na coleta de espécimes.

Uma vez terminada esta etapa, e incluídos no programa os nomes e as cores correspondentes a todos os 221 indivíduos identificados a partir do livro de Bates, é possível observar uma visualização prévia da rede, ainda sem as relações entre os nós. O gráfico gerado, e que pode ser observado na janela “Visualização”, é uma figura com diversos círculos, cada um representando um dos indivíduos mencionados por Bates em seu livro de viagem, com suas cores correspondentes às categorias que definimos acima e seus rótulos de identificação (seus nomes) figurando como legendas sobre cada círculo. Neste primeiro estágio da criação do gráfico da rede, é importante enfatizar que o resultado alcançado ainda não permite ao pesquisador uma leitura dos dados. Neste primeiro momento, o programa apenas insere aleatoriamente os nós indicados, o que causa a superposição de seus nomes e a ilegibilidade do gráfico. Por isso, é preciso tomar medidas adicionais para tornar o gráfico ordenado e legível, de forma que possa ser uma ferramenta útil para a pesquisa.

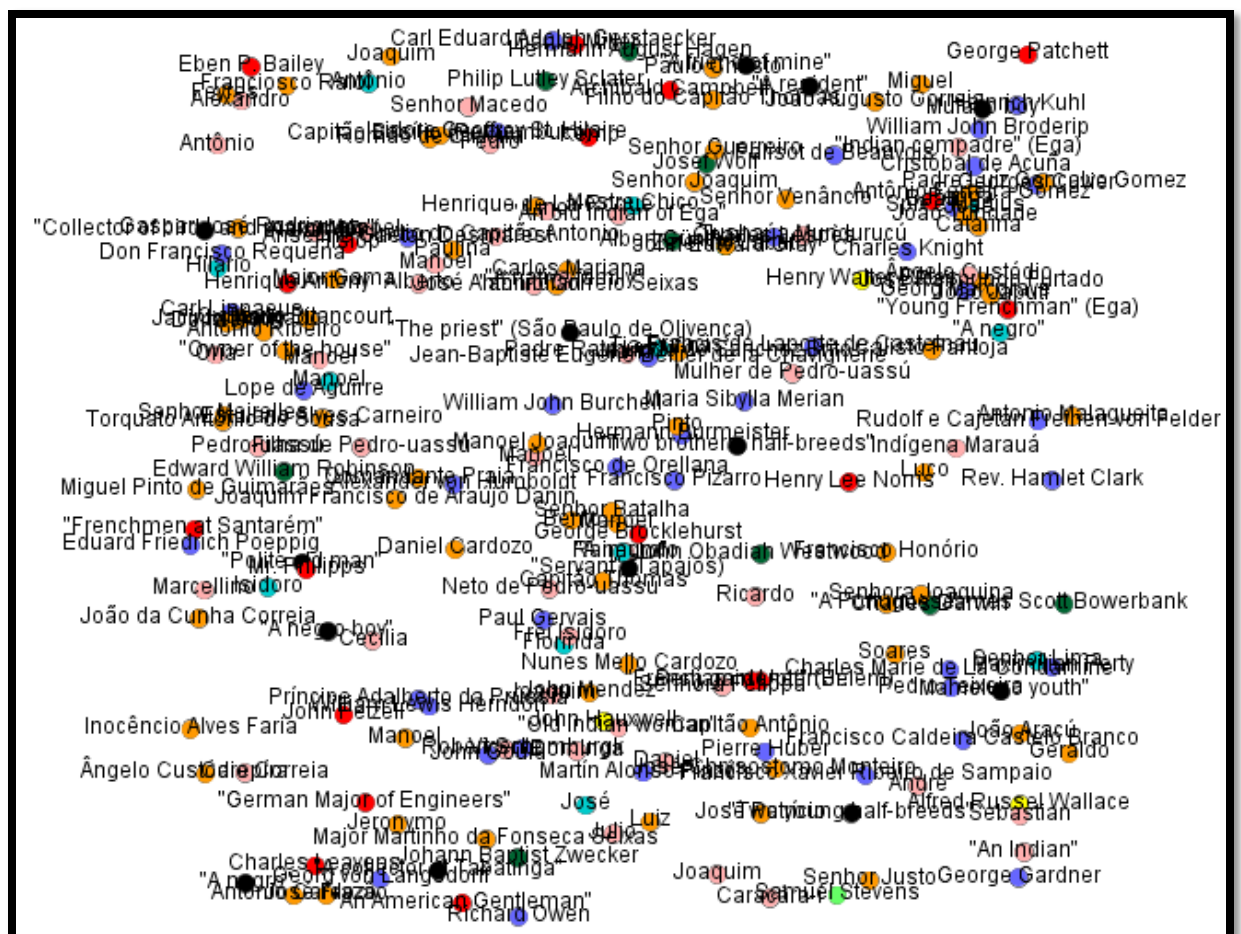


Figura 37: Cada círculo representa um indivíduo na rede de Bates.

O passo seguinte é, então, inserir as relações entre cada um dos indivíduos adicionados à rede. Para isso, seguimos atentamente o relato de Bates, observando quem eram os personagens que o acompanharam em suas expedições, que fizeram o papel de intermediários apresentando-o à outros habitantes locais, enfim, que afirmou estarem juntos em algum dos momentos narrados pelo naturalista. O processo é feito novamente na janela “Laboratório de dados” e, para cada conexão entre dois nós, é preciso selecioná-los e definir se a aresta que os ligará será do tipo dirigida ou não dirigida. Uma aresta dirigida, em termos práticos, representará no gráfico uma seta direcionada do nó de origem até o nó de destino. Por outro lado, uma aresta não dirigida será representada apenas como uma linha reta conectando ambos os nós. Em termos de análise de redes sociais, o primeiro tipo de aresta indica que há uma relação unidirecional entre os indivíduos, enquanto o segundo tipo de aresta indica uma relação mútua entre ambos. Assim, no caso da criação de uma representação gráfica da rede de colaboradores de Bates durante sua viagem ao Brasil, identificamos com arestas não dirigidas todos aqueles indivíduos com quem o naturalista se relacionou diretamente e pessoalmente. As arestas dirigidas, neste caso, ficaram reservadas para demarcar as relações de Bates com aqueles naturalistas e viajantes cujas obras foram lidas e citadas ao longo de seu relato, ou seja, aqueles cujas obras foram lidas pelo naturalista, mas que não necessariamente tiveram contato direto com o mesmo.

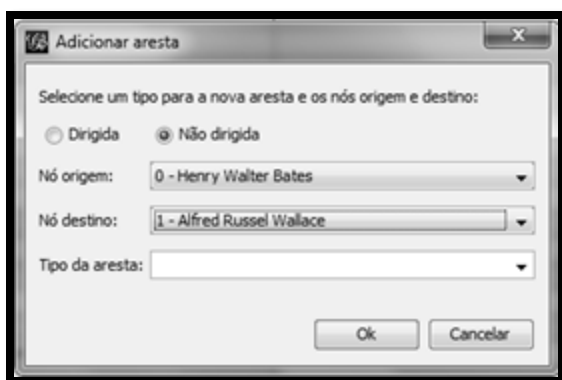


Figura 38: Janela onde é possível inserir as relações entre os indivíduos na rede.

Uma vez adicionadas as arestas, isto é, as relações entre todos os indivíduos que fazem parte da rede de Bates no Brasil, o gráfico ganha linhas que conectam cada um dos pontos criados anteriormente. A coloração das linhas permite observar quais arestas são dirigidas e quais não são dirigidas. No caso das não dirigidas, o programa cria uma linha com uma coloração que mescla as cores dos dois nós conectados. Já no caso das relações dirigidas, o programa favorece o nó de destino, mantendo a aresta da mesma cor.

O resultado, mais uma vez, pode ser observado na janela “Visualização”, onde também podemos configurar o tamanho das legendas ou mesmo suprimi-las para criar um gráfico mais

limpo. Neste estágio, o gráfico gerado, que pode ser observado na figura 39, apresenta uma informação que rapidamente salta aos olhos do observador, isto é, a grande quantidade de arestas conectadas a um único ponto específico. Retomando as legendas e aproximando o foco do nó em questão, podemos observar que se trata do próprio Bates. Esta característica é comum em redes ego, onde toda a configuração da rede é montada a partir da perspectiva de um indivíduo em particular. No caso, como a fonte de informações sobre a qual a rede está sendo construída é o relato do próprio naturalista, escrito sob a forma de narrativa em primeira pessoa, a sua centralidade na rede já era esperada.

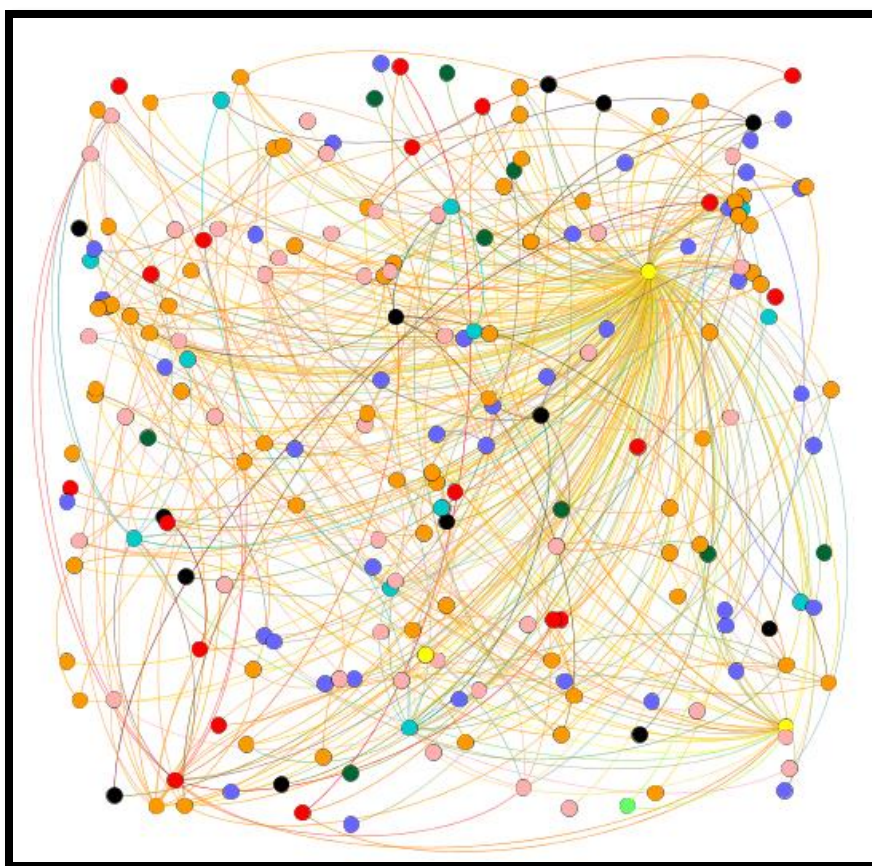


Figura 39: A rede de colaboradores de Bates, agora com todos os indivíduos e suas relações. Rótulos ocultos.

Uma vez que todos os nós e suas relações foram inseridos na rede, a etapa seguinte é a da organização da visualização gráfica. Em um primeiro momento, o programa insere todos os elementos informados de forma aleatória. Porém, o Gephi oferece ao usuário diversas alternativas de visualização que movimentam os nós e suas conexões com base em algoritmos matemáticos específicos, que podem ser acessados na janela “Visão geral”. Uma das fórmulas mais populares utilizadas no Gephi é o *Force Atlas 2*, criada por Mathieu Jacomy, que funciona

como algoritmo do tipo *force directed*. Segundo Hua, Huang e Wang, algoritmos *force directed* atuam simulando a ação de forças físicas no ambiente gráfico da seguinte forma:

Traditional force-directed algorithms have been widely adopted for data analytics purposes in the graph drawing field, they treat graphs as physical systems, relevant forces such as spring force, gravity force etc. are applied onto each element (vertex/edge) to keep them in reasonable distances, and the process stops when zero/minimized energy is reached, or a stop condition is determined.¹⁰⁰⁸

No caso específico do *Force Atlas 2*, seu funcionamento é baseado em fórmulas de atração e repulsão, entendendo cada nó como se fosse um ímã com suas propriedades magnéticas. No caso de existir uma aresta (conexão) entre os nós, o algoritmo entende que estes ímãs estão posicionados com seus polos opostos próximos e, portanto, há atração entre eles. Por outro lado, quando não existe uma conexão entre os nós, o algoritmo entende que há uma aproximação de seus polos equivalentes e, portanto, há repulsão entre os mesmos. A atuação destas forças, traduzida por fórmulas matemáticas¹⁰⁰⁹, dita a movimentação dos nós no gráfico. Assim, informações sobre o relacionamento entre os indivíduos de uma rede são suficientes para que o gráfico movimente os nós identificando comunidades de indivíduos mais fortemente associados entre si, e deslocando para outras áreas do gráfico aqueles com quem mantêm menos relacionamentos¹⁰¹⁰. Para isso, é preciso executar o algoritmo e selecionar os seus parâmetros.



Figura 40: O algoritmo *ForceAtlas 2* oferece diversas opções de visualização.

¹⁰⁰⁸ HUA, Jie; HUANG, Mao Lin; WANG, Guohua. Graph layout performance comparisons of force-directed algorithms. *International Journal of Performability Engineering*. Vol. 14, n° 1, jan. 2018, p. 67-76. Disponível em: <<https://opus.lib.uts.edu.au/bitstream/10453/124560/1/IJPE-2018-01-08.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

¹⁰⁰⁹ As fórmulas foram explicadas em detalhes por seus autores em JACOMY, M. *et al.* ForceAtlas2, a continuous graph layout algorithm for handy network visualization designed for the Gephi software. *PLoS ONE*, vol. 9, n° 6, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0098679>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

¹⁰¹⁰ Para uma explicação mais aprofundada sobre como algoritmos *force directed* revelam a existência de comunidades em gráficos de rede, ver NOACK, Andreas. Modularity clustering is force-directed layout. *Physical Review*, vol. 79, n° 2, 2009. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/0807.4052.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

Para analisar a rede de Bates, executamos o algoritmo *Force Atlas 2* com seus valores padrões e podemos observar as mudanças ocasionadas na representação gráfica na figura 41. Porém, para melhorar a leitura do gráfico e evitar a aglomeração muito aproximada dos pontos, selecionamos na caixa acima as opções “Dissuadir hubs”, que afasta as comunidades encontradas (hubs) das figuras centrais do gráfico (aquelas mais conectadas), evitando a aglomeração muito próxima dos pontos, “Modo LinLog”, que afeta a escala do gráfico alterando o cálculo da força de atração¹⁰¹¹ para que os nós sejam colocados mais espaçados uns dos outros, e “Evitar sobreposição”, para que os nós não sejam sobrepostos no desenho final do gráfico. Abaixo, é possível ver uma comparação sobre como estes parâmetros modificam a disposição final do gráfico.

¹⁰¹¹ O efeito destes parâmetros sobre a fórmula *Force Atlas 2*, incluindo as fórmulas matemáticas utilizadas, podem ser encontradas em JACOMY, M. *et al.* ForceAtlas2, a continuous graph layout algorithm for handy network visualization designed for the Gephi software. *op. cit.*

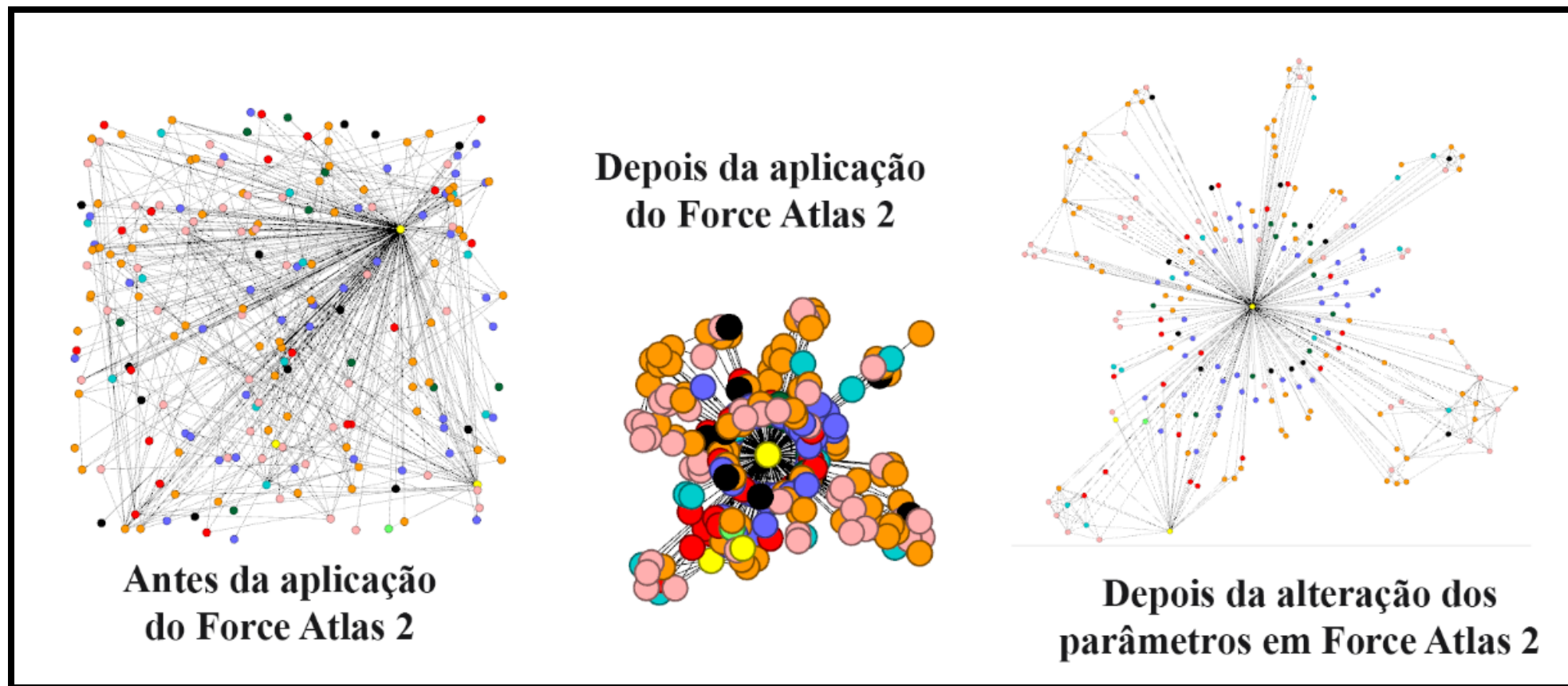


Figura 41: Ao definir parâmetros no programa, o pesquisador cria a visualização que melhor se adequa a leitura que deseja propor.

O Gephi permite, ainda, algumas ferramentas adicionais para o exame quantitativo e estatístico de redes. Além de informar quantos nós e arestas foram adicionados pelo pesquisador, o programa oferece uma lista de cálculos que podem ser executados para gerar mais informações sobre a rede examinada com o programa. Nesta pesquisa, utilizaremos o cálculo de grau médio, no qual o programa calcula o número de conexões que cada um dos nós possui. Com este cálculo, o programa pode, então, representar graficamente este número, fazendo com que o tamanho do círculo que representa cada indivíduo seja proporcional ao número de conexões que este possui dentro da rede. Basta determinar um tamanho máximo e um tamanho mínimo para as esferas que o programa se encarrega de representar proporcionalmente cada uma delas com base na quantidade de outras esferas à qual estão interligadas.



Figura 42: Configurações adicionais permitidas pelo Gephi.

A todo momento durante a preparação do gráfico, o pesquisador pode acompanhar uma prévia do resultado final na janela de “Visualização”. Este tipo de processamento de imagem concomitantemente com a manipulação e inserção dos dados pelo pesquisador é um dos diferenciais do Gephi em relação a outros programas semelhantes, e um dos motivos que levou seus criadores a idealizarem um *software* próprio¹⁰¹². Uma das vantagens dessa visualização em tempo real é a possibilidade de identificar problemas na leitura do gráfico. Um problema bastante comum, principalmente em uma rede com grande número de nós, é a sobreposição dos rótulos que identificam os nós, tornando a leitura do gráfico difícil ou mesmo impossível. Para resolver esta questão, o Gephi introduziu a ferramenta “Ajustar rótulos”, que reorganiza o gráfico sem desvirtuar a fórmula algorítmica escolhida pelo pesquisador, porém garantindo a

¹⁰¹² HEYMANN, Sébastien. *Gephi initiator interview: how “semiotics matter”*. op. cit.

legibilidade de todos os rótulos. Assim, nas figuras 43 e 44 podemos observar a configuração do gráfico antes da aplicação do ajuste de rótulos e depois da aplicação do ajuste.

Talvez seja necessário fazer um aviso aos leitores da versão impressa desta tese, pois acredito que o tamanho das páginas A4 não acomodará o tamanho de algumas das imagens a seguir. Enquanto na versão digital é possível aproximar com *zoom* sem perder a resolução, a versão impressa impõe limitações físicas difíceis de contornar. Por ora, vale atentar apenas para as formas como as diferentes configurações permitidas pelo *Gephi* alteram a disposição do gráfico. O gráfico completo da rede, e que será utilizado na análise, é o da figura 45.

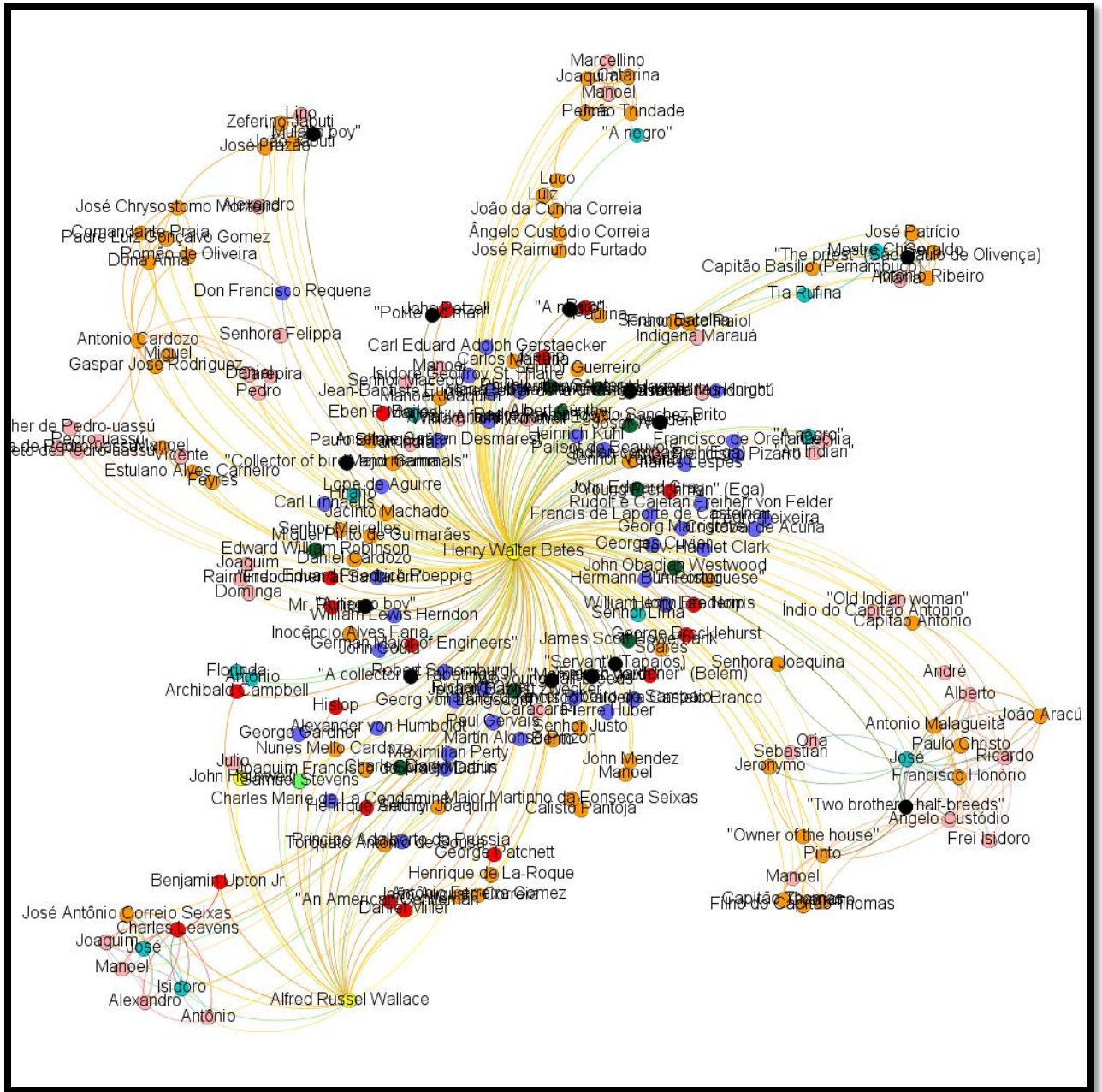


Figura 43: Visualização da rede antes da aplicação do ajuste de rótulos, nomes ainda ilegíveis.

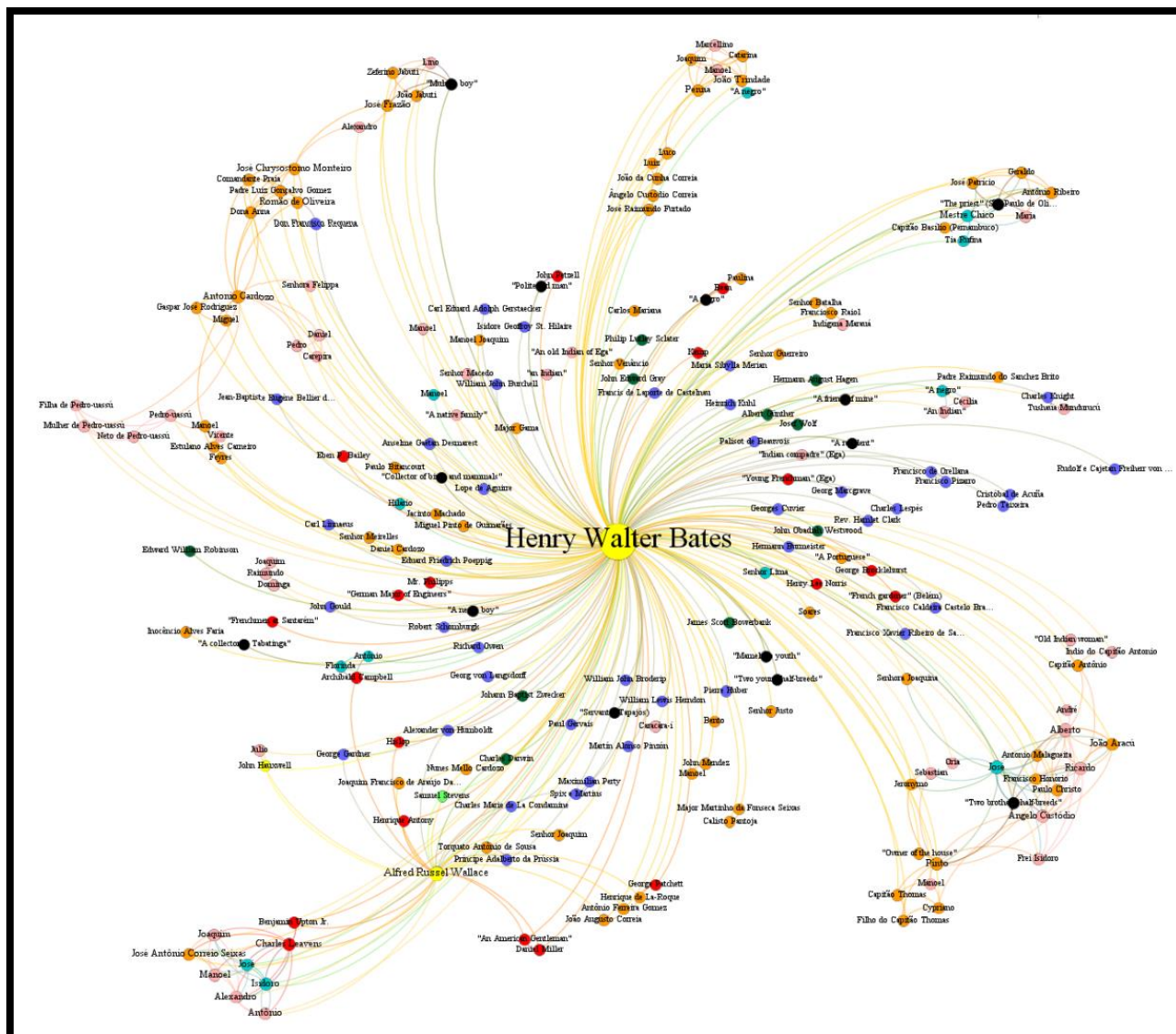


Figura 44: Visualização da rede após a aplicação do ajuste de rótulos, nomes distanciados e legíveis.

Após a criação e ordenação do gráfico representativo da rede, a última etapa na utilização do programa é feita na janela “Visualização”, onde o pesquisador pode definir alguns outros aspectos que definirão a aparência final do mapa de rede criado. Dentre as opções, é possível incluir uma legenda sobre cada um dos nós, escolher a fonte, cor e tamanho da letra, ajustar a espessura, cor e traçado das arestas, alterar a cor de fundo, entre outras. Estes parâmetros podem ser definidos pelo pesquisador a seu critério e alteram apenas a facilidade de leitura e aparência estética do gráfico criado. Assim, definidas as opções de forma a tentar minimizar as dificuldades de leitura do gráfico, foi possível obter o resultado seguinte, que o Gephi permite exportar em diferentes extensões, como arquivo de imagem em formato .png ou .pdf.

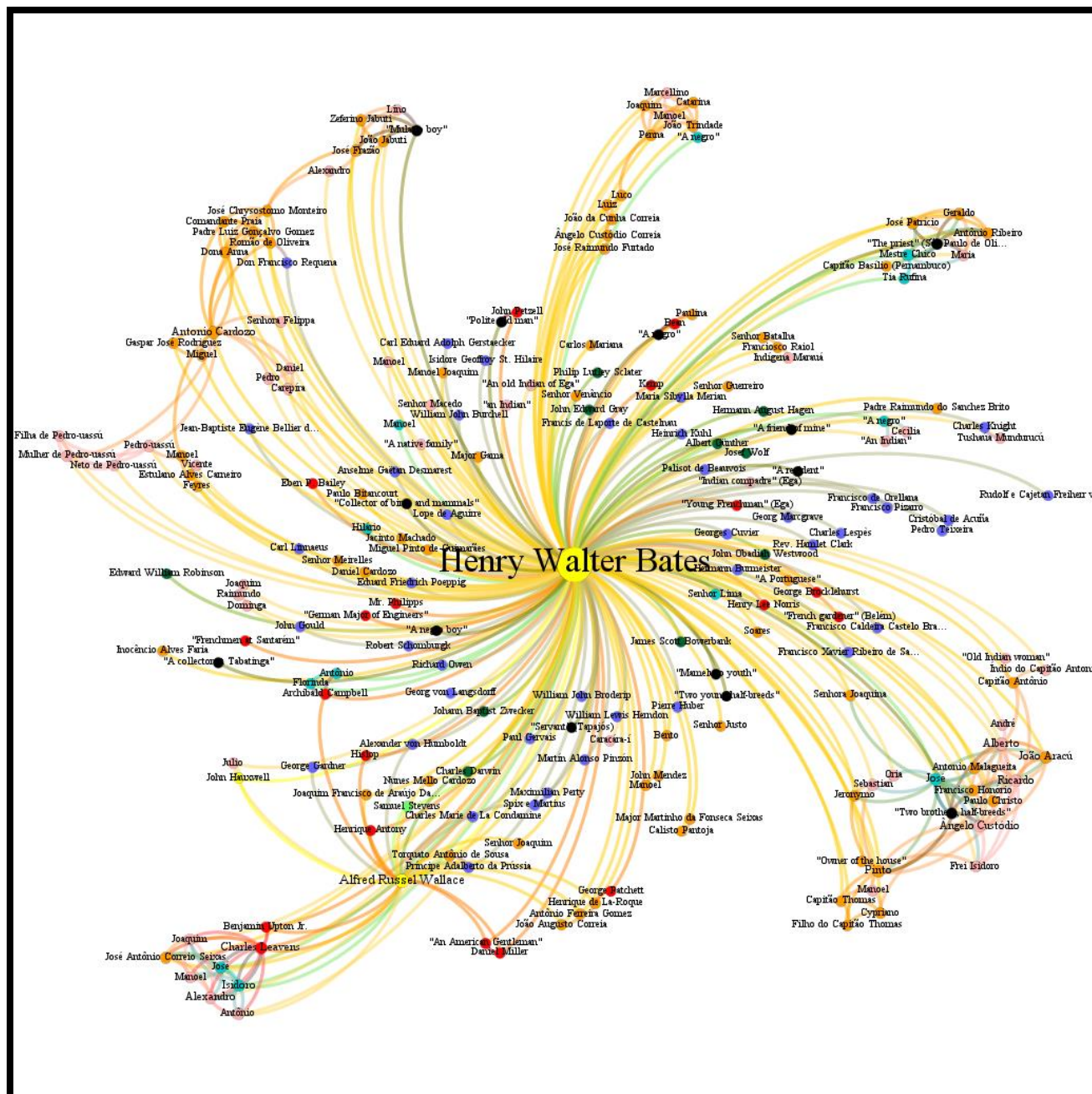


Figura 45: Visualização da rede de colaboradores de Bates no Brasil após todos os parâmetros ajustados. Visualização com fundo branco e nomes aparentes.

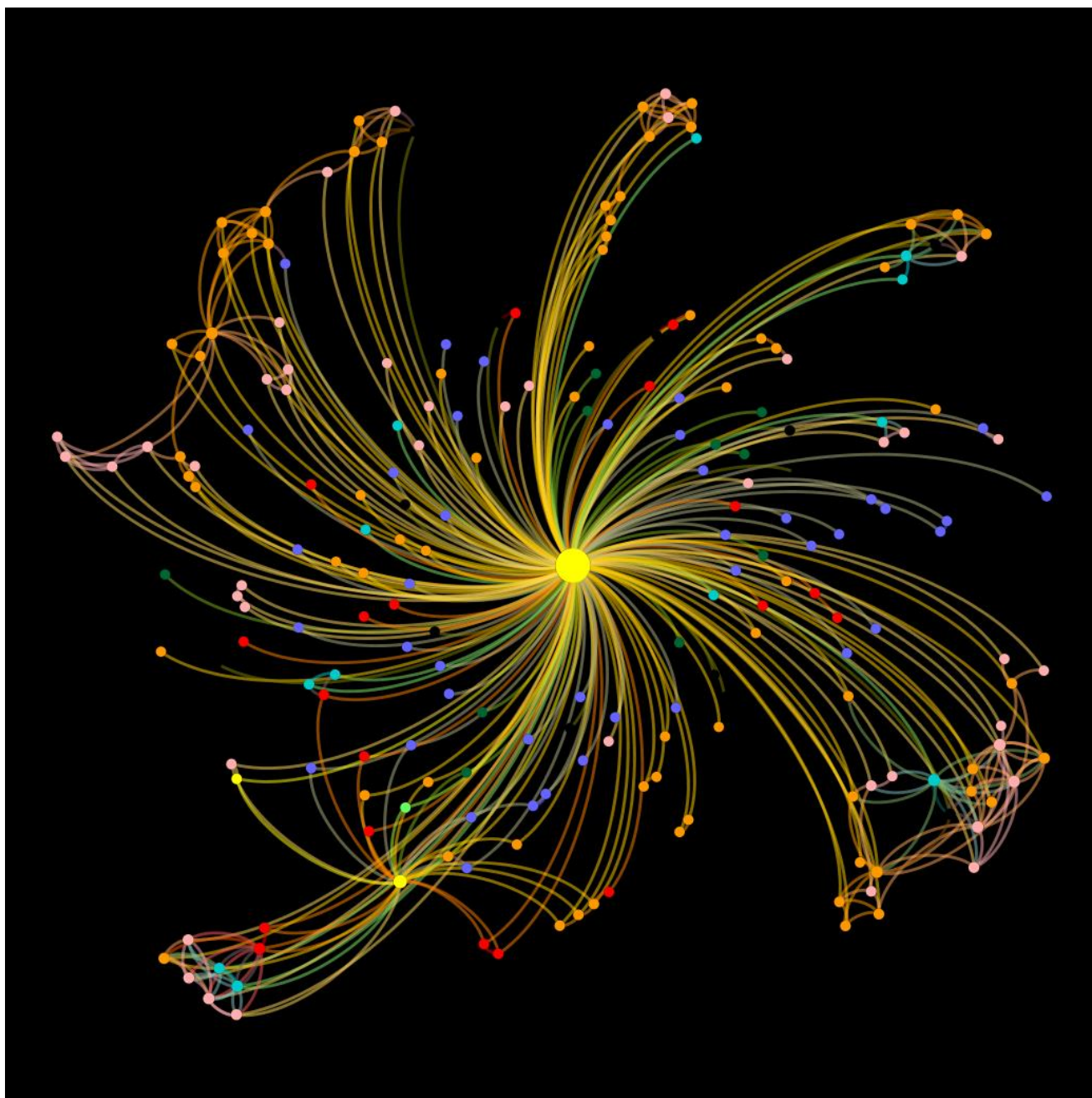


Figura 46: *Visualização da rede de colaboradores de Bates no Brasil após todos os parâmetros ajustados. Visualização com fundo preto e nomes ocultos.*

5.4. INTERPRETAÇÃO DO GRÁFICO DA REDE DE BATES GERADO NO GEPHI

O gráfico da rede de colaboradores envolvidos com a expedição de Bates ao Brasil nos revela uma imagem que nos remete às fotografias espaciais registradas por grandes satélites como o *Hubble Space Telescope*. A configuração dos nós e arestas no gráfico se assemelha ao desenho de uma galáxia onde, ao centro, sua estrela mais brilhante é Henry Walter Bates. O motivo da centralidade de Bates, observada tanto no posicionamento geográfico do círculo que o representa, bem como pela própria circunferência do círculo em relação aos demais, reflete a origem das informações que levaram à configuração do gráfico. Em redes do tipo ego, como redes de citações realizadas por um determinado autor ou, neste caso, construídas a partir de uma narrativa em primeira pessoa, é natural que o autor figure em um papel central em relação aos demais. Todas as informações sobre as conexões e relações entre os indivíduos que compõem a rede partem do relato de uma única pessoa que, sendo a protagonista de sua história, revela o mundo através do seu olhar. A análise de redes, por extrair suas informações da narrativa, não é capaz de eliminar o viés a ela inerente e que está intrinsecamente atrelado ao texto. No entanto, ela o evidencia pela desproporcionalidade representada no gráfico, que faz saltar aos olhos o autor do relato em relação aos demais.

Figurando ao centro do gráfico, Bates tem orbitando ao seu redor os diversos indivíduos mencionados em seu livro de viagem, dispostos de forma dispersa. É possível perceber que, enquanto alguns estão posicionados mais próximos de Bates, outros figuram em áreas mais distantes. Ao olhar atentamente, é possível perceber que quanto mais distantes do centro da figura, mais agrupados estão os indivíduos. Existem relações entre eles, interligações que os aproximam entre si, e não apenas de Bates. Se, na analogia astronômica podemos observá-las como constelações em uma galáxia, na linguagem da análise de redes estas aglomerações de indivíduos representam comunidades. Isto quer dizer que estes indivíduos possuem semelhanças ou algo em comum que os reúne. No caso, a reunião destes nós foi realizada pelo programa com base nas informações que inserimos sobre os relacionamentos destes indivíduos no contexto da expedição, segundo a narrativa de Bates. Ao identificar que existiam relações entre estes membros da rede e que, portanto, eles não se relacionavam exclusivamente com Bates, o Gephi os reuniu em comunidades. A falta de ligações entre membros de uma comunidade com membros de outra comunidade faz com que estas fiquem dispersas pelo gráfico, enquanto a existência de membros que pertençam a duas ou mais comunidades acabará por posicioná-las mais próximas. Já o posicionamento destas comunidades em uma área do gráfico mais afastada do centro é justificado pela existência de relações entre os seus próprios membros. Assim, o programa compreende que aqueles nós que se relacionam apenas com Bates

estão mais fortemente ligados ao naturalista, pois dependem dele para estarem incluídos na rede, do que aqueles indivíduos que formam pequenas comunidades. Nestas comunidades, a existência de relações entre seus membros é compreendida pelo programa como uma maior autonomia das mesmas em relação à figura central.

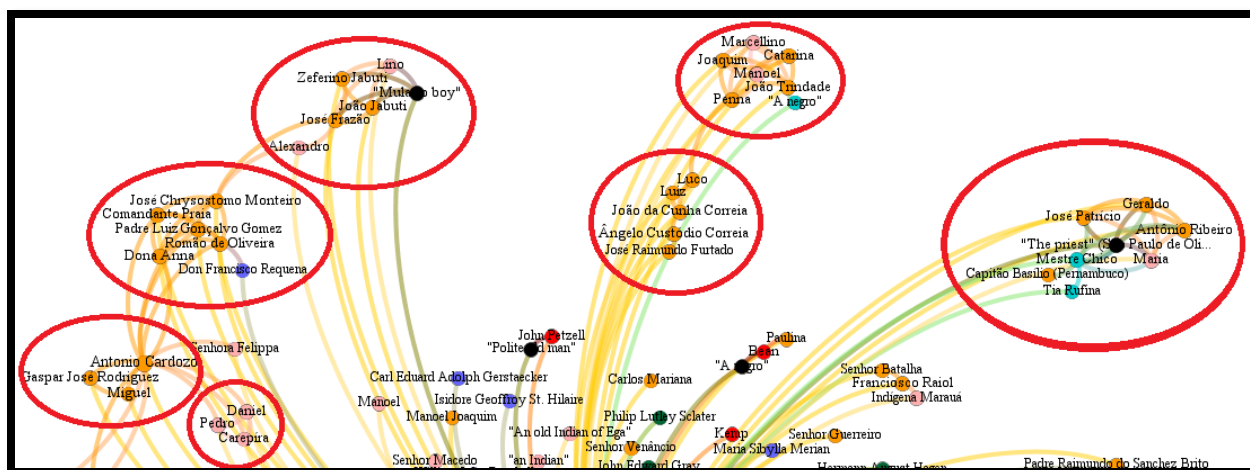


Figura 47: Identificação de algumas das comunidades aparentes no gráfico da rede. A imagem é um recorte de uma área do gráfico completo da rede, na figura 45.

Pelas informações que inserimos no gráfico, sabemos que boa parte dos indivíduos que se relacionam unicamente com Bates em sua rede são aqueles que foram citados pelo naturalista por conta de suas obras. Ou seja, o conjunto daqueles autores com quem não interagiu pessoalmente e que não estiveram presentes durante a expedição, mas que citou em seu livro de viagem, principalmente por suas passagens anteriores pelo Brasil ou por seus estudos em História Natural. Uma outra ferramenta do Gephi são os filtros, que permitem ao pesquisador distinguir apenas uma parte específica da rede e criar uma visualização limitada aos critérios que deseje definir. Assim, é possível separar estes indivíduos daqueles com quem Bates interagiu ao longo de sua viagem pelo país, tanto para fazer uma análise distinta da rede de citações de Bates, quanto para facilitar a leitura das relações entre aqueles indivíduos com quem Bates de fato interagiu durante a viagem. Separando apenas a rede de citações realizadas pelo naturalista em seu livro, o total de nós fica em 41¹⁰¹³. Além de aplicar novamente o algoritmo *Force Atlas 2*, pois a rede agora possui uma quantidade menor de nós cujas posições precisam ser calculadas, também é possível adicionar à visualização uma nova informação.

Como visto anteriormente, o pesquisador pode adicionar informações adicionais aos nós para classificá-los ou categorizá-los de acordo com os critérios que desejar. O mesmo pode ser

¹⁰¹³ Para uma lista dos naturalistas e viajantes citados por Bates em seu livro de viagem, ver a lista completa de todos os colaboradores mencionados por Bates em sua narrativa, no Anexo I.

feito com as arestas, que permitem classificar diferentes tipos de relações, caso desejado, ou organizá-las hierarquicamente a partir da atribuição de pesos diferentes. No caso da rede de uma rede de citações, um critério comum a ser utilizado para diferenciar entre as relações é o número de vezes que cada indivíduo é citado ao longo de uma obra. Assim, adicionamos no Gephi a quantidade de vezes em que Bates cita em *The Naturalist on the River Amazons* cada um dos 41 viajantes referidos. Em termos gráficos, o programa indicará esta diferença manipulando a espessura da linha que conecta os nós para que, proporcionalmente, ela identifique aqueles nós ao qual atribuímos, com base na quantidade de citações, maior peso, como pode ser observado na figura 48.

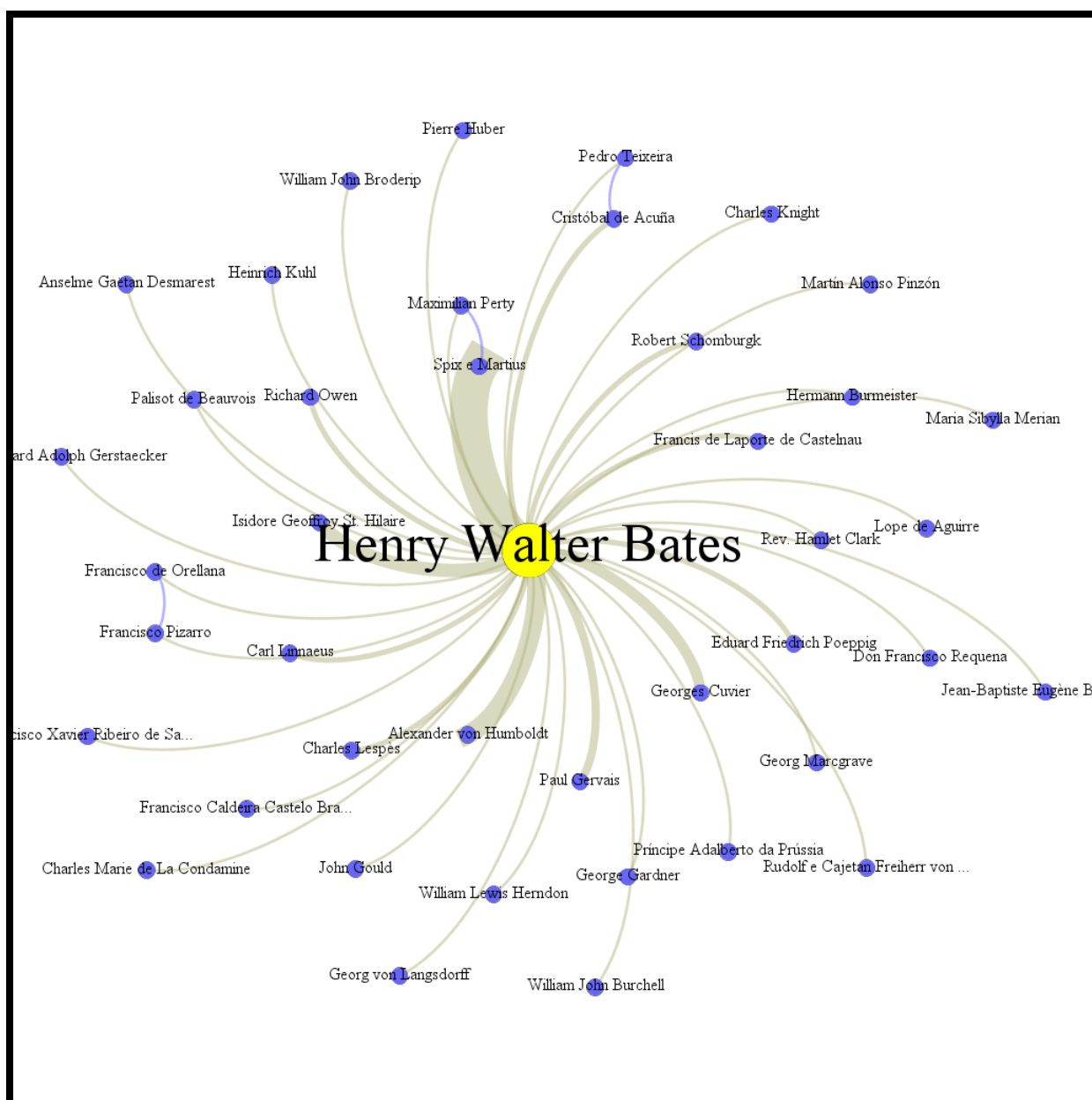


Figura 48: Rede apenas com os autores das obras citadas por Bates em *The naturalist on the River Amazons*.

Ao observar o gráfico que representa a rede de citações de Bates, é possível perceber que os mais citados pelo naturalista em seu livro de viagem e, portanto, mais relevantes na construção de sua própria narrativa sobre o Brasil, foram Spix e Martius, que aparecem associados com o entomólogo Maximilian Perty (1804-1884), responsável pelo estudo dos artrópodes coletados no Brasil pela dupla. Citados um total de quatorze vezes, o que denota um vasto conhecimento de Bates sobre a obra que produziram sobre o país, os alemães possuem o dobro de menções do viajante que figura na segunda posição. Também de origem alemã, Alexander von Humboldt aparece com sete citações ao longo do relato de Bates, o que demonstra a influência das passagens destes naturalistas pela América do Sul, e da *naturphilosophie* germânica de princípios do século XIX sobre o naturalista inglês. A grande quantidade de citações também pode ser tomada como sendo indicativa da disponibilidade em língua inglesa dos relatos produzidos por estes viajantes alemães, e sua influência sobre viajantes britânicos.

Em seguida, fica aparente a influência de naturalistas franceses, como Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (1805-1861), mencionado cinco vezes, Georges Cuvier (1769-1832), citado um total de quatro vezes e François Louis Paul Gervais (1816-1879), referido três vezes. Embora não tenham visitado a América do Sul, todos foram mencionados por suas obras taxonômicas na descrição de espécies observadas por Bates na Amazônia. Enquanto o relato dos viajantes alemães lidos por Bates proporcionava uma narrativa sobre viagens realizadas anteriormente ao Brasil, as publicações dos naturalistas franceses forneciam importantes informações morfológicas e taxonômicas sobre as espécies.

Ainda é possível destacar duas referências feitas a cada um dos seguintes naturalistas: Robert Schomburgk (1804-1865), por sua viagem à Guiana Inglesa (1835-1839); Carl Linnaeus (1707-1778), citado por seu sistema de nomenclatura; Richard Owen (1804-1892), por seus estudos sobre tucanos e bichos-preguiça; Charles Lespès, por suas observações acerca dos cupins; Cristóbal de Acuña (1597-1676), Conde de Castelnau (1810-1880) e Eduard Friedrich Poeppig (1798-1868), por suas viagens ao Brasil. Todos os demais indivíduos citados, dentre os quais estão incluídos os portugueses Francisco Caldeira Castelo Branco (1566-1619) e Pedro Teixeira (c.1570-1641), foram mencionados uma única vez.

Nas ciências, o estudo das citações de um artigo ou livro científico, além de demonstrar o caráter coletivo da produção do conhecimento¹⁰¹⁴, também identifica relações e influências

¹⁰¹⁴ DA SILVEIRA, Murilo Artur; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. Rede de textos científicos na Ciência da Informação: análise cienciométrica da institucionalização de um campo científico. *DataGramaZero – Revista de*

entre os autores, a existência de elos institucionais ou de pesquisa¹⁰¹⁵, ou mesmo aquilo que Ludwik Fleck (1896-1961) chamou de “coletivo de pensamento”¹⁰¹⁶. Embora Bates tenha redigido o seu relato sobre a viagem anos após ter voltado para a Inglaterra, onde teve oportunidade de reexaminar os espécimes que coletou, trocar correspondências com outros naturalistas e ter acesso a livros de referência que não havia lido anteriormente, ainda assim analisar a sua rede de citações é revelador do conjunto de influências que moldaram a sua narrativa sobre o Brasil. Para Da Silveira e Bazi:

Os textos que citam e os textos que são citados se conectam através de vínculos semânticos (*ideias*) e sociais (*autores*), determinados por aproximações e afinidades científicas construídas ao longo da constituição e institucionalização de uma ideia. Dessa forma, o que se visualiza é uma rede de textos científicos formada por referências a autores e suas contribuições.¹⁰¹⁷

A tradução da informação para a forma de gráfico traz vantagens para este tipo de análise, muito utilizada na Ciência da Informação, pois evidencia de forma clara tanto as conexões existentes na rede, quanto o peso destas conexões. Desta forma, a criação de um gráfico para a representação de redes de citações pode ser compreendida como uma ferramenta de análise quantitativa.

Ao limitar a análise da rede de citações sobre aqueles autores citados em *The naturalist on the River Amazons*, será possível apenas ter um quadro indicativo das influências e narrativas que moldaram o olhar de Bates sobre o Brasil. No entanto, ao associar a este quadro informações extraídas de outros relatos de viagem, é possível expandir a análise e descobrir, por exemplo, quem foram os principais autores lidos por naturalistas que viajaram ao Brasil o que poderia, por sua vez, auxiliar na identificação de uma genealogia ou tradição narrativa sobre o país.

A partir de dados extraídos de uma pesquisa anterior sobre o papel dos colaboradores na rede de Louis Agassiz em sua viagem ao Brasil¹⁰¹⁸, é possível inserir estas novas informações na rede criada anteriormente, para que ela passe a englobar as redes de citações tanto de Agassiz, quanto de Bates. Segundo Antunes¹⁰¹⁹, Bates recebeu um total de nove citações em A

Ciência da Informação, vol. 9, nº 3, jun. 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_65139a9fbb_0007617.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

¹⁰¹⁵ NORONHA, Daisy Pires. Análise das citações das dissertações de mestrado e teses de doutorado em saúde pública (1990-1994): estudo exploratório. *Ciência da Informação*, vol. 27, nº 1, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651998000100009>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

¹⁰¹⁶ FLECK, Ludwik. *Genesis and development of a scientific fact*. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.

¹⁰¹⁷ DA SILVEIRA, Murilo Artur; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *Rede de textos científicos na Ciência da Informação*. op. cit. p. 1.

¹⁰¹⁸ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis*. op. cit.

¹⁰¹⁹ *Ibidem*. p. 114.

journey in Brazil, sendo o naturalista mais vezes citado por Agassiz em seu livro de viagem. Para efeito de comparação, o relato de Wallace, que esteve com Bates durante os meses iniciais de viagem, recebeu de Agassiz apenas duas menções.

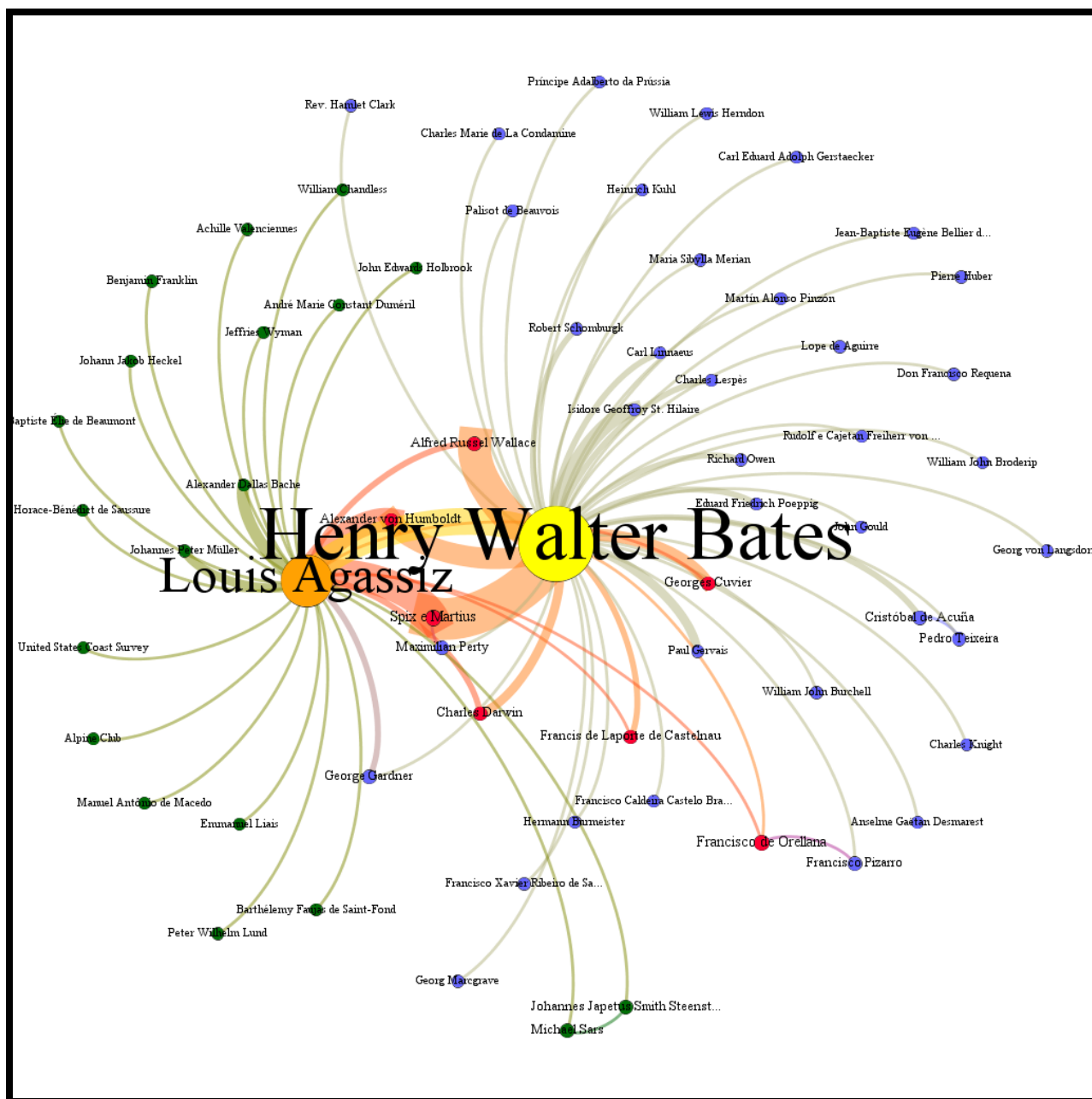


Figura 49: Rede de citações de Bates em *The naturalist on the River Amazons* e Agassiz em *A Journey in Brazil*.

No gráfico, temos a rede de citações de *The naturalist on the River Amazons* representada por círculos roxos, enquanto a rede de *A Journey in Brazil* aparece com círculos na cor verde. Seus autores, Henry Walter Bates (em amarelo) e Louis Agassiz (em laranja) aparecem centralizados. A disposição de nós na rede, onde é possível notar muitos deles

conectados diretamente apenas a uma das grandes figuras centrais, deixa evidente que se tratam de duas redes ego distintas. Por este motivo, há grande separação entre os círculos roxos, majoritariamente colocados à direita do gráfico, e dos círculos verdes, à esquerda. Porém, também é possível observar que existem interseções entre elas. Estes nós que conectam as duas redes, destacados na cor vermelha, estão localizados ao centro do gráfico e representam os naturalistas que foram mencionados tanto por Bates, quanto por Agassiz. Mais uma vez, Spix, Martius e Humboldt estão em uma posição de destaque, havendo sido mencionados oito vezes e ocupando a segunda posição dentre os mais citados por Agassiz, logo após o próprio Bates. Além de terem participado ativamente da formação acadêmica de Agassiz, a presença de Spix, Martius e Humboldt em posições de destaque na rede de citações de *A journey in Brazil* revela a importância do trabalho destes naturalistas para a descrição da História Natural sul-americana. Há, ainda, mais alguns naturalistas e viajantes citados em comum nas duas obras, sendo eles Cuvier, Darwin, Castelnau e Francisco de Orellana (1511-1546).

A utilidade do Gephi, no entanto, não se resume a analisar redes de citações. Com o programa, é possível utilizar filtros que escondem temporariamente da visualização aquelas informações escolhidas pelo pesquisador. Uma vez que a rede de citações de Bates não possui interações com os outros membros da rede, uma vez que não estiveram presentes ao longo da viagem e são citados apenas pelo autor do relato, podemos comandar o Gephi para escondê-los, tornando a leitura dos nós remanescentes mais clara. Com todos os outros parâmetros mantidos, o gráfico obtido permite uma observação mais nítida das comunidades existentes na rede. Na figura 50, apresento novamente o gráfico com o qual estamos trabalhando e, na figura 51, destaco as comunidades identificadas.

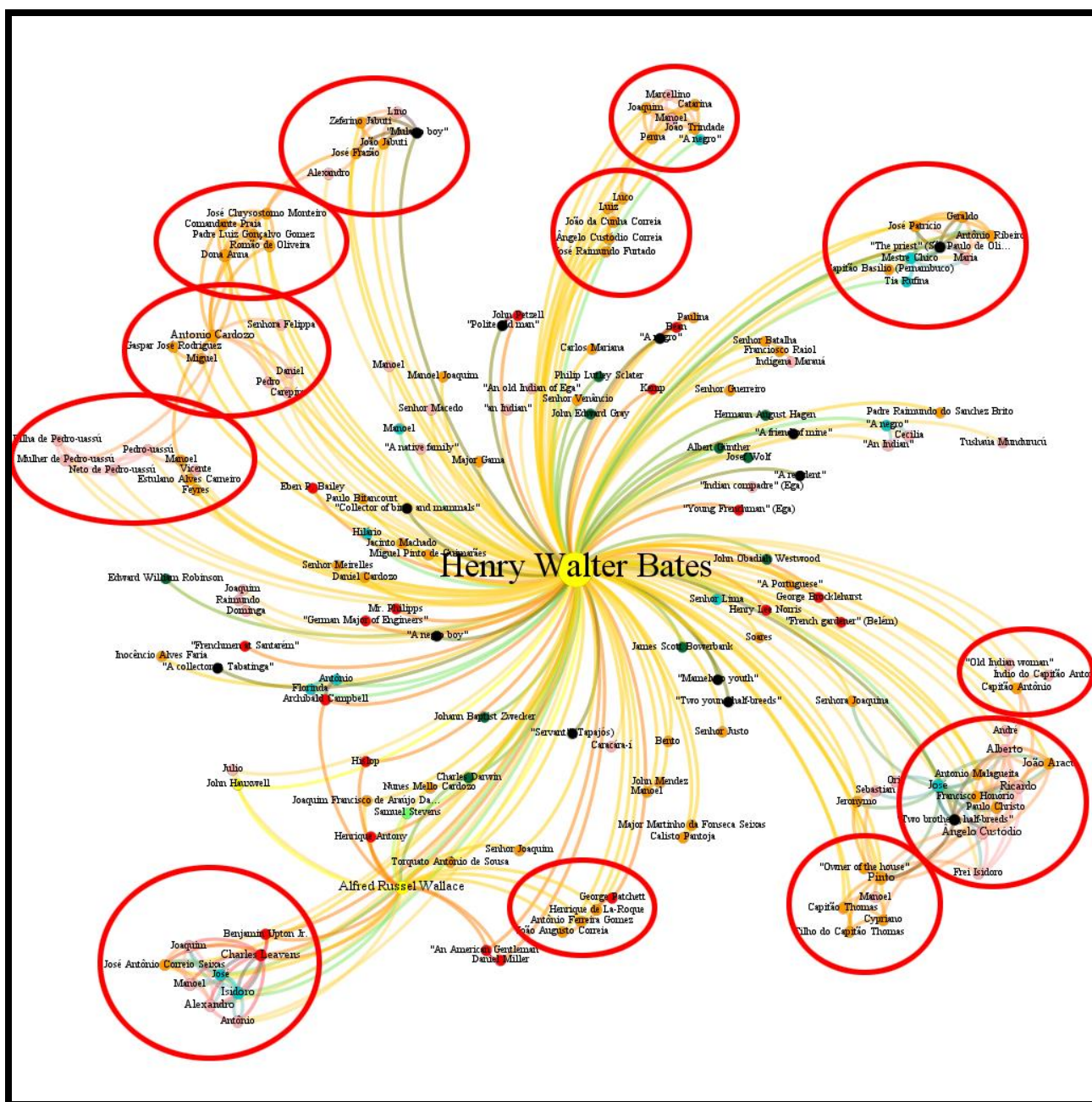


Figura 51: Visualização da rede de Bates sem sua rede de citações, com comunidades destacadas.

Cada uma das comunidades destacadas no gráfico da rede representa um grupo de indivíduos com relações entre si. Ao aproximar a imagem e confrontar com as informações relatadas por Bates em seu livro de viagem, é possível fazer uma leitura diferenciada sobre os principais colaboradores envolvidos na rede do naturalista, sobre o papel que exerceram dentro do grupo de colaboradores de Bates, e como se relacionavam com outros indivíduos na mesma rede. A identificação daqueles indivíduos que atuaram como intermediários (ou *brokers*, ou ainda, *go-between*) é facilitada pela representação gráfica. Este tipo de análise pode auxiliar na compreensão da sociabilidade durante as expedições científicas, uma vez que permitem uma compreensão mais ampla de como se dava as relações entre viajantes e habitantes locais, assim como destacam a presença e a importância de indivíduos que atuaram como intermediários entre os naturalistas e os grupos locais.

A partir da análise do gráfico, identificamos em uma das comunidades a presença de cinco colaboradores com mais de dez relações dentro da rede. Alberto, com 15 ligações dentro da rede, foi um dos indígenas cedidos pelo Capitão Antônio, de Aveiro, para acompanhar Bates em uma excursão pela região. Segundo o naturalista, Alberto era um jovem indígena que estimou ter entre dezessete e dezoito anos, extremamente taciturno e silencioso, pouco adepto a demonstrações de emoção e que cumpria com regularidade os seus deveres. Ao longo das semanas em que navegaram juntos pelos rios da região, Alberto auxiliou Bates no manejo da embarcação que os transportava, na caça de tartarugas e tamanduás para a alimentação, e na coleta de espécimes¹⁰²⁰.

¹⁰²⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.*

revelam sua interpretação da atitude do naturalista, é possível supor que isto o tenha aproximado de Bates, uma vez que em seu relato o viajante aponta que, ao fim da excursão, “*Ricardo, with whom I had had many sharp quarrels, actually shed tears when he shook hands and bit me the final adeos*”¹⁰²².

Além dos dois indígenas, Bates também foi acompanhado em suas excursões ao longo dos rios Tapajós e Amazonas por José. Após tê-lo conhecido em junho de 1852, na cidade de Santarém, onde havia trabalhado como ferreiro, José foi convidado pelo naturalista para acompanhá-lo. Ao longo de sua viagem pelo Brasil, por estar em constante movimento, Bates foi auxiliado por uma variedade de moradores locais pelas diversas regiões que visitou. José, no entanto, foi uma presença constante durante boa parte de sua residência no país, acompanhando-o durante suas passagens por Santarém, Aveiro, Santa Cruz e Ega. Sobre o encontro com José, é possível ler no livro de viagem a seguinte afirmação:

In engaging servants, I had the good fortune to meet with a free mulatto, an industrious and trustworthy young fellow, named José, willing to arrange with me; the people of his family cooking for us, whilst he assisted me in collecting; he proved of the greatest service in the different excursions we subsequently made. Servants of any kind were almost impossible to be obtained at Santarem, free people being too proud to hire themselves, and slaves too few and valuable to their masters, to be let out to others.¹⁰²³

Além do auxílio na navegação e manejo da embarcação, José foi um dos principais auxiliares de Bates na coleta de espécimes. Em diversos trechos de sua narrativa, o naturalista comenta sobre ter seu companheiro acompanhando-o nas matas, carregando “*guns, ammunition and game-bags*”¹⁰²⁴, em busca de macacos, lagartos e outros animais. Ainda que outros membros do grupo também tivessem participado da coleta de espécimes, José parecia ser o companheiro preferido de Bates para a tarefa, havendo afirmado que “*José and I worked daily in the woods*”¹⁰²⁵. Foi ele também o responsável por ter adquirido as duas crianças indígenas que Bates conheceu durante sua residência em Ega. Embora a menina Oria tenha falecido rapidamente, o jovem Sebastian tornou-se posteriormente auxiliar de José, que retomou suas atividades como ferreiro pouco antes do retorno de Bates para a Inglaterra.

Foi José também o encarregado de conseguir o auxílio de Pinto, outro mulato livre, que também acompanhou Bates em sua excursão pelo Tapajós. Por este motivo, Pinto também aparece em uma posição proeminente na rede de Bates, pois a expedição ao longo do Rio Tapajós foi uma das ocasiões em que o naturalista mais teve companheiros com quem podia

¹⁰²² *Ibidem.* p. 152.

¹⁰²³ *Ibidem.* p. 3.

¹⁰²⁴ *Ibidem.* p. 50.

¹⁰²⁵ *Ibidem.* p. 117.

contar. No entanto, a presença de Pinto foi encurtada devido ao seu costume de embriagar-se com frequência e, estando alcoolizado, tornar-se inclinado a agir violentamente. Desta forma, Bates logo separou-se do homem, informando em seu livro de viagem:

According to José, who had kept himself sober, and was alarmed at the other's violent conduct, the owner of the house and Pinto had spent the greater part of the night together, drinking aguardente de beijú – a spirit distilled from the mandioca root. We knew nothing of the antecedents of this man, who was a tall, strong, self-willed fellow, and it began to dawn on us that this was not a very safe travelling companion in a wild country like this. I thought it better now to make the best of our way to the next settlement Aveyros, and get rid of him.¹⁰²⁶

Outro indígena que integrou o grupo de Bates durante uma parte de sua exploração do Tapajós foi Ângelo Custódio¹⁰²⁷, apresentado ao viajante por intermédio do Senhor Cypriano, inspetor do distrito de Paquiutuba, no Pará. Em seu relato, Bates ressaltou as habilidades de navegação demonstradas por Custódio, que descreveu como sendo “*a steady, middle-aged, and married Indian; his name was of very good promise, Angelo Custódio (Guardian Angel)*”¹⁰²⁸. É interessante perceber, também, a importância de indivíduos como Cypriano que, pela posição social e conhecimento que possuíam dos habitantes locais, eram capazes de atuar como intermediários possibilitando laços entre os viajantes e indivíduos como Ângelo Custódio.

Em termos da representação no Gephi, é possível observar que a reunião destes colaboradores de forma aproximada no gráfico remete à sua participação conjunta em algumas das mesmas excursões. Representados próximos desta comunidade, no gráfico, observamos que alguns de seus membros se conectam a comunidades vizinhas. O indígena Alberto, que se associou ao grupo de Bates por intermédio do Capitão Antônio, se conecta ao mesmo que, por sua vez, também intermediou as relações entre Bates e outros dois indígenas. No lado oposto, observamos um pequeno grupo onde estão associados o Capitão Thomas, da cidade de Alter do Chão, seu filho e Manoel, indígena que se reuniu ao grupo de Bates por intermédio de Thomas. A relação entre alguns destes indígenas com figuras como o Capitão Thomas, Capitão Antônio ou Senhor Cypriano não é esclarecida pelo viajante. Se trabalhavam, de forma voluntária ou forçadamente, para estes capitães e senhores, se eram apenas conhecidos que moravam próximos, ou se apenas intermediariam estas relações por terem maior domínio do idioma e das convenções sociais locais, não é possível afirmar. Na maior parte dos casos, o viajante se restringiu a afirmações como:

¹⁰²⁶ *Ibidem*. p. 90.

¹⁰²⁷ Não confundir com Ângelo Custódio Correia, um dos mais distintos cidadãos de Cametá, segundo Bates, mencionado no capítulo anterior.

¹⁰²⁸ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 149.

The head man of the place, Captain Thomas, a sleepy-looking mameluco, whom I found in his mud-walled cottage in loose shirt and drawers, with a large black rosary round his neck, promised me two Indians to complete my crew, if I would wait a few days until they had finished felling trees for a new plantation.¹⁰²⁹

Ainda observando a mesma porção do gráfico, é possível observar a associação já esperada de membros da elite local. Em um trecho, notamos a reunião de figuras proeminentes na sociedade amazonense, como o inglês George Patchett, a quem Bates foi apresentado enquanto visitava a casa de Henrique de La-Roque. Acompanhado deste último, Bates visitou a casa do comerciante Antônio Ferreira Gomes, em Vista Alegre, para quem levava uma carta de apresentação redigida por João Augusto Correia. Vemos assim, portanto, que a visualização gráfica também auxilia na identificação de vínculos entre a sociedade local, destacando laços sociais e de amizade entre os habitantes. Com a adição de mais informações no programa, extraídas de outros livros de viagem de naturalistas que visitaram a mesma região, seria possível traçar um quadro mais completo da sociedade do norte brasileiro do século XIX, identificando quais indivíduos mais frequentemente se envolviam com os viajantes naturalistas que passavam por suas cidades, a quais grupos sociais pertenciam, e como se relacionavam não apenas com os naturalistas, mas também entre si. Outro exemplo das relações entre os próprios habitantes locais pode ser observado na comunidade abaixo.

¹⁰²⁹ *Ibidem.* p. 77.

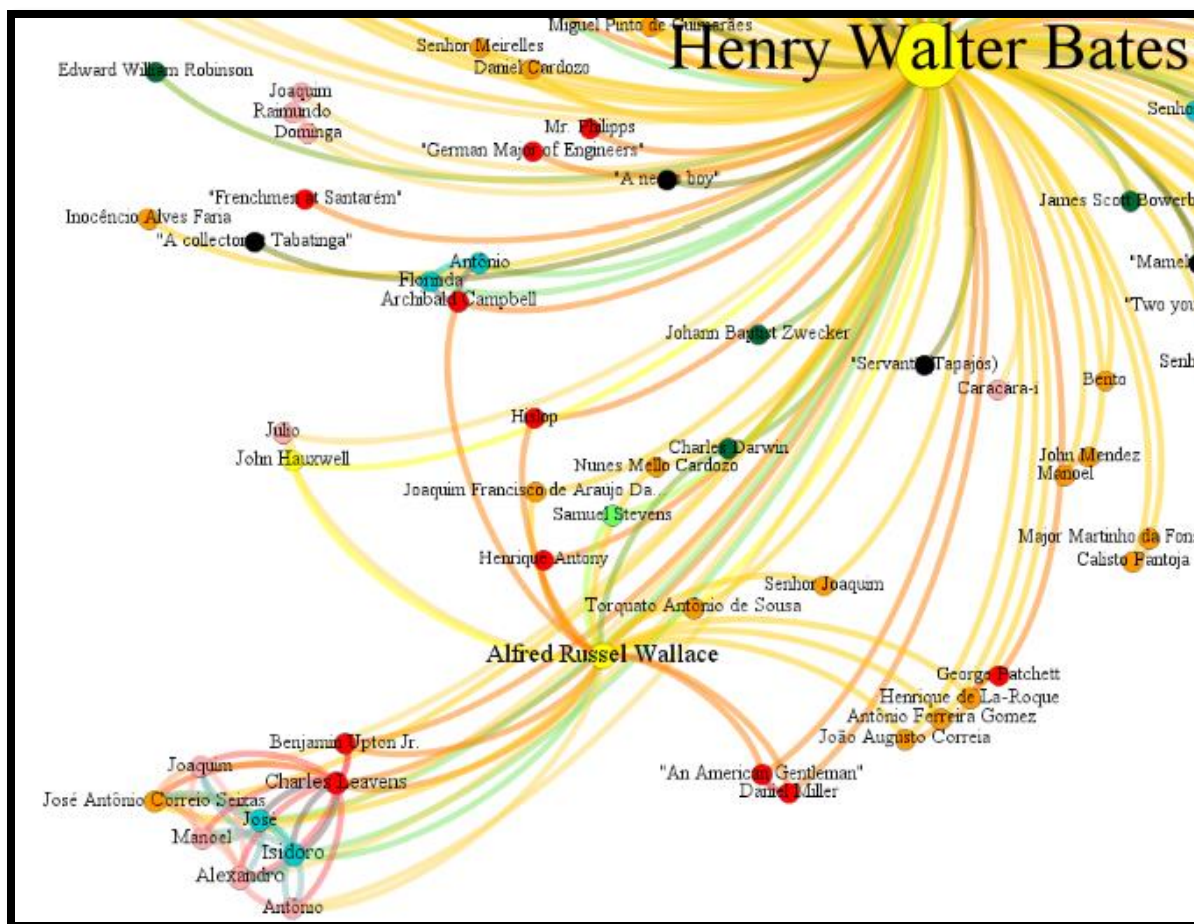


Figura 53: Aproximação das comunidades analisadas.

Neste trecho da rede de Bates, é possível identificar uma das primeiras comunidades com a qual teve contato após sua chegada no Brasil. Além do cozinheiro Isidoro, que está dentro do seletor grupo de indivíduos com mais de dez relacionamentos devido aos vários meses em que acompanhou o naturalista, figuram também neste grupo os norte-americanos Charles Leavens e Benjamin Upton Jr., administrador e dono de um engenho visitado pela dupla Bates e Wallace durante seus primeiros meses de residência no Pará. Como vimos no capítulo anterior, Leavens foi o responsável por planejar e organizar a primeira expedição de Bates e Wallace pelo interior do país. Assim, por ter sido o encarregado de reunir a tripulação que os levou de Belém até Arroios, o gestor do engenho foi um dos primeiros intermediários entre os viajantes e membros da população indígena local e aparece como um dos colaboradores mais bem relacionados dentro da rede de Bates, destacando a sua importância principalmente no período inicial da permanência do naturalista no país. No gráfico, sua posição de *go-between* está claramente identificada, quando o localizamos representado geograficamente entre a dupla de naturalistas e os indígenas Joaquim, Alexandre e Antônio. Participando do mesmo grupo,

uma vez que estiveram presentes durante a mesma excursão até Arroios, estão ainda um indígena e um jovem mulato cedidos para acompanhar o grupo pelo Senhor José Antônio Correio Seixas. Diferentemente de outros casos, nesta primeira situação, Bates dá a entender que a relação entre Seixas e os indivíduos que apontou para acompanhar o naturalista não era voluntária, dizendo:

We started from Baião at an early hour. One of our new men was a good-humoured, willing young mulatto, named José; the other was a sulky Indian called Manoel, who seemed to have been pressed into our service against his will. Senhor Seixas, on parting, sent a quantity of fresh provisions on board.¹⁰³⁰

A visualização da rede de colaboradores envolvidos com a expedição de Bates em um gráfico como o que é gerado pelo Gephi facilita a identificação de intermediários, pois a representação visual os coloca fisicamente localizados entre aqueles indivíduos cujo relacionamento só foi possível devido a sua presença e mediação. A mesma situação pode ser identificada em outra comunidade. Desta vez, o principal intermediário foi o Major Estulano, responsável por comandar a embarcação em que Bates viajou pelo Rio Solimões, novamente mediando o relacionamento entre o naturalista e um grupo de indígenas responsável por manejar a embarcação e, ocasionalmente, participar das excursões de coleta de Bates pelas matas das regiões onde aportavam. O grupo onde figura Estulano possui diversos membros que se relacionam com outra comunidade mais acima, onde o principal nó representa o delegado de polícia de Ega, Antônio Cardoso, e que era dono da embarcação comandada por Estulano. Uma parte da tripulação desta viagem, juntamente com o próprio Cardoso, levaram Bates para conhecer a família indígena do chefe Passé Pedro-uassú, que pode ser observada reunida em uma das margens do gráfico, proximamente conectada devido aos seus laços familiares.

¹⁰³⁰ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 129.

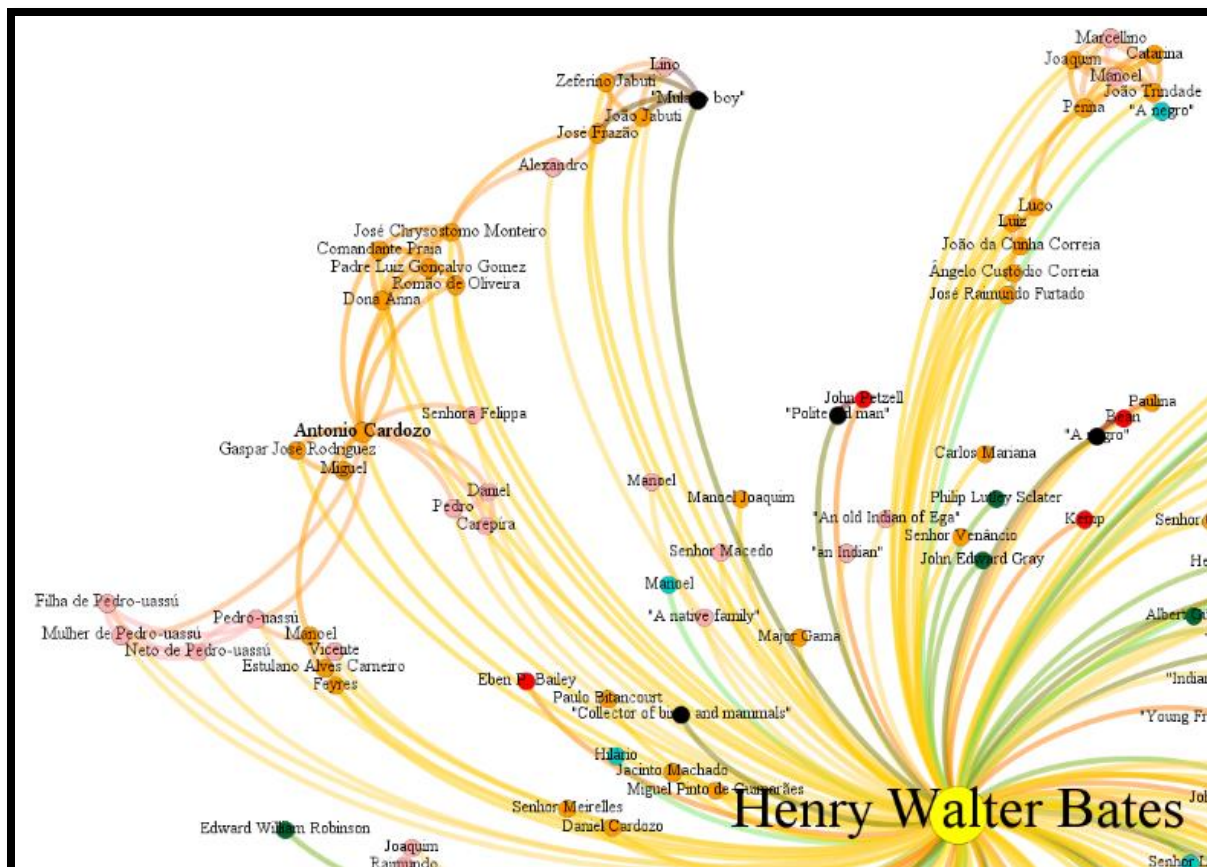


Figura 54: Aproximação das próximas comunidades analisadas.

Nesta área do gráfico, chama a atenção o destaque recebido por Antônio Cardoso. O delegado, além de estar conectado à família de Pedro-uassú e à tripulação comandada por Estulano, também está associado aos indígenas Daniel, Pedro e Carepíra, empregados por ele na coleta de ovos de tartaruga ao longo do Solimões da qual Bates também participou. Por seu cargo como delegado, Antônio Cardoso também se associava aos outros moradores que compunham a elite da cidade de Ega, onde Bates residiu por mais de uma ocasião durante seus 11 anos de permanência no país. Por sua posição na cidade, é um dos indivíduos mencionados por Bates mais bem relacionados dentro da rede de colaboradores do naturalista.

Dentre a elite de Ega associada à Antônio Cardoso, também fazem parte da rede de Bates o comerciante Romão de Oliveira, o Padre Luiz Gonçalves Gomes¹⁰³¹, o Comandante Praia, do Exército, e sua esposa Ana e o Diretor dos Índios José Crisóstomo Monteiro, adjetivado por Bates como “*the most enterprising person in the settlement*”¹⁰³². O empreendedorismo indicado pelo naturalista possivelmente faz referência às expedições de

¹⁰³¹ É provável que Bates tenha errado a ortografia do nome do padre, possivelmente se tratando de Gonçalves, ao invés de Gonçalves.

¹⁰³² BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. II. 1863. *op. cit.* p. 180.

caça organizadas por Monteiro, na qual empregava não só os indígenas da região, mas também mulatos, mamelucos e seus próprios familiares. Em certa ocasião, Bates observou que Monteiro mandou organizar uma grande caçada, com o objetivo de obter um espécime do raro uacari-branco, o qual deseja enviar “to one of the Government officials at Rio [de] Janeiro, in acknowledgement of having been made colonel of the new national guard”¹⁰³³.

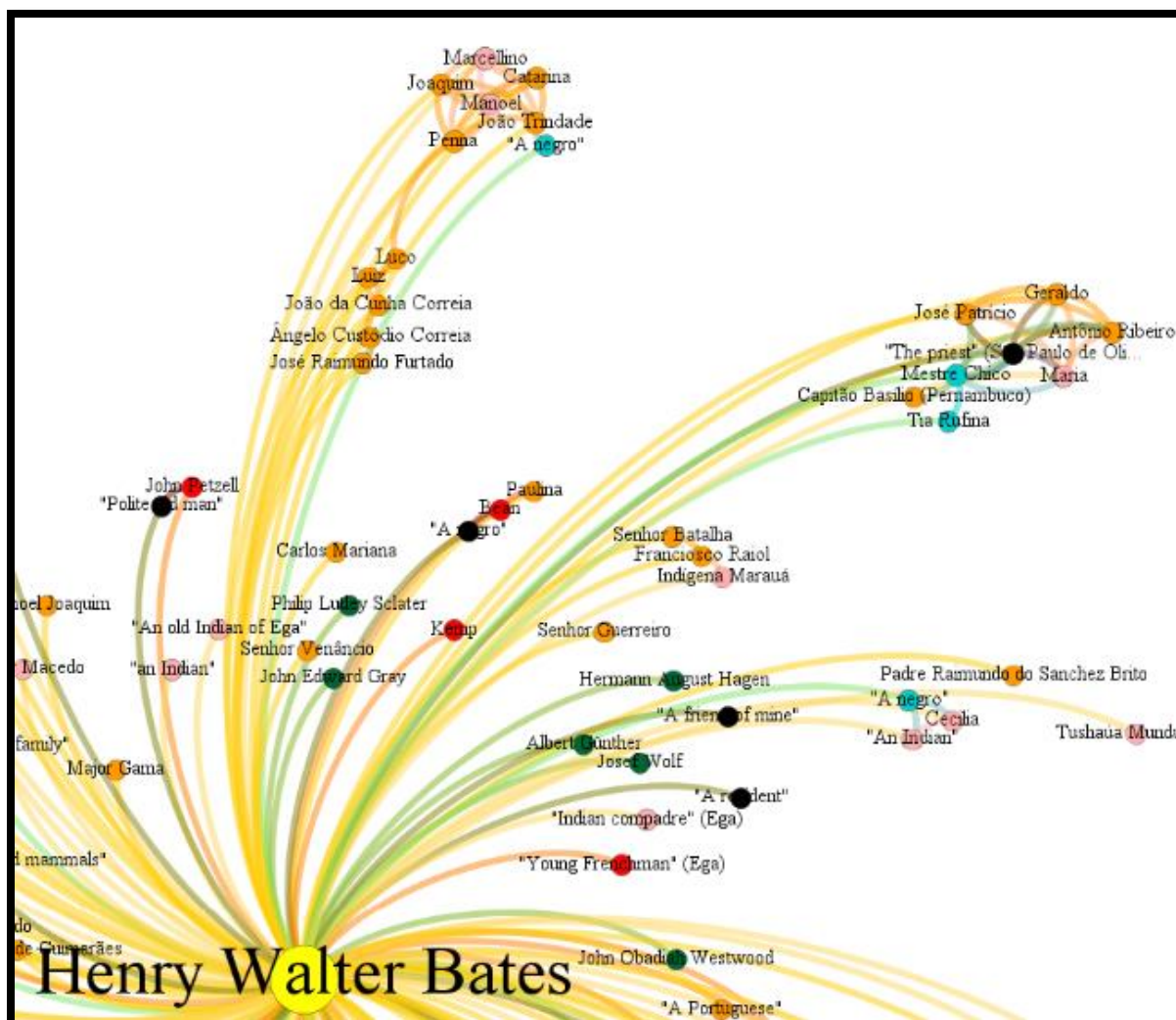


Figura 55: Aproximação das últimas comunidades analisadas.

Nesta área selecionada do gráfico, é possível observar um caso semelhante ao anterior, onde estão posicionados de forma equidistante alguns dos membros que formavam a elite social da cidade de Cametá, cidade visitada por Bates em junho de 1849. Este grupo é formado, principalmente por João Raimundo Furtado, que hospedou Bates e o apresentou ao seu amigo Ângelo Custódio Correia, indicado pelo naturalista como sendo o cidadão mais distinto da cidade. Este, por sua vez, apresentou o naturalista ao seu irmão, João da Cunha Correia, com

¹⁰³³ *Ibidem*. p. 306.

quem Bates embarcou em uma viagem até Óbidos, da qual também participaram Luiz e Luco, o jovem mameluco que acompanhou Bates. Como visto no gráfico, Luco está associado a uma outra comunidade, encabeçada por Penna que, da mesma forma como muitos dos outros donos e capitães de embarcação observados, intermediou as relações entre o viajante e sua tripulação, motivo pelo qual sua posição aparece destacada no gráfico em uma posição intermediária entre o naturalista e aqueles que a ele apresentou. Sobre o comerciante da cidade de Óbidos, Bates afirmou:

Penna was a timid middle-aged man, a white with a slight cross of Indian; when he was surly and obstinate, he used to ask me to excuse him on account of the Tapuyo blood in his veins. He tried to make me as comfortable as the circumstances admitted, and provided a large stock of eatables and drinkables; so that altogether the voyage promised to be a pleasant one.¹⁰³⁴

A visualização da rede de colaboradores no caso de um viajante como Bates, que visitou um grande número de cidades durante seus 11 anos de permanência no país, também ressalta os grupos que se associam por habitarem nas mesmas cidades e, geralmente, fazerem parte dos mesmos círculos sociais. Assim, no canto superior direito da figura 55 estão reunidos os moradores da cidade de São Paulo de Olivença com os quais Bates teve contato, muitos dos quais eram vizinhos e, portanto, se conheciam.

5.5. CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS VANTAGENS DA ANÁLISE DE REDES COM O GEPHI

A utilização do Gephi para criar um gráfico representativo da rede de colaboradores de Bates no Brasil traz algumas vantagens sobre a exclusividade do texto. É preciso ressaltar, no entanto, que a análise gráfica não substitui a análise textual, uma vez que é impossível construir o gráfico sem, antes, buscar as informações existentes no texto. A análise e leitura das fontes permanece como etapa primordial e insubstituível para possibilitarem a pesquisa e ferramentas de visualização, como o Gephi, apresentam-se como formas complementares de análise. Os mecanismos oferecidos pelo *software* para a organização da informação trazem, contudo, novas possibilidades de apresentação e leitura dos dados.

Ao observar o gráfico da rede completa de colaboradores de Bates, imediatamente é possível perceber que o naturalista se relacionou com um grande número de pessoas que tornaram sua empreitada possível. Também é possível perceber que, embora todas as pessoas estejam associadas a Bates, existem também muitas associações entre elas, que formam pequenas comunidades coesas. Nessas comunidades, é possível identificar de forma clara quem

¹⁰³⁴ BATES, Henry Walter. *The naturalist on the River Amazons*. vol. I. 1863. *op. cit.* p. 267.

foram os indivíduos mais bem conectados dentro da rede, quem foram aqueles intermediários que tornaram possíveis as relações entre o naturalista e membros da população local, assim como também é possível perceber como se relacionavam indivíduos específicos que habitaram algumas das cidades visitadas por Bates durante sua passagem pelo Brasil. Naturalmente, a mera visualização da rede não traz todas as informações necessárias, porém, quando associada com as informações extraídas a partir do relato do naturalista, a leitura torna-se possível.

Desta forma, é possível considerar que o Gephi é uma ferramenta interessante para complementar análises em História das Ciências onde o enfoque recai sobre as características particulares da sociabilidade do trabalho científico, seja ele realizado em campo, em laboratório, em instituições específicas ou, mesmo, sob a forma de publicações. Além de permitir complementar as análises textuais, a visualização da rede em formato gráfico também oferece novas oportunidades de leitura que podem revelar aspectos da rede social não percebidos anteriormente, especialmente quando o volume de informações textuais é muito grande. Da mesma forma, o gráfico oferece alternativas visuais para a apresentação da informação que está sendo analisada, tornando-se, assim, uma eficiente ferramenta para a comunicação dos resultados da pesquisa, especialmente em congressos e seminários, onde a apresentação dos dados sob a forma visual pode permitir um maior engajamento de parte considerável do público com o que está sendo apresentado.

Na medida em que mais pesquisas utilizarem as mesmas ferramentas, também será possível futuramente comparar resultados, expandir o alcance das redes sociais analisadas, criar gráficos mais completos e desenvolver as questões necessárias para avançar na análise de redes sociais com visualização gráfica em pesquisas históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha frequentemente sido mantido à margem na História das Ciências, Henry Walter Bates merece ser alçado a uma posição de destaque em meio ao rol de naturalistas Oitocentistas. Ao longo de sua carreira científica, enfrentou diversos obstáculos, deixando suas raízes modestas em uma família da classe média industrial de Leicester e vindo ao Brasil com o objetivo de coletar espécimes e investigar a natureza amazônica. Apesar de sua bem-sucedida expedição, enfrentou diversos obstáculos sociais, profissionais e financeiros após o seu retorno para a Inglaterra. O meio científico da capital inglesa não o acolheu da maneira que esperava, demonstrando os preconceitos existentes dentro das principais instituições científicas londrinas. Suas origens humildes em uma família não conformista das *Midlands*, associadas com sua pronta defesa das teorias evolucionistas de Darwin e Wallace, certamente foram algumas das causas de sua malquerença em instituições como o *British Museum*. Ainda assim, ganhou o respeito e a confiança de diversos naturalistas de destaque, como o próprio Darwin, Lyell, Markham, dentre outros notórios nomes de destaque na sociedade científica inglesa, cujos semblantes hoje decoram as paredes na sede da *Royal Society* em Carlton House Terrace.

Dentre as realizações científicas de Bates é possível citar, além de uma bem-sucedida expedição ao Brasil, o envio para Londres de milhares de novas espécies até então desconhecidas na Europa, o fomento das coleções entomológicas de diversas instituições e colecionadores privados, sua colaboração para o desenvolvimento das ideias evolutivas de Wallace, sua contribuição científica importante para a consolidação da teoria da seleção natural, o diligente trabalho taxonômico de descrição de espécies entomológicas, sua participação nas principais sociedades científicas inglesas de sua época, a grande quantidade de publicações extensivas sobre a fauna entomológica de diversas regiões do planeta, sua dedicação constante ao trabalho na *Royal Geographical Society*, sua cooperação no incentivo e auxílio a diversos viajantes, sua parcela de responsabilidade no impulso para o desenvolvimento e consolidação da Geografia como ciência acadêmica no Reino Unido, e sua publicação de um dos mais aclamados livros de viagem do século XIX.

Ao examinar a vida e carreira científicas de Henry Walter Bates, é possível atestar que o ponto crucial em sua trajetória foi a sua viagem e os 11 anos em que esteve no Brasil, em meio a um período considerado por alguns biólogos¹⁰³⁵ como um dos mais excitantes na história da biologia. Tanto no caso de Bates, quanto no de Wallace, assim como no de diversos outros naturalistas viajantes, a viagem permitiu-lhes uma oportunidade de ascensão social, científica

¹⁰³⁵ MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico. op. cit.* p. 151.

e profissional que não teria sido possível de outra forma. Deixando suas pátrias como coletores amadores, retornaram como experientes naturalistas, com muito a contribuir para a ciência de seu tempo. Antes da viagem, Bates era um naturalista amador, sem treinamento ou qualificações acadêmicas; quando retornou para a Inglaterra possuía uma das maiores coleções entomológicas amazônicas já reunidas em uma expedição científica, um vasto conhecimento sobre a região e sua natureza, e um conjunto de observações e anotações que lhe permitiriam publicar uma série de importantes contribuições científicas.

Além das centenas de artigos científicos que publicou, Bates é talvez mais notoriamente reconhecido pelo seu livro de viagem. *The naturalist on the River Amazons* foi um grande sucesso de vendas em sua época, elogiado por alguns dos maiores naturalistas de seu tempo, e continua atualmente como um dos livros de viagem Oitocentistas mais reeditado e republicado, pelo menos em língua inglesa. Seu relato sobre o que observou da natureza na região é, também, uma rica fonte de informações sobre a sociedade amazônica da época, pois contém informações sobre processos políticos, econômicos e sociais importantes que moldaram a região. Como visto anteriormente, Bates reuniu diversos relatos de moradores locais sobre a Guerra de Cabanos, um dos principais conflitos que assolou a região. Em seu livro, constam ainda informações sobre o desenvolvimento econômico e social das cidades, observadas ao longo de uma década, na qual a nova província do Amazonas foi criada. Em seu livro, o naturalista registrou o impacto da fundação de novas companhias, como a Companhia de Navegação do Amazonas, da chegada de epidemias, como a febre amarela, da influência do comércio europeu nos costumes sociais e religiosos locais, do início da exploração da borracha na região, da modernização de algumas das principais capitais, como Manaus. Sendo assim, é possível afirmar que *The naturalist on the River Amazons* é uma importante fonte de informações para a história regional da Amazônia brasileira, que pode auxiliar em pesquisas sobre a história política, econômica e social local, bem como para a história da saúde e, particularmente, para a história da ocupação indígena da região.

O sucesso de seu livro e de sua experiência amazônica nele relatada serviram, ainda, de motivação para muitos viajantes posteriores. Como mencionado anteriormente, o viajante de origem suíça Louis Agassiz teve o relato de Bates como um constante companheiro de viagem, mencionando-o em *A Journey in Brazil* mais vezes do que qualquer outro naturalista citado na obra. De forma semelhante, o relato de Bates também foi uma importante fonte para o ornitólogo britânico Henry Baker Tristram (1822-1906) durante sua expedição pela região

amazônica (1865-1869)¹⁰³⁶. Anos mais tarde, Bates também foi fonte de inspiração e informações para o britânico James William Helenus Trail (1851-1919), que carregou uma cópia de *The naturalist on the River Amazons* durante sua passagem pela Amazônia (1873-75)¹⁰³⁷.

Basta uma leitura do livro de viagem publicado por Bates para compreender sua importância para os viajantes posteriores. Além da narrativa fluida e de fácil leitura, Bates não poupou detalhes sobre a natureza local, sobre a vida nas cidades em que esteve e sobre as pessoas que encontrou. Devido a extensão de sua permanência do país, o naturalista teve a oportunidade de visitar um grande número de localidades diferentes e de se integrar à sociedade local de uma forma que seria impossível para visitantes mais efêmeros. Como ele mesmo relatou, acostumar-se e participar nos costumes das camadas mais humildes da sociedade era uma estratégia necessária para garantir o apoio tão necessário para a sua expedição.

Enquanto viajantes como Agassiz podiam contar com o suporte oficial do governo local, o que facilitava sua passagem pela região, e com um generoso financiamento partindo de um mecenas particular, Bates teve que recorrer a outros métodos para garantir o sucesso e a durabilidade de sua expedição. Dentre estas estratégias, acostumar-se ao modo de vida das classes mais humildes parece ter sido uma delas. Como é possível observar por seu relato, Bates esteve em contato com um grande número de habitantes locais. Sua rede de relacionamentos não era excludente e contava, desde residentes estrangeiros que haviam se estabelecido no país, até escravos e indígenas que viviam no interior e com os quais, no início de sua residência, mal podia se comunicar. O esforço em aprender os idiomas locais, dentre os quais o português e a língua geral, além de algumas palavras e frases em variados idiomas indígenas, foi fundamental para ultrapassar a barreira linguística que impedia o seu contato direto com os habitantes.

A comparação entre as passagens de Bates e de Agassiz pelo Brasil revela diferenças interessantes sobre a forma como expedições científicas poderiam se desenrolar. No caso do naturalista suíço, o apoio recebido, principalmente, pelo próprio D. Pedro II e pelo seu mecenas particular, Nathaniel Thayer Jr., garantiram facilidades impensáveis para viajantes autônomos como Bates. O contato de Agassiz com as elites locais foi particularmente reforçado por ordens do Imperador, que enviou um pedido por correspondência para que os presidentes das províncias a serem visitadas pela comitiva estrangeira auxiliassem o visitante da melhor forma que pudessem. Além disso, Pedro II também encarregou pessoalmente o Major João Martins

¹⁰³⁶ LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista*. op. cit. p. 163.

¹⁰³⁷ SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail*. op. cit. p. 83.

da Silva Coutinho para que acompanhasse a expedição científica desde o Rio de Janeiro, garantindo aos naturalistas o apoio especializado de alguém que não só conhecia profundamente a natureza amazônica, mas que possuía contatos com residentes destacados nas províncias do norte e nordeste do país. A cessão, novamente por intermédio de Pedro II e sua influência sobre a Companhia de Navegação do Amazonas, de uma embarcação destinada unicamente a transportar Agassiz e sua comitiva também facilitou o deslocamento do grupo pela região, bem como garantia a segurança do transporte dos espécimes coletados.

Para Bates, assim como para outros viajantes autônomos, como Wallace, a logística e o planejamento da expedição sofriam de várias restrições, principalmente materiais e financeiras, e deveriam ser pensados de antemão. Com fundos limitados, uma vez que dependia das remessas enviadas por Stevens para o Pará, Bates precisava barganhar passagem nas embarcações dos comerciantes locais, deslocando-se pelas rotas comerciais já estabelecidas na região. Enquanto Agassiz informou sobre ser surpreendido nas cidades em que chegava por grupos de moradores que o aguardavam com coleções de peixes para presenteá-lo, Bates precisava ser mais convincente em seus argumentos para conseguir o apoio da população local na coleta de espécimes. Possivelmente por este motivo, Bates relatou mais vezes em seu livro de viagem ter contado com o apoio de caçadores e seus cadernos de campo revelam que algumas das frases que aprendeu em idiomas indígenas incluíam convites para coletar insetos e promessas de pagamento. Desta forma, embora a colaboração da população local tenha sido essencial para o sucesso obtido na coleta de espécimes tanto no caso de Agassiz, como no caso de Bates, é possível identificar dinâmicas e formas de relacionamento diferentes entre viajantes e habitantes locais. É possível observar, no contato de Agassiz com a população, a chancela e a mediação frequente de autoridades locais, dentre as quais o próprio Imperador. Bates, por outro lado, embora também tenha contado com o apoio de importantes mediadores, relacionou-se de maneira mais pessoal e direta com a população local. Ao longo de seu livro de viagem, é possível encontrar relatos sobre ter se acostumado ao modo de vida das classes mais pobres, sobre se sentir à vontade em meio aos grupos indígenas, além de repetidamente caracterizar seus colaboradores como amigos ou, utilizando um termo popular local, compadres. Esta mesma familiaridade não é encontrada no relato de Agassiz.

Se, no início do relato de Bates, é possível observar um naturalista limitado aos grupos de residentes estrangeiros na capital paraense, ao longo da sua jornada o viajante passa a adquirir maior independência. Desta forma, foi capaz de fugir das limitadas rotas de comércio existentes entre as vilas da região e organizar e planejar suas próprias incursões, reunindo equipes de barqueiros e ajudantes que o acompanhavam. Ainda assim, em diversos momentos,

as rotas comerciais que ligavam pequenos vilarejos às grandes capitais da Amazônia brasileira foram importantes facilitadores da movimentação do naturalista, sendo necessário atentar para a influência destas rotas no trabalho científico de campo. Na medida em que aprendia o idioma e as convenções sociais locais, aumentava a sua independência para tratar diretamente com os colaboradores que necessitava, sem necessidade de um mediador para possibilitar a relação.

Ainda assim, chama a atenção a quantidade de mediadores¹⁰³⁸ que tiveram participação ativa em sua expedição. Segundo o próprio naturalista, a burocracia de necessitar mostrar seu passaporte em todas as cidades visitadas, assim como a convenção social que o obrigava a se apresentar aos moradores mais ilustres de cada local, facilitaram a sua relação com membros diversos da elite brasileira naquela região. Chama a atenção, também, a quantidade de indivíduos que se relacionou por diversas oportunidades com os naturalistas que visitaram a região. Sendo a região amazônica um dos destinos favoritos de viagem para viajantes estrangeiros, especialmente a partir de meados do século XIX, não faltaram oportunidades para que a população local pudesse interagir com os visitantes estrangeiros. Contudo, é possível perceber que apenas uma parcela desta população recorrentemente auxiliava os naturalistas que visitavam suas cidades. Seria interessante se, futuramente, fosse feito um levantamento sobre quem eram estes indivíduos que mais frequentemente estiveram associados aos viajantes que passaram pela região. Da mesma forma, mapear a rede de colaboradores de outros naturalistas que visitaram as mesmas áreas poderia permitir um olhar aprofundado sobre a composição social destas redes, ampliando as possibilidades para além do limite permitido pelas redes do tipo ego.

A utilização de técnicas de análise de rede e visualização gráfica, assim como *softwares* como o Gephi, também podem ser ferramentas úteis para o futuro da pesquisa das relações entre os naturalistas e seus colaboradores locais. Embora já exista uma gama de pesquisadores implantando estas metodologias em pesquisas em ciências humanas e sociais, como os diversos exemplos citados no capítulo 5, ainda parece haver alguma resistência quanto a seu uso na área da História. Nesta pesquisa, a visualização da rede em forma gráfica foi uma ferramenta facilitadora de algumas das relações de Bates com seus colaboradores. O grande número de indivíduos envolvidos com a expedição e a grande quantidade de informações disponíveis no livro de viagem trazem desafios para a análise da rede de Bates no Brasil. Assim, a criação de um gráfico que representasse visualmente estes relacionamentos facilitou a leitura e análise da informação. Além disso, as vantagens da apresentação de informações visuais para criar

¹⁰³⁸ Apesar da escolha do termo mediador, seria igualmente possível utilizar intermediário, *go-between*, *broker*, dentre outros tantos termos já utilizados em pesquisas sobre este tema.

engajamento e interesse por parte do público também são fatores de interesse para os pesquisadores, uma vez que podem auxiliar na comunicação e divulgação dos resultados de suas próprias pesquisas.

Assim, com a criação da visualização da rede com o Gephi complementando a análise textual, reunindo as informações publicadas por Bates em seu livro de viagem, mas também buscando outros pontos de vista disponíveis em relatos de outros viajantes, correspondências e notícias publicadas em periódicos da época, foi possível observar de forma abrangente os relacionamentos de Bates com a população amazônica. A quantidade de indivíduos envolvidos com a expedição, assim como a diversidade social dos mesmos, e também dos auxílios prestados ao naturalista, formam um outro desafio de análise, uma vez que é preciso atentar para a heterogeneidade do grupo e individualidade de seus membros.

Logo, é preciso analisar individualmente as relações de Bates com cada um de seus colaboradores, motivo pelo qual é importante tentar identifica-los e encontrar maiores informações sobre eles, sendo os periódicos da época uma rica fonte de informações neste sentido. Assim, é possível ter uma visão mais geral da relação do naturalista com os seus colaboradores e fazer algumas aproximações. Desta forma, é notável observar como, durante as primeiras semanas de sua residência, seu círculo de relacionamentos esteve quase sempre limitado aos residentes estrangeiros na capital que, em sua maioria, foram importantes mediadores das relações entre Bates e alguns membros da elite local. Além disso, também foram várias as oportunidades em que estes residentes estrangeiros possibilitaram a interação de Bates com auxiliares práticos como guias, barqueiros, caçadores, etc. O número significativo de residentes estrangeiros, principalmente norte-americanos e ingleses, chama atenção para as relações políticas e comerciais entre o Brasil e o exterior, e para a presença do comércio internacional na região. O auxílio recebido por residentes, sendo eles estrangeiros ou não, foi constantemente um elemento fundamental para o sucesso dos viajantes. Diferentemente dos visitantes, residentes possuíam acesso a infraestrutura material e humana, círculos sociais e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos.

Ao considerar os auxílios recebidos por Bates durante sua passagem pelo Brasil, é particularmente interessante notar a quantidade de indivíduos que colaborou com a sua expedição, especialmente porque muitos deles estiveram diretamente envolvidos com a coleta de espécimes. No caso específico de Bates, formar coleções que pudessem ser enviadas ao seu agente em Londres era fundamental, pois sem o lucro obtido com a venda dos espécimes, o naturalista não teria sido capaz de se manter no país. Assim, no caso de viajantes como Bates e Wallace, que não contavam com o apoio financeiro de um mecenas ou de um governo, alistar

colaboradores locais que pudessem contribuir não só caçando e coletando espécimes, mas também guiando os naturalistas pela mata, manejando suas embarcações pelos rios, e compartilhando informações sobre a fauna e flora local, era essencial para a própria manutenção e sucesso da expedição. Sem este auxílio, caso tivessem que contar apenas com a quantia que trouxeram inicialmente da Inglaterra, seus fundos certamente não teriam permitido uma estada tão longa e abrangente pela região.

Por este motivo, não é exagero afirmar que a expedição de Bates não teria obtido os mesmos resultados sem a sua extensiva rede de colaboradores. A identificação e observação atenta das contribuições recebidas a partir de alguns dos seus principais colaboradores, como realizado nos capítulos anteriores, permite atestar este fato. Ao longo desta pesquisa, foi possível observar que Bates esteve todo o tempo acompanhado durante toda a sua viagem pelo Brasil. Mesmo após o retorno de Wallace para a Inglaterra, o naturalista jamais viajou pelo país completamente sozinho. De maneira geral, Bates manteve uma boa relação tanto com os residentes estrangeiros, quanto com a elite local, assim como com os ribeirinhos, escravos, libertos e indígenas com quem teve contato. Esses relacionamentos foram essenciais para a sua expedição, como afirmou por diversas vezes ao longo do relato que publicou posteriormente.

Seu relacionamento com os moradores locais não foi apenas importante para sua expedição, mas também parece ter marcado de algum modo aqueles moradores que interagiram com o naturalista. O reflexo de sua passagem pelo país ecoou na região ao longo dos anos, mesmo após a sua partida, como é possível observar nos relatos publicados por Agassiz e Trail, onde ambos afirmam ter conhecido moradores locais que afirmaram conhecer o “senhor Henrique”. No total, foram 11 anos em que Bates residiu e viajou pela região, nos quais interagiu constantemente com todas as camadas sociais que a povoavam, criando verdadeiros laços de amizade e confiança (palavras utilizadas pelo próprio naturalista) com os moradores. Mesmo após a sua partida, Bates manteve uma troca de correspondências com alguns deles, e foi também lembrado por outros. É possível afirmar que durante sua passagem pelo Brasil, Bates não só recebeu contribuições importantes dos moradores locais, mas tornou-se, em certa medida, ele mesmo um morador local. Como afirmou Moon, ao estudar a vida do naturalista: “*Bates became one of the river people, well known up and down the river, to traders, officials and boat crews*”¹⁰³⁹.

¹⁰³⁹ MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. op. cit.* p. 29.

REFERÊNCIAS

FONTES

1. AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cabot Cary. *A Journey in Brazil*. 4ª ed. Boston: Ticknor and Fields, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/details/journeyinbrazil00agasia>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
2. BATES, Henry Walter. Coleopterous insects frequenting damp places. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843. p. 114-115. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.
3. BATES, Henry Walter. Seasons of appearance of *Polyommatus Argiolus*. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843. p. 199. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.
4. BATES, Henry Walter. Occurrence of *Colias Edusa* in Leicestershire. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c.* Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843. p. 330. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.
5. BATES, Henry Walter. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/o-naturalista-no-rio-amazonas-t1/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
6. BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. (Coleção Foundations in Biological Thought. Editado por Janice M. Hughes). Canadá: Briar Bird Press, 2017. 2 vols.
7. BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. 2ª edição. London: John Murray, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonriv01bategoog>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
8. BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
9. BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. II. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive02bate>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
10. BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. California: CreateSpace, 2017.
11. BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons*. London & Toronto: J. M. Dent & Sons, New York: E. P. Dutton & Co. 1910. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonr00bate>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
12. BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.
13. BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliográfico brasileiro*. vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. Disponível em:

- <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/221681/000011472_01.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2019.
14. CHAMPION, G. C. *Catalogue of the library of the Entomological Society of London*. London: Simmons and Botten, 1893. Disponível em: <<https://archive.org/details/b24862952>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
 15. CLODD, Edwards. *Memoir*. In: BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. London: John Murray, 1892. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonri00bate>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
 16. DARWIN, Charles. *The descent of man and selection in relation to sex*. New York: D. Appleton and Company, 1871. vol. I. Disponível em: <<https://archive.org/details/descentman00darwgoog/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
 17. DARWIN, Charles. *The descent of man and selection in relation to sex*. New York: D. Appleton and Company, 1871. vol. II. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.44749/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
 18. DARWIN, Charles. *The variation of animals and plants under domestication*. New York: Orange Judd & Company, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/stream/variationofan02darw#page/n5>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
 19. DARWIN, Francis (ed.) *The Life and Letters of Charles Darwin, including an autobiographical chapter*. vol. II. London: John Murray, 1887. 412p. Disponível em: <<https://archive.org/stream/lifelettersofcha02darw>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
 20. DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Tome deuxième. Paris: Firmin Didot Frères, 1835. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon326377/gallery/index.htm > Acesso em: 27 jul. 2016.
 21. EDWARDS, William Henry. *A Voyage up the Amazon including a residency at Pará*. New York: D. Appleton & Company, 1847. Disponível em: <<https://archive.org/details/voyageupriverama00edwauoft>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
 22. HIS ROYAL HIGHNESS PRINCE ADALBERT OF PRUSSIA. *Travels in the South of Europe and in Brazil with a voyage up the Amazon and its tributary the Xingú, now first explored*. vol. II. London: David Bogue, 1849. Disponível em: <<https://archive.org/details/travelsofhisroya02adal>>. Acesso em: 27 out. 2018.
 23. KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1980.
 24. KNIGHT, Charles. *The pictorial museum of animated nature*. vol. I, London: Charles Cox, 1844. p. 29. Disponível em: <<https://archive.org/details/pictorialmuseumo01kniguoft/>>. Acesso em: 1 fev. 2019.
 25. LAEMMERT, Eduardo. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o anno de 1851*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1851. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=D9wWAQAAMAAJ&hl=pt_BR>. Acesso em: 19 dez. 2018.
 26. LYELL, Charles. *Elements of Geology*. Londres: John Murray. 1838. Disponível em: <<https://archive.org/details/elementsgeology06lyelgoog>>. Acesso em: 9 ago. 2018.
 27. MARTIUS, Carol. Frid. Phil. de. *Historia naturalis palmarum*. vol. II, Lipsiae: T.O. Weigel, 1823-1850. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/506>>. Acesso em: 1 fev. 2019.
 28. MÜLLER, Fritz. *Für Darwin*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/frdarwin00mlgoog/page/n11>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

29. ORTON, James. *The Andes and the Amazon: or, Across the continent of South America*. New York: Haper & Brothers, 1870. 355p. Disponível em: <<https://archive.org/details/andesamazonoracr00orto>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
30. QUEKKET, John. *A practical treatise on the use of the microscope*. Londres: H. Bailliere, 1855. Disponível em: <<https://archive.org/details/apracticaltreat00quekgoog>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
31. SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Atlas zur Reise in Brasilien*. München: M. Lindauer, 1823-31. p. 38. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074.htm>. Acesso em: 24 jan. 2019.
32. SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazon & Andes*. London: MacMillan and Co. Limited. vol. I. 1908. Disponível em: <<https://archive.org/details/notesabotanisto01spruogoo>>. Acesso em: 12 out. 2018
33. SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazon & Andes*. London: MacMillan and Co. Limited. vol. II. 1908. Disponível em: <<https://archive.org/details/notesofbotanisto00spruoft>>. Acesso em: 12 out. 2018.
34. STEVENS, Samuel. *Directions for collecting and preserving specimens of natural history in tropical climates*. 2ª ed. London: McGowan & Co. 1855.
35. THOMPSON, James. *The history of Leicester, from the time of the Romans to the end of the seventeenth century*. Londres: W. Pickering, 1849. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=GP9AAAAcAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 2 ago. 2018.
36. WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley*. Londres: Reeve and Co., 1853. 597 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/narrativeoftrave00wall>>. Acesso em: 27 jul. 2016.
37. WALLACE, Alfred Russel. *My life*. A record of events and opinions by Alfred Russel Wallace. Londres: Chapman & Hall, Ltd. 1905. Volume I. Disponível em: <<https://archive.org/stream/myliferecordofev01walluoft>>. Acesso em: 7 ago. 2018.
38. WALLACE, Alfred Russel. *My life*. A record of events and opinions by Alfred Russel Wallace. Londres: Chapman & Hall, Ltd. 1905. Volume II. Disponível em: <<https://archive.org/stream/myliferecordofev02walluoft>>. Acesso em: 7 ago. 2018.
39. WALLACE, Alfred Russel. On the monkeys of the Amazon (1852). In: WALLACE, Alfred Russel. *Alfred Russel Wallace Classic Writings*, paper 3, 2009. Disponível em: <https://digitalcommons.wku.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=dpls_fac_arw>. Acesso em: 24 jan. 2019.
40. WALLACE, Alfred Russel. *Palm trees of the Amazon and their uses*. London: John van Voorst, 1853. Disponível em: <<https://archive.org/details/palmtreesofamazo00wall>>. Acesso em: 24 set. 2018.
41. WALLER, Richard (ed.). *The posthumous work of Robert Hooke*. London: Sam Smith and Benj. Walford, 1705. Disponível em: <https://archive.org/details/b30454621_0001/>. Acesso em: 23 jan. 2019.

ARQUIVOS

1. Birth certificate for Alice Bates. *Coleção Files Re Henry Walter Bates*, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
2. BOULANGER, Aleixo. *Descrição da viagem de suas majestades imperiais à Europa*, Códice C, 153, Arquivo Grão-Pará, Petrópolis, 1872.

3. CHANDLESS, William. Notes of a Journey up the River Juruá. JMS/6/94. *Royal Geographical Society Journal Manuscripts Collection*. (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 2 nov. 2017.
4. COLEÇÃO *Directors' Correspondence* DC/179 folio 380, Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 21 nov. 2017.
5. COLEÇÃO *East African Kilimanjaro expedition*, Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 22 nov. 2017.
6. Coleção *Files Re Henry Walter Bates*, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
7. COLEÇÃO *Miscellaneous report, Gambia*, 1862-1908, Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 21 nov. 2017.
8. COLEÇÃO *Miscellaneous report, Afghanistan, botanical exploration*, Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 22 nov. 2017.
9. COLEÇÃO *Goods inwards, volume 1848-1858*. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
10. DE MELLO, Antonio Epaminondas. *Relatório com que o Exm. Snr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello entregou a administração da Província do Amazonas ao Exm. Snr. Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, vice-presidente da mesma, em 24 de junho de 1866*. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1866. p. 356. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/169331/1721>>. Acesso em: 27 dez. 2018.
11. DO REGO, Jacintho Pereira. *Exposição com o que o Exmo. Snr. Jacintho Pereira do Rego passou a administração da Província do Amazonas no dia 24 de agosto de 1868*. Manaus: Typographia do Amazonas de Antonio da Cunha Mendes. 1869. p. 54. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/169331/1970>>. Acesso em: 27 dez. 2018.
12. *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903)*. Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.
13. *Marriage certificate of Bates and Mason*, M532, 15 jan. 1863. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
14. PARANHOS, José Maria da Silva. *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=o905AQAAAJ&hl=pt_BR>. Acesso em: 20 dez. 2018.
15. *POCKET-BOOK, with enclosures (ff. 169-175), of Henry Walter Bates, the naturalist, used during his travels in Brazil, of which he gave an account in The Naturalist on the River Amazons, 2 vols., 1863*. Referência: Add MS 42138 A-B. (Western Manuscripts, British Library, London, United Kingdom). 15 nov. 2017.
16. *The Manuscript Collection of Henry Walter Bates (1825-1892)*. Referência: 140639. (South Kensington, Entomology Special Collections, Natural History Museum, London, United Kingdom). 5 dez. 2017.

CORRESPONDÊNCIAS

1. BATES, Henry Walter [Carta] 19 nov. 1856. Tunantins, Upper Amazons. [para] WALLACE, Alfred Russel. Singapore. 8f. Sobre as observações científicas dos dois naturalistas nos países onde se encontravam. In: *Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903)*. Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of

- Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.
2. BATES, Henry Walter [Carta] 28 mar. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 12f. Responde as questões enviadas por Darwin em carta anterior. DAR 160.1: 62. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3104.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
 3. BATES, Henry Walter. [Carta] 1 set. 1866. Havery Square, Folkestone, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 9f. Sobre as opiniões de Agassiz sobre a glaciação. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.
 4. BATES, Henry Walter. [Carta] 10 nov. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] SCLATER, Philip. 4f. Pedre informações sobre um gênero de aves e informa sobre estar escrevendo um relato popular sobre sua viagem. GB 0814 BADB (Bates). Letters from Henry Walter Bates, 1862-1871. (Zoological Society of London, London, United Kingdom). 9 nov. 2017.
 5. BATES, Henry Walter. [Carta] 11 set. 1866. Havery Square, Folkestone, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 9f. Sobre as opiniões de Agassiz sobre a glaciação. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.
 6. BATES, Henry Walter. [Carta] 12 maio 1863. Harmood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Sobre a quantidade de espécies novas que enviou do Brasil. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 52 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 7. BATES, Henry Walter. [Carta] 13 dez. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Sobre o progresso de seu livro de viagem e sua opinião sobre as obras de Hooker que havia lido. Letters do J. D. Hooker, volume 2, f. 35. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 8. BATES, Henry Walter. [Carta] 13 jun. 1851. Pará, Brasil. [para] WALLACE, Mary Ann. Weston Super Mare, United Kingdom. 3f. Informando sobre a morte de Herbert Wallace por febre amarela no Pará. WCP1658 (Natural History Museum Library and Archives, London, United Kingdom). 21 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1658/1531/T/details.html>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
 9. BATES, Henry Walter. [Carta] 14 jun. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 2f. Sobre o progresso do seu livro de viagem e informações entomológicas. DAR 160.1: 70. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3604.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
 10. BATES, Henry Walter. [Carta] 16 maio 1863. Harmood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Sobre a resolução da controvérsia com J. E. Gray e pedindo informações botânicas. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 53 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

11. BATES, Henry Walter. [Carta] 16 mar. 1863. Hollis Place, Prince of Wales' Road, London, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 5f. Sobre seu artigo sobre o mimetismo publicado pela Linnean Society. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.
12. BATES, Henry Walter. [Carta] 17 jan. 1870. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Sobre sua revisão da obra *The Descent of Man*, incluindo sugestões de alteração. DAR 82: A44-5. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-7082.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
13. BATES, Henry Walter. [Carta] 17 nov. 1865. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] SCLATER, Philip Lutley. 4f. Sobre o peixe pulmonado do Amazonas. GB 0814 BADB (Bates). Letters from Henry Walter Bates, 1862-1871. (Zoological Society of London, London, United Kingdom). 9 nov. 2017.
14. BATES, Henry Walter. [Carta] 17 out. 1862. King St, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 5f. Sobre a redação de seu livro de viagem e Edwin Brown. DAR 160.1: 71 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017.
15. BATES, Henry Walter [Carta] 21 out. 1868. 15 Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] LYELL, Charles. 4f. Sobre uma carta que recebeu de um amigo de Manaus, informando sobre ter observado um fenômeno de erosão. Papers of Sir Charles Lyell (1797-1875) GB 237 Coll-203. (Edinburgh University Library, Edinburgh, Scotland, United Kingdom). 20 nov. 2017.
16. BATES, Henry Walter. [Carta] 17 out. 1862. King St, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 5f. Sobre a redação de seu livro de viagem e Edwin Brown. DAR 160.1: 71 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017.
17. BATES, Henry Walter. [Carta] 19 mar. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 4f. Sobre o artigo que havia publicado e a recepção que havia recebido no círculo científico de Londres. Letters to J. D. Hooker, volume 2, f. 33. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
18. BATES, Henry Walter. [Carta] 20 abr. 1863. Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. London, United Kingdom. 1f. Sobre a mudança para Londres, prospectos de emprego e remuneração, e sua esposa. DAR 160: 75 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4116.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018. Grifos do original.
19. BATES, Henry Walter. [Carta] 26 abr. 1864. 22 Harmood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 2f. Sobre a nomeação de Bates para o cargo de Secretário Assistente da Royal Geographical Society. DAR 101: 92. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4474.xml>>. Acesso em: 2 set. 2018.
20. BATES, Henry Walter. [Carta] 28 jan. 1865. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Sobre a recepção de seu artigo em um periódico alemão e sua nova posição na Royal Geographical Society. DAR 160: 79. (Cambridge University Library, Cambridge,

- United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4756.xml>>. Acesso em: 2 set. 2018.
21. BATES, Henry Walter. [Carta] 28 mar. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 3f. Em resposta a uma carta recebida de Hooker, agradecendo os elogios e afirmando que gostaria de publicar um artigo no periódico da Linnean Society. Letters do J. D. Hooker, volume 2, f. 34. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 22. BATES, Henry Walter. [Carta] 29 set. 1863. Harwood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Sobre críticas ao livro de Bates, seu trabalho entomológico e a saúde de Darwin. DAR 160: 77 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4313.xml>>. Acesso em: 11 set. 2018.
 23. BATES, Henry Walter. [Carta] 30 abr. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. 11f. Sobre insetos sul-americanos e outros temas. DAR 47: 175, DAR 160.1: 67-8. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3523.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
 24. BATES, Henry Walter. [Carta] 30 abr. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 11f. Sobre insetos sul-americanos e outros temas. DAR 47: 175, DAR 160.1: 67-8. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3523.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
 25. BATES, Henry Walter. [Carta] 30 set. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 4f. Compartilha informações entomológicas e discute a publicação de seu livro de viagem. DAR 205.10. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3271.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
 26. BATES, Henry Walter. [Carta] 4 jul. 1862. Harwood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 1f. Sobre a nomeação de O'Shaughnessy para uma vaga no British Museum. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 55 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 27. BATES, Henry Walter. [Carta] 4 out. 1878. Savile Row, Burlington Gardens, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 4f. Sobre os exploradores que se dirigiam à parte oriental da África. Director's Correspondence DC/79 folio 207-211 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 28. BATES, Henry Walter. [Carta] 6 fev. 1892. [para] KELTIE, James Scott. Sobre seu estado de saúde e a necessidade de alguém continuar seu trabalho. 1f. RGS CORR. BLOCK CB7 1881-1910 (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 17 out. 2017.
 29. BATES, Henry Walter. [Carta] 7 fev. 1872. Savile Row, Kensington Gardens, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom. 4f. Sobre a expedição de Livingstone à África. Director's Correspondence

- DC/79 folio 207 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
30. BATES, Henry Walter. [Carta] 8 abr. 1863. Harmood Street, London, United Kingdom. [para] DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. 3f. Sobre a redação de seu livro de viagem e a mudança para Londres. DAR 160: 74 (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4079.xml>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
 31. BATES, Henry Walter. [Carta] 8 jan. 1865. Whitehall Place, London, United Kingdom. [para] TRIMEN, Roland. 1f. Sobre como o trabalho na Royal Geographical Society não o permitia se dedicar à Entomologia. RES 19/5 179 (Royal Entomological Society, St. Albans, United Kingdom). 16 nov. 2017.
 32. BATES, Henry Walter. [Carta] s.d. Harmood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 2f. Sobre a possibilidade de oferecer-se para publicar os novos catálogos do British Museum. Letters to J. D. Hooker, volume 2, folio 51 (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 33. BATES, Henry Walter; WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 3 abr. 1848. Regent's Park, London, United Kingdom. [para] HOOKER, W. J. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 1f. Agradecendo a carta de recomendação e informando que irão selecionar espécies para enviar ao jardim botânico. Director's Correspondence DC/26 folio 567 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/3803/3720/T/details.html>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
 34. BATES, Henry Walter; WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 30 mar. 1848. Regent's Park, London, United Kingdom. [para] HOOKER, W. J. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 1f. Sobre carta de recomendação e instruções para a viagem ao Brasil. Director's Correspondence DC/26 folio 566 (Royal Botanic Gardens, Kew, Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/3802/3719/T/details.html>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
 35. BATES, Henry. [Carta] 28 jul. 1850. Leicester, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Pará, Brasil. 4f. Sobre a estadia de Bates no Brasil e dá notícias da família. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 36. BATES, Henry. [Carta] 28 jul. 1850. Leicester, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Pará, Brasil. 4f. Sobre a estadia de Bates no Brasil e dá notícias da família. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 37. BATES, Sarah Ann. [Carta] 13 jul. 1897. [para] KELTIE, James Scott. Sobre sua mudança para Follkestone 3f. RGS CORR. BLOCK CB7 1881-1910 (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 17 out. 2017.
 38. BATES, Sarah. [Carta] 28 jul. 1850. Leicester, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Pará, Brasil. 4f. Pede pelo retorno do filho à Inglaterra. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 39. BUTTERWORTH, Alan. [Carta] 10 fev. 1965. [para] BATES, Herbert H. 1f. Sobre o interesse em reunir documentos sobre Henry Walter Bates, avô do destinatário. Coleção

- Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
40. DARWIN, Charles. [Carta] 15 dez. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester. United Kingdom. 6f. Sobre sua revisão de um dos manuscritos de Bates. DCP-REPO-232 (Leeds University Library, Leeds, United Kingdom). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3345.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
 41. DARWIN, Charles. [Carta] 18 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harmood Street, London, United Kingdom. 4f. Sobre o volume um do livro de viagem de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4107.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
 42. DARWIN, Charles. [Carta] 20 nov. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 1f. Sobre o artigo de papes Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. DAR 160.1: 72. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3825.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
 43. DARWIN, Charles. [Carta] 22 nov. 1860. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 8f. Agradece pela carta recebida e elogia as observações de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/DCP-LETT-2993.xml>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
 44. DARWIN, Charles. [Carta] 25 nov. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] HOOKER, J. D. 1f. Sobre coleções entomológicas e as borboletas de Bates expostas no British Museum. DAR 115: 134. (Cambridge University Library, Cambridge, United Kingdom). 26 out. 2017. Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3329.xml>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
 45. DARWIN, Charles. [Carta] 25 nov. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 4f. Sobre os detalhes da publicação de um livro de viagem com o editor Murray e o artigo recém publicado por Bates. Carta nº3827. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3827.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
 46. DARWIN, Charles. [Carta] 26 mar. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 8f. Elogia os artigos publicados por Bates e faz diversas perguntas sobre a variação em insetos. Carta nº3100. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3100.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
 47. DARWIN, Charles. [Carta] 28 jan. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom [para] MURRAY, John. 4f. Sobre a intenção de Bates em publicar um livro de viagem, e suas recomendações sobre o naturalista. Ms. 42153 ff. 28-29. (National Library of Scotland, John Murray Archive). Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3415.xml>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
 48. DARWIN, Charles. [Carta] 3 dez. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Sobre o

- artigo de Bates no periódico da Linnean Society e o livro de viagem de Wallace. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3338.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
49. DARWIN, Charles. [Carta] 30 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harmood Street, London, United Kingdom. 6f. Sobre o volume dois do livro de viagem de Bates. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4132.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
50. DARWIN, Charles. [Carta] 4 abr. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Sobre variação, seleção sexual e mimetismo. Encoraja Bates a publicar sobre sua viagem e observações. Carta nº3109. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3109.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
51. DARWIN, Charles. [Carta] 4 abr. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Sobre variação, seleção sexual e mimetismo. Encoraja Bates a publicar sobre sua viagem e observações. Carta nº3109. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3109.xml>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
52. DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [Carta] 14 ago. 1863. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Sobre diversos temas científicos e sugerindo a leitura do livro de Bates. 4f. DCP-REPO-13 (American Philosophical Society, Philadelphia, Pennsylvania, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4267.xml>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
53. EDWARDS, William Henry. [Carta] 23 out. 1904. Coalburgh, West Virginia, United States. [para] WALLACE, Alfred Russel. Broadstone, Wimborne, Dorset, United Kingdom. 2f. Relembrando do encontro em 1848 e respondendo questões sobre um crucifixo de marfim. WP/1/8/171 (Natural History Museum General Library, London, United Kingdom). 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1359/1138/S/details.html>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
54. EDWARDS, William Henry. Coalburgh, West Virginia, United States of America. [Carta]. 23 out. 1904. [para] WALLACE, Alfred Russel. Old Orchard, Broadstone, Wimborne, Dorset. 2f. Sobre o encontro em Londres antes da viagem de Wallace ao Brasil e outros assuntos. WP1/8/171 (Natural History Museum, Londres, Reino Unido). 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1359/1138/S/details.html>>. Acesso em: 23 dez. 2018.
55. HOOKER, J. D. [Carta] 13 maio 1863. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 22 Harmood Street, Haverstock Hill, London, United Kingdom. 1f. Sobre como lidar com as críticas recebidas dos membros do British Museum. In: BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. London: John Murray, 1892. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonri00bate>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
56. SPRUCE, Richard. [Carta] 3 ago. 1849. [para] HOOKER, William. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 5f. Dá notícias sobre sua viagem ao Brasil. Letters

- from Spruce (1842-1890), nº 259. (Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom). 23 nov. 2017.
57. STECHER, Robert M. [Carta] 24 fev. 1965. [para] MCKIE, Douglas. 2f. Sobre a descoberta do nascimento da filha de Bates fora do casamento. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 58. STECHER, Robert M. [Carta] 4 jun. 1965. [para] WALDEN. 2f. Sobre a decisão de não fazer nova menção ao nascimento da filha de Bates antes do casamento, uma vez que o livro já estava sendo impresso. Coleção Files Re Henry Walter Bates, 10D73, 1808-1890. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
 59. WALLACE, Alfred Russel [Carta] nov. 1858. Ilha Baca, Molucas, Indonésia [para] ROYAL ENTOMOLOGICAL SOCIETY. Reino Unido. 2f. Sobre a publicação de ilustrações de insetos. Natural History Museum, London, United Kingdom, Item ID WCP4748. 19 out. 2017.
 60. WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 25 jan. 1858. [para] BATES, Henry Walter. 3f. Sobre suas viagens e a expectativa de se reencontrarem na Inglaterra. Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.
 61. WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 25 jan. 1858. [para] BATES, Henry Walter. 3f. Sobre suas viagens e a expectativa de se reencontrarem na Inglaterra. Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. Natural History Museum, London, United Kingdom. Barcode/Item ID 337379-1001. Call Number MSS. BATES E 1:1. South Kensington Entomology Off-Site Store. 19 out. 2017.
 62. WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 2 mar. 1858. Ternate, Malay Archipelago. [para] BATES, Frederick. 12f. Sobre o estado da arte da Entomologia e suas expectativas de que Bates pudesse contribuir a preencher a lacuna de trabalhos entomológicos. Manuscript collection of Frederick Bates (1829-1903). Geodephaga Britannica, being a catalogue of the species of Geodephaga in the cabinet of F. Bates from December 1855 / Frederick Bates circa 1855. MSS. BATES E 1:1. (South Kensington Entomology Off-Site Store, Natural History Museum, London, United Kingdom). 3 out. 2017.
 63. WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 28 dez. 1845. Neath, Glamorganshire, Wales, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 6f. Sobre gabinetes para acondicionamento de espécimes, o livro Vestiges of the Natural History of Creation e teorias sobre o desenvolvimento progressivo das espécies. WP1/3/17 (Natural History Museum General Library, London, United Kingdom). 28 set. 2017. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/346/346/S/details.html>>. Acesso em: 11 ago. 2018.
 64. WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 8 mar. 1892 [para] KELTIE, John Scott. Royal Geographical Society, London, United Kingdom. 2f. Sobre não se sentir capacitado para escrever uma homenagem sobre a vida de Bates para a sociedade de geografia. CB7/93 (Royal Geographical Society, London, United Kingdom). 17 out. 2017.

PERIÓDICOS

1. ALLEN, Grant. Bates of the Amazons. *The fortnightly review*. Dezembro, 1892. p. 798-809.
2. AMAZONAS. *Jornal do Recife*, Anno XXV, nº 159, 15 jul. 1882. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/19219>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
3. ASSEMBLÉA GERAL, EM 17 DE AGOSTO DE 1853. *O Auxiliador da Indústria Nacional*. Nova série, vol. 1I, nº 2, agosto, Rio de Janeiro: Empreza Typ. Dous de Dezembro, 1853. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/302295/8972>>. Acesso em: 26 jan. 2019.
4. BAIÃO, 26 DE MAIO DE 1872. *O Liberal do Pará*, ano IV, nº 123, 4 jun. 1872. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/704555/2818>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
5. BATES, Henry Walter. Carta para Samuel Stevens. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a monthly journal of Natural History*, v. 11, 1853, London: John van Voorst. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/123035#page/9/mode/1up>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
6. BATES, Henry Walter. Carta para Samuel Stevens. In: NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a monthly journal of Natural History*, v. 8, 1850, London: John van Voorst. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/107486#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
7. BATES, Henry Walter. Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley. In: ENTOMOLOGICAL SOCIETY OF LONDON. *Transactions of the Entomological Society of London*. New series, vol. 5, London: C. Roworth and sons, 1858-1861. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/51010#page/7/mode/1up>>. Acesso: 25 ago. 2018.
8. BATES, Henry Walter. Contributions to an Insect fauna of the Amazon valley. In: *Transactions of the Entomological Society of London*. volume V, 1861. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1365-2311.1861.tb02259.x>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
9. BATES, Henry Walter. Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley. Lepidoptera: Heliconidae. *Transactions of the Linnean Society of London*, nº 23, 1862, pp. 495-556.
10. BATES, Henry Walter. Remarks on local species of Coleoptera in the neighbourhood of Burton-on-Trent. *The Zoologist*, vol. 6, 1848. pp. 1997-1999. Disponível: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/123030#page/81/mode/1up>>. Acesso em: 19 ago. 2018.
11. CAIXA Filial. *Diário de Pernambuco*. Ano XXXIV, nº 17, 22 jan. 1858. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/9725>. Acesso em: 20 dez. 2018.
12. CARRINGTON, John T. *Science-gossip*. New series, vol. VI, nº 66. Nov. 1899. p. 161. Disponível em: <<https://archive.org/details/sciencegossip0666lond>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
13. CATECHESE e civilização dos índios. *A Estrella do Norte: Periódico Religioso*. Pará, Anno IV, nº 31, 5 ago. 1866. p. 244. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/223859/1126>>. Acesso em: 27 dez. 2018.
14. CHANDLESS, William. Notes of a Journey up the River Juruá. In: ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *The Journal of the Royal Geographical Society*. vol. 39, 1869. pp. 296-311. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/i303908?refreqid=excelsior%3A3a2478353fac6c4abe697adfb0724548>>. Acesso em: 2 set. 2018.

15. CHITTY, Edward. *Petitia stevensiana*. In: *Proceedings of the Zoological Society of London*. Part XXV, London, 1857. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/100996>>. Acesso em: 24 jan. 2019.
16. COPE, E. D. Catalogue of the species of batrachians and reptiles contained in a collection made at Pebas, Upper Amazon, by John Hauxwell. *Proceedings of the American Philosophical Society held at Philadelphia for promoting useful knowledge*. Vol. 23, 1885, p. 94-103. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/page/6899002>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
17. CORRESPONDÊNCIA. *A Epocha*, ano II, nº 14, 19 jan. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/55>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
18. ENTOMOLOGICAL SOCIETY OF LONDON. *Transactions of the Entomological Society of London*. New series, vol. 5, London: C. Roworth and sons, 1858-1861. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/51010#page/7/mode/1up>>. Acesso: 25 ago. 2018.
19. EXPEDIENTE DO GOVERNO. *Treze de Maio*, nº 647, 24 jan. 1856. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/2798>>. Acesso em: 26 jan. 2019.
20. EXTRACTO DO EXPEDIENTE DE 20 DE SETEMBRO. *Gazeta official*, ano I, nº 111, 22 set. 1858. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720836/1098>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
21. EXTRATAMOS do Diário do Grão Pará. *Treze de Maio*, nº 508, 30 jun. 1855. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/2208>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
22. FACTOS DIVERSOS. *O Liberal do Pará*, 24 abr. 1874. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/704555/4917>>. Acesso em: 17 dez. 2018.
23. FIZERAM-SE as eleições. *Treze de Maio*. nº 841 e 842, 4 out. 1848. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/700002/947>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
24. GOVERNO DA PROVÍNCIA. *Estrella do Amazonas*. 31º trimestre, nº 594, 13 nov. 1861. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213420/590>>. Acesso em: 24 dez. 2018.
25. INVASÃO do Amazonas. *Correio Mercantil*. Ano X, nº 277, Rio de Janeiro, 4 out. 1853, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/8056>>. Acesso em: 15 dez. 2018.
26. *LEICESTER JOURNAL AND MIDLAND COUNTIES GENERAL ADVERTISER*. Leicester, Inglaterra, Reino Unido. 6 jul. 1855. p. 3. Disponível em: <<https://newspaperarchive.com/leicester-journal-and-midland-counties-general-advertiser-jul-06-1855-p-3/>>. Acesso em: 3 ago. 2018.
27. LEICESTER, Mr. *Leicester Mercury*, Leicester, 9 fev. 1945. Coleção B.Biography Henry Walter BATES (d.1892) Naturalist and Explorer, Fellow of the Royal Society. 1959. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.
28. LEILÕES. *A Epocha*: folha política, commercial e noticiosa, ano II, nº 91, 27 abr. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/363>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
29. MACKINDER, Halford John. On the scope and methods of Geography. In: ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*. New monthly series, vol. 9, nº 3, mar. 1887. pp. 141-174. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1801248>>. Acesso em: 4 set. 2018.
30. MARKHAM, Clements R. A list of the tribes in the Valley of the Amazon, including those on the banks of the main stream and of all its tributaries. *The Journal of the*

- Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*. vol. 24, 1895, pp. 236-284. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2842158>>. Acesso em: 28 set. 2018.
31. MESMO POR TODA A PARTE. O Brasil: vestra res agitur, vol. VI, nº 607, 12 nov. 1844. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709565/2379>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
32. MURCHISON, Roderick. *Proceedings of the Royal Geographical Society*. Vol. VIII, 1863-1864. p. 183. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.104541>>. Acesso em: 2 set. 2018.
33. NECROLOGIA. *Estrella do Amazonas*. 20º trimestre, nº 335, 13 nov. 1858. p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213420/1730>>. Acesso em: 23 dez. 2018.
34. NEWMAN, Edward (ed.) *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History*. Vol. 10. London: John van Voorst, 1852. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/123032>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
35. NEWMAN, Edward (ed.). *The Zoologist*. vol. 8. London: John van Voorst, 1850. Disponível em: <<https://ia800308.us.archive.org/5/items/zoologist08zool/zoologist08zool.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
36. NEWMAN, Edward. *The Zoologist: a popular miscellany of Natural History conducted by Edward Newman, F.L.S., Z.S., &c*. Vol. 1. Londres: John Van Voorst, 1843, prefácio. Disponível em: <<https://archive.org/stream/zoologist2526lond#page/n7>>. Acesso em: 4 ago. 2018.
37. ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. Obituary: Henry Walter Bates, F. R. S. *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*. New Monthly Series. Vol. 14, nº 4, abril 1892, pp. 245-257. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1801515>>. Acesso em: 2 ago. 2018.
38. ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*. New monthly series, vol. XIV, 1892. p. 190. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.463859>>. Acesso em: 5 set. 2018.
39. SHARP, David. Henry Walter Bates, F.R.S. *The Entomologist*. Vol. XXV, nº 847. April 1892.
40. SR. SEPTIMUS Brocklehurst e o commercio do Pará. *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*. Belém do Pará, 11 dez. 1877, Comunicado. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/2643301664745/I0002215-20Alt=002080Lar=001324LargOri=004638AltOri=007288.JPG>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
41. STECHER, Robert M. The Darwin-Bates letters correspondence between two-nineteenth century travellers and naturalists. Part I. In: *Annals of Science*, vol. 25, issue 1, 1969, p. 95-125. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00033796900200011>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
42. STECHER, Robert M. The Darwin-Bates letters correspondence between two-nineteenth century travellers and naturalists. Part II. In: *Annals of Science*, vol. 25, issue 2, 1969, p. 95-125. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00033796900200051>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
43. STEVENS, Samuel. Journey to Explore the Province of Parà. In: JARDINE, Bart W. et al. (ed.). *The Annals and Magazine of Natural History, including Zoology, Botany, and Geology*. Vol. III, second series. London: R. and J. E. Taylor. 1849. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/54554>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

44. TRANSMITIU-SE por cópia às câmaras. *Amazonas*. Anno II, nº 71, 12 out. 1867. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/164992/218>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
45. TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO AMAZONAS. Justiça e política no Amazonas Imperial. *Amazonas*, 2008. Disponível em: <https://www.tjam.jus.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2>. Acesso em: 23 dez. 2018.
46. USURPAÇÃO do nosso território pelos Inglezes. *Diário de Pernambuco*, 17 jul. 1843. Interior, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/4292>. Acesso em: 15 dez. 2018.
47. VIEIRA, B. J. Tributo de Gratidão. *A Epocha: Folha Política, Commercial e Noticiosa*. Pará, ano 2, nº 248, 4 nov. 1859. p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720828/984>>. Acesso em: 17 dez. 2018.
48. WALLACE, Alfred Russel. H. W. Bates, the Naturalist of the Amazons. *Nature*, nº 45, pp. 398-399. 25 fev. 1892. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/045398c0>>. Acesso em: 27 out. 2018.

BIBLIOGRAFIA

1. ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/FredericoAbdalla.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2018.
2. ADES, Dawn. *Arte na América Latina: a era moderna, 1820 – 1980*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.
3. ALLEN, David Elliston. *The naturalist in Britain. A social history*. London: A. Lane, 1976. 292p.
4. ALSTON, A. H. G. Henry Walter Bates: a centenary. *The Geographical Journal*, vol. 112, nº 1/3, 1948. pp. 1-3. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1789150>>. Acesso em: 4 set. 2018.
5. ANTUNES, Anderson Pereira. *A iconografia dos viajantes Oitocentistas: um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde) – Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2013. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/brasiliansa/media/Monografiaandersonantunes.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.
6. ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2015. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.
7. ANTUNES, Anderson Pereira; MASSARANI, Luisa Medeiros; MOREIRA, Ildeu De Castro. Local collaborators in Henry Walter Bates's Amazonian Expedition (1848-1859). In: D'ANGELO, Fabio (org.). *The scientific dialogue linking America, Asia, and Europe between the 12th and the 20th Century*. Theories and techniques travelling in space and time. 1ed. Naples: Associazione culturale Viaggiatori, 2018, p. 382-400. Disponível em:

- <http://www.viaggiatorijournal.com/cms/cms_files/20180706110008_avae.pdf>.
Acesso em: 27 nov. 2018.
8. ANTUNES, Anderson; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Uma análise da rede de auxiliares da expedição de Louis Agassiz a Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, 2016, pp. 113-125. Disponível em: <https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2786>. Acesso em: 27 nov. 2018.
 9. ANTUNES, Cátia. A história da análise de redes e a análise de redes em história. *História, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, IV Série, vol. 2, 2012, p. 11-22. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11313.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
 10. AUGRAS, Monique. Imaginária França Antártica. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, nº 7, 1991, p. 19-34. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2312/1451>> Acesso em: 28 jul. 2018.
 11. BASALLA, George. The Spread of Western Science. *Science*. vol. 156, nº 3775, 1967, pp. 611-622. Disponível em: <<http://faculty.rmu.edu/~short/research/science-centers/references/Bassala-G-1967.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
 12. BEDDALL, Barbara G. *Wallace and Bates in the Tropics*. An introduction to the theory of Natural Selection, based on writings of Alfred Russel Wallace and Henry Walter Bates. Ontario: The Macmillan Company, 1969.
 13. BEER, Gillian. Travelling the other way. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N; SECORD, J. A. (ed.). *Cultures of natural history*. Great Britain: Cambridge University Press. 1996. pp. 322-337.
 14. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito do Brasil dos viajantes. *Revista USP* (30), 6-19, São Paulo: USP, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i30p6-19>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
 15. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
 16. BELMAR, Antonio García; SÁNCHEZ, José Ramón Bertomeu. Constructing the centre from the periphery. In: SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (ed.) *Travels of learning*. A geography of science in Europe. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003, pp. 143-188.
 17. BENCHIMOL, Jaime Larry. Bacteriologia e medicina tropical britânicas: uma incursão a partir da Amazônia (1900-1901). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, v. 5, nº 2, p. 315-344, mai.-ago. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222010000200008>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
 18. BORDIN, Andréa Sabedra; GONCALVES, Alexandre Leopoldo; TODESCO, José Leomar. Análise da colaboração científica departamental através de redes de coautoria. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 19, nº 2, 2014, p. 37-52. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/1796>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
 19. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da História Oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 183-193.
 20. BOURGUET, Marie-Noëlle. O explorador. In: VOVELLE, Michel (dir.). *O Homem do Iluminismo*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
 21. BRADFORD, William C. Reaching the visual learner: teaching property through art. *The Law Teacher*, vol. 11, 2004. Disponível em:

- <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=587201>. Acesso em: 29 jan. 2019.
22. BRAGA, Robério. A Igreja Católica no Poder Legislativo Provincial (1852-1866). *Biblioteca Virtual do Amazonas*. Série Memória. Disponível em: <<http://bv.cultura.am.gov.br/templates/areatematica/seriememoria/pdfs/ffc7ef231da9c7a5e680913e2e51cb11.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2018.
 23. BROAD, Gavin. *Publicação eletrônica [mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por <anderson.p.antunes@gmail.com> em 10 dez. 2018.
 24. BROWNE, Janet. Biogeography and empire. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; RECORD, J. A. (ed.). *Cultures of natural history*. Great Britain: Cambridge University Press, 1996, pp. 305-321.
 25. BROWNE, Janet. Natural History collecting and the Biogeographical tradition. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, pp. 959-967. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500009>. Acesso em: 26 jul. 2018.
 26. BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11052004-103058/publico/Dissertacao_Magali_Saber_USP.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.
 27. BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2ª edição revista e ampliada. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215p.
 28. CAMERINI, Jane. Remains of the day: early Victorians in the field. In: LIGHTMAN, B. (ed.). *Victorian science in context*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997, pp. 354-377.
 29. CAMERINI, Jane. Wallace in the field. *Osiris*, 2nd series, v. 11, Science in the field. p. 44-65, 1996. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018
 30. CAMPOS, Ipojuca. Religião e religiosidade em “O naturalista no Rio Amazonas”: Henry Walter Bates, Grão-Pará (1848/1859). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº 16, jan.-jul. 2014, p. 57-84. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/download/1637/1935>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
 31. CASTELLS, Manoel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
 32. CECCO, Bruna Larissa; BERNARDI, Luci T. M. dos Santos; DELIZOICOV, Nadir Castilho. Formação de professores que ensinam matemática: um olhar sobre as redes sociais e intelectuais do BOLEMA. *Bolema*, v. 31, nº 59, dez. 2017, p. 1101-1122. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v31n59a13>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
 33. COELHO, Mauro Cezar. *Do sertão para o mar*. Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da colônia: o caso do Diretório dos Índios (1751-1798). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08062006-085817/pt-br.php>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

34. COONES, Paul. The centenary of the Mackinder readership at Oxford. *The Geographical Journal*, vol. 155, nº 1, mar. 1989. pp. 13-23. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/635377>>. Acesso em: 4 set. 2018.
35. COOTE, Anne et al. When commerce, Science and Leisure collaborated: the Nineteenth-century global trade boom in Natural History collections. *Journal of Global History*. University of Wollongong, Australia. nº 12, vol. 3, 2017, pp. 319-339. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=4235&context=lhapapers>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
36. CORRÊA, Margarida Maria da Silva. *Da construção do olhar europeu sobre o Novo Mundo ao (re)descobrimento do reino tropical*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias – Universidade Federal de Goiás, 1997. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/CORR_A__Margarida_Maria_da_Silva._1997.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2019.
37. COSTA, James T.; BECCALONI, George. Deepening the darkness? Alfred Russel Wallace in the Malay Archipelago. *Current Biology*, vol. 24, issue 22, 17 nov. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.cub.2014.09.061>>. Acesso em: 17 fev. 2019.
38. CRAWFORTH, Anthony. *The butterfly hunter*. The life of Henry Walter Bates. Buckingham: University of Buckingham Press, 2009. 272p.
39. CRAWFORTH, Anthony. *The evolution of an evolutionary man*. Henry Walter Bates, 1825 – 1892. Tese de Doutorado. School of Humanities, University of Buckingham, United Kingdom. 2008. 279 p.
40. CRIBB, Phillip. The orchid collections and illustrations of Consul Friedrich C. Lehmann. *Lankesteriana*. vol. 10, nº 2-3. dez. 2010. Disponível em: <<http://lankesteriana.org/PUBLankester/voll0num2-3-e.html>>. Acesso em: 19 ago. 2018.
41. CUKIER, Rosa. *Palavras de Jacob Levy Moreno*. Vocabulário de citações, do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.
42. CUNNINGHAM, Andrew. The culture of gardens. In: SPARY, E.C.; JARDINE, N.; SECORD, J.A. (ed.). *Cultures of Natural History*. Reino Unido: Cambridge University Press, 1996, pp. 38-56.
43. DA COSTA, Pedro Henrique Antunes et al. Sistema de referência e de contrarreferência na rede de atenção aos usuários de drogas: contribuições da análise de redes sociais. *Cadernos Saúde Coletiva*, 23 (3), 2015, p. 245-252. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201500030129>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
44. DA CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 36, pp. 61-98, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/his.v36i0.2689>>. Acesso em: 2 fev. 2019.
45. DA CRUZ, Dalila Gimenes et al. Análise de redes sociais em periódico científico. *VII Seminário em Ciência da Informação*. Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/view/424/274>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
46. DA SILVA, Victor Rafael Limeira. *Alfred Russel Wallace e os mundos amazônicos: o natural e o humano no contexto das Ciências Naturais Oitocentistas (1848-1852)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. 2015. Disponível em:

- <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/510>>. Acesso em: 15 dez. 2018.
47. DA SILVEIRA, Murilo Artur; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. Rede de textos científicos na Ciência da Informação: análise cienciométrica da institucionalização de um campo científico. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, vol. 9, nº 3, jun. 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_65139a9fbb_0007617.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.
 48. DAUNTON, Martin (ed.). *The organisation of knowledge in Victorian Britain*. Oxford: Oxford University Press. 2005.
 49. DELBOURGO, James. Fugitive colours: shaman's knowledge, chemical empire and Atlantic revolutions. pp. 271-320. IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.
 50. DICKENSON, John. Henry Walter Bates 1825-1892. *Geographers Biobliographical Studies*, vol. 11, 1987.
 51. DICKENSON, John. The Naturalist on the River Amazons and a Wider World: Reflections on the Centenary of Henry Walter Bates. *The Geographical Journal*, vol. 158, nº 2, 1992. pp. 207-214. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3059789>>. Acesso em: 8 maio 2018.
 52. DO CARMO, Viviane Arruda; BIZZO, Nélio; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. Alfred Russel Wallace e o princípio de seleção natural. *Filosofia e História da Biologia*, v. 4, pp. 209-233, 2009. Disponível em: <<http://www.abfhib.org/FHB/FHB-04/FHB-v04-07-Viviane-Carmo-et-al.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018.
 53. DO REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1279.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2018.
 54. DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, nº55, jan./jun. 2008, p. 133-152. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882008000100007>. Acesso em: 26 ago. 2018.
 55. DOMINGUES, Angela. Oficiais, cavaleiros e concorrentes: o “Brasil” nas viagens de circum-navegação do século das Luzes. *Revista de Índias*, vol. LXXIII, nº 258, 2013, p. 365-398. Disponível em: <<http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/viewFile/928/1001>>. Acesso em: 22 set. 2018.
 56. DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, pp. 823-838. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500002>. Acesso em: 26 jul. 2018.
 57. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O darwinismo no Brasil, nas ciências naturais e na sociedade. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 1 e 2, jan.-dez. 2014, pp. 114-137. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/1730/1238>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

58. DROUIN, Jean-Marc; BENSUAUDE-VINCENT, Bernadette. Nature for the people. IN: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; SECORD, J. (ed.). *Cultures of Natural History*. Reino Unido: Cambridge University Press, 1996, pp. 408-425.
59. DUARTE, Durango. *Manaus entre o passado e o presente*. 1ª ed. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.
60. FABIAN, Johannes. *Out of our minds. Reason and madness in the exploration of Central Africa*. Berkeley: University of California Press, 2000.
61. FAN, Fa-ti. Science in a Chinese entrepôt: British naturalists and their Chinese associates in Old Canton. *Osiris*, 2nd series, v. 18, Science and the City, 2003, p. 60-78. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3655285>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
62. FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; MORAES, Vera Lucia Martins de. O retorno impossível: Charles Darwin e a escravidão no Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências – Universidade Federal do Rio de Janeiro*, vol. 31, 2008, pp. 65-82. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_2008_1/2008_1_65_82.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.
63. FERNANDES, Felipe Tâmega. *Institutions, Geography and Market Power: The Political Economy of Rubber in the Brazilian Amazon, c.1870-1910*. Tese (Doutorado). Department of Economic History, London School of Economics and Political Science. London, July 2009. Disponível em: <<http://etheses.lse.ac.uk/2745/1/U615694.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2018.
64. FERREIRA, Rubens da Silva. Henry Walter Bates: Um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação. *Integração*. Ano XII, nº 46. pp. 231-240. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2018.
65. FERREIRA, Sylvio Mário Puga. *Federalismo, economia exportadora e representação política: o Amazonas na República Velha (1889-1914)*. Tese (Doutorado). Instituto de Economia, Universidade de Campinas. Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285529/1/Ferreira_SylvioMarioPuga_D.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2018.
66. FIGUEIRÔA, S. F. de M. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997.
67. FIGUEIRÔA, Silvia F. Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. pp. 235-246.
68. FIGUEIRÔA, Silvia. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). *Asclepio*, n.2, p. 107-123, 1998.
69. FLECK, Ludwik. *Genesis and development of a scientific fact*. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.
70. FRADE JÚNIOR, E. F.; Brito, E. S.; ORTEGA, G. P.; MATTAR, E. P. L. Neutralização química de acidez em solos sedimentares da Amazônia Ocidental, Acre. *Enciclopédia Biosfera*, v. 9, nº 16, p. 1566-1572, 2013. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2013a/agrarias/NEUTRALIZACAO.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
71. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. São Paulo: Unesp, 2012, 614p.

72. FREIRE, José Ribamar Bessa. *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Abessa-freire-2003/bessa_freire_2003.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2019.
73. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
74. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 2006.
75. GIORDANO, Rafaela Boeira. *Do jornal à ciência: a Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica*. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016. 239p. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/883/1/Rafaela%20Giordano%20-%20Doutorado%20-%202016.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2019.
76. GOH, Kwang-Il et al. The human disease network. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. vol. 104, nº 21, 2007, p. 8685-8690. Disponível em: <<https://doi.org/10.1073/pnas.0701361104>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
77. GOLD, Matthew K. (ed.). *Debates in the digital humanities*. London: University of Minnesota Press, 2012.
78. GOMBRICH, Ernst H. *Arte e ilusão*. Um estudo da psicologia da representação pictórica. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 473p.
79. GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
80. GREENE, Derek; CUNNINGHAM, Pádraig. Producing a unified graph representation from multiple social network views. *Proceedings of the 5th annual ACM web science conference*. ACM, 2013. Disponível em: <<http://derekgreene.com/papers/greene13websci.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
81. GREGÓRIO, Vitor Marcos. *Dividindo as províncias do Império: A emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro (1826-1854)*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-12062013-102746/publico/2012_VitorMarcosGregorio.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2018.
82. GREGÓRIO, Vitor Marcos. O progresso a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônica do século XIX. *Nova Economia*, Belo Horizonte, 2009, vol. 19, nº 1, pp. 185-212. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512009000100008>>. Acesso em: 15 dez. 2018.
83. GUERRA, Rogério E. Padre Raulino Reitz e as ciências naturais no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis. vol. 44, n. 1, 2010, p. 15. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2178-4582.2010v44n1p9>>. Acesso em: 22 dez. 2018.
84. GUIMARÃES, Cláudio Marcelo Matos; GALVÃO, Viviane. Análise da rede de colaboração científica sobre biogás. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, nº 2, abr./jun. 2015, p. 120-133. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2305>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
85. HEMMING, John. *Naturalists in Paradise*. Wallace, Bates and Spruce in the Amazon. New York: Thames & Hudson Inc. 2015. 368 p.

86. HEYMANN, Sébastien. Gephi initiator interview: how “semiotics matter”. *Gephi blog*. 1 fev. 2010. Disponível em: <<https://gephi.wordpress.com/2010/02/01/gephi-initiator-interview-how-semiotics-matter/>>. Acesso em: 8 jan. 2019.
87. HODACS, Hanna. Linnaeans outdoors: the transformative role of studying nature “on the road” and outside. *British Journal of History of Science*, 2010. Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/ghcc/eac/people/hodacs/hanna_hodacs_lineans_outdoors.pdf> Acesso em: 26 jul. 2018.
88. HUA, Jie; HUANG, Mao Lin; WANG, Guohua. Graph layout performance comparisons of force-directed algorithms. *International Journal of Performability Engineering*. Vol. 14, nº 1, jan. 2018, p. 67-76. Disponível em: <<https://opus.lib.uts.edu.au/bitstream/10453/124560/1/IJPE-2018-01-08.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.
89. HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists*. London: Thames & Hudson, 2007.
90. IMAM, Ali. Visualize your LinkedIn network with InMaps. *LinkedIn Official Blog*. 24 jan. 2011. Disponível em: <<https://blog.linkedin.com/2011/01/24/linkedin-inmaps>>. Acesso em: 8 jan. 2019.
91. JACOMY, M. et al. ForceAtlas2, a continuous graph layout algorithm for handy network visualization designed for the Gephi software. *PLoS ONE*, vol. 9, nº 6, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0098679>>. Acesso em: 16 jan. 2019.
92. JACOMY, Mathieu; BASTIAN, Mathieu; HEYMANN, Sebastien. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. *International AAAI Conference on Weblogs and Social Media*. 2009. Disponível em: <<https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/view/154>>. Acesso em: 8 jan. 2019.
93. KARINTHY, Frigyes. *Chain-links*. Tradução para o inglês por Adam Makkai. 1929. Disponível em: <https://djjr-courses.wdfiles.com/local--files/soc180:karinty-chain-links/Karinty-Chain-Links_1929.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2019.
94. KNAPP, Sandra. *Alfred Russel Wallace in the Amazon*. Footsteps in the forest. Londres: Natural History Museum, 2013. With foreword by Professor Sir Ghillean Prance FRS, VMH Director, Royal Botanic Gardens, Kew, 1988-1999.
95. KNAPP, Sandra. Alfred Russel Wallace. The problem of the origin of species (1823-1913). In: HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists*. Londres: Thames & Hudson, 2007.
96. KNIGHT, D. M. Travels and science in Brazil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), pp. 809-22, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500001>. Acesso em: 14 ago. 2018.
97. KNIGHT, David. Tyrannies of distance in British Science. In: HOME, R. W.; KOHLSTEDT, Sally Gregory (ed.). *International Science and National Scientific Identity: Australia between Britain and America*. Berlin: Springer Science & Business Media, 2012.
98. KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
99. KURY, Lorelai Brilhante; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. *A ciência dos viajantes: natureza, populações e saúde em 500 anos de interpretações do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2000. [Catálogo de Exposição] 48p.
100. KURY, Lorelai. As artes da imitação nas viagens científicas do século XIX. In: VERGARA, Moema de Rezende; ALMEIDA, Marta de (orgs.). *Ciência, História e Historiografia*. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2008, pp. 321-333.

101. KURY, Lorelai. As mil vozes da natureza. In: KURY, Lorelai (org.). *Representações da fauna no Brasil. Séculos XVI – XX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.
102. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001.
103. KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil Oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, p. 863-880. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500004>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
104. KUTZ, Antonieta; Falco, Mariana; GIANDINI, Roxada. Análisis de redes sociales: un caso práctico. *Computación e Sistemas*, vol. 20, nº 1, 2016, p. 89-106. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.13053/cys-20-1-2321>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
105. LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Tradução Marcela Mortara. Porto Alegre: Sulina, p. 39-63. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/64-JACOB-BIBAL-POR.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
106. LATOUR, Bruno. *Science in action*. How to follow scientists and engineers through society. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
107. LEE, Monica. *300 Year Journey: Leicester naturalist Henry Walter Bates, F.R.S. and his family. 1665-1985*. Hampstead: Havant, 1985. 108p.
108. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
109. LEIVA, Pilar Ponce; AMADORI, Arrigo. Redes sociales y ejercicio del poder en la América Hispana: consideraciones teóricas y propuestas de análisis. *Revista Complutense de História de América*, vol. 34, 2008, p. 15-42. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/download/RCHA0808110015A/28432>>. Acesso em: 2 fev. 2019.
110. LIMA, Carla Oliveira de. A Amazônia nos caminhos da História Natural. *13º Seminário nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.13snhct.sbhc.org.br/resources/anais/10/1344992458_ARQUIVO_TEX_TOSBHCA.R.W.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2018.
111. LIMA, Carla Oliveira. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista: Viagem, ciência e interações*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2014. Dissertação (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/16082/2/204.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2018.
112. LINSLEY, E. Gorton. *The principal contributions of Henry Walter Bates to a knowledge of the butterflies and longicorn beetles of the Amazon valley*. (Biologists and their world). Reprint of articles originally published between 1859 and 1892. With an introduction by Keir B. Sterling. New York: Arno Press, 1978.
113. LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
114. LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius. Taxonomia e sentimento. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, p. 179-194, jan/jun 2009.
115. LOPES, Maria Margaret. O local musealizado em nacional – aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX, no Brasil. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio

- Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. pp. 77-96.
116. LOPES, Maria Margaret. Viajante pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2001, p. 881-897. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500005>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
 117. LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. Network analysis in Public Health: History, methods, and applications. *The Annual Review of Public Health*, nº 28, 2007 p. 69-93. Disponível em: <<http://10.1146/annurev.publhealth.28.021406.144132>>. Acesso em: 8 jan. 2019.
 118. MA, Kwan-Liu; LIAO, Isaac; FRAZIER, Jennifer; HAUSER, Helwig; KOSTIS, Helen-Nicole. Scientific storytelling using visualization. *IEEE Transactions on Visualization and Computer Graphics*, vol. 32, nº 1, jan.-fev. 2012. p. 12-19. Disponível em: <<https://ieeexplore.ieee.org/document/6111347>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
 119. MALLET, James. Poulton, Wallace and Jordan: how discoveries in Papilio butterflies led to a new species concept 100 years ago. *Systematics and Biodiversity*, vol. 1, nº 4, 2004, pp. 441-452.
 120. MARIEB, Elaine N.; HOEHN, Katja. *Human anatomy & physiology*. 7ª ed. San Francisco: Benjamin Cummings, 2006.
 121. MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 5, nº 1, 2010, p. 27-46. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/26/56>>. Acesso em: 2 jan. 2019.
 122. MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. Análise de rede social. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, vol. 11, nº 1, jan./jun. 2014, p. 131-146. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n1p131>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
 123. MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Unib, 1982.
 124. MEDEIROS, Gírlene. Ruas de Manaus persistem à troca de nomes e guardam história da capital. *G1*. 24 out. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/10/ruas-de-manau-persistem-troca-de-nomes-e-guardam-historia-da-capital.html>>. Acesso em: 26 jan. 2019.
 125. MELLO-LEITÃO, Cândido de. *História das Expedições Científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/6/historia-das-exploracoes-cientificas-no-brasil>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
 126. MENDELHSON, Everett. The social construction of scientific knowledge. In: MENDELHSON, Everett; WEINGART, P.; WHITLEY, R. (eds.). *The social production of scientific knowledge*. Boston: D. Reidel Publishing Company, 1977. pp. 3-25.
 127. MEREDITH, Margaret. Friendship and knowledge: Correspondence and communication in Northern Trans-Atlantic Natural History, 1780-1815. pp. 151-192. In: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. USA: Science History Publications, 2009.

128. MERTON, Robert King. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.
129. MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 530p.
130. MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. Entre a brandura e a força. *Acervo: revista do Arquivo Nacional*, v. 21, nº 1, jan./jun. 2008. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008, pp. 133-148.
131. MOON, Harold Philip. *Henry Walter Bates F.R.S. 1825-1892. Explorer, scientist and Darwinian*. Leicester: Leicestershire Museums, Art Galleries and Records Office, 1976, 101p.
132. MORAES, Alice Ferry de. A oferta informacional das hemerotecas. *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*, 2002, Fortaleza, Anais. Fortaleza: FEBAB, 2002. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/5961/1/12%20CBBB%20-%20A%20oferta%20informacional%20das%20hemerotecas.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
133. MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. M. The naturalists and the popularisation of Science. *7th International Conference on the Public Communication of Science and Technology (PCST7)*, Cape Town, 2002.
134. MOREIRA, Ildeu de Castro. O escravo do naturalista. *Ciência hoje*, v. 31, n. 184, julho 2002. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/escravo.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
135. MORENO, J. L. *Who shall survive? A new approach to the problem of Human interrelations*. Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Co., 1934. Disponível em: <<https://archive.org/details/whoshallsurviven00jlm0/>>. Acesso em: 1 fev. 2019.
136. NEOMAN STUDIOS. *Thirteen reasons why your brain craves infographics*. Disponível em: <<https://neomam.com/interactive/13reasons/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
137. NIETO-GALAN, Augustí. Under the banner of Catalan industry. In: SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula (ed.) *Travels of learning. A geography of science in Europe*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003, pp. 189-212.
138. NOACK, Andreas. Modularity clustering is force-directed layout. *Physical Review*, vol. 79, nº 2, 2009. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/0807.4052.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.
139. NORONHA, Daisy Pires. Análise das citações das dissertações de mestrado e teses de doutorado em saúde pública (1990-1994): estudo exploratório. *Ciência da Informação*, vol. 27, nº 1, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651998000100009>>. Acesso em: 19 jan. 2019.
140. NUNES, Fernando Alves. A Amazônia e a formação do Estado Imperial no Brasil: unidade do território e expansão de domínio. *Almanack*. Guarulhos, nº 3, 2012, p. 54-65. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320120305>>. Acesso em: 15 dez. 2018.
141. NUNES, Francivaldo Alves. Aspectos fundiários em uma comarca no interior da Amazônia (Cametá-Pará, décadas de 1860 e 1870). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300880412_ARQUIVO_ANPUH_FRANCIVALDO_TEXTO.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

142. O'HARA, James E. Henry Walter Bates – his life and contributions to biology. *Archives of Natural History*, nº 22, vol. 2, 1995, pp. 195-219.
143. OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of Information Science*, vol. 28, nº 6, 2002. p. 441-453. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555150202800601>>. Acesso em: 8 jan. 2019.
144. PADGETT, John F.; ANSELL, Christopher K. Robust action and the rise of the Medici, 1400-1434. *American Journal of Sociology*, vol. 98, nº 6, 1993, p. 1259-1319. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2781822>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
145. PANDOLFI, Fernanda Cláudia; BUENO, Newton Paulo. Análise de redes sociais em História: noções básicas e sugestões de aplicação. *Anais do XIX Encontro Regional de História*. Juiz de Fora, 28 a 31 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/34/1401385226_ARQUIVO_anpuh_paper29-05corrigido.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.
146. PAPAVERO, Nelson. Fritz Müller e a comprovação da teoria de Darwin. In: DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p. 29-44. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/txcs6/pdf/domingues-9788575414965-04.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
147. PARKER, Irene. *Dissenting academies in England*. Their rise and progress and their place among the educational systems of the country. Cambridge: University Press, 1914.
148. PINHEIRO, Rachel. *O que nossos cientistas escreviam: algumas das publicações em ciências no Brasil do século XIX*. 2009. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287016>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
149. PINHEIRO, Rachel; LOPES, Maria Margaret. Aspectos das produções textuais nas viagens científicas. *Revista Triplov*, 2003. Disponível em: <http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/rachel.html>. Acesso em: 30 nov. 2018.
150. PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, Universidade de Coimbra, nº 271, mar. 2007. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
151. PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *Travessia*, Universidade Federal de Santa Catarina, nº 38, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/14665/13434>>. Acesso em: 28 jan. 2019.
152. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. São Paulo: EDUSC, 1999. 394p.
153. PRESS, Robert. Erasmus Darwin. Evolutionary beginnings (1731-1802). In: HUXLEY, Robert (ed.). *The Great Naturalists*. Londres: Thames & Hudson, 2007. pp. 159-169.
154. QUAMMEN, David. *As dúvidas do Sr. Darwin: o retrato do criador da teoria da evolução*. Tradução Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
155. RAJ, Kapil. Mapping knowledge go-betweens in Calcutta, 1770-1820. pp. 105-150. IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.).

- The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820.* Massachusetts: Science History Publications, 2009.
156. RAJ, Kapil. *Relocating modern science. Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1605-1900.* Houndmills e New York: Palgrave Mcmillan, 2010.
 157. RÉ, Henrique Antonio. Uma história da British and Foreign Anti-Slavery Society: a instituição que internacionalizou o antiescravidão britânico. *Revista de História*, São Paulo, nº 176, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.131762>>. Acesso em: 25 dez. 2018.
 158. REVEL, Jacques. O inverso das Luzes: os intelectuais e a cultura “popular” na França (1650-1800). In: REVEL, Jacques (org.) *A invenção da sociedade.* Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 139-162.
 159. RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo*, vol. 11, nº 22, 2007. pp. 5-30. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002>>. Acesso em: 19 set. 2018.
 160. RODRIGUES, Cristina Carneiro. As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, nº(50.2), jul./dez. 2011. pp. 281-300. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/04.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
 161. SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail: a British naturalist in nineteenth-century Amazonia.* Tese de Doutorado (Philosophy). Department of Philosophy, Durham University, United Kingdom. 1996. Disponível em: <<http://etheses.dur.ac.uk/5398>>. Acesso em: 14 ago. 2018.
 162. SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, vol. 29, nº 57, jan.-jun. 2009, pp. 91-116. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882009000100004>>. Acesso em: 22 jan. 2019.
 163. SAFIER, Neil. Spies, dyes and leaves: agro-intermediaries, Luso-Brazilian couriers, and the worlds they sowed. pp. 239-270. IN: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820.* Massachusetts: Science History Publications, 2009.
 164. SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
 165. SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Espelhos partidos: etnia, legislação e desigualdades na colônia Sertões do Grão-Pará, 1755 – 1823.* (Tese de Doutorado) Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2001. Disponível em: <http://www.academia.edu/1004515/Espelhos_partidos_etnia_legisla%C3%A7%C3%A3o_e_desigualdade_na_col%C3%B4nia>. Acesso em: 26 jan. 2019.
 166. SAMPAIO, Ricardo Barros et al. A colaboração científica na pesquisa sobre coautoria: um método baseado na análise de redes. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, nº 4, out./dez. 2015, p. 79-92. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2447/1683>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
 167. SANTOS, Alan Christian de Souza. *O que revelar? O que esconder? Imprensa e maçonaria no findar do dezenove (Pará, 1872-1892).* Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4555/1/Dissertacao_RevelarEsconderImprensa.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2019.

168. SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-betweenes and global intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009.
169. SCHIEBINGER, Londa. *Plants and Empire*. Harvard University Press, 2004.
170. SHAPIN, Steven. *A Social History of Truth: Civility and Science in Seventeenth-Century England*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
171. SHAPIN, Steven; BARNES, Barry. Science, nature and control: interpreting Mechanics' Institutes. *Social Studies of Science*, vol. 7, nº 1, 1977, pp. 31-74. Disponível em: <https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/3353819/shapin_science.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 ago. 2018.
172. SMITH, Charles H. Alfred Russel Wallace and the Road to Natural Selection, 1844-1858. *Journal of the History of Biology*, nº 48, 2015, pp. 279-300. Disponível em: <<http://www.blc.arizona.edu/courses/schaffer/449/Wallace/Smith%20-%20Wallace%20and%20the%20Road%20to%20Evolution.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
173. SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. *Agassiz e Gobineau – as ciências contra o Brasil mestiço*. 2008. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3993/2/000035.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2018.
174. SOUZA, Flavia Pacheco Alves de; KAMENSKY, Andrea Paula dos Santos Oliveira. Fritz Müller, o naturalista darwinista do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 23, nº 36, fev. 2017, p. 470-492. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7976.2016v23n36p470>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
175. SPARY, Emma C.; JARDINE, Nicholas. The natures of cultural history. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; SCORD, J. A. (ed.). *Cultures of Natural History*. Reino Unido: Cambridge University Press, 1996, pp. 3-16.
176. STEVENSON, Brian. Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899). *Micscape Magazine*. nº 166, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
177. SUBRAHMANYAM, Sanjay. Between a rock and a hard place: some afterthoughts. In: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-Betweenes and Global Intelligence, 1770-1820*. Massachusetts: Science History Publications, 2009, pp. 429-440.
178. SULLIVAN, Debra K. William Henry Edwards. *E-WV: The West Virginia Encyclopedia*. 18 out. 2012. Disponível em: <<https://www.wvencyclopedia.org/articles/2176>>. Acesso em: 1 fev. 2019.
179. TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil*. Natal: EDUFRRN, 1995.
180. THE BUTTERFLIES THAT SAVED RHESUS BABIES. *New Scientist*, vol. 94, nº 1309, 10 jun. 1982. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=OFCXnqlSFKwC&pg=PA692&lpg=PA692&dq=liverpool+jab>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
181. TRIGO, José Roberto et al. Pyrrolizidine alkaloids: different acquisition and use patterns in Apocynaceae and Solanaceae feeding ithomiine butterflies (Lepidoptera: Nymphalidae). *Biological Journal of the Linnean Society*, vol. 58, nº 1, maio 1996. pp.

- 99-123. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1095-8312.1996.tb01663.x>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
182. VAN WYHE, John. A delicate adjustment: Wallace and Bates on the Amazon and “the problem of the origin of species”. *Journal of the History of Biology*, nº 47, 2014. pp. 627-659. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/people/2014,%20John%20van%20Wyhe,%20A%20delicate%20adjustment.%20Wallace%20and%20Bates%20Amazon.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
183. VAN WYHE, John. The impact of A. R. Wallace’s Sarawak Law paper reassessed. *Elsevier: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, vol. 60, dez. 2016, p. 56-66. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2016.09.004>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
184. VELDEN, Felipe F. Vander. Multiplicam-se muito nestas terras. Os animais domésticos europeus na América Portuguesa, séculos XVI-XVIII. In: KURY, Lorelai (org.). *Representações da fauna no Brasil. Séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014, 279p. p. 14-39.
185. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999, 208p.
186. VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes e seus pesquisadores. *Educação e Pesquisa*, vol. 41, nº 4, 2015, p. 863-881. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
187. VISUALIZING HISTORICAL NETWORKS. *Method*. 2017. Disponível em: <<http://histecon.fas.harvard.edu/visualizing/index.html#4>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
188. WALE, Matthew. The Zoologist (1843-1916). *Constructing Scientific Communities*. 2 fev. 2018. Disponível em: <<https://conscicom.org/2018/02/02/the-zoologist-1843-1916/>>. Acesso em: 4 ago. 2018.
189. WILLIAMS-ELLIS, Amabel. *Darwin’s moon: Alfred Russel Wallace*. London: Blackie & Son, 1966.
190. WOODCOCK, George. *Henry Walter Bates, naturalist of the Amazons*. London: Faber and Faber, 1969.
191. ZACKS, J.; LEVY, E.; TVERSKY, B.; SCHINAO, D. Graphs in Print. In: ANDERSON, M.; MEYER, B.; OLIVIER, P. (eds). *Diagrammatic representation and reasoning*. London: Springer, 2002, pp. 187-206.

ANEXO I

Lista completa com todos os indivíduos mencionados por Henry Walter Bates ao longo dos dois volumes da primeira edição de sua narrativa de viagem, com indicação das páginas onde são mencionados. Listados pela ordem em que aparecem no relato.

Nome	Identificação	Páginas onde é citado(a)
Alfred Russel Wallace (1823-1913)	Naturalista britânico e companheiro de viagem de Bates durante os primeiros meses no Brasil.	Volume I, páginas iii (prefácio), 112, 142, 147, 340, 343, 347. Volume II, páginas 48, 57, 236, 343.
Charles Darwin (1809-1882)	Naturalista britânico e um dos principais contatos de Bates após o retorno para a Inglaterra.	Volume I, páginas iv (prefácio), 21, 55.
John Edward Gray (1800-1875)	Naturalista britânico, descreveu as novas espécies de mamíferos coletados por Bates na Amazônia.	Volume I, páginas v (prefácio), 146. Volume II, páginas 311, 314.
Philip Lutley Sclater (1829-1913)	Naturalista britânico, descreveu as novas espécies de aves coletadas por Bates na Amazônia.	Volume I, páginas v (prefácio), 109. Volume II, página 340.
James Scott Bowerbank (1797-1877)	Naturalista britânico, descreveu as novas espécies de zoófitos coletados por Bates na Amazônia.	Volume I, página v (prefácio).
Albert Günther (1830-1914)	Naturalista teuto-britânico, descreveu as novas espécies de répteis e peixes coletados por Bates na Amazônia.	Volume I, página v (prefácio).
Josef Wolf (1820-1899)	Artista alemão responsável por alguma das gravuras que ilustram o livro de Bates.	Volume I, página vi (prefácio).
Johann Baptist Zwecker (1814-1876)	Artista alemão responsável por alguma das gravuras que ilustram o livro de Bates.	Volume I, página vi (prefácio).
Edward William Robinson (1824-1883)	Artista britânico responsável por algumas das gravuras que ilustram o livro de Bates.	Volume I, página vi (prefácio).
Daniel Miller	Estadunidense, um dos sócios da empresa de importações Singlehurst, Miller & Co., no Pará. Morava na Rua do Açougue e era o consignatário da embarcação que levou Bates e Wallace de Liverpool até o Brasil.	Volume I, páginas 6, 10, 44.
“an American gentleman”	Americano não identificado, morava no Pará e era amigo de Daniel Miller.	Volume I, página 6.

Isidoro	Escravo liberto que trabalhou como cozinheiro para Bates e Wallace no Pará.	Volume I, páginas 10, 61, 67, 112, 134.
Rev. Hamlet Clark (1823-1867)	Naturalista britânico, descreveu o comportamento das formigas saúvas do Rio de Janeiro.	Volume I, página 27.
“an enterprising French gardener”	Provavelmente Louis Arsene Onesime Barraquim. Chefe dos jardineiros no Jardim Botânico do Grão-Pará, e Bates o observou tentando destruir formigueiros de saúvas.	Volume I, página 27.
Joaquim Francisco de Araújo Danin	Comerciante português, membro da Guarda Nacional e proprietário da casa onde o Bates e Wallace residiram em Nazaré.	Volume I, páginas 44, 57.
Hermann Burmeister (1807-1892)	Naturalista alemão, mencionado por sua obra sobre o Brasil.	Volume I, página 53.
Johann Baptist von Spix (1781-1826) Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868)	Naturalistas alemães mencionados pela viagem que fizeram ao Brasil.	Volume I, páginas 53, 67, 84, 109, 111, 216, 231, 237, 306, 343, 344. Volume II, páginas 305, 307, 370.
Benjamin Upton Jr.	Estadunidense, dono de um engenho em Magoary.	Volume I, páginas 65, 74, 81, 84.
Charles Leavens	Trabalhava no engenho de Upton, é incerto se também era estadunidense ou canadense.	Volume I, páginas 68, 74, 84, 112, 130, 131, 133, 137, 139, 145.
Robert Schomburgk (1804-1865)	Naturalista alemão, mencionado por suas descrições de árvores da Guiana.	Volume I, páginas 69, 238.
“Mameluco youth”	Não identificado.	Volume I, página 73.
Hilario	Escravo, trabalhava no engenho de Upton.	Volume I, páginas 82, 83, 84.
Alexander von Humboldt (1769-1859).	Naturalista alemão, mencionado por sua obra sobre a América do Sul.	Volume I, páginas 98, 194, 335. Volume II, páginas 118, 141, 195, 316.
Isidore Geoffroy St. Hilaire (1805-1861)	Naturalista francês, mencionado por sua descrição de macacos sul-americanos.	Volume I, páginas 99, 247, 293. Volume II, páginas 54, 312.
Carl Linnaeus (1707-1778)	Naturalista sueco, mencionado por seu trabalho taxonômico.	Volume I, páginas 102, 256.
Antonio	Índigena que serviu Bates e Wallace. Ele os acompanhou do Pará ao Tocantins.	Volume I, página 112.
Alexandro	Índigena que trabalhava para Upton e Leavens e posteriormente entrou para a Guarda Nacional.	Volume I, páginas 112, 129, 130, 134.

Príncipe Adalberto da Prússia (1811-1873)	Príncipe Henrique Guilherme Adalberto da Prússia, irmão do Rei Frederico Guilherme III da Prússia, mencionado por sua viagem ao Brasil.	Volume I, página 118.
William John Burchell (1781-1863)	Naturalista britânico, mencionado por sua viagem ao Brasil.	Volume I, página 118.
Henrique de La-Roque	Comerciante português e diretor do Banco Comercial do Pará.	Volume I, páginas 118, 164.
Antônio Ferreira Gomes	Fazendeiro de Vista Alegre que hospedou Bates.	Volume I, páginas 118, 119, 122.
João Augusto Correia	Fornecer cartas de apresentação para Bates e Wallace.	Volume I, página 122.
José Antônio Correia Seixas	Morador de Baião.	Volume I, páginas 125, 128, 129, 134.
Soares	Não identificado, descrito por Bates como sendo um mameluco que trabalhava como escrivão.	Volume I, página 126.
José	Segundo Bates, mulato que trabalhava para o Senhor Seixas.	Volume I, páginas 129, 134, 137.
Manoel	Segundo Bates, indígena que trabalhava para o Senhor Seixas.	Volume I, páginas 129, 134.
George Gardner (1810-1849)	Naturalista britânico, mencionado por sua passagem pelo Brasil.	Volume I, página 132.
Joaquim	Índigena que pilotou a embarcação de Bates durante a viagem pelo rio Tocantins.	Volume I, páginas 134, 135, 137.
Senhor Joaquim	Morador de Juquerapuá que deixou que Bates estendesse sua rede em sua casa por uma noite. Descrito por Bates como um “half-wild mameluco” (p. 140).	Volume I, páginas 139, 141.
Anselme Gaëtan Desmarest (1784-1838)	Naturalista francês, mencionado por haver descrito o boto.	Volume I, página 146.
Paul Gervais (1816-1879)	Naturalista francês, mencionado por haver descrito um tipo de golfinho amazônico.	Volume I, páginas 146, 303. Volume II, página 321.
Manoel	Capitão do St. John que levou Bates na viagem do Pará até Cametá.	Volume I, página 148.
John Mendez	Piloto do St. John que levou Bates na viagem do Pará até Cametá.	Volume I, páginas 148, 149, 151.
Ângelo Custódio Correia	Segundo Bates, o cidadão mais distinto de Cametá. Ângelo Custódio Correia (Cametá, 1804,1856) foi um político brasileiro. Em 1821, com 17 anos de idade, seguiu para a França, onde se formou em Direito em Paris. Filiado ao Partido Conservador, foi deputado geral pelo Pará em três legislaturas (1838, 1842 e 1853), depois foi presidente interino da província do Pará por duas vezes, de 1 de agosto a 12 de setembro de 1850, e de 14 de maio a 31 de julho de 1855.	Volume I, páginas 155, 164, 217.

	Faleceu a bordo do navio de regresso a Belém, vítima da cólera que contraíra em Cametá, durante a epidemia ocorrida entre 1855 e 1856. O Imperador D. Pedro II, reconhecendo em Ângelo Custódio Corrêa o exemplo de governante e os relevantes serviços prestados à província durante o episódio, agraciou sua viúva com o título de Baronesa de Cametá.	
José Raimundo Furtado	Amigo de Ângelo, deixou Bates hospedado em sua rocinha em Cametá.	Volume I, página 155.
Bean	Não identificado. Estadunidense que morava em Cametá.	Volume I, página 157.
Dona Paulina	Não identificada. Viúva que vivia em Cametá.	Volume I, páginas 157, 158, 160.
“A negro who was descending in a boat”	Não identificado. Ajudou Bates e Bean com a navegação em uma excursão em Cametá	Volume I, página 157.
Maria Sibylla Merian (1647-1717).	Naturalista alemã, Bates conhecia sua descrição sobre os hábitos da aranha <i>Mygale avicularia</i> .	Volume I, página 161.
Palisot de Beauvois (1752-1820)	Naturalista francês, Bates conhecia sua descrição sobre os hábitos da aranha <i>Mygale avicularia</i> .	Volume I, página 161.
Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852)	Naturalista alemão, mencionado por discordar da descrição dos hábitos da <i>Mygale avicularia</i> pelos autores acima.	Volume I, página 161.
Mr. Patchett. Possivelmente George Patchett.	Inglês, morador de Pernambuco, que deu carona em sua embarcação para que Bates fosse de Cametá até o Pará.	Volume I, página 164, 165.
Jacinto Machado	Dono do Santa Rosa, embarcação do tipo “coberta” que levaria Bates de Cametá até o Pará e quase foi embora com suas coleções.	Volume I, páginas 165, 166, 167.
Archibald Campbell	Escocês, dono da fazenda Tauauí, em Caripí.	Volume I, páginas 169, 170, 171, 172.
Mr. Graham Possivelmente Reginaldo Graham	Naturalista amador inglês que morreu afogado com a família quando sua embarcação afundou antes de chegar a Caripí.	Volume I, página 170.
Florinda	Escrava da propriedade de Campbell.	Volume I, páginas 171, 177, 185.
John Petzell e família	Alemães que Bates encontrou em Caripí.	Volume I, páginas 173, 185, 209.
“negroes”	Sem descrição ou maiores referências, escravos de Caripí que ajudaram no extermínio de morcegos.	Volume I, página 175.

Georg Marcgrave (1610-1644)	Naturalista alemão, mencionado por sua obra sobre o Brasil. Em 1638, veio para o Brasil, onde ficou até 1643. Realizou três expedições no Nordeste brasileiro. Trabalhou ainda no primeiro observatório astronômico montado na América. Escreveu boa parte da <i>Historia naturalis brasilieae</i> , que seria publicado depois de sua morte, ocorrida em Luanda.	Volume I, página 176.
“hunters”	Caçadores não identificados que deram informações sobre a sussuarana.	Volume I, página 176.
Antonio	Escravo em Caripí. Caçou tamanduás para Bates comer.	Volume I, página 177.
“indian”	Índigena de Caripí que levou tamanduá vivo para Bates.	Volume I, página 178.
Richard Owen (1804-1892)	Naturalista britânico, mencionado por suas observações de mamíferos e aves sul-americanas. Foi um biólogo, anatomista comparativo e paleontólogo britânico, um dos mais importantes naturalistas da era vitoriana.	Volume I, página 179. Volume II, página 339.
John Gould (1804-1881)	Naturalista britânico, mencionado por suas observações de beija-flores.	Volume I, página 181.
Raimundo	Caçador conhecido em Murucupí.	Volume I, páginas 189, 190, 191, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 202.
Senhora Dominga	Mulher de Raimundo.	Volume I, página 190.
Joaquim	Aprendiz mais velho de Raimundo.	Volume I, páginas 195, 196, 198, 200, 201, 202.
Vicente Yáñez Pinzón (1462-1514)	Viajante espanhol, mencionado por sua viagem à América do Sul.	Volume I, página 214.
Francisco de Orellana (1511-1546)	Viajante espanhol, mencionado por sua viagem à América do Sul.	Volume I, página 214.
Francisco Pizarro (?-1541)	Viajante espanhol, mencionado por sua viagem à América do Sul.	Volume I, página 214.
Lope de Aguirre (1510-1561)	Viajante espanhol, mencionado por sua viagem à América do Sul.	Volume I, página 214.
Cristóbal de Acuña (1597-1676)	Viajante espanhol, mencionado por sua viagem à América do Sul.	Volume I, página 216. Volume II, página 16.
Charles Marie de La Condamine (1701-1774)	Viajante francês, mencionado por suas viagens.	Volume I, página 216.

João da Cunha Correia	Comerciante, foi suplente na Câmara Municipal de Cameté em 1848 e na Câmara Municipal de Tefé em 1867, tornando-se posteriormente vice-presidente da província do Amazonas. Viajou pelo Juruá entre 1857 e 1858, sendo considerado um dos desbravadores do rio.	Volume I, páginas 217, 218, 226, 229, 236. Volume II, páginas 191, 379.
Luco	Acompanhou Bates na viagem a Óbidos com João da Cunha Correia e na viagem posterior com Penna.	Volume I, páginas 217, 227, 267, 281, 282.
Luiz	Cozinheiro, parte da equipe de 12 homens que João da Cunha Correia levou em sua embarcação.	Volume I, páginas 219, 227.
“German Major of Engineers”	Não identificado.	Volume I, página 236.
William Lewis Herndon (1813-1857)	Capitão da Marinha dos Estados Unidos, mencionado por suas observações sobre rios da região.	Volume I, página 237.
Padre Raimundo Sanches de Brito	Padre em Óbidos.	Volume I, página 239.
Major Martinho da Fonseca Seixas	Bates ocupou um quarto em sua casa em Óbidos.	Volume I, página 241.
Antonio Thoedoro da Roza Gama	Capitão de engenheiros, morava em Óbidos.	Volume I, página 245.
Manoel	Escravo, negro, caçador.	Volume I, página 245.
“a friend of mine”	Não identificado, morava em Óbidos.	Volume I, página 250.
Rudolf e Cajetan Freiherr von Felder (1814-1894)	Autor de “Wiener Entomologische Monatschrift”.	Volume I, página 256.
Jean-Baptiste Eugène Bellier de la Chavignerie (1844-1888)	Autor dos Annales de la Société Entomologique de France.	Volume I, página 262.
Penna	Não identificado. Comerciante de Óbidos.	Volume I, páginas 266, 267, 270, 271, 274, 276, 301, 302, 307, 313, 325, 332.
Catarina, Senhora Katita	Mulher de Penna. Não identificada.	Volume I, páginas 266, 271.
Joaquim	Não identificado. Parte da tripulação de Penna.	Volume I, páginas 267, 274.
Eben P. Bailey	Cônsul dos Estados Unidos no Pará.	Volume I, página 270.
Manoel	Indígena que fazia parte da tripulação de Penna.	Volume I, páginas 267, 271.
Senhor Lima	Não identificado. Negro liberto, original de Pernambuco, que Bates encontrou em Parintins.	Volume I, página 278.

Padre Torquato Antônio de Sousa	Padre de Vila Nova, importante figura religiosa e política no Amazonas.	Volume I, páginas 285, 287, 292.
Senhor Meirelles	Não identificado, morava em Vila Nova.	Volume I, página 286.
Heinrich Kuhl (1797-1821)	Naturalista alemão, mencionado por sua descrição de espécies de macacos sul-americanos.	Volume I, página 297.
Marcellino	Morava em Barreiros de Cararaucú, onde Bates e Penna pararam por 10 dias para o comércio de Penna. Foi o anfitrião da festa que aconteceu no lugar em dezembro de 1849, em honra de Nossa Senhora da Conceição. Possivelmente Marcellino José Duarte.	Volume I, páginas 301, 302.
Maximilian Perty (1804-1884)	Naturalista alemão, mencionado por ser o autor da parte entomológica do relato de Spix e Martius.	Volume I, página 306.
Capitão Manoel Joaquim da Costa Pinheiro	Morador de Serpa (Itacoatiara). Foi eleito para a Assembleia Provincial do Amazonas em 1854.	Volume I, página 309.
João Trindade	Fazendeiro, comerciante e construtor de canoas, morador de Serpa. Possivelmente João Evangelista da Trindade	Volume I, páginas 313, 317, 318, 319, 321, 322. Volume II, página 301.
Kemp	Não identificado, estadunidense que morava com os indígenas do Rio Madeira.	Volume I, página 316.
Não identificado.	Amigo de João Trindade.	Volume I, página 320.
Henrique Antony	Italiano, morador de Barra (Manaus), notório comerciante na região. Natural da Toscana, chegou a Manaus em 1822 e naturalizou-se brasileiro em 1853. Auxiliou muitos naturalistas que passaram por Manaus.	Volume I, páginas 336, 340.
Henry Lee Norris	Cônsul dos Estados Unidos no Pará.	Volume I, página 349.
Mr. Philipps	Não identificado. Inglês residente do Pará que alojou Bates em abril de 1851.	Volume I, página 350.
José	Prestou serviços para Bates em Santarém. Viajou por muito tempo com ele, ao longo da viagem pelo Tapajós e Amazonas, incluindo Aveyros e Santa Cruz. Parece ter sido um dos principais, se não o principal, companheiro de Bates.	Volume II, páginas 3, 50, 71, 76, 86, 90, 100, 102, 106, 117, 138, 145, 147, 150, 194, 196.
Miguel Pinto de Guimarães	Delegado de polícia e, segundo Bates, principal residente de Santarém.	Volume II, página 7.

Capitão Hislop	Não identificado. Escocês morador de Santarém.	Volume II, páginas 17, 19.
Garoto sem nome	Não identificado.	Volume II, página 50.
Garoto sem nome	Não identificado. Indígena.	Volume II, páginas 50, 54.
Cecília	Feiticeira de Santarém.	Volume II, página 53.
Georges Cuvier (1769-1832)	Naturalista francês, mencionado por seu trabalho taxonômico.	Volume II, páginas 54, 214, 336, 338.
John Obadiah Westwood (1805-1893)	Naturalista britânico para quem Bates enviou suas notas sobre os cupins.	Volume II, página 60.
Hermann August Hagen (1817-1893)	Naturalista alemão que traduziu as notas de Bates sobre os cupins.	Volume II, páginas 60, 70.
Pierre Gabriel Charles Lespès (1826-1872)	Geólogo, médico zoologista francês da Faculté des Sciences de Marseille	Volume II, página 70.
Carl Eduard Adolph Gerstaecker (1828-1895)	Zoólogo e entomologista alemão.	Volume II, página 70.
Pinto	Mulato que acompanhou Bates e José na excursão pelo Tapajós em junho de 1852.	Volume II, páginas 73, 86, 90, 93.
Samuel Stevens (1817-1899)	Agente de História Natural em Londres.	Volume II, página 75.
George Brocklehurst	Comerciante inglês que era um dos sócios da empresa Singlehurst, Brocklehurst & Company, no Pará.	Volume II, páginas 75, 410.
Não identificados.	Contratados para recuperar a montaria perdida por Bates próximo a Alter do Chão.	Volume II, páginas 77, 84.
Capitão Thomas	Não identificado. Morador de Alter do Chão.	Volume II, páginas 77, 78, 79, 84.
Filho do Capitão Thomas.	Não identificado.	Volume II, páginas 78, 80, 86.
Manoel	Não identificado. Indígena de Alter do Chão.	Volume II, páginas 84, 87, 88, 93.
Jeronymo	Não identificado. Morador próximo do lado Aramána-í, próximo de Alter do Chão.	Volume II, páginas 85, 86.
Senhor Cypriano	Segundo Bates, era o inspetor do distrito de Paquiátuba, próximo a Alter do Chão, em 1853.	Volume II, páginas 86, 88, 148, 149.
Não identificado	Dono de uma casa ao longo do canal de Tapaiúna.	Volume II, página 90.
Capitão Antonio	Não identificado. Morador de Aveiros.	Volume II, páginas 103, 106, 143.
Não identificado	Residente de uma das margens do Amazonas	Volume II, página 100.
Indígena do Capitão Antonio	Não identificado.	Volume II, página 103.

Indígena de Aveiros	Não identificada, domesticou o pássaro de Bates.	Volume II, página 103.
Ricardo	Indígena cedido pelo Capitão Antonio.	Volume II, páginas 104, 106, 117, 120, 138, 142, 144, 145, 150, 152.
Alberto	Indígena cedido pelo Capitão Antonio.	Volume II, páginas 104, 106, 117, 120, 138, 142, 144, 145, 150, 152.
Frei Isidoro	Não identificado. Missionário de Santa Cruz.	Volume II, página 104.
Senhora Joaquina	Morava perto de Aveiros.	Volume II, página 106.
Moradores de Cupaí.	Não identificados. Hospedaram Bates, José, Alberto e Ricardo.	Volume II, página 109.
Antonio Malagueita	Não identificado. São feitas algumas menções a Antônio Malagueita, mas há também uma menção a João Malagueita, parecendo se referir a mesma pessoa.	Volume II, páginas 110, 113, 115, 133, 143.
Paulo Christo	Não identificado, morava perto de Cupaí	Volume II, página 115.
João Aracú	Fazendeiro que morava próximo de Cuparí.	Volume II, páginas 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 128, 138, 143.
Chefe de tribo Mundurucú	Não identificado.	Volume II, página 124.
Charles Knight (1791-1873)	Editor inglês, mencionado por seu atlas ilustrado.	Volume II, página 128.
Francês habitantes de Santarém	Não identificado.	Volume II, página 132.
André	Pai de Ricardo, que viajou com Bates por Aveiros e ao longo do Tapajós.	Volume II, página 144.
Francisco Honório	Não identificado, comerciante de Santarém.	Volume II, página 145, 148.
Angelo Custódio	Indígena a serviço do Senhor Cypriano, cedido a Bates.	Volume II, páginas 149, 150, 151, 152.
Daniel Cardoso	Português, comerciante de Ega.	Volume II, página 153.
Estulano Alves Carneiro (?-1881)	Comandante de barco. Foi Comissário Vacinador no município de Ega. Foi deputado na Assembleia Legislativa do Amazonas e presidente da Freguesia de Tefé. Foi agente do Correio em Tefé e coletor geral das rendas nesta cidade. Chegou ao posto de Tenente-Coronel da Guarda Nacional. Auxiliou Agassiz durante sua passagem pela região.	Volume II, páginas 154, 157, 160, 164.
Eduard Friedrich Poeppig (1798-1868)	Naturalista alemão, mencionado por seu trabalho taxonômico.	Volume II, páginas 156, 370, 396.

Feyres	Não identificado. Morador de Manacapuru que alojou Bates e Estulano.	Volume II, página 157.
Vicente	Índigena Cucáma que pilotou o navio que Bates estava, junto com suas coleções, enquanto subia o Solimões.	Volume II, páginas 159, 160, 161, 162, 167, 172.
Manoel	Genro de Antônio Cardoso que levou Bates e Estulano pelo Solimões. Ensinou Bates a língua Tupí.	Volume II, página 164.
Miguel	Português que também era passageiro na mesma embarcação de Daniel Cardoso, com Bates, Estulano e Manoel.	Volume II, páginas 164, 167, 301.
“A Portuguese whom I knew very well”	Não identificado	Volume II, página 173.
Antonio da Silva Cardoso	Delegado de polícia em Ega.	Volume II, páginas 181, 202, 229, 232, 234, 235, 239, 245, 246, 250, 253, 254, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 270, 273, 278, 296, 299, 300, 301.
Praia	Não identificado. Comandante do exército em Ega.	Volume II, página 179.
Padre Luiz Gonçalo Gomes	Vigário em Ega. Provavelmente Gonçalves, e não Gonçalo.	Volume II, página 179.
José Crisóstomo Monteiro	Tenente coronel do Exército, foi Diretor dos Índios do Japurá	Volume II, páginas 179, 207, 285, 306, 308, 313.
Romão José de Oliveira	Comerciante em Ega.	Volume II, páginas 181, 189.
José Patrício	Comandante da Guarda Nacional em Tefé, atuou durante a revolução de 1835-6.	Volume II, páginas 189, 396, 397, 406, 407.
Sebastian	Menino indígena comprado por José para auxiliar Bates durante sua estadia em Ega. Após os serviços para Bates, tornou-se aprendiz de José.	Volume II, páginas 194, 196.
Senhor Macedo	Não identificado. Ferreiro em Ega.	Volume II, páginas 192, 273.
Oria	Menina indígena entregue a Bates.	Volume II, página 196.
Pedro-uassú	Índigena, morador das redondezas de Ega.	Volume II, páginas 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 243.
Mulher de Pedro-uassú.	Índigena.	Volume II, páginas 233, 234, 245.
Julio	Índigena. Ensinou Bates a caçar com a zarabatana.	Volume II, página 236.
John Hauxwell	Naturalista britânico a quem Bates encontrou no Pará.	Volume II, página 236.

Neto de Pedro-uassú.	Indígena.	Volume II, página 238.
Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1741-1813)	Doutor em Leis pela Universidade de Coimbra. Sócio da Academia de Ciências de Lisboa. Escreveu: “Diário da viagem que em visita, e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor e intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.”	Volume II, página 243.
Daniel	Um dos sentinelas, empregado por Cardoso para a vigia das tartarugas durante a temporada em que elas colocam ovos nas praias.	Volume II, páginas 250, 254, 255, 257, 259.
Carepíra	Um dos sentinelas, empregado por Cardoso para a vigia das tartarugas durante a temporada em que elas colocam ovos nas praias.	Volume II, páginas 250, 264, 273, 296.
Pedro	Mameluco de Ega que saiu em excursão junto com Bates e Cardoso.	Volume II, páginas 257, 259, 262.
Senhor Inocência Alves Faria	Morador de Caiçara que hospedou Bates e saiu com ele em excursões pela vizinhança.	Volume II, página 268.
Senhora Felippa	Empregada de Antonio Cardoso.	Volume II, páginas 232, 270.
Bento	Carpinteiro de Ega, foi guia em uma excursão durante a caça aos ovos de tartaruga em Catuá, e Bates participou.	Volume II, páginas 281, 282, 284.
João Jabuti	Saiu para caçar ovos de tartaruga com Bates. Era irmão de Zeferino.	Volume II, páginas 285, 287.
Zeferino Jabuti	Saiu para caçar ovos de tartaruga com Bates. Era irmão de João.	Volume II, página 285.
José Frazão	Saiu na mesma caça que os irmãos Jabuti. Era sobrinho de Crisóstomo, de Ega.	Volume II, páginas 285, 289, 292.
Lino	Índio que saiu na mesma caça que os irmãos Jabuti e José Frazão.	Volume II, páginas 285, 289, 291, 294.
Menino não identificado	Participou de uma excursão para a caça de ovos de tartaruga com Bates.	Volume II, páginas 285, 291.
Gaspar José Rodrigues	Suplente do subdelegado em Ega e fazendeiro. Segundo Bates, principal morador de Cayambé.	Volume II, páginas 301, 302.
Francis de Laporte de Castelnau (1810-1880).	Naturalista francês mencionado por suas obras.	Volume II, páginas 305, 312.
Francês morador de Ega	Não identificado. Amigo de Bates, cedeu um espécime de macaco para sua coleção. Talvez o naturalista L. J. Brunet	Volume II, página 314.
“Indian compadre”	Não identificado. Cedeu um macaco para Bates.	Volume II, página 316.
Dr. Francisco Carlos Mariano Júnior	Juiz Municipal em Ega.	Volume II, página 316.

“Collector of birds and mammals”	Caçador não identificado empregado por Bates.	Volume II, página 320.
Morador de Teffé	Não identificado.	Volume II, página 323.
Nativos não identificados de Ega	Não identificados.	Volume II, página 333.
Indígena não identificado	Não identificado.	Volume II, página 336.
William John Broderip (1789-1859)	Naturalista britânico.	Volume II, página 339.
Pierre Huber (1777-1840)	Naturalista suíço.	Volume II, página 352.
Nunes Mello Cardoso	Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso. Oficial da marinha, comandante do Tabatinga. Doou muitas peças antropológicas para a Comissão da Exposição Industrial de 1861 e para o IHGB. Criou o Corpo de Bombeiros do Amazonas, em 1876, quando era 1º Vice-Presidente da Província e Capitão de Mar e Guerra.	Volume II, páginas 367, 391, 393, 410.
Paulo Bitancourt	Diretor de índios próximo ao Rio Içá.	Volume II, páginas 372, 374.
Senhor Batalha	Comerciante em Ega. Possivelmente o capitão da Guarda Nacional Fellepe Joaquim Batalha	Volume II, página 378.
Francisco Raiol	Paraense, comandante do navio de Senhor Batalha.	Volume II, páginas 378, 380.
Indígena não nomeado	Não identificado.	Volume II, página 380.
Manoel	Indígena morador de Jutahí que hospedou Bates em novembro de 1856.	Volume II, páginas 383, 384.
Venâncio Pedro Moreira	Venâncio Pedro Moreira. Foi subdelegado de policia de Fonte Boa. Um dos principais habitantes de Fonte Boa, segundo Bates.	Volume II, página 382.
Senhor Guerreiro	Não identificado. Morador de Fonte Boa.	Volume II, página 388.
Justo José Domingues Borges	Subdelegado Justo José Domingues Borges. Principal morador de Fonte Boa, segundo Bates.	Volume II, páginas 388, 389.
Caracára-í	Indígena que viajou com Bates no Tabatinga.	Volume II, páginas 392, 393.
Senhor Antônio Ribeiro	Não identificado. Segundo Bates, era o principal morador de São Paulo de Olivença.	Volume II, página 396.
Padre de São Paulo de Olivença	Não identificado. Possivelmente Padre Manoel Ferreira Barreto.	Volume II, página 396.

Geraldo	Juiz de Paz em São Paulo de Olivença. Possivelmente Geraldo José Joaquim.	Volume II, página 397.
Mestre Chico	Não identificado. Morador de São Paulo de Olivença.	Volume II, página 397.
Tia Rufina	Não identificada. Moradora de São Paulo de Olivença	Volume II, página 398.
Maria	Indígena Manjérona canibal com quem Bates teve contato.	Volume II, página 407.
Indígena não identificado	Não identificado.	Volume II, página 407.
Coletor não identificado	Ajudou com coletas em São Paulo de Olivença.	Volume II, página 408.
Jovem negro não identificado	Auxiliou Bates a encontrar os caminhos pela floresta no Pará quando ele retornou em 1858.	Volume II, página 414.
Francisco Caldeira Castelo Branco (1566-1619)	Capitão português fundador da cidade de Belém	Volume I, páginas 214, 215.
Pedro Teixeira (?-1641)	Militar português que explorou a Amazônia	Volume I, páginas 214, 215.
Calisto Pantoja	Não identificado. Amigo do Major Martinho da Fonseca Seixas	Volume I, páginas 240, 241.
Donna Anna	Não identificada. Mulher do Comandante Praia	Volume II, página 179.
Don Francisco Requena	Não identificado.	Volume II, página 189.
Alexandro	Indígena Jurí que trabalhava para Crisóstomo.	Volume II, página 207.
Capitão Basílio	Notório morador de Pernambuco sobre quem Bates ouviu falar.	Volume II, página 397.